

A. da Silva Mello



**MISTERIOS E REALIDADES  
DÊSTE E DO OUTRO MUNDO**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

Mistérios e Realidades  
deste e do  
Outro Mundo

Exemplar N.º 7687

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA- S.A.  
Rua 7 de Setembro, 97 — Rio de Janeiro

1960

---

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
Printed in the United States of Brazil

A. DA SILVA MELLO

MISTÉRIOS  
e  
REALIDADES  
Deste e do Outro Mundo

*terceira edição, atualizada*

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
RIO DE JANEIRO

ALGUMAS OBRAS DE A. DA SILVA MELLO

- Problemas do Ensino Médico e de Educação*. Editora Ariel, Rio, 1936, esgotado.
- Alimentação, Instinto e Cultura*. Perspectivas para uma vida mais feliz. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1ª edição, 1943, em 1 vol. — 2ª edição, 1943, em 1 vol. — 3ª edição, 1946, em 3 vols. — 4ª edição, 1956, em 2 vols., aumentada, com índice remissivo.
- O Homem — sua Vida, sua Educação, sua Felicidade*. Livraria José Olympio Editora. 1ª edição, 1945, em 1 vol. — 2ª edição, 1946, em 1 vol. — 3ª edição, 1948, em 3 vols. — 4ª edição, 1956, em 2 vols., aumentada, com índice remissivo.
- Alimentação no Brasil*. 1 volume. Editora “O Cruzeiro”, Rio, 1946, esgotado.
- Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo*. Livraria José Olympio Editora. 1ª edição, 1948. — 2ª edição, 1950, esgotada.
- Alimentação Humana e Realidade Brasileira*. Livraria José Olympio Editora, 1950.
- Nordeste Brasileiro*. Estudos e Impressões. Livraria José Olympio Editora. 1ª edição, 1953, esgotada.
- Estudos sobre o Negro*. Livraria José Olympio Editora. Rio, 1958.
- Panoramas da América Latina* — Editora Civilização Brasileira. Rio, 1958.
- Panoramas Norte-Americanos*. Editora Civilização Brasileira. Rio, 1958.
- Estados Unidos Prós e Contras*. Editora Civilização Brasileira. Rio, 1958.

NO PRELO:

- Alimentação no Brasil*, 2ª edição, muito aumentada. Livraria José Olympio Editora.
- Israel*. Observações e Reflexões. Editora Civilização Brasileira.

## PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

*AS IDÉIAS CONTIDAS neste livro são tão simples, tão insignificantes, já tão bem investigadas, que o autor se sente quase contrafeito em tomá-las como objeto de seus estudos. No entanto, julga-se a isso obrigado, parecendo-lhe que qualquer evasiva constituiria falta de cumprimento do dever. Há muitas dezenas de anos, tão longe quanto podem recuar as suas recordações, preocupam-no os problemas aqui tratados, que, na verdade, são do interesse de todos os seres humanos, para muitos dos mais graves e importantes da existência. O autor conhece, agora, os múltiplos caminhos desse território tão cheio de mistérios e dificuldades, para o qual não encontrou nem guias seguros, nem roteiros suficientemente esclarecedores. Ele próprio teve de palmilhá-lo quase às apalpadelas, não se dando conta da realidade senão depois de a ter tocado com as próprias mãos. Foi um trabalho extremamente lento e penoso e que só pôde ser levado a bom termo depois de se ter sentido ele, durante decênios, perdido dentro do problema, quase envolto em trevas, desnortado e ignorante diante do que precisava saber e que julgava de significação fundamental para a sua própria vida. E pensa que, nessas mesmas condições de ignorância e de interesse, de angústia e de desorientação, devem viver milhões de seres humanos, entre os quais indivíduos de alta cultura, mesmo inúmeros sábios e professores universitários.*

*O material existente é tão abundante, tão contraditório, tão cheio de dúvidas e incoerências, que se torna difícil julgar, decidir, encontrar orientação. É preciso muito tempo e muito trabalho para se atravessar essa fase de insuficiência e hesitações. O autor acredita que a sua observação representa um exemplo muito comum e característico, semelhante a inumeráveis outros existentes pelo mundo. Não é por outra razão que se sente obrigado a escrever esta obra, que julga destituída de maior importância científica. E faz esta afirmativa com absoluta convicção, porque, ao chegar ao final do caminho, ao estudar as indicações do seu roteiro, verificou que não tinha visto nada de novo e que a região já havia sido explorada em todas as direções por outros viajores mais perspicazes e mais bem informados. Foi uma conclusão bastante insignificante para quem andava à procura de mistérios e revelações. Isso, de um lado, porque, de outro, constitui tal fato um consolo e uma libertação. A situação era verdadeiramente de angústia, quase de desespero, pois se os problemas em questão são do mais geral e profundo interesse humano, não há dúvida que, para o médico, adquirem eles ainda maior importância.*

*Não é indiferente para o homem, e muito menos para o médico, saber quanto há de verdade na grafologia, se a leitura e a transmissão do pensamento, a clarividência, a telepatia, as premonições e predições, as materializações, a levitação, as aparições e a existência de espíritos representam ou não verdadeiras realidades. Queremos repetir que gastamos dezenas de anos de esforços e trabalhos em torno dessas preocupações, antes de conseguirmos orientar-nos quanto à sua exata significação. Se aconteceu conosco tal fato, acreditamos que deva ser ele muito geral. Daí a obrigação que sentimos de escrever este livro, que representa a nossa própria experiência dentro da questão. Não há nele nada de novo, nem de essencial. Não é um livro para os que sabem, nem para especialistas. É livro medíocre, ingênuo, humano na mais vasta acepção desses termos. Também, por isso, julgamo-lo muito útil, necessário, verdadeiramente indispensável. Contém coisas que precisamos todos saber, com precisão, garantidamente. Talvez possamos poupar imensos e penosos esforços a inúmeros de nossos semelhantes, contando-lhes como passamos pelas*

*dúvidas e dificuldades que os devem assaltar, antes de chegar às conclusões finais, que serão aqui apresentadas. Foi partindo desse princípio que escrevemos esta obra e a entregamos ao grande público considerando-a um serviço humano, quase um trabalho de médico.*

S. M.

1946 — 1948

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

**A** ACEITAÇÃO QUE OBTEVE este livro, cuja primeira edição esgotou-se dentro de poucos meses, talvez constitua prova de haver correspondido a uma necessidade, de acordo com a suposição do autor. Ainda mais do que isso: essa conclusão parece-lhe tanto mais justificada, quanto foi elevado o número de cartas que recebeu de leitores de quase todas as regiões do Brasil, sempre no sentido de aprovação, realçando a utilidade do seu trabalho. Foi essa, também, a recompensa maior que podia esperar, mormente não lhe tendo chegado missivas de ataque ou desagrado, que ficaram reservadas a opiniões dadas publicamente, pela imprensa. No primeiro caso, falava o indivíduo por si próprio, livremente, estritamente de acordo com a sua maneira de pensar. No segundo, sempre ligado a qualquer grupo ou confraria, com interesses próprios, necessitando defender pontos de vista comuns, preestabelecidos, naturalmente com quaisquer argumentos, mesmo mais a favor da causa do que da verdade. Somente por isso, foi negada ao autor competência no assunto, quiseram colocá-lo fora do terreno científico, procuraram visar mais o homem do que a sua obra. Apesar disso, ele se sente ainda desvanecido em haver sido tratado com certa decência e urbanidade, não muito comuns nessas paragens esotéricas, onde prevalecem os sentimentos sobre a razão. Talvez, por um direito que lhe é devido, dada a sua obra de trabalho e honestidade, tanto como homem

*quanto como médico. É verdade que os opositores esqueceram-se de apresentar as suas próprias credenciais, e, o que é ainda pior: fatos que viessem invalidar as afirmativas apresentadas na publicação. Tudo ficou em palavras, em deturpações de textos e citações, em velhos argumentos, já gastos pela sua monótona repetição. Tem sido sempre assim no campo da metapsíquica, quando os fatos são analisados desassombrada-mente, de acordo com a sua exata realidade. .Nesse particular, surpreendi-me com os ataques de uma sociedade de medicina e espiritismo, sobretudo por encontrar-se ela fora dos preceitos da ética médica, que não admite cultismos associados à prática da medicina. Os Princípios de Ética Médica, da American Medical Association, são bastante claros nesse sentido. De qualquer maneira, achei extravagante que justamente essa sociedade me viesse negar autoridade científica, quando os seus fundadores não fazem parte das nossas Academias ou Faculdades Médicas, nem são conhecidos pelas suas publicações científicas. Faltando-lhes credencial tão indispensável, era mais justificado que tivessem criado apenas uma sociedade de médicos espíritas, mais de acordo com a ética médica e também com os seus próprios estatutos, onde são reproduzidas fotografias de materializações e outros documentos idênticos, hoje rejeitados até por espíritas modernos.*

*Em compensação, foi decisivo o apoio de médicos, universitários, cientistas e da maioria de intelectuais, sem contar o do grande público, sem dúvida o mais significativo. No entanto, a minha maior satisfação foi a de ver católicos e membros de outras religiões, homens de alta cultura e sacerdotes de elevada categoria, entusiasmarem-se pela obra, realçando a sua utilidade. Como tenho explanado em meus livros, tive sempre grande respeito pela fé, que considero um atributo humano de imensa valia. For essa razão, não posso ser contra o misticismo, embora batendo-me pela verdade científica. O próprio espiritismo, como religião, tem direitos de cidade, desde que não procure basear seus dogmas em fatos que a ciência já demonstrou não corresponderem à realidade.*

*De qualquer forma, parece-me que a obra está cumprindo a sua missão. É sob esse ponto de vista que tenho grande satisfação em entregar ao público esta segunda edição, aumentada de complementos, quer referentes a trabalhos de mais recente aparecimento, quer à correspondência motivada pela própria publicação.*

S. M.

Maio 1950

## PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

**A** PRESENTE EDIÇÃO aparece dez anos depois da anterior, não por falta de leitores, que de há muito reclamavam contra a sua falta, mas sim por dificuldades naturais, nascidas do próprio comércio de livros. Tara atender a essas reclamações é lançada esta terceira edição, tanto mais justificada quanto a utilidade da obra já se encontra por demais demonstrada.

Depois do aparecimento da segunda edição, prosseguiram os ataques, principalmente dirigidos ao autor, o que o levou a uma explanação pelo “O Cruzeiro” de 30 de junho de 1951, onde procurou precisar os seus pontos de vista em revide aos seus críticos e detratores. Isso tornava-se tanto mais necessário quanto artigos de oposição, inclusive editoriais pagos, multiplicavam-se enormemente, aparecendo até alguns livros, de proporções volumosas, para combater a publicação. Para mostrar quanto os ataques eram injustos e pessoais, dizia: os meus contraditores negaram-me tudo: desde honestidade em tratar do assunto, até qualquer competência para fazê-lo. Para eles, os autores que menciono são desprezíveis, os textos citados falsos ou truncados, as minhas experiências insignificantes e realizadas com pessoas destituídas de idoneidade. Tudo na obra está falseado, errado, sofisticado. Se eu próprio, como leitor anônimo e desprevenido, lesse qualquer desses trabalhos, teria

*a impressão de que o autor do meu livro era um homem desonesto, além de ignorante no assunto. Aliás, era essa evidentemente a finalidade que visavam os meus opositores, que precisavam defender a sua seara de qualquer maneira. Um deles abusou do meu nome, que lhe serviu de título para o volume, posto em letras vermelhas na capa, como chamariz. É uma artimanha que provavelmente comporta penalidade legal, porque não é crível que se possa tirar partido, impunemente, de um autor para se conseguir venda de um livro que deturpara a sua obra e procura destruir a sua reputação. Na verdade, a preocupação máxima tem sido de destruir o autor, invalidar as suas idéias, desmoralizá-lo diante do público. O truque é por demais conhecido, mas excessivamente banal. Ele tem muita aplicação nas desavenças pessoais e nas discussões políticas, mas não serve no campo científico onde deve haver mais rigor e mais dignidade.*

*Qualquer deslize, qualquer contradição, qualquer citação trancada ou falsamente aproveitada comporta no desprestígio do homem de ciência ou no seu aniquilamento. Eu acrescentava que o trabalho científico tem sido a maior razão de ser da minha vida, eiva reputação nunca foi posta em dúvida por ninguém. Por esse simples motivo, a minha defesa tornava-se extraordinariamente fácil, pois que se encontrava dentro da minha própria obra. Dizia ainda ter a convicção de que qualquer leitor honesto, leal, independente, livre de preconceitos e compromissos, poderia verificar facilmente quanto a obra era vítima de deturpações, de desvirtuamentos, capazes de pôr as frases e as idéias do autor em contraposição ao que ele realmente pensara e exprimira. Repetira que, para destruir a sua obra, todos os recursos e argumentos tornaram-se bons e aproveitáveis, embora precisassem, primeiramente, falsear e deturpar as minhas idéias.*

*Não, não é assim que se destrói uma obra ou um autor! O que eu próprio preciso repetir é que o meu livro é sincero, produto de um estudo longo e aprofundado, que custou muito tempo e muito trabalho, levando-me às conclusões que nele se encontram. Eu não tenho a culpa de muitos dos exemplos apresentados não corresponderem às exigências científicas. Poderia até perguntar: por que atacar-me com tanta violência, quando, como oposição, não cito senão autoridades do maior vulto e fatos autenticados pela ciência? — Quer eis ver como os problemas estão colocados? Charles Richet, que acreditou em telecinesias e ectoplasmas, não admitiu a levitação! Eis*

*como se expressa o grande sábio: “apesar da autoridade e do grande número de testemunhas, parece-me que a ciência, a inexorável ciência, não tem direito de, presentemente, considerar a levitação como um fenômeno científico demonstrado, devendo-se ser tão severo com as provas quanto se se tratasse de condenar um homem à morte”. Pois bem, muitos homens têm sido condenados à morte inocentemente e a levitação é admitida incondicionalmente por todos os metapsiquistas, talvez excetuando unicamente Richet! Estarei também errado, quando, nessas condições, me encontro na companhia do próprio Richet? Pensem nisso! Depois, leiam a minha obra com menos dissensão e certamente irão ver quanto poderá ser ela útil aos próprios espíritas, cuja religiosidade é digna do maior respeito. Querer pôr essa religiosidade de acordo com dados falsos ou irrealis é, porém, tarefa ingrata e errônea, que pode levar a despautérios, injustiças e ofensas, como tem acontecido comigo, a propósito do meu livro. A questão nada tem de pessoal e, nesse particular, os meus opositores cometeram erros grosseiros, dignos da maior censura. Não seria melhor que ficassem nos fatos e dentro da dignidade? Parece-me que a opinião de Richet sobre a levitação, fenômeno ‘admitido por todos os espíritas, deve valer como água fria na fervura, sobretudo para aqueles que acreditam ser necessário demonstrar a existência do espírito por meio de provas materiais. Devo lembrar que Cristo disse à Samaritana que Deus é espírito e, como Espírito, quer ser adorado.*

*Ainda uma palavra sobre a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que já recebeu, no prefácio da segunda edição, uma pequena resposta às agressões que me dirigiu. Depois, lançou um ruidoso a-pedidos em jornais da maior circulação, acreditando haver-me pegado em contradição, de má fé, cometendo indignidade. Os membros da Sociedade descobriram que, tendo eu medo de fantasmas, não posso negar os fenômenos espíritas, acrescentando que, se sou exato diante do fato, tornei-me mentiroso diante das circunstâncias que o cercam. Julgam haver-me apanhado assim de surpresa, faltando à verdade, coisa extremamente grave para um homem de ciência. Posso dizer que a objeção é tola e ingênua, pois mostra imensa ignorância por parte dos médicos da dita Sociedade. O medo pode constituir uma sensação subjetiva, independente de qualquer Realidade objetiva. Isto é tão conhecido de psicólogos e mesmo de leigos, que há idiomas tendo palavras diferentes para diferenciar o medo de alguma coisa real,*

*do medo subjetivo, puramente imaginário. Quando declarei que não acredito em fantasmas, mas que tenho medo deles, expliquei também a razão desse fato, que proveio de histórias de assombrações ouvidas repetidamente na primeira infância, antes de ir para a cama, dormir. Trata-se, portanto, de um simples erro de educação, um desses erros muito freqüentes, que os psicanalistas encontram comumente nas investigações sobre medos, temores, fobias, etc. O pior, porém, para os meus contendores, é que, se tenho realmente medo de fantasmas, neles não acredito! Certamente, por esse único motivo, nenhum deles jamais me tocou, nunca me fez sentir a sua presença. Tudo não passa de medo imaginário, de complexo recalcado dos tempos de criança. Se eu fosse espírita, é provável que a fantasia ajudasse e, então, passassem esses fantasmas a me perseguir. Todos sabemos que a sugestão é capaz de coisas surpreendentes, muitas das quais foram analisadas no meu livro. A obra não é contra o espiritismo, mas simplesmente a favor da verdade. Quem quiser poderá ver que, mesmo no meu medo de fantasmas, estão as coisas expostas no texto com muita clareza. A Sociedade de Medicina e Espiritismo cometeu, sem dúvida, uma grande tolice científica, quando me veio agredir sem conhecer suficientemente a questão. Aliás, os trabalhos depreciativos sobre a minha obra estão cheios de tolices desse gênero, como qualquer leitor livre e de bom-senso poderá facilmente verificar. Ninguém conseguiu citar textos truncados, citações falsas, distorções da verdade. Os trabalhos por mim citados foram sempre os das maiores autoridades, assim como sempre claros e precisos os argumentos apresentados. É essa a minha defesa, que se encontra dentro do próprio livro e tão peremptória, que a julgo facilmente acessível a qualquer juiz, mesmo mediano, mas imparcial. As águas estão muito claras e os truques têm consistido em turvá-las. Mas não faz mal: depois elas se limparão por si próprias pelo processo muito simples da precipitação, que leva ao fundo o que deve lá ficar!*

*Terminava as minhas considerações referindo-me ao ateísmo e à falta de religiosidade, dados sempre como fatores de degradação, capazes de incentivar crimes, a perversidade, a falta de caráter, a maldade, os vícios, tudo que pode contribuir para rebaixar os imperativos morais e altruísticos do homem. Mostrei que uma coisa nada tem a ver com a outra, como é fácil concluir passando em revista a história das religiões, das perseguições religiosas, da Inquisição, que contém*

*páginas das mais negras vividas pela humanidade. Ao lado disso, mencionei o exemplo do Positivismo, a Religião da Humanidade, tão cheia de pureza e idealismo, tão nobre e elevada, ao mesmo tempo tão mística e objetiva, apesar de não admitir nem Deus nem os santos. E acrescentava: o mundo anda cheio de ateus sinceros, dignos, possuidores de altas qualidades morais e intelectuais, altruísticos, humanos, bondosos, ao lado de muitos religiosos destituídos dessas qualidades. Uma coisa nada tem a ver com a outra!*

*Parece-me que, depois dessa explanação, difundida pelas páginas do periódico de maior circulação no Brasil, acalmaram-se os ânimos, talvez também porque se esgotou a edição do livro. Nos dez anos decorridos desde então, nada apareceu de novo sobre a questão, permanecendo de pé tudo que foi afirmado, razão pela qual o texto em nada precisou ser alterado, exceto em relação aos trabalhos de Rhine, que tiveram enorme repercussão, mas já perderam muito do interesse e das esperanças que haviam conseguido despertar, como mostraremos na presente edição. Além disso, no terreno da sugestão hipnótica houve um enorme surto de entusiasmo, que levou à sua aplicação generalizada em diversos setores da medicina. Aliás, isso estava de acordo com as idéias do autor, vindo confirmar suposições que apresentara na sua obra. Também, por essa razão, refere novos exemplos, que vieram demonstrar ainda melhor as possibilidades terapêuticas aproveitáveis nesse sentido.*

*Do lado da aceitação da obra, numerosa foi a correspondência que continuou a receber, em geral de apoio ou agradecimento, também por parte do clero católico, que chegou a distribuir nas igrejas belas estampas coloridas de santos tendo no reverso dizeres recomendando a leitura da nossa publicação.*

*O autor está convencido de haver prestado, com esta obra, relevante serviço à verdade e à mentalidade do ser humano, esperando também que para isso contribua o aparecimento da tradução inglesa, pela Editora Weidnselt & Nicholson Ltd., de Londres.*

S. M.

Maio de 1960  
Cosme Velho, 792. Rio

## CAPÍTULO PRIMEIRO

*SUMÁRIO: Os mistérios que nos cercam. Fenômenos naturais, em vez de sobrenaturais. Vidência e predições. Astrologia e ciências ocultas. Horoscópios. Exploração do povo. As minhas primeiras experiências. Diagnósticos médicos por clarividência e intuição. Orientação dos médiums e adivinhos e sua explicação. Manobras subconscientes. A história prodigiosa dos cavalos sábios de Eberjeld. Erros de interpretação. Os sinais imperceptíveis. A cadela Nora e o chimpanzé Basso. Observações do passado.*

O MUNDO encontra-se cheio de mistérios e coisas extraordinárias que o homem não consegue compreender ou desvendar. Além disso, não parece ser esse mundo realmente como é, mas sim, apenas, como o conseguimos ver ou imaginar. E, nesse particular, o estranho e o maravilhoso nos impressionam sempre mais do que o simples, o comum, o natural. Não é certamente por outra razão que a nossa vida anda impregnada de superstições e ilusões, criadas pela nossa fantasia, que, não raro, lhe trazem graves malefícios. A própria Ciência não conseguiu libertar-se ainda de entraves dessa natureza, pois, mesmo no seu campo de ação, superabundam dados falsos e errôneas suposições. Tem sido, na verdade, muito difícil estabelecer onde termina a realidade e onde se entra no terreno do fantasmagórico. Esses limites são tão imprecisos, e ao mesmo tempo tão elásticos, que não é raro ficar-se em dúvida se nos encontramos aquém ou além de determinada fronteira. O que

parecia ontem fato averiguado pode passar hoje para o campo da irrealidade, e também o contrário, isto é, uma suposta ilusão transformar-se em indiscutível verdade. Tudo depende dos nossos recursos de verificação, das provas de que dispomos para demonstrar certa realidade ou invalidar determinada ilusão. E a tarefa é tanto mais difícil quanto o próprio homem, segundo o seu temperamento, pode apresentar, de caso para caso, tendências mais para o real e o objetivo, ou, pelo contrário, mais para o fantástico e o subjetivo. Um dos grandes trabalhos da Ciência tem consistido em dar-nos conta das criações da nossa imaginação, procurando estabelecer o que é verdadeiramente positivo. E, nesse particular, a tarefa é difícil, pois o julgamento não depende unicamente dos fatos, mas sim dos recursos de que dispomos para criá-los, observá-los, interpretá-los. É nesse terreno que surgem as maiores dificuldades e os grandes perigos. A orientação é difícil e muito variadas as causas de erro. O que se torna necessário estabelecer primeiramente são os fatos em sua exata realidade. Será essa a maneira de evitar que a nossa imaginação e a nossa ignorância continuem a explorar territórios conhecidos, acreditando-os zonas misteriosas e inacessíveis. É nessa determinação do real e do ilusório, do falso e do verdadeiro, que precisamos empregar grandes esforços, a fim de que tais conhecimentos saiam das mãos dos sábios e privilegiados, tornando-se verdades simples e comezinhas, ao alcance de todo o mundo, válidas para todos os seres humanos. Se a verdade já existe, é isso bem pouco, desde que seja ignorada ou não sirva de diretriz para a conduta da nossa vida. É nesse sentido que a presente publicação deve ser de utilidade, uma vez a sua finalidade capital é trazer ao grande público esclarecimentos quanto às questões aqui debatidas, em torno das quais há imenso interesse, embora não seja menor a ignorância que as cerca. É o que podemos afirmar categoricamente, a julgar pelo nosso próprio caso e as observações que conseguimos acumular. As questões são de importância fundamental e a sua solução uma das maiores necessidades que existem para o espírito humano, sobretudo quanto à compreensão do papel que devemos representar na face da Terra. É possível prever o futuro e ter conhecimento dos acontecimentos que estão ainda por se realizar? É possível modificar a nossa conduta, fugindo aos malefícios que estão armados sobre a nossa cabeça, ou tirando maiores benefícios das vantagens que nos podem caber? A transmissão e a leitura do

pensamento, as premonições e as predições são verdades aceitáveis ou que possam ser demonstradas cientificamente? Existem espíritos, isto é, almas sobreviventes vagando pelo espaço, acompanhando-nos ou podendo influenciar a nossa existência? E as assombrações, os médiuns, os videntes de toda espécie, assim como as materializações, a levitação, as ações à distância, etc.? Que há de verdade em tudo isso, assim como na macumba e na feitiçaria, na grafologia, na leitura da palma da mão, nas cartas e oráculos? O problema é muito sério, mas pode tornar-se também ridículo, dependendo das nossas convicções e dos resultados das nossas observações. Estudei tais questões debaixo do ponto de vista objetivo, investigando-as durante largo período de tempo. Justamente por isso, posso julgar a sua extraordinária importância prática, sobretudo no nosso país, onde a sua difusão atinge proporções fantásticas, verdadeiramente inacreditáveis. Uma boa parte da nossa população é conduzida por espíritas e adivinhos, por médiuns e videntes, por quiromantes e cartomantes. Há inúmeras pessoas que nada empreendem, seja em matéria de amor ou de dinheiro, sem que, primeiramente, consultem as forças ocultas, indaguem do que opinam astrólogos e hierofantes. Com as mulheres, as coisas são ainda mais graves, por serem mais crentes e supersticiosas. Se nas questões de dinheiro já é assim, nas de amor é o sobrenatural ainda mais temido e invocado. Conheço ministros e diplomatas, políticos e advogados, médicos e engenheiros, homens de letras e de negócios que vivem sob a tutela de médiuns ou de simples cartomantes. Sei mesmo de um Presidente da República que se deixou guiar por tais influências, sendo natural que a sua política andasse cheia de manobras incompreensíveis, tanto para ele próprio, quanto, principalmente, para os auxiliares que o cercavam. Estou quase vendo a atitude que devia tomar quando o vidente, num pequeno quarto quase escuro, mergulhado nos mistérios do transe, assevera-lhe ver um homem baixote, gordo, algo calvo, parecendo gentil e afetuoso, mas que, muito falso e fingido, procurava traí-lo pelas costas. É fácil imaginar as medidas por ele tomadas em tais circunstâncias, quer no sentido positivo, quer no negativo, conforme as predições do adivinho. Isso é um caso extremo, mas que, em menores proporções, sucede aos milhares, sendo de todos os dias, enchendo cidades e o interior do nosso Brasil e também proliferando por todos os países do mundo. E essa situação é tanto mais grave e perigosa, quando o vidente resolve

questões para o consulente, dá-lhe conselhos, prescreve-lhe conduta a seguir, chega a diagnosticar moléstias e receitar remédios para os seus sofrimentos.

É qualquer dessas coisas possível, há em qualquer delas uma parte, pelo menos uma parte, sequer uma pequena parte da verdade? Foi essa, durante muitos anos, a minha angústia, angústia de querer saber, de querer pôr-me ao corrente da realidade, da verdadeira situação. Se fosse possível descobrir doenças, talvez à distância, desvendar mistérios do organismo humano, saber, pela simples vidência, onde estavam localizados os seus males, diagnosticando-os com segurança e sem exames, não era isso um convite ao médico consciencioso para procurar servir-se de tais recursos em benefício do seu doente, do reconhecimento e da cura das suas enfermidades? Poderia ou deveria ficar o profissional de braços cruzados, servindo-se de processos difíceis, caros, insuficientes, caso tivesse à disposição outros mais simples, mais seguros e garantidos? A questão tocava de perto a dignidade pessoal, sem contar a sua significação em relação aos próprios dados científicos e à situação do ser humano dentro do mundo. Poderiam os espíritos dos mortos intervir em nossa existência, servindo-nos de guias ou conselheiros, acompanhando nossos passos, decidindo de nossas ações? A questão é de tal modo importante, sob o ponto de vista humano, que não vejo nenhuma outra, de cuja exata significação precisemos estar mais seguramente informados. A dificuldade maior, porém, é de se achar ela erizada de dúvidas e contradições, estando, mesmo autoridades de renome, longe de ter chegado a conclusões uniformes, indiscutíveis, demonstradas pela realidade dos próprios fatos. Estudei avultado número de livros, assinei, durante decênios, revistas especializadas, andei perdido e desorientado entre opiniões que variam de afirmativas categóricas a negações absolutas, mas não foi senão muito mais tarde, já orientado por essas leituras, que pude entregar-me à investigação objetiva do problema, seguindo preceitos verdadeiramente científicos. Devo acrescentar que, mesmo no campo científico, super-abundam trabalhos de idêntica finalidade, embora muitos deles, em vez de esclarecer a questão, antes dificultem a sua solução. Existem, nesse terreno, inúmeras causas de erro, a principiar pelo temperamento do pesquisador, que, de antemão, pode levá-lo por caminhos falsos, quer pelo excesso de misticismo e credulidade, quer pelo de negação e cepticismo. Não é senão depois de conhecer suficientemente o problema, de analisá-lo livremente, objetivamente,

sem opiniões pré-formadas, que se pode chegar a conclusões precisas, suficientemente claras e demonstrativas. É verdade que, depois disso, os fatos se tornam extremamente simples, de in na significação quase vulgar, como tem sido mostrado pela investigação de diversos autores. Devo, porém, confessar que, nos primeiros tempos, isto é, durante mais de uma dezena de anos, me encontrei perdido, desorientado, sem saber que direção tomar, impossibilitado de distinguir entre o que fosse realidade e criação fantasmagórica do espírito humano. Depois, à medida que fomos penetrando esse desconhecido, sempre ainda cheio de mistérios e incompreensões, mais clara se foi tomando a sua essência real e também mais simplória, quase imperdoável, a nossa tremenda ignorância. Talvez seja preciso passar-se por aí, dar-se conta dos acontecimentos, vivê-los segundo a, sua rigorosa realidade, para, então, poder-se senti-los o julgá-los em sua exata significação. Acreditamos que as dúvidas, confusões e desorientações existentes sobre o assunto derivem, essencialmente, da falta da crítica e do exame indispensáveis ao seu perfeito conhecimento. Os que conseguem chegar mais longe, inteirando-se melhor dos acontecimentos, verificam quanto estão eles em desacordo com as suposições do que os conhecem insuficientemente. Nessas condições, é natural que acabem perdendo por eles o interesse, relegando-os ao campo das coisas falsas, inúteis, inaproveitáveis. É nessa situação que se encontra a maioria dos cientistas que se tem ocupado da questão, e cujas opiniões raramente chegam ao conhecimento do grande público. O presente trabalho, nesse particular, deverá ser de utilidade, pois procurará divulgar os estudos mais sérios até agora realizados sobre a questão. Queremos acentuar, de antemão, que nunca tivemos opinião preconcebida sobre qualquer dos assuntos aqui tratados, que procuramos investigar com espírito livre e desprevenido, sem pressupor a que conclusões poderíamos chegar, procurando apenas averiguar os fatos, descobrir a verdade, no que ela pudesse ter de mais real e positivo. Não é por outra razão que exporemos a nossa experiência com a maior simplicidade, tal como de fato se fez, por vezes de maneira extremamente ingênua e simplista, como hoje podemos bem julgar, considerado retrospectivamente o seu desenvolvimento. Não constitui isso uma desculpa ou uma evasiva, mas sim um simples ato de humildade e sinceridade, talvez suficiente para dar-nos o direito de colocar diante dos olhos do leitor coisas que a muitos parecerão por demais

ridículas e insignificantes. Elas existem, porém, dentro da vida de todos os dias e a sua força ainda é prodigiosa, como é fácil comprovar pela frequência e a intensidade dos seus efeitos.

Preliminarmente, devemos ilustrar a situação por meio de casos característicos, que se repetem ainda hoje, numerosos, sob variadas modalidades, através de todo o mundo. Trata-se de anúncios encontrados em jornais de quase todos os países ou distribuídos privada e publicamente. Alguns exemplos:

#### O NOSSO DESTINO ESTÁ ESCRITO EM NOSSAS MÃOS!

*Portanto, pode ser desvendado pela Mme...*

*Professora de Astrologia e Quiromancia*

*Revela os fatos mais importantes da vida: passado, presente e futuro, com a máxima exatidão.*

*Atenção: Não só desvenda a vida de qualquer pessoa que o desejar, como também se compromete a fazer qualquer trabalho referente à sua ciência. Quereis: ser feliz em vossos negócios, ter êxito na vida, ser correspondido em amores, fazer voltar à vossa companhia algum ente querido, tirar o vício de embriaguez de alguma pessoa? Dirija-se, hoje mesmo, à famosa cientista, que ela vos aconselhará para vencerdes as dificuldades da vida. Não há mistério presente ou futuro para a professora... Também dá diagnóstico certo sobre qualquer sofrimento material ou espiritual.*

*Atende das 8 da manhã às 9 da noite. — Aos domingos, das 8 da manhã às 6 da noite.*

*Atende a todos em sua residência: Rua...*

---

#### QUIROMANCIA E CIÊNCIAS OCULTAS

*Leia com atenção e guarde*

*Absoluta na América do Sul — Seja previdente — Conheça seu futuro antes de fazer qualquer negócio*

*Consultando-te terás o teu futuro nas tuas mãos. Porque na tua própria mão diz quem és e quem serás. Sorte, felicidade, harmonia, êxito na saúde, no amor e nos negócios tudo poderás conseguir consultando tua mão quiromanticamente com a célebre professora...*

*Professora em quiromancia, grande ocultista, percorrendo diversas partes do Universo e das principais cidades da América do Sul, a pro-*

*fessôra... a única na América que resolveu fixar residência particular nesta maravilhosa cidade, atendendo a todos que a procurarem para quaisquer consultas e trabalhos de sua especialidade.*

---

### QUIROMANCIA, PSICOLOGIA, CIÊNCIAS OCULTAS

*A professora... não só desvenda o futuro das pessoas que o desejam, como também, se encarrega de trabalhos de natureza científica sobre quaisquer assuntos, seja de interesse comercial, particular ou amoroso, dificuldade de vencer na vida, discórdia amorosa ou entre família, empregos e prosperidade, infelicidades nos negócios e nos amores, algum casamento difícil, alguma questão em demanda, pessoas desaparecidas, vícios de embriaguez, doenças, viagens e todos os assuntos que possam interessar a quem procurar caminho certo, seguro e garantido para vencer na vida.*

*Esclarecendo devidamente todos que a procurarem em sua residência, pelo que se sentirá honrada com a vossa visita. Sigilo e discrição absoluta, não havendo privilégio de personalidade. Também dá conselhos utilíssimos e garante os trabalhos.*

*Procure imediatamente Prof....*

*A consulta ao alcance de todos — Cr\$.*

*Prof.... . Todos os dias, das 8 às 21 horas. Também aos domingos e feriados.*

*Vá, hoje mesmo, fazer uma consulta. Acha-se residindo com sua família à Rua.. .*

*Bonde e Ônibus à porta*

---

### QUIROMANTE

*Mme..., Célebre Cientista em Cartomancia, Quiromancia, Quiromante Científica e Astróloga*

*Amigo leitor ou gentil leitora:*

*Chegou a vossa oportunidade. Não a desprezeis, pois a Célebre e Benemérita professora Madame. .. tem plenos conhecimentos desta maravilhosa ciência que é o Ocultismo e o Poder Astral. Sem mistificações ou sofismas de qualquer espécie, apresentando-se ao público munida dos mais altos conhecimentos desta ciência baseada nos célebres segredos de Papus, Eliphas-Levi, Esteila, Borgotta, etc. Não vos deixeis ficar, nas*

*trevas da ignorância; seja como São Tome: Ver para crer!. .E a ciência vos dirá o verdadeiro caminho que deveis trilhar, que é o caminho da verdade, porque assim evitaremos os dissabores e os perigos que vos ameaçam. Vos fornece os dados necessários para triunfar na Vida, quer seja no comércio, nos amores, enfim, em tudo que desejardes, poder eis triunfar por meio do Ocultismo e do Poder Astral. Munido com os dados necessários que estes poderes vos indicarem, conforme os vossos casos. Não há casos nem obstáculos intransponíveis que se interponham ao triunfo de cada um. Conforme os vossos desejos e munidos dos dados de acordo com o poder da Ciência Oculta e o Poder Astral, podereis resolver qualquer caso. Em vosso próprio benefício não deixeis para amanhã o que tendes a fazer hoje. Ide, pois, à casa da Célebre e Benemérita Professora Mme. . . que ela vos dirá o que é necessário ao vosso caso e quais os meios precisos, isto com toda garantia, sigilo e discrição absoluta. Desvenda o presente, passado e futuro a qualquer pessoa. É perfeita e honesta nos seus trabalhos.*

---

### *Atenção!*

#### QUIROMANCIA

*Acaba de chegar a esta bela Capital a prof. Mme.. .. célebre cientista européia, que, tendo estudado longos anos na Arábia, Grécia, na Índia, onde acabou de aperfeiçoar seus estudos científicos e práticos com os grandes cultores da Ciência, Prof. gregos, árabes e faquires indianos, depois de percorrer as principais cidades da Europa. Com um cunho prático na alta Quiromancia, pede ao respeitável público ler com atenção o que se segue:*

*Atenção! Descobre os jactos mais importantes da vida humana e também faz trabalhos para qualquer fim que o cliente desejar e solicitar, por meios científicos e práticos, como os acima divulgados. Ciência esta à qual empresta um culto prático a Alta Quiromancia, própria para estes fins. Declara o presente, passado e futuro de qualquer pessoa. Por este meio e com o auxílio da Ciência, descobre qualquer fim que o cliente desejar e também trata de outros assuntos simplesmente com o auxílio da Ciência.*

*Atenção! — Quereis descobrir alguma coisa que vos preocupa e fazer voltar para vossa companhia alguém de quem vos tenha separado? Destruir algum mal que vos perturbe, curar alguém do vício da embriaguez? E outras coisas que tiverdes desejo de obter, e, também, de qualquer outro assunto acima descrito.*

*Nada de Charlatanismo — Desembaraça quaisquer questões em terrenos e propriedades. Garante os seus trabalhos.*

*Procure imediatamente Mme.... Atende diariamente, das 8 da manhã às 9 da noite.*

*Rua... Sobrado. Preço da consulta Cr\$*

Eugéne Osty, no seu livro, — “Lucidité et Intuition”, — apresenta uma série de anúncios idênticos, de jornais de Paris, entre os quais os seguintes:

*Mme. X: a mais extraordinária quiromante, a cartomante mais reputada dos tempos modernos. Todo o mundo quer consultar a maravilhosa vidente, no cristal, em conchas, no copo d'água, nas linhas da mão, em segredos caldeus, em sonambulismo, etc. Sessões psíquicas, evocações, comunicações. Recebe todos os dias. Correspondência para a província e o estrangeiro.*

*Madame Y, célebre cartomante, opera com cartas dos antigos magos, que só ela possui. Solicitai seus maravilhosos talismãs egípcios, que garantem bom êxito em tudo.*

*Madame V: vidente médium, que não pode ser confundida porque somente ela possui, com exclusão de qualquer outra pessoa, a arte e o dum natural de poder informar, predizer e ajudar a todas as pessoas que recorrem ao seu auxílio. A fluidopatia, ciência nova, permite-lhe ver e levar a bom êxito causas desesperadas, mesmo a grandes distâncias. Favorecida pela natureza e dotada de profunda intuição das ciências ocultas, Madame V enche de espanto a todos que a consultam, graças às suas revelações sempre justas e às suas predições sempre confirmadas, etc.*

*Madame W: única no gênero. Os arcanos secretos são desvendados por método criado por ela própria, baseado no Astra, no Arith, estabelecendo a correlação divina entre os planetas, as letras e os números que, intimamente ligados e transportados, dão interessantes respostas às questões dos consulentes, ou feitas por correspondência. Escrever a Madame W, ou vir à casa dela, pela tarde, para sessões de sonambulismo real, leitura da mão, etc.*

Não é impressionante e sugestivo? Não é natural que o leigo e mesmo o sábio que desconhecem esse terreno sejam arrastados pela oferta, querendo desvendar os mistérios da sua vida e o que lhes aguarda o futuro? As vantagens oferecidas pelos anunciantes são tão extraordinárias e os seus poderes tão miraculosos que qualquer de nós deve sentir-se tentado a servir-se de recursos tão simples e prodigiosos, a fim de resolver as dificuldades que perturbam a sua existência, ou obter os sucessos que tão raramente consegue alcançar. Que não diríamos para ter à disposição forças ocultas, capazes de desvendar o futuro e atuar benéficamente em nosso proveito? Tal desejo ó humano, por demais humano, e é ele que nos conduz tão facilmente às mãos dos adivinhos. Possuem eles, porém, tal poder, são capazes de desvendar os mistérios da nossa vida e guiar-nos nos transe que nos aguardam no futuro? É isso o que nos prometem, servindo-se de recursos misteriosos, naturalmente fora do alcance das possibilidades normais.

Em um número de sábado, de jornal de grande tiragem, editado em Paris, declara Osty haver encontrado 32 anúncios

do gênero indicado, misturados a diversos outros. Em tempos passados, eles tinham larga difusão nos jornais do mundo inteiro e foram também muito freqüentes entre nós. Um autor, impressionado pelo fato de uma dessas propagandas ocupar a página inteira de um jornal parisiense, foi indagar do preço, verificando que era elevadíssimo, pois custava, cada vez, muitos milhares de francos. Além disso, chamou também a atenção para a circunstância de numerosos magazines, revistas políticas, policiais, pornográficas e outras inserirem regularmente anúncios dessa natureza, o que é suficiente para mostrar o lucro que devem produzir, capaz de arcar com publicidade tão dispendiosa. Em idênticas condições são anunciadas consultas tendo por base os mais variados processos de adivinhação, prometendo-se revelações gratuitas ou contra remessa de selos, sucessos infalíveis em segredos de amor e em negócios difíceis, talismãs maravilhosos, anéis horoscópicos, medalhas e amuletos que dão felicidade, objetos imantados, etc. Os próprios “Annales des Sciences Psychiques”, de Paris, publicavam uma lista de sonâmbulos, médiuns e videntes, que ofereciam os seus serviços profissionais, embora declarasse a Revista não poder garantir as faculdades dos seus anunciantes, assim como as revistas médicas não garantem a qualidade dos produtos farmacêuticos nelas anunciados.

As explorações desse gênero foram muito comuns nos primeiros tempos do magnetismo. Gilles de la Tourette, no seu livro sobre Hipnotismo, aparecido em 1886, apresenta uma série de anúncios de videntes e cartomantes, em tudo semelhantes aos que são ainda hoje divulgados. Entre eles, há o de uma Madame Charles, sonâmbula de primeira ordem, membro laureado do Instituto Electro-Magnético de França e de diversas sociedades sábias e humanitárias, possuidora de muitas medalhas honoríficas da França e do estrangeiro e que proclama o seu renome adquirido nas grandes cidades européias, sobretudo em Paris. Ela se apresenta como sonâmbula, mas lê também na fisionomia e nas linhas da mão, dando, em estado de transe, sessões especiais sobre cartomancia e grafologia, a qualquer hora, diariamente. Uma outra, Madame Maria, é célebre sonâmbula lúcida, diplomada, dando consulta para qualquer doente; prediz o futuro pela mão, fornece conselhos e avisos, alivia e cura pelo magnetismo. Alguns anunciam que têm à disposição da clientela documentos comprovando os seus poderes, não raro expondo-os em quadros pelas paredes do consultório. Entre outros, Gilles de la Tourette apresenta um atestado assinado

por La Rochefoucauld, duque de Doudeauville, redigido nos seguintes termos: “Os sonâmbulos perfeitos são tão raros que, quando se tem a felicidade de encontrar um deles, torna-se rigoroso dever para um homem de honra, que se ocupa dessa ciência, por tanto tempo negligenciada e abandonada em mãos indignas, assinalar a seus concidadãos aqueles que são dignos de sua confiança. A senhora x x x pareceu-me, durante o seu sono, de uma lucidez extraordinária, tão conscienciosa, quanto inteligente. Por isso, tenho prazer em atestar essa verdade àqueles que a queiram consultar”. Um outro documento, assinado por Eugenie Desaga, moradora à rua Cardinal-Lemoine n.º 72, diz o seguinte: “Atesto que me curastes de uma doença horrível: um tumor canceroso da garganta, do qual sofria cruelmente há 18 meses. Dois meses vos bastaram para libertar-me da morte, que me ameaçava a cada momento por meio de sufocações. A vós, senhora x x x, meu reconhecimento e minha lembrança eterna pela segunda vida que me destes.”

La Tourette mostra as explorações horrorosas que se operavam em torno dessas questões, que analisa minuciosamente. Naquela ocasião, existiam em Paris mais de vinte jornais especializados, mais de quinhentos gabinetes sonambúlicos e mais de quarenta mil associados, havendo hospitais pagos e clínicas caras, com desprezo por todos os artigos do Código Penal. “Temos a impressão de estar sonhando, quando lemos tais in-sanidades e sentimos verdadeira piedade pensando naqueles que trazem o seu dinheiro e tais casas de exploração”. E muitas delas são dirigidas por médicos, pagos por sonâmbulos e magnetizadores, que assim conseguem ter maior relevo, cercando-se de maiores garantias. Dessa maneira, “explora-se a estupidez do público e a caixa enche-se, enquanto desaparece a honorabilidade.”

Existem outros adivinhos, quase sempre mulheres, que trabalham com bolas de cristal, borra de café, clara de ovo, chumbo derretido, etc. O processo da clara d’ovo consiste em furar um ovo e deixar escorrer a clara dentro de um copo d’água, evitando-se qualquer mistura com a gema. A interpretação cabalística é feita de acordo com a maneira pela qual a albumina vai ter ao fundo do copo. Coisa idêntica passa-se em relação à borra do café e ao chumbo derretido. Quanto à gota de café, toma-se o resto de açúcar e borra que fica no fundo da xícara e imprime-se a esta movimentos que fazem a gota traçar linhas e desenhos na parede do vaso, que são interpretados ocultisticamente. Essencial é que o café tenha sido moído pelo

próprio indivíduo, com a mão esquerda, pois qualquer quebra e ritual pode perturbar as mensagens misteriosas.

Muito apreciadas são as consultas por correspondência, entre as quais predomina a de enviar ao vidente uma mecha de cabelo do paciente. O processo é muito antigo, mas tem aceitação ainda em nossos dias. Segundo o ritual da execução, deve ser o cabelo embrulhado pelo próprio consulente, evitando-se que seja tocado por qualquer outra pessoa. De posse desse material, o vidente põe-se em relação com o doente, conseguindo descobrir os sintomas da sua doença, a causa que a produz e o remédio que convém empregar para curá-la!

No presente capítulo deveriam ser estudados diversos aparelhos, tais como anéis, pulseiras, cintos, cordões, etc., que por vezes invadem o mercado e servem para filtrar ou afastar fluidos e irradiações capazes de produzir o câncer e inúmeras outras moléstias, que proviriam tanto da atmosfera quanto das profundezas da Terra. É uma exploração comercial do mais baixo quilate, mas que encontra numerosa clientela devido à intensidade da propaganda e à ignorância que existe sobre o assunto.

Muito difundidos são também os horóscopos, não raro oferecidos gratuitamente. É manobra muito rendosa e que tem proliferado em todos os países do mundo, como é fácil verificar pela propaganda feita em revistas e jornais de grande circulação. Eis um modelo característico:

#### DESEJAIS CONHECER O VOSSO FUTURO?

*O..., fundado em..., revela o passado, presente e futuro, por meio da astrologia. Todos os nossos trabalhos são exatamente calculados, conforme provam os inúmeros atestados em nosso poder.*

Horóscopo N.º 1 — Idéias gerais — Preço Cr\$

*A natividade explicada naturalmente, definição do caráter, constituição, saúde, temperamento, casamento, destino e épocas importantes da vicia são narrados neste trabalho com precisão.*

Horóscopo N.º 2 — Desenvolvido — Preço Cr\$

*A natividade explicada, posições planetárias, definição completa do caráter, mentalidade, casamento, ocupações e um resumo do tema, são apresentados com exatidão neste horóscopo.*

### Horóscopo N.º 3 — Descritivo — Preço Cr\$

*A natividade completamente explicada, caráter, qualidades mentais, saúde, finanças, profissão, filosofia, casamento, vida doméstica, residência, viagens, amigos, ocultismo, etc., com um resumo de futuros acontecimentos durante três anos, com minúcia e perfeição serão expostos a todos os consulentes.*

### Horóscopo N.º 4 — Guia na vida — Preço Cr\$

*Revela, com precisão matemática, as vossas qualidades boas ou más, as tendências, o temperamento, o caráter e como educá-lo, as qualidades mentais e como empregá-las para o vosso triunfo na vida. Indica as vossas moléstias e como combatê-las; as vossas finanças e como melhorá-las; as profissões às quais vos deveis dedicar; as felicidades ou dificuldades no casamento e na família. Dá informações úteis sobre as viagens que deveis realizar e as épocas mais favoráveis para elas; sobre as pessoas que deveis evitar e aquelas que deveis acolher. Explica, ainda, o que deveis fazer para serdes bem sucedido. Fornece considerações gerais para corrigirdes vossos defeitos, a fim de obterdes sucesso na existência. Revela, também, as vossas esperanças futuras e aponta as datas dos principais acontecimentos.*

*Este é o mais completo trabalho e vos revela os maiores segredos e mistérios da vossa vida passada, presente e futura, segundo a influência benéfica ou maléfica que os Astros vos imprimiram no dia e hora de vosso nascimento. O horóscopo “Guia na Vida” contém os acontecimentos que terão lugar durante cinco anos futuros.*

### Horóscopo Guia Anual — Preço Cr\$

*Trabalho fiara doze meses, a começar de qualquer dia, contendo os maiores detalhes possíveis para uma perfeita progressão astrológica. As influências são descritas em conjunto com o máximo de pormenores, contendo, ainda, sua descrição, de dez em dez dias, e revelando toda a natureza da influência astrológica em ação. Trabalho ótimo, para todas as pessoas previdentes, que desejam agir seguramente e de pleno acordo com os astros.*

### Os gênios protetores do homem — Preço Cr\$

*O nascimento de todo ser humano é presidido por três gênios, que influenciam a pessoa para o Bem ou para o mal, durante toda a vida. Pelo estudo das influências astrais, damos a conhecer a qualquer pessoa os nomes dos três gênios que presidiram seu nascimento e as horas em que deve obter deles os favores que desejar. No mesmo trabalho, damos ainda a conhecer as suas pedras preciosas, os perfumes e a cor dos vestuários que deve usar para triunfar na vida.*

*Atenção! — Como encomendar um Horóscopo — Atenção! Nome . . . Sexo . . . Dia . . . Mês . . . Ano . . . Hora . . . Minutos . . . do nascimento (antes ou depois do meio-dia) . . . Lugar do nascimento. . . Estado . . . País . . .*

*Para a encomenda dos horóscopos n.ºs 3, 4 e Guia Anual, não tendo absoluta certeza da hora e dos minutos do nascimento, é necessário enviar com exatidão mais os dados seguintes:*

*Altura... Peso... Cor dos cabelos... Tem muito ou pouco cabelo... Os cabelos são crespos ou lisos... O seu temperamento é agitado ou calmo... Cor da pele... Qual é a sua maior inclinação... Para a confecção do Horóscopo... envio a importância de Cr\$*

Basta verificar a propaganda feita em torno da questão para julgar os lucros do negócio, que comporta gastos tão vultosos. Quando o adivinho propõe enviar gratuitamente o horoscópio, ou qualquer indicação idêntica, é por demais evidente haver aí qualquer interesse oculto da sua parte, que será habilmente explorado. A gratuidade é o engodo, a isca para pegar o incauto, que, freqüentemente, não percebe a manobra de que é vítima. O horoscópio e outras revelações gratuitas vêm sempre acompanhados de notas explicativas, que levam à compra de determinado livro ou a uma consulta mais completa, portanto mais eficaz. Eis uma proposta:

*“Para terdes um trabalho digno de confiança e com maiores detalhes sobre a vossa vida, deveis mandar confeccionar um horóscopo n.º 4, Guia na Vida, pois este trabalho é feito rigorosamente com as regras científicas da matemática — O estudo enviado é genérico e, por essa razão, poderá haver falhas, o que não acontecerá se confeccionarmos o vosso horóscopo de acordo com os apontamentos no verso desta”.*

O preço varia, naturalmente, de acordo com as posses do candidato, ou, sobretudo, com o seu interesse e a sua ingenuidade em relação às revelações.

O que é muito característico em todos os anúncios de adivinhos é o interesse que os move e a pouca perspicácia dos seus consulentes. As indicações têm sempre significação muito geral e a sua interpretação depende das próprias tendências e desejos do interessado. A data do nascimento, que é sempre exigida, tem valor para o hierofante, que, dessa maneira, pode orientar-se quanto à idade e, assim, quanto à situação geral do consulente. A remessa de uma fotografia é recurso magnífico, pois, evita a confusão de sexos, que, de outro modo, se torna muito freqüente. Quem duvidar, que faça a seguinte experiência: envie ao adivinho os dados solicitados escritos à máquina e espere pelos resultados! Se não houver informação sobre o sexo, nem isso conseguirá ele descobrir, dando resposta evasiva, que tanto servirá para homem quanto para mulher! É verdade

que o interessado raramente nota essa particularidade, tal a sua convicção de que o horoscópio é estritamente pessoal. A situação mais simples, muito comum no estrangeiro, é do hierofante contentar-se com a remessa de selos do correio ou de pequena quantia em dinheiro, não raro para pagamento de um livro que será enviado, mas que, freqüentemente, não chega às mãos do interessado, assim como acontece por vezes com o próprio horoscópio e outras revelações prometidas pelo ocultista. Pior, porém, é quando o consulente recebe gratuitamente a primeira resposta, que representa o início de outras que deverão ser pagas. Os fregueses desse gênero são os melhores e mais garantidos, excelentes pela repetição das consultas. Quase sempre, os adivinhos trabalham empregando mais de um processo, por exemplo, a Astrologia combinada à Quiromancia ou à Grafologia, às cartas de baralho e ainda diversos outros, associados entre si, das mais variadas maneiras. Já se tem dito constituir isso uma prova contra o seu valor, porque, se o horóscopo pelos astros informa quanto ao futuro, não há razão para emprego de outros processos, que não deverão fornecer resultados diferentes. Se tal acontecer, é isso então sinal de que o primeiro é insuficiente ou defeituoso. De qualquer modo, o que se observa comumente é o consulente pecar pela ignorância e não primar o mago pelas suas qualidades transcendentais. Estatísticas mostram que a maioria dos profissionais do ocultismo exerce essa tarefa ao lado de outras ocupações, em geral de categoria inferior, sendo freqüentes as de manicura, enfermeira, costureira, massagista, etc. Também indivíduos fracassados em outras profissões, principalmente oficiais sem colocação depois das guerras passadas, têm procurado refúgio campo de acesso fácil e resultados promissores.

No começo da nossa aprendizagem, quando iniciamos investigações experimentais sobre o problema, não foi pequena nossa surpresa diante de fatos inesperados, que nos pareciam verdadeiras revelações. É assim que, por muitas vezes, recebemos informações exatas sobre assuntos dos quais o adivinho parecia não poder ter conhecimento. Dizia, por exemplo, no caso da consulta ser feita por uma terceira pessoa, se o consulente era homem ou mulher, moço ou velho, gordo ou magro, casado ou solteiro, indicando a profissão, etc. Quando se tratava de doença, o diagnóstico vinha em termos genéricos, imprecisos, dando lugar a variadas interpretações. No caso de mulher, o útero e os ovários apresentavam sempre qualquer perturbação, e, fora disso, o doente sofria, invariavelmente, do

fígado, ou tinha colite, ou os rins não funcionavam bem, os pulmões eram bastante fracos, tornando-se necessário cuidar do coração, dos nervos, etc. Os diagnósticos pouco variavam de caso para caso, repetindo-se monotonamente em generalidade e imprecisões. Desde as primeiras investigações, permitiu-nos essa circunstância, concluir não ser no campo da Medicina que se encontrava a força dos adivinhos. Bem longe disso! Era aí que as suas informações se tornavam logo insuficientes, falsas, inaproveitáveis, desde que julgadas objetivamente, de acordo com os conhecimentos de um profissional. As generalidades, que podiam contentar leigos e suscitar variadas interpretações, perdiam nas mãos do médico a sua consistência, imediatamente mostrando grandes falhas e insuficiências. Se não fosse assim, se os dados correspondessem à realidade, então, revelaria o próprio médico espírito por demais acanhado, caso não se servisse de recursos tão simples e de tanto valor em benefício dos seus doentes. Foi uma das razões pelas quais nos interessamos vivamente pela questão, procurando investigar quanto nela havia de verdade e precisão.

O que é indiscutível fora de qualquer dúvida, é o fato de alguns quiromantes, videntes e adivinhos conseguirem dizer coisas extraordinárias ao consulente, não raro com pormenores impressionantes. Já dissemos que no início dos nossos estudos fomos surpreendidos pela revelação de particularidades que nos pareciam secretas ou desconhecidas e que o adivinho conseguia revelar. Frequentemente, fazíamos as nossas consultas por intermédio de uma terceira pessoa, que transmitia ao vidente as questões por nós formuladas. No caso de um casamento na família, por exemplo, tratava-se de obter informações sobre as qualidades do noivo, se possuía bons sentimentos, se tinha bom caráter, se seria bom marido, etc. O adivinho respondeu a tudo isso com segurança, não tendo dúvidas quanto às suas predições. Elas estavam, porém, ainda no futuro e não poderiam ser confirmadas senão remotamente. O interessante, porém, é que o oráculo forneceu também informações quanto à personalidade do indivíduo em questão, dizendo se era baixo ou alto, médico ou advogado, moreno ou louro, qual a sua idade aproximada, etc. A consulente, por nossa indicação, tomara nota dos dados fornecidos e, assim, trazia-nos por escrito um pequeno relatório, informando-nos de que se tratava de um senhor de meia idade, alto, um pouco calvo, moreno, formado em Medicina, usando óculos, além de respostas a outras perguntas. Fatos idênticos repetiram-se diversas vezes, em ou-

tras circunstâncias, com médiuns, videntes e quiromantes diferentes. As observações impunham-se como tanto mais surpreendentes, quanto os adivinhos ignoravam as particularidades em questão, parecendo descobri-las por verdadeiros processos de vidência. Alguns limitavam-se a indagar o nome da pessoa ou a sua moradia, a fim de se por em contato telepático com o ambiente e obter as desejadas revelações. O poder de determinados médiuns era por vezes tão prodigioso que bastavam essas simples informações para que pudessem diagnosticar moléstias mesmo à distância, em qualquer doente. Nesse sentido, são freqüentes anúncios em jornais por meio dos quais é encaminhado grande número de doentes e outras pessoas para esse gênero de consultas, em geral dadas gratuitamente ou contra disfarçadas remunerações, cujos pormenores teremos ainda de analisar. Em nossas próprias observações, o que nos causou maior surpresa foram informações quanto às condições físicas e sociais dos consultantes, não raro atingindo alto grau de precisão. Era isso obtido realmente por vidência, pela capacidade do adivinho de penetrar o desconhecido a distância, mesmo a longa distância, como acontecia quando a pessoa se encontrava ausente, no interior do país ou mesmo fora dele, até em lugar ignorado? Essa observação, que pudemos realizar em variadas circunstâncias, pareceu-nos estranha e incompreensível, sobretudo porque o taumaturgo fazia as suas predições com igual facilidade, tanto de longe quanto de perto, tanto na presença quanto na ausência do indivíduo. Nessas condições, fizemos uma experiência muito simples e que deu resultados decisivos, que se repetiram, em condições semelhantes. A experiência consistiu em enviar ao vidente somente os dados por ele exigidos e que eram apenas o nome e a residência da pessoa em questão. Em vez de pôr o intermediário ao corrente da situação, investigando pessoas e situações que ele próprio conhecia, dávamos-lhe unicamente o nome e a moradia de um dos nossos clientes ou de pessoa só nossa conhecida e, de posse de tais dados, partia ele à procura do vidente. Pois bem, desde esse momento, os resultados foram insignificantes, não raro nulos, verdadeiramente inaproveitáveis, decepcionantes. As comunicações que nos haviam tanto surpreendido, principalmente pelas aproximações que mostravam em relação aos caracteres físicos e às condições sociais dos consultantes, vinham agora imprecisas, cheias de erros, muito distantes da realidade. Foi por esse caminho que conseguimos aproximar-nos da realidade, dando-nos conta da situação. Os fatos são, aliás, extremamente simples,

de uma significação quase vulgar, como é sabido pelos que têm investigado cientificamente tais fenômenos, embora para nós, naquela época, se apresentassem cheios de mistérios e incompreensões.

Em relação às nossas experiências, chegamos à conclusão de que as informações fornecidas pelo vidente, quando certas e exatas, nada tinham de estranho ou sobrenatural, pois não passavam de dados objetivos, que ele conseguia obter da pessoa que o ia consultar. Isso se tornou de evidência absoluta, como pudemos comprovar pela repetição das experiências. Quando o consulente ignorava os dados da questão, eram os resultados da vidência insignificantes, cheios de falhas e imprecisões. O próprio vidente ficava então desorientado, não conseguindo alcançar o material necessário para formular as suas predições. Como conseguia ele, porém, obter dados capazes de permitir-lhe descrever os característicos físicos e a situação social de pessoa que não conhecia, nem nunca havia visto? O mecanismo dessa orientação é muito simples, sob o ponto de vista psicológico. O que acontece é que o vidente se orienta pelo que ele próprio diz ao consulente, de tal forma que este acaba por lhe fornecer o material para os vaticínios. Quando o vidente, quase sempre misteriosamente, por vezes em estado de transe, diz que está vendo determinado indivíduo, moço, velho ou de meia idade, calvo, de óculos, médico ou advogado, alto ou baixo, casado ou solteiro, tendo ou não filhos, o que acontece, primeiramente, é ele conseguir orientar-se sobre essas questões, antes de dar a resposta esperada e que deve convir. Pudemos observar rigorosamente como se passa o fenômeno, aliás, sempre de maneira muito semelhante. O vidente diz, por exemplo: “Estou vendo uma pessoa de meia idade”. Imediatamente, reconhece, pelo jogo fisionômico do consulente, que está sempre vivamente interessado em obter informações aproveitáveis, se o dado está certo ou errado. Se errado, ele logo acrescenta estar vendo também uma senhora ou uma criança, um homem de idade, uma moça, assim conseguindo fixar o tipo da pessoa que está em jogo. Pelo mesmo processo ser-lhe-á fácil descobrir se se trata de um comerciante ou de um homem formado, e, neste caso, de um advogado, um engenheiro, um médico, etc.

As afirmativas iniciais são lançadas com cuidado, sem insistência, tão superficialmente, que o consulente não chega a perceber a manobra, que pode escapar também ao próprio vidente. Por isso, pode acontecer agirem ambos com honestidade, sinceramente convictos de estarem sob a influência de

forças desconhecidas, graças às quais poderão desvendar o presente, o passado e o futuro. Todo o processo pode passar-se ;i nua subconsciente, fora da alçada da razão, por mecanismo puramente intuitivo. As frases que o vidente lança desencadeiam reações que servem, para orientá-lo, quanto às predições que deve fazer. Se essa explicação pode parecer, à primeira insuficiente, ou mesmo absurda, não há dúvida que ela, por si só, pode bastar para esclarecer todos os fenômenos em questão. Antes de tudo, precisamos considerar que o processo pode conservar-se ignorado pelos seus próprios autores, quer seja lida a mão ou feito o trabalho por meio de cartas ou de outros recursos. Se isso pode parecer estranho, exagerado ou de difícil compreensão, devemos acrescentar que os fatos falam todos no mesmo sentido, sendo até de fácil verificação. Acabamos de referir que o nosso vidente ficava desorientado e deixava de fornecer informações aproveitáveis, desde que o consulente não tivesse, ele próprio, conhecimento dos dados que constituíam objeto da nossa indagação. Quando os conhecia, fornecia-os sem perceber ao adivinho, que, também, podia não se dar conta do mecanismo pelo qual conseguia obtê-los. É crível, porém, que as coisas se passem realmente de maneira tão simples e natural? O fenômeno é fácil de verificar e está ao alcance de qualquer observador. Ainda mais do que isso: o que acaba de ser relatado quanto ao homem, isto é, de ser humano para ser humano, ocorre igualmente entre homem e animal, no trato recíproco que pode haver entre eles. A perspicácia de certos animais é, nesse sentido, verdadeiramente extraordinária, excedendo tudo que poderia fantasiar nossa imaginação. Queremos lembrar os célebres cavalos de Eberfeld, que constituíram um dos mais assombrosos acontecimentos do mundo civilizado, dando lugar a elevado número de publicações, mesmo de autoridades científicas. O ruído feito em torno da descoberta foi imenso e só diminuiu quando encontrada explicação para o fenômeno. O professor Claparède, da Universidade de Genebra, proclamou-o como “o acontecimento mais sensacional que jamais surgiu na Psicologia”. Karl Krall, no seu livro em alemão “Animais que pensam”, baseado em suas experiências, que foram a continuação das de von Osten, o descobridor da maravilha inesperada, fez um estudo minucioso da questão, já estribado em considerável bibliografia.

O fato capital, de onde partiu todo o movimento, proveio das experiências de W. von Osten, um velho oficial alemão aposentado, que dedicou parte da sua vida ao estudo da inteli-

gência dos animais. Em 1900, adquiriu um cavalo russo, que se tornou célebre sob o nome de Hans, apelidado “o sábio”, ao qual ensinou cálculo por meio de quilhas, e, depois, de números. Os resultados foram tão extraordinários que se falou de uma transformação da psicologia animal e de descobertas que o homem estava longe de poder suspeitar. O cavalo aprendeu a contar, a calcular e a resolver pequenos problemas. “Mas Hans não sabia somente calcular: podia ler, era musicista, sabendo distinguir acordes harmoniosos de dissonantes. Possuía uma memória extraordinária, conseguindo indicar a data dos dias da semana. Numa palavra: sabia resolver todas as operações que um bom colegial de 14 anos é capaz de efetuar.” Em poucas semanas aprendeu a extrair raízes quadradas e cúbicas e, logo depois, a soletrar e a ler, servindo-se de um alfabeto convencional imaginado por seus mestres. Durante muitos anos Osten entregou-se, com dedicação nunca vista, à educação do animal, que recebia aulas uma a duas vezes por dia. A tarefa foi árdua e só prosseguiu a passos muito lentos, pois tudo era desconhecido naquela nova aprendizagem, cheia de mistérios e surpresas, tanto para o mestre, quanto para o discípulo. Osten, de temperamento excêntrico, considerado por muitos como verdadeiro maníaco, não conseguiu, durante longo espaço de tempo, despertar interesse em torno da sua descoberta, que não foi mesmo tomada em consideração. Já desesperado da situação, tentou, por meio de um anúncio de jornal, chamar a atenção sobre o extraordinário fenômeno, propondo vender o animal, do qual enumerava as singulares capacidades intelectuais, que demonstraria, gratuitamente, aos interessados. Nessas circunstâncias, apareceu-lhe o major Eugen Zobel, escritor e profundo conhecedor de hipologia, que, vivamente interessado pelo assunto, publicou diversos artigos sobre Hans, desde então conhecido como o cavalo sábio. Daquele momento em diante, houve imensa agitação em torno do fato, que despertou a curiosidade do grande público, sem contar muitos psicólogos e cientistas. A casa da rua Griebenow 10, na região norte de Berlim, onde morava von Osten e se encontrava o animal, passou a receber tal número de visitantes que se tornou necessária a intervenção da polícia para regular o trânsito circunvizinho. Até do estrangeiro chegavam personalidades de renome para estudar o estranho fenômeno, que vinha revolucionar tudo o que sabíamos dos animais, que agora apareciam como possuidores de inteligência idêntica à do homem, sob todos os pontos de vista! Hans fazia cálculos de alta matemática, conhecia a lin-

guagem humana, compreendia o alemão, entendia as perguntas que lhe eram feitas e dava-lhes respostas inteligentes, demonstrando que raciocinava de maneira idêntica à do ser humano.

É natural que se levantasse grande agitação em torno da descoberta, que, desde logo, conduziu às mais desencontradas opiniões, das mais favoráveis e entusiásticas, às mais céticas e negativas. A imprensa publicava artigo sobre artigo, surgiam livros sobre a questão, dando lugar a discussões tão vivas e apaixonadas, que o governo e as universidades se sentiram na obrigação de dar atenção ao assunto, estudando-o objetivamente. Eberfeld tornou-se um verdadeiro centro de peregrinação, sobretudo para sábios, que acorriam de diversos países e de todos os recantos da Alemanha. Entre eles, foram registrados: Edinger, o eminente neurologista de Frankfurt; Claparède, da Universidade, de Genebra; Kracmer e Ziegler, de Stuttgart; Sarasin, de Basilea; Besredka, do Instituto Pasteur de Paris; Oswald, Schoeller e o físico Gehrke, de Berlim; William Mackenzie, de Gênova; Assogioli, de Florença; Freudenberg, de Bruxelas; Hartkopf, de Colônia; Buttel-Reepen, de Oldenburg; Ferrarri, de Bolonha; Goldstein, de Darmstadt, e inúmeros outros, alguns dos quais se convenceram de que os animais realmente calculavam e que as operações matemáticas eram manifestações da sua inteligência. Maeterlinck, vindo da Bélgica para estudar o fenômeno, ficou maravilhado diante do que pôde observar. Ele próprio confessa ter sido sempre fraco em Matemática e que se sentiu emocionado ao propor ao animal problemas dessa natureza. Realizou experiências ainda com o cavalo Muhamed que, ao lado de Zarif, se revelou ainda mais inteligente que Hans, todos agora sob a direção de Karl Krall, autor do livro fundamental sobre a questão. Maeterlinck relata que, devido à sua ignorância em Matemática, formulou erradamente o problema que apresentou ao cavalo e que este, sem poder resolvê-lo, ficou perplexo, com a pata suspensa no ar. Não foi senão quando Krall descobriu o erro e corrigiu o problema, que o animal encontrou a solução.

A primeira comissão científica para estudar o caso de Hans iniciou seus trabalhos em setembro de 1904, sendo composta de professores de Psicologia, Fisiologia, Zoologia, Veterinária e de especialistas em equitação e adestramento de animais, além de oficiais de cavalaria, do diretor do Jardim Zoológico e do diretor do Circo Busch, de Berlim. Essa comissão comprovou a veracidade dos fenômenos relatados e nada tendo encontrado de falso ou suspeito, concluiu que os fatos eram reais, sendo

merecedores de profunda investigação científica. Imediatamente depois, em Outubro de 1904, o Ministério da Educação nomeou nova comissão para ocupar-se do assunto, desta vez formada pelo professor C. Stumpf, diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim e dos seus dois assistentes, O. Pfungst e Hornbostel. Depois de algumas semanas de trabalho, chegou a comissão a resultados completamente diferentes, apresentando um extenso relatório, no qual “sustentava que o cavalo não era dotado de inteligência, não reconhecia nem letras nem números, não sabia calcular, obedecendo simplesmente a sinais imperceptíveis, que, inconscientemente, escapavam à argúcia do seu próprio mestre”. A verificação parecia de grande evidência, pois experiências feitas no escuro ou depois de se haver tapado os olhos do animal fracassaram por completo. O mesmo aconteceu quando eram os resultados desconhecidos das pessoas presentes, ou, simplesmente, da pessoa que dirigia a pergunta ao animal, assim como quando este não a podia ver.

Emilio Rendich, pintor italiano que vivia em Berlim e acompanhara cheio de admiração as experiências de von Osten, acabou por duvidar dos fatos, sobretudo de que o animal agisse servindo-se unicamente da sua própria inteligência. Rendich percebeu que o cavalo se orientava por movimentos quase imperceptíveis fornecidos inconscientemente pelo instrutor, cuja boa fé e honestidade estavam fora de dúvida. Bastava um movimento mínimo da cabeça de von Osten para o animal orientar-se quanto ao momento em que devia bater a pata, tudo de acordo com os resultados esperados. Para demonstrar que o mecanismo de transmissão era realmente esse, Rendich realizou experiências com uma cadela de sua propriedade, Nora, cujos resultados foram inteiramente semelhantes aos de von Osten com o seu cavalo Hans. A cadela lia, calculava, reconhecia notas musicais e, por meio de latidos, dava respostas às perguntas que lhe eram feitas. E ninguém percebia os sinais que o dono lhe transmitia! Por meio desses sinais inconscientes e imperceptíveis, foi encontrada explicação para os fatos em questão, desde logo aceita pelo professor Stumpf e seus auxiliares, que assistiram às experiências de Rendich.

Já antes, em 1903, Albert Moll, então presidente da Sociedade de Psicologia de Berlim, havia feito verificações idênticas, chegando à conclusão de que o cavalo nada apresentava de extraordinário, pois apenas reagia a sinais que lhe eram dados imperceptivelmente. Mais tarde, isso foi demonstrado experimentalmente por Pfungst, que conseguiu verificar os sinais da-

dos inconscientemente, reproduzindo-se conscientemente. Dessa maneira, ele obteve as mesmas reações do animal, independentemente das questões que lhe eram propostas. Por vezes, mesmo sem formular a pergunta, apenas nela pensando intensamente, obtinha-se do animal a resposta esperada, pois o simples ato de concentrar a atenção sobre determinada questão já era suficiente para levar o experimentador a executar movimentos imperceptíveis, que serviam para estabelecer a resposta.

O que aconteceu com Hans, o cão Rolf, de Marnheim e a gata Daisy, e outros animais, reproduziu-se com Basso, um chimpanzé do Jardim Zoológico de Frankfurt, que se tornou centro de atração devido à sua capacidade intelectual, idêntica à do cavalo Hans, sobretudo para cálculos. Houve, igualmente, aí, muita disputa em torno desse caso, tendo-se apelado até para a telepatia, com o fim de explicá-lo. Finalmente, tudo acabou nos sinais imperceptíveis fornecidos pelo guarda e dos quais ele próprio não tinha conhecimento.

Dessa maneira, foi abandonada a explicação da transmissão direta do pensamento, assim como da telepatia e de mediunismo, que alguns autores quiseram explorar para interpretar os fenômenos em questão. Tudo terminou no mais puro cumberlandismo, isto é, na averiguação de que a pretensa transmissão de pensamento não passava do emprego de sinais convencionais, reduzindo-se o processo ao simples mecanismo da “dressagem”, pela qual são transmitidas ao animal as ordens do domesticador. Aliás, parece que o interesse e a atenção do animal eram despertados e mantidos pela oferta de pão, cenoura e outros alimentos, recurso muito usado nos habituais processos de adestramento. Em todo o caso, não foi fácil pôr a claro o mecanismo dessas manifestações, que a princípio deram lugar às mais fantásticas suposições. O próprio professor C. Stumpf, que fizera parte da primeira Comissão, concluindo pela realidade e inexplicabilidade do fenômeno, é o mesmo que assina o segundo parecer, que destruiu o mistério, explicando-o de modo tão simples e natural. “Pelo relatório da Comissão científica foi destruído o limbo de glória que havia cercado o cavalo de von Osten, no que ele tinha de mais extraordinário e mesmo inacreditável. Apesar de toda a sua arte, sabem ler e calcular, tornou-se um simples cavalo de circo, semelhante a muitos outros, apenas reagindo a sinais menos perceptíveis. Com isso desapareceu também o interesse que havia em torno desse prodigioso animal, raramente aparecendo, desde então, qualquer pessoa para assistir às novas

experiências”. É o que nos diz Karl Krall, enquanto Meaterlinck acrescenta: “Houve na opinião pública uma grande e brusca reviravolta. Sentia-se uma espécie de alívio algo covarde, vendo-se subitamente extinguir-se um milagre que já ameaçava lançar perturbação nesse pequeno rebanho tão satisfeito com as verdades já adquiridas. Ao pobre von Osten nada valeu protestar; não foi mais ouvido, a causa estava perdida. Também não se levantou mais desse golpe “oficial, tornando-se motivo de chacota de todos aqueles que, a princípio, havia maravilhado. E assim morreu na amargura e no isolamento, a 21 de julho de 1909, na idade de 71 anos.” É dessa maneira, românticamente, que Maeterlinck descreve o final da vida de von Osten. Na verdade, ele morreu de um câncer do fígado, que o fez sofrer enormemente. E, durante a doença, não cessou e praguejar contra o pobre Hans, amaldiçoando-o de todas as maneiras, como responsável por todos os seus males. Talvez constitua isso um elemento psicológico de valor para esclarecer a marcha que tomaram os acontecimentos!

A obra de von Osten foi, como dissemos, prosseguida por Karl Krall, a quem aquele doou o seu Hans e que fez experiências com outros cavalos, sobretudo os de nome Muhamed e Zarif, que, sob muitos aspectos, se revelaram mais inteligentes que o próprio Hans, cognominado o sábio. Krall procurou demonstrar que as observações de von Osten eram exatas e que os animais em questão realmente possuíam as qualidades intelectuais que lhes eram atribuídas. Procurou excluir as causas do erro, sobretudo em relação aos sinais imperceptíveis e, com auxílio do seu colaborador, Dr. Schoeller, tentou ensinar a Muhamed, o seu cavalo mais inteligente, a se exprimir por meio da palavra articulada. O animal fez esforços para consegui-lo, mas terminou por parar de repente, dizendo em alemão, por meio de pancadas dadas com a pata, na sua estranha linguagem fonética: “Ig hb kein gud Stim”, que quer dizer: “Eu não tenho boa voz!” Essa simples frase possui incalculável valor para decidir a questão, pois traduz raciocínio de caráter puramente humano, que mostra capacidade de expressão em idioma também puramente humano. Já se tem alegado, com toda a razão, que a sabedoria animal atribuída aos cavalos de Eberfeld pressupõe o conhecimento de um idioma humano, no caso em questão a língua alemã, o que ultrapassa tudo que se pode admitir, mesmo por hipótese. É verdade que Krall, no seu livro, fornece protocolos dando a impressão de que mantinha conversa com os seus cavalos em termos estritamente hu-

manos, até propondo-lhes enigmas, que eles conseguiam resolver. Em vez, porém, desses exageros possuírem qualquer valor de prova, o que antes demonstram é quanto deve haver de falso e errôneo em tais interpretações. Antes de tudo, é preciso considerar que os conhecimentos em causa em nada adiantariam aos animais, estando fora das suas tendências e necessidades biológicas. Se não fosse assim, seria mais fácil, em vez das complicadas experiências realizadas por Krall e outros autores, que se dissesse simplesmente ao animal onde se encontravam guardados os seus alimentos, deixando-o procurá-los por simples informação verbal. Certamente, teriam eles mais interesse em realizar essa prova do que em fazer cálculos matemáticos, inteiramente estranhos à sua maneira de viver e que as próprias crianças, nas escolas, têm dificuldade de aprender.

Charles Richet, referindo-se aos animais sábios, apresenta um argumento de grande valor: “Não podemos admitir que Muhamed, Rolf, Hanschen e Berto sejam seres excepcionais. Se eles deram provas de inteligência, é quase certo que também outros animais as dariam. Porque, então, os fatos relativos aos cavalos de Eberfeld e aos cães de Mannheim não se repetiram? Porque ficaram isolados na ciência, ou na lenda? Se a aptidão de cavalos para o cálculo fosse um fenômeno verdadeiro e não uma ilusão, poder-se-iam criar centenas de cavalos calculadores. E não foi isso o que aconteceu. O silêncio fez-se em torno dos cavalos de Eberfeld. Não apareceram outros! Porque, se não foi uma ilusão, *idola temporis*? Tal é, penso eu, a mais grave objeção que pode ser feita aos fatos alegados por Krall. E é uma objeção tão grave, que arrasta à negação”.

Aliás, não era a primeira vez que se pretendia haver descoberto característicos da inteligência humana no cavalo e outros animais, pois, já em tempos passados, haviam aparecido casos idênticos aos de Eberfeld. Basta recordar o que nos conta Guer sobre um célebre cavalo exposto na feira de Saint Germain, em 1732, e que andou em excursão por outras cidades da França. Esse animal reconhecia cartas de baralho, dados de jogar, horas e minutos no relógio e dinheiro em moedas, batendo com a pata para designar os seus valores. O filósofo Le Gandre, que descreve o fato, diz nada haver nele de falso ou exagerado, pois tudo era executado diante de numerosos observadores. Concluí, porém, que o cavalo era guiado por sinais, por gestos e pela voz do seu dono, acrescentando que o extraordinário é que esses sinais fossem imperceptíveis, passando despercebidos à assistência.

## CAPÍTULO SEGUNDO

*SUMÁRIO: Análise de um caso de vidência. Mecanismo das percepções e predições. Erros, abusos e perigos sociais. O Código Penal. O auxílio do consulente e a perspicácia do vidente. A interpretação e as suas falhas. Porque o errado pode parecer certo. As minhas observações com os videntes do Instituto Metapsíquico de Paris. O caso da célebre Madame Fraya. Insucessos pela objetividade. Tudo falso e errado! Aproximações superficiais e aparências de sucesso. Um comerciante insignificante e as suas qualidades vistas por um vidente. A minha decepção pessoal. A história das minhas cartas. Madame Detay e a sua lucidez em relação a retratos e fotografias. Tonteira e mal-estar da vidente diante dos insucessos. O julgamento humano em função das capacidades humanas.*

**O** QUE SE TORNA evidente, através das considerações apresentadas no capítulo anterior é que os animais possuem extraordinária perspicácia, percebendo gestos e movimentos que escapam mesmo a investigadores habituados ao trabalho científico. Quem conhece suficientemente animais, tendo experiência sobretudo com cavalos e cachorros, pode dar-se conta dessa realidade, que aparece principalmente em seu comportamento espontâneo, dentro da sua vida normal. Pois bem, o que foi verificado em relação aos animais já era conhecido quanto ao homem, em condições absolutamente semelhantes. É o que vamos ilustrar por meio de um exemplo característico, por nós próprios observado, e que mostrará, de maneira concreta, em que direção deve ser feita a investigação.

Trata-se de um indivíduo de aproximadamente 35 anos, tez morena de caboclo, morador no Rio, num dos subúrbios da Central. É conhecido como médium vidente e atende a enorme clientela, tanto para resolver problemas de saúde, quanto de amor e de negócios. A afluência de pessoas que o iam consultar era tão grande, que o movimento da localidade aumentou extraordinariamente. Seu renome repercutiu na Capital, sendo ele constantemente procurado por elevado número de pessoas da nossa melhor sociedade. Obtive informações por intermédio de uma senhora estrangeira, do corpo diplomático, que estava maravilhada com suas predições e serviu de mediadora em minhas primeiras investigações. Ela visitava o vidente pessoalmente e trazia-me respostas às questões por mim mesmo formuladas. As informações sobre condições físicas e sociais das pessoas que serviam de objeto à minha investigação alcançavam alto grau de precisão, não tendo eu próprio percebido, de início, o mecanismo de orientação descrito no capítulo anterior e que, depois, foi suficiente para explicar aqueles misteriosos resultados. Devo acrescentar que no caso em questão é que obtive a primeira prova concreta em favor dessa interpretação, graças ao que aconteceu posteriormente, quando entrei em contato pessoal com o vidente. Fí-lo vir à minha residência, a fim de investigar uma série de questões que me interessavam vivamente e que era do terreno das suas atribuições. Foi necessário, além do pagamento de soma relativamente elevada, a intervenção da senhora em questão, cliente predileta e uma das suas mais entusiasmadas propagandistas, para fazê-lo vir dar uma consulta na cidade, deixando o seu cômodo e rendoso trabalho no subúrbio. Naturalmente, tomei todas as precauções para que não soubesse tratar-se de mim próprio, um médico, que vivia de sua profissão. Recebi-o muito afetuosamente, ansioso por conhecer a situação. Começou por dizer que a casa estava cheia de espíritos maléficos e que, dentro desse ambiente, devia ter eu vida muito difícil. Acrescentou que a minha situação era de dificuldades, que os negócios iam mal, pois, quando pareciam resolvidos, acabavam por fracassar, devido à renúncia dos interessados. Ele me via em luta comercial com um senhor estrangeiro, antes gordo, um tanto calvo, de aproximadamente 45 anos, do qual era mister desconfiar. O trabalho do vidente era executado de maneira especial, que devia impressionar extraordinariamente à maioria dos seus consulentes. Antes de principiar, pediu-me um copo d'água, dentro do qual colocou algumas conchas marinhas e outras bugigangas esquisitas. De-

pois, colocou a mão espalmada sobre o mesmo, fez alguns movimentos de pressão e suspendeu o copo colocado à palma da mão, graças à pressão atmosférica, segundo mecanismo físico muito conhecido. Levantou assim o copo à altura dos olhos, fixou atentamente o seu conteúdo olhando-o contra a luz e, nesse momento, foi tomado de forte estremecimento, quase convulsivo, assestado no braço e na perna do lado esquerdo. Era essa a pantomima que representava ao realizar as suas previsões e dar conselhos aos seus clientes! Naturalmente, toda a manobra era puramente charlatanesca, como é comum observar-se em indivíduos que exploram pretensos dons de vidência. A impressão produzida dessa maneira é sempre mais intensa e também mais fácil a orientação fornecida pelas reações fisionômicas dos consulentes.

Pelas informações apresentadas, torna-se fácil perceber o mecanismo das predições aventadas e o alcance que deviam ter. O vidente me havia tomado, sem dúvida alguma, por um comerciante, julgando-me, desde logo, preso a dificuldades, que obviamente deviam provir de maus negócios. Por que fazê-lo vir do subúrbio, pagando-lhe consulta de preço elevado? Era evidente que devia haver interesse material da minha parte e também falta de tempo. Com certeza, viu logo que não se tratava de nada afetivo ou amoroso, sobretudo devido ao fato de ser a consulta em minha própria residência. Assentada essa preliminar, pergunto: qual é o grande comerciante que não tem em suas relações de negócios um homem de meia idade, algo gordo, calvo, como aqueles que o vidente começou por descrever? Aconteceu, porém, não haver reação alguma da minha parte, deixando ele de receber, assim, o material necessário à sua orientação e por meio do qual conseguiria contentar qualquer consulente. Tudo estava errado, fora do caminho, desarticulado. Depois disso, pedi informações sobre uma velha cliente, que eu havia visitado como médico, naquela manhã. Disse-me que tal pessoa estava mal de finanças e sofria dos nervos, de dor de barriga e prisão de ventre, receitando-lhe um chá purgativo e outro remédio para os nervos, que deviam ser comprados em determinada casa, cujo endereço forneceu. Saí-me muito bem da empreitada, porque o vidente me disse tudo isso sem desconfiar que eu fosse médico e conhecesse a cliente, cuja doença não eram cólicas nem prisão de ventre. Tratava-se de uma viúva rica, sadia, que levava vida vazia e ociosa, dentro da qual a insônia representava grande papel. Chamara-me apenas para saber se uma viagem à Europa, somente de ida e volta,

ser-lhe-ia vantajosa, dando-lhe melhor sono! As coisas estavam nesse pé, quando, subitamente, bateu o telefone no quarto ao lado, tendo ele ouvido a resposta habitual, de que se tratava da casa do doutor fulano, que era eu. Fui ao telefone e tomei nota de um endereço, combinando uma visita a ser feita mais tarde. Voltei ao vidente, que estava trêmulo, em sobressalto.

Ficou sabendo, assim, que eu era médico e logo acreditou que se tratasse de uma cilada para prendê-lo, pois, naquele momento, a Saúde Pública desenvolvia grande campanha de repressão ao charlatanismo. Já por essa razão não tinha sido fácil fazê-lo vir à minha residência, sendo necessária a intervenção de pessoas da sua confiança. Expliquei-lhe que não estava correndo perigo algum, que eu era apenas um médico prático, interessado vivamente pelo problema da vidência, desejando investigá-lo objetivamente. Criou alma nova e começou a exaltar a sua capacidade para fazer diagnósticos e executar tratamentos. Afirmou que, realmente, conseguia descobrir doenças servindo-se apenas do nome ou mesmo unicamente do endereço do enfermo. Era vidente à distância, sendo justamente nesse campo que asseverava possuir maior força e poder. A situação não podia ser melhor para mim, cujo maior interesse era exatamente pôr-me ao corrente de uma tal possibilidade. Pedi-lhe informações sobre uma doente, solicitando-me ele apenas seu endereço, que considerava suficiente, pois, pela vidência, conseguiria transportar-se para junto dela. Dei-lhe o endereço que, naquela época, quase há 20 anos, era o número 22 da rua Paisandu. Quis saber se era homem ou mulher, se a casa era térrea ou de sobrado, mas nada pude informar, pois se tratava do chamado que acabara de receber e a que somente depois iria atender. Ele lançou mão do copo misterioso, ergueu-o no ar, olhou em semi-transe para o seu conteúdo e, então, viu que na casa habitavam muitas pessoas, não havendo nenhuma gravemente doente, de cama. Assinalou a presença de duas senhoras de meia idade, cheias de corpo, uma das quais respirando mal, tendo os pés e as mãos frias, gases intestinais, tonteiras, aflições no coração, e acrescentou que todas essas perturbações provinham dos ovários. Depois, descreveu um velho algo adoentado e uma criança de 14 anos, que podia ser causa do chamado médico. Como se vê, tudo muito vago, por assim dizer, ao acaso, às apalpadelas, desnorteadamente, porque faltavam aqueles elementos de informação habitualmente dados pelos consulentes e que eu próprio não podia fornecer. As condições da experiência eram realmente

magníficas, muito apropriadas para se julgar a capacidade de vidência do meu interlocutor. O que acaba de ser relatado já é talvez suficiente para mostrar quanto devia haver de falho e superficial nessa tentativa de visão telepática e a pequena probabilidade de ser ela confirmada. Mas, o resultado final foi ainda pior do que era de se esperar: na residência em questão não encontrei nenhuma das pessoas que o vidente havia descrito, apesar dos tipos em questão serem encontrados em quase todas as famílias! O doente era um rapaz de 30 anos, apresentando múltiplas perturbações nervosas, que o impediam de sair de casa. Ele não apareceu no quadro descrito pelo vidente, o que não é de admirar, uma vez que só me reconheceu como médico depois de ouvir a chamada telefônica!

A observação que acabo de descrever é característica e impressiona pela sua horrorosa vulgaridade. Apesar disso, casos dessa natureza verificam-se com grande frequência entre nós, e mesmo no estrangeiro. O ser humano é tão ávido do desconhecido que facilmente se deixa enganar pelas mais grosseiras simulações. Dissemos que, algumas vezes, tudo é executado com boa intenção, honestamente, estando os próprios participantes longe de suspeitar quanto estão sendo vítimas de erros e ilusões. Em outros casos, o charlatanismo é evidente e até indecoroso, sendo quase sempre disfarçado por meio de ritos ocultistas e encenações misteriosas. Quando são receitados remédios, quer por videntes, quer por ofertas de jornais, torna-se fácil verificar que, na maioria dos casos, o lucro é obtido quando o freguês avia a sua pobre receita. Mas, é preciso pôr em evidência que, dessas práticas cabalísticas, podem resultar malefícios para a população, não somente pelo prejuízo era dinheiro, como também pelas conseqüências que podem acarretar à saúde física, à situação financeira, à vida econômica e social, os sentimentos afetivos, à consciência moral do consulente. Não é por outra razão que nos países civilizados tem sido prevista a questão nos códigos, havendo penalidades para todos os abusos e delitos dessa natureza. No Código Penal Brasileiro, promulgado em outubro de 1890, a questão é regulada pelo artigo 157, que diz: “Praticar o espiritismo, a magia e os seus sortilégios, usar talismã e cartomancia, para despertar sentimentos de ódio, ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: prisão celular por seis meses e multa de 100 a 500\$000”. E, no parágrafo segundo do mesmo artigo, estabelece: “Em

igual pena e mais na privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos ou assumir a responsabilidade deles”.

O combate a tais práticas necessita ser feito, principalmente, por meio de esclarecimentos junto ao público, embora seja isso recurso bem fraco diante das manobras realizadas pelos interessados e que se baseiam, sobretudo no poder sugestivo das crenças e superstições. É muito comum o homem de negócios, o político, a dona de casa, o jovem namorado, o pequeno funcionário ou o simples trabalhador deixarem-se guiar por informações de videntes, quiromantes, adivinhos, que os exploram dando-lhes conselhos tolos, falsos, perigosos, baseados em vagas suposições. Fazem diagnósticos e receitam remédios, dizem se tal casamento convém ou deve ser desfeito, se determinado negócio é favorável, se os maridos ou os amantes são fiéis, se a felicidade vai ser ou não alcançada e, assim, em relação a mil outras eventualidades, para cuja solução podem existir inúmeras e até invencíveis dificuldades, mas que, de repente, são resolvidas pela intervenção dessas pseudo-forças ocultas, não raro para infelicidade ou desespero das pobres vítimas. A esse respeito, lembro um caso que tive ocasião de acompanhar e no qual se tratava de descobrir o autor de um furto executado em casa de pessoa conhecida. Havia desaparecido uma elevada soma de dinheiro dos aposentos da senhora, que suspeitou da arrumadeira. O adivinho foi consultado e deu todos os sinais físicos desta empregada, que era estrangeira e tinha sobancelhas cerradas. Não restou mais qualquer dúvida sobre o delito, que suscitou sérias complicações, pois o ladrão havia sido outro, sendo inocente a arrumadeira. Apesar disso, o adivinho garantiu a sua culpabilidade, disse que o dinheiro estava ainda escondido na própria casa e que ele, pela sua força mediúnica, iria obrigá-la a repor a quantia roubada. Tudo correu diferentemente da previsão, que, certamente, foi baseada na suposição da patroa, transmitida ao adivinho de maneira tão imperceptível, que acreditou fosse ele quem lhe estivesse revelando a verdade. Munido de informações desse gênero, que não raro levam a convicções inabaláveis, passa o indivíduo a agir diferentemente, por vezes em desacordo com o desenrolar natural da sua vida e de seus interesses mais diretos. Constitui isso uma tremenda fonte de perigos e infelicidades, como iremos ilustrar com uma série de exemplos. Hellwig, que estudou a questão na Alemanha, debaixo do ponto de vista penal, cita

casos impressionantes, entre os quais, o de uma moça que se matou porque o cartomante lhe anunciou que morreria infalivelmente por ocasião do primeiro parto. Num outro caso, uma artista matou-se aos 23 anos de idade, porque lhe foi predito que seria esse o seu fim. Muito comuns são explorações em torno de negócios, que podem exigir somas elevadas, sobretudo para a execução de “serviços”, como é freqüente entre nós no campo da macumba, tão procurada mesmo por pessoas das melhores classes sociais. A magia, a bruxaria, sortilégios, superstições, exercício ilegal da Medicina, têm dado lugar a toda sorte de processos judiciais, sobretudo em tempos passados, mormente pelos fins do século XIX. Assassínios, envenenamentos, chantagens e explorações de todo o gênero constituíram objeto desses processos, às vezes instaurados diretamente contra mágicos e feiticeiros, cujos sortilégios eram considerados responsáveis pelos malefícios verificados. Não é sem razão que, nos países civilizados, o exercício de qualquer forma de ocultismo se tornou objeto de repressão por parte do Código Penal, inclusive anúncios em jornais e outros recursos de propaganda, mesmo quando disfarçados sob modalidades aparentemente inócuas.

Nesse sentido, recebemos grande correspondência por ocasião da publicação da primeira edição deste livro, muita da qual relatando prejuízos ocasionados por práticas ocultistas. Não queremos reproduzir senão parte de uma carta do senhor Antonio R. Nunes, da cidade de Santos, que nos parece digna da maior divulgação. Depois de dizer que o livro é de grande utilidade e que milhares de pessoas deveriam lê-lo para colher os benefícios que pode fornecer, acrescenta: “Quero me referir a essa multidão, que pretende obter a felicidade, a saúde e resolver todas as dificuldades, apelando para cartomantes, adivinhas, etc. etc. Anteriormente, eu supunha que somente freqüentavam esses oráculos pessoas tolas ou rústicas, até que, ocasionalmente, veio residir, nas proximidades de minha casa, um indivíduo de nacionalidade lituânia, que se ocupava exclusivamente de cartomancia. Desejo acrescentar que resido próximo da Av. Ana Costa, uma das principais vias de Santos. O nosso homem adquiriu uma pequena casa, em trecho da rua ainda não calçada, distante uns 60 metros de minha residência. Posso lhe asseverar que a influência de pessoas que o iam consultar era muito grande e prolongava-se das 6 da manhã às 24 horas. Como santista que sou, sei distinguir as famílias desta terra e tive oportunidade de reconhecer muita gente importante, ingressando na casa do adivinho. De carros de

luxo, ali apeavam consulentes ricos. Em dias de chuva, vi pessoas da alta sociedade descalçarem os sapatos para transportarem o lamaçal que se formava no local. De certa feita, por engano, veio bater-me à porta um alto funcionário da polícia, pessoa minha conhecida. Indiquei-lhe a casa e fiquei presumindo que o homem ia ser intimado. Na volta, achando-me no terraço, dirigiu-se a mim: — é um colosso o seu vizinho! até me forneceu uma tabela para ganhar no bicho. .. Interpelei-o, se a polícia não proibía essas coisas, respondendo-me que o homem tinha alta proteção!. . . Felizmente, para sossego da minha pacata rua, o lituânio permaneceu por aqui pouco tempo, vendendo a casa e adquirindo outra, nas proximidades da praia”. Depois, prossegue, relatando uma conversa que tivera com um adepto do espiritismo e refere o seguinte caso, que reproduzo textualmente: — “Quando fiquei noivo da minha esposa atual, freqüentava eu a casa de sua irmã, responsável por ela, porque os seus pais residiam na Espanha. Essa senhora, que pouco tempo depois se tornou minha cunhada, era casada com um seu compatriota, homem simples, mas de grande vigor físico. Trabalhava, na época, como ‘Capitão’ na Cia Aliança de Armazéns Gerais. Este meu concunhado ganhava, naquela época, 1922, cerca de dois contos por quinzena. Avalie que lar farto, sendo ele um operário! Cito até, como exemplo, que adquiria ele semanalmente 1 presunto “Eduardo VII” e, periodicamente, um quinto de vinho estrangeiro e caixas de cerveja Guinness. O casal vivia em harmonia e tinha 3 filhos homens, o mais velho com 6 anos e o caçula, no colo. Minha cunhada era robusta, cheia de saúde, mãe extremosa, dona de casa exemplar. Todos os anos mandava auxílio financeiro para os pais, na Espanha. O marido era muito supersticioso e, embora não freqüentasse espiritismo, lia livros do “Centro Esotérico Comunhão do Pensamento”, de São Paulo. Certo dia, manifestou à esposa o desejo de que freqüentasse ela um Centro Espírita, para saber se possuía qualidades mediúnicas, pois ficaria orgulhoso, caso sua esposa fosse médium. Indicou-lhe um Centro que funcionava na subida do “Morro do Fontana”, não muito distante da sua residência. Ele próprio ficaria em casa, olhando as crianças. Na quarta ou quinta semana que freqüentava tal sessão, voltou ela de lá às 23 horas, fazendo gestos anormais. Veio acompanhada de outra mulher da vizinhança. — Eu assisti a este fato. Esta, interpelada por meu concunhado, informou que o médium principal havia sugerido à D. Carmen, se desejava saber algum

assunto importante, pois, fortuitamente, estava presente à sessão o “espírito” do guia protetor, São Gabriel. D. Carmen respondeu que estimaria saber notícias de seus pais, se estariam de saúde, porque não recebia notícias há cerca de 3 meses. Que, momentos depois, informou o médium à D. Carmen que seus pais haviam falecido, em consequência de desastre. Ato contínuo, o médium, que residia na própria casa onde se realizava a sessão, mandou buscar uma gravata preta e a colocou em presença dos assistentes. Essa farsa criminosa causou a destruição de um lar feliz. D. Carmen, naquela noite, não dormiu. Inexoravelmente, de pé, com o olhar inexpressivo para o teto, repetia sempre o mesmo gesto: acenava com as mãos, como quem chama alguém. Na manhã seguinte, corri ao “Cabo Submarino” e passei um cabograma para Laza, na Espanha, com resposta paga, pedindo notícias da família. À noite, pelas 21 horas, chegou a resposta: — A família estava bem de saúde. Nenhuma ocorrência desagradável. O atraso da correspondência era motivado por muita ocupação da família, por ser época das colheitas. Esse telegrama nada adiantou. Lembramo-nos que talvez, por sugestão, voltasse ela à razão. O meu concunhado fez com que o médium promovesse uma sessão extraordinária, o que foi feito, naquela noite. O médium leu o telegrama e usou de outros recursos, mas tudo sem resultado. Médicos competentes foram chamados, inclusive o Dr. Constâncio Martins Sampaio, médico desta Estrada, já falecido e que era meu amigo. Tentou-se o tratamento. Nada se conseguiu. Alimentava-se à força. Não conhecia ninguém, nem os filhos. Decorrido um mês, ficou furiosa, rasgava a roupa e fugia despida para a rua. A conselho dos médicos, levamos a doente para a “Casa de Saúde Dr. Homem de Mello”, em São Paulo, ali permanecendo uns 4 meses, sem obter melhoras. De lá, meu concunhado transferiu-a para o Hospital do Juqueri, onde faleceu pouco tempo depois. Quero acrescentar, que minha cunhada não era analfabeta e que antes destes acontecimentos, nunca tratou de espiritismo”. Em complemento a esse caso, cita ainda, na mesma carta, um outro de data recente, o de uma jovem senhora internada em um Sanatório de São Paulo, por haver apresentado manifestações de alienação mental após se entregar a práticas de espiritismo. Aliás, a questão da loucura relacionada com o espiritismo já tem sido bastante estudada, devendo nós ainda a ela voltar em lugar apropriado deste livro.

O que acontece habitualmente, quando o cliente vai ao adivinho, é de fazê-lo em estado especial de espírito, disposto a acreditar nas revelações que lhe vão ser apresentadas. Não é raro que o ambiente da consulta já atue sugestivamente, vencendo a resistência de céticos e incrédulos. É comum haver, no apartamento do adivinho, objetos estranhos e impressionantes, ossos e caveiras, punhais, corujas, gatos, cobras e outros bichos empalhados, sempre de olhos brilhantes. Pela experiência, o mago vai adquirindo extraordinária virtuosidade em tatear o cliente, percebendo do que se trata, pondo-se sorrateiramente ao corrente do que é seu desejo saber e deve constituir objeto das suas revelações.

Na tarefa dos adivinhos, o fator essencial é a perspicácia, a habilidade em saber perguntar, em conseguir orientação quanto aos problemas que interessam ao consulente e que, em geral, são referentes ao sexo, dinheiro ou situação. Depois, fornecendo dados de significação geral, fazendo conjecturas, excitando a vaidade e o amor-próprio do cliente, não é difícil obter os resultados desejados que, no final, parecem surpreendentes à pobre vítima. É dessa maneira que o adivinho consegue desenvolver as suas predições, de acordo com as reações que lhe fornece o consulente, chegando a dizer-lhe coisas espantosas, sobretudo em relação ao passado e ao presente, não raro capazes de abalar o ceticismo, mesmo de indivíduos incrédulos ou prevenidos. Muito freqüente é haver cúmplices na sala de espera dos adivinhos mais procurados, disfarçados em clientes para entabolar conversa, ou escondidos atrás da porta para ouvir o que dizem, verificar iniciais nos chapéus, revolver bolsos de capas e sobretudos, a fim de obter o material necessário às revelações. Para o vidente é, naturalmente, de fundamental importância saber se se trata de pessoa feliz ou infeliz, crente ou descrente, se vem por questões amorosas ou financeiras, podendo qualquer desses dados orientar a marcha dos seus vaticínios. De grande significação é a loquacidade do taumaturgo, a sua capacidade para exprimir-se, para formar frases vagas, imprecisas, de duplo sentido, que o consulente interpretará à sua maneira. Receber carta tratando de assunto de interesse, sofrer certas contrariedades, estar a espera de notícias favoráveis ou desfavoráveis, ter em breve aborrecimentos ou boas novas são da vida de todo o mundo, que não podem deixar de acontecer de um momento para outro. Possuir inimigo que nos procura prejudicar ou considerar como amigo alguém que não o é, também dá sempre certo, na exis-

tência de qualquer mortal. O mesmo acontece com uma tal senhora loura ou morena, com um senhor de meia idade, que é bom amigo ou protetor, com o presente que se recebeu ou se vai receber, com a doença de um parente ou amigo, etc. No final, o consulente acaba por guardar somente o que lhe interessa ou está certo, esquecendo o falho e o que não se realiza. Depois, recordar-se-á unicamente do que for sucedendo de acordo com a previsão, que será, ainda, sempre adaptada às circunstâncias. Tal é a mentalidade do ser humano, tão tendenciosa que pode levar o próprio adivinho a acreditar ser capaz de desvendar mistérios e penetrar o desconhecido. O que sempre é característico nos vaticinadores é a segurança com que fazem as suas predições, a confiança que conseguem inculcar com as suas afirmativas, que parecem baseadas em poderes sobrenaturais, quando não em pretensas observações científicas. Também, quando erram, ou são apanhados em flagrante de contradição, consiste a sua técnica em não recuar, mas sim prosseguir afirmando, deixando à vítima o trabalho de encontrar o acontecimento referido, que nunca pode deixar de estar certo. Nessas condições, é comum o consulente encontrar depois qualquer coisa que corresponda à situação referida, seja um simples distúrbio de saúde, que passa a representar o papel de uma doença, caso seja necessário integrá-la em qualquer adivinhação do passado, do presente ou do futuro. A tendência para acreditar no sobrenatural é, aliás, muito geral, como é fácil verificar em relação a credices, presságios, números e dias aziagos e várias outras superstições. Além disso, é preciso considerar que o desejo, a crença e a esperança agem como forças poderosas, capazes de abafar ou até vencer os melhores argumentos da razão. O estado de tensão emotiva do consulente pode explicar muito da sua atitude, não raro em contradição com o seu grau de cultura e inteligência. Em vez de procurar razões concretas e objetivas para decidir e agir, vai prescrutar o desconhecido, interrogar astros, cartas, a palma da mão, no secreto desejo de descobrir soluções diferentes ou encontrar novas esperanças. Isso acontece quando ele não se sente bastante seguro diante da realidade, não descobre o caminho que convém ou não consegue resolver os seus problemas. Nessas emergências é compreensível que procure apelar para os desígnios da sorte ou do desuno desconhecido, quer esperando auxílio, quer tentando fugir de responsabilidades. Também, por isso, acredita facilmente

no que está de acordo com os seus planos e desejos, desprezando o que não lhe convém ou contraria os seus interesses. O principal, porém, é que as indicações são sempre vagas, imprecisas, dando lugar a variadas interpretações. Isso facilita imensamente a tarefa do adivinho, que encontra em seu cliente o melhor dos colaboradores. A maioria das consultas é realizada somente quando há algo de importante na vida do consulente, quer problemas econômicos, tais como mudança de emprego, dificuldades em negócios, novos planos profissionais, quer questões de amor, casamento, ligações, separações, etc. O momento, em geral, é considerado difícil podendo um conselho cabalístico justificar uma ação diferente ou diminuir a carga das responsabilidades.

Ninguém vai consultar taumaturgos para saber o cavalo que ganhará na próxima corrida ou o número que será premiado na loteria, mesmo porque não se ocupam eles de tais realidades. Já se tem perguntado, com toda a razão, porque, possuindo poder para desvendar o futuro, não se servem dele para ganhar no jogo ou resolver as suas próprias dificuldades. Haverá algum adivinho que guie a sua vida e os seus negócios pelas previsões que ele próprio pode estabelecer, ou por aquelas fornecidas por um colega de profissão? Nisto somente poderá acreditar quem nunca tenha tido qualquer relação com pessoas dessa categoria. É preciso dar a razão do porque? O argumento é realmente muito sério e devia estar presente no espírito de todos que procuram auxílio servindo-se de recursos tão maravilhosos.

Mostramos que, em certos casos, podem as previsões tomar tal rumo que acabam por acarretar graves malefícios, sobretudo quando o cliente procura seguir as opiniões ou os conselhos dados pelo hierofante. O pior, porém, na questão, é que o nível moral e intelectual dos adivinhos não é bastante elevado para que se dêem conta da situação e saibam que, de uma simples sugestão, pode depender a felicidade e a própria vida de um ser humano. São, por vezes, tão ignorantes, que chegam a anunciar o tempo que o indivíduo tem ainda para viver, se vai morrer de doença ou de acidente, ser feliz ou infeliz no casamento, etc. As previsões desse gênero podem ter consequências desastrosas, como já mostramos e nós próprios o temos verificados em diversos casos. Aliás, isso é fácil de ser observado por qualquer médico, desde que na sua clientela se dê ao trabalho de fazer investigações nesse sentido. Até con-

selhos para não consultar médicos e abandonar tratamentos são dados por esses pobres irresponsáveis, como sei por informações fornecidas diretamente por alguns dos meus clientes.

O que acontece ainda, em todos os processos de vidência, é que a parte interessada se deixa impressionar preferencialmente pelos dados certos e de valor, deixando de lado os que julga errôneos ou inaproveitáveis. Nessas condições, é natural que, no final das contas, tudo pareça justificado, quer no presente, quer no passado, ou mesmo no futuro. Não é preciso possuir espírito particularmente céptico e perspicaz para descobrir essa grave fonte de erros que escapa à maioria dos indivíduos, principalmente àqueles dados a esse gênero de atividades e dotados de temperamento fantasista, mais propenso ao maravilhoso e ao sobrenatural. Não é por outra razão que as investigações dessa natureza, quando feitas com fins de estudo e verificação, devem ser tomadas por escrito, à medida que vai sendo realizada a experiência. É o único modo de permanecer dentro da realidade, obtendo-se dados positivos e negativos, que podem ser julgados comparativamente.

Falando do auxílio que o experimentador pode fornecer ao vidente em casos de lucidez, diz Richet textualmente: “É necessário ficar absolutamente impassível. Não é senão com grande esforço que se consegue chegar ao mutismo absoluto, à imobilidade absoluta, pois somos levados a reforçar os bons resultados e a corrigir os maus. Cala-se em silêncio desaprovador quando a pessoa está em mau caminho e encoraja-se a prosseguir quando se encontra ela em bom caminho. Eu falo por experiência. Não é senão depois de longas tentativas que se consegue chegar, talvez ainda imperfeitamente, a essa impassibilidade glacial. E acredito que pessoas menos experimentadas que eu não poderiam manter sempre essa atitude silenciosa e imparcial”. E, nesse ponto concorda com A. Hill: “Tudo depende do rigor da experimentação. Se o experimentador fica completamente mudo, sem dar o menor sinal de aprovação ou negação; se se conserva completamente impassível e toma notas completas de tudo o que é dito, então, a experiência é válida. Aliás, tanto a impassibilidade quanto o registro completo e rigoroso de todas as palavras do médium são realmente muito difíceis”.

Quando a verificação é executada pelo processo indicado, não é raro perceber o próprio adepto da vidência quanto há, em suas conclusões, de pouco fundamento, podendo estabe-

lecer, por comparação, o que está certo e errado. É muito freqüente, depois de uma sessão, sair o consulente convicto de que o vidente previu tudo com admirável precisão, não cometendo erro algum. O que acontece, porém, na realidade é ele não perceber ou logo se esquecer do que não estava de acordo com as suas idéias e expectativas. Temos verificado tal fato inúmeras vezes e acreditamos ser ele a causa principal dos sucessos dos videntes, assim como da confiança que cerca suas previsões. Por isso, quanto mais atrasado o lugar em que vivem ou a classe social com que trabalham, tanto maior o êxito das suas manobras, que conservam, também, aspecto mais grosseiro e impressionante. Não é por outro motivo que, entre nós, a macumba, o candomblé e as chamadas práticas do baixo espiritismo têm grande aceitação, dando lugar a verdadeiros crimes passíveis das sanções do Código Penal. No estrangeiro, as coisas são pouco diferentes, pois visam fins semelhantes e estão baseadas em idênticas suposições. Tivemos ocasião de examinar diversos casos dessa natureza na Europa, dos quais traçamos protocolos rigorosos durante as próprias sessões, segundo combinação expressa com os videntes consultados. Em Paris, conseguimos orientar-nos por informações do Instituto Metapsíquico, então sob a direção do Dr. Eugene Osty, um dos maiores investigadores dos problemas em questão. O Instituto, magnificamente situado à Avenida Niel, 89, é uma organização considerada de utilidade pública pelo governo francês e mantida por subvenções de particulares. Naquela época, em 1929, faziam parte da sua direção homens de grande responsabilidade, tais como Charles Richet, Oliver Lodge, J. Maxwell, Ernest Bozzano, Hans Driesch, Leclairche, Cuneo, Jean Charles Roux e outros, na sua maioria membros do Instituto de França e da Universidade de Paris, ou de associações equivalentes, no estrangeiro.

Expusemos ao Dr. Osty a intenção que tínhamos de investigar experimentalmente alguns videntes célebres de Paris, sobretudo aqueles que o Instituto nos pudesse recomendar. O Dr. Osty forneceu-nos uma lista de nomes, alguns dos quais verdadeiramente célebres nos anais da Metapsíquica. Entre eles, figurava Mamade Fraya, sobre quem existe grande cópia de publicações, baseadas em observações consideradas experimentais. Fui vê-la em sua residência, à rua d'Edimbourg, 11 — bis, em 30 de dezembro de 1929, às 6½ da tarde. Morava no andar térreo de um grande edifício e fui introduzido no salão de espera, confortavelmente mobiliado, onde havia, além

de outras coisas, uma vitrina com porcelanas antigas, e, sobre uma mesa, diversas revistas de Metapsíquica. Ouço latidos de cão, vindos do interior da casa, provavelmente de mais de um. Entro em conversação com uma americana do norte, que também esperava para consultar a vidente. Pergunta-me se acredito e se a vidente é realmente extraordinária. Respondo-lhe com evasivas e indago da sua própria opinião. Passa-me pela cabeça que talvez fosse parceira da taumaturga, colhendo informações na sala de espera. Mas, possivelmente, não era. Disse-me que não acreditava em tais coisas e que vinha à consulta por simples curiosidade, como se vai ao cinema e ao teatro: apenas para ver. Já tinha consultado três videntes célebres na Europa, mas nada havia ainda acontecido do que lhe tinham vaticinado. Surpreendia-se, porém, de uma coisa, que classificava de muito esquisita: de as três videntes lhe terem dito as mesmas coisas, predito os mesmos acontecimentos. Mas, não acreditava, e, por isso, queria fazer mais uma experiência. Pouco depois, foi chamada para a consulta e não a vi mais. Chegou, afinal, a minha vez de ser levado junto à pitonisa. Era uma senhora distinta, dos seus 50 anos, média de corpo, muito simpática, fina, viva, inteligente. Não apresentava nada de extravagante ou misterioso. Digo-lhe que venho por indicação do Dr. Osty e peço-lhe que seja espontânea e sincera, que não refira senão aquilo que sente com intensidade, que não deve forçar a sua vidência. De acordo com as suas preferências, trago-lhe correspondência escrita e retratos, podendo trabalhar como preferir, como julgar melhor. Principia pelas cartas, que coloco sobre a mesa, deixando-a escolhê-las à vontade. São apenas três missivas, duas das quais escritas por mim próprio. Uma pela manhã daquele mesmo dia, às pressas, tendo quase o almoço sobre a mesa e destinada a um amigo brasileiro, que se encontrava em Paris. A outra, também escrita por mim, havia sido redigida em 1908, quando cursava o primeiro ano de Medicina, no Rio. Não lhe disse que se tratava de letra do meu próprio punho, pedindo apenas que me fornecesse dados sobre os autores das cartas. Do meu lado, acreditei que a experiência pudesse ter grande valor científico, pois havia 21 anos de intervalo entre as duas cartas, durante os quais o autor passara da mocidade à idade madura, tendo vida extremamente ativa e cheia de acontecimentos significativos, que deveriam ser previstos em relação à primeira carta ou reconstituídos em relação à segunda. Se era pela caligrafia que a vidente se orientava, não há dúvida que, no pri-

meio documento, isto é, na carta escrita em 1908, devia haver informações sobre a existência que iria ser vivida posteriormente e sobre a qual havia agora 21 anos de observações. E não foram 21 anos vazios, monótonos, indiferentes, que devessem escapar à perspicácia da vidente. Pelo contrário: muita coisa inesperada e de suma importância, dentro da vida de qualquer ser humano. Basta dizer que, logo depois de escrita a carta, fora de qualquer previsão, mesmo contra todas as probabilidades, partia eu para a Europa, onde iria passar 10 anos consecutivos, formando-me pela Universidade de Berlim, publicando trabalhos científicos, sendo torpedeado à noite e em alto mar, por ocasião da minha primeira volta ao Brasil, na guerra de 1914. Nessa ocasião, perdi toda a bagagem, incluir biblioteca, material de pesquisa e laboratório, milhares de preparados microscópicos, trabalhos não publicados, manuscritos, etc. Depois disso, permaneci mais de dois anos na Suíça, clinicando, tratando de doentes e, finalmente, regressei ao Brasil, fiz concurso para professor da Faculdade de Medicina, e, desde logo, consegui grande clientela. Todos esses acontecimentos são, certamente, muito significativos dentro da vida de qualquer indivíduo, e não deveriam passar despercebidos aos dons de vidência de qualquer adivinho, sobretudo aos de tão célebre pitonisa. Infelizmente, nada disso aconteceu. As cartas não forneceram material senão para generalizações vagas e imprecisas, que se prestariam a variadas interpretações. Madame Fraya examinou as duas cartas atentamente, servindo-se até de uma lente, mas não descobriu que haviam sido escritas por uma só e mesma pessoa e que se encontrava diante dela, consultando-a! Baseada na carta escrita naquela manhã, disse que se tratava de pessoa de grande cultura intelectual, tendo crítica rápida, penetrante, muito objetiva; que trabalhava em excesso, tendo muito interesse pela sua atividade e sendo sincera ao extremo; que possuía grande bom senso, vontade poderosa, visão clara das coisas e excelente coração; caráter perfeito, sendo a família digna e de excelentes princípios. Tinha maior interesse espiritual do que material, era amigo sincero e dedicado e a sua vida tinha sido coroada de sucessos, que ainda iriam aumentar. Acrescentou que teria lutas políticas e sociais, que formaria partidos, alcançando nome de grande repercussão. E terminou assegurando-me que teria eu ainda 10 a 15 anos de atividade e que me via ameaçado de morte repentina ou violenta. Disse-me, também, que era casado e pai de 2 filhos.

Uma pessoa das minhas íntimas relações achou a descrição da minha personalidade surpreendentemente acertada, correspondendo exatamente ao que ela própria pensava, conhecendo-me havia muitos anos. Estou longe de compartilhar tal opinião e de acreditar na realidade do julgamento! Acho os dados excessivamente gerais, aplicáveis a indivíduos muito diferentes. É esse, talvez, o ponto capital da questão e que precisa ser devidamente estudado. Qualquer indivíduo mediano, quer pelo caráter, quer pela inteligência e a cultura, julgar-se-ia bem retratado nas linhas acima, que correspondem a pretensões humanas muito vulgares. Certa vez, conheci um senhor estrangeiro, de idade, que me trouxe um documento grafológico sobre a sua personalidade, vindo da Holanda e realizado por um célebre taumaturgo, portador de uma bela barba, que aparece e anúncios de jornais do mundo inteiro. O meu cliente estava glorioso e estupefato do poder de vidência do adivinho. As expressões eram muito semelhantes às que Madame Fraya empregara para me caracterizar. O homem também era extraordinário pela inteligência e a cultura intelectual; trabalhava em excesso e com grande interesse pela sua atividade; possuía uma visão clara das coisas, um excelente coração, um magnífico caráter. Era, ao mesmo tempo, otimista e altruísta e a sua vida havia sido de grandes sucessos, que ainda iam aumentar. Eu já duvidava das qualidades que Madame Fraya me havia atribuído, mas, desta vez, caí das nuvens, perdendo o resto das minhas ilusões. O meu homenzinho, que eu conhecia há mais de 20 anos e estava na casa dos 80, era um indivíduo horripilante, dos piores que me tem sido dado conhecer: comerciante da classe média, econômico, mesquinho, burríssimo, de mau caráter. Posso afirmar que era exatamente o contrário do que o taumaturgo havia descrito. Estava, porém, tão contente e convicto que me trouxe o documento para demonstrar quanto era perspicaz o vidente e extraordinárias as suas próprias qualidades pessoais. Eu concordei naturalmente com o taumaturgo e fiquei envergonhado das qualidades que Madame Fraya tão bondosamente me havia atribuído. Foi uma excelente lição que, espero, será também aproveitada por alguns dos meus leitores. Convenhamos que o ser humano, na realidade, é freqüentemente um animal por demais estúpido e pretensioso. Se os videntes não sabem disso, então é porque são menos espertos do que eles próprios acreditam. De qualquer modo, as revelações obtidas na consulta à Madame Fraya não passaram de generalidades muito vagas e de aplicação

muito comum. Ela nada disse sobre os acontecimentos mais importantes da minha vida, e, pela marcha das suas explicações, é fácil adivinhar que me tomou por um sul-americano, que abundavam em Paris, não raro consultando videntes e cartomantes, e que, na sua pátria, como chefes de partido, viviam empenhados em lutas políticas, sempre cheios de sucessos, verdadeiros grandes homens das situações. Para qualquer deles a descrição dada por Madame Fraya seria considerada de absoluta exatidão, talvez aquém da portentosa realidade. Fiquei triste de ter sido por ela considerado pai de dois, filhos, falha que julgo a maior da minha existência, pois não me libertei desse desejo nem mesmo depois de ter entrado na velhice. Em relação à primeira carta, escrita 21 anos antes da que acaba de ser referida, foram as interpretações de natureza idêntica, pecando pela sua excessiva generalização. Fraya começou por afirmar que se tratava de um homem completamente diferente do primeiro, mas, depois, atribuiu-lhe qualidades muito semelhantes às já mencionadas. Foi quase uma repetição integral do que havia dito no primeiro caso: espírito profundo, desinteressado, imenso amor pelo trabalho, caráter perfeito, vida de sucesso e muitas outras coisas, lembrando as conjecturas do taumaturgo holandês em relação ao meu horrendo comerciante.

A terceira carta que lhe apresentei foi a de uma parente, que ela interpretou como sendo de homem, acrescentando que é inteligente, artista, extremamente nervoso e inquieto, “como champanha que ferve”, além de outras banalidades, que poderiam valer para inúmeras outras pessoas, mas não se adaptavam ao caso em questão.

Por fim, tomou-me a mão, examinando-a com uma lente, disse-me ter eu 32 anos de idade, quando naquela época, já havia atingido 43. Admirou-se do erro, que podia ser uma simples amabilidade, embora acrescentasse que eu era casado e tinha dois filhos, um dos quais era uma adorável menina. Essa insistência nos dois filhos deve provir de um hábito muito comum na França, onde o filho único ou o casal são característicos da maioria das famílias bem situadas, visando a conservação da fortuna e a perpetuação do nome. Nesse sentido Madame Fraya deve ter errado muito com os brasileiros e sul-americanos, ainda naquela época excelentes procriadores, dadas as condições fáceis de vida existentes nos nossos países. Em tudo caso, admirou-se de não possuir eu esses dois filhos habi-

tuais e vaticinou que certamente ainda os teria. Já se passaram 30 longos anos e eles ainda não vieram. A velhice avançou a passos largos e a esperança se esvaiu. Também espero que a minha morte não seja violenta, apesar da frequência cada vez maior de desastres de automóvel e avião. Se não vierem os filhos e se morrer violentamente, recuso que interpretem essa morte como estando de acordo com a profecia da célebre vidente parisiense. Na carta da mocidade ela afirmava que morreria velho, o que também repetiu quando leu a minha mão. Parece que isso está certo e em vias de realização. Aliás, não ando com pressa e tenho ainda muita coisa por fazer. Na segunda carta e na leitura da mão, afirmou Fraya que tenho o sistema nervoso e o intestino fracos, o que não está certo, nem quanto ao sistema nervoso, nem quanto ao intestino. Os meus pontos fracos são a visão e o estômago. Terminamos a consulta como bons amigos, mostrando-lhe eu que havia feito três vezes seguidas a análise da minha insignificante personalidade, sendo duas pelas cartas e a última pelas linhas da mão. Ao despedir-nos perguntou-me se era verdade não possuir dois filhos. Pude garantir-lhe que sim, com consciência e sem qualquer possibilidade de erro. Elogiei o seu trabalho e prometi voltar num dos próximos dias, na parte da manhã, quando ela tinha mais tempo e se sentia mais bem disposta. E, realmente, voltei: tal era a minha ingenuidade e o desejo sincero de investigar a questão.

A segunda entrevista realizou-se em 2 de janeiro de 1930, às 11½ da manhã. Recebeu-me muito afetosamente, desejando-me felicidades pelo Ano Novo. Disse lembrar-se ainda da minha pessoa e acrescentou algumas particularidades de ordem geral: tinha grande atividade intelectual; compreendia tudo e era tão humano que deixava de ser severo para com os outros; era de família rica e a minha fortuna pessoal iria ainda aumentar, apesar de não ter preocupação de ganhar dinheiro; teria ainda 10 a 15 anos de muita atividade, devendo voltar diversas vezes a Paris, ocorrência que até agora, em meados de 1960, não aconteceu senão uma única vez. Acrescentou que eu possuía grande hereditariedade católica e chegaria a Deus pela caridade. Terminou afirmando que os intestinos e os rins fracos eram o que me tornaria artrítico, devendo, por essa razão, tomar pouco remédio a fim de não me intoxicar. Por enquanto, aos 73 anos de idade, estão os rins ainda perfeitos e, apesar de essencialmente carnívoro, ainda não notei nada do artritismo. Anunciou-me, igualmente, uma ligação

amorosa com pessoa muito fina, boa, ideal, que me dedicaria profunda paixão e com a qual me tornaria pai de um filho. Também esse vaticínio, até agora, não obteve realização. Espero que não venha junto com o artrismo ou as outras mazelas anunciadas. Também, até hoje, não voltei a Paris.

Para finalizar, submeti à sua análise algumas cartas de pessoas conhecidas, a fim de julgar melhor da qualidade dos seus vaticínios. Em primeiro lugar, uma carta e também uma fotografia de minha irmã mais velha, cuja interpretação foi enternecedora e muito real: pessoa ideal, muito fina, possuidora de perfeita consciência moral, muito digna, excelente coração. E completou dizendo que ela sofria dos ovários, sendo mãe de dois filhos. Os dados gerais apresentavam-se de novo muito vagos, servindo para grande número de pessoas, mesmo muito diferentes, como aconteceu com o comerciante há pouco referido. Na parte objetiva o fracasso foi absoluto, pois minha irmã nunca sofreu dos ovários e, se nunca concebeu, também não foi por sua culpa.

Os exemplos apresentados mostram os processos em que se devem basear as informações fornecidas pelos videntes, revelando a razão de seus fracassos e sucessos. É claro que, nos casos citados, não forneci eu próprio à pitonisa material necessário para a sua orientação, o que explica o seu insucesso, por vezes tão grande, que mesmo as generalidades ficaram em desacordo com a realidade. Numa das minhas observações, feita com Madame Fraya por meio de uma carta, tratava-se de uma pessoa de meu íntimo conhecimento e que ela descreveu como sendo um indivíduo culto, ativo, tendo vida de intenso trabalho, inquieto, gostando de fazer falar de si, embora, na verdade, fosse tudo exatamente o contrário do que ela afirmara. Uma carta de um parente foi dada como de mulher e mulher cumpridora dos deveres, cuidadosa, possuidora de excelente caráter! Tratava-se de um cunhado, que era, esse sim, pai de dois filhos, que Fraya não diagnosticou. Saí aborrecido e desiludido do consultório da vidente. É crível que se tratasse de uma das mais reputadas videntes da Europa, conhecida e acatada pelas maiores autoridades do campo da Metapsíquica? Sobre isso não pode haver a menor dúvida, apesar dos resultados terem sido deploráveis. Quero apenas acentuar que fui procurá-la com o espírito desprevenido, sem qualquer dúvida ou prevenção, na esperança de poder confirmar fatos do meu conhecimento, relatados por pessoas de conceito, não raro por cientistas de renome.

Fortunat Strowski, professor da Sorbonne e membro do Instituto de França, que esteve entre nós, é íntimo de Madame Fraya, que conhece desde a infância. É um dos seus grandes entusiastas, considerando-a a maior vidente da França e do Mundo. Em artigos publicados sobre ela, relata maravilhas das suas predições e chega a explicar a razão pela qual negou ela a possibilidade da segunda guerra mundial, que pouco tempo depois sobreveio, contrariando a sua profecia. É uma interpretação dialética, muito apropriada para mostrar quanto podem ser os fatos adaptados às necessidades das circunstâncias. É ainda Strowski que refere haver-se Fraya transformado em vidente para ganhar a vida, depois de o marido ter perdido o uso da razão. O doutor E. Osty, que me recomendou a vidente, sobre ela escreveu textualmente, no seu livro — “Lucidité et Intuition”: “Madame Fraya lê na escrita não somente a psicologia circunstanciada do autor, mas também certos acontecimentos da sua vida passada, os que o preocupam na vida atual e alguns da vida futura. Ela encontra aí os característicos das pessoas, dos lugares, das cenas e, assim, surge muitas vezes das linhas escritas, membro por membro, toda a família do autor”. Osty admite que Fraya possa conhecer a grafologia, mas que não é por meio dela que consegue orientar-se, pois julga suas revelações por demais extraordinárias. Concluiu que Fraya possui intuição psicométrica, isto é, a capacidade de orientar-se quanto a fatos e pessoas desconhecidas por meio de objetos que tiveram contato com elas, mas, sobretudo, pela presença das próprias pessoas, o que muito facilita as suas comunicações interpsíquicas. Provavelmente, por essas razões, voltei ainda à casa da vidente, apesar de as primeiras investigações terem fornecido resultados desoladores. Não devia constituir isso motivo para desistir da tarefa, julgando-a desde logo resolvida negativamente. Era preciso continuar, era preciso procurar a verdade onde ela pudesse ser encontrada. Foi baseado nessa convicção que prossegui em minhas investigações.

Para esse fim, procurei, também por indicação do Dr. Osty, Madame Detay, moradora no Boulevard Lefèvre, 15, quarto andar, em Paris. Era uma senhora de seus 35 anos, loura, alta, simpática, de aspecto muito natural, sem nada de misterioso. Concordou em que eu tomasse notas durante a sessão, até afirmando preferir esse método, capaz de evitar dúvidas e confusões. Informou-me ter estado dois dias antes no Instituto Metapsíquico executando trabalhos com o Dr. Osty, com quem realizava sessões públicas e privadas há muitos anos. Era

lúcida sobretudo para retratos e fotografias, quaisquer que fossem, mesmo já velhas, de jornais, etc. Em relação a pessoas, objetos e papéis escritos tinha dificuldades, razão pela qual preferia interpretar retratos e fotografias. Não os levava comigo no momento, mas a sessão prosseguiu, sendo por mim anotadas todas as suas minúcias. A vidente fechou os olhos, comprimiu-os com os dedos, tornou-se mais vermelha, concentrou-se, tomou-me por vezes a mão esquerda, deixando-me livre a direita, para escrever. Fez-me perguntas com freqüência: se estava no bom caminho, se o que me dizia interessava, se convinha prosseguir na mesma direção, etc. No início viu a letra O, com a qual não consegui fazer nenhuma associação. Disse-me para escrevê-la e que, depois, saberíamos o que significava. Revelou-me que eu andava em luta com problemas metapsíquicos e que havia encontrado pontos obscuros, insolúveis. Depois, viu a letra R, para a qual não encontrou explicação. Percebeu, então, uma mulher moça, muito moça, rosto regular, cheio, longo, talvez loura, nariz comprido, tendo uma fita em torno da cabeça. Não consegui identificá-la. Descreveu uma outra mulher: mais magra, menor, menos moça, com alguns raros cabelos brancos, que também não consegui reconhecer. A essa altura a vidente começou a se sentir vertiginosa, como se estivesse a grande altura e fosse ter um desmaio. Ela própria achou isso estranho e perguntou-me se a pessoa em questão sofria de vertigens. Não soube responder, pois ainda ignoro de quem se trata. Acrescentou que uma das mulheres descritas não devia gozar boa saúde e que, em breve se tornaria mais doente. Provavelmente a mais velha deveria sofrer uma operação no ventre e indagou se a pessoa sofria de dores abdominais. Também não pude responder, mas, sem qualquer motivo justificado, disse-lhe que era médico. Viu, então, uma doente que iria permanecer durante meses sob meu tratamento e que eu visitaria 2 ou 3 vezes por dia, acrescentando que sofria de algo nos pulmões, tinha alguma tosse, mau sangue nas veias das pernas, que eram brancas e tinham pouca vitalidade. Disse que a doente havia feito muitos tratamentos errados, mas que conseguiria resolver a situação, talvez dentro de um mês. Tratava-se, segundo a descrição da vidente, de uma moça morena, de olhos pretos, que não cheguei nunca a conhecer, nem me veio consultar, pois não me cansei de esperá-la, sempre muito alerta, sobretudo nos primeiros tempos. É verdade que a vidente declarou ser difícil trabalhar comigo, que sentia faltarem-lhe os contatos

necessários e, por isso, lastimava a falta de fotografias, indagava se as informações eram aproveitáveis, se estava no bom caminho, acrescentando que preferia ser guiada pelo consulente. Logo depois, mudou por completo de direção. Viu-me partir da França, talvez para um congresso, do qual voltaria muito contente. Tinha novos projetos de vida, que seriam coroados de sucesso, principalmente pelo auxílio de um indivíduo mais velho, já de cabelos brancos, chamado Paulo. Peço-lhe que me fale do meu passado, mas nada conta de certo ou razoável. Frases vazias, dúbias: que vivia numa grande cidade, que via uma casa branca, numa elevação, eu vestido de avental branco. Tudo vago, impreciso, inaproveitável. A vidente acabou por sentir o cérebro como paralisado, principalmente do lado esquerdo. Nunca havia sentido tanta dificuldade de vidência quanto comigo. Perguntou-me se tinha filhos, quantos, de que sexo. E, ela própria, respondeu-me com uma pergunta: “Um menino?” Repetiu que a vidência era muito difícil comigo, horrível. Combinamos que voltaria com fotografias. Recusou-se a receber os honorários da consulta, que não consegui pagar senão depois de grande relutância da sua parte. Sem esse gesto e a recomendação do Dr. Osty, eu a teria tomado como destituída de qualquer capacidade de vidência, como um caso extremamente banal, igual a inúmeros outros que já tivera ocasião de observar. Tive a impressão de que a consulta constituiu um verdadeiro martírio para a vidente, que se sentiu abandonada, sem qualquer auxílio para orientar as suas predições. Era isso consequência do meu temperamento, da minha introversão, da minha própria objetividade, que me levava a não fornecer elementos indicadores, tão necessários à vidência, conforme explicamos no capítulo anterior? Depois de saber que eu era médico, disse-me que devia exercer ação benéfica sobre os doentes, ação calmante, mesmo sem tocá-los, e indagou se usava passes para curá-los. Ficou faltando a prova de retratos e fotografias, que executamos dias depois. Para isso, voltei à casa de Madame Detay munido de fotografias de parentes e amigos, por meio das quais pretendia verificar o valor dos seus vaticínios. Espalhei fotografias sobre a mesa e deixei-a tocá-las, escolhendo-as a vontade. Tomou uma delas e indagou se era de uma pessoa já falecida. Não era: era de um parente ainda vivo e gozava excelente saúde. Depois de sabê-la viva, disse que tinha a seu respeito a impressão muito penosa, qualquer coisa de fatal, muito sofrimento em torno dela, um acidente de graves consequências;

via-a no volante, numa subida e, em baixo, o mar. Mas, até hoje, nada aconteceu; a pessoa continua de boa saúde, nunca sofreu qualquer acidente nem jamais se atreveu a pegar num volante. Depois, analisou diversas fotografias da minha família, predizendo muitas viagens, alguns casamentos e diversas mortes, separações, sofrimentos, bons e maus negócios, etc. Tomei nota, conscienciosamente, das informações, que foram guardadas para futuros confrontos. Agora, já se passaram cerca de 20 anos e quase nada se realizou das profecias. A vida seguiu outros rumos e muitas das previsões tornaram-se verdadeiros despropósitos. O que é necessário, realmente, é tomar por escrito os dados fornecidos pelo vidente, compará-los objetivamente entre si, e depois, com a realidade, não se deixando sugerir nem pelo que parece certo, nem esquecendo o que falhou ou ocorreu de maneira diferente. Em outros casos, os erros são desde logo evidentes, não precisando ser verificados. Quero relatar o que aconteceu com uma pequena fotografia de George Dumas ao lado de Assis Chateaubriand, tirada aqui no Rio, há mais de 20 anos. Madame Detay, vendo-a, em fins de 1929, logo disse que Dumas já havia falecido. Diante da minha negativa, acrescentou que estava então bastante doente, tinha resfriados fáceis e tossia frequentemente; o coração andava fraco e a circulação e o estado geral em péssimas condições; que não viveria mais de 2 anos. A profecia falhou porque Dumas faleceu somente 15 anos mais tarde. Quanto a Chateaubriand, ela o viu cercado de livros, disse que possuía natureza esquisita e previa grandes prejuízos em suas empresas. Dei-lhe, depois, uma carta de Martinho da Rocha, que ela tocou e apalpou, colocando-a sobre a testa. Descreveu-o como um indivíduo alegre, muito falador, dono de boa voz e gostando de cantar, e que, ao rir, mostrava muito os dentes. Tinha os cabelos castanhos e a testa descoberta. Que estava em vias de decidir um grande negócio, mas fazia mal em resolvê-lo naquela ocasião. Seria melhor esperar, não apressar, do contrário teria prejuízos e contrariedades. Se o fizesse logo seria enganado, o que lhe causaria grande surpresa. Era preciso desconfiar e andar com cautela. Perguntou-me se ele fora operado da garganta e o via ainda solteiro, apesar de, naquela época, já ter filhos bastante crescidos. Para quem conhece Martinho da Rocha, mesmo superficialmente, não há dúvida que os dados são completamente falsos, não correspondendo senão a pessoas possuidoras de qualidades quase inversas das suas.

A impressão final que tive de Madame Detay é de que devia estar habituada a resolver questões íntimas, sobretudo de negócios e de amor, dando conselhos aos consulentes de acordo com as informações que eles próprios lhe deviam fornecer imperceptivelmente, e que serviam para orientá-la. É essa a situação mais comum entre os videntes e que tem dado lugar a uma indústria muito rendosa, que pode ser explorada de diversas maneiras. Entre nós, ela prospera de modo extraordinário, sendo de fácil execução, dada a ignorância do nosso povo e a nossa tendência natural para o maravilhoso. Aliás, é incompreensível que todos nos queiramos libertar da prisão terrena, penetrar em zonas misteriosas e desconhecidas, ter relações com entes superiores, pondo-os ao nosso serviço, visando o nosso benefício e a nossa felicidade. É uma simples questão de psicologia humana, que teremos de estudar mais profundamente no decorrer do presente trabalho.

O que não deve ser esquecido é que, fora das previsões do futuro e da descoberta de dados ignorados, há toda uma série de recursos psicológicos, por meio dos quais podemos julgar os nossos semelhantes, por vezes com resultados verdadeiramente espantosos. Depende isso de uma capacidade especial de intuição, de uma verdadeira perspicácia que, em alguns indivíduos, atinge proporções excepcionais, quase inacreditáveis. E isso acontece mais comumente com mulheres e indivíduos de pouca ou nenhuma cultura, como tivemos ocasião de expor em uma das nossas publicações. Tais pessoas dão-se facilmente conta de muitos atributos dos seus semelhantes, sendo capazes de julgá-los quase repentinamente e de maneira inexcedível. E, como reconhecem qualidades de caráter, inteligência e coração com tão grande facilidade, conseguindo ainda estabelecer a situação do indivíduo pelo material que ele próprio lhes fornece, torna-se natural que se acreditem adivinhos ou explorem praticamente tais qualidades. E o fazem tão espontaneamente, quanto qualquer de nós, que por um simples golpe de vista, julgamos se o interlocutor é pessoa séria, honesta, de confiança ou, pelo contrário, destituída de tais qualidades. Tudo isso, porém, é muito natural, muito humano, não pressupondo poderes misteriosos ou sobrenaturais. Nessas condições, torna-se desde logo compreensível que indivíduos possuidores dessas qualidades poderão aproveitá-las de maneira eficaz nos chamados processos de vidência, sobretudo completando-as com os dados da observação imperceptível. E é mister considerar de antemão a existência de tais possibili-

dades e a maneira pela qual poderão ser aproveitadas. A explicação para o insucesso das nossas próprias investigações junto aos videntes deve provir do simples fato de terem ficado eles inibidos, não lhes tendo eu fornecido material para previsões e revelações. Em alguns casos, o vidente sentiu-se mal e desistiu da experiência, tendo-lhe faltado aquele suprimento que estava habituado a receber e que era indispensável à sua orientação. Mostramos que as coisas se passam de tal maneira, por vezes de modo tão imperceptível, que o vidente pode convencer-se de possuir realmente poderes maravilhosos, julgando-se guiado por forças ocultas e sobrenaturais. O que está bem estabelecido é que os chamados sujeitos lúcidos não se servem de determinados processos senão para facilitar o trabalho do subconsciente, que, assim, encontra recurso para pôr em ação o seu automatismo funcional, o seu poder intuitivo. Nessas condições, parece indiferente o processo empregado, que pode tanto ser a cartomancia, como a quiromancia, a visão no cristal, ou qualquer outro.

O Dr. Eugène Osty fez uma série de experiências com moldes de mão, executados em gesso, que foram submetidos a diversos quiromantes para interpretação. A finalidade era estabelecer o que podia ser revelado diretamente pelas linhas da mão, o que dependia do indivíduo, de informações disfarçadas e da sua presença pessoal. Os resultados foram decisivos, pois os melhores quiromantes não passaram além de banalidades e generalidades, que nada diziam sobre a vida particular do indivíduo, sobre o seu caráter, as suas tendências, afinal, as particularidades da sua existência. A experiência teve assim duplo valor demonstrativo, pois o molde de gesso tivera contato com o de cera e este com a mão quente e viva do indivíduo. Se as linhas por si nada disseram, não houve também qualquer passagem de fluidos telepáticos por intermédio dos objetos. O professor Kurt Scherr, no número 20 da *Medizinische Klinik*, de 1949, relata uma observação por ele feita, idêntica à de Osty: remeteu a um célebre quiromante de Berlim uma série de modelos de mãos de pessoas doentes, cujas moléstias haviam sido confirmadas pela autópsia. O quiromante afirmava poder estabelecer a doença existente, mas não acertou uma única vez, apesar de terem sido numerosos os casos em que teve de opinar. O professor Scherr diz, com toda a razão, que o quirólogo leva grande vantagem sobre o grafólogo, porque tem aquele diante de si a pessoa que vai examinar, o que facilita enormemente a sua orientação, mor-

mente quando os indivíduos que se deixam ler a mão são ainda muito fáceis de contentar. Em última instância, é sempre o próprio indivíduo que, tanto por via consciente quanto inconsciente, consegue orientar-se para julgar ou desvendar a vida dos seus semelhantes, variando os resultados segundo a sua capacidade de intuição e sua perspicácia. Nessas condições, torna-se necessário reconhecer melhor a qualidade dessas forças, descobrindo como agem e como podem ser manobradas. Quando isso se tornar conhecido, ver-se-á então que os videntes, os quiromantes, os adivinhos de toda espécie se servem de processos idênticos de orientação, principalmente do material fornecido pelo próprio consulente, cuja interpretação conduzirá a sucessos ou falhas, segundo a habilidade do hierofante. O fenômeno tornar-se-á, assim, muito natural, passando a fazer parte da psicologia normal. Até lá, porém, é compreensível que tanto os videntes como os seus adeptos vivam dentro da incompreensão, colhendo sucessos ao lado de fracassos, tudo na mais desordenada das contradanças. Quanto às nossas observações, não são elas únicas, nem estão isoladas, pois repetem o que tem sido averiguado por inúmeros homens dados a investigação científica. Logo que os fenômenos em questão são submetidos a uma indagação verdadeiramente objetiva, a consequência mais comum é acontecer o que foi por nós verificado: fracasso do médium ou do vidente, que perde o seu poder e as suas pretensas qualidades de lucidez.

## CAPÍTULO TERCEIRO

SUMÁRIO: Predições e revelações por processos naturais e sobrenaturais. A intervenção dos espíritos. Uma consulta com Madame Briffault, em Paris. Os meus guias e o meu poder mediúnico. “Em Direção às Estrelas” de Denis Bradley. O médium Pascoal, de Belo-Horizonte. Tudo na terra, nada no céu. Insignificância das revelações e misticismo dos crentes. As profecias e a sua realização por sugestão. Um exemplo característico: a proclamação da monarquia no Brasil. Outro exemplo, legendário. O homem criando o seu destino. A vida de todos os dias e o perigo das predições e intervenções sobrenaturais.

**N**OS CAPÍTULOS anteriores, expusemos uma série de observações apropriadas para mostrar quanto procura o homem penetrar no domínio do desconhecido e do sobrenatural, quer para desvendar o presente, o passado e o futuro, quer para guiar-se dentro do mundo e dirigir a sua vida. Muitos dos processos empregados baseiam-se em dados supostamente fornecidos pelos astros, as linhas da mão, a escrita do indivíduo e outros recursos, que parecem comportar interpretações objetivas. Mas, mesmo aí, já aparecem elementos transcendentais, a participação de influências extra-terrenas, a intervenção de espíritos ou forças vindas do Além. Em muitos casos, o hierofante apela diretamente para forças esotéricas, julga-se guiado pela alma de mortos e fala como se as suas revelações fossem recebidas do outro mundo. Quero, a título ilustrativo, men-

cionar primeiramente um caso desse gênero, que tive ocasião de observar na Europa e que, também, me foi indicado, como objeto digno de estudo, pelo Dr. Osty, então presidente do Instituto Metapsíquico de Paris.

Tratava-se de Madame Briffault, citada em diversos trabalhos de metapsíquica, moradora à rua Nicolo, 11, a quem visitei numa terça-feira de dezembro, às 11½ horas da manhã. É uma senhora gorda, volumosa, alta, bastante corcunda, tendo aproximadamente 60 anos. Quis saber como fora eu consultá-la, pois não fazia anúncios pelos jornais. Não me permitiu tomar notas, rejeitando com antipatia os papéis que eu havia colocado sobre a mesa: não queria nem vê-los diante de si! Fiquei sentado defronte da vidente e, por sua ordem, coloquei as duas mãos sobre a mesa, espalmadas, com o dorso para cima. Ela colocou as suas em idêntica posição, frente a frente, e passou a fazer movimentos de aproximação e afastamento, procurando sentir os fluidos que se difundiam das nossas mãos. Estava nervosa, emocionada, inquieta e dizia sentir emanções estranhas, irradiações esquisitas, que partiam do meu corpo e que a perturbavam e desorientavam. Perguntou-me se estivera ou se estava muito doente e a resposta foi negativa, pois me encontrava em perfeita saúde. Acrescentou que talvez não pudesse dizer-me nada, pois não conseguia penetrar e vencer as minhas correntes. E notei que se esforçava, que lutava consigo própria, que procurava dominar a situação. Eu próprio senti uma sensação de dormência nas mãos, que podia provir da posição forçada em que se encontravam ou da emoção que me dominava no momento. Não há dúvida que a emoção é facilmente contagiosa! Perguntou-me se era nervoso. A resposta foi dubitativa. Disse-lhe que ali fora por indicação do Dr. Osty. Depois, indagou da minha nacionalidade e respondi-lhe ser do Brasil. Senti que estava ainda em dificuldade, que continuava a lutar, talvez na iminência de cair em transe. Mas tal não aconteceu. Disse, então, que via ao meu lado um indivíduo bem mais alto do que eu, de olhos extremamente brilhantes e penetrantes, tendo aproximadamente 68 anos de idade e semelhança perfeita e absoluta comigo, usando costeletas e uma pequena pera. Não falava francês e devia ser o meu guia. Perto dele, percebia o nome de Henrique, mas que não era o dele, próprio. Perguntou-me se Luiz poderia ter qualquer relação comigo. Por não saber o nome de todos os meus avós, tornou-se-me impossível identificar o meu guia. Disse-me que eu devia ser médium e possuir qualidades

de lucidez, indagando se já me ocupara de ciências ocultas. Não quis prosseguir a sessão, pois sentia que se estava fatigando ao extremo e que não iria obter resultados. Por isso, recusou receber honorários, como era seu hábito em tais circunstâncias. Estava já de pé e disse-lhe que era médico e que gostaria de investigar a minha capacidade de lucidez e intuição. Concordamos que iniciáramos mal a sessão e que os papéis e o desejo de tomar notas criara um ambiente desfavorável. Falei da recomendação do Dr. Osty, que me pareceu não lhe ser pessoa muito simpática. Senti-me, então, amável, afetuoso e a vidente desencrespou-se. Nessas condições combinei voltar para novas tentativas. Disse-me que eu era médium e que o meu guia estava se esforçando para que eu descobrisse novas coisas, tivesse novas visões, encontrasse novos caminhos. Considerou-me possuidor de lucidez e vidência e quis saber se já sentia tal poder há muito tempo. Separamo-nos afetosamente, quase como velhos amigos. Não pude voltar, por motivos imprevistos. Não sei se o meu guia tem conseguido alguma coisa, mas, até hoje, não notei qualquer sinal de lucidez em minhas atividades de homem e de médico, não me parecendo que o presente trabalho possa representar qualquer novo caminho no campo da metapsíquica. Quando muito, em sentido negativo, de dúvida e oposição, o que me parece coisa velha o bem demonstrada.

Semelhantes à observação de Madame Briffault possuo outras, feitas anteriormente à minha ida à Europa, em fins de 1928, quando, dispondo de mais tempo, pretendia entregar-me tom afinco ao estudo de tais fenômenos. Quero relatar apenas uma observação feita em Belo-Horizonte, em fevereiro de 1927, sobre a qual conservei notas minuciosas. Foi a primeira por mim realizada e vou reproduzi-la nos menores detalhes, a fim de que o leitor possa dar-se bem conta do meu estado de espírito naquela época. É, talvez, uma particularidade de valor, pois o caminho me pareceu erçado de dificuldades, antes de chegar ao ponto de vista que exponho no presente livro. Julgo de vantagem que o leitor tenha conhecimento dessas minhas dúvidas e dificuldades, que talvez tenham sido ou ainda sejam as mesmas que o assoberbam. É provável que, dessa maneira, leia a minha atitude mais bem compreendida, tornando-se também mais evidente a sinceridade das minhas intenções. Por essa mesma razão não quis suprimir destes apontamentos algumas considerações filosóficas e outras de natureza diversa, que foram escritas naquela ocasião e vão aqui reproduzidas.

Naquela época, fui a Belo-Horizonte por motivos de moléstia grave em pessoa de minha família. Tratava-se de minha irmã mais moça, que faleceu pouco tempo depois. Havia eu acabado de ler, justamente naquele momento, o livro de H. Dennis Bradley — “Em Direção às Estrelas” — tradução alemã do original inglês, que acabava de aparecer. O sucesso do livro foi imenso, tendo sido considerado, desde logo, como uma das obras mais fortes, convincentes e demonstrativas jamais escritas em favor do espiritismo. Bradley já era escritor de renome, conhecido sobretudo pelo seu espírito crítico, cheio de ceticismo e mordaz na maneira de analisar fraquezas e vaidades humanas. Uma vez, numa viagem à América do Norte, foi convidado para ir à fazenda de um amigo, que há muitos anos se vinha ocupando de estudos mediúnicos. Bradley não acreditava muito na questão e foi quase a contragosto que assistiu à primeira sessão, realizada por intermédio do célebre médium George Valiantine. Desenvolvia-se ela monótona e aborrecida quando, subitamente, Bradley foi chamado por uma voz muito conhecida, a de sua irmã Annie, falecida havia dez anos. O escritor ficou naturalmente assombrado e, durante meia hora, entreteve palestra com a sua irmã morta, que falava com uma voz característica, muito clara e suave, sobre assuntos dos quais somente eles dois podiam ter conhecimento. A identidade de Annie ficou confirmada fora de qualquer dúvida e, desde aquele momento, Bradley passou a se ocupar intensamente do espiritismo, procurando dar cunho científico às suas investigações, expostas minuciosamente no livro em questão. Quando o escritor voltou para a Inglaterra acompanhado do médium Valiantine, a Society for Psychical Research realizou pesquisas, cujos resultados foram também anunciados como surpreendentes. A obra de Bradley é tão impressionante que, partindo eu para a Europa, em fins de 1928, fazia parte dos meus planos ir à Inglaterra para entrar em contacto com o autor e o seu médium, a fim de pôr-me pessoalmente ao corrente da realidade. Quero colocar em relevo tal fato, para mostrar o grau de confiança de que estava eu possuído, a disposição do meu espírito em relação aos fenômenos mediúnicos que, naquele momento, mereciam da minha parte a maior atenção. Durante a minha permanência em Belo-Horizonte, em casa de meus parentes, falou-se muito de questões psíquicas e mediúnicas, sendo-lhes o am-

biente extremamente propício, pois alguns membros da família possuíam observações pessoais, que pareciam comprovar a realidade do espiritismo. Mencionou-se repetidamente o nome do médium Pascoal, por demais conhecido em Belo-Horizonte, onde vivia, sendo considerado possuidor de forças estranhas, extraordinariamente poderosas. As suas entrevistas eram difíceis, tornando-se necessária a intervenção de amigos para conseguir a sessão que vou descrever, realizada numa segunda-feira, dia 28 de fevereiro de 1927, às 2 horas da tarde. Era a primeira vez que assistia a uma reunião desse gênero, nunca tendo estado presente a sessões espíritas. Estávamos numa segunda-feira de carnaval e eu tinha passagem comprada para voltar nessa mesma noite para o Rio. Tudo me parecia apropriado para poder receber, nesse dia, uma prova concreta desse mistério que me atormentava e me parecia tão obscuro e impenetrável. Tivera sempre grande curiosidade pelo estudo dos fenômenos em questão, mas de pouco haviam valido as numerosas leituras feitas, pois não conduziram a qualquer solução. O espiritismo, tanto pela sua doutrina, quanto pelas manifestações que apresentava, parecia-me, como todas as religiões, por demais humano, criação defeituosa do próprio espírito do Homem. Por outro lado, a ciência positiva apresentava lacunas de tal ordem, era tão limitado o seu poder, tantos problemas essenciais do mundo e da vida ficavam fora do seu alcance, que verdadeiramente, tomá-la por guia, significava permanecer mergulhado em ignorância e humilhação. Nenhuma imagem me parecia mais feliz que a criada por William James, quando comparou a nossa incompreensão dentro do mundo à do gato vivendo dentro de uma biblioteca, da qual tudo ignora, apesar de passar aí toda a sua vida. As insuficiências da Ciência e os mistérios do Universo são por demais impressionantes, não permitindo que nos conservemos calmos e contentes dentro da nossa profunda ignorância. Tudo o que tem sido feito nesse sentido é tão pouco e tão superficial, que qualquer análise mais profunda basta para destruir essas criações, que mostram quanto os homens são crentes, infantis, sugestionáveis. Quando as provas parecem suficientes ou demonstrativas é porque, habitualmente, faltam ao observador qualidades de lógica e de crítica. A verdade científica é, no entanto, tão pobre, tão limitada, tão insignificante, que se pode compreender ou perdoar àqueles que acreditam mesmo naquilo que se pode demonstrar não

ser a verdade. Por essa razão, a necessidade da prova pessoal é indispensável, tendo qualquer experiência alheia valor apenas relativo. O erro de negar não é menor que o de aceitar. O que não se pode admitir, porém, deliberadamente, é o erro, como se pratica ainda tão freqüentemente.

O livro de Bradley levantou terrível interrogação em meu espírito, despertando maior interesse em torno dos fenômenos em questão. E, certamente, naquele momento, colocou-me em situação de maior receptividade espiritual, predisposto a aceitar a sua realidade, para a qual desejava encontrar provas objetivas. Foi nesse estado de espírito que compareci à sessão de 28 de fevereiro, que procurarei descrever. Tive, anteriormente, informações de estar o médium proibido de desenvolver o seu poder sobrenatural durante o período do carnaval, considerado impróprio para tais manifestações. Entretanto, por uma graça especial, os espíritos lhe haviam facultado as forças necessárias para realizar a sessão a que iria assistir. Preparei algumas questões e perguntas, que julguei capazes de fornecer dados concretos para julgamento e orientação.

Passara toda a manhã daquele dia no quarto do hotel, escrevendo um trabalho de caráter científico e acabara aprontando, para a viagem, as malas cujas chaves estavam todas juntas, formando um molho, amarrado por pequeno barbante. Quando terminei a arrumação, procurei fechar as malas, mas não encontrei uma das chaves, que havia desaparecido do molho. No entanto, continuava este amarrado e o barbante não apresentava qualquer defeito ou solução de continuidade. Era estranho e incompreensível! A chave desaparecida era a da mala maior, que, por conter valores, permanecera sempre fechada, não tendo sido aberta senão momentos antes. Não havia saído do quarto, nem ninguém nele entrara durante esse tempo. Uma busca feita às pressas, pois se aproximava a hora da entrevista com o médium, foi infrutífera. Saí, deixando a mala aberta. Antes de sair, revistei a gaveta de um móvel, no fundo da qual encontrei um anel de ouro, pequeno, para criança, que, provavelmente, algum hóspede lá esquecera. No estado de espírito em que fui para a sessão, pareceu-me que esses dois fatos poderiam ser de valor para uma revelação mediúnica. Pelo que sabia do espiritismo, principalmente pelo livro de Bradley, supus possível um preparo espiritual da prova, no sentido de os dois fatos terem sido estabelecidos previamente

por aquelas próprias forças sobrenaturais que iriam constituir objeto da minha investigação. Pretendia, portanto, indagar sobretudo deles na sessão a que ia assistir. Se o médium me comunicasse haver perdido eu a chave por intervenção de espíritos que, dessa maneira, procuravam demonstrar o seu poder, então, adquiria a prova imenso valor, maior ainda se fosse declarado o lugar em que se deveria encontrar aquele objeto. A indagação sobre o anel não seria menos valiosa, caso fossem indicadas a sua origem e a razão de encontrar-se dentro da gaveta. Eram fatos que estavam fora do alcance do meu conhecimento e cuja revelação podia mostrar a existência de forças superiores, capazes de agir de maneira predeterminada. A minha experiência capital devia basear-se, portanto, na indagação desses fatos.

Saindo do Grande Hotel, fui encontrar-me com a pessoa que deveria acompanhar-me à sessão e que era o sogro da minha irmã gravemente doente, fervoroso adepto do espiritismo, há quase 30 anos. O médium morava num arrabalde da cidade, inacessível por automóvel, sobretudo naquela época, de chuvas e más estradas. Ignorando as distâncias, atrasei-me em palestra com minha irmã, de modo que tive de sair precipitadamente. Foi um longo trajeto de bonde, com baldeação. Julgava que chegaríamos com grande atraso, e foi com uma impressão agradável, de estar tudo espiritualmente preparado, que batemos à porta do médium, quando num relógio público soavam justamente 2 horas, o momento marcado para a entrevista.

Durante a viagem, o meu parente contou-me as razões pelas quais se tornara espírita, abandonando a religião católica, tradicionalmente seguida pela família. Habitava, então, outra cidade do interior, onde possuía um excelente amigo, médico muito caridoso e espírita convicto. A diferença de crença religiosa era a única divergência que havia entre eles. Mais tarde, o meu parente mudou-se para Belo-Horizonte, quando estava linda a cidade em seus primórdios. Nessa ocasião, perdeu, quase repentinamente, um filho, por quem tinha grande afeição. Logo depois, antes de haver tempo para as comunicações habituais, recebeu carta do amigo, na qual lhe informava haver aparecido o espírito do morto, pedindo para transmitir ao pai mensagem de particular importância. Tratava-se de uma questão íntima entre parentes, que o amigo ignorava por completo. Foi por essa razão que o meu parente se tornou espírita. E devemos confessar que teve realmente motivos para tomar tal

atitude, pois a prova parecia decisiva, caso as suas premissas pudessem ser rigorosamente verificadas. Na verdade, é do rigor dessa verificação que depende o valor exato da prova.

Como dissemos, batemos à porta do médium precisamente à hora marcada, quando soavam 2 horas. Tarde luminosa, cheia de sol, com esse excesso de luz tão freqüente nos dias do nosso verão tropical. Casa modesta, muito limpa. Entramos para uma pequena sala de visitas. Algumas gravuras simbólicas, desconexamente coloridas, suspensas pela parede; cadeiras almofadadas simples; um vaso com flores de papel sobre uma pequena mesa. Éramos apenas 3 pessoas: o médium, o meu acompanhante e eu. Uma porta aberta, dando para o interior, deixava entrar bastante claridade para se poder ver e observar, sem qualquer dificuldade. O médium não procurou o lugar mais obscuro da sala, antes, ao contrário: ficou na parte mais clara, diante da porta aberta. Indaguei, primeiramente, como e desde quando havia descoberto possuir poder mediúnicos. Andava agora pelos 30 anos, e, pela idade dos 10, tivera a primeira revelação. Foi quando estando separado há algum tempo da família, perdeu o avô, por quem nutria especial afeição. “Por ser extremamente nervoso, quando voltou para casa, em vez de lhe dizerem a verdade, contaram-lhe que o avô havia partido para uma longa viagem. Dias depois, pela tarde, ao sair para brincar no terreiro, viu o avô, todo de preto, vindo em direção à casa. Correu ao seu encontro, pediu-lhe doces, que ele habitualmente trazia, e que, também desta vez, mostrou ter no bolso. Aí, preso de grande alegria, correu para casa. aos gritos, anunciando a chegada do avô. Foi recebido friamente, e, só então, comunicaram-lhe já haver ele falecido. Não querendo a princípio acreditar, voltou ao seu encontro, e, por não mais o ver, procurou-o por toda parte, pensando que se havia escondido. Depois, por diversas vezes, viu-o de novo, sempre de preto, como se vestia quando vivo. Em casa, era severamente repreendido quando falava dessa visão, atribuída ao nervoso, pois, como me disse, era o espiritismo ainda desconhecido. Daí até aos 16 anos sofreu de ataques, com perda de consciência, que diversos médicos classificaram de epiléticos. Não pôde descrevê-los com exatidão, mas asseverou-me nunca ter sofrido qualquer ferimento ou mordedura da língua. Certa vez, teve um deles na oficina mecânica onde trabalhava, sendo socorrido pelo patrão. Este julgou-o possuído de espíritos que, em luta

terrível, procuravam apossar-se do seu corpo, a fim de se poderem manifestar. Vivia, então, cheio de medos e angústias, sentindo por toda parte manifestações sobrenaturais. Por essa razão, foi levado a uma sessão espírita, onde, por meio de rezas, conseguiram libertá-lo de tais sofrimentos. Reconhecendo que não se encontrava sob a influência de elementos maléficos, viu descer do teto um espírito com formas humanas e que fazia a mesa executar movimentos durante as sessões. Desde aquela época, passou a freqüentar sessões de um centro espírita e os seus acessos foram desaparecendo progressivamente.

Declarou-me ser médium vidente, não tendo poder para produzir fenômenos físicos. A princípio, caía por vezes em transe, mas, agora, era vidente em seu estado normal, necessitando apenas certo esforço de concentração. Disse ser guiado pelo espírito de um padre, que responde às suas interrogações, entrando em relação com outros espíritos ou com pessoas vivas deste mundo. Colocou, então, a mão sobre os olhos, retirou-a e, de olhos abertos, com voz natural, como, numa simples palestra, fez uma descrição de minhas qualidades morais e intelectuais e ainda a dos meus órgãos internos, do pulmão e do coração, que classificou de perfeitos, do fígado e dos rins, que julgou levemente doentes. O quadro moral e intelectual foi imponente, capaz de contentar as exigências de qualquer indivíduo, mesmo dos mais pretensiosos. Disse-me que eu iria ficar célebre, fazendo duas descobertas do máximo valor científico, que deixariam o meu nome assinalado na história do mundo acrescentando que, dentro dos próximos quatro anos, teria provas decisivas que resolveriam todas as minhas dúvidas quanto aos problemas do além. Informou-me que eu era guiado por um grupo de espíritos superiores e esclarecidos que, dadas as minhas qualidades de crítica e objetividade, me haviam escolhido para ser o intermediário de extraordinárias revelações; que possuía numerosos inimigos e invejosos na terra, os quais nada podiam contra mim graças à intervenção dos meus protetores espirituais. Todos os meus trabalhos — afirmou — depois de atacados e debatidos, acabariam por ser reconhecidos como exatos e verdadeiros. Dois espíritos de médicos ilustres segundo suas afirmativas, influenciavam a minha atividade de clínico, facultando-me soluções, cuja razão de ser eu próprio ignorava, Atribuiu-me poderosas qualidades de médium, até então não reveladas por me ter conservado afastado desses pro-

blemas. O médium não podia ver o meu guia principal, mas sentia o círculo de parentes mortos que me protegia, livrando-me de influências perniciosas. Via, também, e aí fazia uma descrição minuciosa do físico de cada um, numerosos espíritos que me acompanhavam, alguns dos quais apareciam somente em busto: o de um Dr. Araújo, de Campos, não inteiramente branco e ligeiramente calvo; o do padre Benedito, que minha família devia conhecer e que havia desencarnado depois dos 70 anos; o de uma criança, minha parente, chamada José; o do Dr. Bezerra de Menezes, que eu soube depois ser espírito de grande cotação entre os crentes nacionais; o de uma preta de nome Maria, velha empregada da casa, de que meus parentes deviam ainda se recordar; o do meu avô materno, descrito quase ao inverso do que foi na terra e o de um espírito gaiato, que inutilmente, procurava influenciar-me para a dúvida e a negação. Depois, forneceu uma descrição da minha mulher, com grande imprecisão física e espiritual, numa meia tinta adaptável a casos muito diferentes. Achou-a nervosa, impressionável, afetuosa exemplar como esposa, medrosa nas coisas de espiritismo, ao qual devia, no entanto, entregar-se. Era médium de grande poder, principalmente para efeitos físicos, sendo por ela que deveria receber eu as provas necessárias à minha convicção. Disse que ela sofria por vezes de insônia e tinha ligeira enfermidade do útero; que fizera mal em abandonar uma caixa de injeções que lhe estavam fazendo muito bem, que era contra medicamentos, não os tomando senão dificilmente. Todas essas particularidades nada tinham de exatas, representando antes o inverso da realidade. Até então, tivera sempre sono invejável e nunca sofrerá de insônia; também não sofreu de doença alguma de útero, nem tomou a tal caixa de injeções. Ainda ao contrário da revelação: adorava medicamentos, que reclamava com freqüência, mesmo para os menores males. Quanto ao meu caso: nunca tive nada no fígado nem nos rins, sofrendo apenas de uma velha hipercloridria, por vezes acompanhada de outros sintomas duodenais, e de uma irite reumática, que apareceu somente mais tarde.

Por ter informações de que a visão à distância constituía um dos maiores poderes do médium Pascoal, pedi-lhe notícias de um amigo do Rio, doente que acompanhava há muito tempo, e de cujo caso conhecia as menores particularidades. De novo, quase tudo ao inverso da realidade. Tratava-se de um indivíduo

gordo, de pele muito branca, que sofria de uma doença da nutrição, estando sendo tratado, naquele momento, unicamente por meio de aplicações de raios X. Foi descrito como moreno, magro e estando em uso de injeções e medicamentos por via bucal.

Durante a sessão o médium falou sozinho, tendo eu me conservado em absoluto silêncio. Apenas, por 2 ou 3 vezes, tive que responder a questões que formulava: que não conhecia o Dr. Araújo, de Campos, nem o padre Benedito; que o meu doente do Rio não correspondia à sua descrição e que o vestido da minha mulher era diferente do que acabava de descrever. Por fim, falei-lhe do desaparecimento da chave e da hipótese de talvez representar isso qualquer revelação mediúnica, no que logo concordou. Concentrou-se mais, colocou os dedos sobre os olhos e comunicou-me ter sido a chave perdida fora do hotel. Expliquei-lhe a impossibilidade dessa suposição, pois havia eu próprio aberto a mala pela manhã, não tendo depois disso saído do apartamento. Opinou, então, após nova concentração, achar-se ela no bolso de qualquer roupa, fato que também achei improvável, visto os ter rebuscado ao fazer as arrumações. Posteriormente, a chave foi encontrada dentro de uma das malas, enquanto eu estava assistindo à sessão. Em vista de todos esses fracassos, julguei desnecessário formular questões sobre a procedência daquele anel, que havia sido encontrado pela manhã.

Aliás, mesmo que a solução desses dois problemas tivesse sido perfeita e exata, não constituiria isso prova suficiente para demonstrar a realidade do espiritismo, cujo fundamento é a sobrevivência do espírito além da morte terrena. Nas experiências em questão havia causas de erro, difíceis de ser afastadas e que poderiam levar a falsos resultados. A chave, por exemplo, podia ter sido perdida acidentalmente, pois a maneira pela qual estava amarrado o molho não foi previamente verificada. Como o seu desaparecimento me havia impressionado vivamente, tornava-se possível que eu próprio transmitisse qualquer informação subconsciente, capaz de pôr o médium ao corrente da situação, sem necessitar qualquer intervenção sobrenatural. Se o médium comunicasse o lugar exato onde iria ser encontrada a chave, tomar-se-ia a prova mais interessante, conquanto não ainda completamente demonstrativa. Sabemos que a nossa memória e sobretudo subconsciente, ficando tudo que vemos ou ouvimos guardado com a precisão de uma verdadeira chapa

fotográfica, embora só possamos perceber isso em condições excepcionais. É questão que teremos de analisar profundamente, pois, por meio dela, poderá ser explicado grande número de fatos impressionantes, muitos dos quais ainda hoje comumente apresentados como espíritas. Nessas condições, porém, permaneceria o seu mecanismo inteiramente humano e terreno, não havendo necessidade de se apelar para qualquer interpretação sobrenatural. Quanto à questão do anel, poderiam as possibilidades de erro provir de outras fontes, tais como de uma fraude preparada. No caso em questão, o anel poderia ter sido colocado adrede no lugar em que foi encontrado, operação fácil de ser realizada num hotel, principalmente por impostores e charlatães, tão comumente dados ao mediunismo. A entrevista havia sido pedida com antecedência, e isso facilitaria qualquer preparativo desse gênero.

A sessão prolongou-se pelo espaço de quase duas horas, acabando o médium por confessar haver perdido muito das suas forças espíritas, que julgava agora quase extintas. Disse-me ser solteiro e que se conservara casto até a presente data com receio de prejudicar o seu poder mediúnico. Agora, sentia-se doente, esgotado e pretendia casar-se dentro em breve. É quase a contragosto que descrevo tão minuciosamente os pormenores dessa minha, primeira iniciação no mundo do além, pois tenho a desagradável impressão de ter perdido inutilmente o meu tempo. O fracasso da sessão foi absoluto e apenas o hábito do método científico levou-me a protocolar os seus resultados. Dispus-me a indagar, pessoalmente, dos fenômenos em questão, fazendo-os entrar no âmbito de minhas cogitações e queria ser tão rigoroso e sincero quanto possível. Julgo que o meu estado de espírito estava, naquela época, excelentemente preparado para a tarefa, pois me sentia livre de preconceitos, alerta para investigar a verdade e os seus mistérios, onde pudessem ser encontrados. Sinto dolorosamente quanto é insuficiente a nossa Ciência, vejo a estreiteza das nossas construções filosóficas, tão estritamente terrenas, sempre tão presas ao homem. E esse pobre homem, que quase tudo ignora, é ainda excessivamente pretensioso, pois acredita que com uns pequeninos farrapos da verdade pode tudo compreender ou tudo negar. É o gato perdido dentro da biblioteca, no seu terno ron-ron de contentamento. O que há, de mais grave e de mais trágico, quando procura libertar-se das peias e pequenas leis da sua Ciência, é

que logo cria mundos artificiais, desconexos, quase infantis pela sua insignificância. Tem sido assim com as nossas concepções filosóficas e religiosas, particularmente com o espiritismo. Tudo parece nele tão humano, tão fraco, tão diretamente criado para as necessidades e pretensões do nosso espírito, que não é de admirar encontrar-se tão falto de espiritualidade, cheio de erros e fraquezas humanas. O próprio Deus onipotente anda tão desvirtuado, tão humanizado, tão modelado à nossa imagem que, se realmente assim existisse, poderia ser considerado como um verdadeiro monstro humano. Além disso, há um espiritismo ao alcance de todo o mundo, mais espalhado que o próprio alfabeto, dolorosamente ridículo, enormemente poderoso. Uma grande parte da humanidade está sendo por ele guiada, pessimamente guiada. Ele vê o outro mundo com olhos por demais terrenos, sendo esse o seu poder capital, e, também, a sua máxima fraqueza. Sob esse ponto de vista, a sessão do médium Pascoal foi extraordinariamente ilustrativa. Desde cedo, foi levado a sessões espíritas e as suas qualidades mediúnicas aproveitadas largamente, sob o ponto de vista prático. Assim viveu quase 20 anos, tendo sido extraordinário o seu poder. Passou todo esse tempo a responder questões diretas, comezinhas, sobre pequeninos negócios, questiúnculas políticas, misérias caseiras, diagnósticos e tratamentos médicos, notícias sobre parentes e amigos, tudo de um interesse simplório, sempre muito pessoal. Tornou-se, assim, uma espécie de adivinho, dispondo de tempo escasso para a intensa afluência de clientes. Provavelmente por conveniência própria, foi, aos poucos, libertando-se das complicações dos tranSES, das concentrações, até chegar ao seu estado atual de vidência: palestra natural, em sala iluminada, a qualquer momento do dia. Tive a impressão de que o seu mecanismo de ver espíritos era semelhante àquele do indivíduo normal quando procura criar uma imagem qualquer e que, numa fração de segundo, pode variar de um velho calvo a uma senhora de riso afetuoso e cabelos brancos. As imagens em busto, que ele vê freqüentemente, são certamente imitação de fotografias tiradas de meio corpo, tendo-se a impressão viva de estar folheando ele um álbum de retratos quando descreve um grupo maior de espíritos. Muito característico nas comunicações feitas por espíritos é a sua insignificância, a sua futilidade, em geral tão grande e flagrante que mal justificaria a intervenção de forças ocultas, sobrenaturais. O médium Pas-

coal parecia convicto do seu poder, o que, aliás, era natural, pois viveu sempre cercado do respeito e da admiração dos seus semelhantes. Para isso contribuíram naturalmente a sugestão, a falta de crítica, a convicção dos consulentes, cuja psicologia habitual é de impressionar-se com as aproximações certas, desprezando as falsas e errôneas. Vimos que esse mecanismo é suficiente para explicar o poder dos adivinhos, dos palmistas, das cartomantes. Mas, existe ainda outro fator de imensa importância, sobre o qual já chamamos, também, a atenção. É o da observação intuitiva, muito variável segundo os indivíduos. Por um simples golpe de vista, que pode apenas durar frações de segundo, temos por vezes impressões capazes de exceder em valor às de longas e profundas análises psicológicas. Não é de outra maneira que julgamos um indivíduo desconhecido, achando-o ou não simpático, inteligente, bom, honesto, etc. No entanto, pode o julgamento objetivo de qualquer dessas qualidades ser extremamente difícil, não raro decorrendo ainda dessa primeira impressão, nem sempre exata, pois depende do indivíduo julgado e, também, do próprio julgador. Os bons adivinhos e os bons médiuns, devendo possuir essa faculdade muito desenvolvida, terão à disposição dados mais numerosos, por meio dos quais poderão formular julgamentos mais penetrantes. Deve ficar, porém, bem patente que todo esse mecanismo se opera por meio de recursos puramente humanos e naturais, não necessitando da intervenção de quaisquer forças desconhecidas ou sobrenaturais. Nesse sentido o espiritismo executado pelo médium Pascoal é dos mais correntes e superficiais, estando ao alcance de todo o mundo para a solução dos problemas mais comuns e mais corriqueiros da existência. A nossa observação mostrou quanto era fraca, insuficiente a falha a sua vidência. Tudo foi vago, impreciso, cheio de erros. No entanto, quando apresentamos os resultados da sessão a pessoas da nossa amizade, foram recebidos com entusiasmo, como se estivessem de acordo com a realidade! Somente depois de uma cerrada crítica dos dados positivos e negativos, sobretudo em relação ao presente e ao passado, foi que se lhes tornou evidente quanto havia sido completo o fracasso da sessão. Quanto aos dados futuros, que excediam aos outros em quantidade e valor, eram dos mais impressionantes, principalmente pelo que auguravam de promissor e agradável. As predições otimistas, de sucesso e felicidade, devem contribuir enormemente para assegurar a

clientela dos adivinhos, embora necessite ser a sua verificação feita muito objetivamente. Não preciso acrescentar que, no meu caso, não se realizaram todas as previsões, já tendo decorrido o tempo em que se deviam ter operado. Era de esperar coisa diferente? Pois bem, apesar disso, o poder desse médium foi incalculável, tendo os seus vaticínios decidido inúmeros atos de grande e de pequena importância na vida de incalculável número de pessoas.

O maior mal do espiritismo é julgarem-se seus adeptos influenciados pelo céu, debaixo da proteção divina, quando, na realidade, rastejam pelo pó aqui da Terra. Da nossa análise resulta uma grave lição, que precisa ser meditada. A mais simples verificação poderia ter mostrado, com facilidade, que as faculdades do médium Pascoal nada tinham de sobrenatural, eram essencialmente humanas e terrenas. Atribuir aos espíritos o que é humano e natural é processo perigoso, principalmente pelas suas conseqüências. Precisamos confessar a nossa ignorância, mas não diante de fatos que já são bem conhecidos. A vulgaridade do meio deve ter contribuído para dar força àquele médium que, afinal, ficou preso à Terra, trabalhando como homem. Escolheu, talvez, ministros, diagnosticou doenças, receitou medicamentos, resolveu negócios, acertou, por vezes, quanto ao sexo de crianças ainda não nascidas, mas tudo isso sem qualquer intervenção de espíritos, por uma técnica humana, de resultados muito falhos e aleatórios.

Fora eu procurá-lo para obter revelações do além; em busca de uma réstia dessa luz que vem do infinito e deve clarear a nossa deplorável insignificância humana. O resultado foi uma dolorosa decepção. Tudo humano, tristemente humano. A sessão terminou de maneira horrível, inesperada. O médium confessou-se doente, doente de há muito, abatido “em suas forças físicas e também enfraquecido no seu poder de vidência. E ele, que descobria e curava doenças, a quem os espíritos revelavam diagnósticos e terapêuticas, ele, numa humildade de vencido, de doente, pedia à minha pobre medicina auxílio para os seus sofrimentos! E a pessoa que me acompanhava, firme em sua crença, opinou então ter sido eu enviado, ter vindo guiado pelos espíritos a fim de auxiliá-lo. Eu não vinha ainda colher, era apenas portador de auxílio e proteção. Infelizmente, essa suposição não correspondia à realidade. O médium sofria de uma temerosa doença, que eu não sabia tratar

e para a qual ainda não havia cura. A realidade era tão horrivelmente, não podia admitir. Dizia: se a doença fosse aquela, isto é, a lepra, os seus guias espirituais não podiam ter deixado de avisá-lo. E, assim, vivia ele há anos, quase oculto, talvez devido às deformações produzidas pela moléstia. E, agora, estava noivo, ia casar-se! Pobre médium! Pobre humanidade!

As observações que acabo de apresentar parecem-me mais que suficientes para dar uma idéia do que é o espiritismo em suas formas de aplicação prática, para uso do grande público. O vidente dá-se conta dos mistérios do além, prevê fatos e acontecimentos, fornece decisões quanto ao futuro do ser humano, acredita-se guiado por forças sobrenaturais, julga-se em contato com as almas dos mortos e os poderes divinos, apesar de não perceber a sua incapacidade para inteirar-se das coisas mais simples e insignificantes da existência. O médium Pascoal não foi capaz de dizer a cor de um vestido que determinada pessoa trazia naquele dia, nem onde se encontrava uma chave perdida naquela manhã. Não disse mesmo que lhe era impossível resolver tais problemas, como é hábito de médiuns e videntes mais espertos, quando procuram contornar dificuldades dessa natureza, declarando que as forças esotéricas não devem ser empregadas para resolver banalidade desse gênero, razão natural de serem os resultados tão falhos e insignificantes. Se as coisas se passam, porém, dessa maneira, tem-se o direito de perguntar por que são eles tão pressurosos em fornecer informações equivalentes, isto é igualmente insignificantes, quando se trata de pequeninos interesses pessoais. Quero lembrar ainda que os meus guias espirituais tinham aspecto diferente, segundo a visão do médium Pascoal e da vidente Briffault, em Paris! Muito interessante é que os médiuns descrevam pormenorizadamente os espíritos que nos acompanham e que somente eles são capazes de ver, não nos fornecendo senão informações vagas e gerais quando se trata de qualquer questão mais precisa ou importante. Proporia que crentes e fanáticos tomassem rigorosamente nota das revelações que lhes são feitas e, provavelmente, bastaria isso para que percebessem quanto há de fantasia ou astúcia em tais informações. O essencial é que saibamos reconhecer a verdade e a realidade, não deixando que tomem formas absurdamente misteriosas. O que há de perigoso e lastimável em tudo isso é a falta de crítica, a superficialidade com que são tomadas essas manifestações, sobretudo quando conduzem a convicção, não

raro julgadas indiscutíveis, inabaláveis. O médium Pascoal continuou a ver fantasmas dos mortos rondando em torno da nossa existência e servindo-nos de guia através da nossa vida. Não parece tarefa bem medíocre e ingrata, essa de virmos guiar, depois de mortos, os pobres seres humanos vivos, cuja existência, em geral, é tão insignificante e cheia de acontecimentos inúteis e desagradáveis?

Ainda muito importante, nesse conjunto de circunstâncias, é o papel que o próprio indivíduo pode representar em relação à realização de determinadas predições. Ele pode ficar tão dominado e sugestionado pelas profecias do adivinho que acabará por executá-las fielmente, não raro à custa de tremendos esforços e repetidas adaptações. É muito compreensível que uma pessoa que espera mensagens do além, que vive à procura de sinais do outro mundo, quase em contato direto com os espíritos, esteja freqüentemente a perceber manifestações misteriosas, que aos outros passam despercebidas. Em muitos casos, essas manifestações são até preparadas previamente, quer de maneira direta e consciente, quer sem que o próprio sujeito perceba a manobra executada. Fraudes, trapanças, abusos, têm sido cometidos com freqüência por médiuns dos mais célebres, constituindo tristes páginas na história da metapsíquica. Mas, fora disso, o engano e a ilusão podem ser cometidos sem qualquer má fé, na ignorância do próprio autor, que pode agir honestamente, com inteira sinceridade. Teremos que analisar a questão minuciosamente ao tratarmos do hipnotismo e da sugestão, mostrando que a execução de uma idéia subconsciente pode ser realizada com extrema precisão, por vezes de maneira mais exata e rigorosa do que quando feita livre e conscientemente. Nessas condições, não é de admirar que um quadro, um objeto, um móvel qualquer, possam ser colocados de tal sorte que acabem por sofrer queda ou deslocamento, capazes de ocorrer em momento pré-determinado, simplesmente para demonstrar ao observador a realidade de uma suposição criada no seu espírito e da qual ele próprio não tem conhecimento. Dessa maneira, é fácil preparar e decidir acontecimentos, não raro por planos previamente preparados, embora secretos para o seu próprio autor. Todo esse terreno tem merecido intensa investigação nos últimos decênios, fazendo parte do imenso domínio da psicologia do inconsciente. Quero dar um exemplo ilustrativo, que me parece constituir demonstração verdadeiramente excep-

cional. Reporta-se aos meus primeiros tempos de estudante em Berlim, quando levava vida apertada, cheia de dificuldades materiais. Dei, então, naquela época, aulas de português, que me traziam algum provento. Entre os discípulos, tive um alemão de alta categoria social, extremamente culto, ainda moço e que estava iniciando a sua carreira de magistrado. Já era noivo de uma moça da mais elevada aristocracia alemã, pertencendo também ele a família de renome, com parentes em altos postos governamentais. Dei-lhe muitas lições, e, mais tarde, tornamo-nos amigos íntimos. Mas, não foi senão muito mais tarde que me contou a sua história, estranha e admirável história, que quase conseguiu transformar em realidade.

Era um autêntico tipo germânico, de cabelo muito louro e olhos azuis muito claros. Compleição física robusta, ar místico, sonhador. Contou-me que estivera na Inglaterra e consultara um quiromante hindu, que lhe fizera surpreendentes revelações. O palmista, lendo-lhe a mão, vira-o num país longínquo, imenso, cheio de sol e de palmeiras, no qual iria representar papel excepcional, dominando o governo e sendo mentor do próprio rei. A sua ação iria ser espantosa, tomar-se-ia mais poderoso que o próprio soberano, realizando uma remodelação do país, cujo progresso dependeria essencialmente da sua intervenção. Foi essa a profecia feita pelo adivinho e que o meu amigo tomou a sério, quase conseguindo realizá-la. Onde esse país imensamente grande, longínquo, cheio de sol e de palmeiras? Podia ser no Oriente, mas o Brasil estava também a calhar. Penso que não deve ter tido dificuldade em fantasiar que se tratava realmente do Brasil. Quando me procurou, já entrava eu nos planos que lhe havia revelado o quiromante; queria que lhe ensinasse o idioma de que tinha necessidade para dirigir os destinos da nossa terra, segundo a predição do mago hindu. Desde o primeiro momento, capacitou-se do papel que devia representar e preparar-se para realizá-lo. Tomou lições de português, deixou a magistratura e desfez o noivado, pois necessitava ser absolutamente livre para poder executar a grande tarefa. Estudou finanças e economia, aprofundou problemas de emigração e agricultura, travou relações com estadistas de todo o gênero, fez o conhecimento de D. Luiz, que era o herdeiro do nosso trono. Depois, partiu para o Brasil, onde viveu alguns anos em atividade verdadeiramente prodigiosa. Percorreu o país em todas as direções, penetrou pelo interior até zonas das

mais recônditas, teve contato com os nossos índios, fazendo excursões até de meses seguidos. Aproximou-se de grande número de brasileiros, sobretudo dos mais notáveis na política, na administração e noutros setores da vida nacional. Estudou profundamente os remanescentes da velha monarquia para ver como poderia aproveitá-los no novo governo. Aliás nesse particular, a sua opinião foi extremamente desvantajosa, pois raríssimos deles entraram em linha de conta para ocupar qualquer lugar no novo regime. Lembro-me que o seu entusiasmo por Paulo de Frontin era imenso e que pretendia escolher Irineu Machado para o tribuno das massas, em propaganda da restauração monárquica. O Exército e a Marinha que, naquela época, antes da primeira guerra mundial, eram de exíguas proporções seriam facilmente adaptados à situação, quer pelo aumento elevado e imediato dos soldos, quer pela compulsória dos elementos desfavoráveis, sempre com boa remuneração. Depois disso, foi estudar a situação internacional, visando pôr em prática o seu plano. Esteve pouco tempo em Nova-York, onde se sentiu tão perdido e contrafeito que, à noite, chorava de tristeza, isolado dentro do seu apartamento, no Hotel. Depois, passou muito tempo viajando pela Inglaterra, a França, a Suíça, a Itália, onde procurou organizar emigração em larga escala para o Brasil, sobretudo de camponeses, por intermédio do clero católico. Só na França contava com mais de cinco mil famílias, já prontas para partir. A sua idéia era de que o Brasil, antes de se industrializar, precisava tornar-se um país essencialmente agrícola, pois o seu futuro dependia de uma corrente imigratória sadia, trabalhadora, selecionada, proveniente do campo e não do rebotalho das cidades, cheias de elementos inferiores e perniciosos. A organização, nesse sentido, estava muito adiantada, tendo sido articulada em diversos países da Europa e compreendendo muitas nacionalidades diferentes. Ele próprio pretendia ocupar-se especialmente da pasta da agricultura, ficando por detrás do respectivo ministro brasileiro, pois a julgava a mais importante do ministério, não havendo encontrado pessoa alguma com conhecimentos suficientes para ocupá-la. Considerava-se especialista, pois era do campo e, de há muito, ocupava-se da questão. Quando arrebentou a guerra, em 1914, encontrava-se na Europa, dando a última demão para a próxima proclamação da nova monarquia no Brasil. Falou-me dos seus repetidos encontros com D. Luiz, o futuro Impera-

dor, por quem nutria grande admiração. Certa vez, levou-o à Alemanha para assistir a uma reunião de banqueiros, que deviam levantar os capitais necessários ao estabelecimento do novo governo. D. Luiz, a princípio opusera resistência, alegando não poder agir como aventureiro. A resposta que recebeu foi de que um príncipe herdeiro, sem trono, tinha de ser um aventureiro, caso quisesse tornar-se rei.

De qualquer modo, parece que andamos, naquela época, muito perto da monarquia, cujos gastos de proclamação já tinham sido calculados com precisão. Depois, veio o inesperado e o fracasso de todos os seus planos. Surgiu a guerra mundial quando se encontrava em Paris, de onde, com dificuldade, conseguiu alcançar a Suíça e a Alemanha. Em seguida, veio a morte de D. Luiz, que ele julgava, naquela época, o único príncipe capaz, verdadeiramente à altura da situação. Diante disso ficou na Alemanha, onde, durante a guerra, ocupou elevados cargos, sobretudo na direção interna dos abastecimentos civil e militar. Algum tempo mais tarde caiu doente, atacado de pequena tuberculose pulmonar. Durante alguns anos perdi-o de vista, ignorando o seu paradeiro. Nunca tomei muito a sério a profecia do taumaturgo hindu, embora julgasse o meu amigo capaz de realizá-la. Aliás, não vim a ter conhecimento circunstanciado dos seus projetos senão quando o encontrei mais tarde na Suíça, consolidando a cura do seu pulmão e, então, já convencido do fracasso e da inutilidade dos seus planos. A morte de D. Luiz destruiu todas as possibilidades da sua realização, e a guerra, que se encontrava ainda a meio, veio modificar completamente a face do mundo. Estava casado com uma americana do norte e morava numa bela propriedade em Buergenstock, sobre o lago dos Quatro Cantões. Falei-lhe que devia escrever as suas memórias, mas, nem para isso, mostrou interesse. Não valia a pena! tinha sido vítima de um erro e tudo estava acabado!

Seguramente, alguns brasileiros devem lembrar-se ainda daquele homem estranho, cujo olhar adquiria uma expressão impressionante quando falava desses acontecimentos, que haviam sido a razão capital da sua vida. Naquele momento, encontrava-me eu numa situação extremamente precária de vida, pois havia sido torpedeado ao regressar ao Brasil, em 1916, e perdera tudo que possuía, desde roupas e livros às instalações de consultório. Estava falto de recursos e não podia permanecer mais

na Europa, não tendo para onde apelar. Não seria possível receber mais nada do Brasil, nem dos meus parentes, nem qualquer auxílio ou indenização do governo. Nada pedi ao meu amigo, que apenas ficou sabendo que me preparava para nova viagem de volta ao Brasil. Ficou indignado e cheio de revolta: era um absurdo, a guerra submarina estava cada vez mais intensa, era uma tentativa louca, quase de suicídio. Não permitiria tal coisa, de forma alguma. Falou-me das minhas responsabilidades para comigo próprio e para com a humanidade. Fiquei sabendo, assim, que me considerava de modo muito especial, o que foi grande surpresa para mim, que acabava de me formar, que não havia ainda entrado na vida prática e saía de um torpedeamento. Sentia-me, na verdade, como um objeto quase inútil, avariado antes de entrar em uso. Não, não permitiria meu regresso durante a guerra, que parecia dever durar ainda anos. Expliquei-lhe, então, a minha situação financeira e a impossibilidade de minha permanência na Europa. Conversou com a esposa e propôs-me que vivêssemos os três juntos, como uma família, enquanto possuísse dinheiro. Trouxe-me a caderneta do banco e mostrou-me os seus haveres, que não julgava muito elevados, mas dariam para viver dois a três anos. A sua fortuna estava bloqueada na América, pois era súdito alemão. Dar-me-ia tudo, inclusive mesada para gastos particulares, e viveríamos enquanto houvesse dinheiro. Partir para o Brasil e enfrentar novo torpedeamento é que não! Argumentou, muitas vezes, dizendo-me que o que me faltava era senso de responsabilidade. Felizmente, não foi necessário submetê-lo a prova tão dura. Dias depois, voltei a Lausanne e consegui colocação no Sanatório Valmont, arranjada pelo meu amigo Michaud, professor de Clínica Médica na Universidade daquela cidade. O lugar era esplêndido, de elevada remuneração, um dos melhores existentes na Suíça. Além disso, o Conselho Federal desse país concedeu-me permissão para exercer a atividade de Médico. Dessa maneira, lá fiquei até o fim da guerra, em novembro de 1918, quando regressei ao Brasil. O meu amigo voltou mais tarde para a América do Norte, onde vive desde então. Sei que habita um castelo magnífico, cercado de suntuosos jardins, em ambiente de arte e conforto, com salão de concertos, onde são recebidos grandes artistas, que vivem ou passam pela América. Tudo isso veio em lugar da

proclamação da monarquia no Brasil e das ocupações que lhe iria dar o nosso governo, sobretudo o nosso ministério de agricultura.

É possível que tenha relatado o caso tão minuciosamente para reviver recordações da mocidade, embora fosse apenas minha tenção aproveitá-lo para mostrar o erro de predição do quiromante hindu e as extraordinárias conseqüências que acarretou. Não fossem algumas circunstâncias adventícias, isto é a primeira guerra mundial e a morte de D. Luiz e, sem dúvida alguma, teria o meu amigo proclamado a monarquia no Brasil. Imaginemos a convicção desse homem e a confiança ilimitada que teria em predições! Caso tivesse realizado o vaticínio, não há dúvida que não poderia deixar de considerá-lo assombroso! Aquele homem ainda moço, noivo, no início da carreira de magistrado faz uma viagem de Berlim a Londres, visita um adivinho hindu que lhe toma a mão e, por ela, desvenda o seu futuro, cheio de coisas extraordinárias, maravilhosas, inesperadas! A previsão estava em desacordo com tudo que ele podia esperar, mas, apesar disso, quase a conseguiu realizar. E, caso tivesse feito, seria por estar certa a profecia, por estar de acordo com a trajetória da sua existência? É bem claro que não, e que teria sido ele mesmo o autor dos acontecimentos, o criador do seu destino. É aí que se encontra um dos perigos das predições, de se querer desvendar o futuro!

Em analogia com o caso do meu amigo, quero relatar uma velha lenda islândica, que comporta idêntica interpretação. Trata-se de Ingimund, cujo futuro foi predito por uma adivinha, numa grande festa dada em sua honra. A pitonisa, sentada numa espécie de trono elevado e todo adornado, tirava a sorte e predizia o futuro dos homens presentes à festa e que saíam do seu lugar, dirigindo-se a ela. Somente Ingimund e o seu amigo Ingjald se conservaram afastados, não mostrando interesse pelas profecias. Diante disso, a pitonisa perguntou porque não indagavam do futuro, quando, na opinião dela, eram eles os homens mais extraordinários de todos os presentes. Ingimund respondeu que não tinha empenho algum em saber o que lhe iria acontecer no futuro e se iria dar certo a profecia. Além disso, acrescentou não acreditar que a adivinha pudesse dizer qualquer coisa sobre o seu destino. A pitonisa retrucou que iria profetizar, mesmo sem ser perguntada: o seu destino seria cultivar as terras da Islândia, que estavam quase abandonadas;

tornar-se-ia um homem célebre atingindo idade avançada; os seus descendentes alcançariam também renome naquela região. Ingimund objetou que isso nunca poderia acontecer, pois estava de antemão resolvido a nunca se mudar para aquelas terras, sendo loucura vender a sua propriedade vasta e produtiva, a fim de transferir-se para regiões desertas e abandonadas. A profetiza acrescentou que o que havia dito se realizaria e que a primeira prova estava no desaparecimento do amuleto que ele tinha no bolso e que lhe havia sido dado pelo rei Harald, depois da batalha de Hafrsfjord. Esse amuleto encontrava-se, segundo a predição da adivinha, numa floresta que ia ter à Islândia e que seria por ele cultivada. Ingimund acabou por se irritar, dizendo que não a castigava por não ser de temperamento agressivo e em atenção ao dono da casa, mas que a sua presença era maléfica. Ela replicou que as coisas iriam acontecer conforme a sua profecia. No verão e no inverno seguintes, ele permaneceu em casa do pai, casou-se, e, estando presente o rei Harald, disse-lhe: “Estou muito contente com a minha sorte e é grande honra merecer a simpatia de Vossa Majestade. Mas, não consigo tirar da cabeça a profecia de que devo mudar de terra, que gostaria não se realizasse, pois não desejo abandonar a minha pátria”. Algum tempo depois, o seu estado de espírito era tal, que julgou melhor seguir o seu destino, convencendo-se de que não valia mais a pena lutar. Foi à presença do rei, que não se admirou da sua resolução, uma vez que julgava difícil lutar contra a fatalidade. Ingimund concordou, achando já ter feito tudo que lhe era possível. Deu, então, um grande banquete, convidando os seus amigos e muitas pessoas poderosas. Explicou que iria partir para a Islândia, não por vontade, mas pela dura força do destino e que estariam livres, sendo considerados todos como amigos, quer os que o acompanhassem, quer os que o não fizessem. Suas palavras foram recebidas com grandes aplausos, mas todos lastimaram a perda que representava a saída de tal homem do país, embora concordando que o destino é sempre o mais poderoso. Ingimund foi acompanhado por grande número de pessoas importantes, tanto solteiras como por famílias já constituídas.

Essa lenda que deve encerrar grande parte da verdade histórica, reproduz com fidelidade o que meu amigo, talvez pela simples interferência de circunstâncias ocasionais, não conseguiu realizar no Brasil. Torna-se evidente que o destino foi

cumprido por um processo de sugestão, tendo sido o próprio indivíduo que conseguiu a sua realização. Em vez de os acontecimentos terem ocorrido segundo a profecia, foi esta que os determinou, segundo a direção em que se operaram. A verdade nas predições e nos horoscópios pode provir também desse elemento psicológico, capaz de motivar acertos em suas realizações.

Aliás, quando o indivíduo procura servir-se de recursos desse gênero é porque, de regra, já possui temperamento nervoso, apropriado a toda sorte de crenças e superstições. O resultado é que acredita em tais revelações, e, depois, muito naturalmente, esforça-se por realizá-las. Torna-se vítima de sugestões capazes de movê-lo poderosamente, mesmo quando de maneira inconsciente. Teremos de ver que a sugestão pode atingir camadas profundas da nossa personalidade, obrigando-nos a agir de modo decidido, imperioso, por vezes irresistível. Imaginemos o que deve acontecer na vida de todos os dias, quando o indivíduo consulta médiuns ou adivinhos para orientar-se quanto às suas questões amorosas e de negócio! Eu próprio tenho verificado muitos casos em que o conselho do taumaturgo foi prejudicial, o que não é de admirar, pois, de regra, ignoram eles os pormenores da situação, não dando senão indicações gerais, que o interessado interpreta a seu modo, não raro em seu próprio prejuízo. Desavenças entre membros do casal, suspeitas de infidelidade, perda de confiança em companheiros de trabalho, tentativas falhas em negócios são muitas vezes conseqüências de predições de adivinhos, que se transformam em falsas e errôneas sugestões. Quando qualquer coisa dá certo ou se realiza, pode garantir-se que é mais por coincidência ou pelo esforço da vítima, do que mesmo pela vidência do adivinho. A observação que acabo de descrever é muito ilustrativa e talvez sirva para nos fazer compreender outros casos, inúmeros outros casos. O pior ainda, em tudo isso, é que freqüentemente, atrás da predição e do vaticínio está escondido o negócio, por vezes sujo e indecoroso, muito comum entre nós, não raro em condições verdadeiramente calamitosas. O charlatanismo e a exploração não se contentam com o pagamento de consultas, pois se ocupam também da solução de casos especiais, quer pela execução de serviços e trabalhos do tipo macumba, quer pela venda de produtos de feitiçaria ou medicamentos secretos, postos à venda em determinadas casas e herba-

nários. O nosso povo gasta muito dinheiro com tais patifarias e eu conheço excelentes empregadas que passam meses e anos a trabalhar, mas cujo ordenado não serve senão para livrá-las de espíritos e mandingas que as ameaçam e que só podem ser afastados por meio de ridículos sortilégios. Na minha própria casa já tive ocasião de observar casos dessa natureza, pelos quais posso julgar quanto essa indústria é lucrativa. É ponto sobre o qual se torna necessário chamar a atenção dos poderes públicos, pois o prejuízo acarretado à população é muito mais grave do que se pode imaginar.

Luiz da Câmara Cascudo, em “Meleagro”, livro por mim prefaciado, faz um estudo da magia branca, analisando-a desde as velhas civilizações da Grécia e de Roma, até nossos dias. Ele nos mostra aí o que é o Catimbó e as diferenças que apresenta em relação à macumba e ao candomblé. Estuda tanto o mau olhado, o quebranto, os amuletos, quanto o feitiço, o despacho, a cousa-feita, o ebó, a moamba. Ocupa-se largamente da flora medicinal dos feiticeiros, de remédios repugnantes, de fumigações, do emprego do sangue, da saliva, do sopro nos sortilégios da magia, indo até o envoltamento, o transe, a possessão, a intervenção de espíritos.

O valor maior do trabalho é o de investigar, entre nós, o estado da questão no momento atual, baseando-se em vinte anos de observação pessoal, que mostra, de maneira característica, quanto anda desorientada a população do nosso país, quanto se torna ela vítima de explorações grosseiras, baseadas em velhos processos de magia. Câmara Cascudo revela-nos que a percentagem maior, “oitenta por cento dos *trabalhos* é para *as esquerdas*, contra alguém”. Somente os restantes vinte por cento são para solicitar “remédios ou conselhos ou *trabalhos* para amores ou negócios, para vida atrapalhada”. E acrescenta que a sessão decisiva é a sessão privada, promovida com fins especiais e encomendada por clientes respeitáveis, que pagam até contos de réis pelo *trabalho*. O autor relata: “Posso informar, em segredo para a Polícia não saber, que os mestres da Pagelança paraense, alguns de mais fama, são convidados a visitar capitais nordestinos para *trabalhos* de importância. Um desses, de Belém do Pará, esteve um mês na cidade de Natal, hospedagem paga e mais dez mil cruzeiros de agrado, além das passagens ida-e-volta”. E mostra ainda que, durante a guerra, de 1939 a 1945, a cidade de Natal abrigou homens do mundo

inteiro, vindos de todos os Estados da União e que encontrara “muito norte-americano, vermelho e louro, com a farda caqui prestigiosa, ao lado dos mestres, explicando em linguagem difícil o seu caso, o seu problema, o seu desejo e as esperanças da realização maravilhosa por intermédio do Mestre do Além. Alguns fizeram relações mais íntimas, dando dinheiro, presentes, melhorando indumentária e casa do catimbozeiro preferido”. Um destes macumbeiros aprendeu a dizer *bái-bái* e *ôquei*. . . Num caso de prisão de um deles, foram encontrados retratos e cartas de pessoas conhecidas, que procuravam desfazer ou conseguir casamento, terminar amizades extra-conjugais e outros serviços, embora tenha ele próprio explicado à Polícia que “nada sabe fazer, não lhe cabendo a culpa se muita gente acredita nos seus poderes ocultos”.

O autor de “Meleagro” termina o seu livro da seguinte maneira: “Esses mestres de Catimbó vão subindo nas escadas da técnica e captando os fios mais sensíveis da credence popular, tanto mais vivos e intensos quanto maior é o aglomerado humano. No Rio de Janeiro e São Paulo os feiticeiros são fartos e graves sacerdotes de um consultório rendoso, culto fácil e sem as obrigações do canto da “linha”, do cachimbo e da marca-mestra marcando o ritmo. Em 1935, no Rio de Janeiro, a Polícia interrompeu, julgo que provisoriamente as atividades do “Manêta”, Herminio Rizzo, sabedor de artes e dos bons saberes. Tinha três automóveis e nunca recebia menos de 500 cruzeiros por consulta. Atendia à clientela, comerciantes, professores, artistas, funcionários públicos em quatro escritórios (rua 24 de Maio, Magalhães Castro, Ana Neri e Glaziou), mobiliados com conforto e gosto pelas devotas. Os tratamentos começavam por cinco mil cruzeiros, no mínimo. Uma senhora viajou a Passa Três somente para colocar uma cobra verde em cima de uma sepultura à beira da estrada. A imprensa registrava os nomes, pormenores, etc, (Vêr “A Noite”, de 21 e 23 de março de 1935). Em qualquer cidade do Mundo o Medo e o Amor justificam essa fauna assombrosa”.

## CAPITULO QUARTO

*SUMÁRIO: A Grafologia e a opinião de alguns cientistas. Abusos e mistificações. Os especialistas e os institutos de grafologia. Limites e possibilidades. Exemplos concretos e sua interpretação. Como se orientam os grafólogos. Grafologia no diagnóstico médico. Erros e absurdos. A vidência e os sinais imperceptíveis.*

A GRAFOLOGIA, ou a arte de reconhecer a personalidade do indivíduo pela interpretação da sua caligrafia, é estudo que tem merecido grande atenção, tanto por parte de leigos quanto de homens de ciência. A questão, que parece das mais simples, anda desvirtuada por explorações e incompreensões de todo gênero, que têm dado lugar à criação de institutos e especialistas, que até a exploram comercialmente. A primeira coisa a saber, no entanto, é se há alguma verdade dentro desse movimento e, se houver, onde se encontra ela, qual a sua extensão. Na propaganda feita em torno da questão é freqüente encontrarem-se opiniões de cientistas de responsabilidade, que põem em relevo o valor prático da Grafologia. Alfred Binet, diretor do Laboratório de Biologia Experimental da Universidade de Paris diz que suas experiências o levaram à conclusão de que a escrita é uma criação estritamente pessoal e que a Grafologia permite um juízo penetrante da individualidade humana. Pierre Janet, o célebre mestre do Colégio de França, considera a

escrita como um documentário precioso, como uma fita cinematográfica dos atos do indivíduo, acrescentando que a Psicologia deve socorrer-se da Grafologia. Charles Richet, o velho sábio francês, prêmio Nobel, afirma que a mentalidade profunda do indivíduo pode ser estudada pela escrita: se é ele desordenado ou arrebatado, será a sua escrita incoerente; se for vaidoso, haverá no seu grafismo sinais inequívocos dessa hipertrofia do “eu”. “É impossível que uma pessoa muito estúpida não deixe transparecer um pouco da sua estupidez. Os imbecis e as pessoas de espírito não podem ter o mesmo grafismo. “Quid mens una ferat scripto tua dextra notabit.” Maurice Légrain, da Faculdade de Medicina de Paris, chega ao ponto de asseverar que a escrita permite diagnósticos e prognósticos, razão pela qual, na sua clínica, recorre à Grafologia. São, como vemos, opiniões respeitáveis, que poderiam ser facilmente multiplicadas, pois são muito freqüentes, mesmo nos países mais cultos do mundo. Estará, entretanto, aí a verdade, toda a verdade?

Na Grafologia há, sem dúvida alguma, algo de real e positivo, que deve estar de acordo com as qualidades mais características do indivíduo. Não é sem razão que Crépieux Jamin, que muitos consideram como o criador da Grafologia científica, pôde asseverar que “a Grafologia assenta em bases reais, resistiu com êxito à verificação experimental, possuindo as suas leis, o seu método, a sua classificação. Nada de oculto, portanto. Pode ser aprendida e não se lhe poderia recusar o título de ciência de observação.” Tudo isso está muito certo, embora não ultrapassando limites precisos, estritamente determinados. Naturalmente, a escrita tem de estar de acordo com a personalidade do indivíduo, assim como também o deve estar a sua maneira de falar, de andar, de comer, etc. A atitude de cada um dentro da vida, em relação às outras pessoas e ao meio ambiente, é extraordinariamente variável, embora forneça indicações preciosas quanto ao caráter e temperamento de cada indivíduo, em particular. Vendo, pela primeira vez, qualquer pessoa, mesmo de modo fugaz e superficial, logo nos damos conta de uma série de particularidades individuais, que, imediatamente, nos levam a considerá-la simpática ou antipática; simples, modesta, natural, ou pretensiosa e artificial; enérgica e ativa, ou mole e preguiçosa; franca, leal, de confiança ou desleal, traiçoeira, mentirosa; inteligente, viva, esperta, ou lenta, caturra, estúpida; fina, delicada, distinta ou grosseira, rude, mal

educada, etc. Todas essas particularidades psicológicas, que se associam das mais variadas maneiras e ainda se diferenciam em minúcias mais definidas, podem ser apanhadas por um simples golpe de vista, que, não raro, serve ainda de diretriz para nos guiar em outras investigações psicológicas. O que se observa realmente, na prática, é que os psicólogos profissionais, sobretudo quando trabalham no campo científico, se servem de fatores dessa natureza e que as suas investigações são falhas ou deficientes desde que, faltando-lhes dons intuitivos dessa espécie, procuram resolver os problemas unicamente por meio de “tests” e outras provas objetivas. É preciso reconhecer, antes de tudo, que essas qualidades de intuição são muito variáveis, havendo indivíduos que as possuem em grau de verdadeira virtuosidade. Um exemplo conhecido e muito característico é o dos bons porteiros de hotéis, cuja capacidade para reconhecer os clientes atinge proporções verdadeiramente espantosas. De regra, ao entrar o freguês no hotel, inteiram-se da sua capacidade de dar gorjetas, da sua situação social, da sua importância pessoal, distribuindo atenções e amabilidades de acordo com esse reconhecimento. De regra, videntes, quiromantes, grafólogos e todas as espécies de oráculos e adivinhos são também possuidores dessas qualidades, aliás, muito humanas e naturais.

É evidente que a Grafologia, por si só, pode fornecer dados de valor para julgamento de determinado indivíduo, uma vez que a escrita deve estar de acordo com uma série de outras particularidades tradutoras da sua personalidade. Não é muito difícil verificar se determinada escrita é rápida, espontânea, nítida, caligrafada ou, pelo contrário, lenta, difícil, confusa, inibida, para, daí, tirar certas conclusões sobre o temperamento do autor. É nesse sentido que se pode falar de grafologia científica e até aplicá-la ao diagnóstico e à evolução de determinadas moléstias, realmente capazes de alterar a escrita do doente. Isso acontece, sobretudo, quando existem alterações do sistema nervoso, como tem sido verificado, já há muito, por diversos autores. Essa parte da Grafologia, que é suscetível de aprendizagem e aperfeiçoamento pelo exercício, representa bem pouco, tão pouco que não foi isso que fez seu renome e lhe deu a divulgação que tem conseguido alcançar dentro do mundo moderno. Hoje, por toda a parte, sobretudo nos países civilizados, existem indivíduos e institutos especializados na questão e que anunciam serviços até para seleção profissional, forne-

cendo a companhias e empregadores informações pagas sobre o valor moral e intelectual, assim como a capacidade profissional de candidatos a empregos e mesmo de fregueses, tudo pela interpretação da sua maneira de escrever. A propaganda é de tal ordem que alguns comerciantes e empresas industriais ou de outra natureza admitem empregados somente depois de uma consulta a especialista ou instituto dessa natureza, onde tomam assinaturas, de preço reduzido para atender a grande número de casos. O chamado retrato grafológico é de preço variável, conforme a maior ou menor extensão. É possível, porém, chegar-se a conclusões desse gênero somente pela Grafologia, isto é, pela interpretação simples, única, exclusiva do documento escrito? Naturalmente, algumas aproximações podem ser alcançadas, fornecendo certas indicações quanto à personalidade do indivíduo. Mas, é isso muito pouco e muito perigoso para se querer estabelecer, desse modo, julgamento completo, de conjunto, sobre determinado ser humano. Logo que se ultrapassa o que é evidente e fácil de perceber, cai-se no terreno das aproximações, onde o certo e o errado se confundem, aparecendo em proporções quase idênticas. A habilidade do grafólogo consiste em fornecer dados tão gerais que sirvam para as mais diversas situações, de tal forma que pareçam bem adaptados a qualquer caso particular. Isso é, aliás, quase sempre muito fácil, uma vez que nos impressionamos mais pelas informações certas e exatas, desprezando as errôneas e contraditórias. Já vimos que isso faz parte das nossas tendências naturais, sobretudo no que se refere às nossas qualidades pessoais, que acreditamos bem observadas sempre que o julgador as exagera, exaltando o seu valor. Quero apresentar um documento grafológico fornecido por um instituto de grafologia da Alemanha, com sede em Berlim, dispondo de técnicos especializados em diversas questões e que anuncia ser dos maiores e mais antigos do mundo. Trata-se da minha própria assinatura, cuja interpretação, dada por escrito, é a seguinte:

*“Homem sensível e de boa compreensão. Não gosta de mudar de idéias. Temperamento inflamável. Tendências artísticas. Lógico. Boas qualidades de observação e adaptação em relação ao ser humano e à natureza. Diante de fatos concretos sabe bem como se comporta. Capacidade para perceber o essencial das coisas. Força de vontade não muito poderosa. Muito dependente do seu próprio humor. Espera pelos acontecimentos, em vez de forçá-los. Em geral, algo pretensioso quanto ao*

*valor das suas próprias idéias. O que consegue executar está sempre acima da média comum. Esforça-se para ter autoridade espiritual. Tem bom coração e compreensão para com os outros. É bem tratado pelas mulheres, e gosta de conversar com elas sobre problemas intelectuais. Se tivesse mais força de vontade e perseverança poderia conseguir coisas extraordinárias”.*

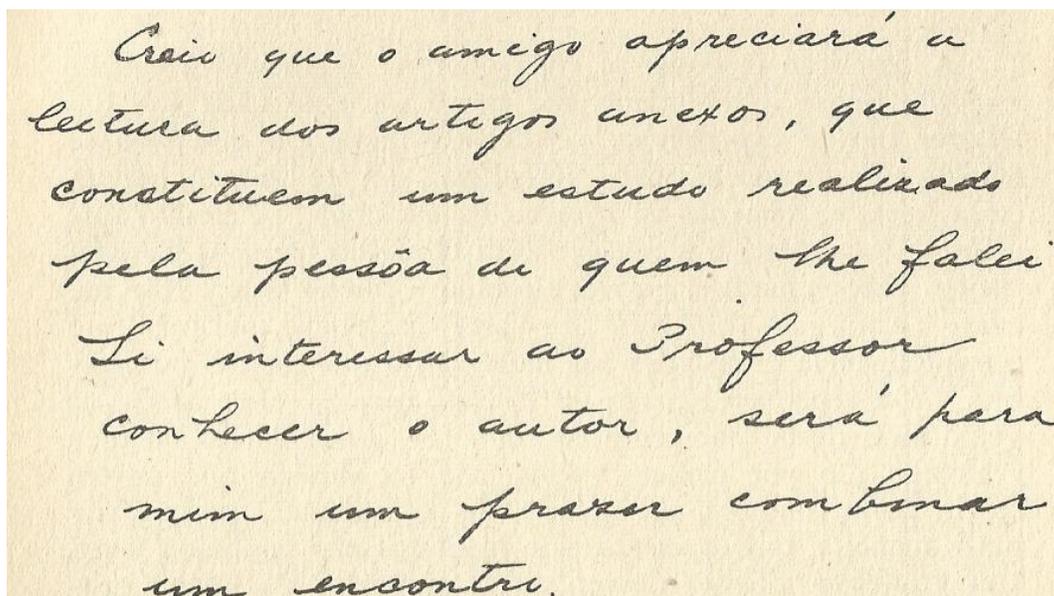
I

A descrição é, como se vê, monótona, adaptável à grande maioria, quase à totalidade dos homens. Que cada um dos leitores faça a experiência, verificando quanto a descrição se amolda ao seu próprio caso! No entanto, quanto ao meu, quanta coisa falsa, exatamente ao inverso da realidade! Acredito que a força de vontade e a perseverança têm sido os meus característicos predominantes, através de toda a minha vida. Não me canso de afirmar, sobretudo aos meus discípulos, que o talento e a inteligência estão mais nas nádegas do que mesmo no cérebro. É a repetição sincera de Edison, quando disse haver no gênio mais de 90 por cento de suor. Se as revelações do meu grafólogo são por demais vazias, não há dúvida que devem servir para contentar a maioria de consulentes, porque, de outra maneira, tais especialistas e institutos não poderiam viver. Um grafólogo vidente desvendou os mistérios da minha existência nos termos abaixo transcritos, que eu solicito ao leitor veja se se adaptam ao seu caso, porque, em relação ao meu, há muita coisa redondamente errada:

*“Inteligente, muito intuitivo, espírito superior, franco, simples, confiante, de temperamento muito delicado. Sério, correto, tendo muito amor próprio e sendo algo obstinado. Econômico, mas piedoso, caridoso, gostando de auxiliar os outros, muito social e prestativo. Espírito cheio de harmonia, sensível às artes, gostando de coisas originais, muito espontâneo e natural. Otimista, conformado, decidido, não se movendo pelos conselhos dos outros. Muito raciocínio. Tem inimigos ocultos. Não é pobre, tendo-se feito por esforço próprio. Não tem sorte na loteria e no jogo, mas é feliz no amor. Bom filho e bom amigo. Sempre prejudicado pelos benefícios que presta aos outros. Não tem tido sofrimentos morais. Senhora doente e fraca. Terá sempre muito sucesso pelo esforço e a inteligência. Não está sujeito a fatalidades. Tem excelente anjo da guarda. Viverá velho, até aos 90 anos. Quanto à saúde: órgãos digestivos e garganta fracos; tendência para doenças do fígado; sangue, bom; sistema nervoso abalado”.*

Em conjunto, o retrato é bem simpático, mas, na opinião mesma de cada um, talvez sirva para quase todo o mundo, embora pouco para o meu caso pessoal.

Recentemente, tive em mãos o chamado psicograma de um cliente e amigo, que estava verdadeiramente assombrado diante da interpretação dada à sua escrita. Dou aqui o modelo da sua caligrafia e a interpretação grafológica em questão.



Craio que o amigo apreciará a  
lectura dos artigos anexos, que  
constituem um estudo realizado  
pela pessoa de quem lhe falei.  
Si interessar ao Professor  
conhecer o autor, será para  
mim um prazer combinar  
um encontro.

“Analisado pelo método grafológico, verifica-se que a escrita apresenta as seguintes características grafognômicas:

- 1) Quanto à Velocidade — espontânea e lançada.
- 2) Pressão — nítida e com relevo.
- 3) Forma — arqueada, caligrafada, clara, crenelada, harmoniosa, em laço, semiarredondada, simples.
- 4) Dimensão — espaçada, inchada nas hastes e superalteada.
- 5) Direção — descendente, inclinada para a direita (50°).
- 6) Continuidade — agrupada, barrada inutilmente, inibida (partida e suspensa).

Correspondem a esta gesticulação gráfica traços psicológicos que nos permitem elaborar do escrevente o seguinte psicograma:

## 1. INTELIGÊNCIA

Intelectualmente, é pessoa de valor nitidamente acima da média. Se tivéssemos que lhe avaliar a inteligência, servindo-nos para tal de uma escala de 1 a 60, correspondente à de Alfred Binet, atribuir-lhe-vamos 42 (quarenta e dois) graus, o que define o talento. Com efeito, a inteligência

*do nosso examinado é clara, intuitiva, de tipo indutivo, mais que dedutivo; a imaginação fértil, e o juízo, ou seja a faculdade de julgamento, preciso e justo, não o sendo mais ainda porque o perturba o coração, ou seja, a extrema sensibilidade, a delicadeza de sentimentos, que a sua escrita reflete. Dos três elementos constitutivos da inteligência (memória, imaginação e juízo) o mais pobremente representado ao nosso estudado é o primeiro.*

## 2. MORALIDADE.

*Sob o ponto de vista moral, é igualmente superior à média o valor da sua personalidade. Trata-se de uma pessoa franca, embora de uma franqueza e espontaneidade muito moderadas pela delicadeza de sentimentos, pela sua extremada sensibilidade moral, que lhe inspira o receio de magoar, de ferir.*

*É grande a sua lealdade e o seu idealismo, sentimentos que, casados com os anteriormente definidos, geram um elevado espírito de altruísmo, que conduz e canaliza toda sua atividade num sentido socialmente útil, levando-o a desprezar, ainda mesmo com prejuízo financeiro, todas as ocupações que não visem uma finalidade humana, ou, com mais propriedade, humanitária. Os seus defeitos de ordem moral são certa dose de orgulho e de vaidade, oculta sob a forma patológica de timidez. Estes defeitos reduzem-lhe, como se compreende, ainda que em pequena escala, por estar fartamente compensados por atributos morais positivos, o seu valor moral. Este, pode-se fixar, de harmonia com a escala anteriormente invocada, em 40 (quarenta) graus, muito superior, ainda assim, à média.*

## 3. VONTADE

*Sua vontade é fortíssima, o que, associado, como vimos, a uma inteligência superior, traduz-se em elevado espírito de iniciativa, de empreendimento rendoso e útil. O lado negativo da sua vontade é certa inconstância, revelada principalmente no campo dos afetos. Valor da sua vontade: 41 (quarenta e um) graus.*

## 4. TEMPERAMENTO

*Temperamentalmente, é, de acordo com o critério de classificação hipocrático-galênico, um bilioso-nervoso-sanguíneo-linfático. As pessoas em quem o temperamento se apresenta assim hierarquizado são, em primeiro lugar, ativas, empreendedoras; depois, idealistas, ansiosas, pensativas; a seguir, viajantes, amorosas e ambiciosas do reconhecimento público; e, só por último, contemplativas”.*

Eu não conheço suficientemente o analisado, mas parece-me que todas as particularidades descritas quanto às qualidades superiores de inteligência, de moralidade, de vontade, de temperamento correspondem à realidade. E faço esse julgamento ba-

seando-me na sua posição social e profissional, que o grafólogo também não devia ignorar, pois o relatório continha o seu nome. O mais grave, porém, é que psicogramas idênticos são fornecidos a pessoas muito diferentes, como aconteceu naquele caso por nós já referido: um comerciante estrangeiro, vulgar e mesquinho, e que estava entusiasmado pela perspicácia do grafólogo, que lhe havia atribuído qualidades excepcionais. No presente caso, apesar da situação ser muito diferente, é preciso considerar quanto é difícil julgar valores morais da natureza indicada, por vezes muito diversos do que é admitido pelos parentes, amigos ou pelo próprio indivíduo. No caso em questão, devo informar que a previsão estava completamente errada em relação à constituição e à saúde do analisado, terreno em que o médico pode dar-se conta real da situação. O relatório dizia textualmente:

## 5. CONSTITUIÇÃO E SAÚDE

*Aplicando o método grafopatológico, baseado nas pesquisas dos Drs. Rogues de Fursac, Ebbinghaus, Héricourt, Paul Carton, Alfred Binet, Pierre Janet, Maurice Légrain, Charles Richet, Freud, Adler, Jung, etc., relativamente à repercussão dos estados patológicos na escrita, concluiremos que o nosso observado apresenta as seguintes características nosológicas:*

*Aparelho digestivo: forte acidez no duodeno, insuficiência hepática e pequena litíase biliar. Colite e tênia.*

*Aparelho respiratório: pequena traqueíte, apenas. O demais, bem.*

*Aparelho circulatório: aortite. O resto, em bom estado.*

*Aparelho gênito-urinário: bom, com exceção de litíase (areia apenas) no rim esquerdo.*

*Sistema neuro-vegetativo: grandemente desequilibrado.*

*Sistema glandular: igualmente muito desequilibrado.*

*Sífilis: localizada no sistema nervoso.*

*Constituição: grande vitalidade, porém influxo nervoso irregular. Falta de cálcio no organismo (não se confunda isto com descalcificação, que é coisa diferente); dentes e ossos fracos”.*

A pessoa em questão não sofria de insuficiência hepática e nem de litíase biliar. A aortite e a litíase renal esquerda também não existiam. O mesmo acontecia em relação à sífilis, localizada no sistema nervoso. O sistema glandular não apresentava perturbação alguma, nem havia falta de cálcio, no organismo. Desequilíbrio do sistema neuro-vegetativo é uma expressão vaga, que apenas alguns médicos empregam, em geral para esconder a sua ignorância ou contornar dificuldades diagnósticas. O que é evidente é que o doente, recebendo

tantos diagnósticos, não podia deixar de encontrar lugar para colocar aquele formulado pelo médico. Apesar disso, o grafólogo foi tão infeliz, que a verdadeira moléstia ficou de fora, não aparecendo senão como uma forte acidez do duodeno, que é modalidade que não existe na clínica. É bom que atentemos para essas tentativas de aproximação tão variadas, e que, no fundo, constituem o segredo por meio do qual se salvam os diagnósticos de videntes, quiromantes, grafólogos e de toda sorte de adivinhos.

No caso em questão, o mesmo grafólogo forneceu, algum tempo depois, um novo psicograma, no qual havia diferenças acentuadas quanto aos característicos psicológicos e, maiores ainda, quanto à constituição e à saúde do consulente. Nele não se falava mais da litíase biliar, da tênia, da sífilis do sistema nervoso, nem da litíase renal, que haviam desaparecido sem nunca terem existido!

Para melhor dar-me conta das verdadeiras possibilidades fornecidas pela grafologia, resolvi submeter o técnico em questão, que é velho profissional, a uma prova crucial, cujo resultado foi desastroso e impressionante, excedendo tudo que era possível imaginar. Para isso, tomei uma folha de papel de avião e, com a minha caligrafia habitual, tracei a carta que aqui reproduzo. Devo acrescentar que está escrita da maneira mais natural e espontânea que posso executar, pois empreguei caneta e pena que uso regularmente há muitas dezenas de anos, sendo a pena J, de ponta redonda, em bola. Todos que conhecem a minha caligrafia a reconhecerão facilmente no modelo apresentado, enquanto que, traçada com qualquer tipo de caneta-tinteiro, perde logo muito das suas características.

A experiência visava estabelecer quanto o grafólogo guiava-se realmente pela escrita e quanto concluía ele de outros dados circunstanciais. A carta comportava interpretação psicológica fácilíssima, pois os seus dados correspondiam a um indivíduo da mais baixa categoria, cujo julgamento não escaparia nem mesmo a pessoas muito obtusas. Naturalmente, tomei todas as providências para que o grafólogo não pudesse receber outras informações, além das fornecidas pelo papel escrito. Ele foi procurado incògnitamente por uma de minhas irmãs que, pretensamente, recebera a carta de um parente do interior de Minas, e desejava opinião autorizada sobre a pessoa em questão, pois se tratava de caso grave na família. Mas, minha irmã alegou

Minha querida Lucy

Myri morreu no leito desamparado e  
por pouco não te foi. Mãe teve medo  
de ir, mas todas as cartas de recomendação  
em sua mão foram inutilizadas. Estava entido  
de grande dificuldade e até já com  
a mesma coragem das esperanças. Queria  
por sua filha o possível por sua  
saúde alguma de saúde, se possível  
sem qualquer, mesmo por todos os  
seus esforços. Tanto quanto a  
teu um pouco, mas não há outro remédio  
vida. Inveniente se encontra no teu o  
cuidado e se o mesmo caso se produ-  
za não está bem, mas até ficando  
para morrer. Justo te se não fosse  
uma vitória de se trazer, mas até  
antes aqui pelo lado de morte. Quanto a  
esperanças e não não falar a tua  
paixão, se se desamparado morto. Tanto  
pouco, pois é e ~~uma~~ umedecida que não  
se deixa. Só se te esperança em uma  
por se quem trabalhar e ganhar a vida.  
Seu de unives em o pedido em a unives  
unives de 5 dias a pouco em te em se  
unives, mas se um pouco unives. Unives  
e unives, por te de tua por unives te por unives

não conhecer pessoalmente o rapaz, nada podendo informar a seu respeito. Eis a minha carta, enviada ao grafólogo nas condições descritas:

O resultado, que veio sob a rubrica — psicograma de Mário — está redigido nos seguintes termos:

*“O grafismo de Mário apresenta as seguintes características grafognômicas: babosa, confusa, filiforme, reprimida, acerada, embaraçada, empastada, bizarra, convexa e tipográfica.*

*Interpretando, de acordo com o método psicografológico, estes índices, concluiremos por traçar do estudado o seguinte psicograma ou “retrato grafológico”:*

**Inteligência** — *Boa. Se pretendermos avaliá-la, em conformidade com uma tabela de 1 a 60, correspondente à de Binet, atribuir-lhe-emos 40 (quarenta) graus, o que é próprio de um homem de talento. Cultura e sentido estético, ao mesmo nível, evidenciando-se particularmente através da sensibilidade literária e musical.*

**Moralidade** — *Fraquíssima. Valor (segundo a mesma tabela anterior): 20 (vinte) graus. A análise revela-nos, a este respeito, um homem profundamente mentiroso, falso, deslealíssimo, hipócrita, maledicente e cruel, colérico e cheio de ódio, umas vezes, e, outras, quando as circunstâncias lho aconselham, meloso, carinhoso, de uma doçura falsa, para enganar. A análise revela, mais, tendência nítida para a prática de atos lesivos dos interesses alheios.*

**Vontade** — *Igualmente fraca. Energia, precisão e atividade medíocres. É um astênico. Indisciplinado, desordenado, precipitado e preguiçoso. A letra revela um desfalecimento da energia, que não se sustem.*

**Conclusão** — *Além dos defeitos apontados, revela-nos a grafologia ser o estudado um indivíduo profundamente viciado, excitado e esgotado. É um intoxicado fisiologicamente e moralmente, de quem infelizmente nada há a esperar quanto a regeneração. Não permitem ilusões a tal respeito a idade, a doença e a mentalidade congênita do estudado. A inteligência, a própria inteligência, naturalmente boa, como verificamos, está muito comprometida pela intoxicação fisiológica e moral do estudado, não nos dando, por este motivo, a menor esperança de uma reação salutar.*

*Em face de tudo isto, não posso aconselhar, honestamente, como se conclui, o casamento. Seria expor-se a noiva a uma vida de infortúnio”.*

Peço ao leitor que não me conhecer para não me julgar pela descrição dada pelo grafólogo. Se este mesmo persistir em tal opinião, agora, que já sabe de quem se trata, não ficarei muito admirado, porque será afinal essa a melhor defesa que poderá encontrar para o seu estrondoso fracasso. Eu não esperava resultado tão decisivo, pois acreditei que a sua experiência grafológica pudesse fornecer qualquer dado informativo mais acertado. Mas tudo correu de maneira muito simples e natural, pois se deixou guiar apenas pelos dados psicológicos, que

qualquer pessoa facilmente poderia interpretar. Tudo isso nos mostra que, se a Grafologia possui uma parte real, objetiva, de caráter verdadeiramente científico, ela é bem limitada, não permitindo essas vastas previsões e interpretações tão apreciadas pelo grande público, e que, em última instância constituem a força que a faz sobreviver, até possibilitando a existência de institutos e especialistas. Na realidade, o que há, ao lado da Grafologia simples, honesta, objetiva, de alcance limitado e pouco aproveitável, é uma outra mais vasta, poderosa, obscura, equivalente à quiromancia, ao tirar a sorte pelas cartas de baralho, ao pêndulo mágico, à bola de cristal, à vidência médiuns, etc. Em todos esses casos, o que existe, quase sempre ao lado de muita exploração, é o aproveitamento de reações fisionômicas e sinais mímicos fornecidos imperceptivelmente pelo interlocutor e que o adivinho aproveita de maneira surpreendente, por vezes não percebendo ele próprio esse mecanismo de ação. Tendo diante de si o consulente, torna-se tão fácil guiar-se pelas linhas da sua mão, quanto pelas cartas de um baralho, o traçado da sua escrita, o pêndulo mágico, ou qualquer outro indicador misterioso. O mecanismo de orientação é sempre o mesmo, que se repete em idênticas condições. É, também, por isso, que todas essas artes não comportam aprendizagem, dependendo, essencialmente, das qualidades de intuição e perspicácia dos seus prosélitos. Quem procura estudar detidamente a questão, logo percebe que linhas da mão, cartas de baralho, traços de escrita e movimentos de pêndulo, estão longe de poder fornecer aquelas informações extraordinárias que, comumente, são obtidas com grande facilidade, graças à esperteza e à capacidade de percepção intuitiva dos adivinhos. Ler a mão, pôr cartas, interpretar a escrita, são tarefas bem fáceis para quem as consegue executar espontaneamente, e por assim dizer, impossíveis de serem aprendidas pelo estudo e pelas regras da lógica e do bom senso. As presentes considerações nos levam à conclusão de que todos esses fenômenos são essencialmente humanos e nada apresentam fora das realidades terrenas. As coisas já estavam para mim nesse pé quando, certo dia, fui surpreendido por um novo acontecimento, que veio abalar profundamente as minhas mais firmes convicções. Foi o caso de Rafael Schermann, do qual tomei conhecimento quando estive na Europa, em 1930 e que será exposto no capítulo que se segue.

## CAPÍTULO QUINTO

*Sumário: Rafael Schermann e os prodígios da Grafologia. Assombro do mundo moderno. Confirmação de universitários. O sexto sentido de Schermann, que descobre assassinos e falsários, estabelece diagnósticos de doenças, determina a profissão, as tendências, as preocupações do indivíduo. Schermann reproduz a assinatura e escrita das pessoas, sem conhecê-las! A minha consulta com o taumaturgo e os seus resultados. Uma experiência que resolve o problema. A memória subconsciente auxiliada pela perspicácia. As possibilidades do ser humano.*

**E**M 1929, RAFAEL SCHERMANN publicou, em Berlim, um livro tendo por título — “Die Schrift leugt nicht!” isto é: “A escrita não mente!”. Através das páginas dessa obra verifica-se que Schermann é um vidente de alta categoria, que parece ultrapassar tudo o que tem existido no gênero. Ele se serve unicamente da escrita, fazendo revelações espantosas sobre o presente, o passado e o futuro das pessoas. A sua lucidez é de tal ordem, que se tornou um verdadeiro objeto de investigação científica, tendo sido publicados, por autoridades de renome, grande número de trabalhos e mesmo livros sobre os fenômenos que é capaz de desvendar. Ele próprio não se considera grafólogo, pois o que descobre na escrita não provém de análises profundas e minuciosas, “bastando lançar-lhe um olhar para imediatamente poder descrever o que vê”. Muitas vezes é uma letra, um simples traço, qualquer particularidade insignificante que o conduz a conclusões espantosas. Oscar Fischer, professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade alemã de

Praga, num livro publicado no idioma tudesco, em 1924, tendo por título — “Experimente mit Raphaël Schermann” — chega às seguintes conclusões: “As experiências grafológicas de Rafael Schermann excedem de longe tudo o que tem sido feito até hoje no domínio da grafologia técnica, metódica. Schermann não aprofunda a análise da escrita, que apanha por um simples golpe de vista, mesmo estando ela de cabeça para baixo e a certa distância. Basta-lhe isso para dar uma descrição exata do autor, que ultrapassa de muito o que a simples escrita poderia revelar”. Por essa razão, “admite a influência de outros meios de percepção extra-sensoriais, baseada em trabalho psíquico operando-se fora da alçada da consciência”. Falando do livro do professor Oscar Fischer, diz Charles Richet, textualmente: “A criptestesia (a antiga lucidez) de Schermann está estabelecida de uma maneira indubitável, com toda a precisão que os sábios alemães empregam em suas exposições e em suas análises. Notemos que se trata de um professor oficial de Psiquiatria, que esperou dez anos antes de publicar as suas pesquisas”. . E conclui: “O sexto sentido, isto é, o conhecimento dum fragmento da realidade por outras vias que não as vias sensoriais normais está agora tão bem estabelecido cientificamente quanto a parada do coração pelo pneumogástrico, ou a fixação do oxigênio pelos glóbulos do sangue, ou a presença de azoto no ar”.

Oscar Krauss, professor na Universidade de Praga, julga que, no caso de Schermann, há convergência de “faculdades grafológicas, fisionômicas, telepáticas e hiperestéticas”, enquanto o professor Moritz Benedikt, da Universidade de Viena, numa obra aparecida em 1918, compara o cérebro de Schermann a um aparelho possuindo antenas que receberiam ondas enviadas por outros cérebros. Benedikt acrescenta que a hipótese das antenas cerebrais está de acordo com os postulados da Física, podendo ser aceita como verdadeira explicação. Schermann declara no seu livro que essa hipótese foi combatida por outros autores, mas parece traduzir realmente o que se passa, o que ele sente. E acrescenta: no final das contas, o que devemos confessar é que nada sabemos sobre a questão.

Schermann admite que todos os fatores que podem influenciar a vida do homem devem refletir-se na sua escrita. “Se é o homem que traça a escrita, reflete ela, por sua vez, o próprio homem, desvendando, dessa maneira, mesmo sensações

das quais não tem ele ainda consciência”. “É preciso ver e compreender a escrita em sua totalidade. Ela tem o seu ritmo próprio. E é a primeira impressão que conta, que me revela, de um golpe, plasticamente, uma visão de conjunto do autor. Em geral, basta-me olhar uma caligrafia durante alguns segundos para desvendar situações a ela ligadas. Desde que consiga fixar tal visão, não tenho mais necessidade da escrita, da qual não me sirvo de novo senão quando as imagens recolhidas se desvanecem”. Muitos autores consideraram o seu processo como pura intuição, mas ele próprio, “para evitar qualquer erro, declara expressamente que o que se passa naquele momento está baseado somente na escrita”. E, nesse sentido, chega a levantar-se contra a habitual técnica grafológica. “Quanto mais analiso escritas, tanto mais me convenço de que os mesmos aspectos exteriores têm sentido e significação diferentes, segundo as diversas pessoas. Se se acredita que uma escrita, cujas linhas apresentam tendência para cima, indica comumente um homem alegre, confiante e otimista, pode tal tendência significar também exatamente o contrário, desde que seja posta em relação com outros detalhes menos visíveis, aparentemente insignificantes. Inversamente: uma escrita descendente, que geralmente se atribui a um estado de depressão nervosa, pode ter por autor um homem alegre, muito otimista, embora refletido e circunspecto”.

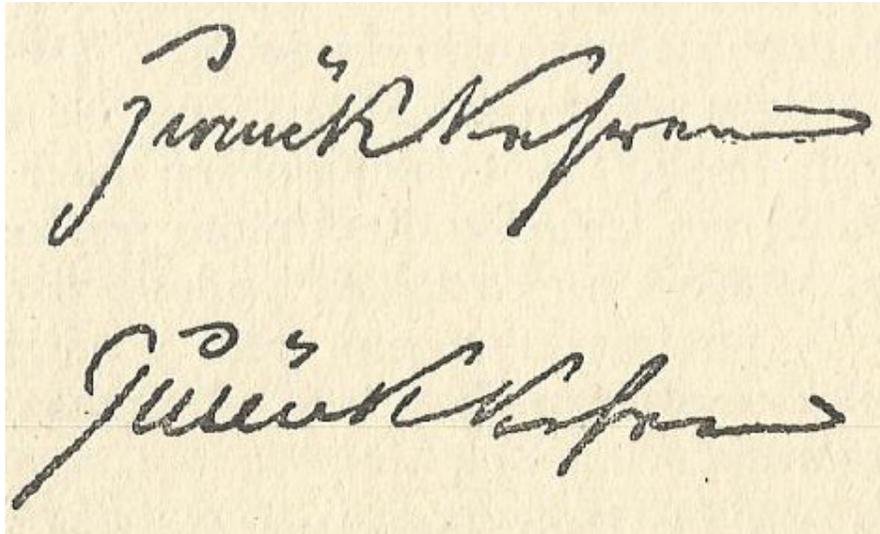
O célebre grafólogo J. Crépieux Jamin, que prefacia a tradução do livro de Schermann em francês e tem sido um dos maiores investigadores nessa especialidade, relata que ficou extraordinariamente surpreendido quando, em Berlim, pôde verificar pessoalmente aquele espantoso poder de adivinhação grafológica, que apresentava o taumaturgo de Viena. E acrescenta que o caso é singular, sendo uma profunda intuição que o domina. Diz textualmente: “Estamos, com efeito, diante de um caso excepcional de percepção, cuja origem o próprio vidente não percebe. Um exemplo bastará para mostrar a singularidade dos fatos: eu acabava de receber uma carta, que se encontrava dentro de um envelope dobrado pelo meio e, de tal modo, que não se podia ver a letra da remetente, que era minha parenta próxima. Schermann tomou o envelope e, mesmo sem olhar para os carimbos do Correio, que eram a única coisa visível, passou a mão por cima dele durante uma dezena de segundos, devolveu-mo e esforçou-se para reproduzir a escrita

da minha correspondente. Como o resultado não fosse satisfatório, retomou o documento, passou-lhe os dedos por cima e renovou a tentativa para reconstruir a escrita. Desta vez, a semelhança apareceu com bastante nitidez, embora não se pudesse falar de identidade. Sei, porém, que, em numerosos casos, consegue ele isso imediatamente. Schermann pediu-me para lhe confiar de novo o envelope e, apalpando-o, disse: “Trata-se de uma mulher, que não está mutilada, mas tem o polegar do pé direito anormal”. Depois, pediu uma folha de papel e desenhou o polegar com uma deformação óssea bem acentuada, o que era de uma exatidão assombrosa. Crépieux Jamin ficou estupefato diante dessas manifestações, que classificou de absolutamente novas, não possuindo qualquer ponto de contato com tudo o que sabemos. Acrescenta que, “no século XV, esse dom singular teria conduzido Schermann, como feiticeiro, diretamente à fogueira, podendo ele hoje felicitar-se dos progressos que tem feito a civilização!” E termina dizendo que, atualmente, não passa o caso de Schermann de um simples objeto de meditação para os que verificam as suas faculdades de divinação, que são únicas no mundo e permanecerão por muito tempo como a mais inacreditável das verdades”.

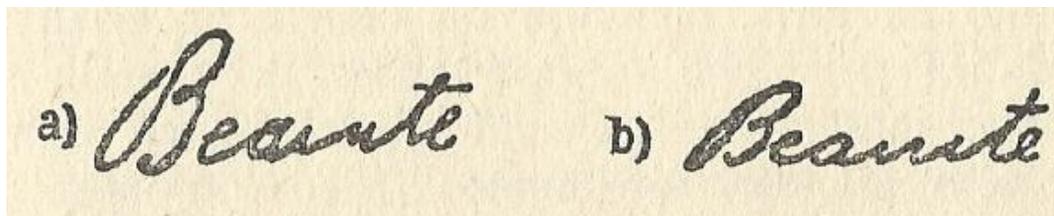
Schermann relata, no seu livro, a princípio, não operou senão num pequeno círculo de pessoas íntimas, mas que, logo depois, os meios jornalísticos e artísticos passaram a interessar-se pela sua capacidade grafológica. Em seguida, sempre evitando qualquer exibição, foi submetido a experiências por médicos e cientistas, razão pela qual o seu nome se tornou conhecido do grande público. Depois disso, fez conferências, viajou pelo estrangeiro, apresentou-se diante de sociedades médicas de grandes cidades, tais como Viena, Praga, Berlim, Zurich, Nova York, Boston, Londres, tendo sido objeto de variadas investigações, das mais difíceis às mais extraordinárias. Por fim, renunciou a fazer análises em público, sob alegação de que, daí, poderiam advir malefícios aos consulentes, tais as revelações que era capaz de fazer. “Eu considero a escrita de um homem como o seu bem pessoal, não tendo ninguém o direito de desvendar os seus segredos”.

Schermann refere que os primeiros cientistas com que trabalhou foram os doutores Wilhelm Stekel, Hugo Weiss e Moritz Benedikt, todos de Viena, o último dos quais afirmou: “Eu descobri uma segunda forma de sensibilidade, que gostaria

de chamar *forma Schermann*, baseando-me em três experiências psicografológicas que com ele realizei. Ao sentar-se diante de mim, Schermann declarou-me que queria imitar a minha assinatura. Se assim fosse não há dúvida que a sua memória e a sua habilidade gráfica já mereceriam admiração. Mas, a minha reserva e as minhas dúvidas desapareceram no dia imediato, diante da seguinte experiência: eu tinha nas mãos uma carta de uma senhora e olhava-a sem que Schermann pudesse vê-la. Estava sentado diante de mim e pediu-me para ler uma palavra da carta. Li a palavra *Zurueckehren*. Perguntou-me se estava escrita com letras maiúsculas, ao que respondi afirmativamente. Em seguida, ele a escreveu, reproduzindo magistralmente a letra em questão.



Depois disso, uma das minhas colaboradoras traçou sobre uma folha de papel a palavra *Beamte*. Schermann sentou-se diante dela e, sem ver o original, reproduziu a mesma palavra com prodigiosa semelhança.



a) A reconstituição.      b) O original.

De outra vez, Benedikt realizou a seguinte experiência “Depois de lhe haver vendado os olhos e feito virar a cabeça para um lado, coloquei a sua mão sobre uma carta e li o nome que estava escrito sobre ela e que era: *Universidade*. Shermann, sem o ter visto, escreveu essa mesma palavra com per-

feita exatidão, acontecendo o mesmo em relação à assinatura, que era Ernst Heackel”.

Experiências desse gênero foram repetidas muitas vezes, com outros autores, sobretudo com o professor Oscar Fischer, que fez até várias conferências sobre a questão, publicando um livro, que já tivemos ocasião de mencionar. O próprio Schermann relata particularidades de suas viagens e conferências pelo estrangeiro, sempre mencionando fatos assombrosos, capazes de comprovar a sua extraordinária vidência. Quando chegou à América foi assediado por jornalistas, dizendo a um deles, que lhe submetera a escrita, que viera com intenção de lhe pregar uma peça. O repórter confessou honestamente que era verdade e, sorrindo, retirou-se. Schermann refere que em 11 de novembro de 1923 um grupo de médicos de Nova-York, dos quais cita os nomes, fez com ele uma série de experiências relativas ao diagnóstico de doenças por meio da escrita. Os jornais publicaram longos artigos sobre essa sessão, mas ele não menciona senão um, escrito pelo Dr. Crampton, no New York Times, que aí lhe atribuiu um sexto sentido, muito pouco desenvolvido na maioria dos homens e que talvez pudesse ser aperfeiçoado futuramente. “A natureza deu um salto prodigioso, escreveu Crampton, pois o grafólogo de Viena ultrapassa de mil anos seus contemporâneos.

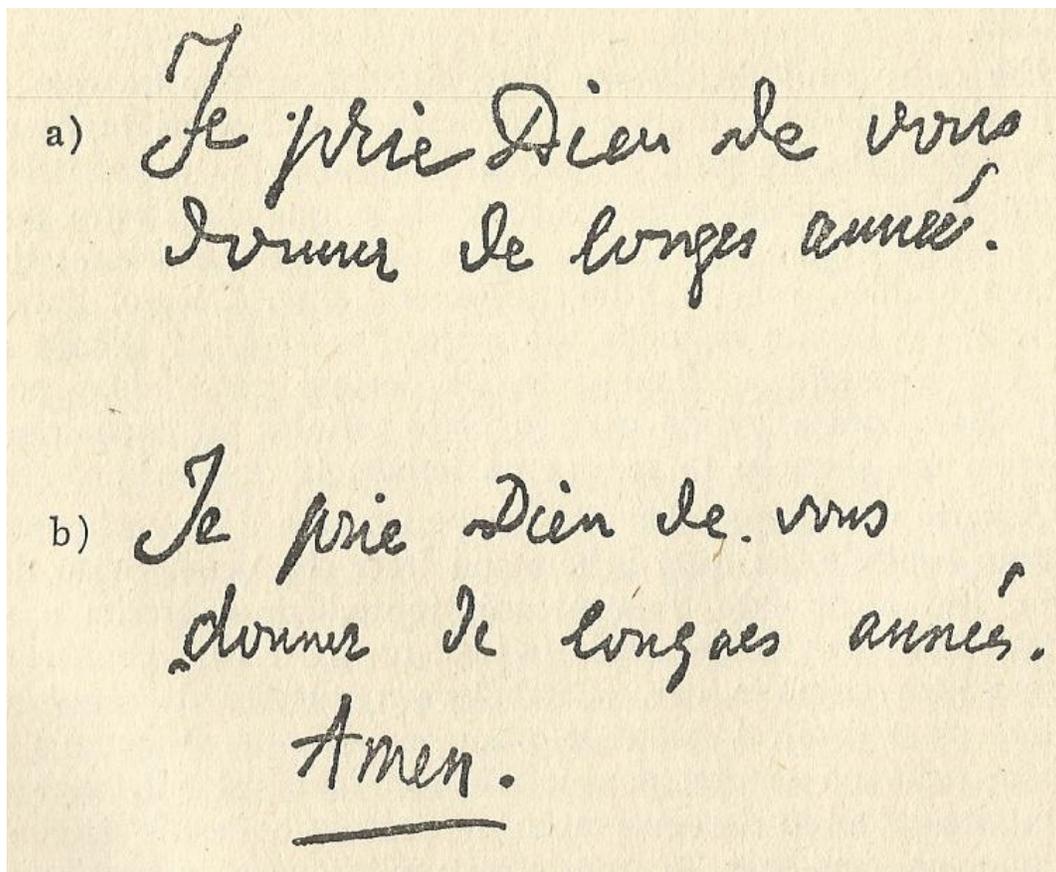
Schermann, no seu livro, menciona diversos casos em que serviu de perito em processos criminais, tendo por vezes descoberto o culpado, unicamente por meio da escrita. Em outros casos reconhece a dissimulação e a falsificação de documentos escritos, aliás, até com facilidade, pois são sempre defeituosos, deixando o culpado inexoravelmente a descoberto. Num capítulo da obra, ocupa-se da escrita de crianças, cujas particularidades permitem interpretações de grande significação. Depois, mostra ser possível descobrir, na escrita, tendências para o suicídio, sofrimentos físicos ou morais, a existência de doenças nos diversos órgãos da economia, etc. Nesse sentido, informa que se ocupou longamente de diagnósticos médicos, em colaboração com o professor Leschke, da Universidade de Berlim, que eu próprio conheci como assistente de Frederico Kraus, um dos maiores vultos da medicina alemã do meu tempo de estudante. Do professor Erik Leschke, que anos depois encontrei aqui no Rio, em viagem de recreio, encontra-se uma carta no livro de Schermann, concebida nos

seguintes termos: “Estou ainda vivamente impressionado pelos extraordinários diagnósticos que fizestes em Stuttgart, na casa do professor Baisch. Hoje quero dar-vos notícias de dois doentes, cujas escritas foram por vós analisadas. Num deles, fizestes o diagnóstico de intoxicação crônica do organismo, produzida por infecção latente. Pois bem, havia realmente essa infecção, até aí não diagnosticada, e que provinha de uma supuração crônica das amígdalas. No outro doente, a vossa afirmativa foi que se tratava de perturbações sexuais produzidas por recalcamientos de natureza religiosa e desequilíbrio das secreções internas. Pois bem, pelo meu exame, pude confirmar também esse diagnóstico. Nesse intervalo de tempo, recebi novas notícias do doente, que vos quero comunicar, pois o esclarecimento dos seus distúrbios libertou-o de graves preocupações, que acarretaram melhora progressiva e acentuada. Aliás, a concordância dos nossos diagnósticos não me surpreende, pois a escrita do homem é, certamente, o espelho mais fiel de toda a sua personalidade psicofísica, cuja leitura, porém, está reservada a poucos indivíduos, privilegiados pela graça de Deus”. E o professor Leschke assina afetuosamente a carta, datada de Berlim, aos 27 de junho de 1928.

Em outro capítulo do seu livro, Schermann mostra que a escrita do indivíduo e mesmo a sua simples assinatura fornecem dados característicos para se poder determinar-lhe a profissão, as tendências, as suas preocupações. É o que ele ilustra por uma série de exemplos, entre os quais aparecem assinaturas de Gustave Mahler, Johann Strauss, Franz Lehar, Caruso, Sarah Bernardt, do Conde Zeppelin, do major Parseval, de Blériot e de outros aviadores e, finalmente, de pessoas perseguidas por infelicidades, outras tendo aversão pelos estudos ou encontrando-se em má situação financeira na iminência de suicídio, etc.

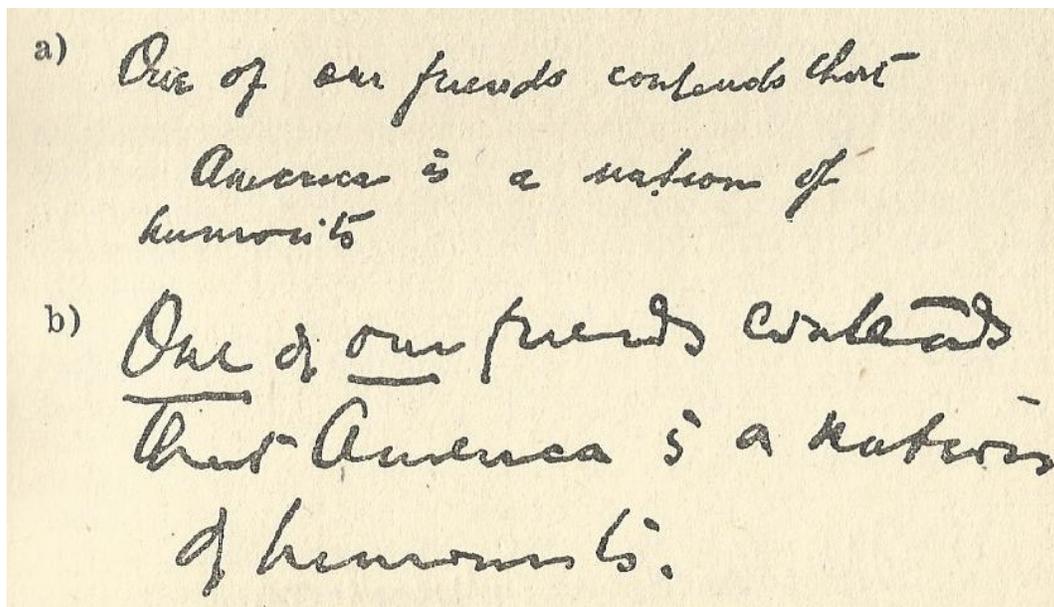
A parte mais impressionante do livro é, sem dúvida alguma, o último capítulo, no qual Schermann trata da reconstrução da escrita, isto é, do fato de conseguir reproduzir a escrita e a assinatura de uma determinada pessoa, mesmo sem a conhecer, vendo-a pela primeira vez. Estabelece a questão da seguinte maneira: se é possível conhecer o homem pela sua fisionomia e também pela sua escrita, porque não será possível adivinhar a sua escrita partindo da observação do próprio homem? E conclui que, na realidade, já respondeu muitas vezes a essa pergunta, reproduzindo a escrita de indivíduos desconhecidos, quer

baseando-se unicamente na sua aparência exterior, quer numa obra de arte por ele produzida. Pelas inúmeras experiências, chegou Oscar Fischer à conclusão de que, “para Schermann, a personalidade e a escrita representam duas correlações ligadas intimamente entre si, de maneira que, tomando-se conhecimento de uma delas, imediatamente encontra-se a outra, como numa equação. Quando se mostra a Schermann uma escrita, logo percebe a personalidade que lhe corresponde, assim como, vendo uma pessoa, logo infere a sua escrita, que é capaz, então de imitar”. Schermann acrescenta: “Não é somente a relação entre os traços fisionômicos e os da escrita que me fornece conclusões. Os gestos e todas as atitudes do ser humano despertam em mim sinais adequados quanto à sua escrita. O ritmo da escrita, a maneira de traçar curvas e laços, de fazer ligação entre as letras, são também muito importantes.” Depois dessa explanação, apresenta uma série de exemplos demonstrativos, alguns dos quais referentes a personalidades de renome. Entre outros, o do professor Charles Richet, como aparece nas seguintes ilustrações:

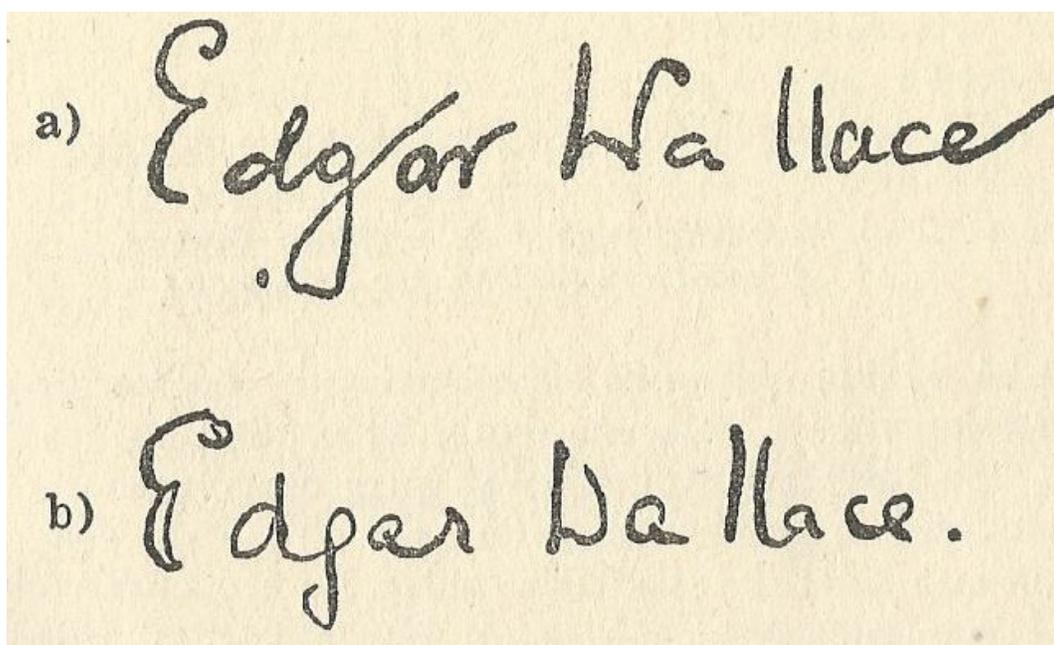


a) Reconstituição da escrita de Richet  
b) Escrita original de Richet

A frase, escolhida previamente, foi traçada primeiramente por Schermann e, depois por Richet, nas costas do papel, antes de ver a reprodução da sua escrita. A mesma experiência foi feita com Edgar Wallace tanto em relação à escrita quanto à assinatura, como aparece nas figuras à página 139.



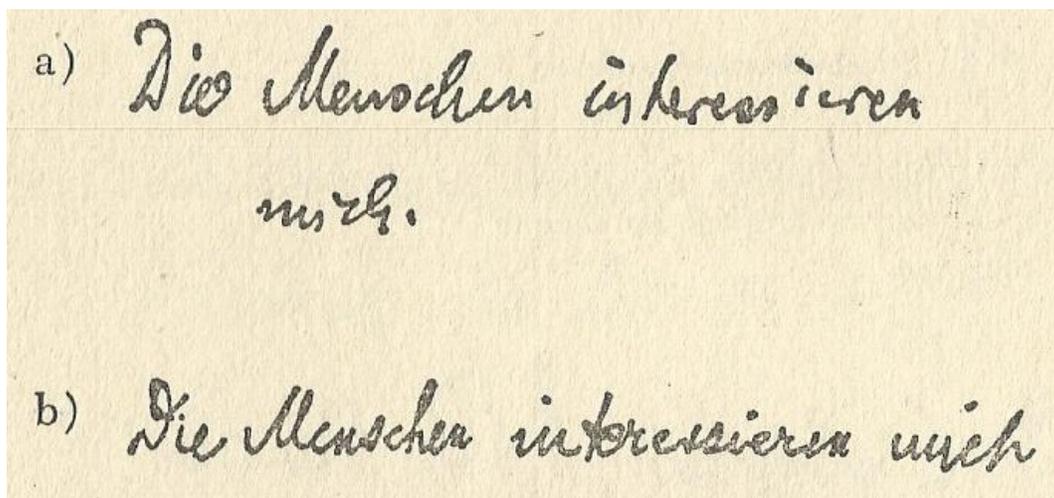
a) Reconstituição da escrita de Edgar Wallace  
b) Escrita original do mesmo



a) Reconstituição da assinatura de Wallace  
b) Assinatura original do mesmo

A reprodução, como é fácil verificar, revela semelhança extraordinária. Aliás, Edgard Wallace afirmou que ele mesmo não seria capaz de reconhecer qual das duas escritas havia sido traçada pela sua própria mão.

Os exemplos atrás são da edição francesa do livro de Schermann, mas não aparecem na edição alemã, anterior de alguns anos àquela, e na qual são encontradas reproduções que não figuram na edição francesa. Entre outras, as dos professores Fischer e Max Dessoir, o último dos quais foi Diretor do Instituto de Filosofia de Berlim, tornando-se uma das maiores autoridades no terreno da Metapsíquica, sobretudo devido às suas numerosas publicações, todas de caráter muito objetivo, principalmente visando descobrir erros e simulações, tão correntes nesse gênero de investigação. A experiência com Max Dessoir foi realizada da seguinte maneira: Schermann ditou a frase que aqui reproduzimos e que Dessoir escreveu sem que Schermann a pudesse ver. Depois, a escrita foi coberta e Schermann escreveu por baixo a mesma frase.



a) A escrita original do professor Dessoir

b) A sua reconstituição por Schermann

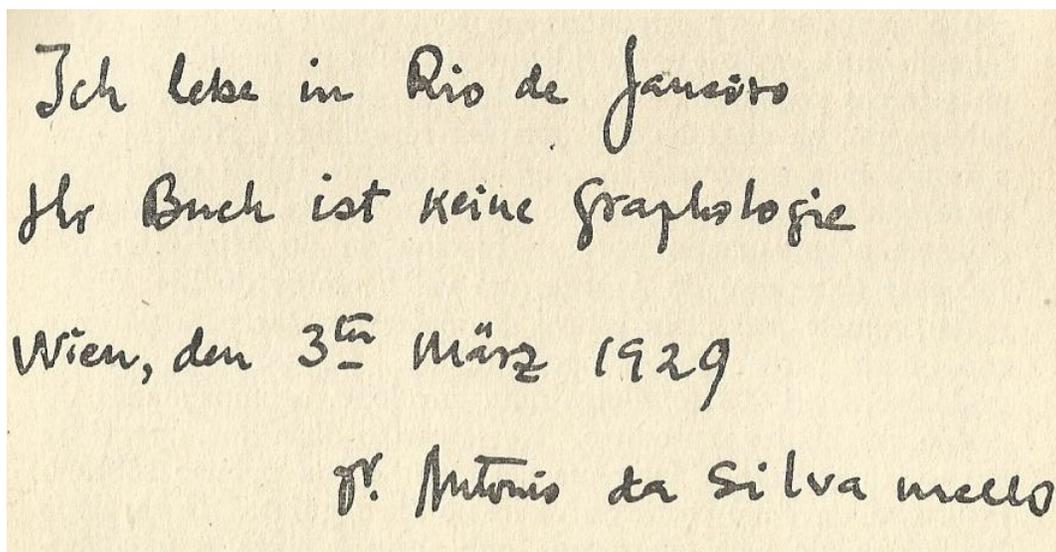
Não há dúvida que essas experiências de reconstruir escrita são impressionantes e possuem significação que não precisa ser exaltada. Se fosse possível, pela simples observação de determinado indivíduo, dar-se conta da sua letra e da sua assinatura, seria isso sinal da existência, entre ele e o observador, de sinais ou comunicações capazes de possibilitar tal orientação. É fácil admitir transferência oculta de fluidos e forças, processos de vidência e lucidez, embora seja tudo muito vago, não estando

demonstrado, nem sendo mesmo aceito pela Ciência. Se tais fatos fossem, portanto, reais, objetivos, demonstráveis, constituiriam provas capazes de abrir novos horizontes em torno da questão. De qualquer forma, porém, eram de maior significação e mereciam ser estudados em toda a sua plenitude. Não foi por outra razão que decidi investigá-los na medida das minhas fracas possibilidades. Para isso, procurei aproximar-me de Schermann, na qualidade de simples consultante. Não sei qual a razão, mas a verdade é que foi bastante difícil obter uma entrevista que, a princípio, me foi até recusada. Fui à sua residência acompanhado por um funcionário do Ministério das Relações Exteriores da Áustria, um velho amigo do Rio, diplomata daquele país. Eu estava de malas prontas para partir e não queria perder aquela oportunidade. Chegando à casa do grafólogo, meti 200 *schillings* num envelope, acompanhados do cartão que abaixo reproduzo. Nesse cartão dizia que, apesar da recusa, tinha grande interesse em ouvir a sua opinião sobre o meu caso, devendo partir de Viena no dia seguinte. O envelope lhe foi levado pela empregada que abriu a porta e, imediatamente, devolvido com a informação de ser impossível receber-me. Aí, entrou em função o diplomata que me acompanhava e que explicou tratar-se de um caso especial, recomendado pelo Ministério do Exterior. Nessas condições, fui recebido em seu gabinete de trabalho, ficando sentado frente a frente, sozinho com o grafólogo. Expliquei-lhe que o meu interesse maior era a reconstituição da minha escrita, que eu considerava a prova suprema do seu poder de lucidez, acrescentando que o tinha na conta de um vidente e não de um grafólogo. Perguntei-lhe se poderia fazer essa reconstituição e ele, depois de olhar-me atentamente, respondeu-me que sim. Tomou de uma folha de papel que estava sobre a mesa e escreveu muito naturalmente, sem titubear, o seguinte, que significa:

A photograph of a piece of aged, yellowish paper with handwritten text in dark ink. The handwriting is in a cursive, somewhat slanted style. The text reads: "Ach Ach ist keine Freizeitsache".

*o seu livro não é grafologia.*

Recolhi o papel e continuamos a conversar. Desejei obter, então, informações sobre o meu passado, o meu presente, o meu futuro. Mandou-me que escrevesse, sob o seu ditado, o seguinte:



Jch lebe in Rio de Janeiro  
Ihr Buch ist keine Graphologie  
Wien, den 3<sup>ten</sup> März 1929  
Dr. Antonio da Silva Mello

que quer dizer:

*eu vivo no Rio de Janeiro  
seu livro não é grafologia  
Viena, 3 de Março de 1929  
e a minha assinatura*

Os dados que forneceu sobre a minha existência foram vagos, imprecisos, muito semelhantes àqueles recebidos de outros videntes, tão superficiais e pouco interessantes que não me dei ao trabalho de escrevê-los. Saí desapontado, diante do fracasso, que me pareceu completo. Levei para casa os papéis escritos durante a consulta e não foi senão ao examiná-los posteriormente que me dei conta da descoberta que encerravam. O que verifiquei, desde logo, foi que a escrita que Schermann reconstituíra não era a minha, mas sim a do diplomata meu amigo! O cartão contendo o meu nome havia sido escrito por ele e a letra reconstituída assemelhava-se à sua, de maneira verdadeiramente espantosa. Devo dizer que o cartão foi escrito a lápis e que agora, para poder publicá-lo, precisei tirar-lhe uma cópia fotostática. Para facilitar o estudo comparativo, apresento aqui, além da fotocópia do cartão de ambos os lados, o fragmento de uma carta desse mesmo amigo, também escrita naquela época.

DR. ANTONIO DA SILVA BELLO

Sehr geehrte Frau, ich hoffe, dass  
Ihre kleine Tochter bald von  
Krankheit erholen und lesen kann.

Ich habe erfahren, dass die  
Krankheit bald kommen wird,  
da es nun von Weg ab ist.

Vielen herzlichen Dank für Ihre lieben Zettel vom 28. v.M.  
es hat mir in jeder Hinsicht viel getan, dass Sie so bald zum  
Lesen und wieder krank waren, ich hoffe um menschlichkeit dass  
es Ihnen jetzt schon wieder besser geht und dass die Forderung seiner  
Pflicht getan hat. Es ist ja verständlich dass Sie sich depri-  
miert fühlen, wenn man aus dem Krankenhaus nicht heraus kommt,  
da Sie öfters anderswärts nicht ausgehen, dass Sie die Augen

O que sobressai primeiramente da verificação é que a minha escrita é essencialmente diferente da do meu amigo, que Schermann não chegou a ver, pois nem sequer entrou no seu gabinete de trabalho. Como personalidade, somos, aliás, visceralmente diferentes. O fato essencial é que Schermann, tendo-me à sua frente, bem ao alcance do seu poder de observação e intuição, num ambiente que lhe devia ser particularmente propício, nada percebeu, nada sentiu da minha individualidade, pois me atribuiu uma escrita completamente diferente da minha, que, no entanto, acredito ser bastante característica. Como, por que aconteceu coisa tão estranha, tão inesperada, tão fora de tudo que se podia esperar? Onde ficaram a lucidez de Schermann, a sua capacidade de vidência ao cometer erro tão grave, tão grosseiro, tão em desacordo com todas as pretensões e a confiança que nele depositavam os seus prosélitos? E, principalmente: por que reproduziu, com tamanho rigor, a escrita do diplomata que nunca chegou a ver e que nada tinha a ver com a questão? É aí que se encontra todo o mistério do problema e também a explicação natural para elucidá-lo, capaz de tornar compreensível uma série de dados obscuros, cheios de enigmas e maravilhas.

Desde o primeiro momento, torna-se evidente que Schermann deveria possuir uma memória visual maravilhosa, sobretudo no que concerne a caligrafias. Isso não tem, aliás, nada de extraordinário, pois situações do mesmo gênero são relativamente freqüentes: basta ter o indivíduo suficiente interesse por uma atividade qualquer, para logo conseguir realizá-la com facilidade, não raro até com virtuosidade. Isso acontece principalmente quando se trata de interesse intuitivo, subconsciente, de acordo com as tendências mais íntimas, as verdadeiras aspirações do indivíduo. Não é por outra razão que pessoas medíocres, inferiores, insignificantes, se tornam capazes de desenvolver, em determinados campos de atividade, ações superiores, por vezes excepcionais. O exemplo da mãe carinhosa, que dorme tranquilamente mesmo em ambiente de barulho infernal, acordando ao menor choro do filhinho querido, é bem característico para mostrar como se passam as coisas no fundo da nossa personalidade, podendo o interesse despertado e sempre alerta realizar coisas verdadeiramente prodigiosas. O mecanismo psicológico é bem compreensível e basta para explicar os poderes quase sobrenaturais de Schermann. O que ele possui é apenas

uma excepcional memória para guardar letras e palavras escritas e, depois, grande habilidade para reproduzi-las graficamente.

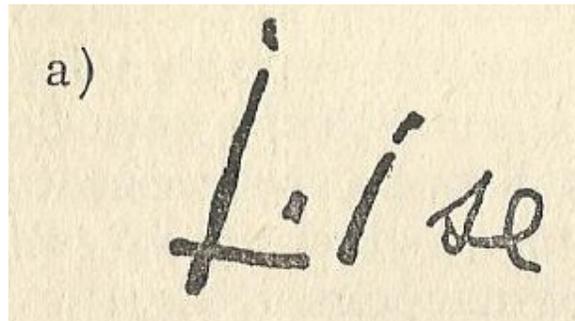
Isso está de acordo com inúmeras outras observações, sobretudo quanto a conhecimentos subconscientes, cuja reprodução pode atingir grau de extrema precisão, mesmo quanto a particularidades insignificantes, destituídas de qualquer importância. É o mesmo que acontece com a chapa fotográfica, que conserva com absoluta fidelidade tudo que a pode impressionar. A memória subconsciente, que possui muito de semelhante, torna-se capaz de explicar inúmeros fenômenos de aparência sobrenatural, muitos dos quais fazendo parte da moderna Metapsíquica. Teremos de estudar particularmente essa questão, sendo necessário aprofundá-la em relação a diversos outros fatos estranhos ou misteriosos, que podem ser, assim, facilmente explicados. Mas, é necessário não confundir o natural com o sobrenatural, supor que coisas humanas e terrenas fazem parte de mistérios inacessíveis. O caso de Schermann torna-se, nesse sentido, muito simples e compreensível; ele possui memória perfeita para reter escritas, e espantosa habilidade para reproduzi-las. Tudo isso está, porém, dentro das possibilidades humanas, e possibilidades já bem conhecidas, a principiar pela capacidade de reter letras e cifras por um simples golpe de vista, rápido, durante segundos. A máquina fotográfica faz coisa idêntica e melhor ainda: em espaço de tempo muito mais curto, fração de centésimo ou mesmo milésimo de segundo. A explicação do mistério encontra-se aí, nada havendo nele de muito novo ou inesperado. Existem situações semelhantes, já esclarecidas pelo mecanismo em questão, e sobre as quais teremos de voltar em outros capítulos deste livro. Nessas condições, o caso Schermann torna-se humano, essencialmente humano, pois encontra uma explicação natural, psicológica. A nossa observação é suficiente para esclarecê-lo em toda as suas minúcias.

Vimos que Schermann conservou o cartão escrito pelo meu amigo durante um espaço de tempo excessivamente curto, talvez ainda na convicção de que não iria aproveitá-lo, dada a recusa e a sua devolução. Apesar disso, conseguiu guardar a caligrafia com exatidão verdadeiramente extraordinária, quase inacreditável, como demonstram os documentos aqui apresentados. Imaginemos o que seria capaz de fazer, caso o seu interesse tivesse sido despertado em torno da prova e o seu sucesso ou à sua reputação dela dependessem! Não se torna quase ridículo em-

chermo-nos de admiração por haver ele conseguido reconstituir a escrita de Charles Richet, de Max Dessoir e outras pessoas de renome, estando preparado para recebê-las? Em outros casos, ser-lhe-ia fácil obter a escrita dos interessados, lobrigando-a por manobras rápidas e imperceptíveis, tão usadas por adivinhos de toda espécie. Ninguém suporia que ele, por um simples golpe de vista, pudesse orientar-se para resolver tais situações. No entanto, era aí que se devia encontrar o seu segredo e a sua força! Com as qualidades que possuía, compreende-se que pudesse imitar a assinatura de um pintor, vendo apenas um quadro onde ela se encontrava; que pudesse, num movimento subtil e disfarçado, perceber o endereço do envelope de Crepieux-Jamin, ou que, finalmente, mesmo de olhos vendados, conseguisse orientar-se, como aconteceu nas experiências com o Dr. Moritz Benedikt.

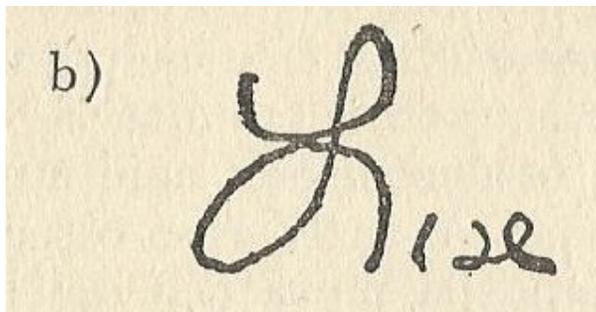
Muito interessante, como prova complementar, é o caso apresentado na edição francesa do seu livro, às páginas 182 e 183, referente à poetisa Lise Deharme. Encontrava-se ele em sua casa em Paris, para jantar, quando, à mesa, ouviu alguém pronunciar o prenome da poetisa. Schermann pediu uma folha de papel e fez a reconstituição desse prenome, servido pelo seu poder de vidência e intuição. Depois, pediu que ela própria o escrevesse no mesmo papel, dobrado, para comparação. O resultado foi muito diferente, como aparece nas figuras aqui apresentadas.

a)

The image shows a handwritten name 'Lise' on a piece of aged, yellowish paper. The letter 'L' is tall and thin, with a small dot above it. The 'i' is also tall and thin, with a dot above it. The 's' is a simple, slightly curved line. The 'e' is a simple, slightly curved line. The overall appearance is that of a reconstructed or imitated signature.

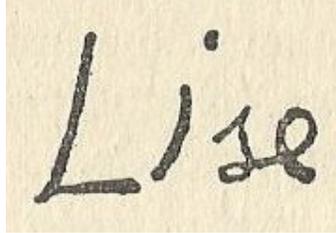
*a) Reconstituição por Schermann*

b)

The image shows a handwritten name 'Lise' on a piece of aged, yellowish paper. The letter 'L' is tall and thin, with a small dot above it. The 'i' is also tall and thin, with a dot above it. The 's' is a simple, slightly curved line. The 'e' is a simple, slightly curved line. The overall appearance is that of a reconstructed or imitated signature.

*b) Assinatura original*

O próprio Schermann declara que ficou admirado da diferença, mas que Madame Deharme explicou que a sua assinatura atual era diferente da antiga, sendo a antiga muito semelhante à reconstituição feita pelo grafólogo, como mostra à seguinte ilustração:



*assinatura antiga*

Naturalmente, todo o mundo ficou muito contente e o grafólogo cheio de glória. Depois do que acabo de expor, parece-me, porém, que a explicação é outra e muito mais simples. Certamente, Schermann conseguiu perceber a assinatura da anfitriã em algum papel ou álbum da sua residência e, assim ficou bem preparado para a impressionante prova da reprodução. É verdade que o material descoberto já era antigo, de tempos passados, mas ele, apesar da sua lucidez, não percebeu essa particularidade. Ajustar depois a situação deve ter sido fácil, porque, afinal, havia nela ainda uma parte da verdade. Aliás, quando os resultados eram falhos ou errados, havia sempre a ressalva de cansaço ou indisposição, muito usada por parte do vidente, e que, na verdade, constitui esplêndido recurso de defesa e explicação. Na minha experiência, porém, não pôde ser isso alegado, porque o grafólogo forneceu os resultados espontaneamente, por sua única e própria vontade. Foi, por assim dizer uma queda de cabeça, sem salvação.

O que tudo isso nos mostra é que estamos jogando, de um lado, com faculdades extraordinárias, mas ainda essencialmente humanas e, de outro, com recursos comuns, que simples mágicos e ilusionista estão habituados a explorar habilmente. Compreende-se que, em suas revelações, sempre devesse haver lugar para certa percentagem de falhas e erros, que o professor Fischer procurou estabelecer por meio da estatística. Naturalmente: em determinadas circunstâncias, era o preparo prévio difícil ou mesmo impossível, e, nessas condições, a experiência

tinha de fracassar ou dar resultados incompletos. No meu caso não aconteceu nada disso, porque o vidente acreditou estar de posse do material necessário. Foi por parte do experimentador, quase mais uma questão de sorte do que mesmo de habilidade ou perspicácia. Aliás, o segredo desse gênero de mistérios é muito simples desde que se descubra o seu mecanismo de produção. É o mesmo que acontece com mágicas e mistificações, que nos desorientam e enchem de admiração, até o momento em que descobrimos os truques em que estão baseadas e que quase sempre são de ridícula simplicidade.

Lembro-me ainda da estupefação que vi estampada na fisionomia do professor Leschke quando, aqui no Rio, lhe mostrei os documentos que o leitor acaba de ter sob os olhos e esclarecem toda a situação. Leschke percebeu de um golpe que havia sido vítima de mistificações, e é fácil calcular o que isso representa para um homem de ciência e reputação, que endossou com a sua palavra erro de tão graves proporções. Lembro-me também que a senhora Leschke não ficou menos impressionada, embora, por uma frase característica, tivesse revelado as suas dúvidas, parecendo estar longe de ter compartilhado da mesma convicção do marido. As mulheres são, aliás, mais intuitivas, percebendo muitas vezes o que escapa aos homens, sobretudo no terreno de mistérios e mistificações.

## CAPÍTULO SEXTO

*SUMÁRIO: Telepatia e a leitura do pensamento escrito. A história dos papeizinhos. As espertezas de Ludwig Kahn, Reese, Henry Slade e a ingenuidade de sábios europeus. Mágicas e mistificações. A escrita direta e a quarta dimensão do espaço. O astrônomo Zoelner, de Leipzig. Escrita entre lousas e escrita espontânea, mediúnica. Truques e desmascaramentos. A moda e os seus ensinamentos. Precauções a tomar.*

**N**O TERRENO DOS MISTÉRIOS e das revelações, o que se tem verificado com enfadonha monotonia é que muitos acontecimentos prodigiosos e impressionantes acabam por ser desvendados como truques e mistificações. Um exemplo muito característico é o de Ludwig Kahn, que teve ocasião de ser analisado pelo professor Max Schottelius, da Universidade de Freiburga, na Alemanha, em artigo publicado no “Journal fuer Psychologie und Neurologie”, vol. 20, de 1913. Khan procurou Schottelius para tentar a revisão do seu processo, pois havia sido condenado pelo tribunal de Karlsruhe como impostor, pelo fato de considerar-se possuidor de dons sobrenaturais, por meio dos quais procurava ganhar a vida. Todavia, já no momento da primeira visita, pôde Schottelius certificar-se da autenticidade daqueles dons. Ele deixou Kahn no vestíbulo, foi ao escritório, tomou três pedaços de papel e escreveu sobre cada um deles uma frase. Depois, dobrou-os em oito, misturou-os, colocou um sobre a

mesa, ficando com os outros, um fechado na mão direita e outro na esquerda. Kahn foi introduzido, então, no escritório e disse, de longe, o que estava escrito no papel da mão esquerda, depois, no da direita e, finalmente, no colocado sobre a mesa. O resultado foi tão exato que Schottelius declarou ter sentido um arrepio pela espinha. Depois, em sessões posteriores, obteve resultados idênticos. Diante disso, resolveu examinar a situação que dera lugar ao processo e à condenação de Kahn, verificando que dois documentos, fornecidos por médicos peritos nomeados pelo juiz, haviam concluído pelo reconhecimento das qualidades sobrenaturais do acusado, que conseguia ler papéis cujo conteúdo não podia ver. O conselheiro médico Dr. Neumann, um dos peritos, afirmara: “Kahn via, diante dos seus olhos, as palavras como se estivessem realmente escritas. Parece-me fora de dúvida que uma fraude seria aí impossível”. Os doutores Engler, Haymann e os professores G. Behringes e Eisele chegaram a idênticas conclusões. Depois disso, Kahn foi para Paris, tendo sido examinado pelos professores. E. Leclainche, membro da Academia de Ciência, professor Vallée, da Academia de Medicina, Xavier Leclainche, externo dos hospitais, Dr. E. Osty e diversas outras pessoas, entre as quais, mais tarde, Charles Richet, Cuneo, Gosset, Lardenois e Laignel-Lavastine, todos professores da Faculdade de Medicina de Paris. Os resultados foram sempre perfeitos, imediatos, sem falha, exatamente como acontecera com Schottelius. Kahn adivinhava e reproduzia frases escritas em pedaços de papel, que eram dobrados, misturados uns com os outros e mantidos nas mãos dos experimentadores. As explicações habituais, possíveis ou imagináveis, não serviam para o caso, pois muitas vezes os papéis não chegavam a sair das mãos dos possuidores, que os misturavam, ignorando a frase que ia ser lida. Richet que experimentou em sua própria residência, a sós com o vidente, admitira a possibilidade de truque, mas acabou declarando que, depois das suas experiências, tinha “certeza absoluta da realidade do fenômeno”. Na casa de Richet, a experiência desenvolveu-se da seguinte maneira: Richet foi ao fundo da biblioteca, e, longe das vistas de Kahn, tomou dois fragmentos de papel, escrevendo uma frase em cada um deles. E, dobrando-os, voltou, tendo um fechado na mão direita e o outro na esquerda. Kahn ficou hesitante pelo espaço de meio minuto e depois disse que no papel da mão direita estava escrito: “Qual é o prenome do meu pai?” E

estava certo. Depois, no da mão esquerda, conservada fechada: Qual é a idade do meu filho mais velho?” O que também era exato. Richet ficou estupefato, como ele próprio descreve. Depois, por sugestão do próprio Kahn, as experiências foram repetidas, sofrendo até complicações. Os fragmentos de papel foram escritos pela senhora Richet, na sala ao lado, e trazidos, dobrados em oito, ao vidente, não saindo das mãos do casal Richet, que os ia abrindo à medida que eram adivinhados. O último foi queimado sem ser aberto e Kahn disse exatamente o que nele se encontrava escrito. O professor Richet acentua que os papéis não podiam ter sido trocados, porque Kahn não tocou em nenhum deles; que este não podia ter percebido o que fora escrito neles, porque isso foi executado fora das suas vistas; finalmente, que não os poderia ter lido, por estarem dobrados em oito. Diante de tais fatos, conclui que não pode ter havido truque ou trapaça, que a criptestesia é um fato sem explicação e que devem existir outros meios de perceber a realidade além dos que nos fornecem as nossas habituais vias sensoriais de conhecimento.

Os fenômenos apresentados por Kahn e descritos por Schottelius e, posteriormente, por Osty e Richet, são altamente impressionantes e deveriam bastar, por si sós, para demonstrar experimentalmente a realidade da telepatia, da visão à distância, da transmissão do pensamento. As experiências são tão claras, tão incisivas, tão demonstrativas que não poderiam sobrar dúvidas quanto à sua absoluta veracidade. Passaram-se, porém, as coisas realmente da maneira pela qual foram descritas? É aí que se encontra o ponto grave da questão! Não se pode duvidar da inteligência, da honestidade, da sinceridade de Charles Richet e de outras pessoas que assistiram e descreveram os acontecimentos. Mas, fora disso, é necessário considerar que uma minúcia insignificante pode ter falseado toda a verdade. Um truque de prestidigitação, passado despercebido, basta para nos colocar diante de mistérios que parecem impenetráveis. Porque essa necessidade do papelzinho, de dobrá-lo diversas vezes de ser em geral mais de um? As experiências descritas ocorreram em Paris, em 1925, mas, antes, Reese já assombrara o mundo com produções da mesma natureza, cuja explicação só foi encontrada muito mais tarde. Se as coisas fossem tão claras, tão concretas, tão evidentes, não haveria razão para existir tanta dúvida e desconfiança em torno delas. Um caso como o de

Kahn bastaria para pôr toda a questão às claras, caso fosse investigado com o necessário rigor científico. As experiências apresentadas por Richet e Osty em relação a Kahn são falhas e defeituosas, como ressalta das suas próprias informações. Osty nos relata que algumas das pessoas presentes quiseram repetir as experiências porque se esqueceram de abrir os papezinhos que tinham nas mãos e que deviam conter a frase que o vidente havia adivinhado. Osty diz textualmente: “Eu ouvi alguns sábios eminentes afirmarem que queriam recomeçar a experiência porque não haviam verificado o que estava escrito nos papéis que tinham nas mãos, apesar de os terem aberto diante dos meus próprios olhos, lendo-os em voz alta e entregando-mos para os registrar e guardar”. E ele explica essa dúvida dos sábios pela sua perplexidade diante dos fatos ocorridos, que desviou a sua atenção e confundiu a sua crítica! Interessante é que o vidente tenha cometido pequenos erros de leitura, reproduzindo, por exemplo, “mouture” em vez de “monture”, “Parénéés” em vez de “Pyrenees”. Porque essas pequeninas diferenças de letras? Não é a prova de que o vidente leu, e leu mal o que estava escrito no papel? Onde foi parar esse homem assombroso, único no mundo, que realizava coisas incríveis, que poderiam ter modificado o rumo que segue o espírito humano? Não é uma pergunta grave, implicando graves conseqüências? A resposta mostra que os que acreditaram nessas revelações foram vítimas de erros e mistificações. Kahn passou temporadas preso por falcatruas, mesmo na América, onde tentou ganhar dinheiro fazendo predições em corridas de cavalos.

Outro caso célebre no gênero foi o que se tornou conhecido sob o nome do professor Reese, dando lugar a grande número de publicações. Reese, depois de se celebrar na América, andou pela Europa, onde o seu caso teve igualmente grande repercussão. Nada escapava à sua vidência: sabia o nome de mortos e vivos, de pessoas presentes e ausentes e também os seus apelidos; sabia quanto dinheiro se tinha na carteira, sem errar, mesmo quanto às pequenas moedas. A sua força maior, porém, era para desvendar o futuro, fazendo profecias que davam sempre certas: em relação aos nomes, às datas, às coisas. E as suas forças sobrenaturais estavam-lhe sempre à disposição: de manhã cedo ou tarde da noite, na rua, em casa, nos cafés, nas lojas, nas residências particulares, onde e quando quisessem. A impressão que deixava era indescritível: “Olhava-se para aquele

homem de aspecto tão simples e pacífico com um misto de terror e admiração. Dominadora era a impressão que se sentia quando subitamente, se estava diante de um “fait accompli”, uma autêntica maravilha, ou quando se viam fatos científicos, provados pela experiência de muitos anos, cair por terra, como um castelo de cartas. Tinha-se, então, a sensação de que tudo no cérebro se confundia, vindo para cima o que estava por baixo”. Outra pessoa, depois de descrever o que lhe havia acontecido, acrescenta: “Hão de sentir o que ocorreu comigo e que corresponde a uma sensação por demais humana: a de nos sentirmos transformados subitamente em estátua, avassalados de medo ou pavor”. Um terceiro compara Reese aos grandes profetas do Velho Testamento, e relata: “Ele é capaz, como me afirmou, de, imediatamente e sem qualquer erro possível, descobrir entre muitas pessoas suspeitas o verdadeiro assassino”. Max Dessoir, que fornece essas referências, informa que Reese é um homem de quase 70 anos, que possui esse dom sobrenatural desde muito criança. À custa dele tornou-se milionário, recebeu menções honoríficas e presentes de grande valor, até de muitos monarcas. Pelo seu crânio ofereceram 80 mil dólares! A Ciência tem procurado desvendar o segredo das suas faculdades sobrenaturais, naturalmente sem nada conseguir, pois se trata de coisas “que fazem bater o queixo a todos os professores”. Charcot, “o anatomista do cérebro”, com toda a sua ciência, ficou tão pasmado e perdido diante do poder de vidência desse homem, quanto os sábios e especialistas de Viena que o conheceram e, em vão, procuraram analisá-lo. E isso era natural, pois ele próprio nada podia esclarecer quanto aos seus poderes sobrenaturais, seu sexto sentido, como Charcot o denominou. Também, na América, muitas autoridades científicas quebraram a cabeça, sem nada conseguir. Dessoir relata que nunca conseguiu ver esse homem único e excepcional que, igualmente, nunca foi examinado por qualquer comissão científica. Ele só tomou conhecimento do caso quando foi procurado pelo repórter de um grande jornal de Berlim, que desejava a sua opinião sobre Reese, em vista da enorme publicidade que se fazia em torno do seu nome. Dessoir afirmou, desde logo, que tudo devia estar baseado em prestidigitação, razão pela qual foi muito atacado, tanto pela imprensa como por particulares. Por essa razão, resolveu dar maior interesse ao caso, analisando-o minuciosamente. Devo acrescentar que o professor Max Dessoir, que

conheci pessoalmente e estive no Brasil fazendo conferências, é homem de alta respeitabilidade moral e grande valor científico, tendo sido professor da Universidade e Diretor do Instituto de Filosofia de Berlim. Durante a guerra foi vítima da perseguição hitleriana e acabou de morrer agora, em 12 de julho de 1947, em extrema pobreza, aos 80 anos de idade, em Königstein, cujo prefeito lhe ofereceu uma pequenina casa para morar.

A vidência de Reese não se operava nem por meio de respostas dadas a perguntas formuladas, nem por meio de profecias espontâneas, feitas sem pergunta. Era preciso que as perguntas fossem apresentadas por escrito sobre papezinhos, a fim de que recebessem resposta. As informações que Dessoir obteve nesse sentido foram unânimes, o que demonstrou que o poder de vidência dependia dos papezinhos. Ainda mais: mesmo quando os papezinhos eram escritos alhures, tornava-se necessário trazê-los à presença do adivinho, que os colocava nos bolsos, em gavetas, ou distribuía-os às pessoas presentes. Além disso, a pergunta formulada devia vir acompanhada da respectiva resposta, caso se tratasse de coisas sabidas. Reese não dizia diretamente quanto se tinha de dinheiro no bolso, mas adivinhava-o, caso o interessado contasse e escrevesse a soma contendo as seguintes perguntas: uma, indagando o nome da sua própria mãe; outra, o nome de um dos seus mestres e a terceira quando havia nascido. Reese respondeu exatamente às duas primeiras perguntas, cujas respostas se encontravam sobre os papezinhos. Quanto à terceira, que era, afinal, a única pergunta que tinha a responder, disse ao consulente para deixar de ser tolo, pois ele próprio sabia muito bem a data do seu nascimento. E Dessoir acrescenta ironicamente que o que ele talvez não soubesse era o nome da sua própria mãe! A outro consulente, que procurou pôr à prova a sua vidência, respondeu que o nome do lugar onde comprara a última espingarda era Colônia, o que estava certo em relação ao papelzinho, pois nele estava escrito justamente isso, embora tal arma tivesse sido adquirida em Bremen! Depois das suas investigações, Dessoir pôde confirmar que tudo não passava de truques de prestidigitação. Reese, aliás, não possuía direito algum ao título de professor, pois não passava de um simples polonês que fora tentar a vida na América. Era exímio trabalhando com cartas de baralho, e tinha o hábito de fazer convergir a atenção sobre a sua pessoa, sobretudo em estações de água e viagens transa-

tlânticas. Dessa maneira, conseguia farta clientela para a sua vidência e sabia fazer-se pagar muito bem. Quanto à opinião dos sábios de Viena, nenhum deles o conhecia, como verificou Dessoir. Em compensação, obteve informações de J. Hyslop, professor da Universidade de Columbia, em Nova York, que examinou o hierofante. Em vez, porém, de confirmar os seus poderes sobrenaturais, Hyslop conseguiu descobrir os truques por ele empregados, como mostra no seu livro “Borderland of Psychological Research”. Dessoir desculpa-se de haver gasto tanto tempo com Reese, sacrificando ainda o tempo do leitor. Acrescenta, porém, que era isso necessário, pois se tratava de um simples prestidigitador, cuja ação podia ser extraordinariamente maléfica. O próprio Edison foi vítima das suas mágicas, pois o interesse desse sábio pelos problemas de mediunismo proveio de experiências com ele realizadas, como relatou a imprensa americana por ocasião da morte de Reese. Também Carington, Schrenck-Notzing, Maxwell e outros sábios se deixaram iludir pelas suas mistificações. O doutor Jamet H. Thompson, médico alienista americano, que era muito cético e duvidava de tais manifestações, ficou absolutamente convencido depois de ter assistido a uma única sessão! Coisa idêntica aconteceu com Edison, pois a experiência de Reese lhe pareceram decisivas. Eis como Richet descreve os acontecimentos: “Edison vai a um quarto afastado daquele em que se encontrava Reese e escreve a seguinte questão: *Há alguma coisa de melhor do que o hidróxido de níquel para uma bateria de substâncias alcalinas?* E volta à sala onde estava Reese, que lhe diz imediatamente: *Não, não há nada melhor que o hidróxido de níquel para uma bateria de substâncias alcalinas.* Dois anos depois, anuncia-se a Edison a visita inesperada de Reese. O sábio escreve, em caracteres microscópicos, a palavra *Keno* e põe o papel no bolso. “Que escrevi?” pergunta a Reese, e este, sem hesitação, responde-lhe: “*Keno*”. É, como se vê, a repetição do que aconteceu com Richet e Schottelius em relação a Kahn.

Depois da primeira vez, Reese voltou ainda a Berlim, sempre acompanhado de ruidosa propaganda. Muito divulgado, naquela ocasião, foi o caso em que descobriu um empregado, que dera grande desfalque em importante firma comercial. Pela revelação recebeu 5 por cento da quantia desaparecida. Dessoir investigou a questão e verificou que nada disso havia acontecido. Tratava-se de uma questão íntima com um sócio da firma,

que, naturalmente, foi uma das suas numerosas vítimas. Mais tarde o professor Robert Meyer teve ocasião de examinar o caso Reese que, afinal, cometia as mesmas façanhas de Kahn. Foi Meyer quem descobriu o truque, que consistia em desviar a atenção dos circunstantes, trocando o papel escrito por outro em branco. O truque usado por Kahn era o mesmo e devia ter vindo também da América. A coisa dava certo porque os observadores, de boa fé e ignorando o truque, se deixavam enganar. Conhecendo-se, porém, o mecanismo do artil é fácil fazê-lo fracassar. Para isso, basta pedir ao vidente para executar a experiência no escuro, segundo uma proposta do professor Meyer: se houver realmente vidência, é claro que isso em nada deverá perturbar a execução da prova. Reese era mais hábil do que Kahn, porque este não conseguia executar a mágica senão sozinho, em presença apenas do experimentador, enquanto aquele o fazia diante de diversas pessoas. Aliás, certa vez na América, encontrando-se Reese em dificuldades financeiras, viu-se obrigado a vender o seu segredo, que “consistia numa troca muito engenhosa de papéis, difícil de se perceber”. É o que relata o professor Gary no “Berliner Tageblatt”, de 5 de agosto de 1913, citando o nome do professor Hartmann, que foi o comprador.

O que é preciso é não esquecer que os fenômenos em questão se prestam à fraude, sendo fácil produzi-los por meio de truques e outros recursos semelhantes. Há indivíduos tão peritos e de tal perspicácia que, pelo simples movimento do lápis ou da caneta, conseguem perceber, de longe, o que está sendo escrito. Em outros casos, é a marca deixada num papel posto por baixo que fornece ao vidente o material em que se baseia o seu poder telepático. Há, também, instrumentos que permitem ler papéis dobrados muitas vezes, ou postos dentro de envelopes fechados. Em alguns casos, basta umedecer estes com álcool para se perceber o seu conteúdo. Aliás, apesar dos truques e ardis usados pelos prestidigitadores serem muitas vezes de extrema simplicidade, podem enganar pessoas cultas e inteligentes, que não se dão conta da manobra. De uma vez, pude eu próprio encher de surpresa um pequeno grupo de amigos, entre os quais alguns médicos, propondo ler-lhes os pensamentos. Para isso, cada um escrevia sobre um pequeno pedaço de papel um nome ou uma pequena frase, fora das minhas vistas. Eu recebia todos os papéis enrolados e lia-os fechados, um a um, depois de colocar cada um deles sobre a testa, fazendo a mímica característica do

adivinho que se mergulha em profunda concentração. E, assim, li-os todos, diante dos amigos quase estupefatos. O truque é simples, quase infantil. Consiste em combinar com um dos presentes, como é freqüente acontecer em tais condições, o que ele deve escrever e a maneira pela qual deve dobrar o papel, a fim de ser este reconhecido. Uma pequena dobra numa das extremidades já é suficiente para essa orientação que passa despercebida aos circunstantes. O vidente toma, então, qualquer um dos papéis, coloca-o ainda fechado sobre a testa e diz a frase escrita pelo parceiro, que confirma a exatidão da revelação. O vidente, que se conserva algo afastado dos presentes, abre o papel, afirma que a frase dita está certa, e, assim, lê a nova frase que vai adivinhar no papelzinho subsequente. A coisa é ridícula, mas ninguém se lembra de verificar se a frase adivinhada é realmente a que está escrita sobre o respectivo papel. Se o grupo é maior, nem precisa o vidente de parceiro: basta simular a adivinhação de uma frase para ter o direito de abrir um papelzinho e, assim, obter material para a próxima revelação. Uma frase ambígua ou pouco delicada pode justificar o não aparecimento do autor. Brincadeiras desse gênero, feitas muito seriamente, podem ser suficientes para mistificar homens cultos e de ciência, mesmo da mais alta categoria.

Grande número de mágicas são baseadas em mecanismos semelhantes, em geral truques de extrema simplicidade. Já vimos que, em muitos casos de transmissão do pensamento, sobretudo em demonstrações públicas ou representações teatrais, há emprego de sinais convencionais, de códigos acústicos ou visuais, por meio dos quais conseguem os parceiros se corresponder. Muitas vezes, a própria pergunta já encerra a resposta, bastando a simples posição de uma palavra para lhe dar determinado significado. A arte da mágica e da prestidigitação é rica em ensinamentos psicológicos, sobretudo para mostrar quanto somos superficiais em nossas observações e crédulos no que nos fornecem os nossos órgãos dos sentidos.

Um fato muito ilustrativo ocorreu com Erik Hanussen, um tcheco-eslovaco que obteve imenso sucesso na Europa, graças às suas extraordinárias qualidades de clarividência. No verão de 1930, foi preso e submetido a julgamento por trapaças, que executava baseado em pretensos dons sobrenaturais. A imprensa fez grande agitação em torno do caso, sobretudo porque Hanussen sugeriu aos seus juízes que a melhor maneira de demonstrar a falsidade das acusações consistia em fornecer-lhes provas

dos seus poderes ocultos. As experiências que propôs e que foram aceitas pelos julgadores consistiram no seguinte: 1.º) encontrar um objeto escondido num canto da sala de julgamento por pessoa designada pelo presidente; 2.º) adivinhar, pelo exame grafológico de três pessoas conhecidas do presidente, os seus caracteres físicos e morais; 3.º) repetir a mesma experiência em relação a escritas apresentadas pelos membros do tribunal; 4.º) reconstituir três fatos, pela simples informação da data em que ocorreram; 5.º) descrever ocorrências da vida de um indivíduo desconhecido do acusado, examinando um objeto que fosse da sua propriedade. As provas foram realizadas com tais resultados que Hanussen foi absolvido, sob os aplausos de numerosa assistência. Dessa maneira, o tribunal reconheceu abertamente os poderes de que eles se dizia possuidor, sendo fácil calcular a repercussão que teve o julgamento e a propaganda que representou para Hanussen. Dentro em breve, obtendo contratos altamente remunerados, passou a dar representações de grande sucesso no “Scala” de Berlim, indo depois para o “Empire”, em Paris. Aí, o publicista Paul Heuzé, habituado a desmascarar truques e prestidigitadores, apresentou-o ao público, não pelas suas qualidades de vidente, mas sim de ilusionista. As experiências realizadas consistiram em: 1.º) dizer o nome de alguém que estivesse assistindo ao espetáculo, nome que deveria ser escrito por uma pessoa vinda ao palco e, em seguida, encontrar o espectador na sala; 2.º), descobrir alfinetes que espectadores esconderiam em suas próprias roupas e bolsos; 3.º) adivinhar acontecimentos de ordem geral ou particular, relacionados com nomes, datas ou lugares, escritos sobre uma folha de papel. Tudo aconteceu como fora prometido, pois Hanussen encontrou a pessoa, cujo nome havia sido escrito; descobriu os alfinetes e adivinhou os acontecimentos em questão. Mas, em vez de haver surpresa, sucedeu o contrário. O público estava avisado de que se tratava de ilusionismo e, em vez de se deixar maravilhar, ficou alerta aos truques empregados. E não teve dificuldade de descobri-los, pois tudo não passava de estratégias executadas por meio de parceiros. O público desinteressou-se da exibição e, pouco depois, apupos sucederam-se aos aplausos. Hanussen saiu às pressas, quase corrido de Paris e não se ouviu falar mais em seus dons de clarividência. Que pensarão disso os juízes que o julgaram e absolveram? Deixo ao leitor a resposta, que certamente comporta um grande ensi-

namento em relação à tendência que todos temos para nos deixarmos embalar por acontecimentos sobrenaturais.

Particularmente interessantes foram os resultados apresentados por Henry Slade, celeberrimo médium americano, em experiências realizadas com o doutor Zoellner, professor de Astronomia na Universidade de Leipzig. Zoellner, baseado em suas experiências, chegou à conclusão de que a *escrita direta* era um fato real e não um simples truque de prestidigitação. O que lhe pareceu particularmente demonstrativo foi o fato de Slade conseguir fazer aparecer a escrita na parte interior de duas lousas, amarradas uma contra a outra. Zoellner em vez, porém, de concluir pela possibilidade de os mortos poderem penetrar a matéria terrena, segundo a doutrina espírita, explicou o fenômeno pela admissão de uma quarta dimensão do espaço, que também possibilitaria executar nós em fios, cujas extremidades estivessem presas e fixadas. Slade conseguiu realizar igualmente essa experiência, confirmando a suposição do sábio alemão, que se exprime nos seguintes termos: “Ao estabelecer as experiências em questão, tinha de levar em conta poder tratar-se de uma ilusão ou de uma realidade objetiva. Os quatro nós dados num barbante estão ainda hoje diante de mim, podendo dar eu esse objeto a qualquer pessoa para exame ou mesmo enviá-lo sucessivamente a diversas associações científicas do mundo, a fim de demonstrar que não se trata de uma ilusão, de uma fantasia, mas sim de um fato objetivo, concreto, do mundo real, que nenhuma inteligência humana seria capaz de explicar, tomando por base as concepções existentes sobre a força e o espaço. Se se quiser negar-lhe, porém, a realidade, por uma concepção mais vasta do mundo, então, não resta senão uma outra explicação, aliás, bem de acordo com uma atitude moral atualmente muito difundida. Esta explicação baseia-se na suposição de que eu próprio, assim como dignos cidadãos de Leipzig, em presença dos quais foram chancelados os barbantes em questão, que todos nós ou somos trapaceiros vulgares ou não estamos de posse do nosso juízo perfeito, tendo sido incapazes de ver o momento em que Slade executou aqueles nós, antes de o barbante estar preso, fixado e ter recebido um carinho inviolável, de segurança. A discussão de tal hipótese não estaria mais dentro do terreno da Ciência, mas sim no do decoro social”.

As experiências de Zoellner receberam confirmação por parte de autoridades de renome, entre as quais os professores Weber, Fechner e Scheibner. Um prestidigitador de primeira ordem,

Belachini, também declarou, em documento autenticado, que não seria possível reproduzir as experiências executadas por Slade. Mais tarde, porém, todo o edifício veio abaixo, conseguindo-se demonstrar que tudo não passava de truques e mistificações. Max Dessoir examinou o médium por mais de uma vez, tendo a impressão de encontrar-se sempre diante de disfarces e ardis. O truque mais correntemente empregado por Slade consistia em trocar as lousas da experiência por outras antecipadamente preparadas. Dessoir relata ter visto outros prestidigitadores, que executavam coisas prodigiosas em escrita direta entre lousas. Um deles conseguia escrever mesmo quando as lousas já vinham amarradas, trazidas pelos experimentadores. Para isso, empregava uma cunha macia de madeira, por meio da qual afastava suficientemente as lousas, a fim de introduzir um estilete fixado na ponta de um dedo de borracha. O resto era questão de técnica e habilidade.

Os processos mediúnicos de escrita sobre a ardósia são numerosos, variando segundo diversos autores. Em alguns casos, o lado já escrito da pedra é coberto e dissimulado por um retângulo de seda preta ou por um cartão que finge de ardósia e que é escamoteado no momento adequado. Outro truque depende do quadro ou da moldura, fácil de abrir e que contém uma pedra dupla, escrita nos dois lados. Basta abrir o quadro e virar as pedras para o exterior para que se apresentem escritas dos dois lados. Por decalcamento, podem obter-se também escritas sobre ardósia, transferindo-as, por exemplo, do papel em que estão embrulhadas. O mesmo pode ser meio de inscrições invisíveis e que aparecem quando se passa por cima pó de giz, escondido no pano com que se limpa a pedra. Tintas simpáticas são aproveitadas para o mesmo fim, assim como parafina, goma arábica, etc., que possibilitam o aparecimento de escritas, anteriormente invisíveis. Mais comumente, porém, é a troca de ardósias, que pode ser facilmente executada por qualquer hábil prestidigitador.

Slade foi chamado por Henry Price de rei dos médiuns em escrita sobre ardósia e subtil comediante. Depois de desmascarado muitas vezes, foi apanhado em flagrante em casa de Sir Ray Lankaster, quando fabricava uma mensagem sobre uma pedra de escrever. Foi, então, perseguido e condenado a trabalhos forçados. Mas, por defeitos no processo, suspenderam a pena, tendo ele fugido do país. Por vezes, a sua escrita entre

lousas aparecia, em diversas cores, o que era fácil de obter pela troca desses objetos. Também quanto aos papeizinhos dobrados, uma das suas especialidades, era tudo executado por meio de empalmamento, trocando os papéis, sem que as vítimas percebessem. Walter F. Prince publicou longo estudo sobre escritas em ardósia, mostrando que todos os métodos empregados são fraudulentos. Um dos casos examinados, Fred Evans, conseguia retratos sobre lousas, às vezes em menos de um segundo, pretensamente por via mediúnic. Na verdade, a execução era obtida por meio de um retrato previamente molhado e colocado sobre a ardósia e que era decalcado com um lápis. O resultado era surpreendente e alcançado com grande rapidez. Palma, um médium especializado em escrita direta sobre lousas, foi desmascarado por um pesquisador inglês, que descreveu minuciosamente todos os truques empregados. O caso de Slade teve também desfecho ruidoso, quando Truesdell conseguiu sobrepor-se ao médium, escrevendo mensagens nas lousas que este possuía. Foi um verdadeiro escândalo jornalístico, explorado por Willmann, que lançou o descrédito e o ridículo sobre o médium. Um autor europeu, referindo-se às experiências de Zoellner, diz que quem nelas acredita é porque faz questão de ser enganado. Max Dessoir pergunta: se a comunicação de um sábio notável como Zoellner apresenta tão graves defeitos, que se pode esperar de informações mediócras, fornecidas por pessoas sem autoridade?

Nesse sentido, merecem ainda menção especial as pesquisas de Davey, membro da “London Society for Psychical Research”, que, como amador de prestidigitação, adquiriu grande virtuosidade em escrita direta, dando representações de sucesso. Escrevia em lousas amarradas, dava respostas a perguntas feitas em idênticas condições, reproduzia frases escolhidas em livros que não eram tocados pelas suas mãos, transmitia mensagens em idiomas que desconhecia, e tudo isso sem que ninguém percebesse as manobras empregadas e por meio das quais conseguia tais resultados. Certa vez, realizou a escrita entre lousas para um japonês, que ficou verdadeiramente perplexo. Este tomou as lousas, fechou-as e lacrou-as cuidadosamente, entregando-as depois a Devey. Pois bem, no interior, apareceu uma longa mensagem escrita em caracteres japoneses, um verdadeiro mistério para o oriental, como ele confirmou por escrito. A explicação é, porém, muito simples: a troca das lousas foi feita antes

do japonês fechá-las e lacrá-las. Sidgwick admite que Slade empregou truque idêntico, quando trabalhou com Zoellner. William James, tratando da questão, expõe-na nos seguintes termos: “Davey realizou por meios fraudulentos a experiência da ardósia, enquanto Hodgson, espectador e confidente, revia os relatórios escritos dos outros espectadores, que eram todos pessoas de mérito. Pois bem, ele constatou que, em todos os casos, os dados essenciais da experiência, realizada sob os seus olhos, lhes haviam escapado”. E conclui: “Esta contribuição de Davey-Hodgson constitui provavelmente o documento mais grave jamais produzido contra a prova baseada no testemunho ocular”.

Uma questão, em tempos passados muito debatida e que deu lugar a diversas publicações, foi a da chamada escrita espontânea, que, sem ser traçada pela mão de qualquer pessoa viva, aparecia sobre papéis, lousas, na parede, sobre mesas, etc. Os espíritas logo admitiram que era isso devido à intervenção de desencarnados, que, dessa maneira, procuravam transmitir as suas mensagens. O fenômeno foi descoberto inicialmente pelo barão livonês Ludwig von Gueldenstube, que encontrou, por diversas vezes, em papéis de carta fechados em sua escrivaninha, mensagens escritas em letra desconhecida. Depois, essas manifestações foram tomando tal intensidade, que, por fim, acabou sendo obrigado a servir-se de papel da sua irmã, pois todo o seu era usado pela mão misteriosa. Diante disso, começou a investigar a questão, no que foi auxiliado por sua irmã que, desde muito criança, se revelara possuidora de dons de vidência. Uma das experiências consistiu em colocar papel e lápis dentro de uma caixa, que foi fechada à chave e entregue a um amigo, o conde de Ourches. Os resultados foram decisivos, pois, nesses papéis, apareceu a escrita inexplicável. Mais tarde, aconteceu coisa idêntica com papéis colocados sobre a mesa ou pregados na parede, e isso em plena luz diante dos olhos de testemunhas de alta responsabilidade. Essas experiências tiveram, naturalmente, grande repercussão, sobretudo pelo aparecimento da escrita de personalidade ilustres, já mortas e desencarnadas, desde Molière, Schiller, Voltaire e Diderot, até Maria Antonieta. E cada uma delas se servia da sua caligrafia pessoal, característica, como foi autenticado por peritos no assunto.

A escrita espontânea teve naquela época muita repercussão, conforme mostra o número de casos apresentados, sobretudo

em revistas espíritas. Delanne, Aksaoff, Abbott, Speer e outros autores descreveram-na minuciosamente, depois da célebre comunicação do barão de Gueldenstubbe. Crookes obteve escritas diretas com Home, e o casal Speer com Stainton Moses. Eis como Charlton Speer resume as suas experiências: “Muitas vezes obtivemos a escrita direta, algumas sobre uma folha de papel colocada no meio da mesa e posta a igual distância de todos os assistentes. De algumas feitas, um de nós punha o nome numa folha de papel em branco, previamente marcada com um sinal, e em geral, no fim da sessão, encontrávamos uma mensagem escrita, de hábito constituindo resposta às nossas questões; outras vezes curtas comunicações, independentes dessas questões, ou simplesmente palavras de simpatia”. O Dr. Nichols obteve bons exemplares de escrita direta com Eglinton, que a executava correntemente. A experiência do Dr. Nichols foi feita por meio de uma folha de papel rubricado, posta numa caixa fechada a chave, que era então colocada entre duas pedras de escrever. A escrita aparecia em plena claridade, enquanto ele mantinha a caixa nas mãos! Em outros casos o observador ficava sentado em cima da ardósia, na qual aparecia a escrita, sem haver qualquer contacto com o médium. Alguns autores declararam que viram com os próprios olhos o lápis mover-se sozinho, traçado a escrita misteriosa. P. Gibbier, que C. Richet classifica de “filosofista experimentado e observador atento” relata: “Vimos, diz ele, mais de cem vezes, caracteres, linhas e mesmo frases inteiras produzirem-se por meio de um pequeno lápis sobre ardósias que Slade segurava e mesmo entre ardósias que não tinham qualquer contacto com ele, que nos pertenciam, que haviam sido compradas por nós numa papelaria qualquer de Paris e que tínhamos marcado com a nossa assinatura. Nós não perdíamos de vista nem a ardósia nem os dedos de Slade”...

As coisas estavam nesse pé, quando Davey, por meio de processos fraudulentos, conseguiu produzir o fenômeno da escrita direta, obtendo das pessoas presentes o documento que atestava a autenticidade do fenômeno. Depois disso, era natural que esse gênero de fenômenos fosse sendo abandonado pelos médiuns. Richet, em 1922, fala ainda que as observações de Home e de Eusapia “parecem autênticas, havendo, porém, tanta mistificação e tanto ilusionismo que a escrita direta permanece ainda como fenômeno bem incerto”.

Chamamos a atenção do leitor para as considerações apresentadas no capítulo quinto desta obra, quanto à reconstituição da escrita realizada por Rafael Schermann e que muito poderão facilitar a compreensão do problema. Aqui, queremos apenas acrescentar que a escrita direta feita por espíritos, tal como a das citadas experiências, caíram no esquecimento, sendo que as de Gueldenstubbe, “eram apresentadas de maneira tão imprecisa e tão cheias de fraude pela colaboração da sua irmã e do conde de Ourches que, com elas, nada se poderia fazer”. Por tais razões, torna-se compreensível que tanto essa escrita, quanto a feita em lousas, assim como o processo dos nós em barbante, tenham saído da moda, não mais fazendo parte das manifestações ocultas que os médiuns modernos procuram apresentar. Mas, se saíram da moda, é conveniente que seja isso assinalado, uma vez que a tendência para mudar já tem qualquer coisa de suspeito, sendo talvez suficiente para mostrar a qualidade dos fenômenos e pôr-nos de sobreaviso quando revestirem outros aspectos. O conhecimento do seu mecanismo é, porém, de utilidade, pois nos pode orientar para a descoberta de manifestações equivalentes.

## CAPÍTULO SÉTIMO

*SUMÁRIO: Superstições do passado. Predições e oráculos da antigüidade. Tóxicos e narcóticos no ocultismo. Libertação do subconsciente. Práticas mágicas. A vareta e o pêndulo adivinhatórios. O emprego do pêndulo na Medicina e fora dela. Associações e Congressos radiestésicos. Erros e absurdos demonstrados pela verificação científica. Uma comissão belga e as suas conclusões. A questão entre nós. O oráculo do anel. Movimentos musculares involuntários. O fator sugestivo. O processo diagnóstico do Dr. Abrams. A mesa espírita. A transmissão de pensamento e os sinais fornecidos pelo operador. Automobilista de olhos vendados. Mecanismos de percepção. O murmúrio involuntário e a articulação muda.*

**A** HISTÓRIA DA HUMANIDADE, desde o seu início, anda impregnada de variadas credices e superstições. Há dezenas de séculos antes de Cristo já se procurava predizer o futuro, sobretudo em relação às coisas práticas da vida. Ainda mais do que isso: procurava-se predispor os deuses em favor dos nossos desejos e interesses. Apesar de ser esse procedimento por demais humano, de um antropomorfismo quase infantil, parece não ter o homem, até hoje, mudado de mentalidade, pois continua a indagar do futuro, também acreditando poder modificá-lo por meio de suas próprias intervenções. Em todo o caso, é sinal muito simplista e pretensioso esse de acreditarmos que os deuses precisam falar empregando símbolos, que necessitam ser inter-

pretados por pessoas qualificadas, conhecedoras de ritos misteriosos. E o poder dessas pessoas parece tão prodigioso, que as julgamos capazes de penetrar na intimidade dos deuses para se apoderarem dos segredos ciosamente guardados por eles, e que acabarão por descobrir, aproveitando-os em nosso benefício. Não é evidente haver em tudo isso muito antropomorfismo, muita pretensão e exagero, provavelmente como simples manifestação de incomensurável complexo de superioridade? A nossa pretensão vai tão longe que nos capacitamos de que, pelas nossas próprias manobras, seremos capazes de descobrir e mudar o curso dos acontecimentos, mesmo quando os acreditamos previamente inscritos na palma da mão ou inexoravelmente fixados pelos astros do firmamento!

Já os antigos babilônicos procuravam dar-se conta dos acontecimentos futuros baseando-se no vôo e no grito dos pássaros e no comportamento de outros animais, especialmente cobras, cães, ratos, moscas, etc., assim como no movimento das árvores, no da fumaça da água, das nuvens, indo à interpretação de sonhos, que traduziam mensagens divinas. Os gregos e os romanos não agiram diferentemente através dos seus oráculos, cujas pitonisas obedeciam a rituais complexos, não raro maléficos e até perigosos à sua saúde e sua própria vida. Frequentemente, as suas revelações, consideradas como mensagens celestes, provinham da ação de gases tóxicos e até letais, que escapavam do solo nos lugares escolhidos para estabelecimento dos oráculos. Na antigüidade, existiram muitos deles, sendo o mais célebre o de Delfos, que se encontrava sobre uma fenda vulcânica, de onde saíam emanções venenosas que, respiradas, produziam êxtase e alucinações. Nesse estado, as pessoas viam e ouviam coisas extraordinárias, não raro horripilantes e que eram interpretadas como mensagens enviadas diretamente pelos Deuses. Essas inalações eram tão prejudiciais que podiam arruinar a saúde para o resto da vida, tornando a pessoa anêmica, fraca, melancólica, o que justificava a expressão proverbial referente a essa constituição, quando dizia haver saído do antro de Trofônio ou consultado o seu oráculo, que era o de Delfos, construído por aquele arquiteto. As pitonisas, antes de iniciar as provas, submetiam-se a jejum prolongado, mastigavam folhas de louro, e, depois, quando respiravam aqueles gases mefíticos, caíam em estado de grande exaltação, sobrevivendo convulsões e verda-

deiros acessos de fúria e loucura, não raro terminados pela perda da consciência. Nessas condições, eram retiradas do local e o que diziam, com boca convulsa e espumante, aos gritos e em espasmos, representava a opinião de deuses todo poderosos, quando não de demônios maléficos e perigosos. Sterne, que estudou particularmente a questão, diz que se tratava de uma experiência toxicológica horrorosa, que se prolongou durante séculos, sem qualquer proveito para a Ciência ou para a humanidade.

No ritual de muitas religiões primitivas, representavam tóxicos e narcóticos papel de capital importância, principalmente para a obtenção de efeitos extáticos, tão favoráveis a revelações e arrebatamentos. A mandrágora, a papoula, a beladona, entre outras, foram plantas de feiticeiros. O cânhamo tem representado largo papel em ritos pagãos e religiosos, como acontece no Oriente com o haxixe e entre nós com a chamada maconha ou diamba, empregada para feitiços e outras explorações. As alucinações produzidas por tóxicos têm sido exploradas em ritos e cerimônias religiosas, provavelmente devido ao seu poder de aumentar a sugestibilidade e facilitar estados extáticos e hipnóticos. Também a história da bruxaria é, nesse sentido, rica de ensinamentos, como teremos ainda que mostrar.

Gley e Richet, estudando os movimentos fibrilares inconscientes produzidos pelo haxixe, verificaram que as tendências subscientes se libertavam e se exteriorizavam com grande facilidade. O próprio Gley, “tomando uma pequena dose desse tóxico, executava movimentos involuntários e inconscientes de grande força, que revelavam completamente seus pensamentos, embora não tivesse disso a menor percepção”. Aliás, movimentos inconscientes e automáticos podem ser criados diretamente, como será mostrado ao estudarmos os movimentos de deslocação da “mesa espírita”, da escrita automática, do pêndulo explorador e do chamado cumberlandismo, que é a transmissão de pensamento pelo contato.

É de admirar que a bola de cristal seja um instrumento para profecias e revelações? A vidente concentra-se diante do objeto em questão e, naturalmente, pela fantasia e a sugestão, pode conseguir visões e alucinações que serão exploradas para seus laticínios. O processo é certamente mais plástico e permite melhor trabalho de imaginação do que outros empregados para

o mesmo fim, tais como a quiromancia, a leitura de cartas, etc. Na bola de cristal, em espelhos brilhantes, na hidromancia e em processos idênticos há mais espaços para a fantasia operar e mais lugar para a libertação de forças subconscientes. Em tais condições, é comum o indivíduo cair em estado hipnótico, produzido pela fixação de um objeto brilhante, tal como acontecia nas velhas experiências de Braid, que teremos ainda de relatar, e que davam resultado mesmo em animais. Desde os tempos mais remotos, sabe-se que a fixação do olhar sobre pedras cintilantes podia magnetizar, conferindo à pessoa dons de vidência. É isso que vem relatado em trabalhos de Aristóteles, Plínio e outros autores, sendo que também na Bíblia já é questão de anéis de esquecimento, fabricados por Moisés e Salomão. Práticas desse gênero são numerosas na tradição popular, bastando lembrar as usadas entre nós nas festas juninas e, nos países frios, mais no Natal e na passagem do ano. São sortes tiradas com clara de ovo, com chumbo derretido, com borra de café, com neve, assim como interpretações de figuras fornecidas pela geada e as nuvens, indo à onicomancia, que consiste em cobrir a unha do polegar com azeite e fuligem, expondo-a depois à luz do sol ou mesmo de uma vela para obter reflexos que fornecerão material para deduções cabalísticas. Por meio da audição conseguem-se revelações de idêntica natureza, como acontece pela aplicação da concha do caramujo contra o ouvido e que tem sido empregada para predições desde os tempos mais remotos, sobretudo pelos budistas do Tibet, pelos chineses e especialmente pelos ciganos, mesmo da época atual, que, dessa maneira, pretendem ouvir a voz e receber mensagens de Nivasha, o espírito do ar. Compreende-se que todos esses recursos se imponham como apropriados para desvendar o passado ou prever o futuro, quer por processos inconscientes de sugestão ou hipnose, quer pela pretensa exploração de força mágicas e desconhecidas.

Nesse mesmo sentido, existem dois instrumentos mágicos, usados desde a antigüidade e ainda largamente empregados em nossos dias: a vareta mágica ou adivinhatória e o pêndulo da mesma designação, chamado também sideral. São instrumentos extremamente simples, não passando a vareta de um pequeno galho de árvore simples ou bifurcado, e o pêndulo de um fio, tendo suspenso numa das extremidades um fragmento metálico ou de cristal. Pelo emprego desses objetos, desenvolveu-se toda

uma ciência oculta, denominada, “rãdomãncia”, cujos partidãrios, em tempos modernos, receberam a denominaãõ de radiestesistas ou radioteluristas, termos pomposos e de aspecto científcico, que facilmente se prestam a confusões. Por meio do pêndulo e da vareta, sem quaisquer outros recursos, pretendem descobrir o que existe oculto subterraneamente, tanto fontes e lençõis d’ãgua, quanto jazidas minerais, tesouros e objetos escondidos. Alãem disso, é possível determinar assim a composiãõ químicã dos corpos e, na agricultura, a qualidade das terras, dos adubos, das sementes, como também a do próprio gado e de outras criaãões. Em cinegética, serviria para indicar o lugar em que se encontra a caça, e, no direito penal, auxiliar a descoberta de criminosos. Muito explorado tem sido o uso do pêndulo no exercício da Medicina, tanto “para diagnosticar doenãas como para encontrar os medicamentos que convém empregar para debelã-las. Sem contar a descoberta de objetos perdidos, considerada como uma das suas funãões capitais, acreditam muitos adeptos deste instrumento que, por meio dele, seja possível resolver grande número de outros problemas, mesmo operaãões matemãticas, por exemplo, se determinada senta está certa ou errada. E tudo isso pode ser resolvido de longe, à distãncia, por meio de cartas geogrãficas e planos topogrãficos, em casos de localizaãõ de fontes e de minas, e por meio de fotografias, de fios de cabelo, de pelos de animal, ou pela presenãa de uma testemunha, caso se trate de questões mais íntimas individuais, como diagnõsticos médicos, etc.

O abade Mermet que, na França, tem sido um dos mais acatados adeptos da radiestesia, julga ter herdado esse dom do seu pai, talvez ainda mais capaz que o filho. O abade Mermet tornou-se célebre, tendo dezenas de anos de experiãncia, traduzida em diversas publicaãões. Numa delas, afirma que, “dentro do seu gabinete de trabalho, é capaz de localizar fontes situadas a milhares de quilõmetros, por meio de emissãõ e reverberaãõ de ondas cerebrais”. E acrescenta: “Todas as prospecãões que faãõ diretamente sobre o próprio terreno, posso fazê-las também no meu escritório, sobre um plano cadastral da regiãõ ou da propriedade que deve ser estudada, e isso com a mesma facilidade e a mesma certeza e garantia. E possuo uma grande quantidade de fatos que demonstram a realidade desse método psico-físico. Como os órgãõs doentes de um ser humano ou animal imitem irradiaãões diferentes das dos órgãõs sãõs, posso

descobrir, assim, a sede e a natureza de urna moléstia, tanto servindo-me de uma simples fotografia, quanto procurando-a no corpo do próprio doente”.

Aliás, o interesse pelo pêndulo e a vareta é coisa velha, vindo desde a antigüidade, e apresentando épocas de voga e de declínio. Um livro de Henry de France, outro grande adepto da radiestesia, atingiu dezenas de milhares de exemplares na França, sendo traduzido em línguas estrangeiras. Mesmo em Medicina, o processo em questão encontrou numerosos prosélitos, havendo até uma tese do Dr. Martin sobre o uso do pêndulo em diagnósticos de veterinária. Muitas repercussão teve a adesão do Dr. Meillère, presidente da Academia de Medicina, a esse processo de investigação. Desde então, apareceram na França numerosos médicos radiestesistas, trabalhando por conta própria ou associados a leigos, e que acabaram formando sociedades especializadas, reunidas em congressos periódicos.

Muitos autores procuraram demonstrar a existência de ondas de radiestesia por meio de aparelhos de física, havendo sobre o assunto diversas publicações. Era um pouco a repetição do que já havia acontecido anteriormente quando, na época do magnetismo animal, apareceram o magnetoscópio, o magnetômetro e outros instrumentos, alguns dos quais foram apresentados à Academia de Ciências. Mais tarde, vieram o biômetro, o rádio-biômetro, o bioscópio, o antropoflux, vibrômetros, detectores químicos e eletrônicos e diversos outros, capazes de pôr em evidência eflúvios, vibrações e irradiações emanados do corpo humano. É verdade que, toda vez que experiências desse gênero são realizadas com vigor científico, logo se verifica que os fenômenos observados não passam de manifestações físicas produzidas pelo calor, pelo movimento do ar, pela eletricidade desenvolvida por fricção ou por outros fatores físicos. O que nunca se conseguiu demonstrar foram radiações humanas do tipo radiestésico, que, no entanto, deviam ser de fácil verificação, dada a sensibilidade dos modernos aparelhos de Física. A descoberta dos raios mitogenéticos, feita por Guswitsh, veio demonstrar que a Ciência admite facilmente a presença de qualquer radiação, desde que seja possível comprovar objetivamente a sua existência. Não nos esqueçamos de que, em tempos passados, muitos magnetizadores pretenderam favorecer a germinação de plantas e acelerar o seu crescimento, saturando-as

de fluidos magnéticos, e que o Dr. Geley e outros autores, em época mais recente, encontraram pessoas que, pela simples imposição das mãos, mumificavam o cadáver de pequenos animais ou mesmo pedaços de carne. Mas, verificações posteriores, feitas com rigor, mostraram tanto a irrealidade das afirmativas daqueles magnetizadores, quanto as relativas a estas mumificações.

Nas informações sobre radiestesia é freqüente encontrarem-se dados confirmando descobertas extraordinárias: “O conde Beausoleil descobriu 172 jazidas de vários metais, na França (1641), algumas das quais são exploradas até hoje. Jacques Aymard descobriu grandes correntes de água. Moincau descobriu os abundantes mananciais que permitiram à cidade de Toulon aumentar o abastecimento público. O professor Reese descobriu as jazidas de petróleo de Rockefeller”. E, depois de relatar outras façanhas idênticas, o autor, que é pessoa séria e teve seu livro, aparecido recentemente, aprovado pela Igreja católica, acrescenta que os padres Mermet e Bault “localizaram os obuzes soterrados pelos alemães em terreno francês após o armistício de 1918, prestando com isso inestimável benefício à causa pública”. Tudo isso mostra quanto há ainda de desorientação em torno do assunto, como se torna evidente pela citação relativa ao professor Reese, cujos processos de mistificação se tornaram conhecidos no mundo inteiro.

Quanto ao emprego prático da radiestesia, é preciso considerar o enorme gasto de dinheiro em trabalhos baseados em suas determinações, sem contar os perigos que dela advêm no campo da Medicina. Não foi por outra razão que a “Union Sociale des Ingénieurs Catholiques” estabeleceu, em outubro de 1936, um prêmio de 5 mil francos, que seria concedido ao radiestesista que realizasse uma experiência demonstrativa, suficientemente controlada. O candidato poderia estabelecer a experiência à vontade, repetindo qualquer das já conhecidas e tão freqüentemente dadas à publicidade. Apareceram diversos concorrentes, dos quais alguns se propuseram a determinar os pólos de um ímã; outros, a qualidade do metal de moedas fechadas em pequenas caixas; terceiros, servindo-se de fotografias de mortos, a estabelecer o lugar em que estavam os mesmos enterrados; finalmente, os que diriam o conteúdo de uma adega, o lugar de tesouros escondidos, etc. Todos os resultados foram, porém, falhos, não excedendo os certos e exatos a proporção estabelecida pelo cálculo de probabilidades.

Em 1935, “La Vie Catholique”, um periódico francês, depois de divulgar prodígios e maravilhas realizadas por entusiastas do pêndulo e da vareta mágica, ofereceu um prêmio de mil francos a quem, num concurso, preenchesse determinadas condições. Tratava-se de encontrar uma massa de prata pesando 850 gramas, constituída por 56 medalhas antigas, e que seria escondida, sucessivamente, em 10 lugares diferentes de uma mesma habitação. O doador concederia o prêmio no caso de algum candidato acertar 8 vezes nas 10 que deveria tentar. Apareceram 177 concorrentes, dos quais 86 radiestesistas adeptos do pêndulo ou da vareta. Os outros iriam guiar-se pela sorte ou pelo acaso. A experiência, que esteve sob o patrocínio do abade Mermet, presidente da “Association Française et Internationale des Amis de la Radiesthésie”, foi a maior e mais rigorosa até então realizada. O resultado constituiu um fracasso completo: o melhor concorrente não conseguiu acertar senão 4 vezes, havendo apenas 86 soluções exatas nas 860 apresentadas. A proporção estava de acordo com o cálculo de probabilidades, sendo quase a mesma para os candidatos não radiestesistas. Também não se saíram melhor 10 padres que tomaram parte no concurso. Em todo o caso, são dignos de nota a convicção e a sinceridade dos candidatos, que concorreram ao prêmio sem qualquer interesse material, pois a soma oferecida reverteria em proveito da própria “Vie Catholique”. No número de concorrentes, havia muitos sócios da Sociedade que acaba de ser citada e, entre eles, o autor de obras clássicas sobre o pêndulo. A conclusão foi de que, no concurso, tudo se passou como se o pêndulo obedecesse ao acaso e não às irradiações da massa metálica. “Essa experiência não convencerá pessoas de opinião preconcebida, porque nada as poderá convencer, mas esclarecerá as de boa fé, e isso é tudo que se pode esperar”.

Um caso baseado nas indicações do pêndulo, que merece menção, é o que ocorreu há quase duas dezenas de anos na França, e que teve repercussão extraordinária, em duplo sentido. Uma moça, por nome Mercier, fez uma descoberta sensacional, graças ao emprego desse instrumento. Ela julgava o pêndulo um processo científico seguro, que havia aprendido e aperfeiçoado, não se considerando dotada de qualquer poder adivinhatório. Empregando esse método, conseguiu descobrir e localizar o esqueleto de uma religiosa, a irmã Alix Le Clerc, que foi encontrado precisamente no lugar por ela indicado. Depois disso, o

clero pôs-se em ação, a fim de prestar à religiosa os preitos de veneração que lhe cabiam e deviam levá-la à santificação. Mas, prudentemente, resolveu fazer investigações para verificar se os ossos eram realmente da santa, pelo menos de uma mulher. As verificações foram feitas por um biologista de renome e trouxeram uma conclusão clara, inesperada: não se tratava de ossos de homem ou de mulher, mas sim de ossos de animal!

No Congresso Internacional de Radiestesia, realizado em Lausanne, em setembro de 1934, o doutor J. Regnault, de Toulon, teve a idéia de submeter a provas indivíduos capazes de fazer diagnósticos médicos à distância, por meio de fotografias, da escrita, ou de cabelos da pessoa doente. Empregando qualquer desses recursos, pretendem descobrir se a pessoa está viva ou morta; se é do sexo masculino ou feminino; se sofre de alguma moléstia, estabelecendo de qual, e também se apresenta cicatrizes e em que lugar do corpo. No caso de um moço, sofrendo de artrite dos joelhos, de reumatismo e portador de uma cicatriz no lado esquerdo do queixo, os resultados fornecidos por 9 radiestesistas foram os seguintes: 1.º) mulher; 2.º) mulher viva, sofrendo dos rins, com repercussão sobre os órgãos genitais; 3.º) pessoa já morta, que teve uma doença do lado esquerdo do peito e alguma coisa na perna esquerda; 4.º) pessoa viva; 5.º) morto, operado de apendicite, tendo sofrido de doença crônica do fígado e morrido no mar, durante a guerra; 6.º) pessoa viva, tendo uma cicatriz no lado esquerdo da testa; 7.º) parece ter uma cicatriz no anular da mão esquerda e todos os órgãos são; 8.º) homem de boa saúde; 9.º) pessoa viva, tendo uma cicatriz no ventre. Vê-se que houve um verdadeiro jogo de cabra cega quanto aos diagnósticos, que se repetiu quando foram empregados escritos e cabelos, para idênticas determinações. O doutor Nebel, de Lausanne, submeteu a radiestesistas do mesmo Congresso duas folhas de papel de filtro embebidas de sangue infectado, cuja causa devia ser determinada. Também aí foram completos os insucessos. O Dr. Osty, analisando esses resultados, mostra que quase tudo estava errado e que as coincidências eram inaproveitáveis, pois não passavam de indicações vagas, rudimentares. Diante desse fracasso de diagnóstico, como acreditar que os tratamentos pudessem conduzir a resultados favoráveis? Dessa maneira, ficou demonstrado que a radiestesia não possuía valor algum debaixo do ponto de vista médico. Osty diz, porém, que de pouco terá isso valido porque, voltando

para casa, prosseguirão os radiestesistas profissionais usando esses mesmos processos, naturalmente baseados em inabalável convicção. Recentemente, na França, a radiestesia alcançou novo surto de notoriedade, quer à custa de publicações, quer de reuniões em congressos e associações. É um fenômeno que se repete, periodicamente, nos diversos, campos do ocultismo, quase num ritmo regular, intervalado de dois a três decênios. Seguramente, deve ser isso conseqüência dos insucessos que acompanham os surtos mais ruidosos dessas manifestações, que necessariamente também levam à sua desmoralização e abandono passageiros. Depois, tudo cai no esquecimento, o que permite, mais tarde, uma repetição dos mesmos acontecimentos. Em fins de 1949, a livraria Doin & Co., de Paris, lançou um livro de Jean Jarricot — *Pendule et Médecine* — no qual esse autor faz um estudo crítico e experimental das técnicas e das teorias da radiestesia médica, chegando a conclusões absolutamente idênticas às por nós apresentadas no presente trabalho. Ele acrescenta que as publicações sobre radiestesia, que deverão aparecer como conseqüência do surto atual, em nada impedirão de cair ela, de novo, no esquecimento: “Será como o brilho de um fogo de artifício, depois do qual tudo mergulhará na escuridão”. O que se torna necessário é esclarecer o público quanto aos abusos e explorações que comportam tais sistemas que, afinal, resultam sempre prejudiciais. O próprio médico, quando se serve do pêndulo, da vareta ou de outros processos idênticos de orientação, já mostra por aí a sua incapacidade para enfrentar o problema clínico, que exige outro grau de segurança e precisão que tais recursos nunca poderão fornecer. C. de Vesme, comentando um livro sobre radiestesia, exclama: “É preciso haver lido ou pelo menos haver percorrido um livro dessa natureza para ficar conhecendo as noções extravagantes, de um empirismo apressado e impudente, a que imaginam chegar certos radiestesistas. Quando, nas clínicas universitárias e na prática médica, nos esforçamos, desde Hipócrates, para estabelecer o diagnóstico das doenças, sem consegui-lo senão de maneira incompleta e à custa de imensas dificuldades, eis que leigos imaginam ter criado, em poucos anos, uma nova ciência diagnóstica, baseada nos movimentos de um pêndulo, que oscila não somente sobre o próprio doente, mas também sobre pranchas de anatomia e fotografias, que ele próprio nunca tocou!”

Um trabalho de grande valor sobre radiestesia é o de Augusto Lumière, conhecido médico francês que, diante da desorientação e da enorme quantidade de publicações contraditórias existentes em torno do pêndulo, resolveu verificar experimentalmente os fatos, a fim de julgar a sua realidade. Começou pelos radiestesistas, que determinavam o sexo de pessoas, e animais, trabalhando somente com fotografias. Nas fotografias examinadas, provindas das “creches” de Lyon, foi feito o diagnóstico do sexo masculino em 44 por cento dos casos e do feminino nos 56 restantes. O erro foi enorme, pois Lumière não forneceu senão fotografias de meninas. Para o diagnóstico médico baseado em fotografias, enviou 4 retratos. Os resultados fornecidos pelo radiestesista especializado nessa espécie de exames foram os seguintes: na primeira, doença do fígado e tuberculose; na segunda, doença do estômago, do fígado e ameaça de câncer; na terceira, sífilis e insuficiência hepática; na quarta, doença do coração e rins atacados. Tudo completamente falso, porque se tratava de 4 pessoas em perfeita saúde, como demonstraram os exames médicos. Depois disso, Lumière enviou ao mesmo especialista mais quatro fotografias, que vieram com 4 diagnósticos diferentes, embora se tratasse de uma só e mesma pessoa, vestida diferentemente e tendo o rosto coberto. No caso de um padre, que diagnosticava pela escrita, veio uma informação de que se tratava de ameaça de câncer do útero, acompanhada do endereço de um farmacêutico, que pediu 150 francos pelos remédios, que não foram comprados, pois o doente era um homem! Lumière enviou 30 amostras de sangue a um radiestesista célebre, que diagnosticava servindo-se de tal material. Vieram 30 diagnósticos diferentes, apesar de terem sido as amostras tiradas somente de 10 pessoas, 3 de cada uma. Num dos doentes, atacado de tuberculose pulmonar bilateral, o resultado foi: tuberculose, câncer e difteria. Em tubos de ensaio, encerrando diversas substâncias minerais, os resultados foram idênticos, pois a proporção de erros foi semelhante. Essas experiências de Lumière são especialmente ilustrativas para o nosso país, onde tais recursos de diagnóstico são ainda muito apreciados e empregados até por médicos, que chegam a usar o pêndulo, caso não seja pela íris ou pelo auxílio dos mortos, que procuram descobrir as moléstias dos seus semelhantes. Aliás, verificação idêntica à realizada por Lumière já foi feita em relação à irisdiagnóstico, sobretudo em clínicas universitárias européias sempre com resultados absolu-

tamente negativos. Se não fosse assim, qual seria então o papel representado por nós, médicos que examinamos conscienciosamente os nossos doentes, que os submetemos às mais variadas provas clínicas e de laboratório, que os viramos quase pelo avesso, não raro sem chegar a conclusões decisivas? Não seríamos tolos, imbecis, ridículos, caso não nos servíssemos de recursos tão simples, como esse de esquadrihar a íris ou deixar o pêndulo oscilar sobre o órgão doente? Tal suposição constitui uma verdadeira afronta atirada contra nós, mesmo porque a estupidez tem, afinal, os seus limites!

O doutor E. Pascal, num tratado sobre radiestesia, relata o caso de um indivíduo muito conhecido em Bordeus graças aos diagnósticos médicos que fazia com o pêndulo, e que eram dados como extraordinários. Pascal apresentou-lhe pêlos negros de um buldogue jovem e robusto, em saúde perfeita. O pêndulo foi colocado sobre os pêlos, enquanto o investigador, com a outra mão, movimentava um lápis sobre um quadro anatômico do corpo humano, explicando: quando o pêndulo girava, o órgão estava são, e, doente, quando fazia oscilações longitudinais. A velocidade do movimento era proporcional à gravidade da afecção. Eis o resultado diagnóstico relativo aos pêlos do cachorro, confirmado por carta, depois de novo exame: “Trata-se de um homem moço, cuja faringe é fraca, existindo colibacilo no sangue, estado febril e carcinoma do pâncreas”! Pascal, para mostrar o papel que a sugestão pode representar nos efeitos produzidos pela vareta e o pêndulo, fez a seguinte experiência, que aconselha a todos repetir, pois os resultados freqüentemente são positivos. Tratava-se de um teleradiestesista descobridor de águas subterrâneas por meio de um pêndulo oscilando sobre planos desenhados e que representavam a região que devia ser examinada. Pascal fez um esboço muito metucioso de uma propriedade imaginária e submeteu-o ao radiestesista, que descobriu duas fontes d’água, das quais deu a profundidade e a capacidade de produção. Cita ainda o caso de uma farmacêutica, que 4 amostras eram de tuberculosos, 3 de cancerosos e 3 de câncer e a tuberculose pelo pêndulo e um exame da urina. Um médico, em perfeita saúde, enviou-lhe a própria urina em 10 tubos diferentes. Como resultado recebeu a informação de que 4 amostras eram de tuberculosos, 3 de cancerosos e 3 de pessoas sãs!

Para julgar a difusão dos processos de ocultismo, basta dizer que em Paris, em 1935, existiam 3.460 gabinetes para essas consultas, como refere Marcel Boll no seu livro — “L’occultisme devant la Science”, publicado em 1951. O doutor Hougardy, secretário do “Comité beige por l’investigation scientifique des phénomènes réputés paranormaux”, informa que a supressão da seção de astrologia de um grande jornal belga fez cair a sua tiragem de 20 por cento! Esse autor informa ainda que, no final da grande guerra, quando a população desse país sofreu terríveis reveses pela ocupação alemã, havendo por toda parte mortes, deportações e desaparecimento de pessoas, floresceram os videntes e ocultistas, que souberam aproveitar-se da ocasião com grande prejuízo para as vítimas. Nessa emergência, o Comitê em questão resolveu fazer uma prova com ocultistas, 30 deles submetendo-se à experiência. Os resultados foram decepcionantes, do gênero das sortes tiradas ao acaso, segundo cara ou coroa. Hougardy conclui que os diversos processos de ocultismo, mesmo se existissem possibilidades de fenômenos paranormais, representam um perigo para a saúde física da população, para o seu nível intelectual, para a sua moralidade e para as finanças públicas.

A comissão em questão foi organizada em 1948, sendo composta de naturalistas, matemáticos, geólogos, criminologistas, físicos, arqueologistas, historiadores e etnologistas, tendo por finalidade pesquisar cientificamente os fenômenos chamados de paranormais. O relatório sobre as primeiras investigações compreende 34 pessoas classificadas de radiestesistas, clarividentes, espíritas, astrologistas e numerologistas. A investigação nada revelou de especial, mas a comissão ficou surpresa da ignorância e da ingenuidade dos indivíduos que se acreditavam possuidores de dons paranormais. Um exemplo característico foi fornecido pelos que se julgavam capazes de reconhecer, sem qualquer exame, se determinada fonte ou manancial era de água potável, servindo para consumo público, ou, pelo contrário, perigosa, estando poluída. A conclusão era tirada sem qualquer verificação experimental que, quando feita, veio mostrar logo quanto era absurda a pretensão daqueles corifeus. Um dos objetivos principais da Comissão era de pôr o público de sobreaviso contra atividades desse gênero, chamando a atenção para todas as espécies de ocultismos, que procuram tirar partido dessas práticas tão ingênuas e cheias de ignorância.

Verificações científicas feitas em torno dos processos radiestésicos têm revelado que, na melhor das hipóteses, tudo não passa de trabalho subconsciente, por vezes baseado em observações, das quais o próprio sujeito não se dá conta. Na descoberta de água subterrânea, podem o aspecto do terreno, natureza do solo, a qualidade da vegetação e certas particularidades geológicas servir de orientação, como está demonstrado por indivíduos que se servem desses recursos conscientemente, sem apelar para a vareta ou o pêndulo, que nada podem fornecer além dessas indicações. Já em 1854, o célebre químico francês Chevreul afirmava ser evidente que os movimentos da vareta não fazem parte do mundo físico, mas sim do moral.

Um equivalente do pêndulo e da vareta, já usado desde a mais alta antigüidade, é o oráculo do anel, que conserva ainda hoje numerosos adeptos, convictos das suas virtudes mágicas. O processo consiste em se tomar um anel, amarrá-lo na extremidade de um fio, ou melhor, de um longo cabelo de mulher, que é fixado entre o polegar e o indicador de uma das mãos, de tal maneira que o anel fique suspenso dentro de um copo, podendo oscilar livremente, de um lado para outro. Nessas condições, está armado o oráculo, que responde às perguntas que lhe são feitas, quer em voz alta, quer mentalmente. Se lhe perguntarem quantas horas são, começará a oscilar, batendo no rebordo do copo as pancadas correspondentes. Para obter respostas mais facilmente, cola-se em torno do copo as letras do alfabeto e, das pancadas dadas sobre elas pelo anel, formam-se as palavras oraculares. No século XVIII e princípio do XIX; na época do magnetismo animal, teve o pêndulo mágico grande voga, pois se acreditava que pudesse fazer revelações ocultas e desvendar mistérios. Não foi senão mais tarde que se descobriu o segredo desses movimentos considerados mágicos e que não passavam de movimentos musculares involuntários, como foi possível verificar por meio de aparelhos físicos de grande precisão. Quando os pés, as mãos e os dedos parecem quietos e imóveis, estão sempre, na realidade, executando pequenos movimentos involuntários, mesmo quando o indivíduo procura dominá-los, ou suprimi-los. O mais importante, porém, é que se descobriu que esses movimentos são influenciados por idéias e pensamentos, de maneira que, pensando o indivíduo um nome ou um número, é ele ditado pelo pêndulo. O que foi demonstrado em relação ao pêndulo, repete-se quanto à vareta mágica,

por meio da qual se tem procurado localizar veios d'água e a presença de metais e outros elementos nas entranhas da terra. Existe uma imensa literatura sobre a questão, ainda hoje objeto de exploração por grande número de indivíduos. No entanto, pela verificação científica já está demonstrado que tanto o pêndulo, quanto a vareta, obedecem aos impulsos do seu portador, traduzindo-lhe os desejos ou os seus pensamentos mais íntimos. Basta vendá-lo os olhos para que os resultados se transformem por completo: falta-lhe, então, a direção, o impulso coordenador! Chevreul pôde observar os movimentos em questão na sua própria mão, porque, mesmo não acreditando neles, tinha dúvida se poderiam ser reais. Partindo daí, concluiu que o movimento do pêndulo entrava na classe dos movimentos musculares involuntários e inconscientes. Fez uma experiência demonstrativa, mantendo o pêndulo sobre um recipiente cheio d'água, retirando depois essa água. Quando havia água, o pêndulo oscilava, e parava quando era ela retirada. Depois, repetiu a experiência tendo os olhos vendados e os resultados foram diferentes. Bastava ver a água ou supor que ela estivesse presente, para que o pêndulo oscilasse. Por isso, concluiu que o movimento daquele dependia unicamente do próprio indivíduo, embora fosse involuntário e inconsciente.

Max Dessoir refere o caso de uma menina que tendo os olhos vendados, determinava por meio do pêndulo a qualidade de metais encerrados em pequenas caixinhas. Pois bem, Dessoir verificou que a orientação era fornecida pelo aspecto das próprias caixinhas, pois bastou trocar o seu conteúdo para que logo surgisse grande número de erros. E acrescentou: o mais estranho, na questão, é que um grupo de homens, possuindo cultura científica, se encheu de admiração diante do “fenômeno”, tendo um deles se disposto a escrever um artigo para relatar a maravilha!

Há tempos, em São Francisco, na América do Norte, um médico, o Dr. Albert Abrams, criou um novo método de diagnóstico — o electronodiagnóstico —, baseado na suposição de que toda a perturbação patológica do corpo humano é acompanhada de uma modificação das suas emanções energéticas e do seu sangue. Além disso, admitiu que o melhor revelador das vibrações emitidas por um corpo doente era o próprio corpo humano, desde que estivesse são. Por meio de algumas gotas de sangue depositadas sobre papel de filtro,

ele diagnosticava, servindo-se daquele método, a sede e a natureza das moléstias, mesmo sem ver o doente. Por intermédio da escrita, de cabelos ou de qualquer objeto pertencente ao doente, diagnosticava também a sua moléstia, empregando o mesmo aparelho, que parece ter tido bastante aceitação na sua pátria. Mas, com a morte de Abrams, ocorrida em janeiro de 1929, em consequência de uma pneumonia, o método caiu em descrédito, pois, na mão dos seus discípulos, o instrumento começou a falhar, os erros se multiplicaram e os resultados tornaram-se inaproveitáveis. Repetia-se, aqui, o que já tem acontecido muitas vezes: o segredo dos sucessos dependia do próprio Adams, da sua intuição, da sua personalidade.

Quanto ao pêndulo, não é raro o indivíduo adquirir tal treino que o instrumento, nas suas mãos, passa a dar logo respostas fáceis, de toda a natureza. Entre nós, tenho encontrado pessoas que se servem desse recurso e até médicos que procuram estabelecer diagnósticos deixando-o oscilar sobre o corpo do doente. Também para o diagnóstico de sexo da criança ainda no útero tem sido empregado, assim como para saber se de um ovo sairá um galo ou uma galinha. Em tudo isso há muita fantasia e superstição, como é fácil verificar experimentalmente. Mas, a nossa tendência para o maravilhoso é tão grande que, muitas vezes, preferimos permanecer na ilusão e no mistério do que fazer um pequeno esforço para alcançar a verdade. Não é por outra razão que tais concepções perduram e oferecem resistência à destruição, mesmo quando já está demonstrada a sua irrealidade. Em tudo isso não há nada de mágico nem de misterioso, mas sim apenas atuações humanas muito naturais e compreensivas. A descoberta e o estudo dos movimentos musculares involuntários são de grande importância, pois trouxeram explicação para uma série de fenômenos, que pareciam incompreensíveis ou mesmo sobrenaturais. No entanto, tudo estava dentro da natureza, de acordo com as suas leis mais comuns e invioláveis. Quando os torcedores de futebol acompanham o jogo com o corpo, geralmente não percebem os seus próprios movimentos. É o mesmo que acontece no telefone, quando o interlocutor acompanha as palavras com os gestos que lhes correspondem.

Fato importante é que os movimentos involuntários inconscientes podem organizar-se por uma espécie de síntese. “Essa síntese inconsciente é por vezes tão coerente, que pode fazer supor a intervenção de uma personalidade nova. Com um

menino ingênuo pode fazer-se a seguinte experiência, muito demonstrativa. Põe-se-lhe o pêndulo na mão, e diz-se-lhe que ele vai indicar a sua idade. E, com efeito: se o menino tem doze anos, o pêndulo dá as doze pancadas regulamentares. E o menino ficará estupefato, acreditando ter permanecido imóvel. Na realidade, porém, não ficou imóvel, tendo sido ele próprio quem deu as doze pancadas. Mas, na verdade, ele não quis fazê-lo e não percebeu seus próprios movimentos”. É Charles Richet quem expõe a questão em termos tão precisos, apesar de ele próprio, em 1921, ainda acreditar que a bagueira possuísse os poderes que lhe são atribuídos. “Eliminemos imediatamente, diz ele, as hipóteses da mistificação, do movimento voluntário, do acaso. Não é nem por fraude nem por acaso que eles descobrem as fontes subterrâneas. A vareta vira-se fortemente entre as suas mãos, apesar deles e somente nos bons lugares, dando, pela força de rotação e da sua direção, indicações sobre a profundidade e o sentido do lençol subterrâneo”.

Karl Marbe demonstrou experimentalmente que os movimentos do pêndulo e da vareta são semelhantes aos da mesa nas sessões espíritas. Durante uma aula, mandou que algumas meninas de 9 anos de idade se sentassem em torno de uma mesa apropriada, como se faz nas sessões mediúnicas. Sugeriu, então, que o móvel iria executar movimentos de oscilação, que logo se produziram, assim como cessaram por oposta sugestão. Depois, disse que a mesa iria dar o número de pancadas correspondente à idade de uma das crianças, o que logo aconteceu, batendo a mesa nove vezes, que era a idade de todas elas. As crianças acharam tudo aquilo esplêndido, maravilhoso!

Maeterlinck, que tanto se preocupou com tais problemas, diz textualmente: “Na experiência banal e bastante pueril da mesa rodante, que afinal não é senão telepatia primitiva e elementar, é quase sempre a sugestão inconsciente dum operador ou do simples assistente que dita a resposta”. Mas Maeterlinck vai longe demais quando fala em telepatia, pois há aí contato direto entre as pessoas. Nessas condições, o entendimento pode dar-se por simples transmissão física, muscular, como é o caso quando o indivíduo procura objetos escondidos, conduzido pela mão de alguém que sabe onde eles se encontram. Aliás, os movimentos da mesa, nas sessões espíritas, têm sido objeto de inúmeras verificações, nada tendo de misterioso ou sobrenatural. “Quando diversas pessoas colocam por algum

tempo as extremidades dos dedos sobre a mesa, acontece de, mesmo sem querer, executarem determinados movimentos de pressão e tração. Se o médium ou o experimentador der certa direção a esse jogo de forças, cada um ajudará sem perceber, havendo desenvolvimento de grande energia, capaz de fazer a mesa dançar ou até correr. É a mesma coisa que ocorre com a vareta mágica, cujas oscilações podem-se tornar tão fortes a ponto de quebrá-la. E os espíritas atribuem tal fato à presença de um ser desencarnado! Em geral, basta a atividade da direção do médium para a mesa adquirir movimentos”. É também por essa razão que a mesa segue determinados movimentos, dá certas respostas, como obedecendo a uma vontade única, o que realmente acontece, pois no momento, a pessoa que dirige impõe inconscientemente a sua decisão aos outros presentes. As respostas são exatas somente quando qualquer dos presentes tem delas conhecimento; do contrário, são confusas, absurdas ou a mesa deixa de responder. Quando Faraday, o célebre físico inglês, teve a idéia de pulverizar talco sobre a superfície da mesa, deixou esta de mover-se, porque faltaram os contatos necessários, havendo diminuição no processo de aderência.

Conhecido é o velho cumberlandismo, isto é, a leitura do pensamento feita por um indivíduo que toca as mãos ou a testa de outro, pretendidamente para possibilitar ou facilitar a transmissão de idéias entre ambos. O que acontece em tais casos não é uma transmissão de pensamento, mas sim uma orientação por sinais que o operador pode fornecer inconscientemente. Tendo nas suas mãos as do outro indivíduo, transmite-lhe, sem querer, pequenos impulsos, que se tornam mais vivos quando se aproxima dos objetos que estão sendo procurados pela pretensa transmissão do pensamento. É uma questão de movimentos musculares, fáceis de serem percebidos, principalmente quando o indivíduo se exercita. Eu vi, no laboratório dos irmãos Ozório, o professor Gley, de Paris, executar essa operação com resultados muito satisfatórios. A própria pessoa em experiência não se dava conta desses pequenos movimentos e ficava cheia de admiração quando lhe *adivinham* o pensamento. Já em 1852, Beard havia mostrado que era fácil adivinhar o pensamento dessa maneira quando, de olhos fechados, se conduzia o sujeito através da casa ou mesmo à rua, em procura de um objeto designado. E tudo não passava de movimentos musculares involuntários, como ele admitiu e,

mais tarde, se conseguiu demonstrar. Peyer informa ter tido ocasião de experimentar, em Londres, com um indivíduo que possuía grande capacidade para adivinhar o pensamento, quando se lhe colocava a mão sobre a testa. Mas com ele, Peyer, nada conseguia, mesmo quando estavam num quarto de dimensões reduzidas, pelo fato de conservar a mão parada, sem movimento. Com outro investigador, porém, os resultados eram seguros e imediatos, até conseguindo distinguir, entre muitos alfinetes espetados numa almofada, aquele em que o experimentador estava pensando. Peyer relata o caso de um jovem hindu-ínglês que, com os olhos vendados e sem saber do que se tratava, conseguiu encontrar num quarto ao lado um leque, com o qual foi abanar uma pessoa que se achava num outro quarto, tudo de acordo com o pensamento da pessoa que o conduzia.

Muito sucesso obteve um automobilista que se exibiu em diversas cidades da França, conseguindo guiar automóvel, tendo os olhos completamente vendados. Tratava-se de um ferido da guerra de 1914, Gaston Ouvrieu, atingido por fragmentos de obus na cabeça, alguns dos quais se localizaram na massa encefálica, de onde não puderam ser extraídos. Foi daí que Ouvrieu adquiriu a faculdade de se deixar dirigir pelo cérebro dos outros. Depois de ter os olhos completamente vendados, tomava o lugar do motorista e conduzia o veículo através de cidades em pleno movimento, tão perfeitamente como se estivesse vendo, guiado mentalmente pelas pessoas que o acompanhavam. É claro que a prova despertou grande atenção, sendo largamente explorada pelos jornais. Mas, pouco depois, surgiram dúvidas e objeções, de todo justificadas. O autor da prova realizava-a tendo sempre a mulher a seu lado e é sabido que qualquer sistema de sinais, dados por vezes inconscientemente, sem que o próprio sujeito os perceba, pode bastar para resolver o problema. Os exemplos que acabam de ser apresentados, da procura de objetos escondidos sob conduta de outra pessoa, esclarece o caso em questão. Além disso, a vendagem dos olhos é processo falho e aleatório, como está demonstrado por numerosas experiências: chumaços de algodão fixados com tiras, bandagens feitas com esparadrapo, vendas e envoltórios diversos podem se impor como suficientes e garantidos, embora deixem pequenos interstícios, não raro criados pelo próprio movimento das pálpebras. E é suficiente uma fissura insignificante para o indivíduo perceber muito do que

se passa em torno de si. Por essa razão, bons conhecedores do assunto chegaram à conclusão de que a única maneira de interceptar completamente a visão é meter a cabeça dentro dum saco opaco, que permita a respiração, sem deixar penetrar luz. Um comentarista estabelece que a experiência em questão, para ter valor, precisaria ser realizada nas condições indicadas, isto é, pelo afastamento da mulher, emprego do saco e controle por pessoas capazes, idôneas.

O doutor Heinrich Schole, num livro em alemão, publicado em 1929 em Goettingen, tendo por título — “Ocultismo e Ciência”, — fazendo a crítica dos fenômenos ocultos, cita uma experiência por ele realizada quanto à transmissão do pensamento e que despertava grande interesse, pondo perplexas pessoas cultas, mesmo de espírito muito perspicaz. Colocava sobre uma mesa 20 cartas, numerando-as de 1 a 20. Depois, uma pessoa escolhia um dos números e, sem que ele soubesse, escrevia-o, conservando-o para controle. Schole esforçava-se, então, por adivinhá-lo, dizendo lentamente toda a série de números e, sem se enganar, declarava qual tinha sido escolhido. A explicação era simples: durante um ano, exercitou-se com perseverança na percepção e interpretação dos menores movimentos fisionômicos e outros, tais como modificações de atitude e alterações do ritmo respiratório, capazes de ser influenciados pelo pensamento. E o autor relata que, das 600 pessoas que assistiram às suas experiências, só duas suspeitaram da verdade. Todas as outras pensaram logo em coisas sobrenaturais!

Outro ponto para o qual tem sido chamada a atenção: quando o indivíduo se concentra para a transmissão de um pensamento, em geral, sem querer, pronuncia-o baixo, cochichando. Quando pensamos, fazemo-lo por meio de palavras, que pronunciamos e ouvimos interiormente, como acontece igualmente quando procuramos recordar qualquer fragmento musical. Já foi verificado experimentalmente, focalizando a voz por meio de espelhos côncavos que, mesmo quando o indivíduo procura dominar-se, não articulando som algum, ainda assim é possível, em grande número de casos, ouvir, no foco do espelho, em balbucio, palavras ou números em que está pensando. O que se verifica quase sempre é que, não havendo truques, existem outras circunstâncias que explicam o fenômeno, embora freqüentemente passem despercebidas. Muito ilustrativa, nesse sentido, é uma experiência realizada por Mem-

bros da Sociedade de Psicologia de Munique, na qual uma jovem senhora conseguiu ler, em estado de hipnose, uma página de livro que ela própria desconhecia e que lhe foi colocado fechado sobre a frente. Os membros da Sociedade concluíram pela realidade do fato que, mais tarde, foi explicado pelo mecanismo do cochicho, que se operava da seguinte maneira: um dos presentes acompanhava a leitura, tendo um exemplar do livro aberto nas mãos! Aliás, a leitura sem o emprego dos órgãos dos sentidos, isto é, colocando o escrito sobre a testa, ou tomando-o nas mãos, já havia sido mencionado por grandes filósofos, como Kant e Hegel, tendo recebido a denominação de “leitura pelo estômago”. Foram os professores Lehmann, diretor do Laboratório de Psicofísica e C. Hansen, professor de Anatomia, ambos da Universidade de Copenhague, que verificaram experimentalmente a transmissão de pensamento por meio do murmúrio involuntário. Para isso, colocaram, face a face, dois espelhos côncavos metálicos, afastados dois metros um do outro. Num dos focos desses espelhos uma pessoa punha a boca e pensava intensamente em qualquer coisa, por exemplo, num número de duas cifras, enquanto, no foco oposto, outra pessoa colocava o ouvido. As experiências foram feitas de três maneiras diferentes: boca semi-fechada, quase fechada e inteiramente fechada, operando-se sempre a respiração pelo nariz. A articulação das palavras era feita sem que houvesse qualquer movimento exterior visível. Os resultados obtidos pelos dois experimentadores foram equivalentes, havendo apenas 25 por cento de fracassos completos. A análise acústica do fenômeno revelou grandes modificações nos sons emitidos, sobretudo no sentido de haver redução e alteração das consoantes. Os sons provinham do laringe, apresentando o murmúrio involuntário grande semelhança com a ventriloquia. Em outros casos, o que acontece, quando o indivíduo concentra o pensamento, é articular palavras, sem acompanhá-las de sons. Nessas condições, torna-se possível ler-lhes as palavras sobre os lábios, tal como ocorre em relação aos surdos-mudos. E, freqüentemente, quando o indivíduo procura dominar os seus movimentos involuntários, tornam-se eles mais intensos, como acontece também com os tiques.

Aliás, como complemento de tais possibilidades, é conveniente relatar que estudantes americanos descobriram recentemente um pequeno aparelho que permite aos cegos uma melhor maneira de se orientarem. Trata-se de uma espécie de lâm-

pada acústica de bolso, baseada no princípio da reflexão das ondas sonoras. Por meio desse aparelho torna-se possível evitar árvores, postes de iluminação, veículos parados, muros, escadas, assim como encontrar portas abertas, etc. O aparelho funciona de tal modo, que os obstáculos podem ser percebidos a nove metros de distância ou mesmo mais.

## CAPÍTULO OITAVO

*SUMÁRIO: Predições na velha Astrologia. Mistificações na antigüidade. Kepler como astrólogo. Superstições dos nossos dias. O papel das coincidências. O caso do vidente Johansen. Vaticínios sobre grandes homens. Mussolini e outros casos. Profecias religiosas. Um toque de campanha na calada da noite e as minhas convicções. A telepatia e a criação da “Society for Psychical Research”, em Londres. Erros de observação. A queda de um elevador em Paris e a visão de Lord Dufferin. As assombrações de uma fazenda. Velhas observações do hipnotismo. A transmissão do pensamento negada por cientistas. As experiências do professor Rhine e a sua interpretação. Fatos e exemplos demonstrativos.*

**S**E JÁ NA VELHA ASTROLOGIA, tinham as previsões importância fundamental, não há dúvida que seus restos chegam até nossos dias sob a forma de horoscópios, anéis planetários, variadas profecias e outras revelações. Aliás, nos tempos passados, os astrólogos gozaram grande reputação e tiveram poderosa influência, sendo raro qualquer príncipe ou poderoso resolver questões importantes sem primeiramente fazer uma consulta aos astros. Reis e soberanos chegaram a executar o ato sexual no momento indicado pelos astrólogos, a fim de ser o herdeiro do trono procriado nas condições mais propícias. E as referências provenientes daquelas épocas informam que as profecias e os horoscópios baseados em dados astrológicos eram confirmados, realizando-se conforme haviam sido vatici-

nados! Autores mais modernos já mostraram a possibilidade disso, até certo ponto, pois a fé com que eram recebidos levava à realização do que havia sido previsto e que se executava, destarte, sob influxo de poderosas sugestões. Muitos acontecimentos do passado, como guerras e revoluções, eram conseqüência direta de profecias astrológicas, que acabavam por dominar as populações, como tem sido revelado por modernos estudos psicológicos. É mesmo provável que muitos acontecimentos políticos se operassem segundo planos secretamente preestabelecidos e anunciados sob forma de profecias. Não nos esqueçamos de que truques e mistificações fizeram parte integrante das velhas religiões do Egito, da Grécia e da antiga Roma, cujos templos andavam cheios de segredos e mistérios, baseados em artifícios e simulações, sabiamente explorados pelos sacerdotes. Oráculos, deuses que falavam, ídolos que vomitavam fogo e recebiam comida como alimento, estátuas que sangravam e mil outras proezas técnicas eram usados para infundir respeito e manter a crença nas revelações. “Ainda hoje é possível ver alguns daqueles sifões, tubos, abóbadas, portas falsas, quartos e tubos acústicos, por meio dos quais, na Grécia antiga, os sacerdotes influenciavam a massa popular”. Tem-se admitido que a própria guerra dos camponeses na Alemanha, em 1524, foi conseqüência de predições astrológicas, que influenciaram a política de Lutero, como ele próprio reconheceu. Ainda naquela época eram os astros que decidiam guerras e outras calamidades!

A quiromancia vem desde a velha Grécia, quando escritores já trataram da questão. Na Europa, parece ter surgido pelo século XV, introduzida por ciganos, que se apresentavam como egípcios. Daí, teve rápido desenvolvimento, chegando a constituir, no início do século XVIII, objeto de curso especial na maioria das universidades alemãs. Depois, caiu rapidamente em descrédito, sendo conservada por alguns adeptos, sobretudo ciganos e raros indivíduos de boa classe social. Mesmo no campo do diagnóstico médico foi explorada, como mostra a obra de Issberner-Haldanes sobre “A arte científica de ler as mãos”, onde linhas, elevações e desenhos da mão, assim como a forma e a cor das unhas são aproveitados para interpretação diagnóstica. Por exemplo: um ponto vermelho no Monte de Júpiter traduz pequena lesão interna dos pulmões; ponto idêntico no Monte de Marte, uma lesão do intestino; ruptura da linha da cabeça, grave ferimento da cabeça; operações deixam marca no Monte de Marte, etc.

No fim da Idade Média a arte dos adivinhos atingiu um máximo de florescimento, que começou depois a decair graças ao progresso das ciências experimentais. Quero citar apenas o caso de Kepler, o célebre astrônomo alemão, que estabeleceu as leis que têm o seu nome, sobre as quais se baseia a da gravitação universal, descoberta por Newton. Kepler foi, além de astrônomo, astrólogo de renome. Quando lhe nasceu um filho, em 2 de fevereiro de 1598, concluiu, pelos dados astrológicos, que teria ele uma existência feliz, cheia de acontecimentos venturosos. O mesmo predisse em relação ao filho do seu mestre Maesthin, nascido em 1398. E que aconteceu? Ambos morreram no primeiro ano de vida!

Também, agora, nas duas últimas guerras, as previsões astrológicas sobre a sua evolução e terminação falharam por completo, nada acontecendo do que os profetas anunciaram. O mesmo aconteceu em relação às premonições dos videntes, que igualmente deixaram de corresponder à marcha dos acontecimentos. No entanto, o que se pode categoricamente afirmar é que aquele momento devia ser especialmente propício a todo gênero de profecias e revelações, constituindo o seu fracasso poderoso argumento contra a sua realidade. Apesar de tudo isso, a superstição campeou desenfreada por toda parte, não poupando nem mesmo grande número dos dirigentes, que pareciam acreditar em manobras do acaso, até em dias e horas aziagos, julgando-os influenciáveis por rituais e fórmulas mágicas, desde rezas ao porte de amuletos. Hitler teve o seu astrólogo e Roosevelt, em certa ocasião, julgou não ser momento propício para agir, baseado em motivos de pura superstição. É sabido quantos soberanos e outros condutores de homens e nações são atraídos pelo mistério, aceitando conselhos, tanto de médiuns e videntes, quanto de astrólogos e quiromantes. Há informações seguras de que a família do rei Jorge V, durante a sua doença tão angustiada, consultou um metagnomo, que garantiu a cura certa do soberano. Quando seu primo, o ex-kaiser da Alemanha, soube disso, quis indagar do profeta se voltaria a ocupar o trono do seu país. Ignora-se a resposta do vidente, mas admite-se que tenha sido negativa, tal o desconsolo em que caiu o ex-imperador. Tycho-Brahe, o astrônomo dinamarquês, mestre de Kepler, acreditava na influência maléfica da sexta-feira, e para Pascal as aranhas eram animais de mau agouro. Ambroise Paré aceitou muitas lendas como verdades e, durante séculos, sábios e homens cultos

admitiram a existência de feiticeiros, assim como, mais tarde, a de fantasmas e espíritos. Muitas vezes as predições dependem da maneira de compreendê-las, podendo a mesma profecia receber diversas interpretações. Já constituía isso um dos segredos dos oráculos da antiguidade, que prosseguiu sendo explorado pelos videntes de todos os tempos. Não são de outra natureza os mistérios da cabala, cuja interpretação chegou a exigir os mais altos recursos da dialética.

O que existe em grande número de predições são coincidências, que impressionam quando certas, sendo logo esquecidas e desprezadas quando falhas ou errôneas. A proporção entre o certo e o errado já pode ser suficiente para, num determinado caso, justificar o acerto ou mostrar o erro. Já se tem afirmado repetidamente que ninguém conseguiu prever até hoje o cavalo que vai ganhar numa corrida ou o número premiado na loteria ou em qualquer outro jogo, numa proporção além do cálculo de probabilidades ou da experiência habitual. Tem-se chamado a atenção para o fato de nenhum médium ou vidente ter predito o dia certo da terminação das guerras passadas, nem de nenhum deles ter anunciado a derrota de Carpentier, o grande pugilista francês, ou de qualquer outro lutador de tempos mais recentes.

É aqui o lugar para recordar o caso de Anton Johansen, um vidente escandinavo, cujas profecias tiveram imensa repercussão, tendo sido divulgadas em folheto, numa edição de 100.000 exemplares. Johansen foi um homem sério e digno, que nunca bebeu nem fumou e se conservou afastado do contacto sexual até a velhice. Por diversas vezes, previu a morte de pessoas, sobretudo em acidentes no mar. O principal, porém, é que profetizou a guerra de 1914 com 7 anos de antecedência e, poucos meses antes do seu início, procurou os ministros da guerra da Noruega e da Suécia para lhes anunciar esse acontecimento, que estava iminente. Deus lhe disse que avisasse também ao imperador da Alemanha, tarefa que ele não conseguiu realizar. Pouco tempo depois estourou o conflito, cujo fim igualmente previu com meses de antecedência. Max Dessoir, que conversou longamente com o vidente, teve a impressão de que ele se considerava um eleito de Deus, servindo de intermediário aos homens para avisá-los dos males que os ameaçavam e que podiam ser evitados por meio da religião. O vidente Johansen era profundamente religioso, nunca se separando da Bíblia. Citamos o seu caso porque, além das profecias mencionadas, fez ele muitas outras, que se

deviam realizar tempos depois. Entre outras predições, anunciou uma guerra entre a França e a Espanha, dentro de 10 a 15 anos, outra entre a França e a Rússia de um lado, e a Suécia e a Noruega do outro, no ano de 1953. Como é fácil verificar, os acontecimentos processaram-se de maneira diferente e o mundo sofreu tal transformação, que as condições para a realização de muitas das suas profecias se tornaram impossíveis. É isso, aliás, o que sempre se apura nas predições, caso seja feita a sua verificação em tempo oportuno, rigorosamente de acordo com os dados previamente fixados. Sempre por escrito! Do contrário, pode acontecer, como é muito freqüente, acabar tudo certo, de acordo com a previsão. O que coincide e dá certo vai sempre crescendo e ganhando em importância, enquanto os dados falsos ou errados vão sendo desprezados, até cair em esquecimento. Em todo gênero de profecias e revelações, o que pode ser sempre verificado é a tendência para realçar pontos coincidentes, enquanto os divergentes vão sendo, por assim dizer, escamoteados. Ao lado disso, o que é obscuro adquire clareza e precisão, passando as aproximações a certezas e exatidões. Por isso, não é de admirar que, no final, tudo pareça certo e justo, graças a esse trabalho de adaptação, executado *a posteriori*. Por essa razão, não deixa de ser proposta digna de consideração aquela de um autor que aconselhava interpretar qualquer profecia em sentido contrário, para verificar se, também assim, não permanece ela certa e exata.

O Dr. Osty conta-nos que, nos protocolos tomados em sessões do Instituto Metapsíquico de Paris, onde era escrito tudo que diziam os médiuns, encontram-se freqüentemente predições de doenças, acidentes e mortes de pessoas célebres, não raro anotadas a pedido dos próprios médiuns, que tinham esses pressentimentos espontaneamente, sem qualquer relação com os objetivos das sessões. E, quase sempre, estava tudo completamente errado. É assim que, numa sessão de 1915, foi predita a morte próxima de Guilherme II; em 1916, a morte brutal de Caillaux; em 1923, um atentado contra Poincaré; em 1926, a premonição do assassinio de Herriot, e ainda a morte violenta de Clemenceau, do Papa, do General Gouraud, de Briand, e muitas outras. Osty conclui que, se todos esses presságios se realizassem, teria havido desaparecimento rápido das maiores personalidades daquela época.

Muito interessante é o que aconteceu com Mussolini, segundo um livro escrito por G. Ward Price e que teve grande

repercussão na Europa antes da guerra terminada em 1945. Eis o que disse ele do ditador italiano: “Mussolini tem tal confiança em si próprio e no seu destino que nunca teve receio do ser assassinado. No entanto, nos primeiros anos do seu regime houve uma dúzia de conspirações contra a sua vida. Algumas delas falharam por tão pouca coisa, que se pode compartilhar da sua opinião, de que morrerá no seu leito”. Seguem-se detalhes sobre as tentativas de assassinio de que foi vítima, e o autor prossegue: “Em todas essas circunstâncias, Mussolini deu provas de uma calma e de um sangue frio absolutos. Não adianta tentarem contra a minha vida, disse ele a V. H. Henderson, adido comercial da Embaixada Britânica, que teve um encontro com o Duce um quarto de hora depois de Lucetti lhe ter atirado as suas bombas. Predisseram que eu não morreria de morte violenta e é uma profecia na qual acredito”. O resto não precisa ser referido, pois se tornou conhecido do mundo inteiro.

Na “Revue Metapsychique” de Paris, número 2, de 1926, encontro uma carta do pintor Albert Fourrié que, por inspirações espíritas, executou um grande esboço para a decoração do teto do nosso Teatro Municipal, no Rio, no qual figuravam mais de cem pessoas. O artista sentia-se guiado por espíritos, tudo parecendo indicar que obteria ele a encomenda para execução da grande obra. O prefeito Passos, que se encontrava então em Paris, elogiou muito o trabalho, pedindo que o enviassem ao seu filho no Rio, pois se demoraria ainda na Europa. O pintor diz que se desobrigou logo da missão, mas que não obteve mais qualquer notícia a respeito, apesar das suas reiteradas solicitações. Parece que os médiuns, consultados repetidamente naquela época, deram somente notícias otimistas ao artista, que deve ter chegado à convicção de que tudo se iria resolver a seu favor. Mas nem ele, nem os médiuns, conheciam suficientemente a nós brasileiros, cujas promessas se devem realizar sempre amanhã. É um bom exemplo, talvez de grande utilidade, sobretudo para aqueles que, em seus negócios, se deixam guiar pelos espíritos do outro mundo.

Em 1925, Lady Conan Doyle afirmou haver recebido uma mensagem pela escrita automática, anunciando que, entre 1925 e 1928, o mundo, tornado por demais materialista, deveria receber, caso não voltasse ao espiritualismo, o castigo merecido pelos seus hábitos grosseiros: uma catástrofe cósmica destruiria os que não fossem dignos de viver! A profecia foi publicada

no “Morning Post” de 17 de outubro daquele ano, mas nada aconteceu. Repetia-se, assim, mais uma vez, o que sempre ocorrera em relação às predições do fim do mundo e de grandes catástrofes, tão freqüentemente anunciadas por videntes, santos e profetas.

Lembremo-nos ainda das visões místicas, tão comuns na vida de santos, tais como as de Bernadette na gruta de Massabieule, em Lourdes; de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal e, mais recentemente, da Virgem de Ezquioza, na Espanha. Em muitos desses casos foram feitas profecias, de regra cheias de acontecimentos trágicos, calamitosos. Em Ezquioza, a Virgem anunciou a destruição de Paris e Marselha, que poucos anos depois escapavam quase ilesas ao extermínio de grande parte da Europa. Em Fátima, a Virgem predisse o fim da primeira guerra para 13 de outubro de 1917, havendo erro de mais de um ano, pois não terminou senão a 11 de novembro de 1918. O que se observa em quase todas essas profecias são velhas reminiscências, precursoras de terríveis catástrofes. “E, nesse particular, verifica-se quanto às mensagens atribuídas aos seres sobrenaturais são aflitivas pela sua pobreza. Em todos os casos análogos, a Virgem, os Santos, o próprio Deus reclamam preces, lamentam-se sobre a crescente impiedade, exortam a penitências e predizem calamidades públicas. Os deuses imortais se desarranjam para fornecer comunicações tão pouco originais! Isso basta para provar a origem de tais revelações. Se um Deus quisesse realmente nos dar provas evidentes da sua intervenção, deveria esta ter outro aspecto. Mas a imaginação dos homens, apesar da aparência, não é muito rica e gira sempre em torno de um círculo bem estreito”.

Aliás, no terreno das profecias, são os políticos, os médicos e os homens de negócios que, já profissionalmente, mais delas necessitam ocupar-se, pois, das previsões, muito dependem a sua maneira de agir e os resultados das suas manobras. O prognóstico quanto à evolução de doenças é sabidamente uma das pedras de toque da experiência médica e o político e o financista que não souberem prever a marcha dos acontecimentos estarão sujeitos a desastres inesperados, ou, pelo contrário, a grandes sucessos, caso estejam os seus cálculos de acordo com os fatos que deverão ocorrer.

Em elevado número de previsões, premonições e outros fenômenos atribuídos à intervenção de forças sobrenaturais, podem simples coincidências e aproximações representar papel

de importância fundamental. Um mecanismo muito comum nessas revelações é lembrar-se facilmente o indivíduo do que aconteceu e deu certo, esquecendo-se da parte falsa ou não realizada. Nessas condições, é natural que o resultado seja sempre favorável à profecia, ficando de acordo com o passado, o presente e o futuro da pessoa, sobretudo quando esta fornece ao vidente, de maneira quase sempre imperceptível, dados capazes de orientá-lo, ou posteriormente, de acertar as suas revelações. Fato idêntico repete-se em relação a barulhos estranhos, pancadas nas paredes ou no forro da casa, estremeçamento de portas e janelas, objetos que caem e inúmeros outros ruídos comuns, más que, não raro, tomam aspecto misterioso, recebendo interpretação sobrenatural.

Richet, depois de mostrar que os ruídos de pancadas e estalos, chamados comumente de raps e primeiramente observados pelas irmãs Fox, são o ponto de partida de toda a metapsíquica, conclui que constituem eles a prova decisiva de que existem forças agindo mecanicamente sobre as coisas independentemente de nossas ações musculares. E considera esses fenômenos como os mais belos da metapsíquica, “apesar da sua simplicidade, ou antes, por causa da sua simplicidade”, acrescentando que não devem ser produzidos por processos simplesmente mecânicos, porque são inteligentes, dizem qualquer coisa, têm significação ou respondem a questões que lhes são formuladas.

As pessoas dadas ao espiritismo e cuja atenção vive despertada para a percepção de manifestações desse gênero, também logo as interpretam como provindo de forças extra-terrenas, tradutoras de mensagens ou avisos do além. Na realidade, sinais misteriosos representados por barulhos e outras exteriorizações de igual natureza são freqüentemente tomados como vindos do outro mundo, a fim de revelar mortes, doenças, desastres e outros malefícios, ocorridos com parentes, amigos e pessoas mais íntimas. Eu tenho ouvido muitas descrições desse gênero, cuja autenticidade é colocada, pelos seus autores, acima de qualquer dúvida. Sei até de espíritas que têm prometido dar sinais concretos, objetivos, da sua sobrevivência depois da morte, o que, pretensamente, realizam por meio de pancadas, quedas de objetos, ou mesmo da sua aparição sob forma de fantasmas, coincidindo com o falecimento ou em sua imediata proximidade. Quero relatar um pequenino fato passado comigo próprio e que me poderia ter levado à mais absoluta convicção quanto à existência de espíritos e à realidade da tele-

patia, demonstrada através do oceano, pois a prova teria sido concludente, sem qualquer dúvida ou possibilidade de erro.

Os acontecimentos passaram-se da seguinte maneira: encontrava-me em Berlim, onde chegara havia pouco tempo e habitava em casa de uma família judia, composta apenas de três pessoas: um casal de velhos de mais de setenta anos e uma filha solteirona, já além dos quarenta, bastante doente. Meu quarto ficava perto da porta da entrada, que dava para um corredor, o qual fazia a separação do fundo do apartamento, onde dormia a família. Era num terceiro andar, na parte posterior do edifício, depois de uma área que o ligava a parte anterior e dava para a rua. Para chegar ao nosso domicílio era necessário entrar pela porta central da rua, atravessar um longo vestíbulo, depois o pátio interno, alcançando finalmente uma porta e, desta, a escada que levava ao nosso andar. A casa era de grande silêncio, muito apropriada aos meus hábitos de vida e estudo. Já estava há alguns meses na capital alemã e, naquela época, 1909, as comunicações postais com o Brasil eram lentas, raramente exigindo menos de trinta dias. Pois bem, certa noite, exatamente às 2 horas e 40 da madrugada, fui despertado por um toque da campainha da entrada. Acordei sobressaltado, sem poder dar-me logo conta da situação. Pouco depois, nova chamada. Levantei-me, acendi o lampião de querosene, vesti-me sem pressa e fui ver o que poderia ter acontecido. Antes de abrir a porta, indaguei se havia alguém do lado de fora, mas não recebi resposta. Abria-a, então. Acendi a luz elétrica da escada, tocando o botão que estava do lado externo, agora ao alcance da minha mão. O silêncio era absoluto. Não vi nada nem ninguém. Não consegui ouvir o menor ruído, nem na escada, nem no pátio, para o qual dava a minha janela. Voltei para a cama e pensei na possibilidade de ser um aviso, uma mensagem vinda do Brasil, qualquer coisa de grave, talvez a morte de algum parente. Tomei nota, rigorosamente, do dia e da hora exata do acontecimento, verifiquei a diferença da hora entre Berlim e o Brasil e, assim, fiquei aguardando ansiosamente notícias que pudessem elucidar aquele duplo toque de campainha pela madrugada, tão incompreensível e cheio de mistério. Os outros habitantes do apartamento nada ouviram, o que era, aliás, natural, pois moravam no fundo da casa, havendo de permeio duas portas fechadas. O tempo de espera passou de maneira normal e, finalmente, recebi a correspon-

dência relativa à época do acontecimento. Não ocorrera nada, absolutamente nada de novo ou de diferente em relação a qualquer dos meus parentes ou amigos. Nada de morte, de doença, de desastre ou qualquer fato capaz de justificar aquela insólita comunicação. Fiquei decepcionado, premido de dúvida e desconfiança.

Algum tempo depois repetiu-se o fato, em condições exatamente semelhantes. Novo toque de campainha, também alta noite. Levantei-me mais rápido e logo abri a porta, pois havia luz acesa na escada e ouvi vozes no patamar superior. Tratava-se do apartamento de uma parteira, que eu nem sabia existir no edifício. Houve desculpas pelo toque de campainha na minha porta. O mistério resolveu-se, assim, de modo extremamente simples. Da primeira vez, diante da demora, o visitante subiu, naturalmente, o lance da escada e descobriu a placa da parteira, que deve ter sido muito expedita. Desta vez, o apressado fui eu e, por isso, pude pôr-me ao corrente da situação. É muito diferente sermos acordados alta noite por um toque de campainha que não interessa, que sabemos não ser para nós, desejando e esperando que alguém venha atendê-lo e a pressa, o desembaraço, a boa vontade de uma parteira que não deseja perder o momento mais valioso da sua presença, conservando-se, para isso, alerta e de prontidão, mesmo dormindo, durante a noite.

O fato que, afinal, era destituído de qualquer significação, poderia ter tido para mim conseqüências incalculáveis, talvez decisivas em relação a certos problemas espirituais, capazes de dar direção a qualquer existência. Eu imagino o que teria acontecido, caso tivesse havido coincidência entre aquele toque de campainha pela madrugada e um acontecimento grave, a morte, por exemplo, de um parente ou amigo íntimo, ocorrida naquele mesmo dia, talvez exatamente à mesma hora! Se depois, tivesse mudado ainda de residência, é natural que nunca mais poderia dar-me conta do que realmente havia acontecido. A minha convicção ficaria baseada numa prova tão decisiva e demonstrativa, que acredito não mais poderia fugir à sua brutal evidência.

Desde então, tenho ouvido muitas pessoas falarem da realidade do espiritismo e da telepatia, citando-me fatos de natureza idêntica, dos quais se apresentam como observadores autênticos, indiscutíveis. É verdade que, em geral, se contentam com material menos demonstrativo, pelo qual é até fácil

julgar quanto entra de boa fé na sua convicção. Muitas vezes, tudo é tão superficial, tão cheio de arranjos e adaptações que Jogo se percebe a extrema credulidade da testemunha. A tendência e o entusiasmo pelo misterioso e o desconhecido são tão intensos, que qualquer manifestação simples e natural já se pode prestar para interpretações sobrenaturais. Pancadas na parede, estalos no forro ou nos móveis, ranger de portas e janelas e quedas de objetos são, não raro, considerados mensagens ou sinais vindos do além-túmulo.

Guerney, no “Phantoms of the Living”, baseado no estudo minucioso de 260 obras, trata do assunto em questão. Em relação às assombrações, estudou 700 casos classificados de verídicos. Interrogou 25 mil pessoas, em diversos países, para saber se, “estando acordadas e em estado de boa saúde, haviam alguma vez ouvido uma voz, percebido uma forma, sentido um contato sem que qualquer coisa de material os pudesse explicar”. As conclusões desse inquérito são espantosas: a proporção de pessoas que, na Inglaterra, sentiram tais impressões foi de uma para cada grupo de 10! Eu próprio, por muitas vezes, me tenho sentido contrafeito vendo pessoas de alto nível intelectual presas à convicção de que tais manifestações provêm realmente do outro mundo, sendo produzidas pelos espíritos dos mortos. É crível que espíritos desencarnados se ocupem de tarefas tão insignificantes, usando recursos tão infantis? Tenho a impressão de quase constituir uma ofensa aos pobres mortos, atribuir-se-lhes representação de papéis tão ridículos e de tão fácil execução. Além disso, o mundo anda cheio desses barulhos e ruídos, que, provavelmente, as construções modernas, em cimento armado, contribuirão para fazer desaparecer. Eu ainda moro num velho casarão, quase secular, de paredes de traves de madeira, cheio de alcovas, com um porão tenebroso de dezenas de metros de extensão, cheio de objetos e bugigangas de toda a natureza, dando fundos para um riacho e a floresta. Habitação esplêndida para ratos, gambás, duendes, fantasmas, espíritos! Há estalos e ruídos de toda a qualidade, por vezes, espalhafatosos e impressionantes, até capazes de acordar os habitantes e fazer ladrar os cães no quintal e dentro da casa. No forro, temos descoberto, por muitas vezes, grandes ratos e até ninhos de gambás, que se procriavam com segurança e facilidade. Hoje, já conheço a origem dos barulhos estranhos e até consegui evitar a maioria deles. Que teria sido de mim, se, em vez de descobrir a par-

teira de Berlim, tivesse sido vítima da coincidência de acontecimentos?

Coincidências dessa natureza explicam muitos mistérios, quer diretamente, quer pelas aproximações que podem delas resultar. Mesmo quando ela não se verifica, não é raro vê-la admitida, porque os acontecimentos foram modificados de tal maneira que acabaram ficando de acordo com o que se desejava ou esperava. Muito freqüente é o esquecimento de coisas essenciais, não concordantes, assim como a associação de outras, que passam a fazer parte da predição ou revelação. Isso é muito da natureza humana: para termos razão e acertarmos as nossas idéias, todos os recursos e argumentos tornam-se bons e aproveitáveis. Existem muitos trabalhos de psicologia nesse sentido, que, devidamente aplicados, poderiam explicar muitas dessas falsas suposições e errôneas interpretações.

Quando, há mais de 60 anos, foi fundada em Londres a Society for Psychical Research, o que se tencionava primeiramente fazer era estudar fatos referentes à telepatia espontânea e à transmissão experimental do pensamento, cuja existência se admitia demonstrada e fora de qualquer dúvida, a julgar por inquéritos e investigações, que pareciam absolutamente concludentes. Oliver Lodge relata que essa Sociedade foi criada pelo fato de um trabalho do professor Barrett, lido na Assembléia da British Association, em Glasgow, em 1876, ter sido recebido com desprezo e excluído do boletim anual dessa associação. Foi diante disso que Barrett, Gurney e Myers fundaram a Society for Psychical Research, com a finalidade de estudar os fenômenos em questão, cuja existência era considerada pela ciência oficial como irreal ou ilusória. Logo depois de fundada, organizou a Sociedade um inquérito na Inglaterra, a fim de obter casos de telepatia passíveis de rigorosa comprovação. Das 5.705 respostas recebidas, foram submetidas à verificação algumas das mais impressionantes e bem fundamentadas. Tudo foi feito como se se tratasse de verdadeiros casos policiais, cujo processo de instrução devia ser perfeito, completo. O resultado final foi publicado sob a forma de livro por Myers, Gurney e Pomodore, membros daquela Sociedade. A conclusão foi favorável à existência da telepatia, admitindo que a “inteligência humana pode adquirir conhecimentos por outras vias além dos cinco sentidos e por outros recursos fora da razão”. Mais tarde, Camille Flammarion, na França, fez idêntico inquérito, recebendo 1800 respostas, muitas das quais publicou em obras de grande divulgação popular.

O material por ele apresentado era, porém, de menor valia que o dos ingleses, pois não fora submetido a verificações tão rigorosas. Tanto Flammarion, como numerosos outros autores, acreditavam na autenticidade desses fenômenos, sobretudo baseados no argumento de não ser possível que tanta gente se tenha enganado ou seja vítima de tão repetidas ilusões ou alucinações.

Quando são passados em revista os numerosos trabalhos relativos à telepatia e à transmissão do pensamento de indivíduo para indivíduo, mesmo à distância, fácil se torna chegar à conclusão de que a telepatia é um fato “demonstrado, fora de qualquer dúvida, comprovado por inúmeras provas e documentos que, na realidade, parecem mais que suficientes para autenticar a sua existência, baseada sobretudo em transmissões impressionantes, não raro dramáticas, sempre ricas em pormenores, bem apropriados para confirmar a sua veracidade. Que se considerem os trabalhos de Oliver Lodge, Flammarion, Eugene Osty, Geley e de inúmeros outros da corrente espiritualista, para logo se ver quanto o problema parece claro, positivo, fora de qualquer dúvida ou objeção. Os fatos são tão numerosos, tão concludentes, tão demonstrativos, que parece não sobrar lugar para qualquer suspeita ou negação. Além disso, é hábito apelar para a posição social e científica dos autores, quase sempre personalidades de elevada categoria social, homens de respeitabilidade, julgados incapazes de burlas ou explorações conscientes, visando finalidades falsas ou fraudulentas. Na maioria dos casos, pode-se afirmar que eles são sinceros em suas observações e assertivas, acreditando-se de posse da verdade, seguramente da verdade! Pois bem, justamente esse material é o menos adequado para julgamento, aquele que se tem imposto como mais suspeito e traiçoeiro. Ainda agora, ao escrever este livro, acabo de reler capítulos das obras de Flammarion sobre casas mal-assombradas e forças naturais desconhecidas, das de Bozzano sobre manifestações metapsíquicas em animais, das de Maeterlink, Maxwell, Oliver Lodge e outros sobre assombrações e fenômenos do mesmo gênero, e devo confessar que, sem um preparo prévio, estendido por dezenas de anos, teria ficado perplexo e desorientado, propenso a acreditar na realidade de toda essa fenomenologia, como aconteceu em tempos passados, quando a abundância do material apresentado e as provas e os nomes que o corroboravam me pareciam suficientes para autenticá-la. Hoje,

depois do que tenho observado e experimentado, não me sobram senão dúvidas e objeções quanto à realidade desses depoimentos, que, de forma alguma, tenho podido confirmar. Por isso, não posso senão concordar com Gustave Le Bon, quando declara não acreditar em levitação, pelo fato de nunca ter tido dela uma prova concreta. O doutor Maxwell afirma: “Não conheço nenhum fato de profecia propriamente dito que tenha sido estabelecido de maneira certa”. O professor Branly diz não negar a telepatia, mas que, pessoalmente, não tem conhecimento de nenhum fato capaz de comprová-la. Durante a investigação que o publicista Paul Heuzé fez, em Paris, sobre o problema espírita e que terminou pelo ruidoso relatório dos sábios da Sorbonne, mostrando o fracasso das experiências, houve diversas polêmicas entre os interessados, que revelaram quanto andava confusa e desorientada a opinião pública. Falou-se, então, tanto em excesso de credulidade, quanto em excesso de ceticismo, tornando-se evidente que os fenômenos, por toda a parte, eram mal investigados, quer quanto à sua procedência e evolução, quer quanto à maneira de verificá-los. Heuzé apresentou, então, um exemplo característico, por ele próprio investigado. Trata-se de uma observação citada por Flammarion no seu livro — “Autour de la Mort”, — e que lhe foi comunicada por um psicólogo digno do maior crédito. É o caso de Lord Dufferin que, numa noite, na Irlanda, viu aparecer um homem de aspecto horroroso, carregando um caixão de defunto, cuja visão lhe ficou gravada na memória. Muitos anos depois, estando como embaixador em Paris, teve de comparecer a uma recepção diplomática no Grand-Hotel. No momento de tomar o elevador, reconheceu no indivíduo que o fazia manobrar o horrendo homem do caixão de defunto que lhe aparecera outrora. Flammarion completa a descrição da seguinte maneira: “Movido por uma reação instintiva, o embaixador recuou, andou para trás, pronunciando algumas palavras de desculpa e, pretextando ter esquecido qualquer coisa, pediu que prosseguissem, sem esperar por ele. Daí foi ao escritório do Hotel, a fim de tomar informações sobre o indivíduo que lhe causava tão legítima emoção. Mas não houve tempo para tal, pois, naquele momento, se ouviu um barulho medonho, acompanhado de gritos angustiosos. O elevador, depois de ter alcançado certa altura, despencou subitamente no fundo do poço, mutilando e esmagando as pessoas que o ocupavam. O empregado misterioso morreu juntamente com aqueles que transportava. E não se pôde verificar a sua

procedência, pois se tratava de um “extra”, um indivíduo de passagem, cuja colocação era temporária. Lord Dufferin não conseguiu obter outras informações, tendo ficado sem saber por qual sortilégio a mão do Destino o havia salvo do perigo, levantando para ele, de maneira tão misteriosa, um canto do véu que encobre essa parte da eternidade que chamamos futuro”.

Como observa Heuzé, a descrição parece realmente autêntica, sobretudo devido à precisão dos detalhes. Como o fato descrito se passara em Paris, tornava-se fácil ao publicista verificar pessoalmente os pormenores. Pois bem, os resultados foram deploráveis: em primeiro lugar, averiguou que Lord Dufferin havia sido embaixador em Paris de 1892 a 1896, e que, desde 1878, não ocorrera nenhum acidente mortal nos elevadores do Grand-Hotel. Heuzé encontrou, ainda neste Hotel, uma testemunha do acidente de 1878, no qual houve in na única morte: a de uma jovem recém-casada, que subira para apanhar qualquer coisa no apartamento. Naquele dia não se realizara nenhuma recepção diplomática, nem Lord Dufferin, que tinha então 52 anos de idade, se encontrava em Paris, havendo passado uma parte do ano de 1878 no Canadá e a outra em São Petersburgo. Heuzé mostra que, atrás dessas descrições, há sempre qualquer coisa de real, que, no caso em questão, foi a queda do elevador. São essas aproximações que dão força a tais lendas, tornando-as críveis e aceitáveis. Elas se formam à custa de adaptações e coincidências, sendo a parte real modificada e reduzida, enquanto a maravilhosa sempre cresce, tornando-se cada vez mais impressionante. Ninguém indaga da sua origem, nem faz controles e verificações. Dessa maneira, acabam todos até colaborando, cada um segundo as tendências da sua imaginação. Depois, quando o caso é publicado, impõe-se como autêntico, passando de livro para livro. A imensa literatura que existe sobre o maravilhoso e o sobrenatural e que encontra numerosos e apaixonados leitores, anda baseada em material dessa categoria. Um fato idêntico, talvez o mesmo apresentado por Flammarion, é relatado por Bozzano, à página 397 da sua obra — “Des phénemènes prémonitores”, passando-se, porém, desta vez, em Chicago e não em Paris. Heuzé chama a atenção para a coincidência, mostrando que, em ambas as situações, são os dados do fenômeno pouco precisos.

Um caso muito citado na literatura é o mencionado pelo Dr. Moore, no seu livro — “The power of the soul over the body”: “Toda a equipagem de um navio foi amedrontada pelo

fantasma do cozinheiro, que havia morrido poucos dias antes. Todos o viram distintamente. Ele caminhava sobre a água, mancando de maneira especial, tal como o fazia em vida, sendo fácil reconhecê-lo, pois tinha uma perna mais curta que a outra. Mas, pouco depois, reconheceu-se que o cozinheiro, tão bem caracterizado, não passava de um pedaço de madeira flutuante, resto de um navio naufragado”. E Taine completa: “Esses marinheiros supersticiosos, que tinham presente no espírito a imagem ainda recente do seu camarada, haviam tido todos, sem qualquer combinação, a mesma ilusão devida aos movimentos desiguais da madeira e a imaginação aproveitou-a para dar corpo àquela sensação”.

Eu próprio tenho ouvido muitas coisas desse gênero, que, na época de criança e de moço, muitas vezes me fizeram arrepiar os cabelos. Hoje sei quanto há em tudo isso de fantasia e imaginação, particularmente evidentes quando o mesmo acontecimento é relatado por pessoas diferentes, convictas de estarem ao corrente da realidade. Quero apresentar um exemplo expressivo, concernente a fantasmas existentes numa velha fazenda, quando era eu ainda muito criança. Foi pouco tempo depois da abolição da escravidão, no momento em que as fazendas eram abandonadas pelos escravos libertos, que vinham em direção às cidades ou vagavam pelo interior à procura de novas ocupações, sem saber o que fazer com a sua inesperada liberdade. Nessa ocasião, a minha família, então composta de meus pais e de cinco irmãos, dos quais eu era o caçula, com dois a três anos de idade, foi habitar uma grande fazenda quase abandonada, talvez pela fama de mal assombrada, sendo até bem conhecidos alguns dos seus fantasmas. Um deles era o velho fazendeiro, morto de há muito, que passava a noite na cadeira de balanço colocada na sala de jantar e cujos movimentos ressoavam através do enorme casarão. A fazendeira, também morta há muito tempo, ocupava-se durante uma parte das horas noturnas a varrer a casa, ouvindo-se o ruído da vassoura mesmo dos cômodos mais longínquos. Uma filha dos velhos, igualmente falecida, punha-se ao piano e tocava músicas que ecoavam, quebrando o silêncio das trevas naquela solidão. Não era realmente pavoroso, de arrepiar os cabelos? Os fatos relatados eram conhecidos pela circunvizinhança e deles ouvi falar muitas vezes, depois de crescido. Tinha a fazenda tal fama de mal assombrada, que até viajantes de passagem a evitavam, baseados em informações dadas por testemunhas pessoais dos estranhos acontecimentos. Sei que meus pais eram

muito cétricos em relação a tais questões, sobretudo minha mãe, de temperamento corajoso e decidido, avessa à crença em assombrações e almas do outro mundo. Um exemplo: certa vez, chegando à janela, viu dois caboclos em briga, estando um deles a cavaleiro, dando facadas nas costas do outro. Ela gritou o nome do agressor, ordenando que lhe dessa a faca. Ele se ergueu imediatamente, correu à janela, entregando-lhe a arma e fugindo às carreiras. Pois bem, diante dos fantasmas da fazenda e dos conselhos para não os enfrentar, para lá partiu de ânimo levantado, anunciando que não acreditava em almas do outro mundo e que ia disposta a descobrir a causa daquelas enigmáticas manifestações. E, realmente, dentro de pouco tempo, havia encontrado a explicação natural para tudo. Os ruídos descritos existiam de fato e apareciam com os característicos mencionados: barulho de cadeira de balanço, ruído de vassoura varrendo casa, piano tocando na calada da noite. Que significava, porém, tudo aquilo, de onde vinham aqueles sons misteriosos, que todo mundo sabia provir de almas penadas, que estavam pagando seus crimes e as maldades que cometeram no mundo? Falava-se da crueldade dos fazendeiros, da sinhá-moça perversa com os escravos, não passando as manifestações de punições e castigos que deviam cumprir.

É assim que se criam lendas, em geral completadas por toda sorte de alegóricas aproximações. Mas, desta vez, as coisas se resolveram rapidamente e de maneira bem simples. O velho fazendeiro, balançando-se na cadeira, não passava de um cachorro da casa que, encontrando a porta aberta, se refestelava sobre o móvel, fazendo-o mover quando coçava as suas pulsas. A varredura da casa pela velha provinha de uma moita de arbustos crescidos contra uma parede da fazenda e que, agitada pelo vento, produzia ruído muito semelhante ao da vassoura, varrendo. A sinhá-moça, pianista, era representada pelos ratos que, entrando na caixa do piano carcomido, faziam soar as suas cordas quando passavam sobre elas. Os fatos eram, portanto, muito simples e naturais, sendo compreensível que o medo, a imaginação ou a credulidade pudessem transformá-los em acontecimentos misteriosos, cuja existência parecia baseada em provas incontestáveis.

Luiz da Câmara Cascudo, acusando o recebimento deste livro, escreveu-me: “Noutra edição poderá citar uma frase do mestre Cornelius Agrippa, o homem da *de incertitudine et va-*

*nitae scienciarum declamatio invectiva*, 1527. Agrippa tem uma frase que é o resumo de sua tese, de suas conclusões e deduções neste livro: *Nos habitat, non tartara, sed nec sidera coeli, spiritus, in nobis qui viget illa facit...* É uma ampliação quinhentista do “tudo na terra, nada do céu.” Agrippa é mais explícito porque indica o indivíduo, e não o inferno ou o céu, como a sede de todos os fenômenos do Espírito.” E Câmara Cascudo prossegue: “Meu pai foi um grande caçador de almas do outro mundo. Teve, em moço, a mania de descobrir assombrações. Desencantou armas penadas, fantasmas brancos e lobisomens corredores. A lenda terrível de “Poltros Mortos”, fazenda no município de Alexandria, Rio Grande do Norte, foi explicada por ele. A fazenda estava abandonada e povoada de almas uivantes, tinido de dinheiro contado a noite inteira e quem ousava entrar recebia bofetadas e as luzes eram sopradas por seres invisíveis e furiosos. Meu Pai meteu-se lá dentro, armado e afoito, com um negro de sua confiança, de nome Claro, e identificou o mistério, talqualmente ocorreu na fazenda onde seus pais moravam. O gemido era uma cabra com bicheiras dolorosas. Entrava à noite para dentro da casa e gemia até o amanhecer. O dinheiro contado era uma mesinha em falsa posição, balançada pelo vento, fazendo percutir a lingueta solta da chave no bordo. As bofetadas e sopros eram morcegos. Havia também, no pátio, o medo inicial. Quando acendiam a fogueira, pedras eram jogadas e ninguém encontrava uma delas sequer. As pedras eram uns gafanhotos enormes, de 15 a 20 centímetros, os chamados “gafanhotos de jurema”, verde-escuros. Atraídos pela chama, voavam, batiam nos homens e retomavam o salto, imediatamente, impossibilitando a verificação. A lenda de Poltros Mortos estava ficando conhecida por todo o oeste do Estado. Meu Pai, o Siegfried desse mistério sertanejo”.

É fácil imaginar o poder de tais manifestações, criadas por ilusões e alucinações, tão comuns em ambiente dessa natureza, e, reforçadas, quer pela sensação de medo, quer pelas sugestões que as acompanham. Depois, vão surgindo sempre novos pormenores, graças à colaboração dos narradores, cada qual desejando tornar a ocorrência mais autêntica e impressionante, mais digna de fé e interessante. A descrição de casos dessa natureza, feita tanto oralmente quanto em publicações, é sempre minuciosa, cheia de pormenores, certamente por um mecanismo psicológico especial, que consiste em remover as deficiências

da história primitiva, tornando-a cada vez mais precisa e admissível. Isso é fácil de verificar, remontando às fontes do acontecimento, que logo se torna diferente, cheio de dúvidas e incongruências, caso se consiga ouvir o depoimento de diversas testemunhas. Pode-se afirmar que a literatura sobre a questão, que é muito abundante, não está baseada senão em dados dessa natureza, que, seguramente, não resistiriam a investigações mais profundas e objetivas. O que é preciso fazer, no entanto, é verificar os acontecimentos desse gênero de maneira mais imediata e concreta, segundo normas verdadeiramente científicas. E, pelos resultados já obtidos, tem-se a impressão de que estamos marchando para o fim da era dos fantasmas, das aparições, dos seres sobrenaturais, que por toda parte tiveram direito de existência, até segundo as leis, como acontece com bruxas e lobisomem, indo à mula sem cabeça e outras assombrações apavorantes. O território do sobrenatural está se reduzindo progressivamente, sendo provável que acabe por se extinguir por completo, recebendo explicações naturais, tal como a de simples ilusões e alucinações da nossa imaginação. Nesse sentido, as pesquisas em torno do espiritismo têm fornecido material abundante e de grande significação, sobretudo para destruir numerosas e absurdas suposições. Lembremo-nos da época das bruxas, mortas na fogueira, depois de julgadas por pessoas de responsabilidade e elevada categoria social, convictas do seu pacto com o diabo e da realidade das suas feitiçarias. Baseando em provas consideradas indiscutíveis, foram queimadas vivas muitos milhares de mulheres, cujos crimes de bruxaria não sabemos o que possam ter sido, principalmente por não poderem ter existido. A observação tem mostrado que o material em questão é idêntico ao que serve de base às histórias de fantasmas e aparições, tão apreciadas pelo público, sendo os seus próprios criadores freqüentemente levados à convicção de que se trata de casos autênticos, verídicos, comprovados, fora de qualquer dúvida ou objeção. Mas, quando se torna possível submetê-los a uma análise precisa e objetiva, logo aparecem a sua imprecisão, a superficialidade com que são tomados, as provas falhas e fugidias em que se baseiam, tudo fora dos verdadeiros moldes científicos.

Richet, no seu “*Traité de Metapsychique*”, explana: “A inexatidão é tão incerta quanto a sinceridade. E é isso uma grave causa de erro. Quando uma descrição é transmitida de

segunda mão, depois de ter passado pela imaginação e a memória, criadoras e infíeis, de duas ou três pessoas, está deformada! Sem querer, ajuntamos-lhe detalhes que a tornam mais maravilhosa, mais extraordinária, omitindo outros que a tornariam mais explicável e natural. A boa fé na maioria ou na quase totalidade dos casos é absoluta; mas a inexatidão é também absoluta. Não enganamos nunca aos outros, mas quase sempre a nós próprios”. “Não se deve ter confiança absoluta senão no relatório escrito imediatamente depois do acontecimento. Quando se conta uma história muitas vezes, verifica-se, comparando-a depois com o que foi escrito anteriormente, haver ela sofrido na memória transformações sucessivas, que, ajuntadas umas às outras, acabam por tornar a história contada muito diferente da escrita. Diz-se, freqüentemente, que a memória é muito infiel”. E cita um exemplo ilustrativo, passado com um veleiro de nome “Jacques Gabriel”, no qual, durante uma viagem, foi ouvida em alto mar uma voz de mulher. “Chegando à ilha Maurícia, soubemos da morte da mulher do segundo oficial, Pénaud, falecida no dia e na hora exata em que foi ouvida a voz em questão”. Pois bem, no livro de bordo, o capitão registrou que aquela voz havia sido ouvida em 17 de junho, enquanto a verificação no registro de mortos da cidade revelou que o falecimento se dera um mês antes, a 16 de junho!

Debaixo desse ponto de vista, a obra de Flammarion sobre manifestações sobrenaturais é característica, sendo das mais absurdas e condenáveis. Esse grande astrônomo cobriu com o seu nome um conjunto de dados fantásticos e absurdos, aos quais ele próprio não podia dar crédito, pois lhe chegaram como informações superficiais, irresponsáveis, fornecidas a seu pedido por leitores de um simples jornal de família. E, das 1800 respostas recebidas, aproveitou quase a metade em publicações, sem ter qualquer possibilidade de verificá-las! É claro que isso está fora das normas científicas e mesmo da ética de publicidade que, no caso em questão, somente se justificaria quando realizada por repórter ou jornalista, ávido de dados sensacionais, principalmente visando a tiragem da publicação. A conclusão de Flammarion, de que o material vale pela sua quantidade e pelos nomes que o autenticam, é bem precária e de todos inadmissível, máxime quando argumenta ser impossível que tanta gente tenha mentido ou sido vítima de ilusões. Argumento de que basta sejam alguns fatos verdadeiros, para ficar demons-

trada a realidade da telepatia. Esta conclusão é de toda evidência e não precisa ser discutida. Nem é mesmo necessário que sejam verdadeiros “alguns” fatos, para se ter o direito de chegar a esse raciocínio. Um único fato real, cientificamente demonstrado, que reaparece debaixo de idênticas condições, já é suficiente para provar a sua realidade. É isso, porém, que não foi possível verificar ainda em relação à telepatia e às aparições.

É de vantagem lembrar que, nos primeiros tempos do hipnotismo, diversos sábios de renome, particularmente na França, conseguiram hipnotizar pessoas à distância, por vezes afastadas de muitos quilômetros. Recordemo-nos das experiências de Richet, Janet, Beaunis, Liebault, Boirac e de outros autores, cuja respeitabilidade pairava acima de qualquer dúvida. Em 1886, Pierre Janet e Gilbert, tendo a assistência de Paul Janet, F. W. H. Myers, Ochorowicz e outros cientistas, executaram uma série de experiências com uma senhora, considerada por todos como pessoa séria e de responsabilidade. Em 25 tentativas para hipnotizá-la à distância, 19 foram coroadas de êxito e as outras falharam por motivos justificados. O fato mais importante, porém, era o de saber a paciente qual dos experimentadores a estava hipnotizando, sendo que, nesse estado, executava as ordens que recebia, mesmo quando se esforçava para resistir à sugestão. Tudo era executado de tal modo, que se podia excluir a participação de qualquer coincidência ou processo de fraude ou simulação, quer por parte dos experimentadores, quer da sonâmbula.

Dusart informa haver hipnotizado, naquela mesma época, mais de 100 pessoas, que, segundo as diversas experiências, se encontravam afastadas de 200 metros a 10 quilômetros. No caso de uma moça, obteve hipnotização à distância, de maneira regular, sem falhar, tanto para fazê-la entrar em hipnose, como para despertá-la. A sonâmbula reagia à sugestão no momento em que ele a executava e cumpria depois as ordens recebidas. Ainda mais interessante é a observação relatada pelo doutor Dusay que, num teatro, conseguiu adormecer uma atriz que se achava no camarim, enquanto ele, sem que ninguém soubesse, se encontrava num camarote. Nessas condições, sugestionou a atriz para que representasse o papel de uma colega doente, papel que ela não havia estudado, conhecendo-o apenas de uma única representação. A artista, como o médico soube depois,

estava se vestindo quando, de repente, caiu sobre um sofá, pedindo à camareira que a deixasse repousar. Pouco depois, levantou-se, vestiu-se e entrou no palco, representando o papel com maestria, em estado de verdadeiro sonambulismo, como relata o autor. Quando terminou o espetáculo, Dusay precisou acordá-la, a fim de que tomasse parte num jantar dado pelo diretor.

Todas essas descrições são, sem dúvida alguma, altamente impressionantes e tiveram no seu tempo grande repercussão. Eu próprio conheci pessoalmente Pierre Janet, um dos grandes espíritos que tem produzido a França e cuja honorabilidade esteve sempre acima de qualquer dúvida. Provavelmente, aconteceu com ele e com os seus companheiros de trabalho o mesmo que com Max Dessoir que, anos mais tarde, foi o primeiro a duvidar dos resultados das suas próprias experiências. É preciso acrescentar, antes de tudo, que os resultados obtidos por Pierre Janet e outros cientistas de renome não puderam ser confirmados posteriormente, quando as condições de experimentação se tornaram mais rigorosas e mais bem verificados os seus resultados. Esse fato tem grande importância científica, sendo talvez suficiente para mostrar de que lado deve ser procurada a verdade, sobretudo quando publicações referentes à questão prosseguem, numerosas e abundantes, apresentando, em vez do necessário rigor científico, aspecto sempre por demais superficial, não raro verdadeiramente anedótico. O que se pode concluir é que a transmissão do pensamento e a telepatia não passam, por enquanto, de hipóteses infundadas, que não receberam qualquer sanção científica.

Os dois primeiros anos de existência da Society for Psychical Research foram empregados principalmente em experiências de transmissão do pensamento, realizadas com as filhas de um sacerdote chamado Greery. “Essas experiências deram a Balfour Stewart, Barrett, Myers e Guerney, a convicção de que essas moças possuíam um extraordinário poder de adivinhar os nomes e os objetos pensados por uma outra pessoa. Mas, dois anos mais tarde, Sidgwick e Guerney, refazendo essas experiências com as mesmas moças, descobriram que elas trocavam sinais”. Aliás, os partidários da telepatia e da transmissão do pensamento, mesmo os mais convictos da sua realidade, têm modificado a sua opinião, à medida que os estudos se tornaram mais profundos e mais rigorosas as observações. O próprio

Richet, cujo temperamento o levou a admitir coisas esdrúxulas e inacreditáveis, referindo-se à telepatia, disse, há mais de meio século: “Não posso afirmar que eu próprio considere a transmissão do pensamento como coisa claramente demonstrada. O material que existe não é suficiente para convencer o leitor de maneira completa e decisiva, mas apenas capaz de criar nele dúvida e hesitação”. É a mesma coisa que repete Max Hopp, neurologista em Berlim, no seu livro sobre telepatia, baseado em investigações experimentais. Hopp conclui que, antes de se estabelecer qualquer teoria desse gênero, devem ser encontrados fatos para justificá-la. E, nesse sentido, declara todo o seu trabalho como perdido, pois as experiências não deram senão resultados negativos. Enquanto não houver material objetivo e bem averiguado, não há razão para a Ciência se ocupar de tais problemas. Albert Moll, uma das maiores autoridades em metapsíquica, afirma que, “provisoriamente, temos o direito de considerar a vidência e a telepatia como produtos de fraudes e ilusões”, pois as experiências apresentadas como demonstrativas não têm sido realizadas em condições científicas suficientemente garantidas. Max Dessoir expressa-se textualmente: “Quando ainda moço, eu próprio fiz diversas experiências com resultados positivos e dei crédito a numerosas informações desse gênero. Mas, nesse meio termo, ficou demonstrada a existência de fraudes, justamente nas pesquisas inglesas, que se impunham como as mais importantes. Mesmo nas minhas é possível que tenha havido enganos e impressões, porquanto, posteriormente, quando quis repeti-las, em condições mais seguras, não consegui obter os mesmos resultados. Quem não tiver grande experiência está longe de supor tudo o que pode acontecer! Vi um indivíduo que, desejando fazer a transmissão telepática de desenhos, olhava para os mesmos com tanta atenção que, sem perceber, os traçava no ar com o dedo indicador! Existem ainda outras maneiras de o indivíduo, também sem querer, transmitir o seu pensamento. Ochorowicz, por exemplo, deseja, só em pensamento, que determinados movimentos sejam executados e isso é realizado pela pessoa com que faz a experiência. Acontece, porém, ser essa pessoa amiga íntima do experimenter, cujos gestos ela conhece profundamente, adivinhando-os por associação”. Em certas circunstâncias tem-se verificado que os objetos que devem ser adivinhados repetem-se de maneira regular, embora inconscientemente, reproduzindo resultados de experiências

anteriores. Mesmo quanto aos números, é a sua escolha regida por uma lei psicológica ainda desconhecida, que estabelece as suas correlações segundo o “Number-habitat”, descoberto por autores americanos.

Nos “Proceedings”, de abril de 1932, da “Society for Psychical Research”, de Londres, é publicada uma longa comunicação do professor S. G. Soal sobre transmissão do pensamento, baseada em variadas experiências realizadas durante anos seguidos e que só levaram a resultados negativos. Já antes, em 1905, Vaschide, da Escola de Altos Estudos, de Paris, fizera idênticas experiências, encontrando somente 5 por cento de casos favoráveis, proporção que pôde ser facilmente explicada por coincidências. Em 1919, o doutor Thomson-Troland, da Universidade de Boston, publicou um livro — “A technic for experimental study of telepathy”, no qual estudou experimentalmente a questão, por meio de aparelhos apropriados, chegando a conclusões inteiramente negativas. O mesmo aconteceu com o Dr. Coover, da Universidade de Stanford, da Califórnia, dotada de esplêndido laboratório para estudos psíquicos, no qual realizou pesquisas sobre telepatia experimental. Depois de mais de onze mil experiências, Coover concluiu não ser possível estabelecer qualquer sinal capaz de demonstrar a transmissibilidade de pensamento. Outras tentativas, feitas em larga escala e repetidas em diversos países, sobretudo por meio de estações de rádio, não conduziram a melhores resultados. Para isso, transmitia-se uma mensagem de uma estação central, em hora precisamente fixada, devendo ser ela colhida pelos percipientes alertas à sua recepção. Tentou-se, assim, a transmissão de determinados objetos, figuras geométricas, letras do alfabeto, números, cartas de jogar, etc., mas os resultados não excederam às proporções encontradas pelos cálculos de probabilidade. É verdade que puderam ser observadas coincidências impressionantes mas que também se conservaram dentro das probabilidades percentuais.

Apesar de tudo isso, publicações em torno da questão prosseguem com monótona regularidade, repetindo as mesmas coisas, disfarçadas sob aparências diferentes. Ainda agora, em 1947, J. B. Rhine, diretor do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, na América, acaba de publicar um livro — “The Reach of the Mind”, no qual procura demonstrar a realidade da

telepatia, da clarividência, da precognição, da ação do espírito sobre a matéria, servindo-se de provas baseadas em dados experimentais e estatísticos. Cartas de baralho e dados de jogar são os seus objetos prediletos de investigação, mas os resultados que apresenta não passam de aproximações, sendo muito pouco convincentes. O pior, porém, é que, de experiências tão superficiais e pouco demonstrativas, tira ele conclusões extremas, tais como da imortalidade da alma, da sua sobrevivência depois da morte do corpo humano, libertada dos fatores relativos ao tempo e ao espaço! O que há de particularmente grave em pesquisas do tipo das de Rhine é que, sendo executadas por professores, em centros universitários, adquirem logo aspecto científico, que as coloca fora das dúvidas e prevenções que acompanham habitualmente comunicações de autores menos categorizados. Recebem então, por assim dizer, um beneplácito de verdade e garantia, que as torna aceitáveis por todos, mesmo por aqueles que deveriam dar-se conta da sua imprecisão e falta de fundamento. Muitas vezes, é uma pesquisa ou exposição mais complexa ou mais confusa que lhes confere ar mais impressionante, levando facilmente à credulidade. Mesmo homens de ciência podem deixar-se enganar por essas aparências representativas, sobretudo quando levados por premissas falsas ou insuficiências de conhecimentos. É o que deve ter acontecido com dois universitários alemães, que aceitaram as conclusões de Rhine em relação aos fenômenos parapsicológicos. Diante disso, o professor P. Pfeiderer, diretor do Instituto de Bioclimatologia da Universidade de Kiel, na Alemanha, resolveu levantar-se contra essas mesmas conclusões, mostrando que não eram aceitáveis sob do ponto de vista científico. É o que expõe num artigo do “Münchener medizinische Wochenschrift”, número 27 de 1957, onde mostra que as conclusões de Rhine estão baseadas em dados estatísticos, mas que esses dados não merecem confiança, uma vez que estão viciados quanto à maneira pela qual foram aproveitados. Pfeiderer estabelece analogias entre os indivíduos dotados das pretensas forças psíquicas ou parapsicológicas das experiências de Rhine e os simples jogadores de roleta e de dados, não encontrando diferenças entre eles. O que varia é unicamente a maneira de analisar os fenômenos, o que levou Rhine a conclusões errôneas devido ao aproveitamento falso dos dados estatísticos.

Se existisse realmente um poder psíquico dessa natureza, isto é uma percepção extra-sensorial como a chama Rhine, percepção pela qual certos indivíduos percebem ou adivinham cartas de baralho ou influenciam o movimento de dados quando caem, então deveria isso dar-lhes vantagens no jogo, colocando-os acima dos seus competidores. Mas tal fato não pôde ser demonstrado, mesmo quando se tratava de jogos simulados. A roleta e outros jogos não se deixam influenciar por tais forças psíquicas, obedecendo sempre unicamente às conhecidas leis do acaso. Foi essa a conclusão final do professor Pfeiderer, que mostrou haver sido o processo de seleção dos resultados que conduziu Rhine às suas conclusões, falseadas pela maneira de computar os dados estatísticos. Ele conclui, então, que “as pesquisas de Rhine para provar a existência de fenômenos parapsicológicos pelo emprego de processos científicos devem ser considerados como fracassadas”. Essa conclusão do autor alemão é tanto mais importante, quanto faz ele próprio ressaltar estar isso dentro das suas atribuições profissionais, pois estuda forças e influências capazes de agir, quer sobre aparelhos para medi-las, quer sobre o ser humano.

O que é muito compreensível é que existindo um Instituto de Parapsicologia, como o da Universidade de Duke, dirigido pelo professor Rhine, não possa ser a sua finalidade demonstrar a inexistência de forças parapsicológicas, sim, antes de tudo, a sua existência. Nessas condições, é natural que os dados possam ser dispostos de maneira especial, levando a determinadas conclusões, partidas de desejos subconscientes, que as tornam admissíveis. Tanto é assim que, para acreditar ou admitir tais coisas, não se torna necessário apelar para estudos como os de Rhine, pois já fazem elas parte da convicção de muita gente boa, embora os fatos demonstrem todos os dias a sua inanidade. Quero referir-me a certos jogadores de roleta, de poules de corrida, de bilhetes de loteria, que acreditam na possibilidade do encontro de fórmulas para canalizar o acaso em seu favor, embora os resultados acabem sempre por ser dos mais decepcionantes. Com os participantes das experiências de Rhine aconteceu coisas semelhante, isto é séries de resultados muito felizes, enquanto outras por demais falhas. Isso deve ter falseado as estatísticas, sempre baseadas nos resultados mais favoráveis. É o que mostra Pfeiderer, acrescentando ser isso que acontece

normalmente, qualquer indivíduo podendo ter ou deixar de ter sorte em determinando momento do jogo.

Aliás, as experiências de Rhine têm encontrado contraditores até nos Estados Unidos, onde florescem a quiroprática, a osteopatia, a Cristian Science e diversas outras doutrinas e práticas esdrúxulas, quando não mesmo absurdas. O que se tem tornado cada vez mais evidente é que o entusiasmo de Rhine pelas suas experiências o devem ter desviado do bom caminho, levando-o a desvirtuar a própria realidade. Além disso, ninguém gostaria de lançar a sua própria sentença de morte, no caso a da Parapsicologia, mormente tratando-se de diretor de um Instituto desse gênero, integrado numa universidade e que lhe deu renome, justamente como consequência dessa atividade. Certamente, Rhine tornou-se vítima do seu subconsciente, esse subconsciente que sabe acertar os nossos impulsos e as nossas idéias às nossas conveniências ou às nossas pretensões, sem ferir a nossa moral e a nossa dignidade. Assim, sem qualquer charlatanice ou interesse espúrio, podem surgir dados e aproximações capazes de levar à confirmações de pensamentos ignorados ou preconcebidos, não raro com auxílio de material fornecido pelos órgãos dos sentidos. O professor William Heron, da Universidade de Minnesota, externou-se nesse sentido quanto às experiências de Rhine, procurando servir-se de uma máquina, por meio da qual a “participação humana fosse completamente afastada das pesquisas de telepatia. Para isso, estabeleceu um dispositivo especial de tal maneira que o indivíduo emissor ficava isolado numa sala, enquanto o receptor numa outra. Um quadro contendo os símbolos usados por Rhine era posto em cada uma das salas, de modo que o emissor, fixando um desses símbolos, procurava transmiti-lo mentalmente por telepatia ao receptor, colocado na outra sala. Nessas condições, cada um tocava um botão, que devia registrar automaticamente, numa terceira sala, também isolada, o que o primeiro tentava transmitir e o segundo julgava perceber. Os resultados demonstraram, de maneira inequívoca, não se haver processado qualquer transmissão telepática. É verdade que indivíduos julgados mais adequados, alguns das experiências de Rhine, recusaram submeter-se a tais provas, sob pretexto de que a máquina podia perturbar os seus poderes! É uma velha desculpa muito invocada em experiências desse gênero, toda vez que as condições científicas tornam-se mais severas.

A explicação mais razoável dos resultados obtidos por Rliine é de se tratar aí daqueles mesmos fatores que entraram em ação nos célebres cavalos de Elberfeld e que decorriam da transmissão de sinais imperceptíveis, fornecidos inconscientemente pelos próprios experimentadores. O mecanismo psicológico é idêntico ao do brinquedo de esconder objetos, sendo o indivíduo guiado pelas informações quente ou frio, quando dele se aproxima ou afasta. Mas, também sem nada dizer, guiando-se unicamente pelas reações do ambiente, sorrisos ou indiferença quando se afasta, nervosismo e agitação quando se aproxima, poderão levar ao encontro dos objetos. Aliás, se existem possibilidades desses gênero, que até época muito recente passaram quase despercebidas, então não seria de admirar que pudessem existir outras, das quais não possuímos ainda suficiente conhecimento. A conclusão lógica que deve ser tirada daí, já expressa por muito psicólogos, é de se dever apelar primeiramente para os cinco sentidos, procurando por meio deles esclarecer os fenômenos em questão. Isso é mais natural do que inventar logo um sexto sentido, mormente quando a sua existência não pode ser demonstrada. Isso é infinitamente mais razoável, mesmo porque o mundo está cheio de fenômenos desconhecidos, que todos os dias se desdobram diante dos nossos olhos perplexos. Que se pense na migração de pássaros e de peixes, sem dúvida dos mais surpreendentes ainda de todo incompreensível, mas que temos todos a certeza de dever ser dos mais naturais. Para o que não deve haver lugar, todavia, é para se querer transformar o natural em sobrenatural, principalmente quando o que ocorre é de o natural não ser ainda acessível.

Repetiu-se no caso Rhine o que teremos ainda de relatar quanto a investigações realizadas no Instituto Metapsíquico de Paris, sob a direção do doutor Geley e, depois do doutor Osty, assim como no National Laboratory of Psychical Research, de Londres, por Harry Price, além de várias outras, em diversos países. É essencial não esquecer que, em todos esses centros, dominam visões e motivações especiais, naturalmente servidas por mentalidades também especiais. No final, pode ser o simples interesse material, a vaidade, o amor próprio que predominam, levando à descoberta ou conservação do que é desejado e não deve ser destruído. É isso muito da natureza humana, uma simples manifestação dos nossos interesses, do nosso complexo de superioridade. O próprio desejo de descobrir a verdade

pode levar o indivíduo a acreditar em muita coisa falsa, sobretudo quando arrastado por um subconsciente dada ao misticismo e ao maravilhoso. Deve-se considerar ainda que a ação da vontade pode vencer os imperativos da inteligência, conforme a opinião de Schopenhauer, que estabeleceu o primado daquela sobre esta. Basta o indivíduo ter um interesse especial por determinada questão, depositar nela as suas esperanças ou os seus desejos, tê-la como objeto dos seus pensamentos e das suas preocupações, para que logo tudo tome feição particular, segundo as suas tenções ou as suas ilusões. Não é por outra razão que os filósofos têm reconhecido que as idéias podem ter mais força do que a própria realidade, justificando a afirmativa de Goethe: “Der Wunsch ist der Vater des Gedankes”. Nesse sentido, pode-se falar também de uma mentalidade metapsíquica, que nada mais é do que a tendência para o mistério e o maravilhoso. O que se poder afirmar, com a máxima segurança é que, freqüentemente, não vemos as coisas como elas são, mas sim, antes, como as desejamos ou imaginamos. O temperamento representa aí, portanto, papel de capital importância, capaz de fazer compreender muitos comportamentos esdrúxulos e absurdos, particularmente por parte de homens de ciência.

Antes de concluir contra o erro ou a favor da lógica é conveniente verificar os seus fundamentos, que poderão explicar lauto a razão de aceitá-la, quanto a de combatê-la. Já afirmamos, repetindo a expressão de um pensador, que é em relação às coisas mais inacreditáveis que existem provas históricas mais circunstanciadas, apesar de ser velho e postulado de deverem o peso e o rigor das provas corresponder ao grau de inverossimilhança dos fatos. Há tanta gente que precisa de viver e ganhar dinheiro, de criar nome e ouvir falar de si, que não é de admirar que o território metapsíquico seja explorado com tanto fervor o obstinação. De qualquer modo, não é de esperar seja, justamente desses centros, que irão partir golpes mortais, capazes de destruir criações tão fecundas e que trazem tanto proveito e contentamento aos seus prosélitos. Não constituiria isso uma verdadeira automutilação, quase um processo de morte por suicídio. Que o leitor atente para essa eventualidade, que, aproveitada em ocasião propícia e no momento justo, poderá esclarecer n mil os fenômenos que talvez se lhe imponham como misteriosos Ou sobrenaturais. Quanto às coincidências, por vezes extraordinariamente impressionantes, não há dúvida de que são elas que

devem formar o material mais probante dos fenômenos telepáticos, capaz de convencer mesmo a céticos e incrédulos. É, como já mostrei anteriormente, o que teria acontecido comigo, caso tivesse havido coincidência entre um toque de campainha, ouvido na calada da noite, em Berlim, e qualquer acontecimento fatídico ocorrido ao mesmo tempo no Brasil.

É por motivos dessa natureza que a telepatia, depois de largamente explorada pelos adeptos da metapsíquica, tem sido recusada pela ciência universitária. No grande “*Traité de Psychologie*”, publicado sob a direção de Georges Dumas, não há uma só palavra sobre a transmissão do pensamento, também não aparecendo o termo telepatia uma única vez em toda a obra. Dos treze mecanismos estudados, por meio dos quais um espírito pode exercer influência sobre outro, não vem sequer citada a possibilidade de qualquer influência telepática. Compreende-se que tal desdém possa levar ao desespero partidários das correntes metapsíquicas, sobretudo aqueles que continuam a apelar para as velhas e errôneas experiências de Pierre Janet, quando, ainda no Havre, foi vítima de más observações, acreditando que, em estado hipnótico, fosse possível a transmissão de pensamento mesmo à distância.. Aliás, hoje, já existem representantes do próprio movimento metapsíquico que se estão dando conta da realidade, bastando citar o nome de Arthur Hill, um dos elementos de maior renome na Inglaterra, que foi presidente da Society for Psychical Research. Em princípios de 1938, afirmava ele que “pela sua própria experiência, a telepatia entre pessoas vivas não existia”. Vimos que tal afirmativa está longe de andar isolada, pois as experiências feitas com critério verdadeiramente científico não fazem senão confirmá-la. Mas, se Arthur Hill também se exprime dessa maneira, então deve ser isso sinal de que as coisas não andam muito seguras do lado da metapsíquica, razão pela qual foi aquela frase classificada de atemorizante pelos seus colegas do Instituto Metapsíquico de Paris. O que se verifica, porém, é que periodicamente aparecem novas comunicações procurando demonstrar a realidade da telepatia e da transmissão de pensamento embora acabem todas por ser desprezadas como errôneas ou ilusórias.

Ainda em 1936, uma notícia sensacional correu o mundo inteiro: Ilga, uma menina de 10 anos, natural de Riga, mentalmente retardada, quase imbecil, possuía o poder de receber di-

retamente o pensamento alheio, com um sucesso e uma constância até então nunca vistos. A nova foi divulgada por um livro sobre o caso, escrito pelo Dr. Ferdinand von Neureiter, professor de Medicina Legal na Universidade de Riga. O fenômeno havia sido descoberto pelo doutor F. Kleinberg, radiologista em Trupene, na Letônia, que o comunicou àquele professor. A menina, que tinha então nove anos, não conhecia senão as letras do alfabeto; não sabia absolutamente ler, mas era capaz de fazê-lo mentalmente, quando uma pessoa ao seu lado executava tal tarefa. Havia, assim, passagem do pensamento dessa pessoa diretamente para o cérebro de Ilga, que podia, igualmente, adivinhar objetos escondidos e imperceptíveis à sua visão. A publicação de Neureiter — “Wissen um fremdes Wissen” conclui pela admissão de qualidades “paranormais”, conseguindo a menina, por meio delas, por-se ao corrente de tais acontecimentos. Para investigar o assunto foi organizada, com autorização do Ministro da Instrução Pública, sob a presidência do professor Dale, diretor do Laboratório de Psicologia experimental de Riga, uma comissão de técnicos, compreendendo psicólogos, físicos, especialistas em fonética, em Pedagogia de surdos-mudos, etc. Além disso, a criança ficou em observação em sua própria casa durante onze meses seguidos, sob os cuidados de uma institutriz especializada em Pedagogia e Psicologia. A comissão, empregando filmes e discos sonoros, fez experiências perante diversos sábios alemães, entre os quais o professor Rothacker, o Dr. Bender e o professor Mensching, de Bonn, e o Dr. Dubitsehelf, de Berlim. O resultado final foi de que nada havia de paranormal ou sobrenatural, sendo tudo executado por meio de sinais transmitidos à filha pela mãe e que consistiam principalmente em frases e palavras que a orientavam, passando despercebidas às outras pessoas presentes. Era o mecanismo dos velhos códigos usados para transmissão de pensamento, baseados em sinais acústicos ou visuais. O doutor E. Osty, que comenta o trabalho de Neureiter, mostra que não havia necessidade de todo aquele trabalho científico em torno da criança, pois seria fácil esclarecer a questão por meio de provas extremamente simples e de resultados seguros e imediatos. Foi o que procurou mostrar desde o início ao professor Neureiter, escrevendo-lhe uma carta, na qual admitia haver comunicação oral voluntária entre mãe e filha, graças ao emprego de qualquer código preestabelecido. E acrescentava: “Eu vos assinalo que, em França, Ma-

dame Blanche P. e seu marido executam a pseudo-transmissão do pensamento de modo tão prodigioso, que quase todo o mundo se deixa enganar. O casal opera empregando, ora código acústico, ora código ótico. No primeiro caso, as perguntas do marido já contêm a resposta. No segundo, são gestos imperceptíveis que transmitem a mensagem. O treino do casal é de tal ordem, que a mulher repete imediatamente, sem errar, o que é dito a 10 ou 20 metros de distância no ouvido do marido, ou dizeres de um cartão de visita ou de um jornal que lhe é apresentado. A senhora P. trabalha com os olhos vendados, mas a venda, que parece verdadeira, apresenta, na realidade, perfurações”. E Osty acrescenta: “Há alguns anos assisti a um espetáculo idêntico em Varsóvia. Numa reunião mundana, acreditaram proporcionar-me magnífica transmissão de pensamento, executada por um homem e o seu filho, de 12 anos. A criança, de olhos vendados, repetia tudo que se dizia ao pai ou que se fazia este ler. A exibição era de aparência prodigiosa. Eu não quis fazer minhas provas senão depois dos outros assistentes, quando já haviam todos declarado à sua convicção de se tratar de uma transmissão real de pensamento. Quando chegou a minha vez, pedi ao pai que me permitisse três provas, o que ele aceitou. Na primeira, mostrei-lhe um papel escrito e deixei-o agir à sua maneira. A criança repetiu o que estava escrito, palavra por palavra. Na segunda prova, pedi ao pai para ler mentalmente outro escrito, mas sem pronunciar palavra alguma. A criança ainda repetiu tudo, corretamente. Na terceira prova, coloquei o pai atrás de um biombo e pedi-lhe para não dizer palavra alguma. O fracasso foi completo. Vendo descoberto o seu truque, o operador, já célebre na Polônia, não insistiu. Mas, quando me aproximei do filho, para verificar a venda que tinha sobre os olhos, o pai precipitou-se à minha frente, retirou-a e pô-la no bolso, despedindo-se apressado da assistência. Tive alguma dificuldade para fazer compreender aos circunstantes que se tratava de uma falsa transmissão de pensamento e que o processo consistia apenas na aplicação treinada de um código acústico e de outro óptico, empregados, um e outro, segundo as exigências do momento”. Osty sugeriu ao professor Neureiter que, no caso de Ilga e de sua mãe, devia tratar-se de um código oral, pois, numa verdadeira transmissão de pensamento, não haveria necessidade do emprego de palavras. Aliás, tudo correu como Osty havia previsto: quando mãe e filha foram isola-

das acusticamente uma da outra, cessaram todas as transmissões de pensamento, mesmo quando a filha podia ver os gestos da sua mãe através de vidros, que impediam a audição da sua voz. Nessas condições, a menina, por diversas vezes, gritou para a mãe, dizendo que não estava ouvindo nada! A verificação mostrou que a parte da transmissão era feita por cochicho tão baixo, que as pessoas presentes não chegavam a percebê-lo. E isso acontecia, apesar de não possuir a criança qualquer acuidade especial do ouvido, como foi averiguado pelo emprego de “tests “acústicos. Tudo não passava, portanto, de treino e adaptação que, em qualquer atividade humana, ou mesmo animal, podem produzir maravilhas.

## CAPÍTULO NONO

SUMÁRIO: *O advento do magnetismo animal; sua significação. O magnetismo na antigüidade. F. A. Mesmer e os seus tratamentos médicos. O papel do ímã. Insucessos perante as Academias. A descoberta do sonambulismo. O fluído magnético. O abade Faria. O novo parecer da Academia. James Braid. A sugestão como explicação. As experiências de Charcot.*

**O** ADVENTO DO MAGNETISMO ANIMAL, prosseguido pelo do hipnotismo e outros processos de sugestão, representa para a humanidade um acontecimento de importância excepcional, cuja verdadeira significação talvez não tenha sido ainda devidamente estabelecida. Tem havido, desde aquela época até nossos dias, muita confusão e exploração em torno do problema, que não foi ainda suficientemente compreendido, nem na maneira pela qual é encarado pelos leigos, nem sob o ponto de vista científico. No entanto, encontra-se aí um campo fecundo de ensinamentos, que precisa ser devidamente explorado. Do seu exato conhecimento, poderão ser tiradas conclusões elucidativas para muitas questões envoltas em mistério, dessas que tornam a alma humana tão complexa e cheia de enigmas e que podem ir até a atividade do médico e do psicólogo, quando procuram tratar as enfermidades dos seus doentes. Na verdade: o estudo desse território, através do seu desenvolvimento histórico, impõe-se como uma necessidade, pois constitui fonte de esclarecimento

para problemas ainda hoje obscuros ou incompreensíveis, como se tornará evidente pela exposição que passamos a fazer e que, em vez de obedecer estritamente à ordem cronológica, segue antes o encadeamento natural dos próprios fatos.

Aliás, o hipnotismo está longe de ter sido descobrimento tão recente, como freqüentemente se julga, ao atribuí-lo a Mesmer. Ele é, talvez, tão velho quanto o próprio homem, aparecendo desde a mais remota antigüidade, entre os povos mais primitivos. Basta lembrar o seu papel no Ioga na Índia, entre os sacerdotes do Egito e o emprego de plantas narcóticas na magia de velhas religiões. Tertuliano conhecia a adivinhação pelas mesas rodantes e os satíricos gregos, entre os quais Teócrito e Luciano, já delas se riam. A menção mais antiga que existe em relação à levitação dos iogas hindus parece ser a referida por Filostrato, filósofo grego do início do século III, na sua “Vida de Apolônio”.

Os numerosos autores que têm estudado a questão mostram que Mesmer, quando chegou a Paris, encontrou um ambiente muito propício à difusão das suas idéias. A doutrina de Paracelso, que atribuía ao corpo humano os atributos de um verdadeiro ímã, correspondendo o Pólo norte aos pés e o Pólo sul aos órgãos sexuais, tinha ainda numerosos adeptos, assim como, igualmente, a escola dos cabalistas, cujo grão-mestre vivia em Paris. Estava-se na época de Cagliostro considerado o grande discípulo do famigerado conde de Saint-Germain, que se afirmava haver vivido muitos séculos, sendo possuidor de segredos assombrosos sobre a vida, a saúde, o amor, a felicidade. É uma história das mais fabulosas e extravagantes do passado, cujos pormenores não cabem, porém, nas páginas do presente livro.

Paracelso empregara o ímã no tratamento de doenças, tendo relatado efeitos prodigiosos em muitas delas, sobretudo em secreções dos olhos, do nariz, dos ouvidos, em casos de fistulas e corrimentos, servindo também para repor hérnias e reparar rupturas, curar icterícias, remover anasarcas, etc. Essa terapêutica teve sucesso durante dois séculos e ainda nas mãos de Mesmer. O abade Lenoble construiu ímãs de grande poder e abriu depósito para vendê-los em Paris, onde eram encontrados sob formas apropriadas para pulso, tórax, assim como pulseiras e cruzeiras magnéticas, etc. Em 1777, solicitou que a Societé Royale

de Medicine julgasse o valor da sua descoberta, tendo sido nomeados Andry e Thouret para darem opinião. Depois da necessária verificação, que obedeceu às melhores normas científicas, foi publicado, nos Anais da Sociedade, um relatório, no qual são examinados 48 casos de diversas moléstias tratadas pelo ímã. Em muitos doentes os efeitos foram imediatos, havendo pela aplicação do instrumento desaparecimento de violentas dores nevrálgicas, de contrações espasmódicas, de acessos de tosse nervosa, sendo observados efeitos idênticos em casos de dores de dentes, nevralgias faciais, dores de estômago, crises de soluço, palpitações, tremores, convulsões, paralisias, etc.

Frederico Antônio Mesmer, considerado como o verdadeiro fundador do que se chamou naquela época magnetismo animal, então empregado sobretudo no tratamento de doenças, nasceu em 1734 em Weiler, pequena cidade alemã perto de Konstanz, não em Viena ou Merseburgo, como afirma Pierre Janet em suas “*Medications Psychologiques*”. Faço essa ressalva pelo fato de possuir a obra de Mesmer em alemão, edição de 1814, publicada em Berlim, e que tem o seu retrato e a indicação do lugar da época do seu nascimento. Isso tem apenas significação anedótica. O próprio Pierre Janet divertiu-se ao verificar que precisara sair de Paris e vir ao Rio de Janeiro para descobrir que Mesmer nascera em Weiles, não em Viana ou Merserburgo como pontificara no seu livro. Ele se formou em medicina, em 1766, defendendo uma tese, cujo título: “Da influência dos astros sobre o corpo humano”, já mostra em que direção se movia o seu espírito. A descoberta de Mesmer baseou-se na suposição de que o ímã era o princípio universal, por meio do qual se procura explicar todos os fenômenos da natureza.

Ele foi particularmente influenciado pelo padre Hell, de Viena, jesuíta o professor de astronomia, que curava doentes por meio de ferros imantados. Diante do sucesso de Hell, Mesmer fez construir ímãs de formas variadas, cuja aplicação, sobre as partes doentes do organismo, produzia resultados tão surpreendentes, que ele foi levado a fundar uma casa de saúde, onde tratava de quase todas as moléstias. Mesmer aplicava os processos de Hell e também “vendia lâminas e anéis imantados de sua invenção, instigando os próprios colegas a usá-los. Os jornais de Viena encheram-se de curas maravilhosas operadas por ele e que eram autenticadas pela publicação de atestados com o nome das pessoas curadas”.

Quase pela mesma época, “o doutor Thouvenal, conhecido como autor de inúmeras obras de química, que passavam por muito profundas, chegou a imaginar um pó de ímã, fortemente eletrizado, com o qual bastava esfregar as mãos (ou trazer apenas em saquinhos no bolso) para conseguir curar todos os males”. Pouco tempo depois, “Mesmer entrou em disputa com o padre Hell, que não se queria deixar espoliar da sua invenção, sendo levado à conclusão de que não era o ímã que tinha poder punitivo, mas sim a força magnética emanada do seu próprio corpo e que podia ser transmitida por intermédio de hastes metálicas. Nessas condições, abandonou o ímã e limitou-se à aplicação das mãos, declarando que o magnetismo animal era diferente do ímã e da eletricidade e que só ele bastava para produzir as curas em questão. Desde então, não empregou senão o famoso fluido que constituía o magnetismo animal e que ele tinha a pretensão de manejar melhor que ninguém”. Abriu-se, assim, um período de intensas lutas para Mesmer, que se viu obrigado a expatriar-se. Foi nessa época que, encontrando-se com Gassner, pároco de uma pequena comuna na Baviera, que curava doentes por meio de exorcismos, lhe demonstrou que o efeito deste tratamento provinha unicamente do poder magnético emanado do seu organismo. Nessa ocasião, Mesmer e os seus assistentes tratavam dos doentes por meio de passes magnéticos feitos diretamente sobre o corpo ou mesmo à distância, pela projeção de fluidos magnéticos. A clientela corria tão numerosa que, em breve, passou a magnetizar árvores e objetos inanimados, que adquiriam também propriedades curativas. Mais tarde, voltou a Viena, onde colheu novos sucessos e se chocou com novas dificuldades. Depois, partiu para Paris, onde a sua atividade teve larga repercussão. Ao chegar, publicou um livro — “Memória sobre a Descoberta do Magnetismo Animal”, no qual expõe as suas idéias sobre a medicina magnética, anunciando ter descoberto uma panacéia universal. Em pouco tempo, a sua clientela era imensa, tendo obtido a proteção da Côrte e até da rainha Maria Antonieta. Operava ao mesmo tempo sobre diversas pessoas, usando o seu famoso “baquet”, uma espécie de tina de carvalho contendo limalha de ferro, vidro moldo e outras substâncias, assim como garrafas cheias de água magnetizada. Da tampa da tina saíam braços de ferro móveis, que os próprios doentes aplicavam sobre os lugares dos seus sofrimentos. A tina estava colocada no centro de uma grande sala,

obscrecida por espessas cortinas e, durante a sessão, eram executadas músicas de piano ou harmônica, que concorriam para melhor distribuir os eflúvios magnéticos. Os doentes, dispostos em filas concêntricas em torno da tina, eram mantidos por meio de uma corda, que lhes passava em redor do corpo. Cada sessão comportava 130 pessoas, havendo diversas no correr do dia. Os pacientes ficavam de mãos dadas, segurando as hastes de ferro, tudo para formar a corrente magnética, que devia correr em determinada direção. Os efeitos eram muito variáveis, dependendo das pessoas. Enquanto umas nada sentiam, outras tossiam, queixavam-se de calor, transpiravam, apresentavam alterações da respiração e dos batimentos cardíacos. Muitas eram presas de sono, as pálpebras tornavam-se pesadas, fechavam os olhos e podiam cair em sono profundo. Por vezes apareciam convulsões, não raro violentas, acompanhadas de gritos, soluços, acessos de riso, de choro, etc. De regra, as crises não surgiam de maneira súbita e imediata, mas, uma vez aparecida a primeira, logo surgiam outras, numerosas. “No meio dessa multidão agitada, Mesmer, vestido de seda lilás, passeava pela sala e magnetizava, sendo auxiliado pelos seus assistentes, que escolhia sempre jovens e belos”. Por vezes, fixando os olhos sobre os doentes, transmitia-lhes fluidos magnéticos, que escapavam das extremidades dos seus dedos e produziam sensações de dor ou prazer. Mesmer magnetizava também objetos inanimados, como a água e principalmente árvores, em cujos galhos eram amarradas cordas, das quais se serviam os doentes pobres para curar os seus males.

Desde o começo das suas atividades, Mesmer procurou obter o apoio e a consagração das sociedades sábias, coisa que lhe parecia de importância fundamental. Mas, também, desde o início, encontrou por parte delas recusa e resistência, assim como cétricos e incrédulos, que negaram qualquer efeito de tal tratamento, denunciando-o como exploração charlatanesca. Foi o que fizeram, por exemplo, o escritor Laharpe e o sábio Berthollet, presentes a diversas sessões de Mesmer e que declararam nada haver sentido pela aplicação dos pretensos fluidos magnéticos. Quando Deslong, professor da Faculdade de Medicina, se tornou auxiliar e defensor de Mesmer, foi atacado violentamente pelos seus pares, sendo suspensos do cargo que ocupava na Faculdade e até ameaçado de expulsão. Mas, mesmo assim, Mesmer conseguiu, por política, o apoio do governo, que reco-

nheceu a grande utilidade do seu descobrimento, oferecendo-lhe uma pensão vitalícia de vinte mil libras anuais, além de um castelo e terras, a fim de dedicar-se ao tratamento de doentes. É verdade que essa concessão dependeria da confirmação da sua descoberta por parte de uma comissão nomeada pelo governo. Diante das dificuldades que surgiram, Mesmer abandonou Paris, partindo para o estrangeiro. Mais tarde, quando regressou, teve de entrar em luta até com alguns dos seus discípulos e sofreu ataques de toda a sorte, sendo o magnetismo levado ao ridículo, mesmo nos jornais e no teatro. A situação chegou a tal ponto, tão apaixonada foi a luta entre adeptos e contraditares, que o governo se viu obrigado a intervir. Para isso, foi nomeada uma comissão composta de membros da Faculdade de Medicina e da Academia de Ciências, entre os quais se encontrava Franklin, o célebre sábio, um dos fundadores da República Norte-Americana; Lavoisier, o grande químico que morreu guilhotinado e diversas outras personalidades de renome, sendo relator o astrônomo Bailly, conhecido pelos seus trabalhos literários, depois presidente da Constituinte e que também foi decapitado. “Como iria proceder a comissão, por meio de que processo conseguiria verificar os efeitos de um fluido impalpável e invisível?” A pergunta impunha-se como escabrosa e cheia de temerosas dificuldades. Resolveu ela, pois, estudar o efeito daqueles fluidos, sobretudo pelas mudanças instantâneas e imediatas que pudessem produzir. Durante oito dias submeteram-se os investigadores ao tratamento da tina, e nada sentiram! “Quanto às outras pessoas tratadas pela corrente magnética, não excederam os efeitos aos que se poderiam esperar de qualquer recurso terapêutico novo, ruidoso, cheio de mistérios, quando empregado em doentes desejosos de sarar”. Piores, ainda, foram os resultados de outras verificações. Acreditava-se que, por influência magnética, uma mulher pudesse ver tendo os olhos fechados. Primeiramente, vendaram-lhe os olhos e ela nada mais conseguiu ler. Depois, tiraram-lhe a venda, colocaram-lhe as mãos sobre os hipocôndrios e ela caiu em crise. Depois, vendaram-lhe de novo os olhos, sugeriram-lhe que estava magnetizada, mas os resultados foram os mesmos, pois também nada conseguiu ler. Quando procuraram magnetizá-la pelas costas, ficou insensível, nada sentindo. E o mesmo aconteceu com outras pessoas, submetidas a experiências idênticas. Diante desses resultados, a conclusão que se impôs à comissão

foi de que o processo empregado tinha pouca importância e que a maioria dos efeitos deviam ser atribuídos à imaginação, sobretudo porque, dirigindo-se ao doente, já anunciava o magnetizador o que iria acontecer. A conclusão final da comissão, baseada nessas experiências, foi textualmente de que “a imaginação, sem magnetismo, produzia convulsões, enquanto o magnetismo, sem imaginação, nada produzia”. Além disso, concluiu que esse pseudo-magnetismo podia tornar-se prejudicial e até perigoso, tanto sob do ponto de vista da saúde, quanto da moralidade. O relatório da comissão foi impresso em tiragem elevada e distribuído por toda a França. As consequências para Mesmer foram de tal ordem que, pouco tempo depois, ele se viu obrigado a abandonar aquele país. Dessa maneira, ficou demonstrado que a existência do fluido mesmeriano não passava de uma hipótese sem fundamento, embora as manifestações observadas fossem reais, exigindo outra explicação. Depois do seu insucesso em Paris, foi Mesmer para a Inglaterra, onde, sob falso nome, viveu algum tempo, voltando diversas vezes à França, sempre mais ou menos incógnito. Quase até o fim da vida prosseguiu preocupado com as questões de magnetismo, tendo publicado sobre elas, em 1799, um novo livro. Faleceu em 1815, nas margens do lago de Constança, tendo vivido sempre com conforto, graças aos largos proventos ganhos em Paris.

Os fatos e acontecimentos relativos ao magnetismo animal permaneceram por muito tempo envoltos em dúvida e mistério, como bem demonstram as conclusões dos sábios nomeados pelo governo francês, que não conseguiram explicá-lo senão por meio de processos de imaginação, imitação e simpatia natural. Ainda não existiam dados suficientes sobre o que foi classificado de hipnotismo, cujas manifestações, descobertas em 1784, pelos irmãos Puységur, o Marquês Armando e o Conde Máximo, vieram lançar nova luz sobre a questão. Ambos foram discípulos e adeptos de Mesmer, embora tivessem chegado à convicção de que no fim da sua aprendizagem, não soubessem mais do que ao iniciá-la. Certa vez, indo o marquês ao castelo da sua propriedade, “teve ocasião de magnetizar, por brincadeira, a filha do encarregado, atacada de violenta dor de dentes. A melhora foi imediata. No dia seguinte, a mulher dum guarda florestal foi curada do mesmo mal, também quase subitamente”. O marquês magnetizava empregando o método e os princípios do seu

mestre, quando observou um fenômeno inesperado, que ele próprio descreve nos seguintes termos: “Trata-se de um camponês de 23 anos, que estava de cama há quatro dias, atacado de congestão pulmonar. Fui vê-lo. A febre acabava de cair. Depois de fazê-lo levantar-se, magnetizei-o. Qual não foi, porém, a minha surpresa vendo-o, ao fim de alguns minutos, adormecer calmamente em meus braços, sem convulsões nem dores? Ele falava e, em voz alta, ocupava-se com os seus afazeres. Quando eu sentia que as suas idéias podiam afetá-lo de maneira desagradável, detinha-as e procurava dar-lhe outras, mais agradáveis. E, para conseguir isso, não me eram necessários grandes esforços. Assim, eu o via contente, imaginando ganhar prêmios, dançando nas festas da aldeia, etc.” “Quando se encontra em estado magnético, não é mais um camponês simplório, que mal sabe responder às perguntas: é um ser que não sei como classificar! Nestas condições, não tenho necessidade de lhe falar; basta-me pensar diante dele e ele me compreende e responde. Se entra alguém no quarto, verá ele, *caso eu queira*, a pessoa, falar lhe-á, dir-lhe-á as coisas que *quero* que ele diga, nem sempre tais como eu lhas teria dito, mas tais como exige a verdade. Quando vai passar além do que julgo prudente, detenho as suas frases, as suas idéias, mudando o curso do seu pensamento”. Puységur afirmava que se tratava de um dos camponeses mais bocais do mundo, mas que por meio dele conseguiu resolver muitos problemas do magnetismo. “Quando está em crise, não conheço nada de mais profundo, de mais prudente e de mais clarividente do que ele”. “Vitor, o camponês em questão, tornou-se célebre e o seu nome permanece inseparável da história do magnetismo”. É o que nos diz Morand, acrescentando que o marquês alimentava muitas ilusões quanto à clarividência do seu paciente”. De qualquer modo, Puységur encontrou a maneira de fazer uma pessoa entrar em estado de sonambulismo, descobrindo o segredo que havia escapado a Mesmer.

Notemos que o sucesso de Mesmer foi imenso, mesmo fora do campo da Terapêutica, pois a sua doutrina teve influência até no movimento cultural da época. Ela penetrou na filosofia através das obras de Schelling, Hegel, Fichet, Schopenhauer, assim como na literatura, pelas de Balzac, Pöe, Brentano, T. A. Hoffmann e diversos outros. Mesmer possuía e tocava diversos instrumentos musicais, tendo-se tornado a sua casa um refúgio de arte e ciência, onde apareciam Haydn, Mozart,

Beethoven, sem contar inúmeros sábios e artistas franceses, assim como as figuras mais representativas da época.

Naquele tempo, todos julgavam que a magnetização se operava por meio de um fluido que emanava do operador e que era por ele dirigido. Puységur havia, aliás, declarado expressamente que era erro admitir que, por intermédio de um sonâmbulo clarividente, se pudesse adivinhar o pensamento das pessoas. Na sua opinião, as respostas obtidas em tais circunstâncias não eram senão as inspiradas pelo própria observador. Apesar disso, quase todos acreditavam na potência divinatória do sonambulismo. Deleuze, notável naturalista do “Jardin des Plantes”, de Paris, que fez estudos especiais sobre a questão, afirmou: “Quando o magnetismo produz sonambulismo, o ser que se encontra nesse estado adquire prodigioso aumento das suas faculdades. Muitos dos seus órgãos, ordinariamente a vista e o ouvido, ficam entorpecidos, operando-se internamente as sensações que deles dependem. O sonâmbulo tem os olhos fechados e não vê pelos olhos; também não ouve pelos ouvidos, embora ouça e veja melhor que o homem acordado. Mas, não vê e não ouve senão as pessoas com quem está diretamente em relação. Não vê senão o que olha e, ordinariamente, não olha senão os objetos para os quais está dirigida a sua atenção”. Deleuze mostra que o magnetizado vê e sente o interior do seu próprio corpo, assim como o de outras pessoas, sobretudo quando existem perturbações patológicas. Quando acorda, não se lembra do que ocorreu durante a sessão de magnetismo, razão pela qual pode parecer tratar-se de dois indivíduos completamente diferentes. “Do concurso dessas duas circunstâncias resultam fenômenos singulares, que conduziram alguns entusiastas a admitir encontrar-se a alma, no transe magnético, separada da matéria, em comunicação com inteligências superiores.” É verdade que Deleuze declara que tais hipóteses são desnecessárias e que o essencial é a observação dos fatos. Ele mostra que o estado de sonambulismo varia de indivíduo para indivíduo, havendo os que continuam a ver e ouvir normalmente, enquanto outros ficam inibidos em uma ou mais das suas funções corporais. Característico é o fato de perderem todos a recordação do que aconteceu durante a fase de sonambulismo, embora isso não ocorra de maneira obrigatória, dependendo do modo pelo qual é executada a sugestão hipnótica. Morand considera as explanações de Deleuze como muito judiciosas, mas

acrescenta que a visão interior do corpo é observação completamente errônea, baseada na falsa suposição, então muito generalizada, de que os sonâmbulos possuem poder para curar pessoas doentes. Essa crença persiste, aliás, até nossos dias, tendo revestido formas variadas, por vezes ridículas, que ainda justificam a crítica feita então por Morand, quando se referia à existência de numerosos consultórios, onde se explorava comercialmente o sonambulismo, sobretudo por meio de receitas, “tão altamente caras, quanto ridiculamente ilusórias”.

Em relação ao fluido magnético, prosseguia-se acreditando em seu poder, cuja existência Deleuze e muitos outros autores não tinham a menor dúvida. Não foi senão tempos depois, mormente por influência do abade Faria, que se começou a descobrir os erros da teoria fluídica. O abade Faria, um padre português, nascido em Goa, possessão lusitana nas Índias, foi um estranho personagem, sob todos os pontos de vista. Era filho de um sacerdote idolatra, tendo vindo para Portugal, onde seguiu a religião católica. Depois, meteu-se em aventuras políticas que o levaram à prisão, partindo posteriormente para Roma, onde se ordenou. Mais tarde foi para Paris, tomando parte na primeira revolução francesa, refugiando-se em seguida no sul da França, onde se tornou professor de filosofia. Após a queda do império, voltou para Paris, onde fez conferências públicas sobre magnetismo. “A originalidade da sua fisionomia, a cor escura da sua pele, o sotaque estrangeiro, o olhar vivo, penetrante, perscrutador, a facilidade que tinha para exprimir-se, a sua imperturbável segurança, as experiências que realizava em público com os seus pacientes, tudo, nele, se prestava admiravelmente ao papel de iluminado que procurava representar, baseando-se no título que ele próprio se havia atribuído, de brâmane iniciado desde a infância nos mistérios do culto hindu”. Faria marca uma data na história do magnetismo, porque ele próprio não acreditou na existência de um agente magnético especial, atribuindo à imaginação dos magnetizados os fenômenos observados. No seu livro, aparecido em 1819, diz expressamente: “Penso ser evidente que a suposição de um fluido magnético é completamente absurdo, quer considerando-o quanto à sua aplicação, quer quanto aos seus resultados”. A explicação que o abade fornecia para as manifestações em questão era baseada nas doutrinas humorais da época, também por demais

absurdas. O importante, porém, é que ele reconheceu que os processos de hipnotismo estavam baseados na sugestão e dependiam essencialmente dos indivíduos a ela submetidos. Foi ele quem, pela primeira vez, descobriu que se podia dar aos hipnotizados água pura sugerindo-lhes que recebiam licores deliciosos. E acrescentou que, assim era possível persuadi-los de que água simples era aguardente, um vomitivo, ou um laxativo, que, então, produziam os efeitos correspondentes, isto é, embriaguez, vômitos ou diarreia. Faria, foi, na realidade, o verdadeiro pioneiro das estranhas maravilhas da sugestão, em torno das quais se fez tanto barulho e que, ainda hoje, nos causam tanta surpresa. Tudo isso ocorreu há mais de um século, mas as mesmas coisas continuam a se repetir de maneira muito semelhante. Os sucessos de Faria foram, naquela época, completos. “A multidão, ao mesmo tempo encantada e terrificada corria às sessões, até quando, certa vez, veio ele a fracassar miseravelmente expondo-se a um ridículo implacável”. Um ator daquele tempo, Potier, fingindo-se seu adepto, captou-lhe a confiança e, depois, publicamente, revelou os ardis que havia empregado, abusando da sua fé do sacerdote. Faria tornou-se objeto de imensa zombaria, aparecendo em peças de teatro, sátiras e anedotas de todo o gênero. Os escárnios e as perseguições chegaram a tal ponto que teve de fugir de Paris, tal como acontecera anteriormente com Mesmer. Ainda em vida, foi aproveitado por Alexandre Dumas no seu célebre romance “Conde de Monte Cristo”, onde aparece sob o próprio nome, como possuidor de profundos e misteriosos poderes.

Depois disso, o magnetismo ressurgiu poderoso em diversas cidades da França, sobretudo em Lyon, onde o cavalheiro Barbarin magnetizava por meio de orações e o doutor Petitin, autor de vários trabalhos médicos, se tornou ardoroso adepto da nova doutrina, depois de ter sido seu grande inimigo. Petitin observou diversas pessoas que viam e ouviam pelo epigástrico e concluiu que isso resultava do acúmulo de eletricidade em certas partes do corpo. Essa teoria levou-o à idéia de retirar esse excesso de fluido por meio de uma prolongada aspiração feita no nariz dos doentes. “Dechambre conta que, durante o seu internato na Salpêtrière, se lembrava de ter visto Georget, um dos médicos de maior renome daquele hospital, passar parte da noite com o nariz de um sonâmbulo entre os seus beijos”.

Nesse período, o magnetismo teve grande aceitação em outros países. O imperador Alexandre, depois de um relatório

favorável fornecido por uma comissão julgadora, autorizou o seu emprego em todo o território da Rússia. O rei da Prússia admitiu que a Academia de Ciências de Berlim o aceitasse como tema para prêmios e na Suécia e Dinamarca entrou nos programas do ensino médico. Como diz Morand, o magnetismo, no estrangeiro, fez mais carreira do que na França, onde ficara abalado pelos ataques partidos das Academias. Mas, diante de tal repercussão no estrangeiro, era natural que seus adeptos procurassem revivê-lo na França, tentando o apoio das sociedades científicas. Depois de longas discussões, a Academia acabou por nomear uma nova comissão para investigar o assunto, tendo sido relator o Dr. Husson, médico do Hospital “Hôtel-Dieu” e partidário do magnetismo. Os trabalhos prolongaram-se, desta vez, por cinco anos e as conclusões foram favoráveis ao magnetismo, sob todos os pontos de vista. O que ficou então demonstrado é que pessoas em estado de sonambulismo tornavam-se inteiramente insensíveis, não sentindo picadas de agulha mesmo quando enterradas profundamente no corpo; não reagiam ao cheiro intenso de amônia quando se lhes abria um frasco sob o nariz, nem a cócegas feitas nos pés, nas narinas, nos cantos dos olhos ou nos lábios com barbas de uma pena. No relatório da Academia, mostrava-se que se podia beliscar a pele até produzir equimose ou introduzir agulhas sob as unhas até grande profundidade em que o indivíduo magnetizado sentisse qualquer dor ou sequer percebesse a operação. Citava-se uma intervenção praticada pelo Dr. J. Cloquet, que fez extirpação de um seio numa doente adormecida magneticamente e cuja fisionomia, assim como o pulso e a respiração nada revelaram de anormal durante a operação.

Além disso, acreditou-se que se verificava a transmissão do pensamento do magnetizador ao seu paciente; a clarividência deste, no sentido de conseguir ler textos tendo os olhos fechados; a realidade da visão interior traduzida por previsões e o reconhecimento de doenças, assim como intuições quanto ao seu tratamento. A conclusão número 24 dizia: “Vimos dois sonâmbulos distinguirem, de olhos fechados, objetos colocados diante deles; designarem a cor e o valor de cartas, sem as tocar; lerem palavras escritas à mão ou algumas linhas de livros que lhes iam abertos ao acaso. E este fenômeno operava-se mesmo quando, com os dedos, se lhes fechavam rigorosamente as aber-

turas palpebrais”. Petetin, médico de Lyon, ocupou-se muito da transposição dos sentidos, estudando casos de pessoas que não ouviam pelo ouvido, mas faziam-no quando se lhes sussurravam palavras nas pontas dos dedos ou no epigástrico. Eis uma experiência que realizou com uma sonâmbula: “Eu deslizei por debaixo das cobertas uma carta escondida na palma da mão e coloquei-a sobre o estômago. Vi, então, a sua fisionomia alterar-se exprimindo ao mesmo tempo atenção, surpresa e dor”. A sonâmbula perguntou de que moléstia sofria e acrescentou que via a dama de espadas. “Eu retirei a carta e submeti-a à curiosidade dos espectadores, que empalideceram reconhecendo a dama de espadas”. Depois ele colocou uma segunda carta com as mesmas precauções, tendo sido reconhecida como o dez de copas. Finalmente, fez o mesmo com o seis de paus. Petetin relata que a experiência foi impressionante e que a sua sonâmbula reconhecia também pelos dedos o sabor de diversas substâncias, tais como biscoitos, carneiro assado, carne de vaca cozida, pão de leite, damasco, etc. Também Pierre Janet relata que a sua sonâmbula, Léonie, reconhecia exatamente as substâncias que ele punha em sua própria boca, tais como açúcar, sal, pimenta, etc. Boirac refere o caso de uma pessoa que lia com as pontas dos dedos, mesmo no escuro e tendo os olhos vendados. Uma vez, Boirac fê-la assentar-se de costas e de olhos vendados, deixando-a apenas tocar-lhe o cotovelo. Depois, à medida que ia tocando nas letras de um jornal, a sonâmbula as ia repetindo, mesmo quando o próprio Boirac fechava os olhos e deixava de vê-las. Chowrin apresentou à Sociedade de Medicina de Trambow uma mulher que era capaz de reconhecer a cor de trinta frascos diferentes, cobertos com um pano espesso e embrulhados em papel. Pelos dedos distinguia também o sabor de diversas substâncias e, “como os experimentadores não sabiam qual havia sido a solução empregada, podia excluir-se qualquer transmissão mental, assim como qualquer erro experimental”. Lombroso refere o caso de uma moça histérica, a qual, por vezes, perdia a faculdade de ler com os olhos, passando a fazê-lo pelos ouvidos, quando se colocava sobre eles algumas linhas impressas. Tudo isso nos mostra quanto havia ainda de credulidade em tais experiências, cuja execução dependia de truques e mistificações. À medida que as verificações se foram tornando mais rigorosas, os erros e os abusos apareceram com maior evi-

dência, até invalidaram por completo todo esse acervo de falsas observações.

Criticando tais resultados, um autor espanta-se de que os membros da Academia “admitissem, com tão estranha facilidade, fenômenos que a experiência mostrou serem unicamente o resultado de estratagemas e ilusões”. E prossegue: “nesse número estava a transposição dos sentidos, a visão através de uma venda que cobre os olhos, a leitura pelo epigástrico e a percepção dos órgãos internos. Pergunta-se, com estupefação, como homens esclarecidos e judiciosos puderam aceitar como demonstrados, fatos tão inverossímeis, depois de experiências tão ingenuamente estabelecidas”. Um professor de medicina, naquela ocasião, já afirmava que, no hipnotismo, eram necessárias duas coisas: primeiramente, um doente e, depois, um médico crédulo, capaz de acreditar mesmo no que fosse o contrário da verdade”. Aliás, a Academia, surpreendida pelas conclusões da Comissão, recusou-se a publicá-las e discuti-las publicamente, razão pela qual permaneceram como autógrafa.

A Academia de Medicina, em 1837, foi de novo agitada por uma comunicação de Dudet, um dos seus membros, que fez a extração de um dente sem dor, graças ao magnetismo. O doutor Berna, um jovem magnetizador, solicitou também verificação para dois sonâmbulos capazes de ler pelo *occiput* e que obedeciam a ordens dadas só pelo pensamento, mentalmente. Para isso, foi nomeada uma nova comissão, cujo veredicto se revelou inteiramente desfavorável ao magnetismo: as realizações não se operavam de acordo com as ordens mentais e houve igual insucesso em relação à clarividência através de objetos opacos. Burdin, membro da Academia, chegou a estabelecer um prêmio de três mil francos, tirados do seu próprio bolso, para quem conseguisse ler, sem luz e sem se servir dos olhos, um escrito qualquer, colocado fora do alcance da visão. “Apresente-se-me, exigia ele, uma pessoa magnetizada ou não magnetizada, dormindo ou acordada e que leia, de olhos abertos e com a claridade do dia através de um corpo opaco, tal como um tecido de algodão, de fio de seda, colocado a seis polegadas diante de sua fisionomia ou que seja capaz de ler através de uma simples folha de papel e essa pessoa receberá os três mil francos”. O concorrente mais notável leu a filha do doutor Pigeaire, de Monipellier, que veio a Paris acompanhada do seu pai e desde

logo se tornou célebre pelo fato de querer submeter-se a tal prova. Também, por isso obteve grande sucesso em círculos mais íntimos, freqüentados por pessoas de renome, tais como Gueneau de Mussy, Adelon, Cloquet, Réveillé-Parise entre os médicos, o sábio Arago, a literata George Sand e muitos outros, que figuram nos processos verbais favoráveis à candidata, já antes das provas. É verdade que apareceram também opositores, bastando citar Velpeau, o célebre cirurgião, que conseguiu ler tendo os olhos vendados pelo mesmo aparelho empregado pela senhorita Pigeaire. “No final, diante das condições estabelecidas, a candidata acabou por desistir da prova e, quando saiu de Paris, havia perdido, para as pessoas sensatas, muito da sua reputação, embora ainda tivesse admiradores entre os espíritos crédulos, que têm necessidade de coisas maravilhosas, seja como for”.

Outro candidato ao prêmio foi o doutor Hublier, de Bordéus, que enviou ao seu amigo, o doutor Frappart, a sonâmbula que tinha em observação e por meio da qual pretendia demonstrar ser possível a leitura sem o emprego da visão. Frappart descobriu rapidamente que se tratava de uma mistificação, da qual Hublier foi vítima durante quatro anos consecutivos, tendo tido a coragem de, publicamente, declarar tal fato. O doutor Teste concorreu igualmente ao prêmio, submetendo à prova uma de suas sonâmbulas, que nada conseguiu decifrar de um escrito fechado numa caixa. Depois de muita hesitação, afirmou que havia duas linhas escritas das quais conseguiu perceber apenas duas palavras: “nous” e “sommes”. Quando se abriu a caixa, verificou-se que o texto era composto de seis versos, portanto seis linhas, nelas não figurando as duas palavras indicadas. O prêmio ficou em aberto durante algum tempo, mas, por fim, foi cancelado, pois as experiências davam resultados sempre negativos e os candidatos acabaram por desaparecer. Nessas condições, a Academia resolveu afastar a questão do magnetismo dos seus debates, tal como já o fizera em relação à quadratura do círculo e ao moto-contínuo.

Tem sido posto em relevo que os magnetizadores e os seus juízes se obstinavam em querer verificar as propriedades miraculosas e sobrenaturais do magnetismo, que eram absolutamente improváveis e que experiências posteriores demonstrariam provir de truques e ilusões. Mas, fora disso, ficou provada

a realidade de muitos daqueles fenômenos estranhos, a principiar pela perda de sensibilidades do indivíduo magnetizado. É nessa época que se inicia a fase verdadeiramente científica da questão, iniciada por Braid e prosseguida pelos trabalhos de Charcot, na Salpêtrière.

James Braid, cirurgião de Manchester, que havia assistido a sessões de magnetismo, ficou intrigado com o fato de o operador atribuir os efeitos obtidos à sua influência pessoal, graças à ação do fluido mesmérico. Braid expressa-se nos seguintes termos: “Foi em novembro de 1841 que eu tive ocasião de, pela primeira vez, assistir a experiências mesméricas. O executor era um francês, chamado Lafontaine. De acordo com tudo que eu havia lido e ouvido sobre a questão, estava francamente cético e considerava as experiências práticas e todos os fenômenos provocados como resultado de uma conivência secreta ou de uma ilusão. Estava resolvido, se fosse isso possível, a descobrir e pôr a nu a fraude pela qual o operador se impunha ao público. Mas logo percebi, sem dificuldade, que certos fenômenos anormais, produzidos durante as experiências, eram coisas reais”. Foi isso que levou Braid a investigar o problema, publicando os resultados num livro intitulado — *Neuro-hypnologie* — cuja tradução francesa apareceu em 1883. Braid relata que as suas experiências mostraram que os pacientes podiam passar ao estado de sonambulismo espontaneamente, por si próprios, independentemente de qualquer influência exterior, provinda do operador. Bastava mandar fixar um pequeno objeto brilhante, colocado pouco acima da direção normal da visão para que, concentrando a atenção e deixando o corpo em repouso, muitas pessoas caíssem em sono profundo, apresentando os fenômenos habituais do magnetismo. No seu gabinete de trabalho, mandou que um jovem, sentado numa cadeira, olhasse mirante algum tempo fixamente para uma garrafa. Com isso, o rapaz começou a piscar e, minutos depois, dormia profundamente, de olhos fechados. Era a descoberta do autohipnotismo, que pôde ser confirmado em milhares de casos, mesmo em animais. Em primeiro de março de 1842, numa reunião privada, Braid ordenou que 18 pessoas presentes se sentassem e olhassem fixamente para um candelabro. O resultado foi que 16 delas caíram em sono hipnótico, sendo que algumas deixaram de ouvir barulhos, mesmo muito intensos; tornaram-se insensíveis a cheiros fortes e penetrantes, como o da amônia; não mais reagi-

ram a picadas, suportando mesmo pequenas intervenções cirúrgicas, sem acusar dores. Além disso, quando saíam desse sono profundo e anormal não se recordavam de nada que havia ocorrido durante ele! Mas, Braid foi além e descobriu que, mergulhados num segundo sono, um pouco mais profundo, se lembravam perfeitamente do que havia acontecido durante o primeiro. Ele repetiu essa operação diversas vezes, verificando sempre o esquecimento ao ardor e o reaparecimento da recordação durante o segundo sono. Era o desdobramento da consciência, como o fenômeno foi então classificado.

Braid verificou que, em estado hipnótico, os doentes reagiam às menores sugestões, quase podendo ser manobrados como verdadeiros autômatos. Aceitam as idéias que lhes são inculcadas como verdadeiras realidades, parecendo senti-las objetivamente. O autor inglês confirmou a descoberta do abade Faria quanto à potência hipnótica da fixação do olhar, da qual talvez não tivesse conhecimento. Ele reduziu assim, “ao nada, aquele pretense fluido, ainda hoje tão caro aos magnetizadores exibicionistas, quando admitem que a ação se opera indo do experimentador ao indivíduo em experiência. Essa notável descoberta, que tirava do magnetismo a sua qualidade de maravilhoso, que tanto se gostava de lhe atribuir, era corroborada pela influência que exercem as atitudes dadas aos membros do hipnotizado sobre a expressão da sua fisionomia”. Braid reconheceu que os indivíduos reagiam tanto mais facilmente, quanto mais vezes hipnotizados; que era impossível influenciá-los à distancia e que os resultados dependiam do paciente e não do experimentador. Afirmou ainda que, somente pela nossa própria vontade, nada conseguimos obter, mas que pessoas sob a ação hipnótica compreendem rápida e sutilmente as atitudes, a voz, o olhar, os gestos do magnetizador, reagindo no sentido que lhes atribuem, mesmo quando este pensa diferentemente. Braid conclui que todos esses fenômenos não provêm de influências exteriores, mas sim de uma ilusão interna, subjetiva, que pode ser criada por afirmações ou sugestões feitas por outras pessoas. As suas observações foram confirmadas por outros autores, primeiramente pelo professor Azam, de Bordéus, que chamou especialmente a atenção para o trabalho do cirurgião inglês. Nessa época, alguns cirurgiões fizeram intervenções durante o sono hipnótico, tendo Velpeau apresentado à Academia de Ciências uma comunicação de Azam, versando sobre

anestesia cirúrgica pelo hipnotismo. A questão voltou assim à academia, mas, desta vez, dentro do campo experimental, liberta da sua pecha de charlatanismo. E verdade que continuava obscura e cheia de mistérios, embora já afastada do Campo sobrenatural. Foi depois disso que Charcot iniciou as suas espetaculares investigações na Salpêtrière, tão sensacionais que levaram à admissão de ter sido ele quem “verdadeiramente colocou a questão do sonambulismo provocado no terreno da observação e da crítica científica”. Se isso é, em parte, verdade, por ter trazido ele o problema para o âmbito universitário, investigando-o sob o peso da sua poderosa responsabilidade, não há dúvida que, por outro, foram as suas pesquisas falhas, de resultados falsos, prejudiciais. Ele próprio parece ter sido arrastado pela teatralidade das manifestações apresentadas em suas conferências, realizadas aos domingos pela manhã, na Salpêtrière. A consequência foi a criação de um quadro falso e artificial da histeria e do magnetismo, no qual ele e os seus assistentes representaram papel de atores, ao lado dos seus doentes. Basta lembrar a chamada lei dos três estados — catalepsia, letargia e sonambulismo, — que designavam as situações pelas quais devia passar o indivíduo hipnotizado. Era o mesmo que já havia feito Charcot em relação à grande histeria, sistematizando-a em uma fase de convulsões, à qual se seguia outra, de contorções e, por fim, a terceira, das atitudes passionais. Além disso, surgiram estigmas característicos, tais como pontos anestésicos, zonas histerogênicas, perdas de visão, de audição, do paladar, do olfato, etc. Tudo isso era criado por sugestões do próprio médico, que, muitas vezes, a transmitia ao doente, sem o saber ou perceber. Na Salpêtrière, chegou-se a empregar uma cinta, chamada cinta ovariana, que era aplicada em mulheres quando atacadas de crises histéricas. Babinski, então chefe de clínica de Charcot, estudou particularmente o que foi chamado de “transferência”: passagem de uma contratura ou paralisia de um membro para o mesmo membro do lado oposto, que ficava atacado da perturbação, enquanto o primeiro dela se libertava. Isso era obtido pela aplicação de uma placa de metal sobre o membro sã, que então apresentava a mesma alteração funcional, desviada do membro doente! Em lugar de metal, podia empregar-se ímã ou apenas magnetismo animal, tudo segundo as observações de Charcot. Para fazer o doente passar da catalepsia à letargia era suficiente comprimir-lhe os globos

oculares, sendo que o fechamento de um, deles produzia uma hemiplegia da metade correspondente do corpo, enquanto o fechamento do outro a fazia desaparecer. Binet e Féré relataram que uma pressão feita com os dedos sobre o vértice craniano produzia estados de sonambulismo eletivo, isto é, o indivíduo ficava sob o domínio absoluto do hipnotizador, enquanto a mesma pressão, feita com objetos inanimados, produzia sonambulismo indiferente. Zonas hipnógenas apareceram à semelhança das histerogênicas, já criadas anteriormente. Como se vê, a confusão era imensa, andando os fatos deturpados, tanto pelo erro das observações, quanto das interpretações.

## CAPÍTULO DÉCIMO

*SUMÁRIO: Bernheim e a Escola de Nancy. A sugestão hipnótica e os seus variados efeitos. Exibições públicas: a atitude dos magnetizados. Sua obediência à sugestão. Ordens pós-hipnóticas e sua realização. O poder sobrenatural dos hipnotizados e sua explicação pela convergência do interesse. A sujeição na hipnose e na vida comum. Capacidade de hipnotização no passado e no presente. O emprego de sedativos e estupefacientes na sugestão hipnótica.*

**D**EPOIS DE MESMER e outros autores citados no capítulo anterior, devemos dar lugar de destaque, no estudo do hipnotismo, a Bernheim, que teve o grande mérito de haver prosseguido os estudos de Liébault, criando a escola de Nancy, cujos ensinamentos puseram em evidência muitos erros da escola da Salpêtrière. Bernheim mostrou que os três estados clássicos descobertos por Charcot não passavam de criações artificiais, simples produtos de dressagem, nunca encontrados como manifestações espontâneas em indivíduos ainda não submetidos à hipnose. Para a escola de Nancy, o hipnotismo não passava de uma única e mesma coisa, apresentando graus diversos e manifestações variáveis. Tratava-se, antes de tudo, de tudo, de sugestão. Bernheim declarou expressamente que nunca conseguira observar as três fases: letargia, catalepsia, sonambulismo e que quase todos os indivíduos reagiam à sugestão, apresentando fenômenos catalépticos e sonambúlicos. Ele demonstrou que a ação de abrir os olhos do hipnotizado, assim como a fricção do vértice da cabeça em nada influenciavam os

fenômenos, desde que não fosse por via puramente sugestiva. Também não era real a transferência, por meio de ímãs, nem a produção de sintomas funcionais pelo toque do crânio ou de outras regiões do corpo. Tudo dependia, unicamente, da sugestão, que podia fazer aparecer qualquer dos sintomas indicados, desde que o indivíduo tivesse dele prévio conhecimento. Se se tornava necessário abrir os olhos para que a pessoa caísse em catalepsia, ou friccionar-lhe o vértice para tirá-la do torpor, é porque, de antemão, sabia ela que tais processos produziam esses efeitos. Todos os processos de hipnotização reduzem-se à sugestão. A fixação de um objeto brilhante não dá resultado senão em pequeno número de pessoas e, quando acontece ignorar alguém tratar-se aí de tentativa para adormecer, então, provém o efeito da fadiga das pálpebras, que condiciona o fechamento dos olhos, sugerindo a idéia de sono. As pretensas zonas hipnógenas não existem fora da sugestão. Eu faço adormecerem todos os meus pacientes, muitas vezes instantaneamente, tocando um ponto arbitrário do crânio, afirmando que vão dormir, ou mesmo sem dizer nada, caso tenham visto outras pessoas hipnotizadas por esse processo. É somente a idéia que faz nascer o sono”. Em vez de constituir atributo de nervosos e histéricos, podia a hipnose ser verificada na quase totalidade das pessoas, quer sãs, quer doentes, de qualquer sexo ou idade. “Todo médico de hospital que, no seu serviço clínico, não consegue hipnotizar 80 por cento dos doentes, pode ser considerado como não possuindo ainda experiência suficiente na matéria, devendo, por isso, abster-se de julgar a questão.” Charles Richet, em 1886, afirmava: “Num indivíduo sensível ao hipnotismo, mas que não foi ainda magnetizado, pode-se, pela educação magnética, obter todos os fenômenos que se quiser. Queremos obter as três fases? Conseguir-se-á, desde que se insistia. Queremos contraturas? Obtê-las-emos. Alucinações? igualmente virão. O essencial é ter paciência, mesmo muita paciência”. A conclusão é de que o magnetizador cria o sonâmbulo, segundo a sua própria fantasia. O sucesso depende apenas de saber o indivíduo o que dele se espera, sendo fácil obtê-lo por meio de exemplos e sugestões.

O que é essencial conhecer são os efeitos produzidos pela sugestão hipnótica, que são numerosos e extremamente variados. Pela sugestão, pode o indivíduo tornar-se surdo, mudo, cego, paralítico de um membro ou de todo o corpo, perder a visão

completa ou apenas das cores, o olfato, o paladar, etc. Pode sentir frio ou calor, sede ou fome, tornando-se vítima de toda a sorte de ilusões e alucinações. Pode julgar-se transportado a um parque maravilhoso, onde sentirá o perfume das flores, ouvirá o canto dos pássaros, o barulho das águas e do vento, saboreando frutos deliciosos ou capturando aves canoras que o deliciarão, caso não tenha de enfrentar animais ferozes, que o encherão de medo e terror. Mas, tudo isso processar-se-á apenas dentro da sua imaginação, pela sugestão do hipnotizador, embora ele sinta e viva a situação como se fosse real, talvez com a verdadeira intensidade do real. Os seus órgãos, os seus tecidos, todas as funções do seu corpo fumarão parte nessa fantasmagoria, que naquele momento corresponderá a uma realidade concreta, objetiva.

À fisionomia do hipnotizado corresponde sempre o seu estado de emoção, de maneira que ela se apresenta alegre e risonha quando a sugestão é feita nesse sentido, enquanto produzirá lágrimas ou tristeza, quando de oposta significação. Aliás, basta criar ou esboçar um gesto para a sua execução prosseguir de acordo com a idéia despertada. Se colocarmos as mãos ou os dedos do hipnotizado em posição de enviar um beijo, tomará a sua fisionomia aspecto alegre, sorridente. Se lhe fecharmos os punhos, tomará expressão furiosa ou ameaçadora, de raiva ou de cólera, pondo-se em atitude de ataque ou de defesa. A própria corrente farádica, aplicada sobre determinado músculo, produzirá a máscara correspondente à emoção expressa pela sua contração: de tristeza se é excitado o triangular dos lábios, de desprezo quando se tratar do elevador comum da asa do nariz e do lábio superior, de riso e alegria quando dos músculos zigomáticos. E, freqüentemente, a máscara característica é acompanhada de gestos correspondentes. Quando se dá ao indivíduo um chapéu, a sua tendência será para colocá-lo na cabeça; se recebe uma faca, usa-la-á como se quisesse cortar pão ou executar qualquer outra tarefa habitual; e procurará escrever, se o objeto fornecido é um lápis ou uma caneta. O indivíduo transforma-se em verdadeiro autômato, que age e sente segundo as sugestões do operador que, nos últimos exemplos, pelo mecanismo dos reflexos condicionados, fez despertar idéias em correlação com os objetos apresentados. Também, as sugestões se vão tornando cada vez mais fáceis,

à medida que a hipnotização se repete. No início, é freqüente o indivíduo oferecer resistência, julgando-se superior ou mesmo refratário à ação hipnótica. Isso pode acontecer realmente, mas, em grande número de casos, quando a pessoa é submetida a passes repetidos, deixa-se vencer, como escreveu Charles Richet, em 1884. O indivíduo que se mostra cético, rindo e pilheriando, vai mudando de atitude, entra num período de torpor e, depois, cai em profundo sono hipnótico. Por vezes, ele se dá ainda conta dos acontecimentos, fala, discute, pede explicações, procura reagir, embora sem o conseguir. Brémaud descreve o caso de um estudante, ao qual fez a sugestão de que não poderia abrir os olhos. O estudante esforça-se em vão para fazê-lo, redobra de esforços quando os circunstantes lhe pedem para acabar com aquela ridícula comédia, mas nada consegue. Finalmente, quando o experimentador ordena, ele os abre imediatamente e garante que estava agindo de boa fé. Depois, o operador pede-lhe para estender o braço horizontalmente e simula lançar-lhe fluidos magnéticos, que o paralisarão, não conseguindo mais o estudante dobrá-lo, mesmo fazendo grandes esforços. Não é senão por outra sugestão que se liberta dessa incômoda situação, quando já se queixa de dores intoleráveis no membro contracturado. O hipnotizador adverte-lhe que tudo cederá no momento em que um dos assistentes levar o lenço ao nariz, fingindo assoar-se. Ele segue os movimentos do assistente com olhar angustiado e tudo se passa como fora determinado. Numa outra experiência são lançados fluidos magnéticos sobre um dos seus braços, cuja pele é depois transpassada por longos alfinetes, sem sentir ele qualquer dor. O próprio estudante fica perplexo diante da operação e declara que essa anestesia é melhor que a do clorofórmio. Quando o operador lhe restitui a sensibilidade, queixa-se de dores no lugar das agulhadas. Numa experiência posterior, o operador fornece-lhe uma caixa antimagnética, declarando, com ênfase, que por meio dela será impossível magnetizá-lo. E é realmente isso que acontece: todas as tentativas para produzir contracturas, paralisias ou analgesias, não dão mais resultado. Depois, por solicitação expressa do próprio sujeito, é aberta a caixa e todos riem quando se verifica que é de papelão e nada contém. Uma experiência idêntica é realizada com o lenço de um dos participantes, que, por meio de passes, adquire tal força magnética que se torna impossível magnetizar o seu portador. Para

consegui-lo, toma-se necessário, primeiramente, despojar o indivíduo daquele poderoso talismã. Essas velhas experiências foram realizadas por Brémaud, que procurou demonstrar ser a imaginação a verdadeira responsável por todos esses fenômenos. Desde então, elas têm sido repetidas, das mais variadas maneiras, mesmo em laboratórios de psicologia de universidades modernas, sem contudo, avançar-se quanto à sua interpretação e o seu mecanismo de produção. Assim, desde a escola de Nancy, é a sugestão considerada como o “único processo hipnótico eficaz, o único essencial e sempre indispensável”. Os outros recursos são apenas acessórios, adjuvantes, bastando o indivíduo saber que vai ser hipnotizado para que a ação psíquica já esteja bem encaminhada.

Extraordinária, no hipnotismo, é a maneira pela qual o indivíduo fica dominado pela sugestão transmitida, que pode ter significação tanto positiva quanto negativa. Amônia pode ser tomada por perfume, batata por maçã, ligeiras pancadas sobre uma mesa por tiros de canhão, tudo de acordo com a vontade do hipnotizador. Heidènhain sugere a um estudante de medicina que ele se encontra num anfiteatro de anatomia e dá-lhe um pedaço de pau, dizendo-lhe que é um escalpelo, com o qual deve dissecar um suposto cadáver, ali presente. O estudante executa a tarefa corretamente, como se realmente estivesse dissecando. Um hipnotizador profissional, de palco, fez a sugestão de um espectador ser cantor e de que a música estava desafinada. Bastou isso para o espectador, sob a risada do público, passar a discutir com o regente. Não menos cômica foi a cena de um deputado, cujo projeto havia caído na Câmara, tudo, naturalmente, por sugestão. A pobre vítima esfalfava-se em demonstrar ao público, com energia e convicção, quanto o seu projeto era lógico e vantajoso.

Nos primeiros tempos do hipnotismo era natural que as suas manifestações, tão estranhas e impressionantes, dessem lugar a toda sorte de surpresas e entusiasmos, assim como de dúvidas e incompreensões. De um lado, tornou-se recurso para curar doenças e divertimento para exibições teatrais, enquanto, de outro, encontrou céticos e incrédulos, sobretudo médicos e homens de ciência, que chegaram a admitir não passar tudo aquilo de simulação e charlatanismo. Grande voga tiveram as representações de Hansen, cujos efeitos quase produziram uma

epidemia de manifestações hipnóticas na cidade de Breslau, na Alemanha. As coisas chegaram a tal ponto que um médico, o conselheiro doutor Eger, se sentiu na obrigação de pôr de sobreaviso a população, prevenindo-a contra tais imposturas. Em resposta à advertência de Eger, dirigiu Hansen um convite à classe médica da cidade para assistir a. uma representação especial. Um dos primeiros que convidou para subir ao palco foi o conselheiro Eger, que também foi dos primeiros a cair em completa hipnose. Nessas condições, comeu, diante dos seus colegas perplexos, uma maçã que não passava de uma batata, ninou nos braços, com cuidado e carinho, um pedaço de pau, como se fosse uma criança de peito, tendo ficado sob completo domínio do hipnotizador.

O doutor Binet, assistente da Salpêtrière, relata a seguinte experiência: “Sugerimos a uma paciente que, ao acordar, não poderia ver mais um senhor F. do qual, no entanto, ainda ouviria a voz. Ao acordar, estava F. diante dela, mas a doente não olhou mais para ele. Quando F. lhe estendeu a mão, ela não correspondeu. Depois disso, continuou sentada e nós ao seu lado, aguardando os acontecimentos. Pouco tempo depois, admirase de o senhor em questão não estar presente e indaga para onde fora. Respondemos que saíra e pedimos-lhe que voltasse ao seu quarto. F. coloca-se, então, na porta por onde devia ela sair. A doente levanta-se e aproxima-se da porta, mas, quando procura tocar no trinco, esbarra no senhor F. Essa resistência inesperada põe-na perplexa. Procura passar, mas encontra sempre esse invencível e inexplicável obstáculo. Enche-se então de medo e, assim, recusa-se a sair pela porta. Em seguida, tomamos um chapéu que se encontrava sobre a mesa, mostramo-lo à paciente, de maneira que o pudesse ver bem; deixamo-la até tocá-lo com as mãos, para certificar-se de que era real. Feito isso, colocamo-lo na cabeça de F. A paciente julgou que o objeto estivesse suspenso no ar e a sua admiração atingiu o máximo quando F. tirou o chapéu e fez com ele diversos cumprimentos. Ela viu o chapéu descrever sozinho curvas no ar e disse que isso devia provir de um mecanismo oculto qualquer”.

Que a sugestão possa explicar todos ou, pelo menos, a maioria dos fenômenos de hipnotismo é fato que se foi tornando cada vez mais evidente, à medida que o problema foi sendo mais bem conhecido. Vimos que, nos primeiros tempos do

magnetismo animal, explicavam os fluidos magnéticos toda a fenomenologia, que obedecia à ação de ímãs e de metais, como foi demonstrado pelas experiências daquela época. Uma moeda de ouro colocada sobre a testa bastava para produzir contraturas gerais ou outras manifestações do mesmo gênero. Mais-tarde, verificou-se que se podia conseguir a mesma coisa por simples sugestão, isto é, por meio de uma moeda imaginária que o operador fingia aplicar. Em breve, chegou-se à convicção de que a sugestão era processo puramente psíquico, por meio do qual se conseguia agir sobre o cérebro do indivíduo, determinando-lhe os pensamentos e as ações. E essa sugestão podia ser exercida das mais variadas maneiras. Na Salpêtrière, bastava um ruído súbito, tal como uma forte pancada sobre um gongo ou a vibração inesperada de um grande diapasão, para que os histéricos de Charcot caíssem em catalepsia. Quando, nesse estado, se lhes abaixavam as pálpebras, entravam em letargia e, desta, passavam ao sonambulismo por uma pequena pressão sobre o alto do crânio, na região do vértice. Mais tarde, verificou-se serem desnecessárias excitações bruscas e inesperadas, que se julgava paralisassem subitamente a vontade, pois ações mais simples e brandas produziam resultados idênticos. “O tic-tac dum relógio, uma pressão algo prolongada sobre os opérculos das orelhas, o ruído de amarrotar um pedaço de papel, uma pancada num copo, um som musical fraco, mas persistente, o ruído do vento, o murmurar de orações, cantigas monótonas com as quais amas embalam bebês podem provocar, em pessoas predispostas, o sono magnético”. Relâmpagos e mesmo o simples acender de luzes na via pública podem acarretar estados hipnóticos, como foi verificado desde os primeiros tempos, sobretudo em indivíduos já sujeitos a tais práticas. Na Salpêtrière, não era raro verem-se histéricas habituadas a tais manobras tombar por terra como fulminadas por ocasião de tempestades acompanhadas de raios e trovões. Dumontpallier refere o caso de um homem que caiu em catalepsia quando, assistindo ao desfilar de um regimento, viu reluzirem ao sol os instrumentos metálicos da banda de música e os capacetes dos soldados. Vimos que a fixação do olhar, principalmente sobre objetos brilhantes e luminosos, constitui excelente processo de hipnose, aplicável com bons resultados mesmo em animais. Quanto ao homem, foi-se tornando cada vez mais evidente que, em todas as manifestações desse gênero, predominavam processos de sugestão

e auto sugestão, por mecanismo essencialmente psíquico. A simples sugestão verbal é tão poderosa que, nos últimos tempos, tem sido empregada nos Estados Unidos mesmo como discos de vitrola, cujos dizeres são suficientemente sugestivos para desencadear, em muitas pessoas, verdadeiros estados hipnóticos.

O magnetismo e o hipnotismo, que afinal de contas nunca passaram de uma única e mesma coisa, foram largamente explorados por pessoas de boa fé e sobretudo por charlatães, que chegaram a instituir consultórios para tratamento médico, para dar conselhos e fazer previsões, sem contar representações teatrais, quase sempre de grande freqüência e sucesso garantido. Eu próprio tive ocasião de assistir a exibições desse gênero em meu tempo de jovem estudante, não tendo nelas tomado parte ativa devido à minha excessiva timidez. Nessas representações, o hipnotizador convida diversos espectadores para subirem ao palco, dos quais escolhe alguns para realizar as experiências. Em seguida, aproxima-se de cada um deles, um a um, lançando-lhes um olhar fixo, penetrante, dominador, que os imobiliza, fazendo-os cair no chamado estado de fascinação. Desde esse momento, passam a obedecer, por assim dizer, cegamente, às suas ordens, o que dá aspecto realmente impressionante à representação. Os indivíduos sentem frio ou calor segundo a sugestão que recebem do hipnotizador, bebem água ou vinho de um copo vazio ou imaginário, mastigam alimentos inexistentes, acreditando-os do sabor que foi sugerido: um pedaço de vela passa a ter cheiro e sabor de maçã, óleo de fígado de bacalhau transforma-se em champanha e, assim, pode o indivíduo ouvir músicas maravilhosas, sentir perfumes ou maus cheiros, ouvir o canto de pássaros ou recebê-los carinhosamente nas mãos, como se fossem mansos ou ensinados. Também terão medo de animais ferozes, pelos quais se julgarão ameaçados. Do mesmo modo, poderão receber mil outras sugestões, por mais absurdas e fantásticas que sejam, sempre reagindo como se estivessem diante de verdadeiras realidades. Muito apreciada era a exibição de transmissão do poder magnético a outras pessoas da assistência: quando o hipnotizador indicava com o dedo alguém do público, saía o magnetizado ao seu alcance, obstinadamente. A cena era das mais emocionantes, principalmente quando um grupo de hipnotizados se precipitava na platéia, cada um deles à procura de um espectador, designado como possuidor daquele estranho poder de atração. A confusão,

em geral acompanhada de medo e incompreensão por parte do público, era enorme, o que naturalmente aumentava o sucesso do espetáculo. Em tais circunstâncias, o operador servia-se habitualmente de algum comparsa já treinado, por meio do qual era fácil obter os resultados desejados, uma vez que o exemplo atua como uma das mais poderosas forças sugestivas. Aliás, pela prática, o hipnotizador logo descobria os indivíduos impróprios ou refratários, que eram postos de lado e reenviados aos seus lugares. Hoje, tais exibições tornaram-se raras ou mesmo desapareceram, sendo proibidas por lei na maioria dos países. Ficou demonstrado que elas podem acarretar perigos e inconvenientes à saúde de muitas pessoas, não raro sob a forma de dores de cabeça, ataques histéricos, dores pelo corpo, convulsões, etc. O caso de uma moça chamada Ella von Salomon, em 1894 na Hungria, teve grande repercussão, tendo ela morrido no decurso de uma hipnotização. Neste estado, a moça teve uma alucinação sobre a doença de um irmão, perdeu os sentidos e morreu minutos depois.

Extraordinário, nos casos de hipnose, é que o indivíduo não se recorde do que se passou durante esse estado, a menos que o sugestionador lhe dê ordens para conservar lembrança do acontecido. Sem isso, a amnésia é completa, embora, nas sessões posteriores, recorde o que se passou nas anteriores, mesmo quando exista entre elas largo espaço de tempo. Wolf art menciona o caso de uma mulher que, 13 anos depois de um sono hipnótico, se lembrou de tudo que nele havia ocorrido, quando foi posta de novo na mesma condição. Braid relata um caso idêntico, no qual o intervalo foi de 6 anos. Por vezes, ao acordar do sono hipnótico, o indivíduo prossegue a conversação ou a atividade que estava executando anteriormente, a partir do lugar exato em que havia parado. Em outros casos, pode a pessoa, no sono natural, reviver a cena hipnótica, tomando-a como um sonho, do qual pode conservar recordação. Aliás, o sonho tem muitos pontos de aproximação com a hipnose, pois também nele tomamos fantasias e alucinações como realidades, mesmo quando em desacordo com a nossa maneira de pensar e agir. Sentimo-nos também tolhidos na execução de coisas simples e naturais, enquanto outras difíceis ou absurdas nos parecem justas e de fácil realização. A diferença essencial é que, no caso da hipnose, obedecemos a ordens vindas de fora, enquanto, no sonho, é o nosso próprio cérebro que as elabora.

O processo mental impõe-se como semelhante, o que facilita a interpretação de ambos os fenômenos.

Muito importante, sob todos os pontos de vista, é a sugestão pós-hipnótica descoberta por Mouillesaux. Esse magnetizador ordenou a uma de suas doentes, quando hipnotizada, para ir, no outro dia, em certa hora, fazer uma visita a determinada pessoa, o que estava fora dos seus hábitos e até lhe era desagradável. Depois de prometer executar essa ordem, Mouillesaux acordou-a e, tomando todas as precauções para que ela não pudesse ter conhecimento da promessa feita em hipnose, foi esperá-la com alguns amigos no lugar convencionado. Na hora exata, ela apareceu diante da casa em questão, e, indecisa, pôs-se a andar para a frente e para trás, acabando por entrar no quarto designado. Mouillesaux acalmou-a e explicou-lhe a situação. Depois disso, ela contou que, desde o acordar, sentira aquele pensamento trabalhando-lhe na cabeça e que não conseguira libertar-se dele, por mais que se esforçasse. Quando chegou a hora marcada, estava tão inquieta e cheia de medo que não lhe foi possível fazer outra coisa senão executar o ato para o qual se sentia arrastada por impulso tão vivo. Experiências semelhantes demonstraram que os efeitos tardios da hipnose podiam ser fixados para épocas afastadas, aparecendo dias, meses ou até anos depois de realizada a sugestão. Morand cita a seguinte observação, devida ao professor Beaunis, de Nancy: em julho de 1884, este autor hipnotizou uma moça, sugerindo-lhe que, no dia primeiro de janeiro próximo, às 10 horas da manhã, iria levar-lhe votos de felicidades pelo ano novo e desapareceria depois de visto por ela. No dia indicado, ele se encontrava em Paris, enquanto a moça permanecia em Nancy, não tendo Beaunis falado a ninguém dessa sugestão. Pois bem, no dia marcado, a moça contou a diversas pessoas que, estando às 10 horas no seu quarto, ouviu bater na porta e, com grande surpresa, viu entrar o doutor Beaunis que vinha pessoalmente trazer-lhe votos de boas festas. E acrescentou que, quando foi à janela para vê-lo passar, depois da curta visita, não mais conseguiu avistá-lo. Posteriormente, quando quiseram convencê-la de que tudo aquilo não era possível, pelo fato de encontrar-se o doutor em Paris, persistiu em afirmar que o havia visto, não se demovendo dessa idéia nem mesmo quando o próprio Beaunis lhe garantiu não ser isso verdade. Na sua alucinação, admirou-se de vê-lo em pleno inverno, vestido de

roupa de verão: era a roupa que ele trazia no momento em que fez a sugestão! Em condições idênticas, é comum o indivíduo procurar uma razão qualquer, capaz de justificar o seu procedimento. O Dr. Moll ordenou a uma doente hipnotizada para, ao acordar, tomar um livro que estava sobre a mesa e colocá-lo na estante. Depois de executada a ordem, o médico perguntou-lhe por que motivo havia realizado tal ação. Respondeu-lhe que não gostava de ver coisas desarrumadas e que o lugar do livro era na estante; por isso, lá o colocara. De outra vez, esse mesmo médico sugeriu a um hipnotizado para, ao acordar, dizer-lhe uma palavra injuriosa. O indivíduo acordou e pela sua fisionomia, foi fácil verificar a luta que se operava em seu íntimo. Por fim, horas depois, chamou o Dr. Moll de carneiro, o que, em alemão, é ofensa pesada. Inquirido da razão desse ato, desfez-se em desculpas, acrescentando que havia sentido uma necessidade imperiosa que o obrigava a pronunciar aquele insulto. Em determinados casos, o indivíduo pode dar-se conta de estar cumprindo uma sugestão pós-hipnótica, embora lhe falte força para vencê-la ou contrariá-la. Em outros casos, essa espécie de sugestão opera-se pela volta do paciente ao estado de hipnose, durante a qual realiza a ordem recebida anteriormente. Nessas condições, pode cair espontaneamente em sono hipnótico, do qual precisa ser por vezes acordado. Experiências desse gênero, repetidas por numerosos autores, sob várias modalidades, fornecem explicação para uma série de manifestações que, de outro modo, seriam de difícil ou mesmo impossível interpretação. Muitos fenômenos de aparência miraculosa e sobrenatural encontram aí a sua explicação natural, enquadrando-se dentro de leis mais gerais.

Muito discutidas têm sido as observações e experiências executadas com pessoas em estado de sonambulismo, relativamente à sensibilidade e acuidade dos seus sentidos, que parecem aumentar de maneira prodigiosa. A vista, o ouvido, o paladar, o olfato podem adquirir intensidade extraordinária, assim como apresentar-se também aumentada a força muscular. Desde cedo, verificou-se que mulheres franzinas e doentes desenvolviam esforços assombrosos, desde que se tratasse da execução de ordens dadas por sugestão. Braid relata o caso de um paciente que não possuía bom ouvido, mas sugestionado, percebeu o que se lhe dizia cochichando, estando de costas e a mais de 5 metros de distância. O mesmo autor refere diversos casos idênticos,

sendo que alguns podiam ouvir movimentos feitos no ar com a mão, a 15 metros. “Observei um paciente que me dizia imediatamente se estava eu provando chá, café, vinho ou outras bebidas alcoólicas, quando se encontrava afastado 9 metros, mesmo de costas. E fazia esse reconhecimento por meio do olfato, conseguindo ouvir também o tic-tac de um relógio a 10 metros de distância, quando, normalmente, não o ouvia senão estando a um metro dele. Alguns reconheciam o proprietário de determinados objetos pelo cheiro que emanava destes e dos seus donos, sobretudo em se tratando de luvas. Muito citada é a seguinte experiência do doutor Bottey, que se tornou corrente na prática dos experimentadores: “Preparam-se diversos pequenos quadrados de papel branco, oito ou dez, por exemplo, e marca-se um deles com um sinal imperceptível, só reconhecível pelo experimentador. Dá-se este quadrado ao paciente, sugerindo que se trata de uma fotografia e, depois, mistura-se com os outros quadrados semelhantes. Por mais que se faça para enganar o sonâmbulo, reconhece ele sempre, entre todos os outros, o quadrado do retrato imaginário”. Bottey explica o fato por uma excitabilidade especial da visão, de maneira que o indivíduo consegue perceber certos defeitos do papel, que lhe servem de ponto de reparo para o reconhecimento e que por completo escapam ao olho normal. É o que ficou, aliás, demonstrado pela seguinte experiência do professor Bernheim, de Nancy: uma empregada doméstica, de 18 a 20 anos de idade, encontrava-se no hospital, já em convalescença. Hipnotizada por sugestão verbal, sugeriram-lhe que, ao acordar, iria ver, num cartão de visita em branco, o seu retrato, até muito bom. Foi acordada e reconheceu-se logo no cartão em questão. Depois disso, o experimentador misturou-o com diversos outros iguais, e, sem que a sonâmbula soubesse, marcou aquele com um sinal para que as pessoas presentes o pudessem reconhecer. Ela recebeu todos os cartões misturados e sempre, sem falhar, conseguiu distinguir entre eles o que representava o seu retrato. Tratava-se de saber, agora, por meio de que recurso conseguia fazer tal reconhecimento. Um exame mais minucioso do cartão mostrou a presença de alguns pequenos sinais pretos, que eram, dúvida, os pontos de reparo pelos quais se orientava. Em seguida, foram feitos, nos outros cartões, sinais semelhantes, mas a sonâmbula prosseguiu descobrindo sempre o seu pseudo retrato. Diante disso, Bernheim resolveu fazer a marcação com rigor

maior colocando os pontos precisamente nas mesmas posições em que se encontravam no cartão que simulava o retrato. Desta vez, a sonâmbula perdeu a orientação e passou a errar repetidas vezes, reconhecendo como sua fotografia qualquer um dos cartões. O que isso nos mostra é que a moça, em hipnose, conseguia guardar do cartão, com os seus defeitos, uma imagem mais nítida do que a que lograria gravar quando acordada. É ainda de Bernheim a seguinte observação: “Um dos meus sonâmbulos imitava os meus movimentos sem os ver, quando me colocava atrás dele para executá-los. Quando eu fazia movimentos de rotação com os braços, punha-se também ele, algum tempo depois, a agitá-los, embora sem conseguir imitação perfeita do movimento que eu executava. Havia aí participação de qualquer ação fluídica? Era o que me perguntava a mim próprio. Mas, em breve, convencemo-nos de que o sonâmbulo ouvia o barulho dos nossos braços e dos nossos pés e que a idéia do movimento a ser executado lhe era transmitida ao cérebro pelo ouvido, pois bastava executar o movimento sem qualquer ruído, isto é, sem roçar a roupa, para que ele ficasse imóvel, deixando-nos executar os movimentos sozinhos”. Experiências desse gênero foram repetidas em grande número, chegando-se finalmente à conclusão de que, em tais casos, não há exaltação dos sentidos e aumento do seu poder ou acuidade, mas sim, apenas, convergência da atenção para um ponto mais limitado, com exclusão do que se passa em derredor. Nessas circunstâncias, é compreensível que o indivíduo se dê conta do que lhe escapa normalmente, conseguindo perceber mais facilmente o que se encontra no campo da sua atenção, aguçada pela sugestão hipnótica.

Vimos que a pessoa hipnotizada pode obedecer cegamente às sugestões do hipnotizador, chegando a ver o que não existe ou negando o que está presente diante dos seus olhos. Em face de fenômenos tão estranhos, era quase natural supor que o indivíduo adquirisse qualidades ou poderes sobrenaturais, como foi crença muito generalizada nos primeiros tempos do sonambulismo. Mas, à medida que o problema se tornava mais conhecido, foi perdendo o seu caráter misterioso e sobrenatural, pois se verificou que dependia ele de condições humanas comuns, naturais. Dessa maneira, caíram em descrédito velhas suposições, tais como as de que o indivíduo adquiria poderes de clari-

vidência e telepatia, quando a hipnose se tornava mais profunda. O que ficou, afinal bem demonstrado, foi que o sujeito, sob sugestão hipnótica, conseguia perceber ordens mínimas, simples desejos esboçados pelo magnetizador, não raro traduzidas por gestos e movimentos quase imperceptíveis, como tivemos ocasião de mostrar em relação aos animais. O que acontece, então, é o indivíduo ouvir e ver o que se passa em torno de si, embora sem dar conta da situação, que se pode desenvolver fora do alcance da sua consciência. Ele fica tão dominado pela sugestão que toda a sua atenção e o seu interesse convergem para as ordens recebidas, havendo restrição no campo da sua atividade mental, que ganha em profundidade o que perde em extensão. Daí o fato de parecerem os fenômenos depender de uma maior acuidade ou sensibilidade do organismo ou mesmo de qualidades aparentemente sobrenaturais.

Se houve tempo em que se acreditou em capacidades ocultas dos sonâmbulos, indo à vidência, à transposição dos sentidos, ao diagnóstico de doenças e previsões do futuro, não há dúvida que, mais tarde, puderam essas manifestações ser explicadas tanto pelo mecanismo psicológico que acaba de ser exposto, quanto por erros de observação, não raro motivados por truques e mistificações. Mas, do conjunto dessas observações sobrou muita coisa: a realidade do hipnotismo! Pela simples sugestão, pode o indivíduo ficar preso de tal modo a uma idéia, que ela domina todo o seu campo de pensamento e ação. Nessas condições, não é de admirar consiga ver uma minúcia ou ouvir uma ruído que escapa à percepção de outras pessoas presentes, que vêem e escutam o que se passa em redor de maneira normal, sem especial discernimento. Não é por processo diferente que a mãe, dormindo sono profundo, acorda, mesmo dentro de barulhada infernal, ouvindo o choro do seu filhinho querido. Também, pela mesma razão, pode o sonâmbulo deixar de ouvir outros ruídos do meio ambiente, mesmo fragorosos, ou não perceber pessoas ou coisas que o cercam, quando excluídas do seu campo de percepção pela sugestão hipnótica. Esta pode agir tanto do lado positivo quanto do negativo, isto é, tanto para ver e ouvir, quanto pelo contrário, para não ver e não ouvir. O que se acreditou provir de uma exaltação dos sentidos não passa portanto, de simples seleção, estabelecida por um estado mais intenso e unilateral da atenção. O próprio aumento da força muscular pode traduzir apenas o seu melhor aproveita-

mento, feito numa única e só direção. Teremos ainda de ver que inibições representam papel fundamental na nossa vida e que, pela sugestão, podemos destravá-las, conseguindo resultados extraordinários, mesmo no tratamento de moléstias, que podem ser também por ela agravadas e mesmo criadas, sob forma dos mais variados e impressionantes quadros clínico.

Muito importante debaixo do ponto de vista prático, é que as sugestões são tanto mais facilmente realizáveis quanto mais estão de acordo com a personalidade do indivíduo, sobretudo sendo por ele voluntariamente aceitas ou desejadas. Em caso contrário, é freqüente haver reações de medo, angústia, terror, mesmo paralisias e convulsões, a fim de não tomar o paciente conhecimento das sugestões recebidas ou deixar de cumprí-las. Tem-se verificado que pessoas religiosas repelem sugestões em desacordo com a sua fé, assim como senhoras honestas não aceitam aquelas que ofendem o seu pudor. Kluge relata que um dos seus amigos, para experimentar as tendências afetivas de uma senhora hipnotizada, tomou-lhe a mão como se a quisesse beijar. Bastou isso para que a dama repelisse indignada o gesto do médico. Pitres conta o caso de uma moça a quem sugeriu que, ao sair da hipnose, não mais poderia falar e que declarou que não acordaria enquanto ele não suspendesse tal sugestão. Nos primeiros tempos do magnetismo animal, discutiu-se muito sobre a possibilidade de o hipnotizador dar ordens e obrigar o sujeito à sua realização. Isso, que era de importância fundamental, principalmente debaixo do ponto de vista jurídico, deu lugar a diversos trabalhos científicos e a muitos de pura literatura. A conclusão final foi de que a sugestão hipnótica precisava estar de acordo com a personalidade e as tendências do indivíduo, sem o que não seria realizada. Entretanto, achava-se natural ou compreensível que uma moça tímida e retraída se pusesse nua por uma sugestão hipnótica, assim como que um médico ingerisse uma batata, saboreando-a como se fosse uma maçã! Dizia-se que não eram coisas muito graves para o inconsciente dessas pessoas, mesmo se estivessem em desacordo com a sua consciência!

Como tem sido assinalado por diversos autores, é problema delicado e difícil o de descobrir a razão pela qual determinado indivíduo, não raro possuidor de altas qualidades morais e intelectuais, superior sob todos os pontos de vista, deixa hipnotizar-se, obedecendo a ordens ridículas e destituídas de senso e

das quais não guarda recordação. Que se passa nesse cérebro que obedece a tais injunções e se torna capaz de comandar ações que o homem normal talvez não pudesse realizar? Como explicar que uma simples sugestão verbal possa influenciar um indivíduo a ponto de anestesiá-lo para uma intervenção cirúrgica? A questão é realmente obscura, estando longe de poder ser compreendida pelas hipóteses até hoje formuladas.

Hirschlaff, na Alemanha, e W. R. Wells, L. W. Rowland e Eastbrooks, na América do Norte, demonstraram, em tempos mais recentes, ser possível levar-se o indivíduo à execução de atos imorais e até de crimes, em desacordo com a sua consciência, desde que a sugestão seja feita energeticamente, com técnica apropriada. Em tempos passados, discutiu-se muito essa questão, que ocupa muito espaço em livros sobre hipnotismo. Muita repercussão teve o caso do professor Wagner Jauregg, de Viena, detentor do prêmio Nobel de medicina e que foi vítima de um atentado, cometido sob instigação sugestiva do hipnotizador Grundmann. Os autores citados mostram que, para se obterem resultados dessa natureza, se torna necessário colocar o sujeito em estado de verdadeira hipnose, traçando o plano necessário sem violentar a sua consciência. Do contrário, pode desenrolar-se tudo como pura comédia, tal como acontecia freqüentemente nas velhas experiências da Salpêtrière. De qualquer modo, a passividade do indivíduo, a aceitação da sugestão por ele; enfim, a sua adaptabilidade à situação é de tal ordem, que pode ficar em relação direta com o hipnotizador, só ouvindo a sua voz e obedecendo às suas ordens. A amnésia consecutiva à hipnose é um fenômeno da mesma natureza que revela quanto a pessoa abdicou da sua personalidade, quanto se tornou passiva e obediente. Prova disso é que pode lembrar-se também de todo o ocorrido durante o período da sugestão hipnótica, desde que o hipnotizador dê ordem para que tal aconteça. Quando o doente é picado com uma agulha, em estado de anestesia hipnótica, não é raro vê-lo contrair os lábios e apertar os dentes, sinal de que a dor chegou ao cérebro, mas que este não quis tomar conhecimento da sua presença devido à ordem hipnótica. Nos processos correntes de hipnose, o essencial é que o indivíduo esteja predisposto a aceitá-la, pois, do contrário, pode ser ela difícil ou mesmo impossível. Quando desejada ou aceita, o processo torna-se muito simples e à medida que o hipnotizador ganha domínio sobre o paciente, tanto mais facilmente consegue

executá-la. É por isso que, “depois de uma ou algumas sessões, a reação pode ser rápida ou até imediata, bastando um gesto, um olhar, uma palavra para desencadear a hipnotização. A aprovação, o desejo e a confiança podem favorecer também a situação, sendo por esse mecanismo de ação que o médico e o charlatão encontram facilitada a sua tarefa, quando o doente, vindo procurá-los, já traz a esperança ou a convicção de sua cura. Ele se apresenta, então, em estado de verdadeira sugestão mental, quase semelhante à de uma pré-hipnose. Por essa mesma razão, a situação com os alienados é difícil, pois, de regra, são refratários à sugestão, uma vez que se encontram em verdadeiro estado de auto-sugestão patológica.

Aliás, a subordinação criada por sugestão aparece até nos fatos mais comuns da nossa vida. Isto é fácil de verificar em questões sexuais, quando um dos parceiros pode tomar ascendência absoluta sobre o outro, acontecendo coisa idêntica na obediência do doente ao médico, no entusiasmo do espectador pelo seu artista predileto, no culto de heróis, nos movimentos políticos desencadeados pelos seus chefes, etc. Mesmo nas nossas relações sociais, aparece essa subordinação, como no caso de aceitarmos ou exigirmos apresentação para travar conhecimento com alguém, o que representa, segundo uma feliz comparação, uma caricatura verdadeira daquele “rapport” sugestivo, tão conhecido dos hipnotizadores. F.Voelgyesi chamou a atenção para o fato de a histeria corresponder mais a uma estrutura psíquica feminina, de caráter mais influenciável por sugestão, enquanto a neurastenia é do tipo mais masculino, mais sujeito à auto-sugestão. A natureza desta é mais intelectual, a daquela mais emocional. Tudo isso mais sob o ponto de vista psíquico, do que do orgânico ou constitucional. Não é também por outra razão que Kretschmer separa o caráter da constituição, admitindo que o primeiro depende essencialmente de influências vindas do meio exterior. Muito importante, sob do ponto de vista prático, é o critério estabelecido por Voelgyesi, quando divide as pessoas em dois grupos: um, dos psicoativos e o outro, dos psicopassivos, cuja compreensão, aliás muito fácil, esclarece muitos fenômenos psicológicos, sobretudo no terreno da sugestão. A diferenciação estabelecida por Ferenczi é igualmente digna de nota. Este autor estabelece dois tipos de hipnotismo: um, em que o hipnotizador é identificado ao pai, sendo, no outro, feita essa identificação com a mãe. No primeiro

caso, a hipnose é comandada autoritariamente, enquanto no segundo documento, lembrando a maneira pela qual as mães acalentam os seus filhos.

Um fato que merece atenção é o de, tanto no sonambulismo quanto no hipnotismo, encontrar-se o indivíduo num estado especial de consciência, diferente do de vigília, mas que tem a sua autonomia, conservando-se inalterável dentro das mais variadas condições. Não é raro ver o sonâmbulo retomar sua atividade exatamente no ponto em que a tinha deixado no acesso anterior. Isto prova que ele se devia recordar precisamente do que havia realizado naquele estado de consciência, sem o que não lhe seria possível fazer tão perfeita ligação mnemônica. O doutor Dufay relata o caso de uma empregada que, nas crises de sonambulismo, escondia tão cuidadosamente os objetos de uso doméstico que, no dia seguinte, não conseguia encontrá-los por mais que os procurasse. Hipnotizada, porém, dirigiu-se diretamente aos lugares secretos, onde havia ocultado aqueles objetos. Tudo isso nos mostra que a personalidade do indivíduo pode apresentar facetas variadas, mas que, no fundo, é ela determinada, íntegra, estritamente unitária. Mesmo quando o indivíduo se deixa sugestionar ou hipnotizar, quando a sua personalidade toma aspectos diferentes, desdobrando-se ou multiplicando-se, permanece dentro de linhas gerais, obedecendo a diretrizes fixas, invariáveis. Não é por outra razão que o indivíduo na hipnose e no sonambulismo retoma a sua personalidade anterior, exatamente correspondente a esse estado, não raro no ponto certo em que se deu a passagem de uma para outra situação. Também, assim, se explicam essas observações das primeiras épocas do magnetismo, quando muitos autores relataram que os indivíduos hipnotizados nunca se enganavam em relação ao que lhes concernia pessoalmente. Puysegur, em 1811, afirmava: “Se durante os trinta anos em que os tenho observado, tivesse visto, não digo dez vezes, mas apenas uma única vez em que se enganassem no que concerne a si próprios, então, não teria hoje confiança em caso algum”.

Em muitos casos, há verdadeira oposição entre os dois estados, como se se tratasse de pessoas completamente diferentes, de temperamento inverso. Desde os primeiros tempos do hipnotismo, foi isso verificado: a célebre Felida da observação de Azam era triste, fria, egoísta, cheia de idéias de morte e suicídio no primeiro estado, enquanto, no segundo, se apresentava co-

rajosa, alegre, afetuosa. Em outros casos, no estado normal, eram as pessoas calmas, polidas, religiosas, passando, nos acessos de sonambulismo, a falar com furor contra a religião, insultando santos e sacerdotes. “A oposição de caráter entre o médium e o seu espírito” pode chegar a mútuas recriminações e mesmo a disputas violentas. O abade Almignana encontra grande dificuldade em responder às asneiras que lhe escreve a sua própria mão e não pode explicar “como se encontram dentro dele dois seres tão antipáticos, um ao outro”. Interessante também é o fato de o médium nem sempre compreender a resposta fornecida, por vezes recebendo-a sob forma de anagrama ou tão mal escrita que precisa pedir o auxílio do próprio espírito para desvendá-la. O fato é curioso, mas tem explicação muito natural.

Nos primeiros tempos do hipnotismo, os seus efeitos foram mais rápidos e decisivos, sobretudo comparativamente aos obtidos atualmente, como está bem demonstrado pela observação de numerosos autores. Além disso, tem sido assinalado que os médicos perderam o gosto pelo hipnotismo, assim como muito da capacidade para realizá-lo. É provável que seja isso uma simples conseqüência da evolução dos acontecimentos, no sentido dos próprios pacientes se terem tomado menos hipnotizáveis, por um mecanismo contrário de defesa e sugestão. É um pouco a repetição do que aconteceu com a histeria, cuja freqüência e intensidade atingiram em épocas passadas um ponto máximo para, depois, decaírem progressivamente. Também os reis, em tempos passados, curaram pela simples imposição das mãos, enquanto os presidentes de república dos nossos dias provavelmente nunca se atreverão a tentar tal terapêutica, que se tornou obsoleta, mesmo para os próprios monarcas. De qualquer modo, é impressionante verificar quanto as publicações daquelas épocas estão cheias de casos de hipnose, que se operava facilmente, nas mais variadas circunstâncias. Braid, por exemplo, relata que, chegando uma vez ao consultório, encontrou um dos seus jovens discípulos e o servente em estado de catalepsia, porque haviam fixado um pequeno prisma de vidro, usado como aparelho de hipnotização. Um autor francês indaga se esse desaparecimento progressivo dos indivíduos hipnotizáveis não poderia ser conseqüência de uma influência cósmica de natureza desconhecida! E. Pascal fornece, porém, uma explicação mais razoável, mostrando que, nos primeiros tempos do hipnotismo, os êxitos foram

mais fáceis e decisivos, porque a convicção do médico no seu poder era maior e também maior a emoção do doente diante daqueles fatos novos e surpreendentes, até então desconhecidos. Quanto à maior dificuldade de hipnotização na época atual parece ser ela fato muito real, a julgar pelo que relatam os pioneiros desse movimento, sobretudo Richet, que não tem dúvidas sobre o aumento de resistência à hipnotização, comparando a época passada com a atual. No passado, o ambiente era mais apropriado, pois todas as forças atuavam favorecendo a sugestão. Hoje, andam todos dominados por uma onda de dúvida e ceticismo: o doente inibe-se e se defende, enquanto o médico se sente fraco e incapaz. “Se eu pudesse citar o meu próprio exemplo, afirma-nos Richet, diria que antigamente, quando certamente operava eu menos bem do que hoje, obtinha o sono com bastante facilidade, mesmo em pessoas pouco sensíveis, enquanto, hoje, quase não mais consigo provocar mesmo a menor hipnose, qualquer seja a pessoa. A mesma observação tem sido feita pelo Dr. Maingot e o Dr. Emile Magnin, que foram excelentes magnetizadores. *Eles faziam o que queriam*, diziam-me eles”. É possível que a explicação da transmutação seja realmente essa, talvez válida para outras manifestações de idêntica natureza, tais como processos de estigmatização e sinais cutâneos produzidos por sugestão, sobretudo em hipnose. É possível que o seu desaparecimento progressivo, que tem levado autores modernos a negar a sua realidade, seja consequência desse mesmo mecanismo que conduziu à desapareção da histeria e de outras manifestações nervosas, desde que possam rebaixar a personalidade do indivíduo, que, em tudo, quer sempre subir e tornar-se superior ou excepcional, recalcando e vencendo o que o pode diminuir. É um mecanismo psicológico baseado no nosso complexo de superioridade e que pode bem explicar essas transformações do nosso psiquismo através dos tempos e mesmo das modas, sempre tão passageiras. Não é por outra razão, que se tornou digna de consideração a proposta feita por diversos autores, tentando o emprego de substâncias sedativas e narcóticas para amortecer os centros conscientes do indivíduo e, assim, alcançar mais fácil acesso às funções do seu inconsciente.

Se, já pelo álcool, pode o indivíduo revelar o fundo do seu caráter, tornando-se loquaz e até contando os seus segredos, obtém-se a mesma coisa, de modo mais acentuado e decisivo,

pelo emprego de outras substâncias estupefacientes, tais como a morfina, o cloral, o haxixe e, mais garantidamente, pela escopocloralose. Pelo haxixe as faculdades superiores são primeiramente atingidas, havendo diminuição imediata da lógica e da vontade. Nessas condições, o indivíduo liberta as suas tendências subscientes, torna-se extraordinariamente sugestível, sendo com facilidade levado a apresentar sinais de desdobramento da personalidade. Faltando o domínio da lógica e da vontade, a imaginação sente-se livre e trabalha desordenadamente, em vertiginosa atividade, fornecendo bizarras associações. O indivíduo é assaltado por toda sorte de ilusões e alucinações, que consegue reconhecer como tais, embora não podendo delas se libertar. O Dr. Racle, que estudou a questão, diz que aquele que toma haxixe tem consciência do seu eu real, funcionando regularmente, embora um outro eu fantástico e caprichoso se desenvolva ao lado, criando um afluxo de idéias e alucinações. Pode-se, por exemplo, sugerir ao indivíduo, dando-se-lhe um copo d'água, que se trata de vinho. Ele reconhecerá que realmente é água, embora, bebendo-a, já acredite ser vinho. O haxixe, ao lado da escopocloralose, é o veneno psíquico que mais aumenta a sugestibilidade, despertando a vida do nosso subsciente. Por ele, a “relevação do subsciente é levado ao seu mais alto grau, sendo exteriorizadas as tendências mais profundas e reprimidas, que assim encontram franca expansão”. Meunier conseguiu, por meio de haxixe, suggestionar pessoas rebeldes tanto à hipnose quanto a qualquer sugestão em estado de vigília. Sob a sua ação, o indivíduo reage às influências externas, tomando-se triste ou alegre segundo o ambiente, dançando quando a música é alegre e chorando quando é fúnebre. Por essa razão, o delírio é pobre e apagado quando a pessoa se encontra só e isolada, motivo pelo qual os orientais procuram usá-lo em ambiente agradável, cercado-se de música, danças, mulheres, tudo como no paraíso que o profeta lhes prometeu. Interessante e que não haja amnésia para tais acontecimentos, como mostra o professor Richet: “Os fenômenos que o indivíduo observa em si próprio tomando haxixe persistem por longo tempo na memória, havendo fixidez muito curiosa e uma excepcional vivacidade das imagens”. Diante disso, era natural que se cogitasse do seu emprego, assim como da escopocloralose na prática psicanalítica, como aconteceu em relação à sugestão e à hipnose, por meio das quais se conseguem

alcançar zonas profundas do subconsciente, surpreendendo complexos ocultos ou recalçados, cujo conhecimento pode resolver questões diagnosticas e terapêuticas. Um único exemplo, já velho, citado por Krafft-Ebing: trata-se de um indivíduo que, desde algum tempo, sentia impulsos para a inversão sexual, embora tais tendências permanecessem recalçadas no seu subconsciente. Uma dose de haxixe bastou para fazer explodir a obsessão. No acesso, ele se sentiu mudar de sexo: “Eu me vi mulher, diz ele, da ponta dos pés até o peito. A minha bacia alargou-se”. No dia seguinte, acordou, acreditando-se transformado em mulher. A obsessão, até então latente, surgiu subitamente por influência do haxixe, que representou o papel de revelador subconsciente. Quanto à sugestibilidade, as transformações produzidas pelo haxixe, são em tudo comparáveis às da sugestão hipnótica: se o indivíduo se julgar orador, fará um discurso; transformado em mulher, terá gestos femininos; por uma palavra pode tornar-se furioso, ciumento, triste, alegre, etc. E a sugestão pode ser executada mesmo depois de ter ele voltado ao estado normal. Apesar dos centros superiores não estarem mais inibidos, pode restar qualquer coisa no subconsciente, capaz de levá-lo à execução de determinada ação, tudo pelo mecanismo da sugestão. O que isso nos mostra é que o haxixe, desde velhos tempos, constituiu recurso para produzir a dissociação da personalidade, ponde em evidencia funções do subconsciente, muito antes de ter constituído isso objeto de estudos da psicologia.

Mas, existem ainda outras substâncias dotadas de idênticas qualidades. Fernand Denis, no seu livro “Brésil”, publicado em Paris em 1839, diz que Geoffroy de Saint-Hilaire “relata que uma raça de índios do Brasil, os Malalis, colhem uma espécie de verme que dá em gramíneas, o bicho da taquara, do qual obtêm uma gordura extremamente saborosa, que serve para temperar alimentos, sem produzir qualquer efeito deletério. Mas, se lhes acontece engolir um desses vermes, que são secados antes de se lhes retirar o tubo intestinal, então, é o índio tomado de uma embriaguez extática, que pode durar muitos dias. Nesse estado, opera-se para ele uma transformação completa do mundo: as florestas adquirem brilho desusado; a caça torna-se maravilhosa; o gosto das frutas, esplêndido; mil sonhos de felicidade embalam a sua imaginação selvagem. Contudo, o despertar é amargo, pois o comedor desse bicho paga com entorpecimentos dos sentidos o seu excesso de voluptuosidade”.

## CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

*SUMÁRIO: A hipnose como fenômeno biológico. A velha experiência de fascinar um galo. A catalepsia em animais. A brincadeira de Fabre com perus. Processos para hipnotizar animais. Livingstone atacado por um leão. A cataplexia. Hipnose pelo medo. A fascinação entre animais. "Hooding of Birds". Os domadores e o transe de animais ferozes. A morte por via psíquica. Recursos físicos para hipnotização. O galo criando pintos. Paralisias psíquicas e a realidade da morte aparente.*

**O**S FENÔMENOS DA SUGESTÃO hipnótica, por mais extravagantes e que incompreensíveis que possam parecer, possuem um fundo biológico natural, como pode ser verificado em experiências realizadas com animais. Já há séculos passados, sabia-se ser possível colocar animais em estado cataléptico, como demonstra a velha experiência do padre Athanasius Kircher, classificada de "experimento maravilhoso para fascinar um galo", descrita em sua obra em latim, aparecida em Roma, em 1646. Aliás, o fenômeno já era conhecido antes daquela data, como mostra um trabalho de Schwenter, publicado 10 anos antes. O processo consiste em colocar o galo no chão, exercendo sobre ele leve pressão, a fim de conservá-lo fixo, tendo o bico diante de um risco de giz traçado no solo. O resultado é permanecer o galo imóvel, em posição ridícula e incômoda, como preso ou amarrado pelo bico ao rabisco de giz. E ficará nesse estado cata-

léptico por bastante tempo, caso não seja despertado por qualquer excitação vinda do exterior. Mais tarde, o mesmo fenômeno foi observado em relação a muitos outros animais. Fabre conta que, no seu tempo de menino, no sul da França, uma das brincadeiras mais apreciadas pelos seus companheiros de escola era pegar grupos de perus, a fim de pôr esses animais em estado cataléptico. O processo consistia em tomar o animal, esconder-lhe a cabeça sob uma das asas e, depois, agitá-lo no ar algumas vezes, de um lado para outro. Bastava isso para que os perus ficassem imóveis, inertes, parecendo mortos ou mergulhados em sono profundo. Os escolares deixavam-nos nesse estado, aos grupos, pela estrada e, assim, era duplo o seu prazer, pois conseguiam ainda encolerizar os camponeses. Em outras regiões, garotos fazem brincadeira idêntica com galinhas, gritando-lhes no ouvido e, depois, escondendo-lhes a cabeça sob uma das azas. Nessas condições, esses animais ficam imóveis e como adormecidos, mesmo quando postos de pernas para o ar.

Czermac, professor de biologia na Universidade de Leipzig, falecido em 1873, repetindo dois séculos mais tarde a experiência de Kircher, conseguiu os mesmos resultados sem amarrar as patas do animal ou fazer o traço de giz, bastando mantê-lo imóvel por algum tempo, tendo a cabeça e o pescoço docemente estendidos sobre o ventre. Outros animais, como pássaros, salamandras, crustáceos e coelhos podem ser hipnotizados, fazendo-os fixar um objeto, tal como um dedo ou um fósforo, colocado diante dos seus olhos.

Entre os diversos processos para hipnotizar animais, um dos mais correntes e eficazes é o da surpresa e do medo inesperado por meio dos quais se conseguem resultados súbitos, decisivos. Mesmo com o homem pode ocorrer tal fenômeno, como é sabido da observação popular, traduzida em expressões de uso corrente, como de o indivíduo ficar tolhido ou paralisado pelo medo, etc. Livingstone, o célebre missionário e explorador do continente africano, descreve o que sentiu quando um leão, que acabara de ferir, se precipitou sobre ele, agarrando-o pelas espáduas, antes que tivesse tempo de carregar de novo a espingarda: “Rugindo de maneira horrível ao meu ouvido, o animal sacudiu-me violentamente, como faria um cão pegando um rato. Essa sacudidela fez-me cair naquele estado de estupor que o camundongo deve sentir quando agarrado e sacudido por um gato. É um estado de entorpecimento durante o qual não se tem nem

sensação de medo nem de dor, embora se guarde consciência perfeita de tudo que está acontecendo. E isso não é consequência de qualquer ação moral. A sacudidela faz desaparecer o medo e paralisa toda a sensação de terror, enquanto vemos o animal diante dos olhos. Essa condição especial é, sem dúvida alguma, peculiar a todos os animais que servem de presa aos carnívoros”. Livingstone compara esse estado ao dos doentes sob a ação do clorofórmio, “quando vêem todas as minúcias da operação, mas não sentem o instrumento do cirurgião”! A comparação é falsa porque, durante a narcose, o indivíduo fica mergulhado em sono profundo, nada vendo ou sentindo do que se passa no seu corpo e no ambiente. O erro de Livingstone é, aliás, explicável, pois provém da época em que acabava de ser descoberta a narcose, cujos efeitos eram ainda pouco conhecidos. A observação de Livingstone possui, porém, uma significação fundamental para a boa compreensão e interpretação dos fenômenos do hipnotismo.

O medo súbito pode paralisar tanto o homem quanto animais, tornando-os rígidos, imóveis, incapazes de defesa. É o que Preyer classificou de cataplexia, não raro acompanhada de descarga fecal e urinária, abundante transpiração, palpitações, etc. Por vezes, animais de laboratório caem nesse estado e, fixados na mesa de viviseção, chegam a morrer, mesmo antes de iniciada a intervenção! Coisa idêntica pode acontecer com o homem, também capaz de morrer de choque psíquico quando levado à mesa de operações. O olhar fixo e decisivo do magnetizador, uma pancada violenta num gongo, a projeção súbita de uma luz viva podem levar o indivíduo à hipnose, como se tornou conhecido desde as velhas experiências de Charcot, na Salpêtrière. Em geral, nesses estados, o indivíduo fica tão fora do seu mundo e da sua personalidade, a ponto de se tornar insensível a ações físicas que produzem dor ou outros incômodos, como acontece com o cheiro da amônia, que não mais sente; ruídos, que deixa de ouvir; dores, às quais se torna insensível. Em grande número de casos, deve o mecanismo íntimo do medo representar aí papel capital. Certos efeitos do raio, paralisias provocadas pelo medo, estupor de animais feridos por arma de fogo, rigidez e imobilidade de batráquios tomados nas mãos seriam fenômenos equivalentes aos produzidos pela magnetização animal. Em 1828, um húngaro, Constantin Balassa, descobriu um processo para ferrar cavalos sem empregar qualquer

violência: “Olhando fixamente para o animal, este recuava levantava a cabeça e enrijecia a coluna cervical, tornando-se alguns tão imóveis que não mais reagiam, mesmo quando se disparava um tiro ao seu lado. Uma doce fricção com a mão, feita sobre a testa e os olhos, constitui outro recurso magnífico para acalmar e entorpecer cavalos, tanto mansos quanto fogosos e violentos”. O domador americano Norton Smith, em tempos passados, conseguiu dominar cavalos bravios ou indisciplinados quase subitamente, em uma única prova, sem empregar pancada. Até em circos, fazia demonstrações desse gênero, cujo resultado era obtido, provavelmente, por meio do efeito hipnótico do medo, como foi admitido por alguns autores, e é fácil conseguir-se com muitos animais. Aliás, o hipnotismo de animais já data da antigüidade, tendo recebido menção sobretudo em livros sagrados. O chamado encantamento de lagartos, escorpiões e principalmente de serpentes faz parte de muitas práticas mágicas e do ocultismo. O termo grego “acarriciar” tem também a significação de “adormentar”. Por sua vez, os próprios animais possuem poder de hipnotização, como acontece com a cobra em relação ao sapo, a pássaros e mesmo animais maiores que, atraídos e fascinados, acabam colocando-se ao seu alcance, tornando-se presa fácil de ser devorada. Em outros casos, pode haver verdadeira luta entre o poder hipnotizador de dois animais, acabando por vencer o mais forte, como pode ser observado especialmente entre serpentes e anfíbios. O próprio gato é capaz de fascinar cobras, tornando-as rígidas e imóveis.

É verdade que, nesse particular, existem ainda dúvidas quanto a esse poder de hipnotização, por exemplo, quanto ao da cobra sobre pássaros, talvez explicável pela sua aproximação dos lugares em que estes fabricam os seus ninhos, onde, estrategicamente, os pode então facilmente atacar. Muito conhecida é a chamada experiência de Goltz, executada com rãs. Toma-se um desses animais, que se deita de costas sobre a palma de uma das mãos, e dá-se-lhe, com a outra, ligeiras pancadas sobre o ventre: com isso cai ele em estado cataléptico, fica imóvel e chega até a secar, caso não seja despertado por qualquer excitação exterior. Por vezes, para obter idêntica catalepsia, basta fazer movimentos de piparote com os dedos sobre o ventre do animal, mesmo sem tocá-lo!

Em muitos casos, a simulação de morte, feita por animais, deve operar-se pelo mecanismo da cataplexia por medo. Exis tem insetos que, tomados na mão ou apenas tocados de leve, se tornam imóveis, parecendo mortos. Possuímos informações de que gaúchos dos Pampas caçam cisnes pretos sobretudo pelo medo: quando estão esses animais comendo ou em repouso é o bando atacado inopinadamente por dois ou três cavaleiros, que o perseguem soltando grandes gritos. O medo ou pavor que se apodera dos animais é de tal ordem, que eles, não conseguindo alçar vôo, se deixam matar com facilidade. Também muitos mamíferos caem inanimados, principalmente quando se sentem perdidos diante de perigos e impossibilitados de fuga. Nessas condições, podem deixar de reagir aos ferimentos recebidos, mesmo quando mortais. É um paralelo à anestesia pela hipnose, que encontra aí o seu equivalente biológico.

Para hipnotizar aves, H. Erhard, professor da Universidade de Glessen, recomendou, em tempos modernos, além de outros processos, o de prender o animal num quarto escuro, acendendo depois, diante dele, lentamente, uma lâmpada elétrica. A ave fixa a luz por algum tempo e, depois, relaxa os músculos do corpo, fecha os olhos e cai hipnotizada no chão. Vimos que, por meio de movimentos rítmicos, levantando e abaixando, o animal no ar, também é possível obter-se sono hipnótico, por vezes tão profundo que chega para permitir pequenas intervenções cirúrgicas.

O processo da copulação do galo com a galinha, assim como de outros animais, parece depender de mecanismos, nos quais entram processos de hipnotização. Em geral, o galo aplica bicadas na nuca e na cabeça da galinha, acabando por fixá-la pela crista. Nestas condições, a fêmea não oferece resistência, conservando-se imóvel durante o ato e mesmo por alguns momentos depois de terminado. Não é senão algum tempo depois que ela “volta a si” sacudindo-se em movimentos característicos e saindo a cacarejar. A admissão de um fator hipnótico, o reflexo de imobilização, nesse ato, é tanto mais aceitável, quanto não é raro ver-se a fêmea de galináceos submeter-se à agressão do macho, por vezes até de outra espécie e capaz de mutilá-la ou matá-la pelo peso, como pode acontecer em tentativas de cópula do peru com a galinha. Além disso, o próprio galo pode cair em estado de catalepsia pelo emprego de manobras semelhantes, como a de apertá-lo pelas costas

contra o chão, segundo a citada experiência do padre Kircher, ou beliscá-lo na crista, etc. Em muitos casos de medo e perigo, quando o animal se finge de morto, tornando-se rígido e imóvel, provavelmente acontece isso como processo de defesa e adaptação, talvez de significação idêntica ao mimetismo. Muito interessante, nesse particular, são experiências com pássaros, raptéis, peixes e outros animais, conhecidas sob a denominação genérica de “Hooding of Birds” e que consistem em meter a cabeça do animal dentro de um capuz de pano opaco, de maneira que seus olhos fiquem cobertos e ele nada possa ver. O resultado é que o animal se torna rijo e imóvel, caindo em verdadeiro estado cataléptico, cujo aparecimento e duração variam com as espécies animais e mesmo individualmente com os representantes de uma mesma espécie. Aliás, esse processo já é usado há séculos nas caçadas de altanaria, empregando-se o falcão que, quando inquieto, pode ser acalmado por meio de um capuz que lhe cubra a cabeça. De há muito é sabido que domadores são capazes de acalmar animais, mesmo ferozes, olhando-os fixamente ou acariciando-os com doçura. O dr. Wilson, em 1839, conseguiu pôr em estado de transe animais do Jardim Zoológico de Londres, fato que se repetiu em tempos recentes com o doutor Franz Völgyesi, que também hipnotizou leões, ursos, macacos e outros animais, por vezes somente fixando sobre eles o olhar. As suas experiências, naquele Jardim e nos congêneres de outras cidades européias, foram realizadas diante de homens de ciência, estando largamente descritas e ilustradas no seu livro — “Hipnose humana e animal” —, aparecido em húngaro e traduzido para o alemão em 1938. O crocodilo pode ser hipnotizado pelo fechamento brusco e violento da boca, que o faz cair em cataplexia, capaz de perdurar durante muitas horas. Algumas serpentes caem no mesmo estado quando se lhes comprimem ligeiramente a cabeça. “A cobaia pode ser posta facilmente em estado cataléptico, tornando-se imóvel e insensível, por meio de uma pequena forquilha que lhe aperta o nariz, ou apenas suspendendo-se por uma orelha, ou comprimindo-se-lhe por algum tempo qualquer porção da pele. Também o ato de acariciar esse animal, passando-se-lhe a mão repetidamente sobre o pêlo, é suficiente para fazê-lo cair em sono hipnótico, durante o qual chega a perder o olfato e a audição, apresentando acentuada diminuição dos reflexos, apesar de prosseguir de olhos

abertos. Os reflexos nasais desses animais, normalmente muito acentuados, podem igualmente desaparecer, assim como sons graves e agudos, produzidos juntos deles, deixar de produzir seus efeitos”. O próprio homem, como dissemos, pode cair em estado cataléptico pela interferência do medo e de choques psíquicos, pela ação de sons violentos e inesperados, ou de uma luz muito viva ferindo subitamente a retina, o que foi observado muitas vezes na Salpêtrière, na época de Charcot. Quanto a efeito idêntico em animais, tive ocasião de observar caso de uma grande cobra, quando subia despreocupadamente por um barranco. Nesse momento dei um grande grito chamando pelo meu companheiro e ela, subitamente, quedou-se imóvel, estirada, sem se mexer. Meu acompanhante matou-a, então, a tiros de revólver, dados de pequena distância, sem que fizesse ela qualquer movimento. O doutor Franz Völgyesi, falando de mortes na narcose, admite que são mais freqüentemente produzidas por via psíquica, isto é, por fatores de medo e choque, do que mesmo pela ação do anestésico ou por doenças orgânicas coexistentes. Nesse mesmo grupo de fatos entram outras perturbações de freqüente observação, tais como medo de falar em público, de representar, de entrar em exame, indo à gagueira, à câibra de escrever, à impotência sexual, podendo ser tudo isso de origem puramente psíquica. O medo é capaz de produzir ainda inúmeras outras manifestações, sobretudo freqüentes nas variadas formas de nevrose. A vida do homem moderno anda impregnada de medo de toda a natureza, em geral criados por mecanismos de auto-sugestão e erros educacionais, vindos desde o início da existência. Otto Stoll, no seu livro — “Suggestion unci Hypnotismus im Voelkerpsychologie”, mostra que a maioria dos nossos animais domésticos também vive sob a influência permanente das nossas sugestões. Essa opinião deve corresponder à verdade, porque, afinal, toda a nossa vida constitui um tecido de sugestões, que se opera tanto sobre nós próprios, quanto sobre o meio ambiente, indo muito além do que conseguimos dizer ou ouvir.

Beard, no primeiro período do hipnotismo humano, aproximou-o dos estados de transe animal, mostrando que estes podiam ser obtidos de diversas maneira: pelo medo, como acontece quando se imobiliza o animal, quer deitando-o de costas ou amarrando-o, quer impedindo-o de executar qualquer reação; quando se leva a fixar um objeto ou uma luz viva, como ocorre

na pesca de determinados peixes, da lagosta, do camarão, ou quando insetos e aves se precipitam sobre focos de luz: pela aplicação dos chamados passes magnéticos, etc. Aliás, os processos da hipnotização de animais dão resultado quando empregados com o homem, como está demonstrado desde os primeiros tempos do magnetismo animal. O célebre abade Faria segurava o indivíduo pelas mãos, desviava a sua atenção e, fixando-o subitamente com um olhar ameaçador, conseguia hipnotizá-lo. Outras vezes, levantava-se de repente, estendia as mãos e ordenava em voz alta, com autoridade: durma! Tanto na primeira quanto na segunda experiência produzia-se uma espécie de paralisia pelo medo, que condicionava a manifestação hipnótica. Nesse sentido, podem ser interpretados muitos outros fenômenos idênticos, como, por exemplo, o mau olhado, capaz de atuar sobre certos indivíduos, sobretudo quando temem tal influência e se deixam dominar por determinadas sugestões. Desde os primeiros tempos do hipnotismo, foi verificado que bastava olhar fixamente para uma pessoa para que ela batesse as pálpebras, o que foi considerado como sinal objetivo de ser facilmente hipnotizável. Quando o efeito da sugestão direta não era suficiente, completava-se-lhe a ação por meio de sugestões verbais ou de passes, como se faz com animais.

Processos de hipnotização são empregados em práticas místicas e religiosas, como nas dos quietistas, que caem em êxtase fixando o próprio umbigo. Para conseguir isso, retiram-se solitários para o fundo da cela, libertam-se dos pensamentos habituais, apóiam o queixo sobre o peito e concentram toda a atenção sobre o umbigo, procurando não respirar. Nessas condições, na escuridão da cela, que deve estar de porta fechada, percebem manifestações luminosas, que devem representar a própria luz divina e sentem-se cercados de mistérios, dos quais, ao acordar, não lhes restam recordações! Na antigüidade, espelhos, pedras brilhantes e de cor, assim como pratos metálicos luzidios, foram empregados pelos sacerdotes no ritual dos encantamentos. Entre povos primitivos, mesmo dos mais atrasados do continente africano, têm sido encontrados processos de hipnotismo, em geral usados pelos sacerdotes feiticeiros, os verdadeiros dominadores das tribos e dos próprios soberanos.

A hipnose, mesmo em animais, pode atingir zonas tão profundas, a ponto de suprimir a sensibilidade e transformar as suas tendências mais naturais. Mangold, professor de fisiolo-

gia na Universidade de Freiburg, na Alemanha, conseguiu demonstrar experimentalmente que, em animais hipnotizados, podiam realizar-se intervenções cirúrgicas e outras mutilações sem que apresentassem qualquer reação indicadora de sofrimento. As manifestações são tão semelhantes às observadas no ser humano, que Mangold julgou necessário aproximá-las, sobretudo visando a investigação experimental do problema.

Em algumas regiões da Hungria, usam-se freqüentemente galos capões para criar pintos. Para isso, são embriagados com alimentos contendo álcool e, nesse estado, recebem com facilidade os pintainhos, tratando-os depois como verdadeiras mães. Mas, quando não se emprega tal recurso, oferecem resistência e até se tornam agressivos contra a ninhada. Em outros casos, podem obter-se resultados idênticos, hipnotizando animais pelos processos já aqui indicados e, depois, colocando sob eles os pintinhos, de preferência à noite. Interessante é que, nessas condições, se transformam por completo, adquirindo tendências femininas, tanto na voz como no comportamento geral em relação aos pintos, que criam com mais dedicação que as próprias galinhas chocadeiras. É um exemplo de grande valor biológico, que nos deixa perceber quão profundo é o mecanismo da ação hipnótica.

Pavlov, depois de dezenas de anos de experimentação, na qual tomaram parte muitos dos seus discípulos, alguns atualmente de fama mundial, chegou à conclusão de que: inibição interna, sono e hipnose não passam de um só e mesmo processo fisiológico. A lei de um ponto reflexo, por ele descoberta, mostra que uma excitação monótona, mesmo indiferente, atingindo qualquer ponto do córtex cerebral, acabar por produzir sonolência, depois sono e, finalmente, estado hipnótico. O substituto de Pavlov, Podkopagews, verificou que os animais mais agressivos e que mais procuram a liberdade são os que mais facilmente se deixam hipnotizar, o que é talvez natural, dado o gasto emotivo que produz a sua viva reação. Mostramos que não são raros os casos em que uma emoção violenta pode produzir estado hipnótico profundo, capaz de chegar à letargia. Nessas condições, o indivíduo pode ficar paralisado a ponto de não executar o menor movimento, deixando também de reagir a qualquer sensação de dor, tal como a produzida por picadas de agulha ou pontas de fogo, que são suportadas sem ele nada

sentir. Apesar disso, podem a memória, o ouvido a vista, etc., conservar-se perfeitos, dando-se conta o indivíduo de tudo o que se passa em seu derredor.

O que há de extraordinário na sugestão hipnótica é a profundidade que pode atingir a sua ação: mesmo quando o indivíduo permanece ao corrente da situação, não consegue, contra ela reagir. Eis uma observação citada por Morand: “Uma senhora da sociedade, muito nervosa e impressionável, assistiu a algumas experiências de hipnotismo e, voltando para casa, externou-se com a família sobre a questão. Curiosa de verificar sobre si própria os fatos de que havia sido testemunha, submeteu-se a uma experiência do mesmo gênero. Um objeto brilhante foi colocado diante dos seus olhos por um dos parentes e tudo se passou na maior intimidade. No fim de alguns minutos, a fixidez permanente do seu olhar causou surpresa. Seguraram um dos seus braços, levantaram-no e ela caiu inerte. Os presentes se entreolharam; o medo começou a se espalhar. Que fazer? Não havia médico e ninguém sabia como agir. O marido e o filho amedrontaram-se. Este último, com lágrimas nos olhos, precipita-se sobre a progenitora e cobre a sua frente e os seus olhos de beijos. A senhora volta a si e tem um belo ataque de nervos. Depois de uma crise de lágrimas e de se ter acalmado, conta que teve de atravessar uma prova muito dura, pois estava em lágrimas e desespero e não podia fazer gesto algum para acabar com aquela situação tão desagradável. Parecia ter um grande peso sobre o epigástrico, que lhe oprimia a respiração e, quanto aos movimentos musculares, estava ela, segundo a sua própria expressão, como envolta numa camisa de chumbo”.

Um caso mais impressionante, muitas vezes citado, é o apresentado na tese do doutor Pfendler, relativo a uma moça de 15 anos que sofrerá de violentos e prolongados ataques convulsivos, seguidos de coréia histérica e contraturas generalizadas. O estado parecia tão grave, que médicos célebres haviam declarado que a doente não teria senão poucos dias de vida. Foi nessas condições que entrou para o hospital, onde Pfendler pôde observá-la. “No dia seguinte, diz ele, quando estava eu perto do seu leito, fez ela movimentos, levantou-se, atirou-se sobre mim como se me quisesse abraçar e, em seguida, caiu como fulminada pela morte. Durante quatro horas, não pude observar qualquer sinal de vida. Eu, mais Frank e Schoffer, que me

auxiliavam na tarefa, fizemos todos os esforços possíveis para despertar nela qualquer reação vital, mas o espelho, a agulha candente, o amoníaco e agulhadas não revelaram qualquer manifestação de sensibilidade. A corrente galvânica foi também empregada, sem que a doente reagisse com qualquer contractibilidade. Frank, embora julgando-a morta, aconselhou deixá-la na cama. Durante 24 horas não houve a menor alteração. Acreditava-se que já houvesse certo cheiro de putrefação; os sinos dobraram pela defunta, vieram amigas para vesti-la de branco e cobri-la de flores. Afinal, tudo em torno dela estava sendo preparado para o enterro. Para dar-me conta dos progressos da decomposição, voltei para junto da moça, verificando que nada se havia modificado. Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando tive a impressão de perceber um leve movimento da respiração! Observei de novo e vi que não me tinha enganado. Imediatamente, pratiquei fricções, aplicações irritantes e, no fim de meia hora, tinha a função respiratória se tornado mais ativa. A doente abriu, então, os olhos e, surpreendida pelo aparato de morte que viu em torno de si, disse-me sorrindo: “Sou moça demais para morrer”! Depois disso, foi transferida para outro quarto, onde dormiu 10 horas, seguidamente. A convalescença foi rápida e a doente curou-se completamente da sua doença nervosa. “Durante o seu estado letárgico, quando todas as funções do organismo pareciam, suspensas, as forças se encontravam no ouvido, pois ouvia e se dava conta de tudo que se passava em torno de si, até citando-me as palavras de Frank, que haviam sido ditas em latim. O mais horroroso, para ela, foi compreender a situação, assistir aos preparativos para o seu enterro, sem poder sair do estado em que se encontrava”.

Na literatura, existem numerosos casos de sonos prolongados, durante semanas, meses e até anos, durante os quais o indivíduo, apesar de receber apenas quotas reduzidas e mesmo insignificantes de aumento, quase não emagrece, como tem sido relatado por muitos autores. “Apesar da insuficiência forçada de alimentação, os dormidores emagrecem pouco e há mesmo alguns que se conservam quase gordos, mesmo se o período de sono é prolongado. Constitui isso um fato extraordinário, que não pode ser explicado senão pela redução considerável das trocas orgânicas, lembrando o que ocorre com animais hibernantes”. Já discutimos em trabalho especial a significação de jejuns prolongados, mostrando que esse território anda impreg-

nado de histórias estranhas e fantásticas, não raro inverossímeis. É o mesmo que acontece em relação à morte aparente, fenômeno conhecido desde os tempos mais remotos e que constitui, ainda hoje, grave obsessão para grande número de pessoas. O fato é real e tem sido demonstrado por meio de provas irretorquíveis, tais como a do corpo do morto ser encontrado em posição diferente daquela em que foi enterrado.

## CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

*SUMÁRIO: As maravilhas da escrita automática. A interpretação espírita e o mecanismo do fenômeno. O subconsciente nas produções artísticas: na dança, na pintura, na literatura. O poder da sugestão hipnótica. Exemplos elucidativos. Erros de educação. A volta à infância de Kraft-Ebing. A memória do passado e as nossas idéias latentes. Desdobramentos da personalidade. A senilidade. Traumatismos cranianos. Automatismo psicológico no sonho, na vida comum e no transe mediúnico. Emek Habbacha. A vidente de Genebra. A vida no planeta Marte e a linguagem de seus habitantes: O livro do professor Flournoy. As aspirações do ser humano.*

**U**M DOS FENÔMENOS mais impressionantes que tem sido dado ao homem observar no terreno da sua atividade mental é, sem dúvida alguma, o do automatismo psicológico, que se apresenta sob a forma da escrita automática. H. Taine descreve-o nos seguintes termos: “Vi um homem que escrevia frases coerentes e mesmo páginas inteiras sem olhar para o papel. Conversava e cantava, enquanto executava essa atividade e não parecia, de forma alguma, dar-se conta do que estava escrevendo. Era isso, pelo menos, o que se podia concluir das suas afirmações e eu não duvido da sua sinceridade, uma vez que ele próprio, ao ler o que escrevia naquelas condições, se enchia de surpresa e por vezes até de consternação. Os movimentos executados pelos dedos e pelo lápis durante essa escrita inconsciente davam

a impressão de ser automáticos e a caligrafia era diferente da da sua mão”. E prossegue: “Quanto mais bizarro um fato, tanto mais ilustrativa a sua significação. Neste particular, as próprias manifestações espíritas levam-nos a novas descobertas, mostrando a coexistência, no mesmo instante e no mesmo indivíduo, de dois pensamentos, duas vontades, duas ações distintas, de uma das quais tem consciência, enquanto da outra não a tem, atribuindo-a a seres invisíveis”. Vê-se, pela descrição, quanto devia Taine ter ficado impressionado diante de fenômeno tão estranho e, então, ainda quase desconhecido. No entanto, essa descrição, que deve provir do prefácio da primeira edição do seu livro “De l’Intelligence”, sendo citada e comentada na obra de diversos autores, já não é encontrada na segunda edição da mesma publicação, aparecida em 1870, por motivos de que o leitor facilmente poderá suspeitar.

Eis a descrição da escrita automática feita por outro autor: “Uma pessoa pega num lápis e espera pacientemente pela vinda de um espírito, enquanto toma parte na conversação, sem procurar provocar conscientemente o fenômeno. De repente, agita-se, traça linhas sem forma e, depois, põe-se a escrever, muitas vezes rapidamente, enquanto continua a conversar. Enche, assim, páginas inteiras e, no fim, não sabe o que escreveu. O autor vê a sua própria mão traçar palavras e frases no papel, sem saber do que se trata, precisando ler a comunicação para ficar ao corrente do que escreveu”. É claro que nessas condições, quando o mecanismo do automatismo psicológico não era ainda conhecido, tornava-se natural pensar em forças sobrenaturais e até na presença de espíritos.

Na descrição do fenômeno, Taine informa que a escrita terminava pela assinatura de uma pessoa já morta, e o texto referia-se a pensamentos íntimos, de fundo moral, que o autor não desejava divulgar. E, acrescenta: “Com certeza, verifica-se aí um desdobramento do eu, a presença simultânea de duas séries de idéias paralelas e independentes, de dois centros de ação, ou, se se preferir, de duas pessoas morais justapostas no mesmo cérebro. Cada uma representa o seu papel, mas papéis diferentes: um em cena e o outro nos bastidores”.

Morand, que não quis pôr em dúvida o fato relatado por Taine, concluiu que, além de demonstrar ele o desdobramento da inteligência, seria a consagração de pretensões espiritistas, que

o próprio narrador considera absurdas e obra de vergonhoso charlatanismo. E justifica a atitude de Taine, dizendo que mesmo os espíritos mais elevados não estão ao abrigo dessa tendência funesta para o maravilhoso, que parece uma peculiaridade do ser humano. Depois daquela época o tema passou a ser estudado largamente, tendo-se tornado, até, objeto de predileção para grande número de pesquisadores, tanto no terreno puramente psicológico, como no das manifestações classificadas de sobrenaturais. Hoje, esses fenômenos já estão devidamente esclarecidos, como teremos de mostrar. Primeiramente devemos, porém, lembrar que a escrita automática tem valido como um poderoso argumento, muito explorado pelos partidários do espiritismo.

Gabriel Delanne, um dos representantes mais respeitáveis do espiritismo na Europa, depois de dizer que a escrita automática não pode ser explicada senão pela intervenção de mortos, relata que a sua própria mãe possui em alto grau esse dom da chamada psicografia, podendo escrever coisas diferentes ao mesmo tempo com as duas mãos, por vezes até em línguas que desconhece e prosseguindo, durante a execução desse ato, na conversa com as pessoas presentes. Delanne descreve o fenômeno nos seguintes termos: “O médium, mesmo sem estar adormecido, escreve diretamente, às vezes com as duas mãos ao mesmo tempo, mensagens diferentes, sustentando ainda conversação sobre outros assuntos. As respostas são absolutamente claras, verificáveis e, muitas vezes, redigidas em idioma que ele não conhece. Isso demonstra, portanto, que as suas mãos devem obedecer a uma inteligência que não é a sua. Eu vi minha mãe, que é uma excelente médium, dar assim, a um russo, uma resposta em russo, com a escrita exata da mãe desse estrangeiro, falecida há muito tempo; para um italiano, ela escreveu uma mensagem num dialeto dos arrabaldes de Turim, ditada pelo espírito da progenitora do interlocutor.”

Victorien Sardou, o célebre dramaturgo francês, que praticou o espiritismo e foi o maior colaborador na obra de Allan Kardec, pôs-se a traçar no papel, com rapidez surpreendente, desenhos de aspectos fantásticos, que atribuiu ao espírito de Fernand Desmoulins, pintor e gravador que, ao lado dos seus trabalhos habituais, produziu, desenhando impulsivamente, uma obra fantástica, sem ter idéia consciente do que fazia. E, também Desmoulins, acreditou que a sua obra proviesse de um espírito, que se servia das mãos do artista para poder executá-la.

Augustin Lesage, trabalhador de minas e descendente de mineiros, tornou-se subitamente extraordinário pintor de decorações, tendo obedecido a uma voz que parecia vir do exterior e que, enquanto ele trabalhava nas galerias da mina, lhe dizia: “Tu serás pintor!” “Desde então, entregou sua mão à misteriosa influência que a conduz e que sabe executar o que a sua inteligência consciente ignora e não pudera realizar”. Além desses, são conhecidos diversos outros artistas pintores que trabalharam em estado de transe hipnótico, não raro executando obras em completa obscuridade, quase sempre com grande desenvoltura. E todos julgando-se inspirados por espíritos ou forças vindas de fora, alheia à sua personalidade, pois se consideraram incapazes de realizar tais trabalhos à custa dos seus próprios recursos artísticos, por vezes de todo inexistentes.

Helena Smith, caso bem estudado por Flournoy, e que analisaremos linhas adiante, escreveu, em estado de sonambulismo, romances cheios de imaginação, e pintou, no mesmo estado uma série de quadros de assuntos evangélicos. Ela conhecia pintura, mas, em estado hipnótico, praticava-a de maneira diferente: em lugar de pincéis, servia-se somente dos dedos e executava o trabalho desordenadamente, sem coerência, fazendo aparecer em determinado lugar da tela um olho, noutra, um pé, mais além, uma árvore ou um objeto qualquer, tudo sem ligação entre si. No final, porém, o conjunto se harmonizava em detalhes bem combinados.

O caso de um pianista medíocre, Georges Aubert, teve grande repercussão, dadas as suas improvisações musicais sobre todos os temas. Em experiências realizadas no Institut Général de Psychologie, em Paris, pôde-se verificar que ele prosseguia na execução das improvisações, sem se deixar perturbar em sua inspiração, mesmo quando se tornava completamente surdo, impossibilitando-o de ouvir o que executava, tal como acontecia quando se colocavam dois fonógrafos berrando em seus tímpanos.

Muito citados têm sido os casos de Lina, e, sobretudo, o de Magdeleine que, pela hipnose, se revelaram dançarinas admiráveis, acompanhando, de improviso, qualquer música, e isso com gestos e movimentos de incomparável expressão. Magdeleine tornou-se objeto de diversas publicações, entre as quais um livro do Barão Schrenck-Notzing, médico alemão, conhecido principalmente pelos seus trabalhos de Metapsíquica. Trata-se de

uma senhora distinta, amável, interessante, que, em estado hipnótico, se transformava num ser demoníaco, numa dançarina de recursos quase sobrenaturais, apesar de, na sua vida normal, ser completamente destituída de tais capacidades. Dançava de improviso, acompanhando a música com inexcelsa maestria, sobretudo quanto às tonalidades mais patéticas de ritmo, timbre e movimentação. O espetáculo era “impressionante, acima de qualquer descrição. Quando caía por terra ou se elevava subitamente às alturas, quando empenava os seios ou se dobrava para trás em lances histéricos, quando soluçava com a música ou repetia a exclamação do recitador, quando, no chão, soltava um gorjeio penetrante, tudo isso alcançava cimos máximos, auges inexcelsos. Além disso o seu temperamento e o seu corpo magnífico favoreciam os movimentos e a expressão das suas emoções. A exteriorização livre e espontânea daquele instinto artístico parecia uma revolta contra as possibilidades medíocres e vulgares da nossa cultura.”

Uma observação que merece especial menção é a de Andrew Johnson Davis, que o conselheiro imperial russo Alexander Aksákow, um dos nomes mais representativos que tem tido o espiritismo, considerou como o maior fenômeno psicológico dos tempos modernos. Davis, que era filho de um sapateiro, não tendo freqüentado escola senão durante poucos meses, ditou, em estado hipnótico e diante de muitas testemunhas consideradas dignas e de responsabilidade, uma série de 157 preleções, tendo por título: “Os princípios da natureza, suas revelações divinas e uma mensagem à humanidade”. Os conhecimentos que, nessa obra, Davis apresenta sobre Cosmogonia, Astronomia, Geologia, Arqueologia, Mitologia, Teologia, Psicologia e outros ramos do saber humano são verdadeiramente espantosos, sobretudo quando se considera que tinha 20 anos de idade, tendo freqüentado escola durante apenas sete meses. O mundo ficou assombrado, e, sobre o seu caso, apareceram numerosas publicações. Muitas testemunhas afirmaram que a sua ignorância era de tal ordem que, somente por meio de revelações sobrenaturais, poderia ter adquirido os conhecimentos que apresentou naquela obra.

Igualmente prodigioso é o caso da americana Mrs. Curran que, sob a inspiração do espírito de Patience Worth, ditou, com grande rapidez, volumes inteiros, dentre os quais um poema idílico em versos livres — “Telka” — classificado como superior às obras de Maeterlinck, do mesmo gênero. Esse poema, que con-

têm 70 mil palavras, perfazendo 270 páginas impressas, foi ditado em 35 horas, em língua inglesa arcaica, do século XV, tão diferente do inglês moderno que um indivíduo de cultura média não o consegue ler senão com dificuldade, necessitando de dicionário. Interessante é que, na obra em questão, não foi encontrado nenhum vocábulo inglês aparecido depois de 1600, sendo que o espírito autor da obra pretende ter vivido antes dessa época!

O Dr. Cadello, de Palermo, menciona um caso de xenoglossia, que, pelo seu exagero, excede tudo que é admissível ou imaginável. Trata-se de uma moça de 16 anos que, em estado de sonambulismo espontâneo, passou a escrever italiano com letras gregas. No dia seguinte, passou a falar corretamente o francês, apesar de não conhecer senão os rudimentos dessa língua. No terceiro dia exprimiu-se em inglês excelente, língua que nunca havia aprendido e na qual entreteve longa conversação com dois *gentlemen* ingleses. Durante esses três dias, nos quais se serviu respectivamente do grego, do francês e do inglês, esqueceu por completo o idioma materno, que era o siciliano.

Fenômenos desse gênero têm sido publicados em grande número por todas as partes do mundo e, mesmo entre nós, em tempos muito recentes, têm reaparecido muitos mortos ilustres, dados como autores de artigos e até de livros, que encontram larga divulgação. Como explicar esses mistérios, essas extraordinárias maravilhas?

Estudos sobre a sugestão e o hipnotismo já esclareceram muitas manifestações desse gênero, cuja explicação parecia quase impossível. A história do hipnotismo, que principiou pelo chamado magnetismo animal, está cheia de ensinamentos: que podem ser aproveitados para possibilitar uma melhor compreensão dos fenômenos em questão. Ouçamos como o professor Branly, de Paris, conta as suas impressões, quando foi solicitada sua opinião sobre os fenômenos espíritas, com os quais, quando moço, se havia ocupado intensamente. Ele acredita que, no nosso organismo, existem regiões ainda pouco conhecidas, localizadas no sistema nervoso, e acrescenta: “Para explicar o que quero dizer, vou citar uma experiência, talvez a que mais me impressionou entre as inumeráveis a que assisti. Pelas proximidades do ano de 1880, quando tinha 35 anos de idade e já havia seguido os estudos de Charcot na Salpêtrière, veio ao hospital da Charité, num domingo de manhã, o doutor Luys, para fazer uma conferência sobre fenômenos nervosos. Luys era, então, ao lado de

Charcot, o grande mestre de doenças nervosas. Apresentou-se acompanhado de uma pequena operária, destituída de qualquer instrução. Luys adormeceu-a, fê-la subir ao estrado e anunciou que, em lugar dele, seria a pequena operária que iria realizar a conferência. Esta pôs-se, então, a repetir, palavra por palavra, uma esplêndida preleção que o doutor Luys havia feito precedentemente. E empregava não só linguagem científica, como também imitava a voz e os gestos do ilustre professor, dando maior energia às passagens por ele próprio acentuadas, fazendo, afinal, uma cópia perfeita do seu modelo, e isso sobre uma questão da qual não conhecia uma palavra.” Luys pergunta, então: “Que conclusões tirar desse gênero de experiências?” E, ele próprio, dá a seguinte resposta: “Que há, no nosso cérebro, diversas zonas, das quais algumas funcionam constantemente para preencher os atos ordinários da vida, enquanto outras não trabalham senão em determinadas circunstâncias, sem que, por vezes, nós próprios tenhamos disso conhecimento”. Cita, depois, observações de dupla personalidade, concluindo que tudo isso nada tem a ver com o espiritismo, embora possa provir de forças psíquicas ainda não suficientemente conhecidas.

Muito ilustrativas são as observações que o Dr. E. Osty colheu em relação à médium Julieta Hervy, examinada no Instituto Metapsíquico de Paris, e que possuía a faculdade de escrever trabalhos notáveis, em prosa ou verso, de improviso, sobre temas fornecidos no momento. Por meio dessas experiências ficou demonstrado que os resultados eram tanto melhores, quanto maiores os conhecimentos que a médium possuía sobre o assunto. Digno de nota é que esses conhecimentos podiam encontrar-se perdidos na memória, sob as mais diversas formas, que ela aproveitava maravilhosamente, formando conjuntos harmoniosos, claros, de acordo com o tema proposto. Dessa maneira, o subconsciente lançava mão de todos os recursos existentes, sendo natural que os melhores resultados aparecessem nas composições puramente imaginativas. Tudo isso está de acordo com o que conhecemos sobre o mecanismo do trabalho subconsciente que, no caso em questão, revelou ainda outras particularidades dignas de menção. O experimentador propôs-lhe que, como tema, fizesse uma exposição das idéias de Marcelin Berthelot sobre síntese em Química Orgânica. A médium escreveu seis grandes páginas sobre a questão, mas somente sob um ponto de vista geral e filosófico, aliás bastante medíocre, nada tendo dito quanto aos ver-

dadeiros processos de síntese naquele ramo do conhecimento humano. Ela própria desconhecia o assunto, como o Dr. Osty conseguiu posteriormente verificar, e, por isso, nada pôde revelar quando, pretensamente, como médium, recebeu o espírito de Berthelot. O mesmo aconteceu quando lhe pediram para ditar fórmulas químicas de alguns corpos, cuja composição ela desconhecia, embora fossem muito familiares a Berthelot. Também, dessa vez, a presença mediúnica do químico de nada adiantou, pois não foi possível obter nem mesmo a fórmula do amoníaco ou do açúcar. Em relação a Bichat, repetiu-se coisa semelhante: ditou nove páginas sobre o que pensava de Biologia, naturalmente em termos filosoficamente gerais, mas não soube informar o nome das próprias obras que havia escrito! No final das experiências, a médium disse textualmente haver notado que, “quando não possuía idéia do que lhe era perguntado, a voz não dizia nada e a sua mão não escrevia”. Osty acrescenta que essa observação traz em si a explicação psicológica do caso.

Charles Richet, tratando da escrita automática no seu “Tratado de Metapsíquica”, explana: “As escritas automáticas detestam a precisão. Evitam qualquer indicação precisa, apresentando banalidades muito banais. Dir-se-ia que os poetas não conhecem poesia; os filósofos não conhecem filosofia; os padres não conhecem religião, mas que fazem todos eles esforços reais para nos dar, em linguagem poética e nebulosa, conselhos de uma filosofia e preceitos de uma religião”. E, referindo-se a obras desse gênero, acrescenta: “Há pastiches e pastiches admiráveis, como o romance de Dickens e os versos de Molière ditados a Victor-Hugo. Mas um pastiche não é uma inovação, é literatura espiritual, mas não literatura espírita, se me permitem um jogo de palavras digno da escrita automática. A inteligência humana que compõe tal prosa ou tais versos não ultrapassa a inteligência humana. Não é a inspiração semi-divina que poderíamos esperar dos espíritos”... “A literatura espírita abunda em produções dessa natureza. Mas, seria necessário uma culpável dose de credulidade para nelas ver outra coisa que locubrações estéticas do inconsciente. Quase todos apresentam um caráter de simbolismo vagamente oriental, que por vezes não deixa de ter uma estranha beleza. Na realidade, todas essas escritas e pinturas automáticas poderiam ser autênticas obras humanas. Em nenhuma delas vemos o “quid divinum”, que nos permitiria

atribuí-las a qualquer inteligência humana acima da média comum”.

Quanto ao prodigioso “milagre filológico”, como tem sido classificado o caso de Mrs. Curran, acima descrito, tem ele os seus similares naturais em obras equivalentes, por vezes escritas por simples desfastio. Não há muitos anos apareceu entre nós, sob o pseudônimo Barão de Ascurra, um pequeno volume intitulado — *A Nova Maneira de Fallar*, — quase todo escrito em português arcaico por Saul Borges Carneiro, que não chegou a ser conhecido no mundo literário, apesar de ter sido um dos maiores conhecedores do nosso velho idioma, que cultivou apenas por puro desfastio e interesse cultural. Imaginamos o que teria acontecido, caso se tivesse tornado médium, entrando despercebidamente no terreno da mediunidade!

Em relação à assombrosa observação de Andrew Johnson Davis, acima referida, devem as coisas ter ocorrido de maneira idêntica, a julgar pelo que nos diz o professor Perty, um dos seus comentaristas: “Quando se trata de coisas gerais, que podem ser julgadas pelo bom senso comum, as opiniões de Davis apresentam-se como certas, de acordo com as idéias correntes da época. Tratando-se, porém, de coisas que exigem conhecimentos positivos, aí se revelam suas comunicações como cheias de erros e extravagâncias, que só podem impressionar aos que as conhecem insuficientemente”. Entre diversos outros exemplos, o comentarista apresenta a concepção de Davis sobre a vida e estrutura do corpo humano, que é desajeitada e cheia de erros. E conclui por dizer que, no terreno da ciência positiva, todas as aspirações e intensificações das forças espirituais por meios de tranSES mediúnicos de nada valem. Aliás, é isso que tem sido verificado nas mais variadas circunstâncias, toda vez que os fenômenos em questão são investigados de maneira objetiva, verdadeiramente científica. Onde isso aparece de modo particularmente evidente é no campo da Medicina, em problemas de diagnósticos e tratamentos intuitivos, como será ainda por nós devidamente analisado.

Em todas essas manifestações nunca encontramos nada de novo nem de estranhos, pois a sugestão e a hipnose não podem criar coisas que não existam, algo de essencialmente novo e desconhecido. O que conseguem fazer é suprimir inibições, criar estados de consciência especiais, centrar a personalidade do indivíduo de maneira diferente. Assim, pode ele aparecer diferente

do que é e dispondo , até, de recursos que parece não possuir. Torna-se cada vez mais evidente que a nossa vida de civilizados anda travada por toda sorte de sugestões e convenções, que nos dirigem e dominam desde os nossos primeiros tempos de existência, e, depois através da educação escolar, o trabalho profissional, a vida de família e de sociedade. Já se tem dito, com toda razão, que as crianças entram para a escola como pequenos gênios, para se transformarem, em pouco tempo, em quase verdadeiros idiotas. Tudo é tão falso e convencional que, desde muito cedo, vamos perdendo a espontaneidade da nossa inteligência, a liberdade de ação, o caráter e a felicidade. Em obras anteriores, temos estudado o desvirtuamento e a destruição dos nossos instintos pelos efeitos da cultura adquirida, talvez constituindo o caso da dançarina sonâmbula, acima descrito, exemplo característico para mostrar como realmente as coisas se devem passar. Acredito que capacidades desse gênero e inúmeras outras devem estar abafadas e destruídas por erros de educação e da nossa vida social, quer sob o ponto de vista da família quer da profissão. Tenho a convicção de que uma melhor compreensão da vida humana favoreceria o aparecimento de capacidades mais poderosas e espontâneas, mais de acordo com as nossas tendências instintivas. Eu próprio devo confessar que não consegui aprender a dançar, apesar de ter tomado inúmeras lições, em cursos coletivos e particulares, quer no meu tempo de estudante, quer muitos anos depois. Sentia-me sempre, então, uma triste figura, tal o desajeitamento dos meus passos e viravoltas. No entanto, não sofria de defeito físico algum e até possuía habilidade para esportes e exercícios. Por motivos fáceis de perceber, não é de admirar que técnicos e conhecedores do bailado, profundamente impressionados pelas representações da bailarina sonâmbula, fizessem restrições à sua arte. O seu grande talento residia na improvisação, na adaptação ao sensual e ao afetivo, na segurança do ritmo, na compreensão de timbres e movimentos. Objetavam-lhe, porém, falta de dignidade em relação à medida certa, de sentimento cultural em relação ao texto, de mímica convencional em relação ao sentimento. Por isso, discutiam se se tratava realmente de arte verdadeira ou de qualquer coisa de menos elevada. Era simples produto de hipnose e sugestão? Vê-se quanto as perguntas eram falazes e capciosas. Na verdade, devia ser bem indiferente, sob do ponto de vista artístico, o fato de trabalhar a dançarina sob ação sugestiva ou de uma leve

hipnose. Não é sempre inconscientemente que o indivíduo se torna grande artista, quer na arte da dança, da música ou da poesia? Todos estão de acordo em que é a espontaneidade, o instinto, a vocação, que tem aí mais força e decidem quanto às qualidades do verdadeiro artista. Por isso, não é sempre da maneira indicada, isto é, pelo aparecimento de faculdades superiores, que se revelam os processos de sugestão no campo mediúnico. Tudo depende do indivíduo, das suas capacidades físicas ou intelectuais que, quando muito, podem tornar-se livres, desimpedidas. Charles Richet relata três casos de dança automática, nos quais os figurantes pareciam pessoas de flagrante mediocridade. Uma delas é uma senhora de 35 anos, casada com um comerciante e que, certa vez, sentiu impulsos para tomar poses hieráticas e executar danças, que imaginava indianas. Contra a sua vontade fazia contorções bizarras dos membros, do dorso, das mãos e dos pés. E fez fotografar-se nessas atitudes, envolta em ligeiros véus. Depois, procurou exhibir-se em público, mas sem obter qualquer sucesso. Fora desse delírio impulsivo, no qual agia como se estivesse em semi-sonho, parecia possuir juízo inteiramente normal. Num outro caso, uma mulher de 40 anos tem uma desavença com o amigo, que se recusa atender a seus pedidos. Entra para o quarto e, momentos depois, volta quase nua, os olhos semi-cerrados, parecendo inconsciente. E começa a executar poses singulares, genuflexões, movimentos giratórios, como nas danças indianas. Depois de uns dez minutos desses exercícios, é presa de uma crise de lágrimas e, no dia seguinte, parece ter esquecido toda aquela encenação. O terceiro caso é o de uma mulher de 45 anos, generosa, altruísta, cheia de abnegação e que, certo dia, sem razão aparente, se sentiu impulsionada a executar exercícios coreográficos do chamado gênero indiano, que ela própria tem consciência de estar em contradição com a sua conduta habitual. Richet admite que nessas manifestações nada há de metapsíquico e que seria absurdo supô-las produzidas por intervenções estranhas, sobrenaturais. E conclui que devem provir de impulsos inconscientes, ligados a vagas reminiscências de misticismo oriental. A explicação é de todo aceitável, podendo a psicanálise esclarecer a significação do fenômeno em toda a sua extensão.

Pelas observações apresentadas, verifica-se que o indivíduo pode comportar-se como sendo possuidor de uma personalidade diferente da sua, sobretudo quando se encontra em estado de

sugestão ou hipnose. Nessas condições há, por assim dizer, um verdadeiro desdobramento da personalidade, que pode atingir graus diversos e, nos casos extremos, parecer proveniente de dois indivíduos diferentes. Um dos primeiros casos descritos nesse sentido e que se tornou célebre, chamando a atenção sobre o assunto, foi o do doutor Azam, de Bordéus, publicado em 1879. Tratava-se de uma moça chamada Felida, costureira e que, pela idade dos 14 anos, começou a apresentar sinais de desdobramento da personalidade. Depois de uma emoção, ou mesmo sem razão alguma, sentia uma dor viva nas fontes, caindo em profunda prostração, semelhante ao sono. Esse estado durava poucos minutos, passados os quais abria os olhos, parecendo acordar, e entrava no que se convencionou chamar a sua condição segunda. Azam, que assistiu centenas de vezes a essa transformação, descreveu-se minuciosamente, mostrando que se operava, então, radical mudança no caráter da moça. De normalmente triste e indiferente que era, tornava-se alegre, viva, exaltada e extremamente sensível a qualquer emoção. No seu estado normal, não se recordava de nada que acontecia durante as crises, embora, nestas, se lembrasse do que havia ocorrido nas crises anteriores, assim como dos acontecimentos da sua vida normal. Azam diz que, se tivesse qualquer dúvida sobre a realidade de tais fatos, teria deixado de tê-la, diante do que observou posteriormente. A moça estava noiva, e na segunda condição, engravidou. No seu estado normal, nunca fazia alusão a esse fato, que devia ignorar, embora, na crise, falasse dele quase naturalmente. Uma vizinha, julgando que Felida estivesse representando comédia, falou-lhe abertamente da situação em que se encontrava, o que acarretou grave e prolongada crise nervosa. Depois disso, a moça casou-se, teve diversos partos e continuou tendo as crises, espaçadas às vezes até de anos. Mais tarde, porém, a condição segunda foi reaparecendo e se tornando cada vez mais persistente, a ponto de dominar quase por completo a sua existência. Ela voltava, então, raramente ao seu estado normal e sempre por pouco tempo. Vivia, assim uma nova vida, dentro da qual não se recordava de nada que ocorria quando em sua normalidade. É fácil calcular as conseqüências desagradáveis e até mesmo desastrosas que tal situação devia acarretar, por exemplo, quando ela, quase subitamente, voltava ao seu estado primitivo. Uma vez, regressando de carro de um en-

terro, em companhia de outras pessoas, operou-se a transformação de maneira tão rápida que ninguém viu quando ela adormeceu passageiramente, apenas durante segundos. Ao acordar, encontrando-se no seu estado normal, ignorava por que estava num carro de enterro, entre pessoas que não conhecia e que exaltavam as qualidades de uma defunta da qual não sabia nem o nome. De outra vez, a transformação operou-se na rua, onde perdeu o conhecimento e caiu sem sentidos, sendo socorrida por transeuntes. Voltou logo a si, mas então no seu segundo estado: tão alegre que os circunstantes devem ter ficado perplexos, sem saber donde poderia provir tão súbita e inesperada alegria.

No caso de Felida, há duas particularidades importantes, que o tornam diferente dos da sugestão hipnótica, por meio da qual também é possível conferir ao sujeito personalidades diferentes. A primeira é relativa à questão do tempo, pois Felida chegou a passar até anos, quer num, quer no outro estado; a segunda refere-se ao seu estado segundo, durante o qual continuava sendo Felida, sabendo que se tratava de uma única e mesma pessoa. A passagem de um para outro estado operava-se às vezes de modo quase imperceptível, não raro à noite, enquanto dormia, ou durante uma tarefa caseira qualquer, que ela prosseguia executando naturalmente.

Pouco tempo depois desse observação, em 1886, Pierre Janet publicou um caso de desdobramento de personalidade obtido por meio do hipnotismo e no qual o sujeito dava respostas diferentes, em geral inversas, às questões que lhe eram apresentadas. Enquanto a pessoa hipnotizada respondia oralmente às perguntas formuladas, dava o seu duplo respostas por escrito. Isso levou Janet à conclusão de que, nas crises histéricas, era o segundo personagem que recebia as sugestões e dirigia a cena patológica. E acrescentou: “Esta dissociação dos fenômenos psicológicos em dois, um consciente e outro inconsciente, não é talvez peculiar aos histéricos, sendo possível que também exista em indivíduos isentos de histeria. Qual é, com efeito, o caráter principal da segunda personalidade? É o ser ignorada pela primeira. Mesmo em relação ao homem normal, não existem atos e séries de atos que podem ser executados inconscientemente? Quem os poderia realizar, senão uma personalidade diferente da personalidade consciente? Durante o sono, sem sermos sonâmbulos, temos sonhos e executamos movimentos,

dos quais, ao acordar, não guardamos a menor idéia. Em certos estados patológicos, tais fatos aparecem ainda com maior evidência. Na embriaguez, por exemplo, pode a personalidade consciente ser aniquilada pelo álcool de tal modo que um indivíduo pode beber, por exemplo, durante a noite inteira, sem, no dia seguinte, passado o efeito do álcool, lembrar-se dos atos que praticou durante aquele espaço de tempo. E o mesmo pode acontecer quanto ao clorofórmio.”

Em alienados se tem observado que o desdobramento da personalidade pode tomar formas verdadeiramente plásticas, tanto em relação ao que o doente pensa, quanto ao que sente. Bibot descreve diversos casos, entre os quais o de um agente de polícia que, anteriormente, fora soldado. Esse indivíduo recebeu diversas pancadas na cabeça, que lhe acarretaram perda progressiva da memória, que atingiu tal ponto que teve de renunciar ao seu emprego. O seu espírito se foi tornando cada vez mais confuso, até que, no final, ele se acreditava um ser duplo. Falava por isso, de si na primeira pessoa do plural: “Vamos sair, fomos muito longe”, etc., e justificava essa maneira de se exprimir dizendo que, em sua companhia, havia sempre uma outra pessoa. Nas refeições dizia: “Eu estou satisfeito, mas o outro ainda tem fome”. Às vezes, de súbito, começava a andar e quando lhe perguntavam a razão, respondia: “Eu próprio gostaria mais de ficar parado, mas o outro me obriga a andar, apesar de eu o segurar pelo paletó”. Certo dia, precipitou-se sobre uma criança para estrangulá-la, atribuindo ao outro tal atentado. Finalmente, cometeu uma tentativa de suicídio, procurando matar o outro, que acreditava escondido no lado esquerdo do seu corpo. Por isso, dava-lhe o seu próprio nome, acompanhado da palavra esquerda, enquanto para si empregava o mesmo nome, seguido de direito. O estado agravou-se progressivamente, tendo acabado em loucura completa.

A hipnose constitui, aliás, magnífico recurso para o estudo de desdobramentos da personalidade, fenomenologia que tem confundido muitos observadores, dando lugar às mais disparatadas interpretações. O professor Krafft-Ebing, de Viena, já mostrara nos primeiros tempos do magnetismo animal, que era possível, pela hipnose, criar condições inteiramente diferentes das da vida normal, fazendo até o indivíduo reviver fases passadas da sua existência. Em 1888, fez a sugestão de que de-

terminada pessoa tinha apenas dois anos e meio de idade, o ela logo se comportou como se fosse realmente essa a sua idade: sentou-se no chão, brincou com uma boneca que não passava de um pedaço de pau, pô-la no berço, deu-lhe açúcar, etc. Depois, o experimentador fingiu admirar-se de já estar ela tão crescida, tendo oito anos de idade, e a conversa foi como se fosse ele o professor, estando ela na escola. Fez-lhe diversas perguntas sobre estudos, que foram respondidas razoavelmente, com voz característica de criança. Em seguida, deu-lhe papel e tinta e ela escreveu com caligrafia infantil, até trocando letras, como fazem escolares dessa idade. A sugestão seguinte foi de que não era mais uma moça, mas sim um homem, recrutado para o exército, e que estava fazendo exercícios militares. Logo tomou a atitude aprumada de militar, serviu-se de um guarda-chuva como se fosse uma espingarda, perfilou-se diante de um suposto oficial e atirou quando anunciaram o inimigo. Bebeu um copo d'água como se fosse vinho húngaro, fumou uma escova de dentes em lugar de um charuto e, quando lhe disseram que estava embriagada, começou a cambalear, tendo ânsias de vômitos. Para terminar, recebeu a sugestão de estar casada e ser mãe de um filhinho, que ela ninou e acalentou, sussurrando-lhe cantigas para dormir, depois de lhe ter dado de comer e limpar-lhe a boquinha. Krafft-Ebing fez ainda outras observações idênticas, empregando sugestões semelhantes. Num caso, a suposta criança de 3 anos estava sentada sobre os joelhos de um senhor, quando, subitamente, foi-lhe sugerido ter a idade de 15 anos: ficou perplexa, vexada, levantou-se cheia de rubor, achando que aquela situação não era decente, e logo tomou a atitude, os gestos, a expressão, a linguagem de uma pessoa da idade em questão. O médico de Viena pergunta, então: trata-se da reprodução de uma personalidade passada, que se tornou latente na consciência e que reaparece pelo emprego da hipnose, ou, simplesmente, de sugestão, como a pode criar o hipnotizador, até fazendo o indivíduo representar o papel de um animal? Conclui que, neste último caso, não teria a experiência quase valor científico, pois não passaria dessas que são tão comumente exibidas em salões, nas quais o hipnotizador transforma uma pessoa em cachorro ou gato, fazendo-a andar de quatro e latir ou miar, como fazem esses animais. Na primeira hipótese, a experiência teria grande valor científico, pois estaria de acordo com dados de Psicologia, segundo os quais qualquer vivência

psíquica deixaria marcas indeléveis da sua passagem, permitindo sua eventual reprodução. Krafft-Ebing decide-se por esta alternativa, pois considera as manifestações apresentadas como tão plásticas, tão verdadeiras, tão naturais, que mesmo uma atriz genial seria incapaz de reproduzi-las de maneira tão exata e espontânea. Completando a sua descrição, o médico de Viena conta que, certa vez, sugestionou a uma paciente não ter ela senão 7 anos de idade, fazendo-o em presença da sua mãe, mas de tal maneira que a filha não a pudesse ver. Depois de trocarem idéias sobre aquele período de infância, que estava sendo revivido com tão grande espontaneidade que chegou a emocionar a progenitora até às lágrimas, fez a suposta criança voltar-se para ver quem estava presente na sala. A transformação da sua fisionomia foi impressionante: de travessa e infantil passou a trágica e temerosa. Olhou para a mãe com espanto e, quando lhe foi perguntado quem era, respondeu ser a sua mãe, mas que a achava tão mudada que caiu em pranto, como uma verdadeira criança. Krafft-Ebing julga que, naquele momento, devia ter a moça, da sua mãe, uma imagem correspondente à que tivera aos 7 anos de idade, conforme a sugestão recebida, sendo que os 26 anos decorridos desde então devem ter alterado tanto o físico materno, que só isso já bastaria para explicar o seu espanto, produzindo aquela crise de lágrimas.

A interpretação dada por Krafft-Ebing, naquela época, também aventada por outros autores, foi invalidada posteriormente por grande número de observações, que demonstraram não passarem as encenações desse gênero de criações momentâneas, resultantes da simples sugestão hipnótica. Nessas condições, o indivíduo procura realizar a ordem recebida tão bem quanto possível, empregando todos os recursos de que pode dispor, quer quando representa o papel de um bicho, quer de um militar, de um deputado, de uma criança, etc. E não precisa haver aí qualquer trapaça ou simulação, pois tudo corresponde à sugestão, tendo sentido quase tão concreto quanto as próprias realidades da vida. Por essa razão, é muito aceitável a opinião de Koehler quando admite que, nessas transformações da personalidade, há não só reprodução do passado do indivíduo, mas, igualmente, associações provenientes da sua presente situação. O que parece acontecer em primeiro lugar é um recalçamento dos acontecimentos mais próximos, compensado pelo apareci-

mento de outros mais longínquos. Quando se faz a sugestão de o indivíduo encontrar-se ainda na sua primeira infância, o que ocorre é o fato de suprimir ele os acontecimentos da sua existência atual até aquele período, que então predomina, aparecendo com maior relevo e precisão. Aliás, isso pode acontecer mesmo em relação a um passado já muito afastado. Teremos de referir o caso de uma empregada doméstica que, durante a hipnose, se pôs a fazer citações em hebraico e latim, línguas que ignorava por completo, não possuindo delas qualquer conhecimento. Uma investigação esclareceu, porém, o mistério: ela havia ouvido essas frases quando empregada de um padre, que tinha por hábito pronunciá-las em voz alta, e não sabia que as havia guardado inconscientemente. Benedickt relata o caso de um oficial inglês que, hipnotizado, passou a exprimir-se em língua desconhecida, que se descobriu ser o “walis”, da Polinésia, que aprendera em criança e havia esquecido por completo. O mesmo aconteceu no caso referido por Richet, de uma mulher que, em estado hipnótico, cantava árias do segundo ato da “Africana”, enquanto, acordada, não conseguia lembrar-se de uma só das suas notas. Mais comuns, ainda, são os místicos e religiosos que, em estado de transe ou êxtase, recitam passagens da Bíblia, não raro textualmente e com a maior precisão. Se tem havido tendência para se admitir tais fatos como sobrenaturais, operados por inspiração divina ou pela intervenção de espíritos, não há dúvida que se deixam eles explicar pelo mecanismo psicológico que estamos analisando e que se pode manifestar mesmo fora do estado hipnótico. Muito citado tem sido o caso de um francês, vivendo na Inglaterra, e que falava inglês correntemente. Um dia, recebeu uma pancada na cabeça e, durante todo o tempo da doença, não conseguiu falar senão francês. Caso semelhante é o de um velho que, na juventude, viveu na fronteira polonesa, falando somente polonês. Depois, passou a habitar a fronteira alemã e, durante mais de 30 anos, não pronunciou uma única palavra daquela língua, como afirmaram seus filhos. Pois bem, durante uma narcose pelo clorofórmio, que durou duas horas, esse homem falou, rezou e cantou, mas somente em polonês. Ainda mais freqüentemente acontece isso em momentos graves da vida, sobretudo na hora da morte. Um pastor luterano, de origem alemã, o Dr. Ruch, refere que, no seu distrito, na América, onde havia muitos alemães e suecos, rezavam quase todos, antes da morte, na língua materna, apesar

de muitos não a falarem há mais de 50 e 60 anos. Winslow relata que os católicos convertidos ao protestantismo rezam sempre, antes da morte, orações católicas, da religião da sua família. Por esse mecanismo, torna-se compreensível que muitos cétricos e ateus se convertem, quase sempre antes da morte, às primeiras crenças dos seus pais.

Todos esses exemplos mostram que o material acumulado nos primeiros anos de vida não desaparece do nosso cérebro, devendo ser apenas coberto ou recalçado pelo que vai sendo adquirido posteriormente, de maneira permanente, seguida, obrigatória. Um fato de observação muito corrente é de terem os velhos melhor memória para os acontecimentos passados do que para os dos últimos tempos da sua existência. Tive uma tia que se tornou caduca pela idade, perdendo por completo a memória. A sua desorientação era de tal ordem que, certa vez, passando de uma câmara mortuária, onde se velava o cadáver de um parente, para o quarto ao lado, perguntou porque choravam, já se tendo esquecido da presença do defunto, que ela acabava de ver. Pois bem, mesmo nesse estado de decrepitude, bastava que lhe cantassem os primeiros compassos de qualquer música conhecida de seus velhos tempos, para que prosseguisse com exatidão, indo até o fim. Isso acontecia sobretudo com valsas chorosas da sua mocidade, e, também, com o hino nacional.

Outro fato que tem sido assinalado é, como já dissemos, de o desdobramento da personalidade operar-se por acidentes e traumatismos, sobretudo cranianos, muitas vezes acompanhados de lesões cerebrais. Um caso muito conhecido na literatura é o de um jovem pastor chamado Hanna que, sendo precipitado fora do veículo em que viajava, bateu com a frente de tal modo, que permaneceu duas horas desacordado. Quando voltou a si, teve um verdadeiro acesso de loucura. Depois, ficou tranqüilo, mas passou a comportar-se como se fosse uma criança recém-nascida. Não falava, não reconhecia ninguém, não sabia afinal de nada, nem quanto ao tempo, nem quanto ao espaço. Acompanhava com os olhos os movimentos feitos em torno dele, mas não coordenava os seus próprios membros, de maneira que precisava ser alimentado quase artificialmente. Assim, teve necessidade de reaprender tudo, como se se tratasse de uma verdadeira criança, embora fazendo-o melhor e mais rapida-

mente. Poucas semanas depois, eram grandes os progressos e a memória parecia voltar. Já conseguia repetir, sem errar, frases em hebraico, do seu antigo conhecimento, apenas ouvindo-as uma única vez, sem, contudo, ainda compreender a sua significação. Nos seus sonhos surgiam nomes e cenas que ele considerava desprovidos de sentido, mas que tinham relação com a sua vida passada. Uma manhã, acordou de posse de todos os conhecimentos que possuía antes do acidente, mas sem saber onde se encontrava, não se recordando de nada do que ocorrera nas últimas semanas. Pouco depois, caiu em sono profundo, que durou algumas horas e do qual acordou tendo a sua segunda personalidade. Depois disso, os dois estados se alternavam: uma pequena crise de sonambulismo levava-o ao estado segundo, enquanto o sono normal restabelecia a sua personalidade primitiva. Os médicos fizeram tudo para libertá-lo das crises de sonambulismo, mas sem qualquer resultado. Por fim, teve um novo acesso, as duas personalidades se fundiram e, assim, voltou-lhe a memória, ficando ao corrente das duas situações.

Doenças, febres, perdas de sangue, e mesmo a fome, podem modificar profundamente a personalidade do indivíduo. Winslow conta a história de um inglês, que, tendo visitado diversas galerias de minas na Alemanha, ficou tão cansado e falto de alimentos, que não pôde prosseguir falando alemão com o seu guia, pois todas as palavras e frases dessa língua haviam desaparecido da sua memória. Não foi senão pelo repouso e a alimentação que recuperou a faculdade de se exprimir naquele idioma. O mesmo autor relata o caso de uma senhora que, depois de uma grande hemorragia uterina, “esqueceu onde morava, quem era seu marido, quanto tempo havia estado doente, o nome dos seus filhos e o seu próprio. Não podia designar coisa alguma pela sua verdadeira denominação e, quando tentava fazê-lo, cometia erros dos mais singulares. Antes da doença, tinha o hábito de falar francês, em lugar de inglês. Mas, naquela situação, perdeu todos os conhecimentos do francês; quando o marido lhe falava nessa língua, parecia nada compreender embora pudesse conversar em inglês, sem dificuldade”.

Quanto a acidentes cranianos, Grimaud cita a seguinte observação: “Na sua partida para a Grécia, um dos nossos sábios foi lançado fora da carruagem, devido a um baque

violento. Caiu-lhe sobre a cabeça uma caixa pouco pesada, que não produziu, nem dor, nem qualquer ferimento. Mas, a vítima esqueceu totalmente de que país havia saído, qual a finalidade da sua viagem, o dia da semana, a refeição que acabara de fazer, toda a instrução que possuía. Esqueceu, também, o nome dos seus pais e dos seus amigos, não se lembrando senão do seu próprio, dos de seus filhos e do símbolo da Trindade. Tornou à carruagem e, depois de meia hora de sacudidelas por um caminho cheio de pedras, curou-se completamente.”

Quedas e pancadas na cabeça podem criar lacunas de memória, por vezes só referentes ao acidente, que em alguns casos permanece desconhecido da própria vítima, enquanto, em outros, afetam diferentes períodos da sua vida. Eu próprio já sofri acidente desse gênero, batendo, numa queda, com a cabeça contra um canto pontiagudo. Deve ter havido perda da consciência de apenas alguns segundos, pois não consegui recordar-me das condições em que se produziu o acidente, nem como fui ter ao lugar em que se operou. Apesar disso, permaneceu uma lacuna definitiva em torno desses pormenores, cuja duração total não pode ter excedido de poucos segundos. Taine, baseado em velhas observações, explica: “Alguns feridos esquecem somente o acidente, mas não as suas circunstâncias: outros, apenas as circunstâncias, mas não o acidente”. Hoje sabemos que o tempo de duração da amnésia pós-traumática corresponde à severidade do choque ou da alteração cerebral. Nos casos mais brandos há recuperação completa da função, que pode ser apenas parcial nos mais graves. Investigações recentes têm mostrado que todo o processo pode operar-se por simples concussão, sem haver lesões estruturais, histológicas. A recuperação, em geral, é cronológica, no sentido de serem os fatos mais aproximados do acidente os últimos que voltam à recordação.

Depois das observações que acabam de ser apresentadas, torna-se evidente que o desdobramento da personalidade é real e objetivo, não havendo necessidade de nada de sobrenatural para explicá-lo. Tudo está dentro da natureza, de acordo com as suas leis, na dependência dos fatores humanos, como um fenômeno do nosso subconsciente. Mostramos que o automatismo psicológico e outras manifestações muito exploradas pelos adeptos do espiritismo e das chamadas ciências ocultas têm

seus equivalentes naturais, que fazem parte da nossa vida comum. Mesmo nessa vida comum é corrente o indivíduo modificar-se de tal maneira, que a sua existência pode parecer vivida por pessoas diferentes, cada uma com seus interesses próprios e as suas próprias idéias, que podem ser tão dessemelhantes, a ponto de repudiar aquilo que foi objeto dos seus atos e pensamentos, mas que se tornou depois motivo de revolta, desprezo ou arrependimento. Foster diz que, se cada uma dessas fases da vida pudesse ser encarnada por pessoas diferentes, formar-se-ia um grupo tão heterogêneo de indivíduos que, provavelmente, ficariam eles em oposição, desprezando-se mutuamente, ou rapidamente se separando para nunca mais se verem.

Fato idêntico pode ser verificado em relação ao sonho, no qual o indivíduo aparece diferente do que é em seu estado habitual de vigília, por vezes até se revelando possuidor de conhecimentos que parece não ter quando está acordado. O filósofo Delboeuf descreve o seguinte sonho, que se passou com ela próprio: encontrava-se no pátio da sua casa, que estava coberto de neve. Aí, encontrou duas lagartixas enterradas na neve, já endurecidas pelo frio. Como bom amigo de animais, tomou-as nas mãos, aqueceu-as e colocou-as em uma greta de muro. Depois, colocou ao lado delas algumas folhas de uma hera que crescia no muro e que aqueles animais muito apreciavam. Ainda em sonho, lembrou-se do nome dessa planta: “*Asplenium ruta muralis*”. Delboeuf, que conhecia o nome latino de poucas plantas, verificou, depois de acordar, que ignorava aquele da do sonho, mas que existia realmente, embora o tivesse ligeiramente deturpado, pois em vez de “*muralis*” tratava-se de “*muraria*”: “*Asplenium ruta muraria*.” Delboeuf ficou perplexo diante desse fato, mas, 16 anos mais tarde, conseguiu sua explicação, tendo encontrado, em casa de um amigo, um pequeno álbum de flores secas no qual descobriu o *Asplenium* com que sonhara, tendo o nome latino escrito por baixo e pelo seu próprio punho! Tratava-se de um daqueles álbuns que, em certas regiões da Suíça, é hábito venderem aos turistas, e no qual o próprio Delboeuf havia posto sob cada planta a respectiva classificação latina, que lhe foi ditada por um botânico. Depois o álbum foi dado de presente ao amigo, como oferta da sua irmã.

Freud relata que um dos seus pacientes teve um longo sonho, no qual se encontrou num café e pediu um *Kontuszówka*.

O paciente disse ao psicanalista que não sabia o que significava essa palavra e que nunca a havia ouvido. Freud explicou-lhe que era o nome de uma aguardente polonesa, que o paciente não podia ter inventado e que certamente já conhecia de há muito, pelos cartazes de propaganda. A princípio, o cliente não quis acreditar na explicação, mas, poucos dias depois, verificou que estava certa, pois descobriu o tal anúncio numa esquina, pela qual passava pelo menos duas vezes por dia. O professor Lehmann descreve o caso de um empregado numa farmácia que, ao deitar-se, verificou ter perdido o molho de chaves, que não conseguiu encontrar, por mais que procurasse. À noite, sonhou que estava sentado num banco de jardim e viu o molho dependurado no galho de um arbusto, que pendia sobre um banco. Pela manhã, lembrou-se do sonho e foi encontrar as chaves no lugar indicado. Naturalmente, ele havia executado o ato sem dele se dar conta e, no sonho, lembrou-se do que fizera sem pensar. Em outros casos, o sonho pode resolver problemas e dificuldades da vida corrente. Em nosso livro, — O Homem, mencionamos diversos casos dessa natureza, daquilo que se poderia chamar de inspiração, ocorrendo tanto no sonho, quanto, em geral subitamente, também estando o indivíduo acordado. Na literatura, existem numerosos exemplos, muitos deles relativos a homens célebres que, sonhando, encontraram soluções para questões difíceis que os preocupavam e que talvez não pudessem encontrar acordados. Já referimos que isso nos acontece, por vezes, quanto ao diagnóstico e tratamento de casos clínicos obscuros, até aí ainda não corretamente interpretados. Interessante é a sensação de segurança e certeza dada por essas soluções subscientes, conforme vem relatado por quase todos os indivíduos que se têm dado conta dessas particularidades.

Uma observação de especial interesse é a relatada pelo conselheiro imperial russo Aksakow, considerado como uma das inteligências mais penetrantes que se tem ocupado das questões metapsíquicas, fundando a doutrina do animismo. “Numa sessão de psicografia, um médium escreveu o nome Cardoso e a palavra “Emek Habaccha”. Perguntando-lhe o que significavam, o médium respondeu: “Vale de Lágrimas”, e acrescentou que isso se encontrava uma única vez no Antigo Testamento, Salmos, capítulo 84, versículo 7. Quando ao nome Cardoso, Aksakow conseguiu apenas descobrir haver existido um médico português

por nome Fernando Cardoso, que se convertera ao judaísmo. Mas, não lhe foi possível averiguar se alguma vez na vida, em qualquer livro ou escrito, havia ele empregado qualquer citação hebraica. Aksakow não desistiu, porém, da empreitada. Anos depois, no British Museum, em Londres, teve ocasião de examinar as diversas obras de Cardoso, que encontrou cheias de citações hebraicas, entre as quais, todavia, não conseguiu descobrir as palavras em questão. Por isso, permaneceu como verdadeiro mistério o fato de ter o médium empregado esses vocábulos hebraicos, ligando-os, ainda, ao nome de Cardoso, que era completamente desconhecido por todo mundo. Não foi, afinal, senão anos depois, que Aksakow desvendou o enigma, quando encontrou, num pequeno livro alemão de provérbios e sentenças, as palavras: “Emek Habbacha” — “O Vale de lágrimas”, usadas como moto, no alto de uma página, com a indicação de serem do médico português judeu B. Cardoso. Dessa maneira, tornou-se evidente que era daí que o médium havia retido as palavras em questão e, também, aliás erradamente, o nome do médico. Examinando melhor o livro, Aksakow descobriu que muitas outras comunicações feitas em línguas estrangeiras, em sessões de psicografia por ele organizadas, provinham da mesma fonte. O livro aparecera poucos meses antes dessas sessões, sendo, portanto, indiscutível que o médium o devia ter lido, ou, pelo menos, folheado superficialmente, ficando-lhe gravadas na memória algumas citações, que depois foram reproduzidas automaticamente”.

É sobretudo no campo da vidência que se observam fenômenos dessa natureza. Um exemplo, relativo à visão no cristal: uma moça “fixado o cristal uma manhã, antes da primeira refeição, leu, em caracteres de imprensa, muito claros, o anúncio da morte de uma pessoa de seu conhecimento, com a data e as diversas circunstâncias desse acontecimento. Aterrorizada com essa leitura, consultou o “Times” da véspera e percebeu, entre os anúncios de morte, as próprias palavras que acabava de decifrar. Na mesma página do “Times” encontrou também diversas notícias, que se lembrou de haver lido. O que deve ter acontecido é terem seus olhos visto, sem maior atenção, a notícia necrológica, que se alojou num canto especial da memória, tomando a forma de alucinação visual, por uma modificação particular da consciência produzida pela contemplação do cristal”. A explicação é razoável e deve estar certa, podendo

ser até interpretada de maneira mais completa pelos modernos ensinamentos da psicanálise.

Em outros casos, existe uma relação de causa e efeito entre determinados fenômenos, que podem ser desencadeados uns pelos outros. “Uma mulher que, durante um ofício religioso, caíra em transe, bastava ouvir, desde então, um coral ou sentir o cheiro de incenso para ficar logo como hipnotizada”. Aliás, mesmo na vida corrente, não são raras as manifestações de dupla personalidade. Também poetas, sonhadores e, sobretudo, alienados, consideram como verdade o que, na maioria das vezes, não passa de criação da sua fantasia, sendo que, mesmo para o homem normal, não é sempre fácil saber onde acaba a realidade e começa o trabalho da imaginação.

Flaubert conta que se identificava de tal modo com os seus personagens imaginários, que chegava a sentir os sofrimentos que lhes atribuía. “Quando descrevi o envenenamento de Emma Bovary, percebi tão bem o gosto do arsênico na boca, senti-me tão envenenado, que tive duas indigestões seguidas, indigestões muito reais, porque vomitei todo o jantar”.

H. Taine relata que Balzac uma vez “descreveu com entusiasmo um cavalo branco que pretendia dar de presente a Sandeau. Alguns dias depois, acreditava que realmente o tivesse feito e pediu notícias do animal ao próprio Sandeau; provavelmente, diante do espanto e da negação do seu amigo, deixou de acreditar no seu presente”. Na mitomania não é raro o indivíduo acreditar nas suas próprias mentiras, que se tornam mais verídicas à medida que as vai repetindo. Também Goethe era capaz de criar ilusões de aspecto muito objetivo. “Quando os olhos, diz ele, e abaixo um pouco a cabeça, faço aparecer uma flor no meio do campo da visão. Essa flor não conserva a sua primeira forma: abre-se e do seu interior saem novas flores, formadas de folhas coloridas e, algumas vezes, verdes. Essas flores não são naturais, mas fantásticas, simétricas como rosetas de escultores”.

Outro fenômeno, não muito raro, é o da despersonalização, quando coisas e pessoas, em torno de nós, nos parecem estranhas, falsas, irrealis, por vezes surpreendendo-nos a nossa própria voz e toda a nossa personalidade, pelo seu aspecto artificial, autômato, como independente de nós. Dessoir conta,

de si próprio, que, ao fazer conferências, lhe aconteceu perceber estar mergulhado em profundo silêncio, reconhecendo, então, que havia parado de falar. Isso sucedia quando tratava de questões por demais claras e sabidas, que prosseguia expondo automaticamente, pensando em outras coisas. Em grau menor, quase todo o mundo pode fazer observações pessoas idênticas, quer falando ou escrevendo, quer executando atos simples, mecânicos, espontâneos, que requerem pouca atenção. Por esse caminho, o subconsciente consegue realizar, aliás, coisas assombrosas. O caso de Helena Smith é, nesse particular, especialmente ilustrativo, merecendo ser relatado minuciosamente.

O livro do professor Theodor Flournoy, da Universidade de Genebra, tendo por título “Des Andes à la Planète Mars”, ocupa-se dessa observação, que é, sem dúvida alguma, a mais célebre jamais publicada sobre problemas do mediunismo. Trata-se de uma moça de origem alemã, que aparece na publicação sob o pseudônimo de Helena Smith. Ela trabalhava como chefe de seção num magazine, falando só francês, pois quase não conseguira aprender alemão, apesar de ter tido lições deste último idioma durante muitos anos. Era inteligente, viva, sonhadora, cheia de fantasia, o que estava em contradição com o emprego e o ambiente em que vivia, prosaicos, burgueses, acanhados. Desde cedo, manifestou tendências para alucinações e automatismos, até que, mais tarde, caiu em transe, freqüentando sessões espíritas. Neste estado sempre se sentia guiada por um mesmo espírito, que se apresentava sob o nome de Leopoldo, embora fosse o autêntico Cagliostro, o célebre charlatão que teve grande sucesso na corte de Luiz XVI. Cagliostro tivera forte paixão pela rainha Antonieta, e, agora, descobrira-a, de novo na Terra, encarnada no corpo de Helena Smith. Quando esta caía em estado hipnótico, revivia os tempos gloriosos do seu passado real, como se estivesse em Versalhes e na corte de França. Mas, antes dessa época, quinhentos anos antes, já estivera neste mundo, sob o nome de Simandini, filha de um xeque árabe e esposa de um príncipe hindu, Sivrouka Nayaka, que reinou em Kanara e construiu, em 1401, a fortaleza de um xeque árabe e esposa de um príncipe hindu, Sivrouka também o esplendor daquele mundo oriental, cheio de cores e fantasmagorias. Mas, além desse passado glorioso e duplamente real, Helena foi ainda além: em transe, conseguia transportar-se ao planeta Marte, cujas condições de vida descrevia minu-

ciosamente, tomando parte nas festas, dando informações sobre usos e costumes dos habitantes, falando das suas roupas, das suas comidas, de seu próprio idioma, que ela revelou até com impressionantes particularidades. O caso de Helena Smith foi estudado por Flournoy e outros professores, durante anos seguidos, dando lugar ao volume citado, que é de proporções avantajadas. O seu passado de princesa indiana apareceu confirmado pelo fato de ter ela, certa vez, em estado de transe, escrito corretamente uma linha em língua árabe, apesar de desconhecer por completo esse idioma. Além disso, empregou palavras em sânscrito e revelou fatos históricos da época em questão, cuja autenticidade, professores da Universidade, especialistas no assunto, só a muito custo puderam verificar, chegando depois à conclusão de serem verdadeiros. Diante dessas extraordinárias revelações, era por demais natural que os adeptos do espiritismo não tivessem qualquer dúvida em “admitir que Helena e Simandini fossem uma só e mesma pessoa, em substância e em essência metafísica, apesar do tempo e da distância que as separava”. Ademais, “porque não poderia ir também a alma da médium ao planeta Marte?” O que ela relatou quanto à linguagem dos habitantes daquele planeta e ao que por lá viu não poderia ser contestado: de que maneira? Por meio de que fatos e argumentos? Mas, Flournoy, que investigou o caso durante anos seguidos, aparentando acreditar em tudo para conseguir material necessário ao julgamento, chegou a conclusões claras, decisivas, indiscutíveis, de que os papéis de Simandini e de Maria Antonieta não passavam de ambiciosas fantasias da jovem Helena, que, no estado de transe, se libertava da sua medíocre existência, conseguindo realizar, à custa de um prodigioso trabalho inconsciente, o seu sonho de ser rainha. Nesse sentido, foi verificado que Helena, em criança, havia visto uma hindu, cuja impressão deve ter ficado no seu subconsciente, talvez à espera de poder corporificar-se. É isso uma faculdade da nossa imaginação, como tem sido fartamente verificado por estudos psicanalíticos. A sua história de princesa árabe era, porém, rica em pessoas e acontecimentos, alguns dos quais verificados como autênticos, depois de investigações realizadas por especialistas no assunto. Como explicar mistério tão surpreendente? De maneira muito simples, como mostrou o professor Flournoy. Os dados em questão foram encontrados num pequeno livro francês, publicado em 1828, do qual não

conseguiram descobrir, em Genebra, senão dois exemplares, e isso mesmo com grande dificuldade. A conclusão, portanto, é de que Helena deve ter tido um desses exemplares em mãos. Quanto à frase escrita em árabe, numa das sessões, ocorreu coisa idêntica: provinha de um livro publicado por um médico de Genebra, no qual escrevera essa frase árabe, dedicando-o a um colega. O mesmo se repetiu em relação às palavras em sânscrito, que ela havia guardado, folheando uma gramática e um dicionário dessa língua. Todos esses dados confirmaram-se mutuamente, possibilitando uma explicação simples e natural, particularmente evidente, quando se comparam essas manifestações com as observadas em casos de hipnose e sonambulismo. Muito interessante foi o exame da linguagem marciana, que forneceu uma chave excelente para a boa compreensão de muitos outros problemas psicológicos, sobretudo quanto aos apresentados pela heroína desse espantoso romance. Uma análise da língua em questão revelou que ela provinha diretamente do francês, possuindo número idêntico de sílabas nas palavras, a mesma preponderância de letras, o mesmo ritmo e a mesma sintaxe. Apesar de qualquer idioma humano possuir sonâncias próprias e características, não apresentava o marciano senão os sons da fonética francesa! Todas as diferenças encontradas não iam além do vocabulário! A inventora do idioma marciano, na sua ingênua ignorância, estava longe de suspeitar que as línguas são caracterizadas pela fonética, a gramática e a sintaxe. O que ela procurava fazer era tornar o vocabulário tão original quanto possível! “Dessa maneira, a sua concepção correspondia à do povo e das crianças quando, numa língua estrangeira, percebem apenas um amontoado de palavras incompreensíveis, sem saber que o característico verdadeiro de um idioma, aquele que o diferencia de qualquer outro, é a sua estrutura interna e não o seu vocabulário”. “Esse idioma fantástico é, evidentemente, um simples produto de uma pretensão infantil, procurando criar uma nova língua”. E, na realidade, essa nova língua, estudada filologicamente, não passou de uma brincadeira de criança, muito semelhante àquela que empregam quando fingem falar idiomas de índios ou de estrangeiros.

Interessante é a oposição existente entre o poder espontâneo do subconsciente de Helena para criar esse idioma e a sua incapacidade lingüística na aprendizagem consciente. Flournoy chama a atenção para esse ponto e relata que, depois de ter si-

mulado acreditar na linguagem de Marte, resolveu, quando a médium se encontrava em estado de profunda hipnose, chamar a sua tenção para a semelhança existente entre essa língua e o francês. Helena respondeu que havia coisas ainda mais extraordinárias e, durante meses, Flournoy não conseguiu perceber, nas fantasias marcianas da moça, nada que pudesse provir da crítica pejorativa que havia feito. Mais tarde, voltou à carga e, por duas vezes, estando Helena em estado normal, mostrou-lhe as razões pelas quais julgava que as suas visões e a linguagem de Marte não passavam de criações do seu subconsciente. Helena repudiou essa opinião, servindo-se de uma série de argumentos aparentemente lógicos, embora de feição espírita. Apesar disso, parece que a objeção de Flournoy teve efeito mais profundo, pois, alguns dias depois, Helena apresentou um texto diferente, em ultra-marciano, um novo idioma! Dessa maneira, a defesa acabou dando razão à acusação!

O caso de Helena Smith tornou-se especialmente interessante devido às extraordinárias proporções que atingiu certamente graças à atenção que lhe dedicaram sábios e o grande público. Muito do que ela apresentou pode ser facilmente observado em numerosos outros casos, embora de maneira menos intensa e impressionante. De grande valor psicológico seria a verificação dos motivos e das vantagens auferidas pela autora na representação do seu longo e complexo romance. De qualquer modo, houve proventos materiais, pois Helena obteve proteção de uma senhora rica, cujo filho tinha morrido havia pouco tempo. É doloroso e grotesco acompanhar a odisséia dessa mãe infeliz, que recebia a visita do seu filho como habitando no planeta Marte, possuindo outra genitora, e fazendo estudos universitários, sem saber mais francês! É verdade que, em todas essas exteriorizações, Helena parecia agir de boa fé, sendo a primeira vítima do seu próprio subconsciente. O que ela procurava fazer era contentar os seus instintos, as suas aspirações inconscientes, as fantasias da sua imaginação. Mesmo em sonho, desejava ser rainha e não aquela simples empregada de um grande armazém. Dessa maneira, conseguia ser tratada com carinho e admiração até por professores da Universidade; sentia-se dotada de dons maravilhosos em face do desconhecido; acreditava-se amada por Cagliostro, que devia estar sempre ao seu lado cheio de paixão! Não vale tudo isso muito mais do que as pequeninas realidades da vida, tão cheia de futilidades e aborrecimentos? É de admirar

que Helena tivesse sido arrastada para esse caminho, tendo criado romance tão maravilhoso? Não é essa, também, uma das razões, talvez das maiores, pela qual tanta gente corre em procura do fantasmagórico, nem sequer percebendo as realidades da vida? Dentro do espiritismo, das sugestões hipnóticas, do mediunismo, da psicografia, há muito desejo oculto, muita necessidade de ser diferente e maior ou melhor do que os outros, muita vaidade, muito amor próprio, em geral tão bem disfarçados, que o próprio indivíduo acaba por acreditar na sua humildade e submissão. Não nos esqueçamos de que procurar fugir à morte e querer um lugar na eternidade não são atos de modéstia nem contrição. Mas, na exploração do sobrenatural, existem, ainda, outras vantagens de ordem moral e intelectual capazes de explicar muitas das tendências dos seus prosélitos. É um problema de psicologia humana, que necessita ser melhor investigado. De qualquer modo, penetrar no maravilhoso, ter relações com os espíritos e as divindades, sobrepor-se às insignificâncias terrenas, é recurso de grande valia para elevar a nossa personalidade e contentar o nosso complexo de superioridade. Ao lado disso, a verdade e os fatos objetivos são impessoais, valem por si, deixam-nos de lado, nada têm a ver com as nossas opiniões e os nossos sentimentos. Não é por outra razão que as fantasmagorias e as ilusões são tão poderosas e conservam-se com tanta persistência. E, talvez, em nenhum território humano apareça isso de maneira tão evidente, como justamente no campo do espiritismo. É uma particularidade que merece atenção, sobretudo quando os fatos, por si, não se impõem senão pela força da sua própria realidade, não raro até muito dificilmente.

## CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

*SUMÁRIO: O subconsciente e o poder da sugestão. A nossa memória subconsciente. Sonambidismo. Casos ilustrativos. Desdobramentos da personalidade. O papel da epilepsia. Exemplos do passado. Fugas e lacunas da consciência. Casos célebres. Sonhos e alucinações hipnagógicas. Fatores que influenciam o sono e os sonhos: as doenças, os tóxicos, os medicamentos. Alterações da personalidade por doenças orgânicas. Os alienados e os seus atos normais. Sonhos premonitórios. A arte de sonhar. A profecia de doenças e da morte pela hipnose. A hipnose nos diagnósticos e tratamentos médicos. O papel da sugestão. Uma observação singular de previsão da morte. Explicações e possibilidades. Um caso ilustrativo de Forel.*

**D**O QUE TEM SIDO ANALISADO nos capítulos anteriores, sobressai, antes de tudo, o papel da sugestão, que atinge as zonas mais profundas da nossa personalidade. Os fatos apresentados são, sem dúvida, assombrosos e desconcertantes, talvez por não estarem ainda ao alcance da nossa compreensão, como demonstram as teorias e as explicações até hoje aventadas, que estão longe de nos darem completa satisfação. Se temos conseguido desvendar muitos mistérios da natureza humana, o que sabemos é ainda extremamente pouco, embora já suficiente para nos mostrar que as coisas se devem passar de maneira muito objetiva o natural, mal deixando lugar para interpretações místicas ou sobrenaturais. Pode-se afirmar que elas são simplesmente

como se apresentam, mesmo quando desconhecidas e envoltas em denso mistério. Mistério é, porém, uma palavra mal empregada, e que apenas traduz a nossa ignorância. E não temos o direito de transformar a nossa ignorância em sobrenatural, máxime quando tudo acaba de maneira humana e natural. Se a nossa consciência é um dos maiores mistérios, elevemos reconhecer que esse mistério se impõe como tal somente sob do ponto de vista humano, porque, em última análise, deve ser ela um fator biológico semelhante a inúmeros outros, possuindo a sua significação própria e muito natural. A experiência fornecida pela hipnose e a sugestão fala nesse sentido, deixando-nos perceber algo da sua significação. Antes de tudo, sabemos que a consciência constitui uma parte bem pequena do nosso ser e que, por trás dela, existe todo o nosso inconsciente, que é o verdadeiro repositório das experiências da nossa vida. É aí que ficam guardadas todas as impressões do que acontece conosco, quase à maneira de um registro que conserva guardado tudo que por ele passa. E a gravação pode operar-se, tanto pelo mecanismo da luz quando impressiona a chapa fotográfica, quanto do som agindo sobre a película gramofônica, e, daí, distendendo-se às sensações do paladar, do olfato, do tato, etc. É nesse reservatório que pode ser encontrado todo o material que, durante a vida, nos chegou pelos nossos órgãos dos sentidos e corresponde à nossa experiência pessoal. E não é isso uma simples concepção hipotética, porque está ela de acordo com a realidade dos fatos, podendo explicá-los e ser neles fundamentada. Consideremos a seguinte observação, relatada por Bottey: “Coloca-se sob os olhos do sonâmbulo uma série de folhas de papel superpostas e ordena-se-lhe que escreva, à medida que se vai ditando. Quando já escreveu algumas linhas sobre a primeira folha, esta é retirada subitamente e ele prossegue escrevendo sobre a segunda, sem notar a falta da primeira. Opera-se da mesma forma com a segunda, depois com a terceira e a quarta folha, ficando escritas sobre cada uma delas apenas algumas linhas e de tal modo que, na página seguinte, o sonâmbulo retoma sempre o ponto em que havia parado na anterior. Finalmente, quando termina a quarta folha, coloca-se-lhe nas mãos a quinta, ordenando-lhe que releia em voz alta tudo o que escreveu e que coloque a pontuação nos lugares necessários. Pois bem, ele executa tudo isso com extraordinária exatidão, não omitindo nenhuma palavra e fazendo as correções

nos lugares em que deveriam ser feitas nas quatro folhas retiradas”. Morand mostra que, em experiências desse gênero, se toma necessário desconfiar de estratégias e simulações, sobretudo quando, em estado hipnótico, a sugestibilidade do indivíduo aumenta extraordinariamente, a ponto de obedecer ele a sinais quase imperceptíveis dados pelo experimentador, por vezes sem que mesmo este os perceba, embora podendo traduzir os seus desejos e a sua vontade. Vimos que o sonâmbulo é capaz de ver através das pálpebras semicerradas e que os seus órgãos dos sentidos parecem adquirir maior acuidade, mormente por estarem a serviço exclusivo do sugestionador. Nessas condições, é verossímil que a observação relatada corresponda à realidade, sendo exata até em seus menores detalhes. A nossa memória subconsciente possui capacidade dessa natureza, como tem sido demonstrado por numerosos fatos desse mesmo gênero, verificados por autoridades de renome e que se tornaram parte integrante do nosso acervo científico. Já fizemos referência a uma observação relatada por Braid, cuja citação tem aparecido em numerosos outros trabalhos: o de uma mulher que, “no estado de sonambulismo, recitava, sem hesitar, longos capítulos da Bíblia hebraica, apesar de, acordada, não conhecer uma única palavra dessa língua. Por fim, descobriu-se que ela repetia muito simplesmente o que havia ouvido de um eclesiástico, que tinha o hábito de ler a Bíblia em voz alta e do qual fora empregada quando moça”. Mencionamos um caso idêntico de Charles Richet: “o de uma mulher que, em estado de sonambulismo, cantava árias inteiras da “Africana”, apesar de não ter ouvido essa ópera senão uma única vez e, acordada, ser incapaz de cantar qualquer dos seus fragmentos”.

Entre outros casos de sonambulismo, muito citados na literatura, queremos referir ainda alguns, que ilustram especialmente a questão. Um deles, exposto no artigo sobre sonambulismo da “Encyclopedic française”, é relatado pelo arcebispo de Bordéus: trata-se de um jovem sacerdote, que se levantava durante a noite para preparar sermões e compor música. Para observar melhor a situação, o arcebispo acompanhou-o diversas noites seguidas, verificando o seguinte: o sonâmbulo levantava-se, apanhava o material necessário e punha-se a escrever. Quando compunha música, tomava primeiramente uma régua e traçava pautas. As notas e o texto eram perfeitos e, quando

havia erros, eles os corrigia. Quando terminava um sermão, lia-o em voz alta, do começo ao fim. Se alguma passagem não lhe agradava, riscava-a, escrevendo por cima a correção. Para verificar se ele fazia uso da visão, o arcebispo interpôs uma folha de papelão diante de seus olhos, a fim de cobrir o que estava lendo escrito. Em vez de se perturbar, o padre prosseguiu escrevendo calmamente. A sua percepção estava ligada unicamente ao que estava executando. Por isso, nunca lhe faltava tinta na pena. Quanto ao papel, não notava a sua troca, desde que fosse exatamente igual ao de que se servia. Se houvesse qualquer diferença, percebia e, então, parecia encontrar-se diante de dificuldades. No primeiro caso, de serem idênticas as folhas de papel, tomava-as como se já estivessem escritas, lendo em branco o que havia traçado nas anteriores. Também, no papel em branco, corrigia os erros cometidos nas folhas anteriores, exatamente nos lugares em que haviam sido cometidos! Esse caso é, como se vê, a repetição espontânea da experiência realizada por Bottey, e que acabamos de mencionar.

Weinhole menciona a história de um eclesiástico que, “durante o sono, compunha sermões excelentes, que relia cuidadosamente, corrigindo o estilo e a ortografia. No dia seguinte, grande era a sua surpresa quando encontrava o sermão pronto sobre a sua mesa de trabalho”. Berth observou pessoalmente um estudante de filosofia, cujos colegas o viram levantar-se à noite, passar à sala de estudos e fazer uma composição em versos latinos que, no dia seguinte, ignorava haver executado, pedindo desculpas ao professor por não ter tido tempo para realizá-la”. Gilles de la Tourette menciona uma observação do mesmo gênero: “Um estudante de farmácia, sujeito a acessos de sonambulismo, foi um dia surpreendido quando, nesse estado, se ocupava em fazer uma tradução do italiano para o francês. Procurava palavras no dicionário, como se estivesse acordado, e parecia servir-se de uma luz colocada a seu lado. As pessoas que observavam apagaram essa luz e, imediatamente, pareceu ter ficado ele no escuro. Procurou às apalpadelas a vela que estava sobre a mesa e foi acendê-la na cozinha. Pois bem, no momento em que se julgava no escuro, encontrava-se num quarto bem iluminado, mas por velas diferentes daquela que ele próprio havia acendido e que de nada lhe serviam, porque não sabia que lá se encontravam”! Despine refere o seguinte caso: “Um sonâmbulo roubava todas as noites uma moeda de ouro,

que depositava sempre no mesmo lugar. Vendo desaparecer o seu dinheiro, suspeitou da filha, que era a única pessoa com quem morava. Depois de lhe ter feito reprimendas repetidas e infrutuosas, expulsou-a de casa. Certa noite, acordou sentindo forte dor na planta de um dos pés; acendeu a lâmpada e verificou que estava ferido nesse lugar, onde encontrou um pedaço de vidro. Dessa maneira, esclareceu-se o mistério: ele descobriu outros pedaços de vidro sobre a mesa, sobre a qual devia ter subido enquanto dormia. E, de fato, era ele próprio que depositava, sobre uma estante, as moedas desaparecidas e que de novo encontrou”. Esse caso mostra duas particularidades muito comuns nas crises de sonambulismo: insensibilidade à dor e esquecimento dos fatos ocorridos durante esse estado. Em geral, o sonâmbulo levanta-se durante a noite, veste-se e, dominado por uma impulsão interior, executa atos, mesmo difíceis e complexos, por vezes até com mais perfeição e segurança do que o faria quando acordado. De regra, tornam-se insensíveis a tudo, nada ouvem, obedecem à obsessão que os domina, percebendo apenas o que com ela tem relação. “Mesmo de olhos abertos, não vêem a luz ou as pessoas que se aproximam, não sentem dor, nem frio ou calor. Já foram vistos atravessando a nado rios em pleno inverno e se lançando, sem hesitar, em água gelada”. Por vezes, são vítimas de acidentes graves, dos quais não se dão conta durante o estado de sonambulismo. “Ficam tão absorvidos pela idéia fixa, que se tornam estranhos, de corpo e de espírito, a tudo que não tiver relação com o seu sonho”. O fato de o sonâmbulo andar sobre telhados e mesmo sobre platibandas pode ser explicado pela sua concentração sobre a tarefa que está sendo executada. “O sonâmbulo não vê senão o beiral estreito sobre o qual caminha; é por isso não sente vertigem, nem dá passo algum errado. Não vê e não ouve senão o que tem relação com o sonho que o domina, permanecendo os seus sentidos fechados a quaisquer outras impressões”. No fim de algum tempo, a crise passa, o doente volta, para a cama e dorme calmamente até acordar, levantando-se à hora habitual, sem ter lembrança alguma do ocorrido.

Muito conhecida tornou-se a observação referida pelo célebre médico escocês John Abercrombe, relativa a um advogado que, dormindo, resolveu uma complicada questão judiciária. Tratava-se de uma situação difícil, sobre a qual fora consultado e que vinha estudado intensamente, havia muitos dias. Uma

noite, a mulher o viu levantar-se, indo em seguida à mesa de trabalho, onde escreveu um longo trabalho. Depois voltou para a cama, deitou-se e prosseguiu dormindo tranqüilamente. Pela manhã, ao acordar, contou à esposa que tivera um longo sonho sobre o caso em questão, havendo nesse sonho encontrado a solução e escrito o respectivo relatório. Mas, agora, não se lembrava de nada mais e daria tudo para recordar-se do que sonhara. A mulher fê-lo ir à escrivaninha, onde ele encontrou o parecer completamente escrito e que nada deixava a desejar. Loewenfeld menciona o caso de um estudante holandês que procurava solução para um problema de matemática, que lhe fora dado pelo professor Van Swinden. O estudante havia trabalhado 3 dias para resolvê-lo, mas sem qualquer resultado. Desanimado, foi deitar-se, já alta noite. Pela manhã encontrou, sobre a mesa, uma folha de papel, na qual estava resolvida a questão, sem qualquer erro. A sua surpresa foi tanto maior quanto o cálculo empregado revelou-se como sendo melhor e mais simples do que os das tentativas anteriormente realizadas. Há informações de que La Fontaine e Condillac, por vezes, escreviam trabalhos à noite, em estado de sonambulismo e Coleridge afirma haver escrito o Kubla Khan enquanto dormia. Em outros casos, pode o acesso ocorrer durante o dia, estando o indivíduo dormindo. Renterghem, célebre médico de, Amsterdão, refere a observação de um velho médico, de 78 anos, ainda forte e ativo e que, muito cansado do trabalho da véspera, dormia profundamente a sesta numa poltrona, quando foi chamado pela parteira para um parto difícil. Levantou-se logo, tomou o sobretudo e os instrumentos necessários e partiu a pé para a casa da paciente, que morava perto da sua. Examinou-a e, diante da situação, resolveu fazer o parto artificial. A criança nasceu parecendo morta, mas, depois de meia hora de esforços, conseguiu o velho médico revivê-la. Quando terminou o trabalho, saiu sozinho debaixo de grande tempestade, voltou para casa, sentou-se na poltrona onde estivera dormindo e de novo readormeceu. Pouco tempo depois, acordou e perguntou à mulher se havia recebido um chamado para a paciente em questão, pois tivera um sonho nesse sentido. Quando a esposa lhe disse que acabava de voltar de lá, não quis acreditar, pois não se lembrava nem da visita da sua volta para casa. O marido da paciente o havia achado distraído e confuso, mas ele próprio,

naturalmente, ficou muito admirado quando verificou ter realizado um parto difícil do qual não guardava a menor recordação.

Os exemplos apresentados mostram quanto o sonambulismo é idêntico ao hipnotismo, sobretudo em relação ao automatismo que os caracteriza. O ato de consciência fica tão reduzido e limitado, que o indivíduo não se dá conta senão do que o preocupa naquele momento. Por essa razão, compreende-se que o sonâmbulo, querendo sair do quarto, o faça pela janela, que tem para ele a mesma significação da porta, representando uma saída. Pelo mesmo motivo, marcha impávido pela beirada do telhado, sem se dar conta do perigo que está correndo. Se ele executa a tarefa com mais proficiência do que o indivíduo acordado, tornando-se menos sujeito a falhas e acidentes, é porque tem a atenção fixada sobre um único ponto que a absorve, não o deixando perceber o que se passa em torno dele. Dessa maneira, fica libertado de medos e emoções que, normalmente, acompanham atos dessa natureza e que seriam suficientes para fazer qualquer indivíduo perder o equilíbrio ou dar passos desastrados. Não quer isso dizer, porém, que o sonâmbulo não corra perigos e que sempre se saia bem das suas empreitadas. Longe disso! Também ele pode tomar-se vítima de acidentes, mesmo encontrando-se em estado de profundo sonambulismo.

“Um marido sonâmbulo grita acreditando-se num incêndio e procura atirar a mulher pela janela para salvá-la, o que não consegue devido à resistência que ela ofereceu. Um outro homem, respeitável, e que dorme ao lado da sua mulher, num acesso sonambúlico acredita tratar-se de um gatuno e procura sufocá-la com um travesseiro que lhe aplica contra o rosto.” Não muito raras são quedas do telhado e outros acidentes, por vezes mortais, que ocorrem durante os acessos de sonambulismo. O que tudo isso nos mostra é que o sonâmbulo obedece a ordens ocultas do seu ser, provavelmente de acordo com outros interesses de sua personalidade, como parecem mostrar os ensinamentos da psicanálise. É muito freqüente ouvir-se que os acidentes em questão ocorrem principalmente quando o sonâmbulo é acordado bruscamente do seu sono, razão pela qual deve ser isso evitado. Há algo de verdade nessa afirmativa, embora em sentido diferente. Se o sonâmbulo for despertado abruptamente, estando em situação de perigo, é natural que possa sofrer qualquer acidente, uma vez que deixa de concentrar a sua atenção sobre aquilo que está executando. Nessas condições,

passa a ver as coisas como são, normalmente e, assim, dá-se conta do perigo que corre, tornando-se vítima da emoção que acompanhará tal reconhecimento, principalmente se, ao acordar se encontra numa inesperada situação de perigo. Fora disso, pode tornar-se vítima de causas acidentais imprevistas, como, por exemplo, quedas inevitáveis causadas por qualquer defeito invisível do telhado. Se o indivíduo for acordado, porém, por qualquer intervenção fortuita, é natural que, desde logo, possa dar-se conta da situação, como acontece com os hipnotizados. Para isso, basta interpelá-lo, sacudi-lo pelo braço, borrifar-lhe o rosto com água para que volte imediatamente ao seu estado normal, sem maiores conseqüências. Em casos de sonambulismo, o exame psicanalítico consegue freqüentemente penetrar a situação, pondo a descoberto o mecanismo íntimo, os verdadeiros motivos da perturbação.

Aliás, o que não deve ser esquecido é que, entre o sonho comum e o sonambulismo, não existem diferenças essenciais, sendo este equivalente daquele, sob todos os pontos de vista. No próprio sonho não é raro o indivíduo falar, gesticular, fazer movimentos, que correspondem à situação em que se encontra e que pode ser tanto de luta e angústia, quanto de sentir-se feliz, gozando prazeres da vida. O que há, em tudo isso, é, antes, uma questão de grau, de direção, podendo os fatos maiores ser explicados pelos menores, pois são todos de idêntica natureza. É verdade que, atingindo limites extremos, facilmente nos deixamos arrastar pela incompreensão e a perplexidade, julgando que as coisas são diferentes do que se apresentam em sua exata realidade. É por isso que a questão de grau adquire aí importância fundamental, permitindo explicar os fenômenos de maneira mais compreensiva. O hipnotismo e o sonambulismo possuem múltiplos pontos de contato, parecendo aspectos diversos de uma só e mesma realidade. No hipnotismo, o sujeito recebe a sugestão de pessoa estranha, enquanto, no sonambulismo, provém ela do cérebro do próprio indivíduo. As conseqüências, porém, são idênticas e comparáveis, sob todos os pontos de vista. Basta essa simples consideração para evidenciar quanto podem ser os fatos aproximados, em íntima correlação. As mesmas observações relatadas quanto ao sonambulismo podem ser feitas estando o indivíduo acordado, sobretudo por influência de doenças e de tóxicos, como o álcool e certos entorpecentes. As ausências produzidas pela epilepsia, e que são muito fre-

quentes, podem revestir igualmente aspectos da dupla personalidade. Nos casos mais simples, o indivíduo perde contacto com a realidade por curto espaço de tempo, às vezes tão curto que os circunstantes não chegam a perceber o que se está passando com o doente, que também, por sua vez, pode não se dar conta da situação. Em outros casos, a perturbação é maior, podendo revestir várias modalidades. Por exemplo: o doente deixará cair um objeto que tem nas mãos, dirá algo desconexo, levantar-se-á, dará alguns passos ou executará um ato qualquer, tudo sem haver motivo e, então, sempre de maneira igual, estereotipicamente. Quando a perturbação é mais acentuada, pode o indivíduo tornar-se agressivo, chegando a cometer delitos ou atos escandalosos; desvestindo-se ou satisfazendo as suas necessidades em público; executando ações das quais não mede as conseqüências, como acontece quando abandona as suas obrigações ou se põe em fuga desordenada, fazendo imensas caminhadas, sem saber para onde nem para que. Não é raro, então, que, ao voltar ao estado normal se encontre em lugar inesperado ou desconhecido, onde chegou sem saber como, talvez a pé ou por ter tomado um veículo naquela direção. E a perturbação pode ser passageira, ou prolongar-se por dias, meses ou, até, muitos anos. Despine descreve o seguinte caso: “Uma moça de 20 anos, de excelente família, entrou para o seu quarto de dormir às 10 horas da noite. Pouco depois, tendo a mãe vindo vê-la, não mais a encontrou. Havia desaparecido da casa! A empregada relatou tê-la visto sair do quarto em trajes menores, havendo deixado a roupa que usara durante o dia dobrada sobre uma cadeira. Devia ter-se ausentado vestida apenas de uma velha saia e de um casaco da empregada, levando um lenço à cabeça e algum dinheiro. Todas as investigações na cidade e nos arredores foram infrutíferas. Soube-se, no entanto, que uma moça, tomada por prostituta, havia sido vista, por volta da meia noite, num quarteirão afastado da cidade; depois, uma mulher informou ter visto pela manhã, numa cidade já afastada 24 quilômetros, uma moça de modos esquisitos que, num pequeno café, tomara uma xícara de café com leite, partindo em seguida, depois de ter comprado um par de meias e um chapéu de palha. Na noite do dia consecutivo ao desaparecimento, uma costureira de uma cidade afastada aproximadamente 50 quilômetros rezava ao anoitecer numa igreja, quando viu uma

jovem pobremente vestida, mergulhada em tão profunda meditação que parecia não se dar conta do que se passava em torno de si. A costureira aproximou-se, observou-lhe que iam fechar a igreja e que era necessário sair. A moça respondeu que havia vindo a esta cidade para empregar-se e que, não conhecendo ninguém, não sabia para onde ir. Ofereceu-lhe hospitalidade, que foi aceita. No dia seguinte, pela manhã, a costureira entra com um jornal nas mãos, no qual vinha descida, em termos angustiosos, a aflição dos pais da moça desaparecida, cujo nome vinha no jornal. Ouvindo seu próprio nome, a jovem pareceu acordar em sobressalto e exclamou: “Mas a senhorita X sou eu!” Ela não se recordava de nada que fizera durante o seu acesso de sonambulismo, que havia durado mais de 36 horas, ficando extraordinariamente admirada de se encontrar tão longe de casa”.

Charcot deu a denominação de “automatismo ambulatório” a essa impulsão inconsciente, que já ele considerava como um equivalente epiléptico. Nas suas lições, refere uma observação curiosa: “Trata-se de um homem de 37 anos de idade, sem antecedentes mórbidos pessoais ou hereditários e que trabalha fazendo entrega de aparelhos de iluminação. Em 15 de maio de 1887, parte às 8 horas da manhã, de ônibus, para tratar de um negócio na Avenida de Villiers. Quando chega em frente à casa para onde ia, desce e verifica o endereço do cliente na tabuleta do estabelecimento. Mas não subiu para vê-lo. E, aí, cessam as suas recordações. Não é senão à noite, pelas 10 horas, que, de novo, se dá conta de si, encontrando-se na praça da Concórdia, onde verifica que está coberto de pó e tem os sapatos gastos. Lembra-se então, vagamente, de ter passado por Mont-Valérien, atravessando o Sena pela ponte de Saint-Cloud. Em 30 de julho, é preso de uma segunda fuga: havia ido a Passy para entregar candelabros e, feita essa incumbência, voltou pelo Trocadero, com a intenção de aí tomar o ônibus. De repente, teve desejos de ir à Torre Eiffel, da qual se lembra haver visto os primeiros andares. Param nesse ponto as suas recordações, que a apresentam uma lacuna de 48 horas. Ele permaneceu durante dois dias e duas noites em estado de completa amnésia, não voltando à consciência senão quando se atirou no rio Sena, do alto da ponte Nacional, em Bercy, às 9 horas e meia da manhã. A sensação da água fria despertou-o. Nadou, então, para as margens do rio, onde guardas da po-

lícia, que assistiram ao seu perigoso salto, o receberam, conduzindo-o ao postos de socorros. Aí, surgiu também um empregado da estrada de ferro circular que, vendo-o saltar, vinha reclamar um suplemento da passagem, pois, em vez de descer em Bercy, até onde ia o seu bilhete, havia prosseguido viagem até a Ponte Nacional, onde, do andar superior do vagão, se atirara de pés juntos no Sena. Desta vez, as suas roupas estavam molhadas, mas não sujas; o relógio estava certo e ainda encontrou nos bolsos o fumo e o dinheiro que possuía ao partir, exceto a quantia que pagou pela passagem. Voltou para casa, declarando nada compreender do que lhe havia acontecido. De uma outra vez, em 23 de agosto, saiu para tratar de negócios no quarteirão Marais, conseguindo realizar quase tudo que tinha a fazer. Às 11 horas e meia, porém, em vez de voltar para casa para almoçar, sendo casado e pai de 2 filhos, toma outra direção, sem destino. Três dias depois, às 5 horas da tarde, encontra-se sentado às margens do Sena, abaixo da ponte de Asnières. Um pescador de anzol que lá estava, interpela aquele homem esquisito, que devia estar muito sujo, pois andara dois dias e duas noites. É nesse momento que ele volta à sua consciência normal, pergunta que horas são e verifica que, desta vez, o seu relógio está parado. Depois disso, toma um ônibus e volta para casa. Não sabe por onde andou; lembra-se, no entanto, de ter lido numa tabuleta a indicação: “Claye, perto de Meaux, 14 quilômetros”. Era, aliás, uma região que não conhecia e onde nada tinha que fazer. Lembra-se, também, de haver encomendado um bife num cabaré, pelo qual pagou 1 franco e 15, acreditando não o haver comido. Sem dúvida, tinha bebido café, porque, ao acordar, encontrou tabletes de açúcar no bolso”. Morand, que havia assistido à lição de Charcot sobre esse caso, acrescenta: “É evidente que esse homem, durante as suas estranhas ausências, devia ter os olhos abertos e estar de posse de todos os seus sentidos, pois anda sem que o detenham, compra bilhetes de viagem, toma providências para as suas refeições, etc. A única coisa que lhe falta é a consciência: não sabe onde está nem o que faz, age como um autômato”. Para terminar, diz que Charcot diagnosticara o caso como de epilepsia larvada, dando-lhe iodeto de potássio em grandes doses, cujo efeito foi muito favorável.

Aliás, não é muito raro encontrarem-se em jornais, notícias de desaparecimento de pessoas, às vezes encontradas depois em

situação diferente de vida, levando nova existência. Tem sido muito citado o caso de um negociante americano que, não tendo apresentado até aí nada de anormal, desapareceu subitamente. Anos depois, foi descoberto em outra cidade, vivendo sob nome diferente e dirigindo outro negócio, sem que a numerosa freguesia percebesse qualquer coisa de estranho, ignorando ele próprio a sua vida anterior. Por meio de tratamento psicoterápico foi possível restituir-lhe a memória dos tempos passados e, assim, a sua personalidade anterior. Outro caso: um jovem inglês, que havia desaparecido sem deixar notícias, enviou, algumas semanas depois, um telegrama anunciando encontrar-,i em Malta. Não se recordava do que havia acontecido naquele intervalo de tempo e tornara a si quando, numa briga, abateu um indivíduo, tendo a emoção desse ato feito voltar o Seu estado normal. Ainda um terceiro caso: o filho de um sacerdote caía com freqüência em estado de completa desorientação, a ponto de não mais reconhecer os seus pais, que então acreditava vissem na Índia. Durante esses períodos, os seus conhecimentos matemáticos, que eram notáveis, desapareciam, enquanto as suas capacidades musicais aumentavam extraordinariamente.

Se perturbações tão profundas são antes raras, não há dúvida que outras, menos intensas, são mais freqüentes, podendo entrar até algumas no terreno da normalidade. Já tratamos da questão, em trabalho anterior, mostrando que certos estados de nervosismo e alteração da personalidade, em geral passageiros ou periódicos, devem ser incluídos no grupo das epilepsias larvadas, sendo beneficemente influenciado pelos barbitúricos, cujo efeito pode justificar tal diagnóstico, (Revista Brasileira de Medicina, 1944, número 1). Aliás, lacunas de consciência e mesmo desdobramentos da personalidade podem ocorrer em diversas outras circunstâncias, mesmo dentro do que consideramos a nossa vida normal. Lembremo-nos das distrações, ilusões, alucinações de que podem ser vítimas mesmo indivíduos comuns e que tem dado lugar a um vasto anedotário, sobretudo em torno de sábios, não raro alheios do mundo quando entregues às suas preocupações. “Conta-se de Stuart Mill que, muitas vezes, quando mergulhado em meditações filosóficas, acontecia perder-se nas ruas de Londres, completamente alheio à vida exterior. No entanto, caminhava de maneira natural, evitando transeuntes, obstáculos, veículos, sem chamar de

qualquer modo a atenção sobre si”. O doutor Prosper Despins relata a seguinte ocorrência, passada com Lamennais, o célebre filósofo e teólogo francês: “Um empregado abre a porta do quarto onde ele se encontrava, aproxima-se e lhe fala. Lamennais não o ouve e permanece imóvel. O empregado fica indeciso e toca-lhe no cotovelo. Nesse momento, o filósofo salta pela janela, cai de pé no jardim, onde fica passeando por muito tempo, continuando a sua meditação”.

Muito interessante são as ilusões e alucinações produzidas pelo sono, sob forma de sonhos e pesadelos, não raro no momento em que o indivíduo adormece. Alfred Maury, no seu livro — “Le Sommeil et les rêves” — descreve, sob a denominação de alucinações hipnagógicas, as visões que tinha ao adormecer e que eram mais freqüentes quando se sentia fatigado ou mal disposto. Nessas condições, tornavam-se por vezes tão intensas que chegavam a aterrorizá-lo, obrigando-o a levantar-se para dissipar o seu efeito. De regra, bastava fechar os olhos para que, imediatamente, dentro de um segundo, aparecessem. Abria de novo os olhos, depois fechava-os e, assim, o fenômeno se ia repetindo. Certo dia, pode fazer uma verificação mais rigorosa: estava lendo em voz alta uma viagem na Rússia meridional quando, ao chegar ao fim de um parágrafo, fechou os olhos, instintivamente. A interrupção foi tão curta que a pessoa para quem lia nada percebeu. Pois bem, nesse instante, viu a imagem de um homem vestido com uma manto castanho e coberto com um capuz, tal como os monges nos quadros de fisionomias, animais, árvores, paisagens, em rápida fantasma-Zurbaran. Foi essa imagem que lhe mostrou ter fechado os olhos e parado de ler.

Aliás, muitas pessoas, ao adormecer em quarto escuro, vêem fisionomias, animais, árvores, paisagens, em rápida fantasmagoria. É o que acontece, por exemplo, comigo próprio, havendo súbitas transformações, sobretudo de fisionomias, de pessoas e animais, que tomam formas grotescas, desproporcionadas, irreais. Há indivíduos que não podem dormir no escuro devido a alucinações desse gênero, que não aparecem havendo claridade.

Todos os exemplos apresentados mostram, em graus diversos, dissociação dos processos cerebrais em relação aos atos da consciência, que sofre influências vindas, quer diretamente da própria pessoa, quer de fatores que a cercam. Extraordinária é a força que a sugestão pode desenvolver, conferindo ao indi-

víduo uma personalidade diferente, que o operador pode modelar a seu bel prazer. Vimos que o sujeito aceita a idéia imposta pelo hipnotizador, tornando-se triste ou alegre, sentindo-se um rei ou um santo, quando não um pobre miserável ou mesmo um animal de qualquer espécie, que procurará imitar tão bem quanto possível, tudo segundo as ordens recebidas. Poderá também sentir frio ou calor, fome ou sede, amor ou ódio, vomitar ou defecar, segundo a sugestão transmitida, que é igualmente capaz de alterar o ritmo da respiração e da circulação, assim como o próprio metabolismo basal, a composição do sangue e a função dos diversos órgãos da economia. Desde Charcot, tornou-se conhecida a experiência de produzir eritemas e queimaduras da pele pelo emprego simulado de vesicatórias, que não passavam de simples selos do correio. Hemorragias nasais, uterinas, da pele e das mucosas podem ser obtidas por sugestão hipnótica e mesmo por simples processos de auto sugestão, como está demonstrado em relação aos estigmatizados. Em muitos casos, o fenômeno pode operar-se com precisão horária, mesmo quando a sugestão é feita anteriormente, com o intervalo de dias ou semanas. Nos primeiros tempos do hipnotismo, foram publicados casos dessa natureza, que tiveram grande repercussão. Um deles foi comunicado por Bourru e Burot, que hipnotizaram um jovem soldado, fazendo-lhe a seguinte sugestão: esta tarde, às 4 horas, depois de adormecido, penetrarás neste gabinete, sentar-te-ás nesta cadeira, cruzarás os braços sobre o peito e, então, sangrarás pelo nariz. Na hora exata, as coisas se passaram da maneira indicada, vendo-se sair da narina esquerda algumas gotas de sangue. Naquela época, experiências desse gênero foram objeto de dúvida e discussão; mais tarde, porém, pôde-se demonstrar que correspondiam à realidade, embora freqüentemente proviessem de truques e mistificações. O que é preciso pôr em relevo é que todos esses fatos comportam explicação natural, fisiológica, que demonstra quanto o moral pode atuar sobre o físico, quanto pode ser poderosa a força de uma sugestão, embora nada tenha ela de sobrenatural.

Os próprios sonhos fazem parte das nossas atividades mentais e traduzem os nossos desejos e as nossas propensões, como foi estabelecido pela escola freudiana, ou representam tentativas para a solução dos nossos problemas pessoais, como admite a escola adleriana. De qualquer modo, o sonho faz parte integrante da nossa atividade cerebral e de maneira direta,

natural. É certamente uma linguagem plástica, objetiva, do que se passa no nosso organismo, embora traduzindo-se sob forma simbólica e alegórica, seguramente mais velha que a nossa expressão verbal. Por isso, não é de admirar que esteja tanto na dependência das funções da nossa economia, podendo ser influenciado tanto por fatores físicos quanto psíquicos.

Alguns autores têm procurado influenciar o modo de o indivíduo sonhar, tentando criar uma verdadeira arte de sonhar, no sentido de produzir sonhos bons, agradáveis. Certos perfumes, músicas suaves e harmoniosas, macieza do colchão e dos travesseiros, delicadeza das cobertas, silêncio e escuridão podem ser fatores de ação decisiva. Na antigüidade houve povos que, para ter sonhos proféticos, procuravam dormir sobre o túmulo dos antepassados, como aconteceu igualmente com os gregos e romanos, que possuíam templos apropriados para tal fim. As visões da Pucela de Orleans apareceram quando dormia ela sob um gigantesco carvalho.

De há muito, sabe-se que os sonhos podem ser determinados experimentalmente, como está demonstrado pela observação de vários autores. Borner, que sofreu muito de pesadelos, observou que eles sempre apareciam quando tinha ele qualquer perturbação da respiração. Para verificar se havia aí realmente relação de causa e efeito, experimentou cobrir o nariz e a boca de pessoas que sofriam da mesma perturbação, enquanto dormiam. Nessas condições, as pessoas prosseguiram dormindo, embora gemendo e respirando com dificuldade, até que, de repente, se viravam violentamente na cama, libertando-se da cobertura. Quando acordados, em geral relatavam que se tinham sentido atacados por um animal horrível, que lhes saltara sobre o peito, tirando-lhes a respiração.

Charcot, no seu tratado de moléstias do sistema nevoso, cita o caso de uma histérica que, depois de uma crise em que se julgou mordida por animais, procurou nos braços as marcas das mordidelas, das quais se julgava vítima. Maudsley relata que um médico se acreditou possuidor de um cavalo branco, com o qual havia sonhado no delírio de uma febre tifóide. Um autor refere que, dormindo com os joelhos descobertos, sonhou que estava viajando numa diligência, achando natural que tal acontecesse durante uma viagem à noite. Maury executou, nesse sentido, diversas experiências muito elucidativas. Cócegas

feitas com uma pena sobre os lábios ou a ponta do nariz produzem um sonho nojento e torturante: que lhe haviam colocado uma lagarta sobre o rosto e que, ao arrancarem-na, saíam pedaços da pele. A cheirar água da Colônia, viu-se no Cairo, na loja de Maria Farina, a mais célebre fabricante daquela água, e teve aventuras de tal ordem que não as pôde relatar.

Muito conhecidos são os pesadelos produzidos por abusos alimentares, sobretudo à noite. Isso é tão comum, que muitas pessoas se vêm obrigadas a reduzir tais refeições, unicamente por essa razão. Também é freqüente dormirem os doentes mais calmamente e terem sonhos mais agradáveis quando se submetem a dietas apropriadas e determinados tratamentos médicos. Já Pitágoras prescrevia aos seus discípulos o uso de leguminosas, a fim de que a alma não perdesse tempo, gastando energias no sujo trabalho da digestão. Mesmo quando há componentes psíquicos nas moléstias, não é raro verificar-se a influência favorável da terapêutica dietética e medicamentosa sobre o humor e a disposição dos doentes, o que põe em evidência as estreitas correlações existentes entre o corpo e o espírito. Em outros casos, mormente pelo emprego de sedativos, observa-se que o doente passa a sonhar mais, talvez pelo fato de dormir também mais e, assim, de maneira mais superficial.

O que foi descrito em relação aos sonhos, repete com maior nitidez quanto às manifestações do sonambulismo. No sonambulismo, em vez de o indivíduo conservar-se passivo, como acontece mais geralmente no sonho, pode tornar-se ativo, executando as suas tarefas habituais ou até outras de difícil realização. Ele se encontra então em estado idêntico ao da pessoa hipnotizada, cuja atividade pode limitar-se unicamente à execução de determinada tarefa. O sonambulismo, como o sonho, pode estar na dependência das funções do organismo, sendo influenciado por perturbações digestivas e outras de natureza diversa. E pode também modificar-se ou até desaparecer pelo tratamento de moléstias coexistentes, como em casos de crianças infestadas de parasitas, quando se lhes administra um vermífugo. Excessos de alimentos e de trabalho intelectual têm sido dados como causa de sonambulismo, cujas crises dependem também muito da idade: os acessos isolados, sobretudo em homens até a idade de 16 anos, são bastante freqüentes, tornando-se depois, no adulto, extremamente raros. Muitas alterações da personalidade são produzidas por moléstias orgânicas,

tais como a paralisia geral, a esquizofrenia e outras doenças mentais. O sintoma mais comum e característico dessas psicopatias é justamente a modificação da mentalidade do indivíduo, que apresenta anormalidades, em geral percebidas inicialmente somente pelos parentes e pessoas mais próximas, os primeiros que poderão dar-se conta das alterações já existentes, ainda de pouco vulto. O julgamento deve basear-se em particularidades dessa natureza, por vezes insignificantes, e não no que é o indivíduo ainda capaz de realizar normalmente, ajuizadamente. Nesse sentido, é freqüente enchermo-nos de admiração quando qualquer alienado procede ajuizadamente, apesar de ser isso por demais natural, uma vez que o distúrbio é quase sempre parcial, afetando apenas parte da personalidade. Em caso contrário, trata-se do que chamamos vulgarmente de um maluco, de um doido varrido.

Tóxicos e medicamentos podem também ocasionar distúrbios da natureza indicada, por vezes resultantes de alterações do organismo, como em casos de uremia, hipoglicemia, distúrbios endócrinos, etc. Ainda agora, no número de 13 de dezembro de 1947 do “British Medical Journal”, encontram-se descritos dois casos de alteração da personalidade por efeito da atebrina no tratamento da malária, num dos quais houve fuga, terminando em suicídio.

Que os sonhos possam ser influenciados pelo que se passa no organismo, sobretudo por perturbações das suas funções, é fato de conhecimento quase geral, como demonstra o exemplo, já citado, de certos alimentos bastarem para dar sono agitado, pesadelos ou mesmo crises sonambúlicas. Nessas condições, torna-se compreensível que um distúrbio qualquer, do qual o indivíduo ainda não se deu conta, já possa determinar sonhos definidos, de caráter verdadeiramente premonitório. Meunier e Masselon citam o caso de uma menina que sonhara que lhe apertavam a cabeça num torno e que, em seguida, apresentou sintomas de meningite. Vaschid e Pieron mencionam o de uma menina que sonhara com um carregador que lhe apoiava sobre o pescoço uma caixa muito pesada, tendo-lhe aparecido uma angina, poucas horas depois de acordar.

Se, desde a mais alta antigüidade, os sonhos foram objeto de estudo e preocupação, sobretudo por se admitir que tivessem significação divina, o que justificava a sua interpretação por oráculos e sacerdotes, não há dúvida que também, desde cedo,

se descobrir que podiam ter relações com o corpo, até revelando as suas doenças. Já Aristóteles se referira a essa possibilidade, que depois foi confirmada por numerosos autores. Muito citado tem sido o caso de A. de Villeneuve, que sonhou que um cachorro lhe havia mordido a perna, aparecendo nela, dias depois, uma ferida maligna. Gessner sonhou que fora picado por uma serpente, surgindo mais tarde, no lugar da picada, uma ulceração, da qual veio a morrer. Macário sentiu, em sonho, a garganta fortemente inflamada. Acordou bem, mas, horas depois, foi atacado por violenta amigdalite. Ludwig Maver, no seu livro — “Die Teehnik der Hypnose” publicado em Munique em 1934 e por nós já citado, relata o caso de um estudante que, submetido à hipnose, se queixou de uma dor no peito, que aumentava quando respirava profundamente, produzindo tosse. Quando foi acordado, relatou que tivera um sonho, sentindo as manifestações referidas e que desapareceram completamente. Por essa razão, concluiu que se tratava realmente de um sonho, pois nada mais sentiu, mesmo quando respirava profundamente. Dois dias depois, porém, surgiram febre e dor do lado, tendo o exame revelado ligeira inflamação pleural. A explicação é de que, pela hipnose, foram suprimidas inibições, chegando a dor ao limiar da consciência.

Já nos primeiros tempos do hipnotismo, Liébault e Bernheim haviam afirmado que certas pessoas, em estado de hipnose, eram capazes de profetizar o aparecimento de doenças e até fixar o dia e a hora da própria morte, o que aconteceria por processos de sugestão. Isso parece constituir, na verdade, uma possibilidade, como mostram observações provenientes dos primeiros tempos do hipnotismo. Perguntava-se: é de admirar que, em determinados casos, possa o indivíduo, mormente quando atacado de doença nervosa, anunciar o dia e a hora em que vai ter o acesso, saber se vai ou não curar-se, até estabelecendo a data da sua cura? Beaunis acha tudo isso muito natural e facilmente explicável por processos de sugestão e auto-sugestão. Nesse sentido, a velha experiência de Botty é muito elucidativa; uma doente que estava lendo um livro recebia a sugestão de que não poderia deixar de dormir quando alcançasse tal página, tal linha e tal palavra do texto. E o fato operava-se exatamente como havia sido estabelecido pelo operador. A um outro indivíduo declarou que poderia tocar sem temor o braço esquerdo

do operador, mas que dormiria inevitavelmente se tocasse o direito. E era o que realmente acontecia. Bastava sugerir que, a tal hora, iria o indivíduo ter sono e dormir para que assim ocorresse. Mas é necessário que a ordem seja dada por outro indivíduo, sempre sob a forma de sugestão hipnótica? Naturalmente, que não! A própria auto-sugestão pode produzir efeitos semelhantes, hoje suficientemente conhecidos, sobretudo por médicos e psicólogos. Um caso de auto-sugestão muito citado é o de Bennet: o de um açougueiro que, querendo dependurar um grande pedaço de carne num gancho de aço, escorregou, entrando-lhe no braço o dito gancho, ao qual ficou preso. O açougueiro é retirado daquela situação quase morto, verificando-se depois que nada havia sofrido, pois o instrumento perfurara apenas a manga da sua roupa. A idéia e a sugestão podem provir de fatos da vida real, mas nascer também diretamente no cérebro, sob forma de auto-sugestão. Binet e Féré descrevem muitos casos dessa natureza e, entre eles, o de uma doente à qual foi sugerida uma alucinação, na qual se empenharia em luta corporal, dando um violento soco no rosto de uma assistente. No dia seguinte, quando este entrou na sala, viu ela, na fisionomia dele, uma equimose, que naturalmente não existia, pois não passava de um complemento da sua alucinação.

O Dr. A. Teste, no seu livro publicado em 1845 — “Le magnétisme animal expliqué” — diz: “O sonâmbulo descreve exatamente a natureza das suas dores, estabelece a causa delas, prevê a sua marcha, indica o remédio e o remédio faz efeito. Não há exemplo de um sonâmbulo que tenha cometido erro grave ou perigoso em relação a si próprio”. Pela mesma época, o Dr. J. Charpignon, na sua — “Physiologie du magnétisme” — afirma que “certos sonâmbulos magnéticos vêem os seus próprios órgãos doentes e possuem o instinto dos remédios que lhes convém”. E opinião idêntica teve o Dr. Georget, membro da Académie de Médecine: “Não pode existir medicina perfeita fora daquela dos sonâmbulos, em relação ao que lhes concerne”. Este entusiasmo ganhou parte da classe médica dos primeiros tempos do hipnotismo, quando os sonâmbulos foram aproveitados para estabelecer diagnósticos e propor tratamentos. Mas, depois, à medida que os conhecimentos avançaram, foi sendo verificado quanto havia aí de erro e exagero. Hoje, tudo isso se encontra num passado longínquo e quase anedótico, que não revive senão como tentativas frustras e passageiras. Por volta

de 1903, alguns psiquiatras franceses publicaram artigos sobre doentes que, hipnotizados para fins terapêuticos, forneceram informações impressionantes sobre perturbações e lesões dos seus órgãos internos. O Dr. Sollier publicou nessa época um livro, lendo por título — “Les phénomènes d’autoscopie” — no qual 16 ocupa dessa percepção paranormal de órgãos e funções do organismo.

Depois dessas considerações, é natural formular a seguinte pergunta: quais as possibilidades de diagnóstico e tratamento que podem ser alcançados por clarividência e outros processos classificados de supranormais ou metapsíquicos? O tema, já muito discutido, tem dado lugar a numerosas publicações. O campo da medicina é, aliás, muito propício a toda sorte de ocultismos, o que não é de admirar, dada a significação dos seus problemas. Não é por outra razão que, desde os tempos mais primitivos, a magia e a medicina andaram sempre de mãos dadas, sendo o feiticeiro e o mágico ao mesmo tempo o sacerdote e o médico. E, desde aquelas remotas épocas, a sugestão e a hipnose representaram papel de importância, não raro auxiliado por beberagens e fumigações. Muito dessa mentalidade perdura ainda entre os curandeiros modernos, não somente leigos e charlatães, como também nos que seguem os preceitos universitários. O magnetismo e a hipnose estavam a calhar para a revivescência de manifestações desse gênero, sendo natural que, desde logo, servissem para tais explorações. Se se considera quanto era impressionante ver um indivíduo em estado de sonambulismo, alheio à sua vida e ao seu ambiente, movido por forças estranhas, falando coisas desconhecidas, tornava-se justificado querer, por meio dele, desvendar o futuro, assim como estabelecer diagnósticos e tratamentos das moléstias. Aliás, desde o início, os fatos conjugaram-se nessa direção, pois os sonâmbulos souberam descobrir doenças tanto em si próprios quanto em pessoas estranhas, predeterminando a sua evolução, fixando até em alguns casos, o dia e a hora da morte, sem contar indicações para o tratamento, com prescrição dos remédios adequados, em doses farmacológicas certas. Tudo isso foi afirmado de maneira repetida, criando profundas convicções em torno da questão. Hoje, quando os fatos se tornaram mais bem conhecidos, verifica-se que tais manifestações dependem essencialmente de processos de sugestão, que as explicam completamente, tirando-lhes qualquer caráter sobrenatural. Quando

o indivíduo prediz a sua própria doença ou a de outras pessoas, que evoluem segundo as suas previsões, o que acontece é de ficarem dominados pelo vaticínio, fazendo com que os acontecimentos se adaptem à profecia. Isso faz parte do mecanismo íntimo da sugestão, como bem demonstram as ordens pós-hipnóticas que o indivíduo cumpre posteriormente, sem se dar conta dos motivos que o levam à sua realização. Que, em determinados casos de doença, possa a sugestão levar ao aparecimento de certos sintomas ou mesmo à morte em tempo prefixado, é fato que está de acordo com a observação, podendo ser explicado pelos atuais conhecimentos de psicologia.

Para mostrar como as coisas se podem passar, queremos citar um exemplo de previsão da própria morte, referido pelo Dr. Gustave Geley, no seu livro sobre Vidência e Teleplastia, e que ele próprio teve ocasião de acompanhar em todas as suas minúcias. Trata-se de um homem de 76 anos que, em plena saúde, anunciou a sua morte à família, com seis meses de antecedência. Desde esse dia não deixou mais de falar nesse acontecimento e começou a emagrecer, alimentando-se mal. Recusava médicos e tratamentos, pois achava que tudo seria inútil. Alguns dias antes, anunciou que a morte se daria no dia de Todos os Santos, à meia noite em ponto, sem qualquer agonia ou sofrimento, e que se conservaria lúcido até os últimos momentos. O Dr. Geley viu-o a 28 de outubro e examinou-o, encontrando-o em perfeita saúde, o coração normal, havendo apenas sinais de uma pequena e velha bronquite, sem qualquer importância. O médico acalmou a família e procurou dar ânimo ao ancião, que prosseguiu convicto da sua morte muito próxima. Os dias 29 e 30 de outubro passaram-se normalmente. No dia 31, véspera de Todos os Santos, ele sentiu uma pontada aguda no lado esquerdo do tórax; deitou-se na cama, declarando que não mais se levantaria. Geley viu-o pela noite e constatou um início de pneumonia no ápice do pulmão esquerdo, com febre de 40,3. O médico acha que o desfecho previsto se tornava agora mais provável, mas não dentro do prazo indicado, pois a evolução dessa doença não é tão rápida. Apesar disso, tudo aconteceu como o doente havia previsto. Às onze da noite, perguntou à mulher quantas horas eram. Esta procurou enganá-lo, dizendo serem duas da madrugada. Ele respondeu: “Não, ainda não é meia noite e à meia noite morrerei”. “Quando chegou essa hora, ele se virou para a parede e pareceu adormecer. A sua

esposa aproximou-se, cheia de medo. Aí, ele ergueu a mão e, sem falar, mostrou o relógio que, naquele momento, batia as 12 pancadas. A mão caiu sobre a cama e o ancião faleceu sem soltar um suspiro”.

A descrição é impressionante, talvez por demais dramática, pela qual temos sobre ela muitas dúvidas. É admissível que tudo tivesse acontecido como está descrito, porque, pela sugestão, é possível obter-se tais efeitos, mesmo a morte de um indivíduo. Mas, no caso presente, a encenação é por demais perfeita, verdadeiramente teatral. Tem-se a impressão de algo representado, quase de peça literária. É nisso que se baseia a nossa desconfiança, desconfiança de ter havido ajuda, acerto de circunstâncias, auxílio da imaginação. O médico, o Dr. Geley, foi diretor do Instituto Metapsíquico de Paris e publicou inúmeros trabalhos sobre ectoplasmas e fenômenos teleplásticos, tema hoje fora da moda e por demais desmoralizado. Além disso, o ancião era, nada mais nada menos, que o pai de Madame Fraya, a célebre pitonisa que consultei em Paris e da qual dei longa descrição no capítulo segundo desta obra. É uma figura de primeira no movimento metapsíquico europeu e que publicava o seu almanaque de predições, muito vendido, sobretudo em Paris. Não quero dizer que a descrição dos acontecimentos em torno dessa morte seja falsa ou desonesta. Nada disso! A morte operou-se dentro de um ambiente todo especial, saturado de metapsiquismo profissional, afeito a coincidências misteriosas, onde a fantasia tende a sobrepor-se à realidade e a realidade a corresponder aos desejos das circunstâncias. O que há de horrível no maravilhoso é a sua insistência em querer impor-se como real. No caso presente, como tem sido muito freqüente em questões de mediunismo, parece que foi o auxílio que deu relevo e transformou em realidade o que não era senão desejo e fantasia. Os nomes de Madame Fraya e do Dr. Geley constituem talvez a chave adequada para compreender tão estranho caso psicológico.

Depois das considerações apresentadas, devemos formular ainda a seguinte pergunta: poderá o sonâmbulo diagnosticar doenças e encontrar para elas o remédio justo, à revelia do médico ou acima da sua capacidade? Não! Isso não é possível e todas as conclusões a favor dessa possibilidade provêm de observações falhas e errôneas interpretações. O que se pode sempre verificar, em todas as situações, é que nunca aparece

nada de essencialmente novo e desconhecido, nada que esteja fora do subconsciente do médium, embora, por vezes, guardando desde tempos muito remotos. Lembremo-nos do caso de Flournoy, daquela moça que fazia excursões ao planeta Marte, depois de se julgar princesa indiana e a própria rainha Maria Antonieta, e logo compreenderemos a insignificância desses médiuns tão comuns, que, automaticamente, traçam receitas de formulários, trazendo assinaturas de velhos médicos, já falecidos. O que é, porém, importante considerar é que os seus diagnósticos e os seus tratamentos nunca estão muito de acordo com a realidade, não passando de vagas suposições e aproximações. É claro que tanto o vidente quanto o consulente se impressionam e dão crédito somente às coincidências, deixando de lado as falhas e os erros. Por esse processo, tudo acaba dando certo, como já temos rido oportunidade de mostrar em diversas circunstâncias. Além disso, é preciso considerar que a sugestão, por sua vez, pode canalizar os acontecimentos na direção prevista ou desejada, conduzindo a conclusões falhas, em desacordo com a realidade. Se os sofrimentos são única e predominantemente nervosos ou psíquicos, torna-se evidente que poderão evoluir segundo a predição, reagindo a tratamentos sugestivos, quaisquer que eles sejam: água magnetizada ou fornecida por espíritas, remédios naturistas ou comprados na farmácia, etc. O essencial, todavia, é distinguir o orgânico do psíquico, saber o que exige tratamento medicamentoso ou necessita psicoterapia. A Christian Science pode constituir uma terapêutica de resultados assombrosos, mas também revelar-se o mais absurdo dos tratamentos. Mais sábio e perspicaz foi o padre Gassner quando curava os seus doentes por meio de exorcismos, mas somente os empregando quando a doença tinha origem diabólica. É isso que necessita ser feito no campo do tratamento, sobretudo sob o ponto de vista psicoterápico. Curar o doente com água magnetizada ou com qualquer outro recurso semelhante pode ser excelente tratamento, desde que o terapeuta saiba o que está fazendo. Para o que não haver lugar é para falsos diagnósticos e más terapêuticas baseados em poderes ocultos ou sobrenaturais. É aí que se encontra o erro e o perigo, fáceis de ser postos a claro e objetivamente demonstrados. Quando o médico e o experimentador estabelecem condições exatas de controle e verificação, o que logo aparece é que os diagnósticos não passam de vagas suposições, quando muito de coincidências ocasionais.

Nesse sentido, basta tomar um caso de doença bem definida, de localização precisa e de diagnóstico seguro, para que, imediatamente, apareçam os erros e as insuficiências das tentativas sobrenaturais. É o mesmo que tem acontecido em relação à íris-diagnose, objeto de tantas explorações mesmo por parte de médicos ignorantes ou despidorados. Atrás de tudo isso há muito pouca coisa, que é a visão de conjunto que certos indivíduos perspicazes podem ter do seu semelhante, julgando-o são ou atacado de moléstia, que poderão suspeitar ou até adivinhar, naturalmente de maneira imprecisa e com alto coeficiente de erros, nunca, porém, pelo que foi observado na íris ou na palma da mão. Aliás, tudo isso já tem sido demonstrado de maneira científica, com provas repetidas e exaustivas, não restando dúvidas senão para os que ainda desconhecem o problema. Para ilustrar melhor a situação, queremos apresentar um raso publicado pelo professor Forel, sobre o qual teve de opinar como perito, numa questão de Código Penal. Tratava-se de uma mulher que, em estado hipnótico, fazia diagnósticos e fornecia tratamentos. O processo crime foi instaurado por exercício ilegal da medicina, embora tivesse ficado averiguado que a vidente nada recebia pelas consultas, tendo sido procurada mesmo por médicos. Forel submeteu-a a uma série de provas objetivas, a fim de verificar a sua capacidade diagnóstica no reconhecimento de moléstias. Os resultados foram insignificantes, desprezíveis, embora a vidente os fornecesse sempre com grande convicção, pateticamente. Alguns exemplos: uma senhora melancólica e atacada de tuberculose pulmonar foi dada como sofrendo de fraqueza e tristeza, e livre de qualquer doença interna. Um guarda, com grave enfisema pulmonar, foi considerado são dos pulmões, do coração, do baço e do fígado, mas dado como perdendo catarro pelos rins e tendo a digestão lenta e irregular. Num alcoolista, portador de uma úlcera na perna, nada foi encontrado externamente, mas sim os pulmões um pouco atacados, embora não ainda doentes. O fígado, o baço e os rins foram considerados, nesse mesmo caso, como perfeitos e o sangue como impuro. Quando o paciente objetou que tinha uma úlcera na perna, retrucou a vidente que isso provinha da impureza do sangue. Entrementes, entrou um médico na sala, que veio andando como se tivesse marcha espástica e simulou dificuldade para se assentar. A vidente disse que nada havia internamente, mas que os nervos estavam atacados e as extre-

midades prejudicadas. Todos os diagnósticos eram feitos em transe hipnótico, obtido espontaneamente pela própria vidente, que apresentava verdadeiros acessos de sonambulismo. Forel aproveitou-se dessa circunstância para procurar libertá-la dos seus acessos. Nas primeiras sessões, a vidente reagiu à sugestão, afirmando que a supressão dos acessos iria destruir a sua vida, tornando-a maluca. Forel fez sugestão em sentido contrário, asseverando que eram os acessos que a prejudicavam e que, sem eles, tornaria-se mais claro e penetrante o seu espírito e perfeita a sua saúde. Em breve, ela obedecia às ordens de Forel, convencendo-se de que seria ele capaz de libertá-la do espírito que tomava conta do seu corpo durante as crises de sonambulismo. Numa das sessões, o espírito que a dominava disse que tinha um favor a pedir, uma vez que perdera a ação sobre ela. Declarou que a sonâmbula teria apenas dois anos de vida e que ele não queria abandoná-la, pois desejava dar-lhe ainda proteção. Forel perguntou-lhe, então: “Quem és tu, que falas dessa maneira?” A sonâmbula respondeu: “Eu sou um espírito que tem o nome de Ernesto, estando os meus ossos enterrados em Basileia, onde te peço deixá-los em paz”. Forel replicou: “Pois bem, quero dizer-te uma coisa: tu te enganas. Esta mulher vai viver mais de dois anos, sã de corpo e espírito, muito alegre e contente. Vou permitir que fiques ainda junto dela, mas sem lhe causares mal algum, somente para lhe fazeres o bem. Não poderás mais produzir-lhe crises nervosas, nem fazê-la dormir. Somente eu poderei fazer isso e apenas quando ela pedir. E, com isso, ponto final na história!” O espírito não disse mais nada e a mulher passou a dormir normalmente, sentindo-se feliz e bem disposta.

Forel, no seu relatório, concluiu que não se tratava de fraude nem simulação, mas sim de um autêntico caso de sonambulismo. A vidente fazia diagnósticos em estado hipnótico, mas, em vez de sobrenaturais, ficavam muito aquém dos estabelecidos pelos médicos. As melhoras obtidas pelos doentes eram, porém, reais e positivas, sendo consequência natural das sugestões, tanto mais impressionantes, quanto realizadas em estado sonambúlico. A observação de Forel é particularmente interessante mostra não somente o mecanismo de formação de uma crença espírita, como também o da sua remoção por meio de idêntico processo, isto é, por via puramente sugestiva, ambos fora do conhecimento consciente do indivíduo.

## CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

*SUMÁRIO: Os poderes do subconsciente. As crianças-prodígios em matemática e em música. Exemplos célebres. Nada de sobrenatural. Possibilidades de aprendizagem. Faculdades independentes da inteligência. O trabalho latente do nosso cérebro. O mecanismo dos nossos pensamentos. O automatismo psicológico dentro da vida normal. O mediunismo e o papel do nosso subconsciente. O caso de Stainton Moses e as experiências do Coronel de Rochas. As encarnações pregressas do mesmo indivíduo. Hipnotismo e a criação de alucinações. Persistência da ilusão diante da realidade. A dupla personalidade na vida comum. O poder da sugestão hipnótica. O progresso da ciência e o futuro da sugestão.*

**D**IANTE DAS MANIFESTAÇÕES psíquicas que têm sido aqui estudadas, sobretudo no capítulo anterior, devemos surpreender-nos dos poderes do subconsciente, que são tão variados e poderosos? O sonho, o sonambulismo, o automatismo, a hipnose, são manifestações de natureza idêntica, de grau e intensidade diferentes, mas todos dependendo de processos subconscientes. Aliás, existem outras manifestações semelhantes, que ganham em ser aproximadas num conjunto mais vasto e homogêneo. «Lembremo-nos das crianças-prodígios, tanto em música, quanto em matemática e no xadrez. Muitas, pela idade dos três anos, já tocam piano magnificamente e de maneira espontânea, sem nunca ter aprendido. Nas outras atividades, porém, pros-

seguem como crianças daquela idade, infantis, sem saber conversar, mesmo sobre banalidades. Conta-se que Pascal, aos onze anos de idade, já havia descoberto um sistema próprio de geometria e que o célebre Gauss, aos quatro anos, causava espanto pela sua capacidade de cálculo. Quanto aos musicistas, o seu característico é de tocarem com extrema facilidade, rindo, falando, quase em tom de brincadeira, parecendo que não se dão muita conta do que estão fazendo, o que mostra quanto é automático o mecanismo do seu trabalho.

Em relação ao cálculo mental, existem fatos verdadeiramente impressionantes, ainda mais impressionantes que os automatismos psicológicos, quer sob a forma de escrita automática, quer do domínio de línguas desconhecidas e outros poderes subscientes da memória. No cálculo mental, o indivíduo pode executar coisas que nunca aprendeu e cujo conhecimento pode exigir, de pessoas normais, mesmo dotadas para a matemática, grandes esforços e longo tempo de aprendizagem. Um autor refere-se à questão nos seguintes termos: “De tempos a tempos, aparece uma criança de 10 a 12 anos, que possui a singular faculdade de encontrar, exatamente e com rapidez maravilhosa, quer o produto de diversos números de quatro ou cinco algarismos, quer uma potência elevada de um número ou a raiz quadrada, cúbica, quarta de um número de uma dúzia de algarismos, etc.”

Ampère, que se tornou um dos maiores físicos franceses, já realizava, na idade de 4 anos, sem conhecer letras nem números, extraordinárias operações de cálculo mental. Arago, o célebre sábio da mesma nacionalidade, foi também, em cálculo, criança-prodígio. Truman Safford, astrônomo americano, com 5 anos de idade já fazia multiplicações de cabeça e, aos 10, multiplicava números de 15 algarismos. Gauss, astrônomo e matemático alemão, revelou-se calculador-prodígio desde os 3 anos e meio de idade, quando assinalou um erro cometido por seu pai ao fazer um cálculo em voz alta. Aos 10 anos estudava matemática superior e, aos 14, estava senhor das obras de Euler, Lagrange e Newton. Giacomo Inaudi, italiano, filho de camponeses, que não aprendeu a ler e escrever senão pela idade dos 20 anos, revelou aos 6, quando era ainda guardador de gado, tendência espantosa para números, desde quando começou a se exhibir como calculador-prodígio diante do grande público. Broca apresentou-o à Escola de Antropologia e Dar-

boux à Academia de Ciências, que nomeou uma comissão para investigar o caso. Mais tarde, Charcot fê-lo examinar por Alfred Binet, que publicou um excelente trabalho sobre a sua extraordinária capacidade de cálculo. H. Laurent, num artigo da Grande Enciclopédia sobre cálculo mental, refere ter visto um jovem inglês que fazia, de cabeça, cálculo prodigioso e cita um exemplo: repetiu 5 mil números pela mesma ordem em que, 15 dias antes, os havia lido duas vezes. Henri Mondeux, um pequeno pastor francês, que não sabia ler nem escrever, divertia-se fazendo cálculos mentais, vertiginosamente. Depois do um acidente que fez aparecer essa faculdade, um professor primário, julgando tratar-se de um gênio, interessou-se pelo menino e procurou instruí-lo. Mas, o resultado foi negativo pois nada conseguiu: a memória dele era imensa para números, mas extremamente medíocre para qualquer outra coisa. Era um calculador prodigioso, mas completamente ignorante. Sobre Zacarias Dase, um alemão, que não se revelou no cálculo senão nos 15 anos de idade, refere o astrônomo Gauss que o viu multiplicar mentalmente dois números, cada um de 100 algarismos. Mas, não conseguiu progredir no estudo de matemáticas, porque a sua inteligência era unicamente para cálculos.

Ferréol, um dos mais inteligentes prodígios em cálculo, descreve do seguinte modo o seu trabalho mental; “Desde a minha infância, calculava de maneira absolutamente intuitiva, a ponto de, muitas vezes, ter a impressão de já ter vivido anteriormente. Se me propunham um problema difícil, o resultado surgia espontaneamente em meu espírito, sem que eu soubesse, no primeiro momento, como conseguia obtê-lo. Não era senão depois, que eu procurava o caminho da solução, partindo do resultado. Este processo intuitivo, que nunca falhava, operava-se também em condições idênticas quanto aos exercícios que me davam para resolver. Muitas vezes, tinha a impressão de que alguém estava ao meu lado e me soprava os resultados, assim como a maneira de obre-los, sendo que, habitualmente, se tratava de vias que ninguém ou quase ninguém havia percorrido antes de mim e que eu próprio não teria encontrado caso não as procurasse”.

Em todos os casos indicados, trata-se de processos mentais, operando automaticamente, fora da alçada da consciência. Por essa razão, muitos autores e os próprios calculadores têm sido levados a acreditar na participação de influências estranhas,

alheias à personalidade do indivíduo. Isso é crença muito espalhada entre espíritas, sobretudo os mais ortodoxos, que não deixam escapar argumentos favoráveis às suas convicções. Nessas condições, não estranham que a entidade invisível esteja sempre presente e sempre pronta para executar as tarefas propostas, invariavelmente iguais, sempre da mesma natureza. No entanto, essa simples limitação de atividade, essa especialização em terreno fixo e restrito, deveriam ser suficientes para mostrar que o prodígio está dentro de nós, faz parte do nosso mecanismo cerebral, é uma faculdade do psiquismo humano inconsciente, que aparece espontaneamente. Aliás, fora disso, a experiência tem demonstrado existir, em estado latente, alta capacidade de cálculo mental em grande número de indivíduos, talvez em quase todas as pessoas. Já tem sido verificado com certa frequência que mesmo pessoas avessas à matemática podem revelar-se prodigiosas em cálculos, caso trabalhem subconscientemente, por exemplo, por meio da prancheta, da escrita involuntária ou qualquer outro recurso empregado no automatismo psicológico. Hoje, está demonstrado cientificamente que qualquer processo capaz de pôr em atividade forças do nosso subconsciente pode fornecer resultados maravilhosos. Já mostramos, em publicações anteriores, que a nossa educação e a nossa vida social inibem extraordinariamente as nossas faculdades intelectuais, motivo pelo qual demos razão ao filósofo quando afirmou que as crianças entram para a escola como pequenos gênios, para dela saírem quase como verdadeiros imbecis.

Em relação aos prodígios de cálculos, é preciso considerar que o mecanismo de tais operações deve ser extremamente simples, pois as próprias máquinas de calcular podem realizá-las, sem qualquer raciocínio! Já Shopenhauer havia afirmado que a atividade mental mais baixa era a aritmética, pois é a única que pode ser executada por meio de máquinas. A matemática e os números podem conservar-se alheios à inteligência, como tem sido demonstrado pelo aparecimento de extraordinárias capacidades de cálculo, por vezes em indivíduos inferiores ou mesmo imbecis. Fleury, cego, degenerado, quase idiota, calcula em um minuto e 15 segundos o número de segundos que há em 39 anos, 3 meses e 12 horas, sem esquecer os anos bissextos. “Explica-se-lhe o que a raiz quadrada, sem lhe dar o método clássico da sua extração e logo, quase tão rapidamente quanto

Inaudi, extrai ele, sem errar, raízes quadradas de números de quatro algarismos, dando o resto”. Além disso, o instinto de cálculo é de regra extremamente precoce, aparecendo nos primeiros anos de vida, quando o cérebro está ainda pouco desenvolvido, no início das suas funções superiores. Aliás, os indivíduos em questão servem-se de processos de simplificação, que descobrem intuitivamente, mas que são suscetíveis de aprendizagem. Tubureau, mestre numa escola de Lyon, freqüentada por 200 crianças, na maioria trabalhadores, ensinava, além de outras coisas, a calcular de cabeça, segundo um método que havia inventado. Em certa ocasião, foi levado à escola o pequeno pastor Henri Mondeux, que descrevemos acima, para exhibir a sua extraordinária capacidade de cálculo. A criança resolveu com grande rapidez todos os problemas propostos. Quando o público estava suficientemente maravilhado, o mestre pediu humildemente aos presentes que formulassem perguntas idênticas aos seus discípulos. Das duzentas crianças, cinqüenta responderam com a mesma exatidão e a mesma rapidez que Mondeux. H. Laurent, que cita o fato, referindo-se a uma exposição do engenheiro Lamé, conclui: “Eu tinha necessidade do testemunho do ilustre sábio para afirmar que não é difícil desenvolver a faculdade de cálculo mental em crianças”. Num livro de John Romberch, publicado em Veneza em 1533, encontram-se instruções detalhadas para a aquisição de uma memória extraordinária, tal como a de alguns médiuns na época atual. “Pelo processo mnemônico de Romberch é possível, depois de se ter lançado um golpe de vista sobre uma página impressa, repetir-se todo o seu conteúdo imediatamente depois, palavra por palavra”.

Em 1912, R. Quinaton, na Sociedade de Filosofia de Paris, demonstrou que era fácil encontrar, dentro de um a dois segundos, por processo ao alcance de todo o mundo, as raízes de quaisquer números. Alguns sábios presentes fornecem problemas, que Quinton resolveu com rapidez impressionante. Acreditaram que se tratasse de um grande calculador, até o momento em que Quinton revelou o sistema que empregava e que conseguiu descobrir em consequência de uma discussão, na qual negou a inteligência calculadora dos cavalos de Eberfeld. No entanto, se tudo isso se passa com o homem numa idade em que o cérebro está ainda no início de desenvolvimento das suas funções intelectuais, não seria muito para estranhar que pudesse acontecer coisa semelhante com animais, mesmo quando

eles nada têm de fazer com números. Poderia existir aí qualquer coisa determinada pelo ritmo espontâneo da natureza, talvez um mecanismo de cálculo e proporções imanentes às próprias condições da matéria viva e tão simples que poderiam ser realizadas automaticamente, como acontece pelo emprego das máquinas de calcular. Se os resultados são surpreendentes, não há dúvida que a sua realização obedece a dados fixos, por assim dizer que se repetem invariavelmente. Se as coisas se operam dessa maneira dentro da natureza viva, seria admissível supor que também os animais pudessem possuir tais prerrogativas. Nesse caso, poder-se-ia aceitar o fato, como vem descrito por Maeterünk: “Sabe-se que a extração da raiz quadrada de um número de seis algarismos exige dezoito multiplicações, dez subtrações e três divisões. Pois bem, o cavalo faz essas trinta e uma operações em cinco ou seis segundos, isto é, durante o rápido e negligente golpe de vista que lança sobre o quadro em que se acaba de escrever o problema, como se para ele fosse a solução intuitiva e instantânea. Ajuntemos, para atingir o cúmulo do inverossímil e do fantástico que, segundo a afirmação de Krall, o cavalo em questão não foi educado senão até a extração da raiz quadrada do número 144 e que, daí por diante, foi ele próprio quem inventou, espontaneamente, a maneira de extrair a de todos os outros”. Infelizmente, esses fatos não receberam confirmação, tendo ficado demonstrado que era o próprio homem que fornecia ao animal o que não passava de criação do seu próprio cérebro.

O que ocorre ao lado da matemática, repete-se idêntica-mente em relação à música. Crianças-prodígios que tocam instrumentos e compõem música, desde os primeiros anos de vida, não são raras e têm dado lugar a uma abundante literatura. Em muitos casos, sem nunca ter aprendido, a criança executa músicas que ouve ou chega a compô-las, muito natural e simplesmente. O fenômeno produz uma impressão de assombro, sobretudo dada a sua espontaneidade. É provável que a música dependa de dados semelhantes aos da matemática, no sentido de trabalhar com valores e grandezas que guardam entre si relações precisas e que se traduzem pelo ritmo, a harmonia, a melodia. Nessas condições, o processo biológico poderia obedecer a um mecanismo equivalente. Aliás, um autor russo, de época recente, procurou transformar expressões matemáticas em músicas e vice-versa. É uma velha idéia que nós

próprios tivemos há um quarto de século, expondo-a, naquela época, no nosso amigo Miguel Ozório de Almeida que, além de fisiologista, possuía grande cultura matemática e musical. Também não é raro encontrarem-se associadas as duas faculdades em questão, como demonstram muitos indivíduos tornados célebres, tanto na música quanto na matemática. É justamente nelas que aparecem com frequência indivíduos extraordinariamente precoces, mais raros em outros setores intelectuais. Se podem ser encontrados ainda no desenho e na poesia, não há dúvida que, nas ciências experimentais, principalmente nas biológicas e especialmente na medicina, se torna necessária aprender lenta e progressiva, que exclui qualquer possibilidade de precocidade, no sentido de o indivíduo saber sem aprender. É verdade porém, que também aí se verificam diferenças extraordinárias em relação às capacidades dos diversos indivíduos, que variam tanto em intensidade quanto em qualidade. Se muitos calculadores mentais são pouco inteligentes, medíocres ou mesmo imbecis, como se tem verificado igualmente em relação à música, à pintura, à própria poesia, podem essas mesmas faculdades ser encontradas em indivíduos superiores, verdadeiramente geniais.

As considerações que acabam de ser apresentadas visam mostrar quanto essas faculdades, que se impõem como prodigiosas, fazem parte do nosso mecanismo cerebral, devendo ser até, debaixo do ponto de vista biológico, muito simples. Em vez de nos deixarmos dominar pelo mistério e a incompreensão o que devemos fazer é olhar em torno de nós, observar como trabalha a natureza, ver do que ela é capaz. Muitas das maravilhas que nos assoberbam tornar-se-ão assim fenômenos ordinários, cuja existência nada apresenta de sobrenatural. O sobrenatural não passa de uma simples hipótese criada pelo próprio homem que, afinal, andaria melhor se humildemente se contentasse com a incompreensão do que sabe não poder deixar de ser natural.

O que precisamos primeiramente considerar é que o ato de pensar não é consistente, que ele se opera automaticamente, segundo as solicitações que vêm do exterior ou as motivações emanadas do nosso próprio organismo. Não é senão depois de haver pensado, e de ter o pensamento tomado forma concreta, definida, que conscientemente nos damos conta dele, da sua presença ou existência. Também, todo o material que existe

na nossa memória não se encontra diretamente em estado consciente, mas sim em estado latente e parceladamente à disposição das nossas necessidades momentâneas ou contingentes. Já se tem afirmado que não temos idéias inconscientes, mas somente idéias latentes. Basta haver um estado de consciência especial para ele despertar novas recordações e associações. O nosso cérebro guarda todas as impressões recebidas, mas, num momento dado, a memória não se serve senão daquelas que são necessárias ou justificadas. Do contrário, haveria uma balbúrdia de tal ordem, que talvez fosse impossível qualquer orientação. E nem poderia ser de outra maneira, porque, do contrário, não conseguiríamos servir-nos do material acumulado, que seria de proporções absurdas, caso pudesse, num momento dado, afluir em massa à nossa consciência. Quando precisamos, por exemplo, de acordar cedo, em hora fora dos nossos hábitos, é freqüente acordarmos muitas vezes durante a noite e quase sempre antes da hora prefixada, tudo por um trabalho inconsciente, do qual não nos damos conta. Mas, o trabalho cerebral comum, habitual, não se processa de maneira diferente. A adaptação deve ter-se operado de tal maneira que só nos podemos servir daquilo que nos ocorre por qualquer necessidade e tem a sua razão de ser fundamentada. O que surge em tal momento torna-se consciente, podendo provir de épocas remotas, mesmo daquelas que pareciam ter caído em completo esquecimento, havendo desaparecido da memória. Já essa simples constatação nos faz compreender muitas manifestações meidúnicas, cuja origem pode ser descoberta nos meandros da memória, que toma conhecimento de tudo que se passa na nossa vida, tendo sido percebido pelos nossos órgãos dos sentidos. Não é por outra razão que manifestações dessa natureza se conservam necessariamente dentro das realidades terrenas, não tendo surgido até hoje qualquer descoberta que tivesse sido realizada por meio de recursos chamados erroneamente de supranormais. Também, por isso, unicamente por isso, são todas as mensagens e comunicações dos mortos tão medíocres, tão ingênuas, tão cheias de banalidade.

Quando aprendemos a escrever, fazemo-lo aos poucos, vencendo dificuldades, copiando letras e rabiscos, acertando palavras, até chegar a escrever frases, automaticamente. O processo, que fora a princípio moroso, difícil, extraordinariamente consciente pelo emprego da atenção e da vontade, tornou-se agora livre, simples, automático e, antes de tudo, inconsciente,

pois o executamos sem pensar no que estamos fazendo, apenas passando para o papel os pensamentos que nos vão ocorrendo ou aqueles que nos são ditados ou temos de copiar. A nossa escrita é, propriamente falando, um ato automático, não sendo para estranhar que possa ser executada por ordens do nosso subconsciente, como acontece com outras manifestações do automatismo psicológico. O fenômeno, em si, é comparável ao de fazer renda ou tricô, quando a pessoa os executa maravilhosamente, mesmo conservando animadamente ou tratando de outros afazeres. O ponto fundamental da questão, que não deve ser esquecido, é que em todos esses automatismos não se serve o indivíduo senão do que está armazenado na sua memória e faz parte integrante da sua vida, embora aproveite esses elementos de acordo com interesses pessoais ou as necessidades da sua atividade mental. O que se observa em tais manifestações não é a sua perfeição e exatidão, como é relatado por muitos autores, mas sim, pelo contrário, falhas e impressões, demasiadamente naturais. O que se verifica ainda na escrita automática é o aparecimento de anagramas, de assonâncias, de analogias, e também a escrita invertida. Aliás, a escrita invertida, como vista ao espelho, não é de difícil execução. Pierre Janet, de temperamento extremamente dinâmico, diz textualmente, “que, depois de duas a três tentativas de alguns instantes, conseguiu escrever dessa maneira com bastante rapidez”.

Quando o médium fala línguas estrangeiras sem as conhecer, podemos estar certos de que os seus conhecimentos são muito limitados e que lhe faltará a pronúncia exata, visto ser necessária longa aprendizagem para poder adquiri-la. O mesmo acontece em relação à escrita automática, comumente confusa e de difícil leitura, sendo as maravilhas que lhe são atribuídas antes produto da engenhosidade dos seus intérpretes. O que aparece com evidência em todas essas manifestações é a sua significação medíocre, insignificante, muito em desacordo com o que deveríamos esperar de visões verdadeiramente sobrenaturais.

Maeterlinck argumenta esplendidamente:

“A menor revelação astronômica ou biológica, o menor segredo do passado, aquele, por exemplo, da liga do cobre, uma particularidade arqueológica, um fragmento de uma dessas ciências desconhecidas que floresceram no Egito na Atlântida seria argumento muito mais peremptório do que centenas de reminiscências mais ou menos literárias. Por que não nos falam senão raramente do futuro, e por que razões, quando se

aventuram por tal caminho, erram com uma regularidade desencorajante?” E ele cita, então, o caso do famoso médium Stainton Moses, que era “um pastor americano dogmático, consciencioso e cuja instrução, quando se encontrava no seu estado normal, não excedia à de um professor de escola comum. Mas, bastava que entrasse em transe para que certos espíritos da antigüidade ou da Idade Média, conhecidos somente pelos eruditos, entre outros Santo Hipólito, bispo de Ostia, Aterodoro, preceptor de Tibério, Plotino, e sobretudo Groeyn, amigo de Erasmo, tomassem posse da sua pessoa para se manifestarem, fazendo revelações. Nessas condições, Groeyn deu, por exemplo, informações sobre Erasmo, que, a princípio, se acreditou fossem colhidas no outro mundo, mas que, posteriormente, foram descobertas em livros esquecidos, dificilmente acessíveis. Por outro lado, a probidade de Stainton Moses nunca foi posta em dúvida pelos que o conheceram, de maneira que se lhe podia dar crédito quando afirmava não haver lido os livros em questão. O mistério, no entanto, por inexplicável que parecesse, estava escondido entre nós. Afinal, como das outras vezes, verificou-se aqui essa mesma impotência característica, incapaz de nos trazer uma parcela sequer da verdade ou de qualquer conhecimento, que não fosse encontrada nalgum cérebro vivo ou num livro existente sobre a terra”.

Para ver quanto é fácil o trabalho do subconsciente e até onde pode ir o efeito da sugestão, vamos citar as experiências do coronel de Rochas que, fazendo dormir certos indivíduos, os transportava a existências anteriores, depois de os fazer reviver, em sentido retrógrado, a sua existência atual, descendo à infância, até o momento do nascimento! Quando alcançavam esse ponto, transpunham de um salto o período do “nada” e, então, entravam na existência que haviam vivido na geração anterior. Dessa maneira, podiam reviver muitas vidas passadas, como no caso de uma senhora que atravessou onze gerações. Em 1860 tinha sido uma moça chamada Margarite Duchesne, cujo pai possuía uma venda; em 1702, vivera sob o nome de Jenny Ludovic e, na época de Francisco I, tendo sido soldado, foi morto em combate em Marignan; em 1302, fora preceptora em Vannes, sob o nome de Mariette Martin, e, assim, sucessivamente em diversos outros papéis, através dos tempos. Um autor, descrevendo essas manifestações, exprime-se do seguinte modo: “O coronel de Rochas, convém notá-lo desde início, é um sábio que não procura senão a verdade objetiva e com rigor e uma probidade científica que nunca foram postos em dúvida. Ele adormece certos indivíduos excepcionais por meio de passes longitudinais, fazendo-os reviver toda a existência. Assim, sucessivamente, leva-os à infância, à adolescência e até os extremos limites da velhice. Em cada um desses estados hipnó-

ticos, o indivíduo reencontra a consciência, o caráter e o estado de espírito que possuía na etapa correspondente da sua vida. Ele atravessa, então, os mesmos acontecimentos, tendo as suas felicidades e os seus sofrimentos. Se esteve doente, repassa a doença, a convalescença e a cura. Se se trata, por exemplo, duma mulher que se tornou mãe, sente-se ela de novo grávida, tendo as angústias e os sofrimentos do parto. Levada a idade escolar, escreve como uma criança, sendo a sua caligrafia semelhante àquela dos seus cadernos de escola”. Mas Rochas, que considerou tudo isso como fatos reais, como fenômenos mitológicos demonstrados por numerosas experiências, foi ainda além, fazendo voltar o indivíduo às suas encarnações anteriores recuando de uma geração para outra, como acabamos de referir. Mas, “notemos, para não ocultar nada e pôr sob os olhos todas as peças do processo, que o coronel Rochas, depois de fazer verificações, constatou que, em muitos pontos, as revelações dos indivíduos, relativas às suas vidas anteriores, eram inexatas”. É ele próprio quem diz: “As descrições apresentadas estavam cheias de anacronismos, que revelavam a introdução de recordações normais em sugestões de origem desconhecida”. Vimos que, quando Rochas fazia ao indivíduo a sugestão de haver voltado à infância, então se comportava ele como se estivesse realmente nessa fase da vida, até escrevendo com letra infantil. É a mesma coisa que relatamos quanto às observações de Krafft-Ebing no capítulo anterior. Mas, Rochas fez também a experiência inversa, sugerindo que o indivíduo havia envelhecido. Nessas condições, ele se comportava como um ancião, embora este fragmento da existência não tivesse sido ainda vivido. Isso demonstrava, portanto, que tal situação não podia ser real, constituindo prova evidente de que as vidas passadas eram igualmente imaginárias. E Pascal admite que Rochas acabou vítima das suas próprias experiências, por meio das quais obtinha apenas mudanças de personalidade, graças aos processos de sugestão que empregava inconscientemente. Em tudo isso, nada havia de sobrenatural ou de metapsíquico, não passando as histórias apresentadas de produtos fantásticos e imaginárias, cheias de erros e grosseiros anacronismos. E conclui que o livro de Rochas “não tem senão um valor, aliás inestimável: o de mostrar quão facilmente pode um homem inteligente e instruído tornar-se vítima de uma sugestão inconsciente”.

Pelos exemplos apresentados anteriormente, vimos que, por meio da sugestão e da hipnose, é fácil desdobrar a personalidade do indivíduo, inculcando-lhe outras, quase à vontade do hipnotizador. Se este afirmar que a pessoa é um cão ou um gato, procurará ela comportar-se segundo a idéia que forma desses animais, pondo-se de quatro e latindo ou miando como um deles. Vimos também que, por processos de idêntica natureza, existiram lobisomens e bruxas autênticas, mesmo segundo a sua própria convicção. Mas, fora disso, é igualmente possível elevar o indivíduo acima das suas qualidades habituais, como ilustramos pelos casos de dançarinas sonâmbulas, pintores e escritores em estado de transe, etc. Aliás acrescentamos que isso poderia realizar-se com freqüência na vida comum, caso não predominasse o processo inverso, isto é, de o indivíduo sentir-se falho e incapaz justamente por se ter tornado vítima de sugestões negativas. Não foi por outra razão que falamos do aproveitamento da sugestão mental e mesmo da hipnose como recurso educacional e terapêutico de grande futuro.

Um território que tem sido extraordinariamente explorado por meio desses processos é o do espiritismo, sobretudo sob a forma de mediunidade. Pela sugestão e a hipnose é fácil criar alucinações completas, tendo aspecto da mais absoluta realidade. Exemplos dessa natureza são encontrados em abundância, tanto em antigas como em modernas publicações sobre hipnotismo. Queremos citar apenas uma observação, referida por Ludw Mayer, no seu livro — “Die Technik der Hipnose”, aparecido em 1934. Trata-se de uma moça e de um rapaz estudantes, gozando perfeita saúde e que foram por ele hipnotizados. Mayer queria mostrar os quadros alucinatórios que podem ser sugeridos e quanto é fácil, na vida comum, tornar-se o indivíduo vítima de falsas impressões, tomando como fatos reais o que não passa de produto da imaginação. Mayer hipnotiza-os com facilidade e sugere que lhes vai apresentar um professor de clínica, que é por eles recebido com os cumprimentos habituais. Depois, de olhos abertos, entram em conversação com aquele ser imaginário, respondendo às perguntas que lhes são feitas. A conversa gira em torno da última aula. Era interessante ver como ambos discutiam com crítica, cada um querendo fazer valer a sua opinião. No fim de cinco minutos, Mayer sugere: “O professor deve despedir-se, pois recebeu um chamado por

telefone e precisa atender um doente”. Há uma despedida cortês e Mayer os dessugestiona, pedindo as suas impressões. Para evitar influências de um sobre o outro, sai a moça do quarto, enquanto passa o estudante a dar a sua opinião, que é concebida nos seguintes termos: “Acabei de ser apresentado ao professor X, cujo curso estou freqüentando neste semestre e a quem de há muito desejava conhecer pessoalmente. Conversamos sobre a aula de hoje, o que foi muito interessante. É pena que ele tivesse partido tão cedo, pois tinha ainda muitas coisas para lhe perguntar. Mayer objeta que era inteiramente impossível ter estado o professor naquele quarto, ao que o estudante respondeu imediatamente: “Não, ele esteve aqui, eu sei bem o que estou dizendo. Podemos telefonar para ver. Ele saiu às pressas, para ver um doente. Eu conversei com ele na mesma posição em que estou conversando agora com o senhor”. Diante da dúvida manifestada por outra pessoa presente, replicou, quase com grosseria, que havia falado realmente com o professor e que proibia perguntas tão estranhas, quando as coisas eram tão claras.

A moça também disse que se lembrava perfeitamente da conversação mantida com o professor, embora, na sua maneira de falar, se percebesse certa dúvida, talvez devida ao fato de ter ficado só, e, assim, suspeitado haver sido objeto de qualquer experiência de hipnotismo. Mayer diz-lhe que, na verdade, se datava de uma experiência desse gênero e que realmente o professor não estivera presente. O estudante exclamou: “É impossível acreditar em tal história! Eu vi o professor claramente diante de mim e até tivemos uma longa conversação.” A moça não reagiu. Depois disso, Mayer hipnotizou-os de novo, por meio de um simples gesto. O estudante fechou logo os olhos, mas, quanto à moça, percebeu-se que oferecia certa resistência. A experiência que já havia sido feita tivera para ela menos valor realístico que para o estudante. Nessa altura, Mayer diz ao estudante que, agora, vai poder conversar com seu pai, já morto. Pouco tempo depois, ele abre os olhos e, em lágrimas, pergunta: “És tu, papai? Há 15 anos que não temos notícias tuas, a tua última carta foi recebida em 17 de agosto”. Menciona então o nome de uma localidade francesa, que torna a repetir em voz baixa, hesitando. Para que a sugestão não produzisse abalo maior, Mayer dessugestionou os dois participantes, pedindo-lhes para descrever o que ocorrera.

Num tom de voz completamente diferente, relata o estudante que havia visto o seu pai desaparecido e que este lhe comunicara haver sido mortalmente ferido por uma granada na França. O rapaz prosseguiu profundamente emocionado. Quanto à moça que, nessa experiência, representou apenas papel de ouvinte, embora em estado de hipnose profunda, também ela descreveu, cheia de emoção, ter visto um oficial muito pálido, que apresentava um ferimento horrível. A maneira de fazer a descrição, a respiração rápida da moça e outros sinais mostraram que também nela havia alucinação sugestiva criada uma representação definida, que foi completada por associações sugestivas. A emoção com que fizeram a descrição, o abalo moral que sofreram, a palidez do rosto, o tremor das mãos, a crise de suor, tudo isso demonstrou de tal modo a intensidade do quadro sugerido que Mayer não quis prosseguir na experiência. O estudante, dominado pela impressão que acabava de ter, não podia compreender que o pai tivesse surgido diante dos seus olhos para desaparecer subitamente, como um espírito.

Mayer hipnotizou de novo as duas pessoas e sugeriu que, desta vez, em estado hipnótico, iriam ambas ficar sabendo que todo o ocorrido não passava de um sonho, criado por sugestão hipnótica. O sonho lhes fornecera uma representação ilusória da realidade, tal como acontece nos sonhos comuns. E Mayer acrescentou que, depois da hipnose, reconheceriam eles próprios o caráter alucinatório das suas impressões. Depois da dessugestão, ficaram ambos profundamente admirados. O estudante permaneceu ainda desorientado. O acontecimento sugerido foi para ele tão emocionante que, ainda depois, punha em dúvida a explicação fornecida, tendo tendência para admitir que a alucinação representasse a verdadeira realidade. A moça respirou como libertada de um pesadelo, e disse: “Foi uma situação estranha, tudo parecia tão verdadeiro! Quando me lembro do encontro com o professor, preciso empregar toda a minha vontade para convencer-me de que tudo não passou de um simples sonho. O estudante olhou perplexo para a moça, sacudiu a cabeça e fixou o olhar no chão. Não podia conformar-se ainda com a explicação dada, isto é, não estava ainda completamente dessugestionado. Mayer pondera: como a resolução dos sintomas psíquicos deve realizar-se da mesma maneira que a dos orgânicos, pode-se concluir que a persistência das impressões devia traduzir o prosseguimento da última sugestão. Tornava-se necessário, portanto, reconduzir o indivíduo

à situação anterior, a fim de serem as sugestões desfeitas. Mayer hipnotiza-o mais uma vez ordena que ouça bem cada uma das suas palavras. “Veja agora o professor entra no quarto, você o cumprimenta e ouve que a sua colega também conversa com ele. Mas, é preciso pensar que tudo isso que está vendo e ouvindo não passa de uma ilusão. Agora, em estado hipnótico, está em condições de se dar conta da influência que estou exercendo sobre você. A visão de seu pai foi produzida por uma simples sugestão. O nome da localidade lhe veio à memória porque foi daí que recebeu a última carta, que tinha o carimbo desse lugar. Agora, você sabe com certeza que o que aconteceu foi uma pura alucinação. Ao acordar, você vai ver que, pensando bem, ela vai se desfazer completamente, pois não possui qualquer base real. Você vai se sentir cada vez melhor, sabe do que se trata e vai abrir os olhos. Depois dessa sugestão, o estudante sentiu-se perfeitamente bem e disse que, agora, estava bem informado de tudo, não tendo mais a menor dúvida”. Termina aqui a exposição de Mayer, que quisemos apresentar textualmente, a fim de mostrar a marcha dos acontecimentos. Trata-se de experiências de hipnose realizadas por um médico prático, um dos melhores conhecedores modernos do assunto na Alemanha e que são muito ilustrativas para demonstrar quanto é fácil obter alucinações por sugestão hipnótica e o grau de persistência que podem adquirir. Transferida essa observação para o campo do espiritismo, poderá explicar grande número de fenômenos mediunísticos que, de outra maneira, poderiam impor-se como sobrenaturais. É verdade que, mesmo assim, não deixa tudo isso de ser maravilhoso e incompreensível, embora talvez não mais maravilhoso nem mais incompreensível que o nosso mecanismo de pensar, o da nossa memória consciente, o da nossa inteligência ou da nossa consciência. Todas essas funções fazem parte da nossa vida normal, do nosso mecanismo miológico, com os quais estamos tão acostumados que não sobra quase lugar para nos surpreendermos. É muito comum, nos hábitos de todos os dias, executarmos atos que implicam na dissociação das nossas faculdades, como acontece quando estamos pensando uma coisa, enquanto realizamos outra. O que nos mostram os diversos automatismos, é que tais possibilidades podem alcançar proporções extraordinárias, até há pouco quase insuspeitadas, mas que, normalmente, fazem parte do nosso mecanismo cerebral. O problema é de pura psicologia humana, no que ela tem de mais concreto

e objetivo. Temos visto quanto o trabalho do inconsciente pode operar-se autonomicamente, indo do sono à hipnose, ao sonambulismo, à sugestão, à histeria e, não por último, às variadas manifestações denominadas mediúnicas e metapsíquicas. Por outro lado, já se tem mostrado que o mesmo indivíduo pode ser severo, duro, bruto na profissão, sobretudo com os seus subalternos, enquanto dócil e bondoso com a família, no seu próprio lar. Mas, pode acontecer também o contrário, isto é, de ser ele um tirano em casa e, nas suas relações sociais ou profissionais, tímido e medroso. Em geral, tudo isso pode ser explicado psicologicamente, por processos de recalcações e compensações. Os poetas e os artistas, quase sempre considerados sensíveis, delicados, sentimentais, não passam, muitas vezes, na intimidade, de burgueses horrorosos, faltos de espírito e sentimento. Basta um indivíduo meter-se num uniforme ou vestir a toga de juiz para que logo se transforme a sua mentalidade, adaptando-o à situação que deve representar. Entre nós é muito fácil observar tremendas transformações desse gênero, quando o indivíduo se fantasia para os folguedos do carnaval. Dessoir fala de um instinto da natureza humana, de uma tendência para a representação, que se manifesta pelo fato de qualquer indivíduo desejar levar uma dupla vida. “A tendência, pelo menos durante um certo espaço de tempo, de querer parecer um outro está no fundo do coração de todos nós”. Na criança é comum ver-se que, nos seus brinquedos, procura representar papel de acordo com a sua fantasia. O próprio adulto, quando vai ao teatro ou ao cinema, o que procura muitas vezes é reviver os desejos secretos de sua personalidade. Quando o indivíduo perde as estribeiras quando cai em acesso de raiva ou indignação, é freqüente vê-lo cometer atos e proferir palavras em desacordo com a sua usual maneira de proceder. Então, está ele fora de si, e a expressão leiga traduz admiravelmente a situação, mostrando a existência de uma outra personalidade. Também as moléstias, o álcool e outras substâncias podem alterar o indivíduo, fazendo-o pensar e agir diferentemente do seu habitual. Com o álcool pode acontecer de a pessoa sentir-se alegre e até embriagada, mesmo antes de bebê-lo por simples auto-sugestão do momento ou do ambiente.

Pela sugestão, pode o indivíduo executar movimentos automáticos sem fim, por exemplo, falar, cantar, dançar, rir, bocejar, sem parar, até receber ordem para cessar tais atividades, de

cuja inutilidade ou absurdez pode dar-se conta, até derramando lágrimas de revolta embora sentindo-se obrigado a prosseguir-las. Se a ordem é para andar de olhos fechados dentro de um quarto atulhado de móveis poderá chocar-se com eles, levar tombos e encontrões, ferir-se em múltiplos lugares do corpo, mas continuará, não levando em conta esses incidentes, até receber a dessugestão. Tudo é feito de acordo com o que foi sugerido ou segundo a maneira pela qual foi compreendida a sugestão. Desse modo, podem ser suprimidos o olfato, o paladar, a visão, a audição, a sensibilidade cutânea, tudo de maneira completa ou apenas parcialmente a favor ou contra determinadas percepções. A água de Colônia poderá deixar de ser distinguida do ácido sulfídrico, o doce do amargo, um som violento não ser ouvido e um fraco percebido com grande acuidade. Também, qualquer percepção sensorial pode ser sentida ao inverso da realidade, tudo de acordo com a sugestão dada pelo hipnotizador. “O verde pode tornar-se, segundo a ordem recebida, vermelho; o frio, quente o doce, amargo. O indivíduo cavalgará uma cadeira como se fosse um cavalo; andará de quatro pelo chão, latindo como um cão; encher-se-á de pavor, vendo, por alucinação, uma serpente, um urso, qualquer outro animal feroz. Porá na boca o cinzeiro como se fosse um cigarro, acenderá esse pretense cigarro com um grande livro à guisa de fósforo e fumará com prazer, libertando-se com cuidado da imaginária cinza queimada. E, isso, até que seja suspensa a sugestão”. As coisas não serão tomadas como realmente são, mas como foram sugeridas. Apesar disso, durante a hipnose, há conservação da consciência, ao contrário do que foi admitido por quase todos os autores durante dezenas de anos. Fora do que é imposto pela sugestão hipnótica, pode o indivíduo dar-se conta da realidade que o cerca, ao contrário do que acontece em relação ao conteúdo da sugestão. Quanto aos objetivos e às situações sugeridas, poderá fornecer detalhes sem fim, apesar de não passar tudo de fantasia. Se tem nas mãos um objeto qualquer ou mesmo nenhum, descreverá com minúcia aquele foi sugerido e que, para ele, no momento, possui existência real. Ele se sentirá transformado numa ama de leite ou num animal, ninará uma escova como se fosse um filhinho querido, escreverá como um menino de sete ou oito anos se recebeu a sugestão de ler essa idade, mas, logo depois, poderá transformar-se em mestre severo e carrancudo, caso a sugestão tenha sido alterada nesse sentido. Também pode receber alucinações nega-

tivas, ficar sem mãos ou sem orelhas, sem poder fechar a boca aberta ou abri-la quando fechada, representando tudo com impressionante verdade, de maneira tão real que as próprias funções orgânicas acompanham tal ritmo de ação.

Em geral, o sujeito procura executar qualquer sugestão da melhor maneira possível, segundo o que se pode esperar da sua boa compreensão. É por isso que, recebendo ordem de comportar-se como cachorro, não fica em atitude passiva, mas logo se põe de quatro, saltando e latindo como esse animal. No papel de mestre, impertiga-se, fala com autoridade, repreende os discípulos, tudo de acordo com a fantasia que desencadeia tal situação. Na escala das emoções, pode percorrer todos os graus, saltando até subitamente de um para o seu contrário. Se está debilhado em lágrimas diante da notícia triste da morte de um parente, passará a rir-se às gargalhadas quando, dessugestionado da primeira impressão, se julgar presente a uma representação de caráter cômico. Sentirá alegria ou desespero, medo, raiva, entusiasmo, depressão, tudo segundo a sugestão recebida. E bastará pouca coisa para levá-lo a reagir de determinada maneira: um movimento mínimo, a execução de uma parte de qualquer ato será suficiente para desencadeá-lo em toda a sua extensão. Por exemplo: uma ação mecânica ou elétrica, capaz de suscitar uma contração muscular tradutora de certa emoção, poderá despertá-la com toda a mímica correspondente. Uma simples mudança de voz do hipnotizador pode modificar toda a reação do hipnotizado. Por isso, é necessário fornecer apenas as sugestões desejadas e, de tal modo, que não possam ser diversamente interpretadas. Não foi por outra razão que se acreditou que o hipnotizado ficasse sob a obediência absoluta do hipnotizador, alheio a tudo o que se passava em torno dele. Mas, se isso realmente acontecia, é porque a sugestão era feita nesse sentido. Hirschlaff dá-nos um exemplo muito ilustrativo: se perguntam ao hipnotizado onde se encontrava ele na noite passada, dará sempre uma resposta certa, verdadeira. Mas, se em vez disso, perguntam-lhe se, na noite passada, esteve em casa de determinada pessoa, responderá que sim, muito naturalmente, com convicção. É que já houve, nesta última indagação, uma sugestão, à qual o sujeito procura corresponder.

A própria amnésia, isto é, o esquecimento completo do que ocorreu durante o período da sugestão hipnótica, considerada

com um dos seus elementos mais característicos, provém unicamente da sugestão habitual feita nesse sentido e da qual o indivíduo não consegue libertar-se por sua própria conta. E é assim, porque ele pode recordar-se perfeitamente do que aconteceu durante a fase hipnótica, desde que a sugestão seja feita nesse sentido, isto é, desde que lhe seja sugerido não dever esquecer-se do que ocorreu durante aquele estado. O mesmo pode ser dito em relação à influência do hipnotizador sobre o hipnotizado, que se acreditou ser absolutamente individual, no sentido de este somente obedecer às ordens daquele. Provinha também isso de um erro de observação, de um verdadeiro processo de sugestão vindo desde os primeiros tempos do magnetismo e que escapara à argúcia dos investigadores. Não foi senão muito mais tarde que se verificou que o hipnotizado obedece a qualquer ordem, desde que não se julgue sob o domínio único do seu hipnotizador.

A interpretação de todos esses fenômenos como manifestações do subconsciente representa grande progresso científico, que muito tem facilitado o seu estudo e a sua compreensão. Libertamo-nos assim, pelo automatismo psicológico, de demônios e espíritos desencarnados, verdadeiros trambolhos dentro da ciência e mesmo da religião. É um material que só está transformando rapidamente em velharia imprestável e que, provavelmente, acabará por se tornar apenas objeto de cogitações dentro da pré-história do moderno advento psicológico. É o contrário do que irá acontecer com a sugestão e a hipnose, que, segundo a nossa mais íntima convicção, passarão a constituir, em tempo não recuado, elemento integrante da nossa educação e da nossa vida, sob todos os seus aspectos sociais e profissionais.

## CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

*SUMÁRIO: O corpo e alma. Influências psíquicas sobre funções orgânicas: metabolismo, temperatura, secreções endócrinas e glandulares, etc. Dermografismo, estigmatizações e outras manifestações cutâneas por sugestão. Exageros e alucinações. O problema das verrugas e a sua cura pela psicoterapia. Tratamentos de simpatia. Psicoterapia na lepra. Tratamento de doenças orgânicas pela hipnose. Operações e partos com anestésias por sugestão. As observações do velho hipnotismo. Poder da sugestão e o seu papel social e na Medicina.*

**D**E HÁ MUITO SE SABE que fatores psíquicos podem atuar de maneira decisiva sobre as mais diversas funções do organismo. Beaunis, em tempos passados, mostrou que, por meio da sugestão hipnótica, podiam-se acelerar e retardar os movimentos cardíacos. Krafft-Ebing, em 1889, publicou a observação de uma histérica, que apresentava elevações de temperatura, atingindo até 41,5 sem haver outros sintomas de febre. Por meio de sugestão, ele fazia cair a temperatura até 36c e também a elevava até 38,5; e prosseguiu realizando observações desse gênero durante meses seguidos. Mohr, em tempos mais recentes, conseguiu coisa idêntica numa histérica, cuja temperatura retal, depois de uma gripe, se conservou a 38° durante várias semanas, caindo imediatamente para 36,5, por sugestão. Fatos dessa natureza têm grande valor para o médico prático, pois, não raro, verifica ele a influência dos fatores psíquicos,

não somente sobre a temperatura, como também sobre muitas outras funções do organismo. Desde velhas experiências, sabe-se que o centro regulador da temperatura, que trabalha com precisão verdadeiramente extraordinária, está localizado no sistema nervoso central, isto é, no cérebro, precisamente no quarto ventrículo. A secreção de leite pela mama, as funções renais e intestinais, o ciclo menstrual, o próprio metabolismo basal, podem ser influenciados por processos de sugestão, sobretudo hipnótica. A secreção do suco gástrico, de bile e de suco pancreático opera-se de acordo com o alimento que é hipoteticamente sugerido. Gessler, Neumann e Hansen demonstraram que as sugestões de frio e calor podem afetar o metabolismo basal e outras funções do organismo, como se se tratasse de influência real e direta desses fatores térmicos. Colocaram um indivíduo num quarto de temperatura normal, sugerindo-lhe que o mesmo estava muito frio ou, pelo contrário, bem aquecido. No caso da sugestão de frio, o indivíduo ficava arrepiado, punha-se a tremer e o metabolismo basal subia até de 30 a 40 por cento. Se, logo depois, era feita uma sugestão contrária, isto é, de estar fazendo calor, punha-se ele a transpirar e o metabolismo voltava ao normal. Por sugestão é possível alterar até a posição de órgãos, como foi averiguado, por exemplo, em relação ao estômago.

Pela hipnose, o indivíduo pode deixar de ouvir barulhos violentos, assim como pode sentir o cheiro intenso de amônia como se fosse um perfume delicioso ou tolerar, sem qualquer reação de dor, descargas elétricas, cuja voltagem desencadeia, normalmente, sofrimentos intoleráveis.

Traumann e Mayer verificaram que o metabolismo basal de um indivíduo hipnotizado aumenta quando é feita a sugestão de estar ele atacado de câncer ou de cegueira. E parece que esse aumento não é produzido nem por alterações circulatórias nem respiratórias. A doutora, Thérèse Brosse, minha companheira de trabalho no Hospital Claude Bernard de Paris, em experiências realizadas com ióguis, na Índia, comprovou, por meio de aparelhos, que eles conseguiram permanecer em estado de apnéia por tempo mais ou menos longo, portanto, em estado comparável ao de animais hibernantes, havendo grande queda do metabolismo basal e também diminuição da voltagem no eletrocardiograma. A mesma autora pôde verificar que eles conseguiam influenciar à vontade a ação dos

músculos estriados e lisos do organismo, de tal maneira que eram capazes de regular os movimentos peristálticos, o jogo do esfíncter anal e vesical, podendo aspirar água ou leite no reto e na bexiga, sem auxílio de qualquer instrumento. À sugestão de se espremer cebola nos olhos, reagem estes com lágrimas.

Marx mostrou que uma sugestão de beber grande quantidade de líquido, feita em hipnose profunda, era acompanhada de uma diurese abundante, correlativa ao volume fictício de líquido ingerido por sugestão. Não somente a água, mas também o cloreto de sódio e outros sais sofrem alterações de concentrações no sangue e em suas quotas de eliminação por efeito de simples sugestão hipnótica. Vimos que a secreção do suco gástrico, da bile e de outros sucos digestivos, assim como a do leite, pode ser influenciada por esse fator. A menstruação pode, igualmente, obedecer à sugestão hipnótica, havendo até gravidezes puramente psíquicas, fantásticas e imaginárias, acompanhadas de aumento de volume do ventre e dos seios, assim como de todos os sintomas habituais dessa situação. Essa simulação pode prolongar-se por meses seguidos, mantida pela auto-sugestão da própria vítima, convicta da realidade desse estado. O simples medo de gravidez pode fazer desaparecerem as regras, por um mecanismo sugestivo de inversa significação.

Fatos idênticos ocorrem em relação à pele, que pode apresentar manifestações patológicas, criadas tanto pela hipnose quanto pela simples auto-sugestão inconsciente. É o que nos mostram com particular evidência os casos de estigmatização, já objeto de numerosas publicações. Charcot, empregando a sugestão hipnótica, conseguiu obter grande inchaço de uma das mãos, enquanto a outra se conservava normal. Jendrassik empregou papel de escrever sugerindo que se tratava de sina-pismo e, no dia seguinte, encontrou vermelhidão e vesículas no lugar da aplicação. O mesmo aconteceu quando fez a sugestão de que se tratava da aplicação de um ferro candente, que também provocou sinais de queimadura, deixando até cicatriz.

Aliás, sobretudo em relação ao dermatografismo e às estigmatizações, houve muita dúvida e embuste, que chegaram para desorientar grande número de observadores. Enquanto puderam alguns, desde logo, fazer verificações positivas, descobriram, outros processos de fraude e simulação, que os levaram a negar tais manifestações. De um lado, houve excesso de

convicção e entusiasmo, ao passo que do outro, de dúvida e desconfiança. Quando Virchow, o ilustre sábio alemão, foi convidado para estudar os estigmas de Louise Lateau, declarou, de antemão, que se tratava, ou de fraude, ou de milagre! Pois bem sabemos hoje que não se trata nem de uma coisa nem de outra. Babinski, Milne Bramwell e outros negaram, categoricamente, tais fenômenos, chegando Schrenck-Notzing a afirmar que a formação de vesículas por simples sugestão era coisa de todo impossível. A sua conclusão foi baseada em experiências realizadas com grande rigor, por meio das quais verificou que o aparecimento de tais reações era auxiliado artificialmente pelas próprias pessoas submetidas a essa sugestão, que irritavam a pele, até mesmo lesando-a. Embora gessando o membro em que deviam surgir as manifestações sugeridas e colocando o doente dia e noite sob guarda permanente, conseguiu descobrir manobras estranhas, encontrando, por vezes, a própria camada de gesso perfurada por alfinetes. Diante disso, Notzing negou a realidade do fenômeno em questão, que, contudo, pôde ser depois rigorosamente demonstrado. Beaunis, Janet, Krafft-Elling, Binet e muitos outros autores conseguiram produzir, experimentalmente, dermografismo, equimoses, hemorragias, queimaduras e outras manifestações cutâneas por meio de sugestão.

O médico inglês Wright relatou de si próprio que era capaz, pela ação da vontade, de produzir urticaria em suas pernas e braços. Brunnemann demonstrou, em tempos recentes, ser possível criar, por meio de sugestão hipnótica, furúnculos, eczemas, úlceras e outras manifestações cutâneas, que também podiam desaparecer pelo emprego de sugestão contrária.

Se, no início, houve dúvidas quanto à possibilidade de produção de vesículas e outros sinais de irritação da pele pela sugestão hipnótica, está isso hoje demonstrado como fato indiscutível. Experiências baseadas em reflexos condicionados demonstraram à saciedade que excitações psíquicas podem produzir ações físicas intensas nos diversos órgãos e tecidos do organismo. A própria imunidade, além de fenômeno biológico e físico-químico, pode ser posta na dependência de fatores psíquicos, tal como acontece quando reaparece por meio de reflexos condicionados, como o criado por um som, mesmo quando os anticorpos hajam desaparecido. Nessas condições, não é de admirar que uma ilusão ou uma alucinação possam

afetar o organismo profundamente, produzindo efeitos físicos, como os das estigmatizações. Também, pela palavra, é possível criar reflexos condicionados, capazes de atuar sobre o sono, o pulso, a tensão sanguínea, etc. Markus e Sahlgren conseguiram diminuir pela hipnose a ação de certos medicamentos, como a adrenalina, a pilocarpina e a atrofia, cujos efeitos sobre o organismo são bem conhecidos e fáceis de verificar.

O que sabemos hoje é que a sugestão tem efeito extraordinário em quase todas as manobras terapêuticas, hoje sobejamente demonstrado pelo emprego de placebos. A própria psicoterapia, sob as suas variadas modalidades, parece não escapar dessa premissa, pois o simples fato do doente procurar o médico e decidir-se pelo tratamento já representa uma sugestão, capaz de agir até nas manobras da psicanálise. Todos os dias aparecem novas observações, que mostram quanto o subconsciente toma parte em manifestação desse gênero e pode decidir a conduta de uma vida.

O doutor Magonat, no *British Medical Journal* de 26 de abril de 1952, relata o caso de um paciente sensível ao pólen de determinada planta, mas que não tinha acessos quando a sua sogra se ausentava da cidade. Uma moça de vinte anos e um rapaz de quinze, que sofriam acessos de asma desencadeados por chocolate e cebola, puderam passar a comê-los impunemente graças à sugestão hipnótica. Num menino de 13 anos, que sofria há oito anos de asma, os acessos desapareceram completamente por efeito do tratamento hipnótico. Os tratamentos medicamentosos da asma, tão variados e numerosos, têm em geral efeito mais psíquico e sugestivo, porque a doença decorre comumente de vantagens morais ou materiais que os sofrimentos podem trazer ao paciente. É o que parece suficientemente demonstrado, embora por vezes possa ter o ACTH, nos casos crônicos, melhor efeito que a hipnose.

Os próprios fatores orgânicos podem influenciar ou ser profundamente influenciados pelos psíquicos. Cannon e outros autores verificaram que a coagulação do sangue pode variar por interferência de fatores psicossomáticos. É o que se pode concluir também das observações de Hoffmeister, recentemente confirmadas por Schneider. Assim, nos doadores de sangue, pode o estado emocional de momento fazer variar o tempo de coagulação de maneira extraordinária. Nos indivíduos calmos, habituados a fornecer sangue, pode ser de oito a doze minutos,

enquanto que, nos nervosos, antes da punção venosa, torna-se muito menor, de quatro a cinco minutos, mais ainda nos ansiosos e amedrontados, apenas um a três minutos.

Já de longa data provêm referências sobre a possibilidade de produção de estigmas cutâneos por influência da imaginação. Basta citar os nomes de Avicena, Paraceiso e Giordano Bruno, o último dos quais afirmou em 1595: “Sabemos bem que algumas pessoas vão tão longe em suas convicções religiosas, que chegam a fazer aparecer, no próprio corpo, as chagas da divindade transpassada, cuja imagem estava gravada em seu espírito, justamente devido ao poder da sua ardente imaginação”.

É sabido que estigmatizações e outras manifestações consideradas como miraculosas, observadas com mais freqüência desde a Idade Média, são peculiares aos povos católicos, não aparecendo em protestantes, judeus, muçulmanos, budistas, que não acreditam na divindade de Cristo. O fenômeno está, portanto, de acordo com as suas respectivas crenças, pois, enquanto para os católicos possuem essas manifestações significação divina, negam-lhe os protestantes este caráter julgando-as produzidas pelo simples trabalho da imaginação, interessante e que o fator psicológico em questão seja suficiente para determinar ou recalcar o aparecimento dessas exteriorizações.

Quando os estigmas surgiram pela primeira vez em São Francisco de Assis, em 1624, estava ele em êxtase e contemplava o quadro da crucificação. Foi esse fato miraculoso que serviu de ponto de partida para outras estigmatizações que, desde então, se têm multiplicado, ultrapassando atualmente muitas centenas. Emoções violentas podem ocasionar equimoses, crises de urticária e outras perturbações da pele e de órgãos internos. Uma gota d'água caindo sobre a pele pode, por sugestão hipnótica, produzir dor e vermelhidão no local. Tem acontecido de protestantes haverem também observado, em seu corpo, sinais de estigmatização, que desaparecem por não lhes darem maior valor ou atenção. Foi o que aconteceu com Helena Stewart, que relatou minuciosamente o seu caso: ela percebeu em seu corpo manchas correspondentes às da paixão e sentiu que podia evitar que sangrassem desviando o pensamento para outros temas e fazendo retirar o crucifixo que tinha no quarto. Para mostrar quanto Helena era nervosa, basta relatar que, certa vez, teve uma doença sem gravidade, mas extremamente dolorosa, que desafiou muitos tratamentos médicos, chegando a ser

indicada intervenção cirúrgica. Entretanto, a cura foi obtida pela aplicação, sobre o lugar doloroso e inchado, de uma carta escrita por uma pessoa que lhe era muito simpática, tendo a dor cessado imediatamente.

Se as manifestações apresentadas pelos estigmatizados têm sido objeto de controvérsia e desorientação, não há dúvida que, atualmente, estamos acima dessas incertezas, pois se tem conseguido reproduzir, experimentalmente, parte dessa fenomenologia, graças justamente ao emprego da sugestão. As auto-sugestões religiosas, assim como outras, podem alcançar as camadas mais profundas da personalidade, desencadeando sintomas orgânicos correspondentes às visões criadas pela imaginação. Tem-se mostrado que as chagas nos pés de Cristo revestem forma losângica nas imagens populares, e é também assim que têm aparecido em estigmatizados, apesar de não poder ser verdadeiramente essa a forma produzida pelos cravos. É um argumento apresentado para demonstrar serem a idéia e a sugestão as causas desses estigmas “de forma legendária, absolutamente imaginária”. Falando sobre a epidemia de crucificados que sobreveio após o fechamento do cemitério de Saint-Médard, sobre a qual ainda nos referiremos, relata Montgeron que, “enquanto as convulsionárias estavam deitadas para receber a crucificação, tendo os braços em cruz e a palidez da morte gravada na fisionomia, viam-se aparecer, em muitas delas, sob os olhos das pessoas presentes, manchas, vermelhidões e outros sinais, exatamente nos lugares em que as mãos de Cristo haviam sido transpassadas pelos cravos”.

O que se pode verificar, freqüentemente, nesses casos, são exageros em relação às manifestações observadas, que impressionam justamente pelo seu caráter miraculoso, suposto fora das leis naturais. No caso de estigmatizados, tem-se dito que o sangue, em vez de seguir as leis da gravidade, corre em sentido contrário, reproduzindo o que aconteceu nas chagas de Cristo; que ele desaparece também espontaneamente dos estigmas, sem ser lavado ou removido, não deixando manchas nos panos com que entra em contato. Tem-se afirmado não ser raro irradiar-se dos estigmas uma claridade brilhante, como a de um diamante resplandecendo, assim como encontrar-se, dentro do coração de religiosas autopsiadas, símbolos cristãos, como a imagem da cruz, a coroa de espinhos, a lança, letras sagradas, etc., tudo autenticado por autoridades eclesiásticas, por vezes

baseadas em protocolos assinados por médicos. E, quanto a milagres, há relação, no caso de diversas santas, da retirada e troca dos seus corações, feita em vida, por Cristo!

Quanto à tendência do indivíduo para forçar ou querer obter os resultados desejados, é isso compreensível diante do mecanismo da própria sugestão, quer quando procura realizar a ordem recebida, quer quando obedece à sua própria imaginação. Esse ponto de vista merece particular atenção, podendo esclarecer muitos fenômenos de hipnose e sugestão, por vezes considerados como mistificações, embora dependendo somente do próprio mecanismo da sugestão. Mesmo em relação às manifestações espíritas e às fraudes tão freqüentes na sua produção, é preciso considerar que nem tudo é burla e abuso, mas sim, em parte, o resultado de manobras inconscientes, de tentativas para corresponder aos desejos das pessoas presentes e às sugestões recebidas, que podem acabar por levar o médium até o emprego de meios ilícitos, a fim de obter o que dele se espera. Em tal situação, o indivíduo procura realizar, tanto quanto possível, as sugestões recebidas, mesmo no que concerne à fase pós-hipnótica. Se foi feita a sugestão para a menstruação aparecer em determinado dia, é possível que o sujeito afirme que isso aconteceu realmente dessa maneira, embora obedecendo ainda a uma alucinação, que não corresponde à realidade. Se, por exemplo, lhe for feita a sugestão de que terá, no dia seguinte, em tal hora, uma defecação normal, poderá relatar ter isso acontecido, mesmo quando não ocorreu. A explicação é fácil: o indivíduo prossegue agindo sob a influência da sugestão e acredita, ele próprio, ter realizado a ordem recebida. Hirschlaff apresenta um caso muito ilustrativo: é sugerido a um indivíduo que está ele com vontade de urinar e precisa esvaziar a bexiga. Imediatamente, abre a calça, toma o urinol nas mãos, tudo às pressas, como premido por uma necessidade urgente de aliviar a bexiga, que parece estar por demais cheia. Depois, repondo o urinol vazio, afirma que se sente bem, tendo tido uma micção abundante. Em outras palavras: o hipnotizador sugere ao paciente a vontade de urinar e espera que se produza realmente uma micção, mas, em vez disso, o hipnotizado executa apenas a alucinação dessa micção. Essa causa de erro, que é muito grave, pode explicar muitas simulações, quando o indivíduo visa corresponder aos desejos do hipnotizador. É o que parece ter acontecido muitas vezes em relação às manifes-

tações cutâneas criadas por sugestão e que, não raro, provinham de artifícios empregados para produzi-las. Eu próprio, que vi indivíduos produzirem eritemas e placas de urticária dentro de alguns minutos, por simples esforço de imaginação e concentração da vontade, não posso convencer-me da possibilidade de aparecimento de nomes escritos na pele por sugestão, quer hipnótica, quer partida do próprio indivíduo. O mesmo devo dizer em relação à velha observação do professor Krafft-Ebing, que descreveu um caso de anestesia histérica do lado direito do corpo, no qual as palavras ou figuras traçadas na pele desse lado apareciam em relevo dermatográfico no lado oposto. Em outros casos, a fraude é mais simples, como aconteceu com uma histérica por mim observada e que conseguia elevações de temperatura por meio de fricções no termômetro, executadas por movimentos da própria axila. Teria havido algo de semelhante nas observações de Beaunis, Krafft-Ebing e Mohr, citadas no início deste capítulo? Fatos dessa natureza podem explicar divergências encontradas nas publicações dos primeiros tempos, muitas das quais foram, porém, confirmadas depois por experiências mais bem controladas. Os fatores em questão precisam ser sempre levados em consideração, podendo esclarecer muitos fenômenos estranhos, especialmente da alçada do espiritismo, em particular aqueles de ação física, as chamadas telecinesias e materializações, que fizeram correr tanta tinta para acabar era ridículas fraudes e trapagens.

Em tempos mais recentes, têm sido também realizadas experiências demonstrativas, tais como as de Kreibich, Haller e Schulz de ser possível produzir vesiculação e queimaduras por meio de sugestão, tal como acontece também em relação a verrugas, que podem ser curadas e criadas pelo mesmo processo. Aliás, o problema das verrugas, que tem dado lugar a suposições desencontradas, é muito ilustrativo, principalmente, sob o ponto de vista que nos ocupa. Cientificamente, está demonstrado que essas neoformações, autênticos epitelomas benignos, são contagiosas e produzidas por vírus, aparecendo por vezes em quantidade prodigiosa, sobretudo em crianças. Os tratamentos propostos têm sido muito variados, compreendendo raspagem, excisão, cauterização com agentes físicos e químicos, destruição por meio de rádio e raios X, etc. Em alguns casos, o resultado de tudo isso é insuficiente e, em outros, sem emprego de qualquer terapêutica, desaparecem as verrugas subitamente, da noite

para o dia. Muito empregados são os tratamentos de simpatia, conhecidos pelo mundo inteiro, embora variando de lugar para lugar. Na Alemanha, entre muitos outros, é empregado o seguinte: quando passa um enterro, a pessoa atacada do mal, persignando-se, murmura três vezes, como se dirigindo ao defunto: leva-as contigo, leva-as contigo, leva-as contigo. Erwin Lick, que se ocupou longamente da questão, conta que, pelos dez anos de idade, sofreu de inúmeras verrugas pelas mãos, que foram curadas por um tratamento de simpatia, feito por uma criada, quando esteve ele de férias no campo. A criada tomou um fio de linha e, acima de cada verruga, deu-lhe um nó, até encher o fio. Depois, enterrou-o no quintal, no lugar em que a calha despejava água vinda do telhado, afirmando que, quando apodrecesse o fio, desapareceriam as verrugas. E isso aconteceu realmente no fim de seis semanas, sem ter havido qualquer outro tratamento. Lick diz que depois, nos seus tempos de estudante e de jovem médico, muito se divertiu, comentando esse acontecimento. Talvez por isso, mais tarde, nos últimos anos de sua vida, se tenha interessado vivamente pelo problema, sobre o qual escreveu interessantes comunicações.

O professor Bloch, da Clínica dermatológica de Zurich, num artigo publicado em 1927, nos números 48 e 49 da “Klinische Wochenschrift”, tendo por título — “Cura de verrugas pela sugestão”, — relata o caso de Heim, professor de Geografia de Zurich, que as fazia desaparecer de maneira muito simples. Heim concentrava-se, olhava fixamente para o portador de verrugas e esfregando-as ligeiramente, uma a uma, dizia solenemente: esta se vai embora, esta também e assim por diante, até a última. O primeiro caso que tratou foi o de seu próprio filho, de três anos de idade, que ficou curado. Depois, repetiu o tratamento inúmeras vezes declarando que o essencial era que o portador, de qualquer maneira, se sentisse chocado ou embaraçado por qualquer emoção. O próprio Heim fazia o tratamento a contragosto, somente em benefício do doente, sempre necessitando vencer a sua própria suscetibilidade. Bloch mostra que a parte psíquica do problema, apesar de tão desprezada por médicos e cientistas, merecia ser investigada de maneira objetiva. Ele cita diversos autores que se ocuparam da questão, obtendo resultados decisivos pela terapêutica psíquica. Entre eles, L. Brocq, que afirmou: “On peut par la suggestion faire disparaître des verrues vulgaires et des eruptions de verrues

planes. Nous en avons vu des exemples incontestables”. Ainda mais interessantes são os resultados apresentados por Bonjour, conhecido médico de Lausanne. Ele coloca a mão do paciente sobre uma folha de papel, traça-lhe o contorno a lápis e, sobre ele, desenha as verrugas em tamanho natural. Depois, venda os olhos do doente e, esfregando as verrugas levemente com um bastão, diz: “De hoje em diante não sentirá mais as suas verrugas; elas vão desaparecer; é preciso não as tocar”. E isso realiza-se realmente, de maneira regular, dentro de poucas semanas, sem deixar marcas nem vestígios. Bonjour declara nunca haver tido, em 30 anos de prática, qualquer insucesso! Bloch acrescenta que as observações de Bonjour não comportavam dúvidas e admite que muitos tratamentos dessa afecção devem agir por via estritamente psíquica, como seria o caso das injeções de cloreto de sódio, propostas por Grumach, do emprego de magnésia, água de cal, tintura de tuia e muitos outros. Ele chama a atenção para o fato de, em alguns casos, fracassarem todos os tratamentos, mesmo intervenções cirúrgicas, cauterizações, destruições pelo rádio e raios X, enquanto métodos recentes, mesmo inócuos ou indiferentes, fornecem sempre os melhores resultados.

O doutor Udo Ellerbroek, chefe da clínica dermatológica do Hospital Hamburgo-Heideberg, na Alemanha, mostra, na Medizinische Klinik de 20 de maio de 1949, que as verrugas, apesar de serem, como foi relatado, formações transmissíveis, produzidas por vírus, são curáveis pela sugestão, que fornece resultados cosméticos melhores do que os obtidos pelo emprego de agentes físicos ou medicamentosos. Mas, o sucesso da cura depende tanto do poder sugestivo do terapeuta quanto da sugestibilidade do paciente. Ele se refere também aos resultados obtidos pelo uso do caracol, de ovas de rãs, de uma visita ao cemitério em noite de lua nova, qualquer desses processos devendo ter ação profunda sobre o psiquismo do doente. Esse autor faz essas considerações respondendo a uma inquirição de um colega que indaga, na citada publicação, porque, havendo obtido sempre resultados esplendidos pelo emprego de determinado preparado homeopático no tratamento de verrugas, deixara agora o mesmo de ter efeito, apesar de receitado sempre da mesma maneira. Ellerbroek explana que isso deve depender unicamente do procedimento do próprio médico, que, provavelmente, perdeu o seu poder de sugestão. Naturalmente, deve ter isso ocorrido por uma razão qualquer,

talvez a de haver ele verificado que o remédio, em determinados casos, deixou de ter efeito, nascendo daí, isto é, da sua própria dúvida, a série de insucessos, que levou à desmoralização do medicamento, tudo muito de acordo com o mecanismo íntimo da sugestão.

Bloch tratou, pela sugestão, 289 doentes de policlínica, atacados de verruga. Para isso, vendava-lhes os olhos, fazendo-os passar depois para uma sala ao lado, onde colocavam as mãos sobre um pantostato, que era posto em movimento. Os doentes nada recebiam da corrente elétrica, ouvindo apenas o barulho e sentindo a trepidação do aparelho, a fim de reforçar o efeito psíquico do tratamento. Depois, as verrugas eram pintadas com eosina, azul de metileno ou outro corante qualquer, voltando o doente à sala de espera, onde lhe retiravam a venda. Garantiam-lhe que as verrugas desapareceriam, mas que não devia tocá-las enquanto estivessem coloridas de tinta. No fim de algumas semanas, o doente devia voltar à consulta, sendo que, em mais de metade dos casos, houve cura completa, sem resíduo ou cicatriz. As que melhor reagiram foram verrugas planas, em adolescentes, que deram 88 por cento de curas. A parte essencial do tratamento pareceu depender da capacidade do médico em fazer a sugestão e a receptividade do doente em recebê-la. É necessário tocar na sensibilidade do indivíduo, excitar a sua emotividade, despertar reações psíquicas, que não precisam ser de fé ou de confiança, pois qualquer movimento emotivo pode bastar. Heim relata que, certa vez, querendo tratar verrugas de um arquiteto, teve a impressão de que o ambiente momentâneo era desfavorável e que seria melhor esperar por ocasião mais propícia. Isso aconteceu quando o encontrou num bonde, executando ali mesmo a operação, em público, diante dos olhos perplexos dos outros viajantes e a grande emoção do arquiteto. Não há dúvida que a emoção nos torna mais sensíveis e impressionáveis, como acontece quando aguardamos a realização de qualquer fenômeno insólito ou extraordinária. “Compreendemos, assim, que mesmo o doente que tem dúvidas ou encontra-se em oposição possa curar-se indo a qualquer fazedor de milagres. O essencial é que vá, que o procure, que sinta qualquer abalo em seu equilíbrio psíquico, quer no sentido positivo, quer no negativo.” Por essa mesma razão, não é de estranhar que o tratamento por sugestão deixe de dar resultado nas mãos de muitos médicos. Jadassohn, o celebre dermatologista alemão, nunca conseguiu curar verrugas

pelo emprego de tal processo! E o mesmo aconteceu com Erwin Liek, que atribuiu os seus insucessos ao seu espírito crítico, à sua incapacidade para maravilhar. Antes de tudo, parece que o próprio médico tem necessidade de acreditar, de sentir o seu poder mágico. É essa, provavelmente, a condição capital da terapêutica em questão, que deve agir vencendo o doente, subjugando-o inconscientemente. Heim declarou que a operação lhe era penosa, devido ao abalo que sofria a sua própria sensibilidade.

Lewis Couper e Twisten Dawies, no *British Medical Journal* de 27 de dezembro de 1952, apresentam um caso de verrugas múltiplas das mãos que, curetadas em anestesia local, curam-se completamente. Mas, três recidivaram, sendo duas pequenas e uma de grande dimensão, esta localizada na unha do indicador da mão direita, invadindo a raiz, prejudicada pela intervenção cirúrgica. A situação tornou-se tão desagradável, que o doente voltou ao hospital para amputação da falange, uma vez que qualquer outra intervenção cirúrgica não poderia remover a lesão sem deixar defeito grave. Aplicações intensivas de raios X poderiam prejudicar também a matriz da unha. Nessas condições, os autores resolveram tratar a lesão por sugestão, sem qualquer outra medida terapêutica. O paciente, refratário a princípio, acabou por tornar-se receptivo à sugestão. Em duas semanas, as verrugas pequenas desapareceram e a grande foi diminuindo de volume, até desaparecimento completo, dentro de mais quinze dias. A unha começou a crescer de novo e, sete meses mais tarde, estava completamente sã e normal. O artigo vem acompanhado de duas fotografias, uma antes e a outra depois do tratamento, que demonstram os resultados.

Liek chama a atenção para o mecanismo que se deve processar em relação à cura de verrugas por sugestão. “Sem dúvida alguma, trata-se de um fenômeno singular, uma verdadeira maravilha. Que se pense no que acontece, sob o ponto de vista fisiológico! A verruga está assestada profundamente na pele e recebe boa circulação dos vasos sanguíneos, como é fácil verificar quando o cirurgião a remove por excisão. Para a verruga cair, torna-se necessário que perca as suas correlações com a substância matriz, isto é, que os vasos sanguíneos se contraíam e permaneçam neste estado, a fim de o tecido patológico não receber mais sangue, quer diretamente, quer por meio de colaterais, como aconteceria em casos de

anemia”. Vê-se quanto é tudo isso delicado e difícil de ser aceito como ação puramente psíquica. É de admirar que muitos médicos permaneçam céticos diante de tal possibilidade ou até a neguem peremptoriamente? No entanto, fatos de igual significação são de freqüente observação e podem ser explicados por mecanismos de idêntica natureza. Liek cita um trabalho holandês sobre influências psíquicas no tratamento da lepra, no qual vêm citados fatos surpreendentes quanto à melhoria dessa doença por meio de ações puramente sugestivas. Por exemplo: efeitos extraordinários de novos medicamentos em leprosários e que, depois, deixando de agir, são abandonados. A princípio, lepromas diminuem de volume, úlceras fecham-se, articulações recuperam mobilidade, tudo de maneira objetiva, como pode ser demonstrado por meio de exames e fotografias. A própria sensibilidade e a visão melhoram temporariamente de acordo com o entusiasmo e a confiança despertados pela nova medicação. Depois, tudo passa, o medicamento desmoraliza-se, cai no esquecimento e o leproso retorna à sua vida monótona, rotineira. O próprio câncer pode retroceder por sugestão, como tivemos ocasião de observar pessoalmente durante tratamentos realizados por Álvaro Ozório de Almeida, quando, para curá-lo, tentou empregar oxigênio sob alta pressão.

Muito importante é o fato de a pele, por si, constituir um dos órgãos mais influenciáveis por ações psíquicas. As emoções tornam o indivíduo pálido ou corado, assim como a sensação de frio ou calor o faz tiritar ou transpirar, mesmo quando sugerida, como vimos em relação à hipnose. A urticária, o prurido e muitas outras manifestações cutâneas, freqüentemente reagem a influências psíquicas, estando por vezes em sua dependência direta, imediata. A criança nervosa, mimada, infeliz, é comumente pálida, de aspecto anêmico, muitas vezes terroso, mesmo quando a composição do sangue é normal. É o quadro, que oferece com freqüência o filho único, cuja aparência pode ser tão característica a ponto de chegar o médico e reconhecê-lo ao entrar no consultório. Também nós próprios, quando lançamos um aparelho para medir a resistência dos capilares cutâneos, verificamos, como fato inicial, que a emoção aumentava enormemente essa resistência, até dobrando-a de intensidade, e isso pela simples aplicação do aparelho, que não passava de uma ventosa adaptada a um vacuômetro

(Münchener medizinische Wochenschrift, 1929, n.º 41). Tudo isso nos mostra quanto a pele está na dependência do sistema nervoso e ligada às funções dos órgãos internos. É isso uma consequência de ter ela maior contacto com o meio exterior em nossa vida de relação ou de, embriologicamente, possuir maiores correlações com o sistema nervoso?

O doutor A. Mason, no *British Medical Journal* de 23 de agosto de 1952, descreve uma ictiose congênita, tipo eritro-dérmico de Brocq, que vinha piorando sempre, desde que a criança nascera, resistindo a todos os tratamentos. Aos 16 anos de idade, todo o corpo estava tomado, exceto o peito, as costas e o rosto. A pele, escamosa e espessa, era dura, córnea, com fissuras dolorosas, infectadas, de grande fetidez. Nas mãos e nos pés, devido à pigmentação, o aspecto era ainda pior. A criança não podia ir à escola devido ao mau cheiro que exalava e esteve internada em diversos hospitais de Londres. As tentativas de transplantação de pele não deram resultado, porque o enxerto, dentro de poucas semanas, tornava-se córneo, tomando aspecto da pele doente. Nessas condições, foi iniciado o tratamento pela hipnose, em primeiro lugar unicamente do braço esquerdo, que, dentro de dez dias, adquiriu aspecto normal, desaparecendo aí todas as manifestações da enfermidade. Uma biopsia da pele dessa região, feita naquele momento, em anestesia hipnótica, mostrou que a lesão era típica de ictiose. O autor informa que a melhora dos braços atingiu 95%, enquanto a dos pés 50%. O rapaz mudou de gênio, tornou-se alegre e pôde empregar-se como auxiliar de eletricitista. As melhoras, no início, foram rápidas, dramáticas, sempre evoluindo localmente, de acordo com a sugestão hipnótica. Assim, houve primeiramente melhora do braço esquerdo, depois do direito, finalmente do tronco e das pernas, tudo conforme a sugestão local, que não tinha ação fora das zonas escolhidas. Ninguém havia suspeitado qualquer origem psíquica do mal e a própria redação do *British*, num editorial, lembra que os franceses já haviam afirmado que a pele é o espelho da alma. Além disso, chama a atenção para a importância do ectoderma nas formas inferiores da vida, assim como das suas correlações com o sistema nervoso, as glândulas de secreção interna e outros órgãos da economia. Sendo assim, acha razoável admitir-se que 78% das afecções dermatológicas, tomadas ao acaso, são de origem psíquica.

Depois dessa publicação, apareceram outros trabalhos com resultados idênticos, por exemplo, de um autor na Correspondência do British de 24 de janeiro de 1953, na qual é questão de um doente de ictiose, completamente impossibilitado de qualquer atividade, sem poder fazer uso das mãos, a pele horrível e dolorosa, além de exalar mau cheiro, que o afastou de todo contacto social. A melhora pela hipnose foi enorme, o mau cheiro desapareceu e o doente passou a trabalhar. O autor acrescenta que a hipnose e a psicoterapia podem curar inúmeros casos de doença da pele, mesmo quando refratários a qualquer outra terapêutica.

Fora da pele, podem as ações psíquicas ter influência sobre os órgãos e tecidos da economia, afetando-os de maneira profunda e decisiva. Ubaldo Tartaruga, num trabalho em alemão — Wunder der Hypnose — estuda as maravilhas da hipnose, sobretudo debaixo do ponto de vista da hipnoterapia e da criminologia. Entre outros fatos, cita um verificado por Grundmann: crescimento, em 4 semanas, de verdadeiros seios do mulher, volumosos, no tórax de um homem, como procura demonstrar por meio de diversas fotografias e atestados de médicos vienenses. Além disso, relata haver corrigido defeitos na coluna vertebral de um jovem estropiado, considerado como incurável, assim como outros fatos idênticos. Por essa razão recomenda o emprego freqüente da hipnoterapia como recurso de tratamento dos sofrimentos humanos. No terreno terapêutico podem ser alcançados resultados extraordinários em diversas doenças, mesmo em muitas puramente orgânicas. Recentemente, o doutor F. Voelgyesi relatou o caso de uma policitemia inielobástica, que havia resistido a todos os tratamentos, inclusive aplicações de raios X, e que foi beneficentemente influenciada pela hipnose, que fez cair o número de hemácias de maneira quase experimental, pois a sua diminuição coincidia estritamente com os períodos desse tratamento. O mesmo autor refere casos de tuberculose óssea e articular fistulados há muitos anos, e que sararam rapidamente pela hipnoterapia. A chamada pequena ginecologia entra, quase toda ela, no domínio da psicoterapia. Hemorragias, corrimentos, esterilidade, manifestações dolorosas traduzem muito comumente lutas e recalcamientos, desajustes no lar e na sociedade, sofrimentos morais, repulsas e negativismos, podendo muitas doenças do estômago e do intestino, do fígado, do coração e dos pulmões, afinal de todos os

órgãos da economia depender diretamente do psiquismo do indivíduo, oferecendo excelente campo de ação para os tratamentos psicoterápicos. Goldscheider afirmou que na terapêutica da hipertensão arterial deve a psicoterapia ocupar um lugar proeminente. O professor Daring, de Viena, também observou que a pressão descia quando o doente recebia a sugestão de que, pelo tratamento, iria ela diminuir. Já o filósofo Kant, em 1798, havia chegado à conclusão de que as emoções tinham efeito poderoso sobre as funções do organismo, podendo até criar ou curar doenças, mesmo de fundo puramente orgânico.

O doutor Fowler, no “Medical Record”, de 15 de Fevereiro de 1890, publica uma comunicação feita à Sociedade Neurológica de Nova York sobre tumores neuróticos da mama, na qual descreve oito casos de tumores únicos ou múltiplos, alguns dos quais já vistos por cirurgiões, que opinavam pela extirpação do seio. Fowler, verificando que essas doentes eram nervosas ou histéricas, instituiu tratamento psíquico, que produziu desaparecimento total dos tumores.

Um outro fato, verificado por grande número de autores, é o da regularização da menstruação por meio da sugestão hipnótica. Regras excessivas, dolorosas, surgindo com retardamento e irregularidade, podem tornar-se indolores, aparecendo até em dia certo, caso a determinação do hipnotizador não violente por demais o ciclo menstrual. Também o parto pode ocorrer sem dor, desde que a mulher grávida seja preparada previamente para isso, pela sugestão. Aliás, desde os primeiros tempos do hipnotismo ficou demonstrado que se podiam executar partos e operações sob a sua influência, sem que o paciente sofresse qualquer dor. O primeiro caso operado nessas condições parece ter sido o do Dr. Jules Cloquet, que fez uma extirpação do seio, em 12 de abril de 1829, numa senhora de 64 anos, atacada de um câncer nesse órgão. A doente foi preparada durante vários dias seguidos, recebendo passes magnéticos que lhe produziam sono hipnótico. Neste estado, falava calmamente da operação, enquanto, no seu estado normal, se aterrorizava diante de tal perspectiva. A operação foi rápida e a doente nada sentiu, prosseguindo em conversa com o hipnotizador durante toda a intervenção. O pulso, a temperatura, a respiração e a expressão fisionômica conservaram-se inalterados. Não foi senão depois de tudo terminado e suturada a ferida que ela voltou ao seu estado normal, emocionando-se

tão vivamente ao ver-se cercada dos filhos e saber-se operada, que foi necessário hipnotizá-la de novo.

Em tempos ainda mais antigos, quando não havia outros recursos para narcose, o processo mais empregado era deixar o doente em jejum, dando-lhe para beber, logo antes da operação, um copo de aguardente. Quando sobrevinha embriaguez, os médicos batiam diversas vezes com a cabeça do doente no chão, até que ficasse desacordado; uma vez nesse estado, executavam a operação. Nessas condições, é natural que se procurasse empregar o sono hipnótico para possibilitar intervenções cirúrgicas, antes da descoberta dos anestésicos. James Braid, considerado como um dos redescobridores do hipnotismo, fez numerosas operações sob narcose hipnótica, o mesmo sendo dito de James Esdaile. Este médico que, desde 1845, empregou a analgesia obtida por sugestão em intervenções cirúrgicas, baseou-se na opinião de Elliotson que, em 1838, discursando, como reitor de uma Universidade, declarou que deveria desprezar-se a si próprio caso negasse a realidade dos fenômenos mesmerianos. Esdaile executou, então, como médico da Companhia das Índias, em Calcutá, mais de 600 grandes intervenções cirúrgicas sob analgesia obtida por passes magnéticos, executados durante dias seguidos pelos seus auxiliares, nativos do país, “before they were considered to be completely protected against pain in a serious operation”.

Broca e Folin, em 1859, apresentaram à Academia de Ciências de Paris uma observação concernente a uma incisão de abscesso do ânus, realizada satisfatoriamente no estado de hipnose. Poucos dias depois, o doutor Guerincau comunicou à mesma Academia haver amputado uma coxa empregando esse mesmo processo de anestesia. Antes, já diversos médicos haviam usado essa anestesia, como relata o doutor Charpignon na “Gazette des Hôpitaux”, citando os seguintes casos: em 1829, ablação dum seio por Jules Cloquet; em 1845 e 1846, amputação de uma perna e extirpação de uma glândula pelo Dr. Loysel; em 1845, amputação de duas coxas pelos doutores Fanton e Toswel, e de um braço pelo doutor Joly, todos de Londres. A anestesia pode ser tão profunda que chega a suprimir qualquer sensação de dor, mesmo das mais violentas, que deixam de ser acompanhadas de qualquer reação involuntária de defesa. No entanto, essa analgesia é puramente psíquica, como pode ser verificado pela presença dos reflexos, que continuam normais, mesmo

quando o paciente não mais acusa qualquer sensibilidade. A literatura fornece numerosos casos semelhantes aos aqui apresentados, nos quais os pacientes submetidos às mais variadas intervenções não sentiram dores, prosseguindo em conversa ou até fumando cachimbo, por vezes inexistentes e também criado por sugestão. Mais tarde, certamente pelos progressos da própria anestesia, a começar pela descoberta do clorofórmio, foi sendo a hipnose deixada de lado nas intervenções cirúrgicas, embora ainda autores modernos, em trabalhos recentes, ponham em evidencia as vantagens do seu emprego. Queremos citar apenas o livro do Dr. Franz Voelgyesi, ilustrado com casos e fotografias sobre a questão, no qual há menção de casos de extirpação do apêndice e outras operações, realizadas unicamente sob anestesia hipnótica, e durante as quais os pacientes absolutamente nada sentiram. Pelo contrário: no momento mais doloroso da intervenção pode o doente sorrir embevecido, sob a sugestão de acontecimentos alegres e agradáveis, acordando risonho, depois de ter fumado um cigarro. Também o pós-operatório pode correr de maneira excelente, sem qualquer sofrimento, pois o doente receberá sugestões adequadas, nesse sentido. O autor diz, porém, que casos dessa natureza são excepcionais, sendo necessário um tratamento prévio, assim como indivíduos especiais, muito receptivos à hipnose e já suficientemente treinados. Ao lado disso, alguns autores da primeira época do hipnotismo já haviam verificado que era raro obter insensibilidade absoluta em indivíduos hipnotizados, e que, freqüentemente, ela até falhava, devido à emoção desencadeada pela própria idéia da intervenção.

Se a narcose hipnótica mostra o poder que pode alcançar a sugestão sobre órgãos e funções do organismo, não há dúvida que, tanto sob o ponto de vista prático quanto teórico, levanta ela outros problemas, da maior importância em relação às atividades do médico. Nesse sentido, há todo um acervo de observações vindas desde o início do magnetismo e que se tem multiplicado até nossos dias. Temos aí, diante de nós, tantos recursos de tratamento, quer para as doenças orgânicas, quer para as funcionais ou simplesmente psíquicas, que se torna dever do médico e da própria ciência conceder a maior atenção ao estudo dessas manifestações. É verdade que todo esse terreno tem andado impregnado de charlatanismo e exploração, talvez por culpa dos próprios médicos, que não o têm tratado

com o interesse que verdadeiramente merece. Já na velha literatura sobre hipnotismo e magnetismo animal encontram-se casos de alívio e cura de sofrimentos que nós, hoje, pelos nossos modernos tratamentos, não conseguimos resolver de maneira mais adequada.

Aliás, nos dez últimos anos, espaço que medeia entre a segunda e a presente edição deste livro, teve a hipnose um extraordinário surto de aceitação, tornando-se recurso de grande aplicação, quer como processo de anestesia na odontologia, na obstetrícia e na cirurgia, quer como tratamento médico nas mais variadas doenças, das da pele às do sistema nervoso e do córtex cerebral. Hoje, encontram-se com freqüência nas revistas médicas artigos sobre a questão, também tratada em livros recentes e outras publicações.

O doutor M. J. Maimer, do Lebanon Hospital, Gedars, na reunião anual da American Medical Association de 1956, declara que a única forma de anestesia não perigosa é a executada pela hipnose. Mesmo grandes operações, tais como intervenções no abdomen, amputação de seios, de pernas e de braços e a cirurgia torácica podem ser executadas sob ação única dessa anestesia, caso seja posta em prática por hipnotizadores verdadeiramente capazes. Em outros casos, pode-se fazer a anestesia combinando-se a hipnose com um anestésico apropriado, então em doses muito menores. A anestesia pela hipnose torna-se particularmente indicada quando os narcóticos são contra-indicados ou podem prejudicar, por exemplo em casos de alergia medicamentosa. Marmer mostra que, antes da descoberta da narcose, faziam-se já grandes operações pelo emprego da sugestão, Larrey, o cirurgião chefe de Napoleão, executou amputações e outras operações, sem que os soldados sentissem grandes dores.

O doutor L. Goldie, no British Medical Journal de 8 de dezembro de 1956, mostra o valor da hipnose em crianças de baixa idade, sobretudo para redução de fraturas, abertura de abscessos e pequenas intervenções cirúrgicas, que podem ser executadas sem precisar a criança dormir, de olhos fechados ou abertos, sem nada sentir. Numa criança de três anos e meio tudo correu dessa maneira, mas ela começou a chorar quando foi feita uma injeção de antibiótico. Numa outra, da mesma idade, com fratura do rádio e do cúbito, foi sugerido que devia dormir e sonhar com um brinquedo do seu agrado. Ela gemeu no momento da reposição, mas acordou sorrindo e, no dia se-

guinte, não se lembrava de nada ocorrido na véspera. Em um menino de seis anos, com dilaceramento do lábio inferior, foi feita a sugestão de que devia dormir e nada sentir. Depois de feita a sutura, com diversos pontos, acordou a sorrir. Os melhores resultados são obtidos quando as intervenções são feitas sem delonga, de maneira natural e espontânea, como é justificado pela situação. Muitas manobras e preparativos podem prejudicar, dando ao ato aspecto fantástico ou artificial. Tudo deve ser feito de modo simples, natural, sem mistérios nem encenações, tal como se vai para o dentista ou o massagista. Em casos mais antigos, é preciso hipnose mais profunda, cujo efeito depende da personalidade do operador, da sua técnica, da sua capacidade. Num caso de coceira, por exemplo, é preciso sugerir não só que o paciente não se poderá coçar, mas também que não terá necessidade de fazê-lo, uma vez que a coceira não existe mais, havendo sido abolida. Se não forem sugeridas ao mesmo tempo as duas coisas, torna-se possível o aparecimento de conflitos perturbadores.

Qualquer sugestão ou mesmo auto-sugestão pode ter resultados inesperados ou extraordinários, desde que domine o indivíduo, desencadeando intensas reações, em seu inconsciente. Morand relata um caso que Charcot mencionou diversas vezes em seu curso: uma mulher que estava há muitos anos na Salpêtrière, sempre de cama devido a uma paralisia nos membros inferiores. Um dia, disseram-lhe bruscamente que ela havia roubado um objeto de uma das suas companheiras de sala. “Eu, uma ladra!” gritou ela e acrescentou: “Não ficarei nem mais um minuto numa casa onde estou exposta a tão indignas acusações”. Levantou-se, vestiu-se e retirou-se, completamente curada da sua paralisia. Eu próprio tenho conhecimento de um fato idêntico, passado no interior de Minas, quando era ainda criança. Refiro-me a um comerciante para-lítico, cujo estabelecimento ficava isolado no campo. Por vezes, acontecia de permanecer ele sozinho na propriedade, deixando que os próprios freqüezes se servissem, apenas executando as medidas e pesagens e recebendo o dinheiro. De uma vez, quando estava só, apareceu-lhe um preto que, apossando-se de mercadorias, saiu sem pagar. A revolta foi tão grande, que o homem levantou-se em perseguição ao ladrão, esquecendo-se da sua paralisia. Casos dessa natureza não são raros, como tem sido verificado em incêndios e outros acidentes, mormente em

asilos de velhos e inválidos, quando muitos deles, presos e imobilizados na cama, conseguem salvar-se, fugindo e fazendo movimentos que pareciam impossíveis. Mesmo em doenças mais simples e comuns, afetando o sistema locomotor, não é raro o indivíduo tolher e inibir os movimentos além do que seria justificado ou necessário por influência da afeção. Em outros casos, a massagem e exercícios físicos podem contribuir para fixar a atenção do doente sobre o defeito, cultivando-o quase por um processo de verdadeira sugestão. Recentemente, tive ocasião de comprovar essa situação num caso da minha clínica particular, que me parece muito ilustrativo. Trata-se de um senhor de idade, vítima de um ligeiro insulto cerebral por arteosclerose e que ficou com a marcha prejudicada devido a uma paresia da perna esquerda. Para levantar-se de uma cadeira precisa grande esforço e, mesmo servindo-se de uma bengala, anda com dificuldade, arrastando o pé do lado doente. Está fazendo massagens e exercícios ginásticos há muitos meses, mas a situação não se tem modificado, parecendo ter antes tendência para piorar. Nessas condições, é visto por uma senhora que emprega um processo especial de tratamento, baseado num ligeiro grau de sugestão hipnótica. Ela própria parece ignorar o mecanismo de ação do seu tratamento, julgando-se possuidora de forças estranhas, por meio das quais consegue influenciar o doente, passando fluidos do seu corpo para o dele. Ela procede como se estivesse na fase primitiva do magnetismo animal, valendo por uma autêntica contemporânea de Mesmer. Mas, provavelmente devido à sua própria convicção, consegue suggestionar o doente que, de olhos abertos e em plena consciência, é levado à execução de movimentos que julgava impossível realizar. No caso em questão, os resultados foram imediatos e decisivos. Dentro de poucos minutos, o doente conseguiu levantar-se e andar logo depois até sem a bengala. Uma massagista estrangeira, que conhecia todas as dificuldades e insuficiências da marcha do doente, ficou verdadeiramente estupefata ao encontrá-lo andando livremente pelo corredor, sob as ordens imperativas que lhe eram dadas. Aliás, o que aconteceu com este doente deve repetir-se com inúmeros outros, isto é, determinada doença orgânica travar ou abolir movimentos, que prosseguem inibidos além das necessidades. A trava adquire assim um componente psíquico, que mantém a perturbação, mesmo quando já houve melhora ou até cura da doença orgânica. O afastamento desse componente pode

constituir terapêutica de efeito decisivo, por vezes extraordinário, quiçá miraculoso. E não é somente nas doenças do sistema locomotor que isso pode acontecer. Em inúmeras outras, dos mais diversos órgãos e sistemas da economia, pode o componente psíquico dar feição especial à doença ou ser mesmo seu fator predominante. É questão que, nos últimos decênios, tem recebido melhor compreensão pelos progressos da Psicologia e da Medicina psicossomática, embora esteja ainda longe de ter alcançado o lugar que verdadeiramente lhe compete na prática da medicina.

## CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

SUMÁRIO: *O fator psíquico nas doenças orgânicas. A psicoterapia na antigüidade. Christian Science. A cura pela fé. Tratamentos religiosos. O padre Antônio. Zeiles, Assuero e outros taumaturgos. A Medicina de charlatães e a charlatanice de médicos. Vitaminas e beberagens. O ímã e os tratamentos magnéticos. Trousseau, Luys e Nothnagel. Curas assombrosas. Mesmer e os seus triunfos. Explicação pela sugestão. O caso da homeopatia. O método de Coué. A dieta de Gerson. A personalidade do médico e a psicologia na Medicina. Ainda e sempre a sugestão.*

**O** QUE SE PODE HOJE AFIRMAR é que a sugestão, sob as suas diversas formas, é uma das mais poderosas armas da terapêutica e que por ela podem ser explicados os triunfos de muitos tratamentos, sobretudo quando divergentes ou de oposta significação. É a conclusão a que chegam freqüentemente os médicos, não raro depois de dezenas de anos de prática, tal como procuramos mostrar num trabalho recente, tendo por título — “Pretextoterapia”. Na maioria dos casos, qualquer terapêutica é justificada e de utilidade, desde que o pretexto do que se serve possua suficiente força sugestiva.

O doutor Baierlachar, em tempos passados, relatou o caso de uma mulher de 66 anos, atacada de câncer do estômago e que quase não podia dormir nem se alimentar devido às dores contínuas que a torturavam. Para ter algum alívio durante a noite injetavam-lhe um a dois centigramas de morfina, sendo

o seu estado de extrema fraqueza e enorme emagrecimento. Foi nessas condições que o médico propôs submetê-la ao tratamento hipnótico, graças ao qual desapareceram as dores quase por completo, passando ela a dormir normalmente, sem necessidade de morfina. Quando os sofrimentos recrudesciam, era submetida de novo ao tratamento hipnótico, que aliviava ou mesmo suprimia as dores por tempo mais ou menos prolongado, o que aconteceu até a época da sua morte, ocorrida mais tarde.

Além de seus efeitos em afeções dolorosas de toda a natureza, tem o tratamento pela hipnose dado resultado favorável em casos de prisão de ventre, gaguez, insônia, nervosismo, obsessões, medos e angústias motivadas ou irreais, assim como em variadas outras perturbações dos diversos órgãos da economia, quer orgânicas, quer funcionais. Sabemos, hoje, por meio de demonstrações experimentais, que a circulação, a respiração, a digestão e todas as outras funções do organismo estão sob a dependência dos centros nervosos, podendo ser influenciadas psiquicamente. O metabolismo basal, assim como o da água e dos sais, das proteínas, das gorduras, dos hidratos de carbono sofrem tais influências, acontecendo o mesmo com as funções da pele, a temperatura do corpo, o trabalho das glândulas endócrinas, afinal, com todos os órgãos e tecidos do nosso corpo. Estudos feitos em ióguis da Índia têm trazido contribuições de valor ao exame dessas questões, que têm sido também aprofundadas tanto pela Fisiologia e a Psicologia normais como patológicas.

Vimos ser possível fixar o dia e até a hora do aparecimento da menstruação pela hipnose, assim como fazer desaparecer verrugas pela sugestão. Tumores e doenças graves podem ser influenciados ou até curados por via psíquica, como tem sido demonstrado, sobretudo em épocas mais recentes, por tratamentos puramente psíquicos, tais como os da “Christian Science”, que não faz uso senão de orações. O processo, debaixo do ponto de vista médico, é por demais superficial, uma vez que o seu mecanismo de ação é de fácil compreensão e os seus proveitos alcançáveis pelo emprego de recursos mais seguros e menos perigosos. O progresso da psicoterapia tem sido de tal ordem que ela, hoje, pode fornecer regras de conduta a todas essas tentativas místicas e teosóficas que, em última instância, não se servem senão desajeitadamente de recursos

psicológicos já suficientemente conhecidos. O filósofo Theophrates afirmava que se podia curar a ciática por meio de versos mágicos, e o sábio Varrão falava daqueles que atuavam sobre a gota. Também Esculápio tratava por meio de palavras e de versos e não somente pelo emprego de remédios e outros recursos médicos. Existiam muitas fórmulas mágicas para tratar doentes, não raro em verso, acompanhadas de hinos. Paracelso empregou amuletos para curar doenças, desde o da abracadabra, contra febres, até o “Max, Pax, Adimax”, soberano contra a raiva. Os chineses acreditam ainda no poder mágico do que está escrito, julgando que tal poder faça parte do próprio texto do documento. A máquina de fazer orações é baseada nessa suposição. O imperador, os mandarins e os sábios são dotados de poder mágico, que se transmite ao seu sinete, aos seus cartões de visita, aos seus próprios livros. A simples posse de uma página de um livro clássico já é o suficiente para conferir proteção contra os maus espíritos. Também aos números têm sido atribuídas, desde os filósofos gregos, virtudes mágicas, pois foram considerados como fazendo parte integrante da própria essência das coisas, representando papel na harmonia do Universo.

Tudo isso entra no terreno das sugestões, à moda do que acontece com a “Christian Science” cuja existência constitui uma das histórias mais fabulosas que podia ocorrer dentro dos nossos dias. A doutrina baseia-se na negação do pecado e da doença, que são considerados erros do homem, desse homem que ainda não se convenceu de que a matéria não existe! Tudo é Espírito! E não havendo matéria, também não pode haver o substrato para o sofrimento. A dor não pode ter existência real; ela provém da maneira falsa de pensar. Mesmo a pessoa inconsciente, o lactante, o comatoso, o alienado podem ser salvos e curados pela força do pensamento dos outros, cuja concentração pode ter influência sobre as doenças e os sofrimentos dos próprios animais. Para a “Christian Science”, Deus é verdade, amor, vida; enquanto doença, como acabamos de dizer, não passa de erro e pecado. Daí, o tratamento único para todas as enfermidades e que consiste somente em orações. Mary Becker Eddy não cansou de afirmar que o seu tratamento representava a verdade, que o homem era divino e que Deus não podia querer o mal. Pela sua doutrina, tudo que é mal, a dor e a doença não podem existir, não passando, portanto,

de falsas representações mentais, de erros dos quais nos precisamos libertar. É nesse sentido que ela fala da “Unity of God and unreality of evil”, asseverando que a alma nada tem a ver com o corpo: “Soul is not in the body!” Pela mesma razão, considera os médicos como verdadeiros fabricantes de doenças — “manufacturers of diseases”, — que criam o erro de que há moléstias, as quais, então, passam a existir para os doentes. O que não se pode negar é que ela, dessa maneira, conseguiu curas extraordinárias em todos os campos da Medicina, inclusive partos sem dor. É preciso reconhecer que os efeitos eram por demais evidentes, embora se julgue absurdo tratar infecções bacilares empregando recursos espirituais, a sífilis por meio de exortações sobre a verdade, a arteriosclerose pela exaltação da crença em Deus. Na realidade, os seus triunfos foram imensos, como demonstra a propagação da sua doutrina, cuja igreja principal custou dois milhões de dólares, reunidos por dádivas públicas no espaço de poucas semanas. A coragem, a fé, a confiança no poder de Deus e das orações operavam verdadeiros milagres, mesmo em relação a males orgânicos, que só médicos deveriam tratar. No começo, ela se levantou mesmo contra intervenções cirúrgicas, opondo-se ao tratamento de fraturas, extrações de dentes, e outros males e acidentes, embora também admitindo que eles não possuíssem existência real e devessem ser curados pela fé. Isso deu lugar a diversos processos criminais, até que, finalmente, passou a aceitar a intervenção de médicos em casos cirúrgicos, partos difíceis, tratamentos dentários e outras doenças orgânicas. Não foi senão em 1882, por ocasião da doença e da morte do seu marido, que ela capitulou por completo, procurando servir-se dos recursos da Medicina. O mesmo aconteceu mais tarde, quando pelo avanço da idade foi vencida impiedosamente, sendo obrigada a tratar dos dentes, a usar óculos para ver e bengala para poder andar. Mesmo assim, a sua igreja teve uma influência considerável, que penetrou as próprias concepções da moderna Psicologia.

Em 1934, a imprensa do mundo inteiro agitou-se em torno do Reverendo John Maillard, da Igreja de São Stephen, em Brighton, na Inglaterra, que declarou: “A moléstia é freqüentemente consequência do pecado; a piedade dá aos crentes o equilíbrio físico, ao mesmo tempo que saúde moral. Todos os doentes podem curar-se pela fé, a piedade, a oração: os tuberculosos, os cancerosos, os artríticos, os cardíacos, e, sobretudo,

os atacados de doenças misteriosas, diante das quais a Medicina se revela impotente”. Era a primeira vez que um membro do clero anglicano recebia autorização de um bispo, o de Chichester, para praticar a cura de enfermos pela fé. Desde aquele momento, a Igreja de São Stephen encheu-se de enfermos, vindos até de longas distâncias. Numa semana, Maillard recebeu mais de 8 mil cartas, o que o levou a pensar na fundação de outras igrejas dedicadas à cura de enfermos, noutras dioceses da Inglaterra. Batistas, Quakers, irmãos Moraves e outras seitas religiosas de há muito tratavam de doentes, o que não é de admirar, pois os Evangelhos exaltam a fé, até dizendo que, onde não havia fé, não poderia Cristo operar milagres.

Digno de menção é o caso de Patrick J. Power, morto em Boston em 1869 e que ficou tranqüilo no seu túmulo até 1929 quando se descobriu que orações aí proferidas tinham o poder de curar doenças, mesmo surdez e paralisias. Os milagres eram de tal ordem e a peregrinação tão intensa que o arcebispo de Boston foi obrigado a mandar fechar o cemitério. Era a repetição do que havia ocorrido no cemitério de São Medard, onde o diácono de Paris também curava depois de morto.

O célebre zuavo Jacó, na França, curava por meio de preces e bênçãos sempre em nome de Deus. E o mesmo conseguiu Antoine, na Bélgica, que chegou a fundar uma nova reugião, com numerosos adeptos e diversas igrejas. Em 1934, havia 27 igrejas na Bélgica e 1 na França dedicadas à sua doutrina, o Antoinisme. Alguns autores procuraram explicar tão grande sucesso pela corrente de misticismo desencadeada pela guerra de 1914, admitindo, contudo, que a causa principal proviesse das curas “extraordinárias, inumeráveis e incontáveis” operadas pelo taumaturgo, que prescrevia drogas aos doentes, embora inócuas, tais como água magnetizada, chá de líquen etc. Mas mesmo assim, sem receber qualquer remuneração, foi condenado por exercício ilegal da Medicina, razão pela qual passou a fazer unicamente passes magnéticos. Também, com esses, não pôde prosseguir, pois surgiram novos processos, responsabilizando-o pela morte de crianças que, submetidas aos seus passes, deixavam de receber o necessário tratamento médico. Por fim, passou a executar tratamentos coletivos, fazendo a simples aplicação das mãos sobre a multidão, que acorria de toda parte para consultá-lo. As curas extraordinárias prosseguiram tão numerosas quanto antes, a ponto de o próprio governo acabar

por conceder reconhecimento legal à nova religião, que, na Bélgica, rivalizou em maravilhas com Lourdes e outros célebres santuários.

Em muitos santuários da Índia operam-se curas miraculosas, bastando citar o de Audambar e outros idênticos, nos quais o tratamento é feito unicamente por meio de preces e exorcismos. A afluência de peregrinos é enorme, havendo preces e procissões em certos dias do mês e do ano. É o mesmo que aconteceu em templos de outras religiões, desde a mais alta antigüidade.

Falando das curas de Lourdes, Bernheim, com grande isenção de animo, afirma que procurar tirar dessas curas, em nome da ciência, o seu caráter miraculoso, comparando, somente sob esse ponto de vista, a sugestão religiosa com a sugestão hipnótica, não é atacar a fé religiosa nem ferir o sentimento religioso. E acrescenta: “Todas essas observações foram colhidas com sinceridade e controladas por homens honrados. Os fatos existem: a sua interpretação é que está errada. As convicções religiosas são infinitamente respeitáveis, estando a verdadeira religião acima dos erros humanos”. A religião católica tem sido, nesse particular, extremamente cautelosa, como mostra a longa lista de estigmatizados, dos quais apenas pequeno número foi beatificado ou santificado. O mesmo pode ser dito em relação à doutrina espírita, que não recebeu qualquer sanção por parte do catolicismo.

Curas e milagres têm aparecido, aliás, por todas as partes do mundo, e nós, no Brasil, não temos sido dos menos beneficiados. Ainda agora, quase nos últimos dias, tivemos os assombrosos sucessos do padre Antônio, em Rio Casca, que, devido a uma intensa agitação jornalística, excederam tudo que era possível imaginar, tendo larga repercussão até no estrangeiro. Que irá acontecer, como acabará tão extraordinário acontecimento? Reconheçamos que o Padre Antônio se tem mostrado um homem santo, sincero em suas convicções, humilde em seu grandioso poder. Efêmero entre nós, foi o poder milagroso de Manoelina, cognominada a Santa de Coqueiros, que se tornou centro de piedosa romaria, onde os doentes iam procurar alívio e salvação. Parece que o caso terminou, porém, de maneira bastante prosaica, pois a taumaturga depois de casada com um soldado da polícia mineira, caiu em completo

esquecimento. O mesmo aconteceu com o “professor Mozart” que, por muito tempo, constituiu objeto de quase veneração, acabando abandonado, em estado de verdadeira objeção. O “profeta da Gávea”, um mexicano de nome Laureano Ojeda, que percorreu toda a América Latina, tendo um momento de voga entre nós, foi perseguido pela polícia, sendo internado em manicômio. Muito falado, há coisa de meio século, foi o caso do doutor Eduardo Silva, engenheiro formado na Inglaterra e que fez furor com os “seus fluidos”, produtores de curas assombrosas. A questão foi examinada por uma comissão de médicos ilustres, que concluiu pela autenticidade de alguns dos resultados, embora atribuindo-os unicamente ao efeito da sugestão. A mesma explicação é válida para médiuns espíritas, videntes, macumbeiros, quando entregues à tarefa de curar pessoas doentes. O efeito sugestivo depende tanto do indivíduo, da sua confiança, da sua crença, da sua fé, que o próprio Cristo disse que ninguém é profeta em seu país, pelas razões que Marcos refere no seu Evangelho. Ressuscitar mortos e fazer andar paralíticos pode ser, em certos casos, explicado por processos de sugestão e hipnose, mas não passar, também, de lendas que se associaram à realidade.

Aliás, curas prodigiosas têm sido realizadas em todos os tempos e, sem nada ter perdido dos seus triunfos, chegam aos nossos dias sob variadas formas, desde as profundamente místicas e religiosas às grosseiras e superficiais do baixo charlatanismo. Erwin Liek informa que, em Hamburgo, antes da última guerra, o número de charlatães havia excedido o dos médicos. A doutrina da chamada bioquímica tinha, então, mais de dois milhões de adeptos na Alemanha. Josef Weissenberg, um pedreiro que se tornou depois profeta, teve em pouco tempo, em plena Berlim, mais de cem mil prosélitos, que ele tratava pelo espiritismo, fazendo-lhes passes! Emma König, uma mulher, fundou em diversas cidades alemãs institutos para o emprego de irradiações secretas, que serviam para curar todas as doenças. O mesmo aconteceu em relação a um aparelho denominado “Wohlmuth”, do qual foi vendido mais de um milhão. Um engenheiro americano, de nome Macaura, conquistou Paris em poucas semanas, expondo à venda um aparelho vibrátil para massagens, denominado “Pulsocoon”, que servia para curar qualquer doença. Por meio de espalhafatosa publicidade, conseguiu clientela tão numerosa que foi preciso serviço especial de polícia

para regularizar o trânsito nas proximidades da sua casa. Ganhou, dessa maneira, imensa fortuna, embora, dentro de pouco tempo, não fossem os seus aparelhos encontrados senão no ferro velho. Pela publicidade, é fácil conseguir negócios rendosos, sobretudo no campo do tratamento médico. Muito comuns são os anúncios apregoando maravilhas para a pele, a função sexual, a regularização do intestino, para emagrecer e engordar, combater a velhice, criar vigor, beleza, etc. Em muitos casos, são oferecidos livros e prospectos grátis, que servem para pegar o incauto. Por esse caminho, ele acaba por comprar o remédio, que constitui o segredo único da exploração, tão lucrativa que chega para-anúncios caros e repetidos nos jornais. Em outros casos, são médicos que se servem dessa mesma manobra para atrair doentes à consulta, doentes que ignoram que o anúncio de médico é imoral, proibido por lei e péssima recomendação para o profissional, que necessita propaganda comercial para conseguir doentes. Pode-se afirmar, de maneira categórica, que o anúncio de médico deve constituir motivo suficiente para o cliente dele fugir. E que o digam os que o procuram levados por tal caminho!

O abade Juliot escreveu diversos livros sobre segredos maravilhosos de curas, livros que continuaram a ser vendidos até nossos dias, assim como seus amuletos e “porte-bonheurs”. Beziat, outro famoso curandeiro, era eloqüente, majestoso pela sua saúde física, tendo ficado célebre pelas forças secretas de que o julgavam possuidor. Maurice Garçon defendeu, no Sul da França, uma mulher que curava por correspondência, sendo o afluxo de cartas tão grande que se tornou necessária uma agência de correio na localidade, para servi-la. Perseguida por violação das leis francesas, passou a fazer anúncios em jornais estrangeiros, desde Buenos Aires a Honolulu e, assim, prosseguiu ganhando a sua vida.

O caso do charlatão Schlofer, em Dorlisheim, na Alsácia, merece menção especial, pois, submetido a processo, no qual figuraram como peritos os professores Naunyn e Fürstner e o doutor Erwin Liek, recebeu apenas pequena penalidade, que muito concorreu para torná-lo mais conhecido. Desde então, a sua clientela aumentou de tal modo que foi preciso estabelecer estação da estrada de ferro na localidade em que dava as suas consultas.

Nesse sentido, impõe-se ainda o caso de Zeileis, um serralheiro de Viena, o caso mais prodigioso dos tempos modernos.

Ele se estabeleceu em Gallspach, onde fundou um estabelecimento de cura por meio de tratamentos elétricos, lembrando os tempos de Mesmer, em Paris. As sessões eram coletivas, para uma centena de doentes de cada vez, e repetiam-se durante todo o dia, das 7 da manhã até a noite. O seu sucesso foi de tal ordem, que o lugarejo se transformou numa verdadeira cidade, tendo numerosos hotéis, sanatórios, diversões, tudo vivendo em torno de Zeileis. Strauss, prefeito de Gallspach, informou que a cidade, em 1929, foi procurada por 95.535 visitantes, sem contar cerca de 50 mil alojados nas imediações. O tratamento era aplicado em todas as doenças, relatando-se resultados extraordinários na moléstia de Parkinson, na epilepsia, na esclerose cin placas, nas atrofias do nervo óptico, em casos de câncer, tuberculose renal, diabetes, arterioesclerose, paralisias, etc. De nada adiantou um parecer desfavorável assinado por médicos notáveis, como Wagner-Jauregg, Holzknecht, Gaertner e Lazarus que, depois de investigarem a questão, chegaram à conclusão de tratar-se de charlatanismo da pior espécie, de negócio ou indústria psíquica, de exploração da estupidez humana, etc. O tratamento era pago e acarretava somas assombrosas a Zeileis, que era assistido por dois médicos. Na clientela, de escol, havia até médicos. Um milionário americano, querendo ser tratado em particular, ofereceu uma fortuna ao taumaturgo que, com muita perspicácia, recusou recebê-lo. Um aviso, na sala das sessões, declarava que Zeileis não era formado em Medicina nem professor, mas procurava ajudar aos que sofriam, servindo-se dos seus próprios inventos. O general Mannerheim, então considerado o libertador da Finlândia, assim como o professor von Wendt, fisiologista em Helsingfors, declararam-se curados graças ao seu tratamento. Muitas pessoas de responsabilidade chegaram a acreditar que, no seu processo, houvesse algo de novo e desconhecido, o que não foi confirmado por investigações científicas, as quais mostraram que os sucessos obtidos não provinham da ducha elétrica que Zeileis aplicava nos seus doentes, mas sim da sugestão que partia da sua personalidade. Repetia-se assim com Zeileis, o que já havia acontecido muitas vezes na história da humanidade e continuará acontecendo indefinidamente, enquanto a Medicina não conseguir curar todos os doentes ou, pelo menos, trazer-lhes alívio e esperança. Nós nos esquecemos, por demais, que tudo se tem modificado em torno do homem e dentro da sua vida, conservando ainda ele, porém,

o seu psiquismo de eras passadas, o qual vai sendo violentado antes de poder adaptar-se às circunstâncias que decorrem da sua rápida evolução.

Em tempos recentes, houve, na França, muito ruído em torno de um curandeiro, que atendia a uma imensa clientela e que, sendo chamado à polícia, apresentou o seu diploma de médico, formado pela Universidade de Paris. Ele quis guardar segredo sobre o seu título profissional, mas o fato transpirou, o que bastou para que perdesse a clientela. O que se quer sempre é o mistério, o dom prodigioso, em torno do qual nasce a crença, tanto mais eficaz e curativa quanto mais profunda e intensa. Em todas as seitas do paganismo, as divindades davam saúde e curavam doentes por intermédio dos seus sacerdotes, que eram ao mesmo tempo médicos ou feiticeiros. Deve constituir isso um ensinamento para a Medicina dos nossos dias, a qual ainda despreza por demais as forças espirituais, não sabendo delas se servir senão de maneira fria, acanhada, mesmo quando emprega processos de psicoterapia. Um bom médico deve lembrar-se que existem outras possibilidades e não ter vergonha de curar seu doente aceitando a colaboração de Lourdes ou de qualquer taumaturgo, justamente nas circunstâncias em que são capazes de operar milagres. O essencial é que o médico saiba o que está fazendo e porque o está fazendo.

Muitos doentes desse grupo já passaram pelas mãos de médicos, tendo sofrido múltiplos exames e tratamentos. De regra, já não acreditam mais na Medicina, mas não empregaram ainda a fé, talvez capaz de curá-los. O médico, comumente, não está habituado a se servir da sugestão, a tirar partido da credulidade, esse fator tão poderoso da terapêutica, mesmo essa terapêutica que ele próprio emprega, acreditando-a estritamente farmacológica, de ação puramente objetiva. É com toda a razão que se tem afirmado poder o médico conhecer melhor o mecanismo íntimo da sugestão, embora, de regra, não saiba empregá-la praticamente, sendo, por isso, facilmente sobrepujado pelo charlatão.

O excesso de medicamentos que inunda hoje os mercados, conseqüência natural dos tempos, corresponde às necessidades, tanto dos médicos quanto dos doentes. O médico continua a fazer intensa psicoterapia, freqüentemente sem o saber, e não é por outra razão que os remédios se multiplicam, em rápida

sucessão. É um triste espetáculo esse da contradança de hormônios e vitaminas, de extrato de órgãos, de vacinas e produtos químicos, tudo de preferência em injeção, quase uma espécie nova de vício, inventado pela indústria e do qual são as primeiras vítimas os médicos e os próprios doentes. A situação é verdadeiramente trágica, e parece que a maioria dos médicos ainda não percebeu que está sendo arrastado à prática de uma psicoterapia armada e superficial, muito semelhante à dos curandeiros e espíritas, com os seus remédios secretos ou revelados, embora talvez menos digna, porque mais dispendiosa, mais bem armada materialmente, servindo-se de argumentação que não lhe cabe e que é paga à custa de muito dinheiro. Saberá o médico que, na grande maioria das receitas de vitamina, não sobrepõe ele aos ingênuos ou espertos charlatães quando fornecem agulhas e beberagens? Parece que a ignorância é muito semelhante e que, no final, quase nenhum deles sabe bem o que está fazendo. É nesse sentido que a classe médica tem necessidade de se dar conta da realidade, a fim de que a sua conduta fique de acordo com os verdadeiros ensinamentos da Ciência. O que acontece, por enquanto, é de pavonearmos-nos com a terminologia científica, embora, não raro, agindo de maneira horrorosamente charlatanesca.

Aliás, quando o problema é analisado em conjunto, é fácil verificar que a nossa vida anda impregnada de processos de sugestão e auto-sugestão vindos das fontes mais diversas e que determinam a nossa maneira de pensar e agir. A sugestão é um processo natural e fisiológico, que pode ser encontrado dentro das mais variadas manifestações da vida normal. O processo pelo qual muitas mães fazem adormecer seu filhinho é, em grande número de casos, puramente sugestivo ou hipnótico, como acontece quando ela lhe canta cantigas, embala-o nos braços, balança-o no berço, etc. No anúncio, na propaganda comercial, nas campanhas políticas, na aceitação das modas, a sugestão é arma poderosa, freqüentemente explorada sem o conhecimento dos próprios autores ou das suas vítimas. Basta perguntar a alguém, sobretudo durante uma conversação mais íntima ou delicada, porque está ficando vermelho, para que isso quase sempre logo aconteça. O contágio do bocejo é muito freqüente e conhecido, sendo também suficiente falar de pulgas ou comichão para que o interlocutor comece a se coçar. Também o

riso, a tosse, o pigarro, mesmo o vômito e a diarreia podem ser contagiosos por via psíquica, por simples sugestão e imitação. Nos jogos é comum o espectador acompanhar com o corpo e os membros os movimentos dos jogadores, como é fácil observar nos gestos dos “torcedores”. Temos falado de epidemias psíquicas, por vezes sob forma de movimentos religiosos ou sociais e, mais freqüentemente ainda, de variadas manifestações histéricas.

No campo da Terapêutica, a sugestão representa papel de capital importância, que explica a ação de inúmeras medidas curativas, não raro de efeitos idênticos, mesmo quando de inversa significação. Já estudámos o assunto em trabalho especial, mostrando que qualquer pretexto pode constituir excelente terapêutica, desde que desencadeie uma sugestão adequada, que será o “*primum movens*” da ação. Queremos ilustrar a situação por meio de um exemplo histórico, que ocorreu com o doutor Luys, cujas conferências das quintas-feiras no hospital Charité, de Paris, se tornaram célebres, sobretudo devido às experiências que realizava publicamente. Na sessão de 30 de Agosto de 1887, Luys apresentou à Academia de Medicina de Paris, da qual era, na opinião dos seus colegas, um dos membros mais respeitáveis uma comunicação que deixou a assembléia verdadeiramente estupefata. Afirmou que em indivíduos hipnotizados, lhe foi possível verificar o efeito medicamentoso de 86 substâncias diferentes, contidas em tubos de vidro hermeticamente fechados, e cuja ação era obtida pela aplicação direta desses tubos sobre determinadas partes do corpo. Luys foi além: mostrou que o efeito se produzia também à distância, isto é, sem haver qualquer contato entre o tubo e o doente. Estava-se, então, no apogeu do hipnotismo, pontificando Charcot na Salpêtrière. Já pouco antes, no Congresso de Grenoble, em 1885, Bourru e Burot haviam apresentado resultados idênticos, isto é, provas de ação de medicamentos à distância, que, parece se tornava moda, a julgar pelo interesse que os médicos davam à questão. Para verificar os resultados referidos por Luys, a Academia nomeou uma Comissão, que, depois de sete meses de investigações, apresentou o seu veredicto. As experiências foram realizadas com tubos contendo as substâncias em questão, mas que traziam, em vez de etiqueta com o nome do medicamento, apenas um número de ordem, correspondente a um envelope fechado, dentro do qual se encontrava a designação do

produto. Tudo isso foi feito numa farmácia fora do hospital, sob todas as garantias de sigilo e honestidade. O veredicto, do qual foi relator o doutor Dujardin Beaumetz, chegou à conclusão de que os resultados apresentados pelo doutor Luys eram inteiramente falsos e absurdos. Os tubos em questão produziam efeitos, até ruidosos e de grande evidência, tais como paralisias, contraturas, palpitações, tremores, suores, dispnéia, etc., mas que podiam ser explicados pelos já conhecidos processos de sugestão e hipnose. Os resultados mais impressionantes foram obtidos justamente pela aplicação de um tubo, cuja verificação posterior revelou ser de controle e estar vazio! Esse tubo, “colocado à esquerda do pescoço, produziu contratura em todo lado esquerdo e, em seguida, contratura generalizada do corpo inteiro; colocado diante dos olhos, provocou terror de tal ordem que o doente recuou bruscamente, empurrando a poltrona na qual estava assentado. Os mesmos fenômenos reproduziram-se, ainda com maior intensidade, quando o tubo foi colocado sobre o lado direito do pescoço. Finalmente, colocado diante do pescoço, provocou aumento da tireóide, congestão da face e dificuldade na respiração”. É o que consta num dos processos da Comissão, redigidos depois de cada sessão. Tudo isso era explicável, portanto, por processos de sugestão, dos quais foram vítimas tanto os doentes, quanto o próprio doutor Luys.

Data dessa mesma época a descoberta de águas magnetizadas, cujo efeito curativo foi verificado por autores da maior nomeada. Hufeland, Wienhold, Démougé, Tardie muitos outros relataram que a água magnetizada resolvia acessos convulsivos, abrandava ou suprimia sofrimentos dolorosos, regularizava o intestino e, num caso de vômitos incoercíveis, curou a doente depois de haverem fracassado todos os outros tratamentos. Também, em aplicações externas, foram os seus efeitos considerados excelentes. Interessante é que se conseguia distinguir a água magnetizada da não magnetizada, sobretudo pelo sabor, como relata Gmelin. Na verdade, verificou-se que o sabor era diferente, pois sendo a magnetizada muito batida e tocada pelas mãos e instrumentos, adquiria um gosto adocicado, enjoativo. Mais tarde, demonstrou-se que o seu efeito curativo era puramente sugestivo, obtendo-se resultados idênticos com a água comum, desde que se afirmasse que era magnetizada, assim como deixavam eles de aparecer, caso se desse da magnetizada

dizendo ser da comum. Era a mesma coisa que havia acontecido com metais e pós magnéticos, cuja ação curativa se tornara conhecida desde os tempos de Mesmer, quando se chegou a administrar grandes quantidades de ferro a fim de o corpo dos doentes tornar-se mais sensível às ações magnéticas produzidas pelo emprego do ímã.

Um médico francês, Burcq, descobriu, em 1847, que a aplicação de placas de metal sobre zonas anestésicas fazia voltar a sensibilidade. A qualidade do metal tinha importância, reagindo os doentes diferentemente, cada um à sua maneira. Em geral, as placas eram de cobre, zinco, ouro, etc. Burcq deu o nome de metaloscopia ao processo para a descoberta do metal apropriado e verificou que o mesmo metal, dado internamente, produzia efeitos idênticos. Uma comissão, nomeada em 1876 pela Sociedade de Biologia de Paris, confirmou a descoberta de Burcq, que teve grande aceitação, mesmo por autoridades do maior renome. Repetia-se assim o que havia acontecido anteriormente com o ímã, cuja ação terapêutica tivera grande repercussão, como tivemos ocasião de mostrar em capítulos anteriores. Ainda em 1883, Trousseau, no Dictionnaire de Medicine, dizia textualmente: “Eu me servi do ímã por muitas vezes e, segundo a minha impressão pessoal, posso garantir que esse agente terapêutico exerce ação positiva sobre a parte do corpo em que é aplicado e que, de forma alguma, pode ser explicada por qualquer efeito sugestivo sobre a doente. Verifiquei, pela sua aplicação, que dores nevrálgicas eram abrandadas e acessos de dispnéia nervosa rapidamente debelados. Sei que Laennec glorificou o emprego do ímã no tratamento da angina de peito e eu próprio posso citar dois casos de minha observação demonstrativos de que esse instrumento podia diminuir a intensidade dos acessos, embora não curasse a doença. No reumatismo, con-seguem-se curas indubitáveis, mas de curta duração, como acontece quase sempre nessa doença. Posso citar como prova o caso de um marechal de França, cujas dores reumáticas só eram aliviadas pela aplicação de armações magnéticas”.

Preyer, na Alemanha, cita a observação de um doente atacado de uma paralisia parcial, que havia desafiado diversos tratamentos e que foi curado pelo ímã. O caso passou-se com o professor Nothnagel, um dos maiores médicos que já existiram, e que resolveu experimentar o ímã, apesar de não crer pudesse

ter ele qualquer efeito. No entanto, o resultado foi rápido, voltando a sensibilidade, a motilidade e até desaparecendo, dentro de pouco tempo, a atrofia muscular. Preyer diz que a admiração do médico foi maior que a do próprio doente, que se despediu daquele com lágrimas de agradecimento. Preyer, à maneira do que acontecera anteriormente com Trousseau, concluiu que esse efeito do ímã não podia ser, de forma alguma, produzido por sugestão.

Interessante é que o próprio Mesmer não haja descoberto ser o seu poder uma força sugestiva provinda da sua própria personalidade e não do magnetismo. Aliás, naquele momento, era natural que se acreditasse ainda no poder do magnetismo animal, uma vez que não existiam explicações mais razoáveis, baseadas no bom senso e nos conhecimentos de então. Em lugar disso, surgiam exageros, levando à crença de que o sonâmbulo era capaz de diagnosticar doenças e indicar remédios apropriados para curá-las, de desvendar o passado e o futuro, de ler livros sem abri-los, ver de olhos fechados, sobrepondo-se ao tempo e ao espaço, na mais louca das fantasias. Acreditava-se possível fazer um indivíduo dormir ou sentir o efeito de medicamentos à distância, e que também, pelo magnetismo, se pudesse fazer elevar o ventre de uma pessoa aspirando-o com a mão ou, por manobra idêntica, levantar os seus pés, mesmo quando estivesse dormindo. Havia referências de que plantas estioladas adquiriam novo vigor e frutas amadureciam mais rapidamente quando submetidas à ação de passes magnéticos. Informações e experiências dessa natureza eram dadas como reais e indiscutíveis, fora de qualquer processo de sugestão ou mistificação.

Só mais tarde se reconheceu que muitas dessas manifestações corriam por conta de erros e enganos, tornando-se evidente que os tratamentos em questão eram puramente sugestivos, não passando ímãs e metais, assim como o magnetismo, de simples pretextos para realizar o tratamento. A sugestão não era feita por meio de palavras, mas sim por associação de idéias, tornando-se natural que recursos idênticos produzissem resultados semelhantes, tal como acontecia pelo emprego de eletricidade estática, correntes galvânicas, vibrações do diapasão, etc. Foi naquela época que apareceram os célebres remédios magnéticos apresentados sob a forma de águas, pílulas, cápsulas e pós. Beaunis, tendo de se ausentar de Nancy, deu pedaços de subs-

tância inerte a uma pessoa habituada a ser por ele hipnotizada, dizendo-lhe: “Quando quiserdes dormir, basta colocar um desses pedaços num copo de água com açúcar e dormireis imediatamente”. E a receita é dada como infalível. O doutor Brémaud relata o caso de uma moça extremamente sugestível, à qual deu um lenço magnetizado por passes, afirmando-lhe que ficaria livre de qualquer ação magnética desde que trouxesse consigo aquele objeto. O resultado foi tornar-se ela invulnerável a qualquer magnetização, até o momento em que a despojaram daquele precioso talismã.

A Bernheim, como dissemos, coube o mérito de haver demonstrado, de maneira verdadeiramente experimental, que todos esses fenômenos não passavam de pura sugestão, fácil de obter, principalmente em pessoas predispostas. Bastava insinuar que o ímã ia produzir tal ou qual efeito para logo o obter, segundo o que havia sido sugerido. Dessa maneira, mesmo quando o indivíduo, mergulhado em sono hipnótico, parecia inconsciente ou alheio ao ambiente, reagia às mais leves sugestões, até às feitas por simples referências em conversa com assistentes. Era suficiente dizer por exemplo: vou virar o ímã a fim de produzir uma transferência da contratura do pé para a mão, ou vice-versa, para que, logo, desaparecesse ela daquele lugar surgindo no outro. Depois, já não era preciso falar bastando dirigir o ímã no sentido indicado para que se operasse a transferência. E o fenômeno realizava-se de modo idêntico, caso fosse o ímã substituído por uma faca, um lápis, uma garrafa, um pedaço de papel, ou qualquer objecto indiferente. Quando uma pessoa assistia a uma sessão, era freqüente, no dia seguinte, executar tudo que havia observado.

O que foi relatado em relação ao ímã e outros objetos metálicos é igualmente válido para diversos outros aparelhos, entre os quais um inventado em 1779, em Nova York, pelo Dr. Perkins, cuja aplicação sob o nome de Perkinismus, teve grande sucesso, sobretudo na Inglaterra e na América do Norte, sendo os efeitos atribuídos ao galvanismo. O instrumento era formado de dois fusos, fabricados com metais diferentes, possuindo uma extremidade pontuda e outra romba, em botão, para serem aplicadas sobre regiões doentes ou dolorosas. Os doutores Haygarth e Falconer, querendo aprofundar a questão, mandaram construir fusos de madeira exatamente iguais aos de me-

tal, pintando-os da mesma cor, de modo que não fosse possível distingui-los. E os resultados mostraram-se idênticos, desde que as aplicações fossem feitas com ênfase, mencionando as curas e maravilhas já obtidas, conforme recomendou o Dr. Haygarth. Diante disso, este médico concluiu que tudo dependia da impressão causada ao doente, da sugestão que lhe era transmitida pela aplicação do aparelho. O doutor Richard Smith, do Hospital de Bristol, prosseguiu as observações de Haygarth, empregando o mesmo fuso de madeira, e os resultados foram inacreditáveis. Um doente que, de há muito, sofria de reumatismo num ombro, que o impedia de levantar o braço, conseguiu no fim de duas aplicações, movê-lo, erguendo-o à altura da espádua. A afluência de enfermos tornou-se enorme e os resultados surpreendentes, embora, desde logo, ficasse evidente que tudo não passava de pura sugestão, pois o aparelho de madeira produzia os mesmos efeitos que o de metal.

Nesse mesmo grupo de fatos, devem entrar muitos dos resultados obtidos pelos tratamentos homeopáticos.

O doutor Arthur Lutz, num livro publicado em 1844, três anos depois da morte de Hahnemann, exalta os triunfos dessa terapêutica, relatando, logo na primeira página desse livro, 32 curas verdadeiramente miraculosas, de casos de câncer, tuberculose, cegueira, epilepsia, já tratados sem sucessos pela medicina oficial.

As diluições empregadas chegavam à trigésima dinamização, sendo que a primeira é obtida diluindo uma gota de tintura em 100 de álcool ou de água. Desta diluição, uma gota é misturada, de novo, com 100 de álcool ou de água, o que dá a segunda dinamização. E, assim, sucessivamente sempre da mesma maneira, até a trigésima potência. Quando atingida essa dinamização encontra-se a solução diluída ao decilhão, que é a unidade seguida de sessenta zeros. Os cálculos têm mostrado que, nessas condições, nem moléculas da substância medicamentosa podem existir na diluição, que deve ser mais ativa pelos sais da lactose empregada na fabricação dos glóbulos homeopáticos do que mesmo pelo remédio receitado. É verdade que os homeopatas admitem o efeito de doses ainda menores, havendo o próprio Hahnemann chegado a propor que o doente, em certos casos, cheirasse apenas o remédio, mesmo em alta diluição, acreditando que o olfato tivesse com o sistema nervoso as

mesmas relações que o paladar. Em tempos mais recentes, Schlegel, que passa por grande autoridade no campo da homeo-patia, anunciou os bons efeitos da tireoidina no Basedow, quando empregada na dinamização 30 a 200! Pois bem, já foi estabelecido que uma diluição, acima de trigésima centesimal, não contém mais nenhum dos elementos conhecidos da matéria em solução. “Se se trata, por exemplo, de uma solução de sulfato de sódio, não permanece no solvente nem um átomo de enxofre, nem um átomo de sódio, ou mesmo sequer um eléctron desses átomos. O sulfato de sódio desaparece completamente quanto aos seus atributos materiais, não subsistindo nada nem da sua forma, nem da sua massa. Entretanto, seu dinamismo específico de remédio continua a se manifestar, muitas vezes até com acréscimo da sua ação sobre o organismo, capaz de produzir perturbações fisiológicas importantes, agravando ou curando rapidamente a doença”. Interessante é que o autor dessa explanação sugere que o substrato do dinamismo talvez seja de natureza elétrica uma vez que não há nem moléculas, nem átomos, nem ions, nem electrons capazes de explicá-lo. Por que não se pensou na sugestão, que está tão à mão e é capaz de tantas maravilhas? Na verdade, tudo isso se torna facilmente compreensível, desde que apelemos para os efeitos sugestivos, obtidos por pura via psíquica. Não deve haver lugar é para explicações baseadas na física do átomo e na ação de quantidades infinitesimais de hormônios e outros produtos biológicos, que, afinal, nada têm a ver com as hipóteses da homeopatia. O que tem acontecido, até agora, é servir-se esta doutrina de fatos científicos que estão em desacordo com as suposições, explo-rando-os indevidamente a seu favor. Antes de tudo, é preciso considerar que nos encontramos aí diante do ser humano, cujas doenças e funções orgânicas podem ser influenciadas por toda sorte de sugestões. Não é lógico admitir que a ação dos medicamentos homeopáticos, sobretudo em alta dinamização, possa ser explicada pela interferência desse fator, ao mesmo tempo tão simples, natural e poderoso?

Devemo-nos admirar de resultados desse gênero ou rir dos nossos antepassados crédulos e ingênuos? Absolutamente! Tudo isso continua ainda muito vivo e produzindo os mesmos efeitos. A nossa mentalidade prossegue sendo a mesma e os fenômenos operam-se de maneira semelhante. Até com uma agravante para pior, pois, naqueles tempos, eram desconhecidos

os efeitos da hipnose e da sugestão, então consideradas forças mi iriosas, quase sobrenaturais. Se os nossos conhecimentos Científicos avançaram desde então imensamente não há dúvida, porém, que, do lado prático, vivemos ainda mergulhados num oceano de ignorância, exploração e charlatanismo.

Quando, há meio século, Morand dizia “ser necessário que, pura o futuro, não fosse permitido a um qualquer, sem títulos o sem competência, abusar da credulidade, comprometendo a saúde pública”, estava longe de suspeitar que tais processos acabariam sendo explorados até por médicos, por vezes honestos e sinceros, mas desconhecedores da sua própria ignorância.

Esse autor mostra o erro frequentemente cometido por médicos, quando dizem ao hipocondríaco que ele nada tem, que a sua doença provém unicamente da imaginação, que tudo é nervoso e não tem importância. O que acontece é que o indivíduo que sofre, e anda à procura de alívio e tratamento, acredita que o médico não soube reconhecer a sua moléstia, ou que não sabe tratá-la. Binet e Féré observam, com toda a razão: “Os realizadores de curas maravilhosas procedem de modo muito diferente: em vez de negarem a existência da doença, afirmam que ela se vai curar pela ação de forças sobre-humanas. Dessa maneira, agem por sugestão, inculcando a idéia de que a moléstia pode ser curada. A cura pode ser uma simples consequência da sugestão. Quando se diz que é a “fé que salva” emprega-se uma expressão rigorosamente científica”.

O processo de Emile Coué é, nesse sentido, muito ilustrativo. Coué, inicialmente farmacêutico em sua cidade natal, foi, depois de adquirir fortuna, para Nancy, onde, seguindo a escola de Bernheim, se entregou ao estudo de Psicologia, pela qual tinha particular predileção. No tempo em que fora farmacêutico, teve oportunidade de verificar que também remédios indiferentes, como miolo de pão e água simples, podiam curar pessoas doentes. Eis como ele próprio relata a sua primeira observação: “Um dia, recebi a visita de um doente que desejava certo medicamento, que a lei não permitia fornecer sem receita médica. Cometi, então, uma piedosa mentira: forneci-lhe água destilada, acompanhada de pormenorizadas recomendações. Pois bem, oito dias depois voltou o doente, já curado, para agradecer-me. Tive de indagar, então, de mim próprio, o que, nessas circunstâncias, poderia tê-lo curado. Não podia ter sido o me-

dicamento, pois que ele não existira. Era, portanto, unicamente, a “idéia” da eficácia que lhe havia sido atribuída, em outras palavras, os efeitos da imaginação”. Depois disso, Coué prosseguiu em suas observações, chegando à conclusão de que a auto-sugestão curava, até produzindo verdadeiros milagres. Em seus trabalhos, cita “o caso de uma moça cega desde os três anos de idade e que, vindo consultá-lo quando tinha 22, recuperou a vista instantaneamente.” Coué não fala de milagre, mas sim de persuasão, tanto para criar quanto para fazer desaparecer doenças. Pela persuasão conseguiu melhora em grande número de casos de paralisia e, também, em surdez, na proporção de 80 por cento! Em gajos, os resultados foram igualmente extraordinários, e Coué, pelo emprego da sugestão consciente, declara haver curado verrugas, varizes, úlceras varicosas, fibromas, eólicas hepáticas, quedas do útero, rim móvel, hemorragia, diabetes, afecções cutâneas, dilatações do estômago e muitas outras moléstias. Se, em doenças mentais e psíquicas, não se conseguem os efeitos desejados, é isso devido ao fato de a sugestão não ser aceita, ficando, portanto, sem efeito. Aliás, Coué declarou que nunca havia curado pessoa alguma, mas que ensinava o doente a curar-se.

Fora disso, muito importantes, no problema da sugestão, são ainda as manifestações pós-hipnóticas, isto é, as ordens que o indivíduo recebe para realizar mais tarde, minutos, horas, dias, ou mesmo meses depois de ter voltado ao seu estado normal.

Na prática, o médico não tem necessidade de empregar senão a hipnose superficial, acompanhada de outros recursos terapêuticos, que prolongarão e reforçarão os efeitos da sugestão. Massagens, aplicações elétricas, certos exercícios e movimentos podem favorecer a ação sugestiva, tornando-a mais profunda, mais longa, mais eficaz. Também, por isso, pode ser acompanhada de esclarecimentos, explicando-se o mecanismo do seu efeito, a sua maneira de atuar, a razão pela qual convém associá-la a outros tratamentos, como os que acabam de ser indicados, ou a regimes dietéticos capazes de corrigir o estado de nutrição, fazendo engordar ou emagrecer, ou removendo outros distúrbios, se necessário pela aplicação de medicamentos. Em vez de uma simples sugestão, empregamos aí um conjunto de medidas terapêuticas, cada uma das quais atuará à sua maneira, embora todas conjuntamente, numa só e mesma direção.

Em vez de fazer psicoterapia cega e armada, tão freqüente nas mãos do médico prático, estabelecemos um plano de ataque e seguimos segundo diretrizes pré-determinadas, sabendo bem o que queremos.. Nesse sentido, a sugestão pré-hipnótica, que depois passa de esclarecimentos fornecidos ao doente, tem importância formal, devendo constituir a base de toda e qualquer psicoterapia. Também, em vez da amnésia pós-hipnótica, devemos insistir para que o doente conserve bem vivo o que lhe foi sugerido em hipnose, talvez segundo o método de Coué, fazendo-o repetir frases curtas e incisivas, das quais se servirá nos momentos adequados. É a técnica proposta por Hirschlaff e que nos parece digna de maior atenção. A persuasão, no sentido de Dubois, combatendo o pessimismo do doente, dando-lhe coragem e confiança, exaltando seu otimismo, oferecendo-lhe uma concepção mais feliz da vida e do mundo pode igualmente contribuir para vencer a doença e garantir a saúde. Não há razão para querermos isolar cada um desses recursos terapêuticos, sempre exaltando um deles em detrimento dos outros. No fundo, qualquer deles tem as suas vantagens e os seus inconvenientes, nada perdendo em ser associados, segundo as condições da doença ou as tendências do médico. No final, o que se quer é curar o doente e, para isso, todos os recursos são bons e aceitáveis, desde que possam conduzir ao fim almejado. É um truismo como afirmação, mas que está longe de servir como determinante à conduta do médico na prática.

O professor O. Kauders, diretor da Clínica Psiquiátrica e Neurológica da Universidade de Viena, recentemente falecido, relata num artigo da Wiener Klin, Wochensh, de 28 de outubro de 1949, os efeitos que a sugestão e uma leve hipnose podem ter sobre graves sofrimentos cardíacos. Diz ele, textualmente: “Há pouco tempo, tive ocasião de examinar uma senhora dos seus 60 anos, que se encontrava, permanentemente, entre, os limites de compensação e descompensação das suas perturbações cardíacas. Já havia sido tratada em duas das melhores casas de saúde de Viena, segundo todas as regras da arte, recebendo quase seguidamente estrofantina, digitalis e diuréticos, embora queixando-se ainda dos seus sofrimentos cardíacos e dando até a impressão de tratar-se de um caso completamente perdido, sem qualquer esperança. Nessas condições, encontrando se sentada numa cadeira, mandei que fechasse os olhos e passei-lhe docemente a mão pela frente. Enquanto fazia isso,

afirmei-lhe que as dores cardíacas iriam desaparecer, que poderia repousar e que, depois, sentir-se-ia bem, calma, garantida. Ela cochilou, por alguns momentos. Depois, quando a acordei, abriu os olhos e perguntou: Por que ninguém fez ainda isso comigo? E garantiu-me que jamais, depois de tratamento algum, se havia sentido tão bem quanto agora, depois dessa ligeira hipnose, que durara apenas 3 minutos”. Kauders pergunta, então, se devemos recusar aos nossos doentes de coração processo tão vantajoso e, tecnicamente, tão fácil de ser aprendido. E conclui que o que devemos fazer é julgar-nos antes obrigados a empregá-lo, nos casos em que houver indicação.

Aliás, o campo da Terapêutica é farto em ações sugestivas, que aparecem em todos os gêneros de tratamento. Não é por processos dessa natureza que devem ser explicados os triunfos de Assuero, cujo consultório, durante muito tempo, se tornou uma verdadeira Meca de peregrinação? É verdade que se procurou descobrir explicação objetiva, fisiológica para os resultados obtidos, atribuindo-os a uma excitação do simpático, produzida pelo toque de partes erécteis do interior do nariz. Já antes de Assuero, diversos autores haviam feito toques idênticos no mesmo órgão, havendo o doutor Klotz-Guéraud publicado em Paris, em 1930, um livro “La Centrothérapie”, no qual mostrou que o processo de Assuero, que, naquele momento, tinha grande repercussão, nada apresentava de novo, pois, há mais de 30 anos o Dr. Pierre Bonnier empregava a mesma terapêutica em diversas perturbações do organismo. Ainda mais do que isso: o nervo simpático tem sido, em diversas zonas do seu percurso, objeto de tratamento, desde toques e massagens até variadas intervenções cirúrgicas. Lieck diz que o erro é invariavelmente o mesmo: o de o autor atribuir sempre os sucessos obtidos unicamente à sua intervenção. E conta a história dum camponês que melhorou muito da sua doença por supor que o termômetro introduzido no reto havia constituído processo de tratamento. Menciona, também, o caso de uma mulher que sofria de dores de cabeça e à qual foi receitada a velha fórmula dos três brometos, que ela, por engano, empregou como loção capilar. Pouco tempo depois, apareceram no consultório do mesmo médico duas outras doentes sofrendo do mesmo mal, sugerindo lhes fosse receitada aquela loção, tão acertada para os sofrimentos da sua amiga. Seria possível, no caso de Assuero,

obter tudo o que ele conseguiu, em moléstias tão diversas, sem ser por via psíquica, essencialmente por sugestão? O sucesso e a variabilidade dos males demonstra suficientemente que o mecanismo da cura deveria ser predominantemente psíquico. Onde foi parar o método com o seu autor, os seus discípulos, os seus imitadores?

Albert Abrams, professor de Anatomia Patológica em São Francisco e médico prático de renome, transformou a osteopatia dos americanos em espondiloterapia, admitindo que a percussão da coluna vertebral pudesse aumentar a atividade dos centros reflexos da medula. O pior, porém, é que Abrams inventou um aparelho para diagnóstico médico, uma verdadeira caixa mágica que, nas suas mãos teve grande sucesso. Tratava-se de um aparelho complexo, ligado por um fio metálico à testa de uma pessoa sã, cujo ventre era percutido para se estabelecer o diagnóstico do doente, do qual se colocava apenas uma gota de sangue no aparelho. O processo teve muita aceitação, mas mal sobreviveu ao seu criador. Existem, aliás, inúmeras modalidades desse gênero, que têm variado e prosseguem variando, numa tentativa constante de explorar as circunstâncias do momento. Que se pense nos curandeiros tão numerosos e variados, nos osteopatas, metalopatas, magnetopatas, electro-homeopatas, sepdolenopatas, bioquímicos, assim como nos adeptos do masdeísmo e de diversas correntes teosóficas, místicas, religiosas. Eu tive ocasião de, pessoalmente, dar-me conta do movimento feito em torno de Rudolf Steiner, visitando o Goetheanum perto de Basileia, na Suíça, e lendo algumas das suas publicações. É uma mística que faz enorme dispêndio de ciência e inteligência, mas que não pode ser seguida senão por indivíduos de mentalidade verdadeiramente esotérica. Em todas essas situações observa-se que a personalidade do terapeuta representa papel capital, capaz de explicar os seus triunfos, assim como os insucessos dos seus imitadores. Mesmo na medicina oficial e universitária é muito comum determinado processo de tratamento produzir resultados extraordinários quando empregado pelo próprio autor, mas que se desvanecem com o seu desaparecimento, quando não ainda mais precocemente.

Um meio curativo que teve grande voga foi a dieta de Gerson, empregada para o tratamento de numerosas doenças. Chegou-se a falar de uma nova era terapêutica, havendo muitos

autores de nomeada confirmado as suas observações. Gerson fez da sua dieta uma verdadeira panacéia, que servia para curar as mais diversas moléstias e também restaurar o organismo. Os seus efeitos operavam-se em “doenças do coração, fígado, vesícula biliar, estômago, intestinos, na hipertensão e outras alterações vasculares, tanto na idiotia e na demência precoce, quanto no lupus, na enxaqueca, na tuberculose óssea e na pulmonar, em perturbações do metabolismo, na asma, no infantilismo, em nevroses e psicoses, em doenças da mulher, etc.” Asseverou-se que o seu emprego curava a epilepsia, a doença de Basedow, eczemas e micoscis, artrites, a esclerose em placas, tanto a magreza quanto a adiposidade e muitos outros distúrbios do organismo humano. Liek mostrou ter havido em tudo isso muito excesso, muita propaganda jornalística, muita cabotinagem, exigindo o tratamento grande convicção e perseverança por parte do doente, que necessitava submeter-se a uma dieta insossa e prolongada, cuja característica principal era uma intensa redução da quantidade do sal, isto é, do cloreto de sódio. Que essa dieta, no lupus e em outras doenças da pele, pudesse dar resultados favoráveis era bem compreensível, uma vez que a própria pele se impõe como um órgão especial, no qual o sal se acumula de maneira eletiva. Interessante, porém, é que o sal, em épocas passadas, tenha sido recomendado como bom tratamento para a tuberculose. O doutor Latours que dava aos tuberculosos leite salgado, contendo até 8 gramas de sal por dia, conseguiu dessa maneira resultados surpreendentes. De uma vez, salvou um doente querido, já desenganado por três notáveis clínicos da época. Também Trousseau recomendou salgar fortemente os alimentos em casos de tuberculose. Liek diz não haver em tudo isso qualquer contradição, pois tanto a alimentação com pouco sal, quanto salgada, tanto a rica em carne quanto a pobre, podem curar, desde que à confiança do médico se associe a do doente, no intenso desejo de conseguir a cura. Menciona, então, Strümpell, que cita um médico que curava doentes de ciática fazendo cauterizações do lóbulo da orelha; Bucky, que por meio de irradiações da pele curava variadas doenças, desde úlceras do estômago e do duodeno até policitemias, hipotireoidismo, angina de peito, asma, etc., e depois, passa em revista numerosas intervenções cirúrgicas, executadas por mestres de renome, mas que foram sendo abandonadas, à medida que se reconheceu quanto os seus efeitos se operavam

por via psíquica. A medicina psicossomática dos nossos dias, min sempre existiu para os grandes médicos de todas as épocas, tem posto em relevo tal problema, mostrando quão poderosamente é o corpo influenciado pela alma.

É de admirar que o próprio médico acabe por descobrir que muitos dos seus tratamentos são de efeito essencialmente psíquico, mesmo quando emprega medicamentos ou outros recursos, até da alçada da Cirurgia? Também não é raro servir-se o médico de recursos charlatanescos para tratar de doentes, obtendo por vezes resultados que não conseguiria alcançar por meio de terapêuticas friamente corretas e oficiais. Alguns médicos têm chegado a ocultar a sua qualidade de diplomados, a fim de conseguirem o que não lhes foi possível pela ciência universitária. Citamos o caso de um médico francês que triunfou pelo emprego de semelhante recurso, mas que perdeu a clientela quando foi descoberta a sua verdadeira identidade, logo propalada pelos jornais. Por que tudo isso? Por que essa divergência, essa possibilidade de se sobrepor o leigo e o ignorante aos esforços da Ciência, aos conhecimentos tão vastos e tão penosamente adquiridos nos cursos universitários? Não é isso a prova de que poderemos aprender alguma coisa com os charlatães, de que há, nos seus processos, vantagens que não lemos sabido aproveitar? Já se tem dito, com imensa razão, que a saúde e o otimismo são transmissíveis, contagiosos. Muitas vezes, é a convicção, a boa vontade, o entusiasmo que condicionam os triunfos terapêuticos, explicando por que são eles obtidos sobretudo pela interferência do próprio indivíduo. E a sugestão pode ter efeito tanto positivo quanto negativo. É de estranhar o fracasso do tratamento de muitos médicos, e que alguns deles cheguem a repudiar os processos sugestivos e psicoterápicos, classificando-os, pejorativamente, de charlatanescos? Não se encontra aí um dos mais graves erros da Medicina, quando desconhece ou despreza a influência que um indivíduo pode exercer diretamente sobre um outro? Devemos negar as curas miraculosas que se operam todos os dias diante dos nossos olhos e que muitas vezes, enchem de assombro o próprio médico? Não podem ser elas alcançadas, também, por ele próprio, caso saiba manobrar o fator psicoterápico, ou mesmo é sua revelia, quando, ignorando-o, age à maneira do taumaturgo ou do charlatão, quase operando milagres?

O necessário é saber onde termina a Ciência e onde entra a magia em ação. Precisamos dominar a prática dos charlatães, aprendendo a conhecer melhor o doente, para também melhor conseguir tratá-lo. O médico que conhece a profissão somente sob o ponto de vista puramente técnico é um pobre diabo que ignora o seu poder e as suas possibilidades. A alma tem as suas funções e o organismo constitui uma unidade. Os próprios especialistas em psicoterapia são por vezes ridículas personagens que, na prática, estão longe de compreender o doente e as suas necessidades. “Excluídos alguns poucos remédios, que podem ser contados na ponta dos dedos, pode uma sugestão bem aplicada ter mais valor que todo o nosso arsenal medicamentoso”, diz-nos Bleuler. O que não se deve admitir é que o médico necessite estar ao corrente e utilizar apenas os recursos que lhe fornece a chamada medicina científica. Tem-se dito que a Medicina não pode ser somente química, bacteriológica, celular, porquanto atrás das doenças e dos tratamentos pode haver um elemento psíquico, cuja ação é por vezes verdadeiramente prodigiosa. Sem alma, seria a Medicina mais fácil e mais cômoda para o médico, que teria muito menos de pensar a raciocinar. Entretanto, não é pelos instrumentos e as reações que iremos ganhar sempre a partida, mas sim muitas vezes, unicamente pelo médico, pelas suas qualidades essencialmente humanas. E pode afirmar-se que os tratamentos “maravilhosos” terão direito de cidade, “enquanto a Medicina não conseguir, curar todos os doentes ou pelo menos trazer-lhes sempre alívio e esperança”.

## CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

*SUMÁRIO: Sofrimentos pelo misticismo: crucificações e outros sacrifícios. Uma descrição de La Condamine. Epidemias de religiosidade entre nós e no estrangeiro. Uma história horripilante. Mortos que vêm buscar os vivos. As bruxas e a sua existência comprovada por juizes e tribunais! Como se fazia o julgamento e a condenação à fogueira. A realidade do “sabbat” e dos lobisomens. Explicações científicas. As doenças diabólicas e os exorcismos. Superstições religiosas. O “Dibic” dos judeus. Milagres e sugestões. Progresso da religião e atraso social.*

**S**E O ELEMENTO PSÍQUICO pode influenciar tão poderosamente a parte orgânica, como foi mostrado nos capítulos anteriores, torna-se compreensível que a simples sugestão tenha criado quadros impressionantes, dentro dos quais o sofrimento humano chegou a atingir proporções inacreditáveis. Queremos recordar a época das crucificações, as epidemias de religiosidade, os sacrifícios feitos pelos ascetas e inúmeras outras manifestações equivalentes, que superabundam na história da humanidade. A sugestão é, aliás, tão poderosa que se pode sobrepor a todos os sofrimentos, até transformando-os em fonte de êxtase e delícias.

No final do reinado de Luiz XIII, ocorreu a sangrenta tragédia dos “possessos” de Loudun, terminada pelo suplício de Urbain Grandier, que foi queimado vivo. Tempos depois, por

ordem legal, foi fechado e murado o famoso cemitério de Saint-Médard, onde se realizavam cenas desordenadas sobre o túmulo do diácono Francois de Paris, considerado mártir do Jansenismo, doutrina fatalista condenada pelo Papa. O diácono morreu aos 37 anos de idade e foi enterrado no cemitério referido, onde devotos da seita passaram a fazer orações. Nessas condições, começaram a surgir curas maravilhosas atribuídas à santidade do diácono, estabelecendo-se intensa romaria de doentes e fanáticos vindos de toda parte e tão numerosa que enchia a necrópole e as ruas circunvizinhas. Era uma enorme multidão de mulheres, raparigas e doentes dos dois sexos, de todas as idades, que forneciam um espetáculo impressionante. As curas, em geral eram precedidas de convulsões e outras manifestações nervosas, que contagiavam grande número das pessoas presentes. “Memórias daquela época contam que se viam homens debatendo-se pelo chão, presos de crises de aspeto epilético, enquanto outros engoliam pedaços de pedra, de vidro e mesmo carvão em brasa. Mulheres procuravam andar de cabeça para baixo, enquanto outras, deitadas no chão, de barriga para cima, suplicavam aos espectadores que lhes pisassem no ventre e lhes aplicassem pancadas, sob pretexto de assim obterem socorros ou auxílios, segundo a expressão então usada. Era uma orgia perpétua de contorções, gritos e desordens de toda espécie, com pantominas que, freqüentemente, representavam cenas da Paixão. Foi aí que nasceu a loucura ou, antes a moda da crucificação”. Morand descreveu-nos os chamados socorros ou auxílios, que consistiam em pancadas violentas e repetidas, dadas com martelos, correntes de ferro e pedaços brutos e pesados de pau e que eram aplicadas às convulsionárias. Num desses socorros, punham-se as convulsionárias em arco, os pés e a cabeça apoiados sobre o solo e a região renal sobre a extremidade fina, em ponta aguda, de um pedaço de pau da grossura de um braço. Nessa posição, deixava-se cair-lhes sobre o ventre uma pedra pesando 25 quilos e que, por meio de uma polia, tinha sido levantada a grande altura. Os socorros eram aplicados durante a noite, por homens escolhidos pelas próprias convulsionárias, que ficavam nuas e os faziam pisar sobre elas, abraçando-os e apertando-os depois contra o corpo. É fácil imaginar as cenas eróticas e despuadoras que deviam ocorrer com essas mulheres nuas, que esperavam pelas convulsões no colo dos seus auxiliares. Diante dessas manifestações históricas coletivas, que

se repetiam sem cessar, tornou-se necessário fechar e murar o cemitério, o que aconteceu por ordem legal, em 1732. Apesar disso, muita gente persistiu na convicção de que as curas operadas no túmulo do diácono eram verdadeiramente milagrosas. Carré do Montgeron, conselheiro no Parlamento de Paris e historiador, publicou dois grandes volumes sobre a questão, procurando demonstrar a veracidade de tais milagres. Mas, como diz Morand, o seu zelo jansenista voltou-se contra ele próprio, pois, convicto e sincero em sua obra, foi apresentá-la a Luiz XV, que o mandou prender na Bastilha, acabando por morrer no exílio.

As convulsionárias, porém, expulsas da via pública, refugiaram-se na cidade, dando verdadeiros espetáculos privados, cuja freqüência era muito disputada. O interesse maior era pela “crucificação”, da qual La Condamine, o célebre geógrafo, nos dá uma descrição magnífica, baseada no que ele viu assistindo à de irmã Francisca, a deã das crucificadas. “Sim, os meus olhos viram o que eu desejava ver. Irmã Francisca, de 55 anos de idade, foi pregada, em minha presença, com quatro pregos quadrados, em uma cruz, sobre a qual permaneceu por mais de três horas. Ela sofreu muito, sobretudo na mão direita. Eu a vi tremer e ranger os dentes de dor quando lhe arrancaram os pregos. Irmã Maria, sua noviça, de 22 anos de idade, teve muita dificuldade para se resolver ao sacrifício. Ela chorava e dizia ingenuamente que tinha medo. No final, resolveu-se, mas não pôde resistir ao quarto prego, que não foi completamente batido. Nesse estado, ela leu, em voz alta, a Paixão, mas as forças lhe faltaram e quase desmaiou. Pediu, então que a retirassem rapidamente da cruz, sobre a qual havia ficado fixada durante vinte minutos. Tinha sido presa de eólicas e, por isso, foi levada para fora da sala. Quando voltou, um quarto de hora depois, umedeceram-lhe os pés e as mãos com a água milagrosa de São Paris, o que lhe foi mais agradável do que as pancadas de martelo”. La Condamine faz essa comunicação em carta dirigida ao seu amigo, o barrão de Grimm, prometendo fornecer-lhe o processo verbal da observação, do qual “não daria cópia a ninguém, nem mesmo à sua própria mulher”. Mais tarde, esse processo foi publicado na “Correspondência” de Grimm e reproduzido em diversas outras publicações. É uma descrição impressionante, que La Condamine escreveu durante o próprio ato de crucifícamento, ao qual assistiu. Os pormenores

são expostos com grande precisão, desde as pancadas que a Irmã Francisca recebeu antes de ser fixada na cruz, até a introdução dos pregos nas mãos e nos pés, assim como a retirada deles, no final. Morand, comentando essa descrição, diz: “Tal é a descrição horrível dessa cena bárbara, que se teria tendência para pôr em dúvida, caso não tivesse sido relatada por uma testemunha, da qual não se pode duvidar nem quanto à boa fé, nem quanto ao espírito crítico. Estava-se então em pleno século dezoito, no momento em que reinava Voltaire, quando os enciclopedistas e os filósofos brilhavam com todo o fulgor, mas apesar disso, ocorriam essas cenas horríveis, com conhecimento e à vista de todos”. E pergunta: “Temos o direito de ser severos em relação a essa maneira de agir, nós que corremos atrás de sonâmbulos, cartomantes, mesas espíritas e fornecemos clientes ao zuavo Jacó?”

Na França, a revolução do édito de Nantes, que dera certas liberdades aos protestantes, foi acompanhada de grande exaltação, que desencadeou uma série de fenômenos singulares. Quando os protestantes se reuniam à noite, no campo, para cantar salmos, era comum um deles cair subitamente de costas e, com o corpo a tremer, pôr-se a pregar e fazer vaticínios. Outros seguiam o exemplo e, em breve, estava-se diante de uma orgia de tremores, vociferações, profecias. O marechal de Villars, incumbido de pacificar as Cevennes, em revolta armada devido à revocação daquele édito, diz, referindo-se à questão: “Vi coisas, nas quais não teria acreditado, caso não tivesse passado sob os meus próprios olhos: uma cidade inteira, na qual todas as mulheres e todas as moças, sem exceção, pareciam possuídas do diabo, tendo tremores e fazendo profecias pelas ruas”. Esses possessos acreditavam que, pelo espírito, podiam perceber à distância os seus perseguidores, lendo-lhes os pensamentos e desmascarando os traidores. O profeta mais célebre dentre eles foi uma moça de 16 para 17 anos, que recebeu o nome de “pastora de Clet” e que se tornou objeto de romaria, mesmo para gente vinda de muito longe. Em vez de apresentar convulsões, parecia antes adormecida. “Nesse estado, era de absoluta insensibilidade, nenhuma excitação, nenhuma dor, nenhuma tortura sendo capaz de fazê-la estremecer. Falava em francês muito correto e exprimia-se também em latim, proferindo, segundo se dizia, orações admiráveis. Quando saía do estado

sonambúlico, não se lembrava de nada do que havia dito ou feito, afirmando que havia dormido”.

Para mostrar o poder de uma sugestão coletiva, queremos apresentar outro exemplo, muito ilustrativo. No Império da Rússia existia uma seita, a dos Rascolnicas, cujos membros, afastados do mundo, viviam em contínuo estado de exaltação religiosa, entretido por jejuns e orações permanentes. Por ocasião de um recenseamento da população russa, foram considerados afastados da doutrina de Cristo, tendo-se falado na necessidade de serem a ela reconduzidos. Boatos, interpretações por parte dos sectários, a excitação geral daí decorrente e o medo do que poderia acontecer, levaram-nos à convicção de que só poderiam ser salvos caso se enterrassem vivos ou prosseguissem em jejum até a morte. Um indivíduo chamado Kowaleff, de inteligência pouco desenvolvida, tornou-se, sob influência de uma freira, o executor de uma inumação em massa. No pátio de uma casa, sepultou vivas 25 pessoas, entre as quais sua mãe, uma filha e a própria mulher. Aliás, o suicídio religioso operado coletivamente não tem sido raro na história da humanidade, sobretudo em regiões incultas, onde dificuldades de vida e sofrimentos morais podem conduzir a toda sorte de desesperos e fanatismos. Foi o que aconteceu por muitas vezes na Rússia dos Czares, onde havia seitas de cujo ritual fazia parte a castração completa, assim como outras em que a morte violenta ou pela fome e a sede constituía processo de salvamento e expiação de pecados. Na maioria dos casos, acontecimentos desse gênero operam-se pela intervenção de fanáticos, não raro considerados santos ou iluminados, como tem acontecido também entre nós.

A hecatombe de Pedra Bonita, na comarca de Flores, na parte central de Pernambuco é um exemplo característico, magistralmente descrito por Nina Rodrigues e mais tarde aproveitado por José Lins do Rego num romance cheio de psicologia e verdade histórica. Tratava-se de desencantar a terra e descobrir tesouros fabulosos, havendo necessidade para isso de sangue, muito sangue para regar os campos em derredor. A matança prolongou-se por dias seguidos, sendo sacrificados trinta crianças, doze homens, onze mulheres das quais uma em tão adiantado estado de gravidez que deu à luz no momento da execução. A maioria dos adultos ofereceu-se voluntariamente,

sendo-lhes a cabeça decepada com facão. Os cadáveres ficaram insepultos e o cheiro de putrefação foi de tal ordem que obrigou os fanáticos a se mudarem do lugar. Quando chegou a polícia, avisada por alguns que haviam escapado à carnificina, houve resistência e combate encarniçado, travados ao som de ladainhas e outros cantos religiosos, perecendo 22 pessoas, entre as quais o novo rei e os chefes mais influentes, substitutos daqueles que, nas vésperas, haviam sido imolados. Aliás, crueldades idênticas, cometidas em nome da fé e da religião não têm sido raras.

Um dos casos mais espantosos que se pode imaginar ocorreu em Wildensbuch, na Suíça, em 1823, sendo os pormenores dados por Stoll. A heroína principal dessa extraordinária tragédia foi uma camponesa de 29 anos que, desde muito cedo, se entregou à leitura da Bíblia, interessando-se sobretudo pelos sofrimentos de Cristo, que a impressionaram vivamente. Estava-se, então em época de grande efervescência religiosa, tendo ela, Margareth Peter, desde criança, tido visões celestiais e lutado contra o diabo dentro do seu próprio corpo. Por isso, acabou recebendo do povo o nome de Santa Greth. Apesar disso, arranjou um amante, também cheio de misticismo e religiosidade, de quem, ocultamente, teve um filho. Um dia, anunciou ao amante que lhe aparecera um anjo dizendo que Deus os iria levar, os dois, vivos para o céu, tal como fizera com Enoch e Elias. Quando chegou o dia dessa viagem, numa quinta-feira, ordenou ao amante que se vestisse com a roupa de domingo, tal como fizera ela própria. E os dois passaram o dia esperando pela ascensão que deviam fazer ao céu. Desde então, a profetisa e a sua habitação, na aldeia, transformaram-se em objeto de peregrinação. Na mesma casa, vivia uma empregada sujeita a acessos histéricos de grande violência, que Margareth atribuiu à influência do diabo, que queria roubar aquela alma, sob a sua proteção. Desde aí, começou a lutar com satanás, procurando expulsá-lo do corpo que ele procurava dominar. Num dos momentos de luta, viu o diabo de pé diante do trono de Deus, tendo um livro na mão, no qual estavam assinalados os pecados de todas as pessoas. O diabo reclamava a alma da empregada, quando o seu livro de registro foi despedaçado. Um cunhado de Margareth, que estava presente, teve a mesma visão, percebendo até riscos vermelhos, do sangue de

Cristo, sobre o registro. Margareth tornou-se sujeita a crises extáticas cada vez mais frequentes, até que, por fim, deixou de receber visitas, passando a viver no quarto, entregue às suas visões. Dessa maneira, a idéia de que estava para acontecer qualquer coisa de extraordinário foi dominando cada vez mais o seu cérebro, de maneira que acabou por acreditar que, para a salvação das almas perdidas, era necessário derramar sangue e que Cristo devia sofrer e morrer no seu corpo e também nele ressuscitar. Os seus pensamentos, as suas profecias, as suas lutas passaram a se mover em torno da Paixão de Cristo. Pouco depois, Margareth reuniu a família em torno de si e comunicou que, naquela noite, havia tido uma revelação, pela qual todos os membros da família, juntamente com ela, precisavam lutar contra Satanás, a fim de que Cristo não fosse vencido. Diante disso, iniciou-se a luta, que durou dois dias, tendo sido empregado tudo que pudesse servir para dar pancada. “Ela própria, de pé sobre a cama, excitava com gritos as pessoas presentes para que quebrassem e destruíssem tudo, a fim de vencer o espírito do mal”. A fúria foi tremenda e, em pouco tempo, a destruição era total, tendo desabado até uma parte da casa. Todos pareciam malucos e Margareth gritava: “Dêem pancada, é um bandido, um assassino de almas, defendam-se com sangue, batam em nome de Deus, dêem a vida por Cristo”. De vez em quando, saltava da cama para animar os que estavam cansados ou paravam de bater, bradando que era preciso continuar, senão o demônio venceria. “Olha! lá está ele, o matador das almas!” E logo todos se precipitavam na direção indicada para expulsar Satanás, que ela via em pessoa. A cena foi infernal e durou quase 12 horas, seguidamente. Quando todos pareciam exaustos, no limite das forças, Margareth gritou: Cristo venceu! O barulho cessou e ela ordenou que todos se ajoelhassem para agradecer a Deus o seu auxílio. Mas, pouco depois, Margareth começou a bater em sua irmã Elizabeth, para expulsar os espíritos maus que se encontravam no seu corpo. E, aos outros, ordenou que batessem com os punhos na própria cabeça e no peito. Quanto viu que o pai não executava a ordem com suficiente energia, passou a lhe dar pancadas, para expelir o velho Adão do seu corpo. Na rua, diante da casa, ajuntou-se grande massa popular atraída pelo barulho e, por fim, as autoridades foram obrigadas a arrombar a porta para verificar o que se passava, prendendo as pessoas presentes, que pouco depois

foram postas em liberdade. A exaltação tinha atingido, porém, tal grau que já não era mais possível resolver a situação por meio de ordem e persuasões. Para impedir a continuação do tumulto, as autoridades resolveram enviar os participantes para as suas próprias casas e tratar do internamento das duas irmãs num hospício. Mas, antes que isso acontecesse, ocorreu algo de mais trágico. A exaltação de Margareth havia aumentado, depois daquelas cenas e da intervenção da polícia. Ela continuou a ter visões e a fazer profecias. Na manhã seguinte, disse aos parentes: para Cristo vencer e Satanás ser completamente dominado é preciso que corra sangue. E contou que tivera uma revelação de que iriam acontecer grandes coisas naquele dia e que ela era responsável pela alma de seu pai, do seu irmão Gaspar e por inúmeras outras. Havia chegado o momento de ninguém dever recusar sua alma a Cristo. Mandou chamar todos os irmãos e cunhados, de forma que, no final, havia 12 pessoas no interior do quarto, daquele mesmo quarto em que se passaram as cenas do dia anterior. Quando se encontravam todos reunidos em torno dela, Margareth repetiu que tinha chegado a hora decisiva e que era preciso derramar sangue para salvar milhares de almas, declarando que estava pronta para sacrificar a sua própria vida. Dizendo isso, ordenou que todos batessem no peito e na cabeça, a fim de, por essa penitência, perder o demônio a força que possuía sobre ela. Nessas condições, iniciou ela própria o cumprimento da ordem. Depois, violentamente, puxou o irmão para a cama em que estava assentada com a sua irmã Elizabeth e, com uma tranca de ferro, começou a dar-lhe pancadas violentas sobre a cabeça e o peito, que lhe fizeram perder sangue em abundância e ter um desmaio. Enquanto o golpeava, gritava, apontando para a cabeça de Garpar: “Vejam como o diabo quer pôr para fora os cornos, olhem como eles estão saindo pelo peito”. A empregada retirou Garpar do quarto, mas a cena de loucura prosseguiu, tendo ela aberto a cabeça de outras pessoas. E dizia que tudo era pouco, que era preciso mais sangue, a fim de salvar as almas que lhe estavam confiadas. Ela própria tinha de morrer por Cristo e perguntou se os presentes também estavam resolvidos a morrer para salvar grande número de almas. Todos responderam afirmativamente, sobretudo sua irmã Elizabeth e uma-amiga Úrsula, que pareciam as mais desvariadas. Margareth determinou, então, que a irmã sofresse o sacrifício da morte. Depois de a

própria Elizabeth se ter aplicado pancada na cabeça, deitou-se atravessada na cama, ordenando que a matassem imediatamente. Margareth, com um martelo de ferro, deu-lhe uma pancada na cabeça e mandou que Úrsula acabasse de matá-la. Diante da recusa desta, asseverou que iria ressuscitar a irmã, assim como a si própria, no terceiro dia. Por isso, deviam obedecê-la: era o que o Pai Celeste exigia, sendo preciso fazê-lo, porque, do contrário, Satanás venceria Cristo. Diante dessa poderosa sugestão, Úrsula apanhou um objeto de ferro e desferiu golpes em Elizabeth até vê-la morta. Nos últimos momentos de vida, como foi declarado no tribunal por testemunhas que assistiram à cena, ela exclamara que dava a sua vida por Cristo, enquanto Margareth a animava nesse propósito. Dessa maneira, sem dar um grito de dor, Elizabeth deixou que lhe despedaçassem a cabeça. Foi essa a primeira vítima. Margareth, que estava sentada ao lado do cadáver da irmã, deu pancadas na própria cabeça até sangrar e ordenou que Úrsula lhe produzisse mais ferimentos, pois “Cristo lhe tinha confiado milhares de almas e era necessário que corresse sangue e que ela morresse, sacrificando-se”. E quando a amiga hesitava, gritava-lhe: “Bate, e que Deus dê força ao teu braço!” Quando o sangue corria em abundância, Margareth pediu uma tijela para apará-lo, exclamando: “Este sangue está sendo derramado para salvar muitas almas!” Depois, mandou que Úrsula, com uma faca, lhe desse um golpe em torno do pescoço e lhe fizesse, na testa, um corte em forma de cruz. Sem dar sinal de qualquer dor, encorajava a amiga com as palavras: “Deus dê força ao teu braço! Agora, as almas vão ser libertadas e Satanás vencido!” Em seguida, declarou que queria ser crucificada e foi ainda Úrsula quase sozinha, que teve de executar essa horrorosa missão. Margareth mandou que trouxessem pregos e que colocassem pedaços de madeira sobre a cama, deitando-se depois, ao comprido, sobre eles. Para animar Úrsula, que parecia não ter coragem suficiente, pedia a Deus que desse força ao seu braço, prometendo ressuscitar a irmã morta e a si própria, dentro de três dias. Auxiliada por outras pessoas, Úrsula, por meio de pregos, atravessou-lhe os pés e as mãos, os cotovelos e os seios, fixando-a sobre as traves de madeira. Durante a crucificação, Margareth repetia, sem parar: “Que Deus dê força ao teu braço! Não estou sentindo dor alguma! Sinto-me tão bem! Tem coragem, para que Cristo saia vencedor!” E, apesar dos seus múltiplos e graves

ferimentos, não dava qualquer sinal de sofrimento. Depois de crucificada, ordenou que lhe transpassassem o coração com um prego ou lhe abrissem a cabeça. Úrsula tentou meter-lhe uma faca no crânio, mas, como esta se encurvou, não pôde cumprir a ordem. Margareth mandou, então, que lhe arrebatassem a cabeça, o que foi feito por meio de uma barra de ferro manobrada por um dos presentes, auxiliado por Úrsula. Ouviram-se estertores e, momentos depois, estava morta. Quando terminou a cena, por volta de meio dia, voltaram os outros parentes para o quarto e, diante dos cadáveres mutilados, acalmaram-se, sabendo que tudo havia sido executado por ordem de Margareth. Depois, ficaram esperando pela ressurreição das duas irmãs, como havia sido profetizado. Para libertar Margareth da cruz, Úrsula, acompanhada de um empregado, subiu à noite ao quarto onde estavam os cadáveres e, à luz de uma vela, arrancou os pregos, colocando uma irmã ao lado da outra. Mas, como a ressurreição não se operasse, tornou-se impossível guardar, por mais tempo, segredo sobre a morte das duas moças e, por essa razão, o caso acabou nas mãos das autoridades.

A história é horripilante, mas casos dessa natureza têm existido por todo o mundo e, ainda recentemente entre nós, repetindo o que já tem sido relatado muitas vezes, apareceram nos jornais notícias de um espancamento executado numa sessão de macumba para fazer sair do corpo de um pobre homem o espírito mau que dele se havia apossado. O tratamento consistiu em aplicar-lhe pancadas para afugentar o espírito do tihoso, o que foi feito com tanto entusiasmo, que deixaram morto o infeliz crente. Depois, esperaram também pela ressurreição que, não sobrevindo, levou o caso à polícia. Há poucos dias, li também, no noticiário dos jornais, a morte de um moço que cometeu suicídio porque, numa sessão de baixo espiritismo, entrou em contato com o avô morto, que veio chamá-lo para junto de si! Mas, casos dessa natureza, decorrentes das práticas do baixo espiritismo, estão ocorrendo por toda a parte. Em 1930, na aldeia de Teide, em Las Palmas, houve um, que teve grande repercussão. Tratava-se de um casal com 4 filhos, dos quais morreu o mais velho, o único homem, de 22 anos. A família entregou-se a práticas espíritas, acreditando ter entrado em contato com o defundo por meio de uma sua irmã, de 14 anos, que anunciou dever ser sacrificada uma delas, a fim de encontrar-se com o irmão, no outro mundo. Os cinco membros

da família tiraram a sorte para ver qual das três irmãs devia ser sacrificada. A sorte designou Candelária, que tinha 16 anos de idade. A vítima foi amarrada nua sobre a cama e os pais e as irmãs revezaram-se, flagelando-a sem cessar. O martírio, que a moça suportou com a maior resignação, durou das 10 horas da noite às 2 da manhã, quando ela expirou. O médico da família, que descobriu o crime, diz que aqueles pobres de espírito, depois de presos, deram provas de uma inconsciência revoltante. Por isso, um comentarista do fato mostra quanto é necessário pôr a claro a questão dos fenômenos paranormais. “A ciência é como um poderoso desinfetante, especialmente nesse domínio. Ela purifica e torna relativamente inofensivos os fatos que, envoltos em mistério, provocarão ações horrorosas. É sempre a aparência do sobrenatural que cria as mais loucas superstições e favorece a explosão das mais atrozes paixões”.

Nesse particular, merece menção especial o problema das bruxas, que representou papel de grande importância na história da humanidade, sobretudo durante a Idade Média. A questão é impressionante, sobretudo nos dias de hoje, quando as bruxas desapareceram, depois de ter ficado provado que nunca puderam ter existido! Apesar disso, foram queimadas vivas mais de um milhão, depois de ter sido demonstrado, quase experimentalmente, que tinham pacto com o diabo! E foram julgadas e condenadas por tribunais de homens dignos e cheios de responsabilidade, depois de provas que pareciam seguras e infalíveis! Quando alguém era acusado de magia ou feitiçaria, punham nu o degraçado, raspavam-lhe os cabelos do corpo, sendo depois examinado por peritos juramentados, em geral cirurgiões, barbeiros ou pessoas anteriormente acusadas de bruxaria, mas absolvidas pela Inquisição. O conselheiro parlamentar Pierre de Lancre, de Bordéus, mandou acender mais de 500 fogueiras para queimar tais condenados. Parece que a habilidade para encontrar estigmas de satanismo se desenvolveu enormemente, sendo a principal averiguação feita por meio de picadas de alfinete em diversas regiões do corpo, tanto na pele como nas mucosas. O perito começava por tocar o acusado, que tinha os olhos vendados, com a ponta de um alfinete, cuja picada não devia ser sentida nem produzir sangue. Era essa a grande prova, por meio da qual se descobriam marcas feitas pelo diabo e escondidas até no nariz, na boca, nas pálpebras, nos dedos, nas unhas, no ânus, na vagina, etc. É fácil imaginar

os abusos cometidos, não raro por motivos políticos ou religiosos, outras vezes por interesses ou vinganças pessoais. Existem muitas informações dessa natureza, capazes de, ainda hoje, nos encherem de revolta e indignação. Em casos especiais, os acusados eram exorcismados e, então, desapareciam os estigmas diabólicos. Outra prova muito empregada, sobretudo para o reconhecimento de bruxas, consistia em amarrar a pessoa incriminada com uma corda, atirando-a depois dentro d'água, num rio ou num lago. Se sobrenadava, era sinal de que tinha pacto com o diabo, enquanto, afundando, demonstrava ser inocente. Segundo documentos históricos, a prova possuía valor decisivo, pois baseava-se na admissão de que o pacto com Satanás preservava dos perigos do fogo e da água!

“Se inumeráveis testemunhas e afirmações obstinadamente repetidas e que podiam custar a própria vida bastassem para provar a existência de um fato, nada estaria mais incontestavelmente demonstrado do que a existência do “sabbat”. Na realidade: é incalculável o número de pessoas que confessaram ter ido pelos ares a essa reunião diabólica, montadas em vassouras, tendo tido relações sexuais com os demônios”. A sugestão e o contágio mental deviam representar aí papel capital, “pois os testemunhos recolhidos em diversos processos de bruxaria são concordantes antes, as descrições de Satanás idênticas, a maneira de ir ao “sabbat” a mesma, por toda a parte. Raramente, tinha-se necessidade de recorrer a torturas para obter a confissão dos pretensos crimes. Os declarados culpados descreviam com complacência as cenas do “sabbat”. O diabo esperava-os sob formas variadas; sapo, gato, cão preto, bode, etc., oferecendo a seus fiéis refeições geralmente compostas de restos de cadáveres e outras distrações, pouco numerosas. Afora dansas e relações sexuais com demônios feios e velhas feiticeiras, consistiam as ocupações mais freqüentes em açoitarem vigorosamente grandes sapos, a fim de obrigá-los a secretar um humor esverdeado e pegajoso, que servia para fabricar unguentos e pós mágicos. Nenhum interesse pessoal parece ter influenciado a alma desses alucinados. O diabo dava-lhes realmente muito pouco em troca da salvação eterna. E sabiam ainda que, entregando-se à bruxaria, estavam condenados a suplícios terríveis. A bruxaria persistiu durante séculos e, por todo esse longo período, não se levantou no espírito dos magistrados nenhuma dúvida quanto à realidade das cerimônias diabólicas que lhes

eram contadas. Nenhum deles jamais indagou porque motivo tantas pessoas eram arrastadas a vender a sua alma ao diabo em troca de prazeres tão medíocres quanto aquele de ir comer cadáveres durante a noite, em lugar solitário! Mas, como poderia haver dúvida, se os próprios culpados confessavam o seu crime?" Por outro lado, as bruxas eram de regra tão feias e horrorosas, que os próprios inquisidores se admiravam de o diabo poder tê-las como mulher.

Para se ter uma idéia do que foi a questão das bruxas durante a Idade Média, basta dizer que, por volta do ano de 1600, existiam, somente na França, 300 mil bruxas, sendo que, num só distrito, durante apenas um ano, foram queimadas mais de mil. E parece que a credência e a superstição eram gerais, não poupando nem as classes mais cultas, mesmo de sábios e intelectuais. Em 1597, apareceu a "Angelografia" de Carman, "na qual os anjos e os demônios eram definidos, classificados, denominados, por assim dizer, catalogados". Lutero e seu amigo, o sábio teólogo Melanchton, acreditaram no diabo e nos maus espíritos, sentindo-se até por eles perseguidos. A linguagem que Lutero empregou contra eles desceu à mais baixa escatologia, tendo chegado ele, certa vez, a atirar um tinteiro contra o tinoso. Muito célebre é o caso da religiosa Jeanne des Anges, superiora das Ursulinas em Loudun, na França, que afirmava ter sete diabos no corpo em consequência de uma bruxaria feita pelo padre Grandier, que, submetido a julgamento, foi queimado vivo, em 24 de agosto de 1634. A religiosa, exorcismada pelos jesuítas, foi venerada depois como santa, mesmo por Luiz XIII e Richelieu, o seu primeiro ministro, todo poderoso. Não foi senão a partir dessa época, já no início da Renascença, que se começou a duvidar da realidade dessas manifestações, procurando-se explicá-las de maneira natural, científica.

Hoje, sabemos que os fenômenos em questão podem ser explicados, em grande parte, pela histeria, que cria placas de anestesia, assim como pode impedir que sangrem picadas e outros ferimentos. Quanto ao fato de o corpo sobrenadar n'água, pode ser devido à magreza das bruxas e ao meteorismo do seu ventre, sintoma muito comum em histéricos e nervosos, principalmente quando sob a ação de intensas emoções. Se a parte física dos fenômenos deixa-se interpretar como manifestações

de histeria, há ainda uma parte psíquica especial, que merece igualmente menção. Trata-se da participação de fatores sugestivos e hipnóticos, criados ou exaltados pelo emprego de substâncias soporíferas. A pomada empregada pelas feiticeiras foi objeto de muitos estudos, sobretudo em relação aos seus efeitos e à sua composição. A preparação era feita com gordura de criança, se possível ainda não batisada, cozinhada em caldeira de cobre, à qual se a juntavam diversas plantas narcóticas, como cicuta, mandrágora, acônito, etc. Em outras fórmulas, usavam-se sangue de morcego e azeite, combinados a plantas de idêntica natureza. O principal, em tudo isso, é que as bruxas, depois de se porem nuas, esfregavam-se energicamente com a pomada em questão, até perderem os sentidos. Nesse estado, sentiam-se transportadas ao “sabbat”, em geral cavalgando vassouras. É a imagem clássica que guardamos delas até os dias de hoje, através de gravuras e desenhos vindos do passado. A reunião realizava-se à meia noite dos sábados, sendo presidida pelo diabo em pessoa. Interessante é que muitas bruxas descreviam minuciosamente a grande orgia, na qual tomavam parte ativamente. Em muitos documentos fidedignos, há informações do que relataram aos seus algozes, convictas de que tudo aquilo havia sido real, de que tinham participado da bacanal, indo pelos ares, ao clarão da lua, para gozar prazeres verdadeiramente infernais. No dia do festim, quase não se alimentavam, o que devia exaltar o efeito do narcótico e da própria imaginação em relação à grande noite, que devia estar sendo vivida de antemão. Jean Bodin refere o caso de uma mulher acusada de bruxaria e que foi levada ao juiz para julgamento. Ela confirmou a denúncia e disse que, se lhe permitissem, iria, ainda naquela noite, ao “sabbat”, caso pudesse voltar para casa e esfregar-se com a pomada misteriosa. O juiz concedeu permissão, tendo regressado ela para casa. Depois de esfregar-se aí com uma pomada de cheiro repugnante, deitou-se e adormeceu. Amarraram-na, então, na cama, deram-lhe pancadas e picadas, aplicaram-lhe queimaduras sem que o seu sono fosse de qualquer modo perturbado. No dia seguinte, depois de ter sido acordada, o que não foi fácil conseguir-se, afirmou que estivera no “sabbat”, contando toda sorte de fantasmagorias.

Tudo isso nos mostra que as visões e alucinações criadas pelas feiticeiras deviam provir de desejos recalçados, que encontravam expansão sob ação de narcóticos, usados como pomada

para fricções ou beberagens estupefacientes. É de admirar que elas, feias, velhas, horrorosas, lançassem mão de tais recursos para penetrar, hipnotizadas, no paraíso, mesmo quando supostamente conduzidas pelo diabo? Não se estava, então, na época do demônio, que dominava as instituições e tinha papel importante nas atribuições religiosas, entrando no ritual eclesiástico? Vivia-se em pleno período demoníaco, à volta com possessos, quando ainda Satã era capaz de tomar posse do corpo humano e os anjos do céu lutavam com os do inferno. Se, na Bíblia, não figura qualquer doutrina bem estabelecida sobre possessos, ocuparam eles, mais tarde, grande lugar nas preocupações da Igreja. Satanás e os espíritos maus andavam à espreita, podendo macular ou roubar a alma do pecador. Os exorcismos estavam na ordem do dia e os demônios podiam ser expelidos pela prece, pela aplicação de objetos santificados, crucifixos, rosários, esca-pulários, relíquias, etc. A regra era de o possesso reagir com convulsões, choro, riso, latidos, palavras sujas ou ultrajantes à aplicação do objeto sacramentado. Naquela época, era muito comum falar o possesso com voz diferente da sua, de acordo com o espírito que tomava posse do seu corpo, como pode ser verificado em diversos protocolos, alguns deles escritos por médicos. Aliás, ainda hoje, na clínica, não é muito raro encontrarem-se pessoas religiosas atacadas da obsessão de dizer ofensas e sujices aos santos e a Deus, embora em vez de julgadas possuídas do diabo ou de espíritos maus, sejam submetidas a exame médico e à análise psicológica, a fim de ser descoberta a razão do seu mal e empregado o necessário tratamento. O diabo tem saído da moda e perdido muito terreno, pois os próprios alienados, em suas visões e alucinações, já ouvem o rádio e ruídos de aeroplano, sentem influencias elétricas e magnéticas, em vez de intervenções de espíritos maus e do Satanás. Constitui isso profundo ensinamento para as próprias religiões, que precisam acompanhar a evolução do mundo, seguindo o progresso da humanidade.

Em muitas das situações estudadas no presente capítulo, deve o sonambulismo, conhecido desde a mais alta antigüidade, representar papel de importância fundamental. Já Aristóteles relatara que certas pessoas, dormindo, se levantavam, passeavam e agiam como se estivessem acordadas. Os orientais também o conheceram sendo Galeno o primeiro que dele forneceu uma observação detalhada. Atribuíam-se à lua as manifestações em

questão, sendo os “lunáticos” conhecidos desde os mais velhos tempos. As bruxas da Idade Média que iam ao “sabbat” e se encontravam com o demônio, embora não saindo da sua própria casa, achavam-se naturalmente em estado de sonambulismo, por vezes verdadeiramente narcotizadas. Jean de Wier, um dos primeiros a dar-se conta desse fato, já afirmara que se tratava antes de doentes do que mesmo de pessoas culpadas ou criminosas. Mas essa opinião, que para a época em que foi emitida representa ato de grande coragem, não teve repercussão nem foi aceita. Devemos lembrar que, mesmo dentro dos nossos dias, existem pessoas que acreditam na possessão pelo diabo, que também é aceita pelas religiões mais adiantadas, como o judaísmo e o cristianismo. Nas classes menos cultas, parece isso até muito freqüente, bastando citar o caso ocorrido por volta de 1890, em Tipperary, condado da Irlanda, “onde camponeses queimaram uma bruxa, que não passava de uma pobre sonâmbula que, saindo à noite do leito conjugal, ia vagar pelos campos à procura das suas irmãs sobrenaturais”.

Pelos exemplos apresentados, vimos que muitas das coisas mais inverossímeis e absurdas da história humana parecem das mais bem demonstradas, a julgar pelos documentos em que estão baseadas. Isso, que aconteceu em relação às bruxas, cuja existência foi demonstrada por provas verdadeiramente experimentais, repete-se em relação à transformação do homem em animal, sobretudo em lobo e cão, segundo a velha crença do lobisomem, encontrada em todos os países, através de todos os tempos. Ainda em 1578, num Departamento francês, o Parlamento concedia autorização aos camponeses para caçar lobisomens. Naquela época, houve condenações à morte sob alegação de que o culpado, transformado em lobisomem, atacava e matava pessoas, sobretudo crianças, não raro diversas ao mesmo tempo. E, por vezes, aconteceu de o próprio culpado confessar o seu crime, cometido quando havia ele se transformado em animal, apesar de consistir a punição em ser queimado vivo, na fogueira. Em 1598, foi julgado pelo tribunal de Angers um caso desse gênero, muito interessante. Numa zona perdida desse Departamento, foi encontrada uma criança morta, cujo cadáver, em parte, já havia sido devorado. Por ocasião dessa descoberta, foram vistos dois lobos, que fugiram. Pouco adiante, encontram um homem em estado selvagem, tendo as mãos sujas de sangue e unhas compridas, como garras. Na

prisão, declarou que, por meio de uma pomada recebida do seu pai transformara-se, assim como os seus companheiros, em lobisomem. Acrescentou que havia atacado a criança, matando-a por sufocação e que os dois lobos que haviam fugido eram seus parentes. Ele reconheceu o cadáver da criança, indicou o lugar do crime e deu ainda outros pormenores. O criminoso foi condenado à morte, mas, depois, verificou-se que se tratava de um idiota, que foi metido num asilo de loucos. Em alguns casos, o indivíduo sofre a alucinação de se ter transformado em lobisomem e comporta-se segundo essa idéia fixa, saindo à noite, penetrando em cemitério, etc.

Wier relata a seguinte observação: “Em 1541, em Pádua, um homem que se acreditava transformado em lobo vagava pelos campos atacando e matando pessoas que encontrava. Depois de muitas dificuldades, conseguiram capturá-lo. E, confidencialmente, disse aos que o prenderam: eu sou um verdadeiro lobo e se a minha pele não parece de lobo é porque está virada pelo avesso, estando os pelos do lado de dentro. Para verificar o fato cortaram o desgraçado em diversos lugares do corpo e lhe arrancaram as pernas e os braços.” Casos de loucura em que o indivíduo se julga transformado em objetos de vidro, de madeira ou de outras substâncias são muito conhecidos, assim como aqueles de alguém se julgar morto, ou do sexo oposto, uma criança, um animal, uma planta, quando não Cristo, Napoleão ou qualquer grande da história.

No interior do nosso país, é freqüente admitir-se a transformação em lobisomem, que se acredita peculiar aos indivíduos magros, pálidos, de aspecto doentio, tais como os opilados. Lembro-me ainda de, no meu tempo de criança, serem esses os característicos dados aos pseudo-lobisomens, que nós por vezes conhecíamos de nome ou até pessoalmente. A crença era tão arraigada que acontecia de algum deles desaparecer ou mesmo morrer, vítima de sovas de pau aplicadas à noite, quando alguém o encontrava na estrada e procurava desencantá-lo por meio desse tratamento heróico, apregoado como infalível. A crença do lobisomem foi, aliás, muito geral, tendo avassalado o mundo inteiro. O professor Schneider, num livro sobre religiões dos negros africanos, exprime-se nos seguintes termos: “A crença no poder de se transformar em animal é muito comum entre esses povos. O “Werwolf” dos alemães, que é o

nosso lobisomem, corresponde ao homem-hiena, homem-leopardo, -chacal, -crocodilo ou -elefante. A crença no homem-hiena encontra-se espalhada no Congo, em Tanganica, no Alto-Nilo e no Sudão Oriental”. Muitas superstições perduram ainda hoje no espírito de muitos povos, bastando citar o mau olhado que, desde os tempos mais primitivos, era vencido ou evitado por meio de manobras idênticas. Também, desde a mais alta antigüidade, encontram-se referências sobre o emprego da sugestão e da hipnose, tanto no tratamento de doenças quanto para obter revelações dos deuses, todo poderosos. No Zend Avesta e na Bíblia há numerosas menções sobre exorcismos, aplicação das mãos, emprego do bafo, uso de amuletos, etc, vindo tudo isso desde os Caldeus, Babilônicos e antigos Egípcios até chegar à Grécia e outros países da Europa. No papiro de Ebers o mais velho documento do Egito, datando de 1552 anos antes de Cristo e descoberto sob as ruínas de Tebas, encontra-se a seguinte prescrição: “Para abrandar a dor dos braços ponha as mãos sobre a pessoa e diga que a dor vai desaparecer”. No antigo Egito havia templos, onde os doentes iam dormir para receber sonhos, que traziam revelações dos deuses. Depois, na Grécia e mais tarde no Império Romano, foi dada aos sonhos, importância capital nas profecias e revelações, tornando-se eles parte integrante dos sistemas filosóficos e religiosos então dominante. Foi, então, a época dos oráculos, mais tarde da cabala, até chegar aos gnósticos, aos teósofos, aos neoplatônicos, que procuraram pôr ordem naquela trama de mistérios e absurdos. Havia receitas para ser feliz, para se conseguir o amor, para transformar metais em ouro, tanto para se afastar espíritos maus e diabólicos, quanto para se obter a proteção dos bons e favoráveis.

Ao lado da possessão, acreditou-se que muitas doenças sobretudo mentais, pudessem ser produzidas por espíritos maus ou pelo próprio diabo, que tomavam conta do corpo do desgraçado. Os processos para expeli-los, muito numerosos, variavam segundo as épocas, comportando medidas mágicas, médicas e religiosas, indo da trepanação ao esconjuro. Em tempos mais antigos, não eram espíritos de mortos que tomavam posse do corpo dos vivos, mas sim, unicamente, espíritos infernais, como ressalta de numerosos processos de bruxaria, ocorridos sobretudo durante a Idade Média. Isso explica as manifestações que surgiram e que eram classificadas de demoníacas, uma vez que

se processavam pela intervenção de espíritos infernais: posto que “as pessoas se acreditavam sob a influência do demônio, é natural que se agitassem violentamente, dando gritos e tendo convulsões, como imaginavam que se deviam comportar os habitantes do inferno”. Em oposição, os espíritos dos mortos têm sido considerados antes como entidades pacíficas, animadas de bons sentimentos, razão pela qual é o transe dos médiuns espíritas geralmente calmo, embora possam também tornar-se eles agitados, soltando gritos e injúrias, caso se julguem possuídos por espíritos maus e violentos. Aliás, em possesores dos tempos passados, já haviam sido verificadas manifestações idênticas às observadas nos médiuns atuais, desde o domínio de idiomas etc. Já então, os possuídos do demônio e de espíritos infernais obedeciam servilmente ao comando dos exorcistas, gritando, saltando, urrando, segundo a ordem recebida. “E, aqui, não se podia falar de simulação porque, em geral, nesses casos, entrava em jogo a vida do indivíduo”. Mas tudo não passava de sugestão, como já havia sido demonstrado por alguns observadores. Um dos primeiros que reconheceu tal fato foi Pietro Pomponazzi, de Mântua, na Itália, que tentou explicar muitos dos fenômenos em questão, inclusive curas miraculosas, pela imaginação e a confiança dos próprios indivíduos. “As curas atribuídas a certas relíquias são efeito dessa imaginação e dessa confiança. Os médicos e os filósofos que pusessem, em lugar dos ossos de um santo, aqueles de qualquer outro esqueleto, não deixariam de obter os mesmos resultados que os alcançados pelo emprego das verdadeiras relíquias”. É o mesmo que repetem mais tarde Erasmo e Bacon e, depois, em número sempre crescente, numerosos outros autores. Eis um exemplo ilustrativo, publicado em 1734: “Uma moça chamada Marthe Brossier foi julgada possesora e os eclesiásticos multiplicaram os exorcismos. Miron, bispo de Angers, fê-la comer em sua mesa e, sem nada dizer, deu-lhe água benta para beber. Naturalmente, ela nada sentiu. Depois, deu-lhe água comum dizendo que era benta e ela se torceu em convulsões extraordinárias. Aí, em voz alta, mandou que lhe trouxessem o ritual dos exorcismos. Deram-lhe um Virgílio e ele leu versos da Eneida. A possesora, acreditando que a exorcismavam, contorceu-se em horríveis convulsões”. “Os exorcistas, convictos de estar falando em nome

de Deus, não podiam admitir que o demônio pudesse fugir à vontade divina”.

Para Emile Magnin, os maus espíritos podiam ser substituídos por bons, constituindo isso terapêutica de excelentes resultados, sobre a qual escreveu todo um livro. Naturalmente, trata-se de um artifício sugestivo, que pode ser de grande utilidade, como tem sido demonstrado por autores de responsabilidade. Pierre Janet tratou de um doente que se acreditava possuído do espírito do mal. Não sendo possível hipnotizá-lo, Janet conseguiu entabular conversação com o diabo que estava em seu corpo, pedindo-lhe para fazer dormir o doente. Dessa maneira, este entrou facilmente em estado de sonambulismo e a personalidade diabólica foi suprimida por sugestão.

Aliás, por toda parte, admitiu-se que moléstias e outras calamidades fossem produzidas pela intervenção de espíritos maus, que podiam ser afastados por certas práticas mágicas ou religiosas, do tipo do exorcismo. O próprio Cristo acreditou na existência de duas qualidades de espíritos, os bons e os maus, sendo por meio de palavras que enxotava os maus do corpo dos possessos, como vem referido em diversos lugares do Evangelho. Também, na Bíblia, encontra-se menção de aparições, de curas feitas pelos Apóstolos pela aplicação das mãos, da expulsão de demônios do corpo em casos de moléstia, sendo os amuletos, os esconjuros e outros ritos substituídos pelas relíquias, orações e o sinal da cruz. Entre as graças concedidas pelo Espírito Santo contam-se o poder de fazer milagres, de falar diversas línguas, de curar doenças, de fazer profecias, como relata São Paulo numa das Cartas aos Coríntios. Os papas e os reis continuaram curando moléstias, em geral pela aplicação das mãos, como aconteceu com Luiz XIV que, ao fazê-lo, exclamava: “Le Roi te touche, Dieu te guérit”.

Na Índia, o exorcismo é ainda executado por meio de pancadas e também, no mundo ocidental, foi o tratamento de loucos, durante séculos, realizado por método semelhante. E, tem-se argumentado que, se esse processo perdurou por tanto tempo é porque, certamente, devia dar bons resultados. E isso é compreensível, quando se tratava de indivíduos histéricos ou mitomanos, que criavam os seus próprios sofrimentos. Em outros casos, o doente estava possuído do diabo ou de espíritos malignos, sendo natural que se procurasse expulsá-los por meio de

pancadas, sobretudo quando eram eles que iam receber os sofrimentos do tratamento infligido. Afinal, como diz C. de Vesme, “a explicação que os crentes na possessão dão ao exorcismo por meio de pancadas é perfeitamente racional, uma vez admitida a possessão”. Os próprios remédios imundos e escatológicos visavam muitas vezes contrariar apenas aqueles inquilinos incômodos que procuravam habitar o corpo humano. A possessão, em geral, é admitida na Índia, mesmo pelas classes mais elevadas da sociedade. É ao Dongah de Ghospore que os indus e os maometanos levam os seus doentes, idiotas, alienados, histéricos que, na opinião da população inculta, estão dominados por demônios, que precisam ser expulsos. E parece que os resultados são favoráveis, porque, do contrário, não haveria razão para a persistência de tão velha superstição. Naturalmente que a dor produzida pelo tratamento deve exercer grande influência sobre a parte psíquica da doença.

Muitos judeus acreditam no “Dibic” e os seus rabinos conhecem práticas para expulsá-lo. Desde os tempos bíblicos, empregavam-se igualmente raízes, pedras e outros amuletos como relata José, assim como, segundo Salomão, fórmulas de enconjuro, para expulsar o maligno do corpo. Hoje tudo isso tem saído da moda e parece à própria religião católica quando fala de Satanás, na sua luta com o Criador, das artimanhas que ele emprega para ganhar as almas dos pecadores, que tudo isso já tem laivos de um passado morto, fabuloso, inacreditável. O exorcismo constitui hoje, sem dúvida alguma, um dos pontos fracos de muitas religiões, sentido pelos católicos romanos, sobretudo os mais cultos e inteligentes, que, não raro, se vêem embaraçados para pôr tal prática de acordo com as suas crenças. Já J. J. Rousseau, nos meados do século XVIII, havia declarado que as suas primeiras dúvidas quanto à autenticidade do Evangelho lhe vieram do papel de exorcista atribuído ao Messias. Pelo ritual romano, o exorcismo é executado pela injunção ao diabo, em nome do Eterno, de abandonar o corpo do possesso, devendo ser feito por um sacerdote consagrado. Os protestantes, pelo contrário, servem-se de orações a Deus, conforme ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos ou fazem a leitura de versículos da Bíblia. Parece que os exorcismos, na época atual, já não são tomados muito a sério e que os próprios sacerdotes se sentem mal ao proferi-los. Tudo isso é da evolução do espírito

humano e o conhecimento da sugestão e do hipnotismo contribuíram enormemente para esclarecer tais problemas. Como acabamos de dizer, os reis curavam pela simples imposição da mãos, fazendo mesmo isso parte integrante das suas obrigações. Especial referência, nesse sentido, merece o caso do clérigo J. Gassner que, por volta de 1774, se tornou célebre pelo seu processo de curar. Ele empregava diversas provas para verificar se a moléstia era causada por demônios, a fim de empregar exorcismos. As provas consistiam em fórmulas de esconjuro e em sinais da cruz. Quando Satanás não reagia a três imprecações seguidas, produzindo acessos convulsivos, concluía Gassner que a moléstia era natural e, nessas condições, devia ser tratada por médico. A perspicácia do padre era indubitavelmente enorme e a sua maneira de proceder verdadeiramente científica.

Como parecemos longe daqueles tempos em que superstições e fanatismo revestiam formas bárbaras e horrorosas, não raro sob os olhos tutelares de guias de almas, por vezes sob a sua direta instigação! Hoje, ficamos transidos de horror lendo descrições como as que foram apresentadas, parecendo-nos que isso já pertence a um passado longínquo e fabuloso, que não pode reviver senão em condições do mais retrógrado e incompreensível primitivismo. É talvez essa a verdade, sobretudo em relação à religião. Mas estaremos, porventura, mais adiantados no que concerne à nossa sensibilidade e o nosso sentimento humano dentro do mundo? Tornamo-nos melhores, mais dignos, mais compreensivos em relação à nossa própria realidade? Não estão aí as guerras, as lutas entre os países e os partidos, a falta de respeito pela vida humana, que é destruída aos milhões, em condições indignas e horrorosas? Não é isso um sinal do nosso atraso e da nossa brutalidade? Temos o direito de sentir arrepios e criticar o passado quando vivemos mergulhados no sangue e na ignomínia? No passado, a luta era ainda pelo céu, pela salvação da alma, para glorificar Deus. E atualmente? Para corresponder à inépcia de maus políticos, de exploradores do dinheiro, a uma ordem social pior e mais criminosa que a desses pobres desvairados que se deixavam levar por falsas sugestões. Chegará o dia em que homens do futuro olharão para os nossos atos belicosos e sangrentos com o mesmo horror com que o fazemos em relação a essas pobres vítimas de uma passada ignorância? É tão monstruosa a nossa vida dentro do mundo atual, que é de esperar possamos libertar do nosso atraso pó-

lítico tal como fizemos em relação ao religioso e que no futuro talvez afastado ainda de muitas gerações, lendo a história das nossas guerras e dos nossos morticínios, nos enchamos de comiseração e piedade por esse pobre homem da época contemporânea, tão estúpido, tão perdido, tão miserável dentro da sua pretensa civilização. É conveniente olhar para o passado, procurando ver o que fazemos no presente e o que estamos preparando para o futuro.

## CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

SUMÁRIO: *Mirabelli: o médium mais assombroso de todos os tempos. Os seus prodígios e o veredicto dos nossos homens de ciência. Os seus conhecimentos lingüísticos e culturais. A Academia Cesar Lombroso. Materiulizações impressionantes. A estupefação dos meios metapsíquicos europeus. Acontecimentos semelhantes no estrangeiro. Entusiasmo em torno de Rudi e Willy Schneider. Lutas e disputas. Truques e mistificações. Bradley e Valiantini. William Crookes e Florence Cook. Richet e Eva, na Algeria. Crawford e Golligher. Razões e ponderações. Ada Bassinet, a médium de ectoplasmas. Matcrializações de animais, mesmo de girafas e camelos. Materializações de flores e os sucessos de Anna Rothe, na Alemanha, e de Miss Lewis, em Londres. Erto e os clarões sobrenaturais. A imobilização dos médiuns por meio de laços, nós, amarrilhos e a sua libertação. Houdini e os processos de prestidigitação.*

QUANDO, PELA PRIMEIRA VEZ, estivemos no Instituto Metapsíquico de Paris, em fins de dezembro de 1928, o doutor Eugénio Osty, então seu diretor, pediu-me notícias do médium Mirabelli, de quem eu nunca ouvira falar e que estava fazendo furor nos meios espíritas do Brasil. Disse-me Osty que cogitavam fazê-lo ir a Paris para investigações no Instituto, tal a prodigiosa repercussão dos fenômenos obtidos por sua intervenção. Na verdade, o caso Mirabelli parecia constituir, naquele momento, um dos acontecimentos mais espantosos que estavam ocorrendo no Brasil, a julgar pelo interesse que chegou a des-

pertar em países estrangeiros. A “Revue Metapsychique” de Paris, disse que, se fosse verdadeira a fenomenologia supranormal que lhe atribuíam, seria ele “um dos casos mais assombrosos, mais admiráveis e mais belos” que jamais teriam existido. E o periódico passa a examinar a situação, baseando-se numa brochura de 74 páginas, publicada em São Paulo em junho de 1926 e que relatava estar a mediunidade de Mirabelli provada por muitas provas científicas e o testemunho de grande número de pessoas de alta responsabilidade. Para estudar especialmente o seu caso foi até fundada a Academia de Estudos Psíquicos Cesar Lombroso, cuja finalidade era observar unicamente os fatos, sem cogitar das conclusões que deles pudessem ser tiradas. E foram observadas coisas assombrosas, verdadeiramente apocalípticas, cuja autenticidade ficou demonstrada.

Mirabelli nasceu em 1889 em Botucatu, no Estado de São Paulo, tendo sido seu desejo seguir a carreira eclesiástica. Mas, em vez disso, entrou para o comércio, no Rio, onde surgiu o seu poder mediúnico. Devido a singularidades do seu temperamento, necessitou ser examinado por médicos, acabando internado no Hospício de Juquci. O doutor E. Costa, diretor desse Instituto disciplinário, submeteu-o a numerosas experiências e verificou a realidade das suas faculdades mediúnicas. Desde aí, começou a agitar-se a imprensa em torno do seu nome. Logo depois, enche ele de assombro a médicos do Rio, sobretudo por fenômenos de levitação: um quadro é transportado, durante o dia, de uma casa para outra, afastada muitos quilômetros. Pascal Forthuny, que analisa a brochura em questão, põe um ponto de interrogação diante dessa façanha e diz que “deveria colocar outros à frente das que passa a enumerar e que considera razoavelmente inacreditáveis”: 1) Diante de muitas pessoas e havendo luz, operou a materialização de um marechal e de um bispo, já falecidos; 2) o médium foi transportado da Estação da Luz à de São Vicente, afastadas 90 quilômetros, em 15 minutos. Pelo telefone houve aviso de que Mirabelli chegara a São Vicente quando, um quarto de hora antes, numerosas pessoas o acompanham para tomar o trem que partia para Santos; 3) um automóvel, no qual se encontravam amigos seus, é levantado, em plena via pública, a dois metros de altura e fica três minutos suspenso no ar; 4) numa farmácia, um crânio “levita-se” do fundo do laboratório, vem colocar-se sobre a caixa registradora e, depois, cai por terra; 5) em presença

de diversos doutores, cujos nomes são citados, põe-se um violino a tocar sozinho, enquanto um livro é folheado por mão invisível; 6) numa festa, diante de mil pessoas, provoca um concerto inexplicável de clarins e tambores, que executam uma marcha; 7) o chapéu de um amigo, com quem está passeando, é arrancado misteriosamente da sua cabeça e atirado a 10 metros de distância; 8) estando afastado de um bilhar, faz as bolas moverem-se sobre o feltro; 9) produz deslocamento de outros objetos: queda de uma pilha de livros, oscilação de uma lâmpada suspensa no teto, etc; 10) obtém a impressão fisionômica de Cristo em matéria plástica, sob controle direto de diversos doutores. São citados os nomes do Dr. Vital Brasil, então diretor do Instituto Butantan e de muitos outros médicos e personalidades de destaque, alguns dos quais deram o seu veredicto por escrito. O Dr. Spencer Vampré afirma que não viu mistificação alguma; para o Dr. F. Acché, os fatos não podem ser negados; o Dr. Carneiro Maia diz que não há truque e o Dr. Carlos Niemeyer, que não há fraude; o Dr. J. Silveira considera os fenômenos como verdadeiros e o Dr. Pinto de Queiroz como reais. E é nesse mesmo tom que se expressa grande número de outros médicos e pessoas de responsabilidade. O coronel A. E. Backer diz que trairia a verdade, caso não dissesse que tais fenômenos são demonstrativos. C. G. Ramos, um prestidigitador, declara ser impossível obter tais fatos por prestidigitação. E, como Mirabelli nunca foi apanhado em delito de fraude, fundaram a Sociedade Cesar Lombroso, presidida pelo Dr. C. Pereira de Castro e formada por médicos e outras pessoas de categoria, dispondo de um laboratório completo, com modernos aparelhos de controle. Na brochura, há relação de uma série de experiências aí realizadas e que o comentarista francês classifica de assombrosas, de se perder a cabeça. Diz ele: “Se todos esses sábios, armados de lentes, balanças, termômetros, amplificadores de som, aparelhos fotográficos, lâmpadas de alta voltagem, cera para impressões, se deixaram enganar, e não se deve duvidar da sua vigilância constante, então, tem-se o direito de desesperar em relação a qualquer pesquisa metapsíquica”. Forthuny põe em relevo que Mirabelli possuía todas as formas de mediunidade conhecida e, em tal grau que excedia tudo que qualquer metapsiquista já tivesse visto ou pudesse supor. Além de nunca ter sido apanhado em fraude, fazia tudo à grande luz, às vezes de dia, até na rua. Ele revelou conhecimentos

profundos em vários domínios científicos, desde a medicina à arquitetura, física, astronomia, psicologia, passando pela geologia, sociologia, química, economia política, o direito, etc. Além disso, conhecia música, pintura, poesia e um extraordinário número de línguas, desde hebreu, latim, caldaico, persa, chinês, japonês, árabe, sírio, tcheco, até russo, francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, holandês, polonês, e ainda dialetos africanos, orientais, etc. E não havia frequentado senão a escola primária! Tudo isso se encontra, autenticado por 555 nomes, dos quais 72 médicos, que afirmam: direis que é loucura, mas nós protestamos: é a verdade! As testemunhas asseveram também que ele não podia ser um farsante, porque, do contrário, necessitaria possuir uma memória inaudita para conseguir exprimir-se em tantas línguas e dialetos. É apresentada uma grande lista de trabalhos de Mirabelli, que corre toda a gama do saber humano, sendo produzidos por inspiração dos maiores espíritos que têm vivido no mundo. Ele escreve essas comunicações em estado de transe, com extrema rapidez, mão febril, olhos vítreos, sem olhar o papel. O pulso então a 120 e mesmo 150, a temperatura eleva-se, podendo atingir até  $39^{\circ} \frac{1}{2}$ . O médium torna-se pálido, dispnéico e apresenta contrações musculares, tremores prolongados e quase rigidez cadavérica. Entre muitos outros trabalhos, inspirados por Galileu, Kepler, Leonardo da Vinci, Malebranche, Voltaire, Lenine, Lombroso e outros autores, são citados os seguintes: em tcheco, Independência da Tchecoslováquia; em hebreu, a Maledicência Humana, por Moysés; em alemão, A Grande Alemanha Oprimida, pela Kaiserin; em persa, A Instabilidade dos Impérios, por Alexandre, o Grande; em inglês, Coisas do Céu e da Terra, por Shakespeare; em grego antigo, Roma e Atenas, por Demóstenes. Outras comunicações, em latim, japonês, russo, chinês, albanês, catalão, irlandês e outras línguas versam sobre: a Lógica do Direito; Darwin perante a Bíblia; Funções do Capital e do Trabalho; Tendências Humanas em Relção com o Instinto Animal; Caracteres Psicológicos da Raça Slava; Planetas Habitáveis; Apologia do Budismo, etc.

Depois dessa mediunidade lingüística, são expostos no folheto os fenômenos físicos de transporte e levitação apresentados por Mirabelli, ainda mais assombrosos que os poliglóticos. O Senador Muniz Sodré, em companhia de diversas pessoas, vê chegar pelo ar um objeto que estava fechado à chave num cofre e que não podia ter sido substituído. Diante dos membros

da Academia Lombroso, estando sentado e amarrado numa poltrona, levita-se no ar com este móvel, permanecendo dois minutos a dois metros de altura, enquanto pessoas presentes passam e repassam sob a cadeira. Em Santos, na sede da Academia, perante grande assistência, às 9 horas da manhã, em plena luz, ouvem-se pancadas sobre a mesa e, depois, uma voz, que o Dr. G. de Souza reconhece como sendo a de uma filha, já falecida. E a moça aparece e o médico pode abraçá-la, reconhecendo as vestes em que foi sepultada! Fazem-se fotografias, o espírito eleva-se no espaço e, depois de 36 minutos, desaparece. Nesta sessão, além de outras pessoas, encontravam-se presentes 20 médicos e 7 professores. Mas, houve coisa ainda melhor. Quando Mirabelli estava em transe, abriu-se sozinho um armário, dentro do qual havia um crânio, que saiu passeando pelo ar. Em seguida, formou-se o esqueleto inteiro, completo, exalando cheiro de putrefação quase intolerável. Aquele corpo horrível andou de um lado para outro e, finalmente, desmanchou-se em fumaça, enquanto o crânio caía sobre a mesa. Outro caso: Mirabelli anuncia a vinda do bispo D. José de Camargo Barros, morto num naufrágio. Odor de rosas! O prelado configura-se, materializa-se com perfeição, fala, sorri, está de barrete! Um médico constata a presença de dentes, de saliva, do coração que bate, de borborismos intestinais. O bispo presta-se a todos os exames, conversa em português e recomenda que observem a sua partida. Depois disso, diminui até uma estatura de 30 centímetros e se evapora. De uma outra vez, foi materializado o Dr. Bezerra de Menezes, já falecido e que foi reconhecido pelos seus colegas presentes, com quem conversou servindo-se do aparelho ampliador de sons. Foram tiradas diversas fotografias, feitos exames clínicos, tudo como se se tratasse de pessoa viva. Finalmente, o fantasma elevou-se até o teto, os membros inferiores esvaeceram e, depois, todo o corpo. Uma das pessoas presentes levantou o braço e atravessou uma espécie de nuvem esponjosa, que era o resto da aparição. Certa vez, amarrado numa poltrona, Mirabelli desapareceu diante dos olhos de um grupo de médicos, que o observavam, enquanto, numa outra, surgiu um árabe que lhe falou em sua língua natal e deixou-se examinar. O médico que faz o exame, o Dr. Olegário Moura, declarou tratar-se de uma criatura perfeitamente constituída, tendo a aparição dito chamar-se Harum-Al-Ras-Child.

Fizeram-se fotografias, depois houve levitação e desaparecimento do espírito.

Os fenômenos são reais, diz o comentarista francês, citando em português a conclusão final, autenticada por muitas centenas de testemunhas. E termina textualmente: “São Tome, o incrédulo, é o maior dos santos: é aquele que queria ver”. Nós prestamos homenagem à consciência, à probidade, à sagacidade dos observadores brasileiros, mas desejaríamos também ver Mirabelli em seu trabalho, o que, diante de tão grandes maravilhas, representa um desejo muito legítimo e humano. Extraímos o essencial da assombrosa brochura e ninguém se poderá ofender com tais reservas. As experiências fizeram correr tanta tinta do outro lado do Atlântico e são apresentadas com tanta segurança, que julgamos não dever deixá-las ignoradas na Europa. É tudo! Quanto ao resto, esperamos que Mirabelli nos venha dizer, em Paris: “*Vide, Thoma, vide latus, vide pedes, vide manus. Noli esse incredulus. Alleluia!*”

É compreensível que Mirabelli não tenha ido a Paris e que as coisas se tenham terminado aqui mesmo, de maneira irrisória, insignificante. Abalançamo-nos a dar uma relação minuciosa dos acontecimentos, a fim de mostrar a ingenuidade e a ignorância que ainda preponderam em relação a tais problemas. Na época em que Mirabelli nos assombrava, já estava demonstrado que tudo aquilo não podia passar de farsa e exploração, o que nos devia tornar mais céticos e cuidadosos em benefício do nosso próprio decoro. Quando voltei ao Brasil, indaguei do caso, mas não obtive senão informações desencontradas. Um meu contra parente, médico e um dos chefes do movimento espírita no Rio, havia-o recebido como hóspede em sua própria casa, num subúrbio da Leopoldina, onde se passaram coisas espantosas, por vezes extremamente ridículas: chuva de pétalas de rosa ainda frescas e orvalhadas, pedras misteriosas que caíam quebrando vidros e outros acontecimentos insólitos, cuja origem não era difícil adivinhar.

Mirabelli foi visto aqui no Brasil pelo doutor Hans Driesch, professor de filosofia da Universidade de Leipzig e uma das maiores autoridades no terreno da metapsíquica. Também um médico brasileiro, meu conhecido escreveu uma brochura sobre ele, considerando sobrenaturais os fenômenos em questão e explicando-os por meio de forças magnéticas que partiam do corpo

do médium. Uma senhora americana, May C. Walker, veio ao Brasil e, procurando estudar o caso, considerou autêntica uma experiência na qual uma dúzia de garrafas cheias d'água magnetizada, colocadas sobre uma mesa, se agitaram e se entrecrocaram com violência. Mirabelli manobrava com águas magnetizadas, mas é claro que a sua mágica podia ser executada por meio de um fio amarrado à mesa e de muitas outras maneiras, sobretudo pelo auxílio de um parceiro qualquer que, no caso corrente, diversas pessoas perceberam ser a esposa do médium. A senhora Walker não teve dúvidas sobre a autenticidade do fenômeno e rejubilou-se pelo fato de Mirabelli encontrar-se então entre as mãos de um homem de ciência, tal como escreveu ao "Journal of the American Society for Psychical Research". Eu conheço pessoalmente o médico em questão e sei que é adepto fervoroso de diagnósticos pelo pêndulo, o que não é de admirar, uma vez que atribuiu as forças "sobrenaturais" do médium ao magnetismo que emanava ao seu organismo...

Aliás, mesmo diante de toda essa palhaçada, podemos ainda nos consolar, pois fatos idênticos prosseguem em países mais cultos, sob controle de pessoas de responsabilidade, não raro cercadas de todas as garantias que fornecem os mais modernos recursos científicos. Queremos mencionar primeiramente o caso do célebre médium austríaco Rudi Schneider, sobre o qual têm sido publicados inúmeros trabalhos, dos mais bem fundamentados no terreno da metapsíquica. Rudi Schneider foi, durante largo espaço de tempo, médium exclusivo do barão Schrenck Notzing, até a morte deste, em 1929. Notzing, como é sabido, foi um afamado médico alemão, especialista em moléstias do sistema nervoso e possuidor de grande fortuna. Durante dezenas de anos, ele se ocupou especialmente de problemas de metapsíquica, sobretudo do ponto da investigação científica. Depois da sua morte, Rudi Schneider, tornado livre, prosseguiu como médium, sendo disputado por diversas associações européias, entre as quais o "National Laboratory of Psychical Research" de Londres e o "Institut Métapsychique International" de Paris. Quando partiu para Londres, a fim de ser examinado por especialistas ingleses, foi acompanhado pela viúva do professor Holub, de Viena, ex-assistente de Wagner von Jauregg e, depois, diretor de um Hospital para doenças mentais em Steinhof. Holub realizou numerosas experiências com Rudi, que, em Londres, foi colocado sob a direção de Harry Price,

então diretor do National Laboratory of Psychical Research, um dos melhores conhecedores dos artifícios empregados em prestidigitação, havendo reunido uma biblioteca de milhares de volumes sobre o assunto. Numa conferência feita em Paris, em 15 de maio de 1930, Price expõe os resultados das experiências realizadas em Londres, concluindo serem elas absolutamente demonstrativas. Nessa ocasião, o conferencista declarou: “Tendo, durante toda a minha vida, estudado os métodos de prestidigitação, sei quais os aparelhos necessários para simular os mais simples fenômenos. Maskelyne, o ilusionista inglês que, no Music Hall, fez a paródia dos fenômenos produzidos por Rudi Schneider, tinha necessidade de um gabinete especial, com entrada e saída dissimuladas, de um alçapão e de assistentes para o fazerem funcionar e lhe passarem o material acessório. Para isso, afinal, eram-lhe precisas seis pessoas inteiramente livres e ainda um gabinete mecânico para simular os fenômenos produzidos por Rudi Schneider, esse moço que, durante as suas sessões, era imobilizado por duas pessoas e, ainda, controlado eletricamente. O esforço de Maskelyne para diminuir o valor dessas sessões foi mais que ridículo, foi de uma dolorosa imbecilidade. Também, não ficarei nada admirado se ele fugir à minha oferta de 1000 libras esterlinas, caso consiga reproduzir os fenômenos que Rudi Schneider, nas condições por nós estabelecidas, executa diante de nós”. E Price relata que as experiências foram realizadas dentro das mais severas condições de controle, isto é, estando o médium imobilizado e cada um dos seus membros dentro de circuitos elétricos separados, que fariam acender lâmpadas vermelhas quando houvesse qualquer tentativa de libertação. A sala de experiências encontrava-se hermeticamente fechada e o médium cercado de pessoas garantidas, fora de qualquer suspeita. Os fenômenos mais comumente observados foram: ventos frios que sopravam dentro da sala, fazendo cair a temperatura do ambiente, e eram sentidos por todas as pessoas presentes; levitação de uma pequena cesta; pancadas sobre móveis que estavam afastados do médium; toques de uma campainha; vibrações de uma cítara, contatos operados sobre os assistentes e, finalmente, aparição de mãos e braços materializados, através das cortinas de um pequeno gabinete colocado num canto da sala. Tudo isso parece por demais insignificante, comparado às extraordinárias façanhas do nosso espantoso Mirabelli. Mas, para os verdadeiros especia-

listas em metapsíquica, foram tais manifestações consideradas maravilhosas, tão maravilhosas que chegaram a despertar suspeitas aos mais céticos e exigentes. Os fenômenos apresentados por Rudi Schneider pareceram, contudo, tão reais e bem demonstrados, que uma comissão do “Laboratory of Psychical Research” não teve dúvida em fornecer ao médium um documento, no qual certificava que “os fenômenos mediúnicos por ele produzidos naquele Laboratório eram absolutamente verdadeiros”. O Dr. Eugene Osty declarou textualmente: “Não vejo como Rudi poderia produzir esses fenômenos por meio de fraude, tendo os quatro membros sob controle elétrico e estando imobilizado por pessoas que lhe impossibilitavam qualquer movimento”. O professor Pollard diz: “Como todos os que assistiram aos fenômenos produzidos por Rudi, não posso dar-me conta da sua natureza, mas acho-os desconcertantes”. Georg Kaleta, de Salzburgo, que realizou experiências como Schneider, declarou: “Os fenômenos que se obtêm com esse médium são autênticos, mas a sua explicação não é fácil! Seria necessário voltar à Terra em mil anos, quando, então, se encontraria talvez explicação plausível para eles”. O professor Nils von Hopsten saiu “profundamente impressionado” e lord Charles Hope afirmou: “Eu creio firmemente que os fenômenos produzidos por esse médium são verdadeiramente supranormais”. O Dr. William Brown, considerando-os impressionantes e difíceis de serem explicados pelas conhecidas leis da física, acrescenta: “A. minha opinião é que o médium se encontra verdadeiramente em estado de transe”. Will Goldston, um prestidigitador de renome, garante que nenhum dos seus colegas seria capaz de produzir tais fenômenos nas condições em que são realizados.

O professor Oesterreich, da Universidade de Tuebingen, na Alemanha, falando desse mesmo médium, diz textualmente: “No ano passado, mais de duas dúzias de sábios da Universidade de Munique tiveram ocasião de assistir a sessões mediúnicas tão favoráveis como até aí nunca haviam existido”. E conclui que o barão Schrenck-Notzing, médico que descobriu o citado médium, conseguiu realizar com ele experiências “que, logicamente, não podem deixar qualquer dúvida sobre a autenticidade dos fenômenos observados”. Depois disso, Rudi Schneider esteve em observação no Instituto Metapsíquico de Paris, onde de outubro de 1930 a dezembro de 1931, o seu diretor, o Dr.

Eugenio Osty, assistido pelo seu filho, o engenheiro Marcel, o submeteu a uma série de experiências, cujos resultados foram apresentados em diversas conferências e numa publicação especial, tendo por título: “Poderes Desconhecidos do Espírito sobre a Matéria”. As faculdades sobrenaturais de Rudi foram aí confirmadas, parecendo que a metapsíquica, naquela ocasião, ia entrar por caminho seguro, verdadeiramente científico. As coisas estavam nesse pé quando, subitamente, estourou a bomba, que foi o aparecimento, em março de 1933, de um livro “An account of some further experiments with Rudi Schneider” — escrito por Harry Price, justamente o mesmo presidente do “Laboratory of Psychical Research”, de Londres, um dos maiores entusiastas de Rudi e que, agora, revelava haver apanhado o médium em flagrante delito de fraude. Aliás, à primeira vista, não parecia dever ser isso muito difícil, uma vez que o controle era feito por meio de luvas e chinelas de filigrana metálica, através da qual passava uma corrente elétrica, que mantinha acesas lâmpadas vermelhas. Nessas condições, o apagamento de uma ou diversas lâmpadas demonstraria perda de contacto no circuito, isto é, libertação de um ou mais membros do médium. É verdade que existia aí grave possibilidade de erro e mistificação: a do médium conseguir libertar qualquer dos seus membros, deixando a luva ou a chinela no lugar. Neste caso, nada aconteceria, pois deixaria de haver interrupção no circuito elétrico. Depois de descoberta a fraude, houve violenta polémica pela imprensa, onde os interessados, mutuamente, não se pouparam ofensas e desaforos. Isso era por demais natural, pois estavam em jogo reputações pessoais e também uma série de trabalhos publicados, que pretendiam trazer novas contribuições à ciência. Para edificação do leitor queremos apenas lembrar que a disputa foi travada entre o diretor do Instituto Metapsíquico de Paris e o do Laboratório de Pesquisas Psíquicas de Londres.

Karl Krauss, que usou igualmente o nome de Karl Weber, médium que trabalhou com alguns médicos, entre os quais o Dr. Schrenck-Notzing, foi apanhado em fraudes de materializações, que conseguia executar libertando as mãos por meio de sábias contorsões. Fazia isso de tal maneira, que os indivíduos que o controlavam ficavam de mãos dadas, acreditando serem as do médium. Willy, o irmão mais moço de Rudi Schneider, celebrizou-se igualmente como médium, tendo o Dr. Schrenck-Notzing executado com ele grande número de experiências, em

geral acompanhadas por pessoas de responsabilidade, algumas consideradas autênticos homens de ciência, na Alemanha. As verificações pareciam tão rigorosas que se chegou a acreditar fossem as fraudes impossíveis. O Barão Notzing julgou-as perfeitas e decisivas, como descreve em seu livro — “Experimente der Ferribewegung” —, no qual apresenta fenômenos de levitação, materialização, ação à distância realizados com aquele médium, sob o mais rigoroso controle. O professor Hans Driesch, fazendo crítica dessa obra, termina com as seguintes palavras: “Para todas as pessoas de bom senso, a presente obra fecha definitivamente as discussões sobre a realidade dos fenômenos alcançados por Willy. Ela representa a vitória completa e definitiva do homem que, durante muitos anos, pôs toda a sua personalidade a serviço da verdade — o barão Schrenck”. Devemos ainda mencionar que a confirmação fornecida por 55 universitários e homens de ciência, que assistiram às sessões de Willy Schneider, reproduzidas por extenso, foi considerada, “por si só, como um certificado de incalculável valor para a defesa da metapsíquica”. No entanto, a personalidade de Willy devia impor-se desde o início como suspeita e até perigosa para tais investigações. Tratava-se de um jovem de 20 anos, aprendiz de dentista e que o próprio Dr. Notzing descreve como dado a danças, acrobacias, pândegas e folias.

Gostava de andar bem vestido, tendo tendência para luxo e vida regalada de prazeres. Além disso, era mentiroso, cheio de sensibilidades, espetacular, sofrendo de verdadeira pseudologia fantástica. Quando foi desmascarado, depois de haver cometido toda sorte de trampolinagens, foi tão grande a emoção do professor Holub, que tomara parte em diversas experiências, que, já sofrendo do coração, morreu subitamente. Eu próprio ouvi, porém, a versão de que a sua morte fora suicídio, motivado pela humilhação que sofreu por motivo daquele desmascaramento.

Aliás, o que foi descoberto em relação a Willy não era nada de muito novo nem desconhecido. O conde Klinckowstroem, que estudou minuciosamente o caso em questão, assim como diversos outros de igual categoria, mostra que F. Caran-ini, muitos anos antes, em condições idênticas, produzira fenômenos semelhantes aos apresentados por Willy Schneider, e que foram, relatados nos “Annales des Sciences Psychiques”, de

setembro de 1912, com a afirmativa de que havia sido impossível descobrir qualquer possibilidade de fraude. No entanto, pouco tempo depois, era Carancini desmascarado em Paris pelos irmãos Durville. Harry Houdini, num livro aparecido em 1924, em Nova Iorque — *A magician among the Spirits* — não poupa o Barão, mostrando quanto tinha sido ele vítima de truques de prestidigitação. Era o mesmo que havia sido suspeitado e, depois, demonstrado por outros autores, sobretudo alguns cientistas alemães, como acontecera igualmente em relação a Rudi Schneider. Em Viena, formou-se uma comissão para estudar esses fenômenos mediúnicos da qual faziam parte o professor von Wagner Jauregg, o célebre detentor do prêmio Nobel, o físico Stefan Meyer e o professor Karl Przibram, tendo eles, em três sessões, descoberto as trapaças de Rudi. O mais que se pode dizer é que os fenômenos eram reais, embora não fossem autênticos, repetindo o que o professor Courtier já havia externado quanto às manifestações apresentadas por Eusápia Paladino. Os professores Meyer e Przibram divertiram-se dando uma representação pública dos fenômenos apresentados por Rudi, na qual Przibram figurou como médium. Reproduziram assim, sem maiores preparativos, o programa das levitações e telecinesias realizadas por Rudi, embora guardando segredo quanto à personalidade do pseudo-médium, agora o professor Przibram. Tudo foi executado às escuras e de maneira maravilhosa. No final, o médium deu-se a conhecer e a sessão foi repetida às claras, sob a risada do público, que se divertiu com a simplicidade dos truques empregados e dos quais havia sido vítima.

No capítulo terceiro deste livro já fizemos referências à obra de Dennis Bradley, escritor inglês que, antes da sua fase espírita, publicou ensaios, comédias, romances, dos quais “*The Eternal Masquerade*” obteve grande sucesso. Mais tarde, indo à América, descobriu o médium George Valiantine, com o qual trabalhou diversos anos, publicando dois livros “*Towards the Stars*” e “*The Wisdom of the Gods*”, que tiveram imensa repercussão, tanto pelo seu conteúdo como pelas discussões a que deram lugar. Já relatei que, quando li a primeira dessas obras, há duas dezenas de anos, me impressionei de tal modo que, indo à Europa, me preparava para aproximar-me do médium a fim de me pôr ao corrente da realidade. Mas, não foi necessário, pois, antes de lá chegar, tive notícia do seu desmasca-

ramento. O próprio Bradley havia rompido violentamente com a “Society for Psychical Research”, que não quis compartilhar do seu entusiasmo em relação a Valiantine, nascendo daí intenso movimento da imprensa em torno da questão. Em 1929, Bradley publicou um terceiro livro — “And After”, onde acusa Valiantine de fraude e ele próprio deturpa documentos, razão pela qual foi condenado a uma multa de 500 libras e confiscação do seu livro. Aliás, o médium havia sido também desmascarado em Berlim, como relata o Dr. Kroner, dando conta das sessões realizadas em presença do casal Bradley e uma dezena de pessoas da melhor sociedade berlinense. O médium era de uma exigência absoluta: a escuridão da sala tinha de ser completa, havia proibição de tocá-lo assim como trombeta; de se fazerem movimentos com as mãos, que deviam ficar espalmadas sobre os joelhos; de cruzar ou esticar as pernas, pois, do contrário, não poderiam os espíritos encontrar a força que lhes era necessária para agir e que devia emanar do plexo solar das pessoas presentes! Ao lado de tudo isso, o médium ficava livre, podendo executar o que bem entendesse. Repetia-se com ele o que era comum com outros médiuns: proibição de qualquer pessoa tocá-lo durante a aparição das manifestações mediúnicas, pois tal ato poderia prejudicar a sua saúde e até acarretar-lhe morte imediata. Um crítico disse que não deixava isso de ser verdade, porque foi assim que morreram quase todos os médiuns, embora prosseguissem gozando boa saúde, como simples seres humanos. Interessante é que Bradley, depois de ter visto o seu médium desmascarado e apanhado em flagrante de fraude, continuasse afirmando que as manifestações por ele observadas eram autênticas, embora idênticas àquelas em que foi surpreendido prevaricando! Aliás, em casos semelhantes, mesmo quando o médium é desmascarado em plena sessão, não tem isso bastado para desmoralizá-lo ou destruir o seu poder mediúnico, pois a farsa chega a ser atribuída à presença de espíritos maus ou diabólicos! Alfred Russel Wallace, considerado ao lado de Crookes e Zollner, como um dos maiores baluartes no campo dos fenômenos mediúnicos, afirmou que as manifestações produzidas por Hodgson e Davey eram autênticas e mediúnicas, mesmo depois de as terem esses autores declarado falsas e produto de prestidigitação. Em vez de concluir que os fenômenos mediúnicos podiam provir de truques, Wallace preferiu admitir que as mistificações é que eram pro-

duzidas mediunicamente! Kroner diz que, na Alemanha, nenhum médium jamais ousaria estabelecer as condições exigidas por Valiantine e que as suas burlas eram tão primitivas e grosseiras que se fica sem saber como conseguiu ludibriar tão grande número de pessoas e porque foi preciso tanto tempo para ser desmascarado. Ele admite que as publicações de Bradley devem ter contribuído para produzir essa fascinação em indivíduos já crentes, sobretudo na Inglaterra, onde o espiritismo se tornou um dogma religioso tão cheio de fanatismo que quase não se pode criticar. Nas sessões de Valiantine era necessário que os assistentes fossem pessoas crentes e bem intencionadas, como aconteceu também em Berlim, onde o médium não foi incomodado, mesmo quando se descobriu que estava fraudando! Kroner censura severamente Bradley devido “à sua crença desprovida de espírito crítico e a arrogância com a qual exigia que as suas próprias convicções constituíssem dogma para os outros”. E revolta-se contra o cinismo das burlas de Valiantine, que abusava do sentimento sagrado que devemos aos mortos, cometendo blasfêmias revoltantes, a começar pela Oração Dominical, recitada em voz alta, por todos os presentes, no início das sessões. Repetiu-se com Valiantine o que havia acontecido com grande número de outros médiuns, especialmente com muitos dos mais célebres. Florence Cook, a jovem médium de William Crookes, tornou-se famosa pelas suas materializações, consideradas ainda como das melhores até hoje realizadas e atribuídas a uma certa Katie King, filha já falecida do pirata Morgan. Mais tarde, elas foram repudiadas como produtos de truques e farsas, sendo que o médium Douglas Home, que havia trabalhado para Crookes antes de Florence Cook, a considerava uma farsante, como informa Flammarion, no seu livro sobre “Forças Naturais Desconhecidas”. “Mr. Home ma personnellement exprimé son opinion que Mlle Cook avait été une habile farceuse et avait indignement trompé l’illustre savant”. É ela que surge anos depois, sob o nome de Senhora Comer, fazendo aparecer numa sessão da Associação Espírita de Londres o espírito de uma criança, morta havia 12 anos. Aconteceu, porém, que durante a sessão, um espectador menos benévolo se colocou de permeio entre a aparição e a clássica cortina, sempre cuidadosamente fechada. Quando se afastou a cortina, verificou-se que a cadeira estava vazia, o que demonstrou que o espírito e a médium não passavam de uma só e mesma pessoa. Ela foi apanhada também em flagrante de

fraude quando, em Berlim, procurou repetir as experiências realizadas com o químico inglês. Jules Bois diz ela: “Em Londres, pude verificar, sem haver lugar para a menor dúvida, truques pueris e grosseiros dessa famosa médium, que enganou tão magnificamente a William Crookes”. Uma vez, foi apanhada em flagrante, nas seguintes condições: numa sessão, foi amarrada numa cadeira e, de tal modo, que se gastou mais de um quarto de hora só para se darem os nós. Mal acabara isso de ser feito quando ela, dentro do gabinete em que estava encerrada, deu algumas pancadas, a fim de que fossem os nós examinados. Aí, verificou-se que Florence já se encontrava liberta de todos os laços que a prendiam! O experimentador amarrou-a de novo e saiu do gabinete. Logo depois, surgiu Katie, uma materialização feita por Florence, vestida de branco, em trajes vaporosos, muito conhecida pelas fotografias de materializações realizadas por esse médium. Um dos presentes deu um salto e agarrou o fantasma materializado. Mas, o que ele agarrou foi a própria Florence, apenas vestida de colete e uma saia de flanela, pois os véus brancos haviam desaparecido. Foi sobre ela que Crookes havia afirmado: “Eu tenho a certeza absoluta de que Miss Cook e Katie são dois indivíduos diferentes, a julgar pelos seus corpos. No rosto de Miss Cook existem algumas pintas, que faltam no de Katie. Os cabelos de Cook são castanhos quase pretos, enquanto os de Katie castanhos muito claros, como pude me convencer cortando, com a sua permissão, um cacho que ainda conservo e que consegui verificar ser realmente da sua luxuriante cabeleira”. Quanto à probidade de Miss Cook, Crookes distende-se em longas considerações para mostrar que está ela acima de toda e qualquer suspeita.

O que há ainda de grave nas experiências de Crookes é que muitas delas foram realizadas na casa de Miss Cook, em presença dos membros da sua família, sendo o seu próprio quarto de dormir o gabinete das materializações. Tudo prestava-se a mistificações, não sendo por isso de admirar que temesse ela a presença de pessoas desconhecidas, que poderiam descobrir os seus truques. “Ela me interrogava freqüentemente, diz-nos Crookes, quanto às pessoas que deveriam estar presentes às sessões, aos lugares que ocupariam, porque, nos últimos tempos, havia-se tornado muito nervosa em vista de propostas inconvenientes, que sugeriam o emprego de força para

melhor garantir a pesquisa científica”. Um autor mostrou que esses temores seriam justificados, caso os fenômenos fossem autênticos, verdadeiramente paranormais, enquanto, em caso contrário, tratando-se de mistificação, muito naturais e justificados.

Aliás, contra as experiências de Crookes foram levantadas numerosas objeções, pois a própria leitura dos seus trabalhos, no texto original, se presta a toda espécie de dúvidas. Tem-se explanado, porém, que os seus erros e as suas imprecisões eram por demais compreensíveis porque Crookes, apesar de grande sábio, se apaixonou por Katie, escrevendo versos inflamados de amor, inspirados pela jovem donzela, cuja beleza julgou indescritível. Num discurso que, vinte e quatro anos depois, pronunciou na Associação Britânica de Progresso das Ciências, Crookes disse textualmente: “Se eu tivesse de apresentar hoje, pela primeira vez, essas pesquisas ao mundo científico, escolheria ponto de partida diferente daquele que escolhi em tempos passados” E, depois: “É anticientífico apelar para agentes misteriosos, quando cada novo progresso da ciência nos demonstra que as vibrações do éter possuem poderes e qualidades amplamente suficientes para explicar tudo”.

Ainda mais grave foi o que se passou com Charles Richet relativamente à médium Marthe Beraud, na casa do General Noël, na Algeria, onde se tornou ele vítima das mais ridículas farsas. Apesar das afirmações solenes desse sábio no seu “Tratado de Metapsíquica”, parece bem demonstrado que aqueles acontecimentos não passaram de simples mistificações. Na realidade, quando se toma conhecimento do ocorrido, fica-se perplexo diante da boa fé, da ingenuidade com que foi tudo aquilo aceito, saltando aos olhos que não passava de burlas grosseiras, de verdadeiras brincadeiras, que foram tomadas muito a sério. Richet verificou a materialização de uma moça belíssima, que ria às gargalhadas dentro da cabine e da qual conservou a mão quente e macia dentro da sua, esperando que se desmaterializasse! Depois, conseguiu cortar-lhe da cabeça um esplêndido cacho de cabelo louro, que conservou como relíquia e que, examinado ao microscópio, revelou-se como cabelo humano, autêntico, perfeito! A simples descrição desses acontecimentos torna-os tão claros e evidentes que se fica sem compreender como puderam ser considerados como verdadeiros pelo grande sábio e publicados sob a sua responsabilidade. Em

torno da questão houve muitas polêmicas, que, não raro, deixaram o nome de Richet em situação muito desagradável.

Particularmente ilustrativo é o caso do doutor Crawford, professor de mecânica no Instituto Técnico de Belfast, que trabalhou seis anos com a médium Miss Kathleen Goligher, publicando as suas observações numa obra de três volumes. Crawford suicidou-se em 1920 e, no seu testamento solicitou a Fournier d'Albe, doutor em ciências pelas Universidades de Londres e Birmingham, para executar nova série de experiências, empregando o mesmo médium e o mesmo círculo de assistentes, a fim de confirmar as suas observações. O doutor Fournier que, anteriormente, havia assistido e acreditado na autenticidade dos fenômenos em questão chegou depois à conclusão de que eles não tinham nenhum valor científico, sendo produzidos por trapanças, que até conseguiu descobrir. Ele escreve textualmente: “Depois de um estudo rigoroso dos livros do falecido doutor Crawford e de longas pesquisas que eu próprio realizei nos mesmos lugares e que estão descritas nas páginas precedentes, considero que todos os fenômenos, dos quais fui testemunha, foram produzidos por meios físicos normais.” E acrescenta: “Cheguei a Belfast convencido da realidade dos fenômenos ectoplasmáticos. Durante cinco sessões, conservei a minha fé e o meu entusiasmo”. Mas, depois, verificou diversas fraudes e mistificações cometidas pelo médium e sua família. Conclui, então: “Acabei por pôr a claro todo o significado daquela história, que havia começado por brincadeiras de uma moça e que acabou tragicamente. Compreendi como Crawford, influenciado por uma vasta literatura sobre ocultismo, encantado pela mocidade da médium, não possuindo experiência em tais questões, se tenha deixado arrastar dum fenômeno a outro, até ficar preso numa rede de teorias contraditórias, ajustadas apressadamente com o único fito de explicar o que ele via.” Interessante é que Richet, no seu Tratado de Metapsíquica, publicado em 1922, ainda afirme que “é preciso dar um valor decisivo às experiências de Crawford, que são as mais belas feitas depois das de Eusápia e das de Home”! Um exemplo: Crawford coloca argila corada com azul de metileno perto do médium para que ele aí deixe as marcas convencionais. O médium encontra-se amarrado na cadeira e calçado de meias e sapatos. Ouve-se, perto dele, barulho de fricção dos pés e, ao acenderem-se as luzes, verifica-se na argila marcas das meias

do médium e nestas, no solo e nos seus sapatos, argila corada de azul. Crawford conclui que houve transporte fluídico, esquecendo que a experiência permitia conclusões mais fáceis e naturais, sobretudo para quem conhece os truques de libertação tão usados por prestidigitadores.

O caso de Ada Bassinet, a célebre médium de ectoplasmas, de Toledo, em Ohio, foi estudado numa série de sessões dirigidas por J. H. Mackensie, director do “British College of Psychic Science”. Quando a fiscalização era severa, nada ocorria de interessante; mas, logo que se deixava liberdade à médium, surgiam coisas espantosas, até afastadas do lugar em que estava ela assentada. Num desses momentos, Mackensie fez explodir magnésio e apanhou uma fotografia, pela qual se verificou que o ectoplasma era a própria Ada Bassinet que se havia afastado da sua cadeira, libertando-se de algemas trucadas que a prendiam.

Outro médium, em torno do qual houve muita agitação, foi Lara Agustsdotti, mulher bela, morena, viva, de 35 anos de idade, casada! O doutor N. Fodor descreve materializações assombrosas por ela produzidas, tanto de seres humanos quanto de animais, com as vozes características das suas espécies. O doutor Fodor viu materializações de girafa, camelo, cavalo, cães e muitos outros animais, inclusive aves que voavam. Os grandes animais eram menores que os verdadeiros, mas a parte que ele viu da girafa, constituída sobretudo pela cabeça e o pescoço, tinha mais de 2 metros de comprimento. As suas observações foram confirmadas por muitas outras pessoas de responsabilidade, entre as quais o doutor G. Thoroddsen, professor de cirurgia na Universidade de Reykjavik e diversos outros médicos e professores. As coisas passaram-se na Islândia, muito à semelhança do que aconteceu entre nós com Mirabelli. Parece, portanto, que, nesse particular, não tem a latitude qualquer influência sobre a credulidade do ser humano. Quanto à médium em questão, terminou-se a maravilha da maneira habitual: declaração da Comissão que estudou aqueles fenômenos de materialização de que nada havia neles de autêntico e verdadeiro. Tal foi a conclusão a que chegou a Comissão do Internacional Institute for Psychical Research, publicada em outubro de 1937.

Caso muito discutido foi também o de Ana Rothe, que agitou Berlim por muito tempo, acabando por ser presa, sub-

metida a julgamento e condenada a 18 anos de prisão. Ana dava sessões públicas, tendo se tornado célebre principalmente pela materialização de flores e outros objetos. “Estes fenômenos estranhos passavam-se nos lugares mais diversos e fora das sessões. Num café, materilizou um pedaço de bolo; em jantares, aos quais assistia, caíam flores ao lado dela, nasciam das suas mãos, brotavam subitamente dos ombros dos seus vizinhos. As coisas ocorreram dessa maneira durante meses e, depois, prolongaram-se por anos. O número de pessoas convertidas por Ana aumentava e o espiritismo fazia progressos, que acabaram por inquietar a corte e desencadear polêmicas. Ura dia, por ordem do chefe de polícia, diversos agentes se precipitaram sobre o médium durante uma sessão e verificaram que as flores, que julgavam provir de materializações, não passavam de flores naturais escondidas por baixo da sua saia”. No processo, apareceram pessoas de elevada categoria social depondo em favor da médium, na convicção de que tudo aquilo era verdade e que ela realmente possuía poderes sobrenaturais. Richet, referindo-se ao caso, diz que, da primeira vez que viu Ana Rothe, ficou deslumbrado; da segunda, perplexo e, da terceira, convenceu-se que se tratava de fraude. Verificou que ela pesava 58 quilos antes da experiência e 57 depois, sendo que o peso das flores era exatamente de um quilograma!

Aliás, médiuns especializados em fazer aparecer rosas não são raros. Sobre um deles, Miss Lewis, de Londres, encontramos uma descrição surpreendente, dada em 1934 pelo presidente do “British College of Psychic Science”. A médium operava em plena luz, cercada de pessoas respeitabilíssimas que, para garantir a autenticidade dos fenômenos, autorizaram a publicação dos seus nomes. As rosas se formavam sob o olhar das pessoas presentes, em ramos cheios de flores e folhas, úmidas de orvalho, tendo o perfume característico, que todos podiam sentir. A médium pretendia agir sob influência de Santa Terezinha do Menino Jesus e os circunstantes pareciam não ter dúvidas quanto ao fato de ser tudo aquilo sobrenatural. É verdade que, já na época dos seus maiores sucessos, havia um autor chamado a atenção para o fato de não ser ela revistada nem trocar de roupa antes das sessões e ter as mãos livres, embora imóveis no regaço. Mas, tempos depois, foi apanhada quando retirava flores das vestes de baixo, sendo o ato de flagrante delito também assinado por ela própria. E declarou

que executava tudo aquilo para ganhar dinheiro e que conseguira fazê-lo por tanto tempo porque o controle era insuficiente, tanto pelas dificuldades que ela própria criava, quanto pela fé dos presentes, que só desejavam ver coisas sobrenaturais.

Erto, um indivíduo de nacionalidade italiana, chegou a certa notoriedade, graças aos fenômenos que se passavam em sua presença e que foram investigados pelo Dr. Geley, no Institute Metapsychique de Paris. As manifestações que apresentava e que despertaram maior interesse consistiam na produção de clarões súbitos que pareciam ter origem sobrenatural. Um dia, porém, tiveram os experimentadores a curiosidade de desaparafusar o sifão da pia da sala em que acabava de ser realizada a sessão e encontraram dentro dele um bloco de ferro-cérium, aproximadamente de um centímetro de comprimento. Levantada a suspeita, examinaram na próxima sessão as roupas de Erto, onde descobriram fragmentos de ferro-cérium e pedaços de penas de aço. Além disso tornara-se especialista em libertar-se de toda sorte de laços, amarrilhos e entraves, capazes de lhe tolher os movimentos. Mesmo algemas de polícia, fechadas a chave e que parecia impossível serem retiradas, caíam ao chão, pouco tempo depois de lhe terem sido aplicadas. O mesmo aconteceu com goteiras cirúrgicas fixadas por meio de bandagens simples ou amidonadas, assim como com aparelhos de gesso que lhe imobilizavam os antebraços. De tudo isso libertava-se ele com extrema facilidade, por processos que alguns autores acreditaram ser sobrenaturais, mas que não passavam de habilidade de prestidigitador.

Recentemente, tive ocasião de ver, num jornal cinematográfico, uma mulher executando movimentos surpreendentes com os braços e as mãos, que pareciam até órgãos independentes, de outra pessoa. Era toda a sua arte, mas que chegava para espantar os espectadores. Não havia truques nem mistificações, sendo tudo resultado do treino de músculos e articulações. Imagino o que ela, no escuro, numa sessão espírita, seria capaz de produzir.

Amarrar e segurar o médium: é isso possível ou admissível para quem já assistiu a representações de teatro, nas quais, rapidamente e sorindo, liberta-se o mágico de cordas e laços cheios de nós, que o parecem prender e imobilizar? Contudo, o processo de amarrar o médium de maneira a impossibilitar-lhe movimentos foi muito usado para demonstrar a

intervenção de forças sobrenaturais na execução de telecinesias e materializações. É verdade que, depois, o truque se desmoralizou, passando a ser executado por mágicos em circos e teatros. Os irmãos americanos Davenport foram dos primeiros que conseguiram libertar-se de todo gênero de nós e amarrilhos. Annie Eva Fay, médium de variedades, imobilizada por laços, nós e presilhas, encerrada dentro de uma cabine, conseguia disparar um revólver, tocar cítara, beber um copo d'água, tendo ao seu lado um indivíduo de olhos vendados que, com uma das mãos, lhe mantinha os joelhos e com a outra a cabeça, para provar que estava presa e não podia fazer movimentos. Naturalmente, esses movimentos eram executados com os braços e as mãos, que ficavam fora de controle. O truque principal consistia em conseguir movimentos por deslocação, deixando os laços e as presilhas invioláveis, nos seus lugares. Harry Price mostra que a maneira mais simples para desmascarar processos desse gênero não consiste em aumentar o número de nós e de cordas, mas sim em ligar o médium por meio de fios de seda, que arrebentam quando forçados. Nessas condições, todos os médiuns e especialistas têm desistido de executar experiências de imobilização. Em outros casos, há nós especiais, de que o artista consegue libertar-se com facilidade, conseguindo depois fazer entrar neles os membros tornados livres. Muito empregado em exhibições é “great front twist”, difícil de descrever, mas cujos resultados são impressionantes, pois o artista consegue produzir verdadeiros pandemônios, sendo depois encontrado fixo e amarrado na cadeira. Quando o célebre prestidigitador Houdini faleceu, o “Standard Dictionary” admitiu o verbo houdinise como fazendo parte do idioma inglês, com o sentido de: “conseguir soltar-se de ligaduras, cordas, presilhas, chancelas por meio de contorções”. E talvez não seja preciso mais qualquer palavra para dar a exata significação do fenômeno.

## CAPÍTULO DÉCIMO NONO

*SUMÁRIO: As materializações e os seus grandes médiuns. A história de Ladislau Laszlo. Passes de mágica e a credulidade dos sábios. Miller, o criador de fantasmas. Os truques da levitação. Os sapatos dos médiuns. Nielsen, o rei das materializações anais. A maneira de ocultar os objetos. O homem aquário. Recursos de mistificação. Franz Kluski e as suas moldagens, Guzig e o manifesto dos trinta e quatro. A opinião da Sorbonne. O espírita de Nantes e o espancamento de jornalistas de Paris. Thompson e sua mulher. Indridason, o Mirabelli islandês. Eldred e sua cadeira. Harold Evans, o criador de Santa Catarina. Prêmios que não encontram candidatos: os para materializações e telecinesias.*

**O** MÉDIUM LADISLAU LASZLO teve em Budapeste, durante dois anos, um sucesso imenso, graças às materializações que realizava e que foram verificadas por grande número de médicos e pessoas cultas. Inicialmente, a atenção pública convergiu sobre ele pelo fato de ter assassinado a própria noiva, fazendo-a vir a um hotel, onde, abraçando-a, lhe deu um tiro de revólver pelas costas, que lhe produziu morte imediata. Mas a bala, atravessando-lhe o peito e o coração, foi alojar-se no tórax do próprio Laszlo que, abraçado à noiva, ficou gravemente ferido. Ele atribuiu o ato ao seu segundo eu, que o dominou de maneira demoníaca, obrigando-o à execução daquele ato. Depois de submetido a julgamento, tendo sido absolvido, entregou-se à prática intensiva do espiritismo, sobretudo

como objeto de investigação numa Sociedade de estudos metapsíquicos, formada principalmente de médicos e professores da Universidade. O médium apresentava materializações que lhe saíam pela boca e tomavam formas do corpo humano, cuja realidade supranormal pôde ser demonstrada por meio de numerosas verificações. Basta dizer que ele antes de entrar para a cabine, era completamente despido, sendo examinado rigorosamente, mesmo quanto à cavidade bucal e o interior do reto. Além disso, chegou a ser posto em custódia permanente, sendo observado ininterruptamente por pessoas garantidas, que se revezavam, sobretudo quando lhe deram um purgante para esvaziar o intestino, seguido de uma lavagem do estômago, a fim de ficar suficientemente autenticada a realidade mediunística das suas materializações. Pois bem, depois de tudo isso ter sido bem verificado e, portanto, demonstrado o seu poder sobrenatural, ocorreu qualquer coisa de horivelmente banal. Alguém propôs ao médium um negócio tentador, que ele logo aceitou com entusiasmo: uma viagem pelo continente, financiada por um grupo de comerciantes, durante a qual demonstraria as suas faculdades sobrenaturais. Tornava-se, porém, necessário dar primeiramente uma sessão privada aos financiadores da empresa, a fim de eles próprios se darem conta da situação. Laszlo não teve dúvidas e, logo de início, revelou ao companheiro que tudo aquilo não passava de truques e mistificações, naturalmente muito apropriadas para se ganhar dinheiro. A sessão realizou-se como estava combinado, ninguém devendo tocar no ectoplasma, pois poderia isso ocasionar a morte súbita do médium. Nessas condições, “sob a intensa emoção dos espectadores, que batiam dentes e sentiam arrepios de angústia”, formou-se o ectoplasma, com a materialização de três dedos da mão. Nesse momento, o companheiro da proposta, Eugen Schenk, lançou-se sobre Laszlo e arrancou-lhe da boca, enquanto ele gritava como um desesperado, aquela substância misteriosa e que devia ser sobrenatural. Mas era tudo que havia de mais vulgar e material: um pedaço de gaze impregnado de gordura de ganso! Assim, acabaram-se os mistérios e desapareceram os espíritos! Os truques que Laszlo empregava para ludibriar as suas vítimas se tornaram conhecidos, sendo que a habilidade desenvolvida para realizar os seus intentos constituía a parte mais extraordinária da representação. Apesar de todo o controle, encontrava sempre maneira de escon-

der o material que usava em suas mistificações. Em geral, ocultava-o no reto, bem alto, para não ser encontrado pelo toque digital do exame médico. Mesmo quando tomou óleo de rícino, sendo acompanhado até nos momentos em que ia à privada, conseguiu disfarçá-lo para o usar no momento adequado. Outras vezes, ocultava-o previamente no sofá, nas cortinas, ou em outros lugares do local escolhido, sendo que os próprios fiscais e observadores das sessões eram aproveitados para transporte desse material, sem que o soubessem. Laszlo fazia-o de modo que o bolso da pessoa escolhida, onde ocultava tal material, ficava sempre facilmente acessível às suas mãos.

O caso de Laszlo apresenta ainda uma particularidade surpreendente: a do auxílio que recebia de três pessoas de categoria e que se estava longe de desconfiar pudessem tomar parte nas suas manobras fraudulentas: um médico, um juiz criminal e um artista pintor! Era o mesmo que já havia ocorrido com o professor Bianchi que, numa sessão realizada por Eusápia, em presença de Lombroso, ajudou a médium, assim como com o médium Sambor, que foi auxiliado por um homem considerado de caráter, ao mesmo tempo pintor e escritor e que, durante uma dezena de anos, tomou parte ativa e passiva nas trapaças de diversos médiuns. Klinckowstroem chama a atenção para essa eventualidade, mostrando que os casos em questão ainda prosseguiram sendo explorados por ocultistas, caso os parceiros tivessem sido mais hábeis e cautelosos. Aliás, tal possibilidade é muito mais freqüente do que se acredita, como é fácil verificar dando maior atenção aos auxiliares dos médiuns, em geral, pessoas de presença obrigatória às sessões.

O que há de grave no caso de Laszlo é a convicção de grande número de homens de ciência que acreditavam na autenticidade daqueles fenômenos, cuja origem era tomada como sobrenatural. Era mais uma vez a repetição do que havia acontecido inúmeras outras, sem que fossem tiradas as conclusões e os ensinamentos que daí deviam resultar. Pelo contrário: tudo serviu para reforçar crenças e suposições, penetrando até no domínio da filosofia, como nos casos de Hans Driesch e T. K. Oesterreich, professores de filosofia de Universidades alemãs, que procuraram servir-se de manifestações daquele gênero como elementos fundamentais de seus sistemas filosóficos. No entanto, o que tem acontecido invariavelmente em

todos esses casos é de tudo acabar em trapanças e mistificações, não raro executadas com alta técnica de prestidigitação e surpreendente credulidade dos circunstantes. Miller, que se tornou célebre fazendo aparecer diversos fantasmas ao mesmo tempo e deixando-se tocar pelas pessoas presentes, foi surpreendido em fraude, porque se tornou negligente nas suas manobras, tal a confiança que tinha na boa fé e na ingenuidade das pessoas presentes. Os jornais espíritas, que o haviam glorificado ao extremo, tiveram de calar-se ou reconhecer o erro, como tem acontecido em muitos casos semelhantes.

Quando Eusápia, no Instituto Psicológico de Paris, conseguia fazer abaixar um pesa-cartas sem tocá-lo, mesmo à distância, um dos assistentes enegreceu com fuligem a concha, o braço e o indicador da balança, desconfiando que o processo pudesse ser executado por meio de um longo fio de cabelo que, nesse caso, produziria uma marca qualquer na fuligem. O que aconteceu é que todas as experiências posteriores falharam, não podendo mais Eusápia agir sobre o pesa-cartas, “nem uma única vez”! Com Max Dessoir falhou também experiência semelhante, que consistia em fazer a médium mover sobre a mesa um simples fósforo, sem tocá-lo. Aliás, nesse sentido, foi estabelecido um prêmio de dois mil francos para o médium que conseguisse deslocar qualquer objeto, sem tocá-lo. A experiência, que foi largamente divulgada pelo “Matin”, jornal de grande tiragem de Paris, tendo repercussão pelo mundo inteiro, devia ser realizada no laboratório do professor Dastre, na Sorbonne, mas não apareceu ninguém para submeter-se à prova! Isso foi considerado tanto mais estranho quanto, naquele momento, apareciam comunicações sobre médiuns que faziam elevar no ar, sem tocá-los, móveis e objetos pesando até centenas de quilos, levando diversos sábios a falar de levitação como de qualquer coisa já cientificamente demonstrada. Quando D’Arsonval recebia ordem de Eusápia para levantar uma pequena mesa, fazia-o facilmente, embora, pouco depois, por ordem inversa, não conseguisse mais fazê-lo, pois “a mesa parecia pregada no chão”. Em breve, alguns observadores verificaram que o peso do médium colocado sobre uma balança variava segundo a posição dos objetos que ele punha em movimento em torno de si, tudo de acordo com as leis de física, pois havia diminuição de peso do seu corpo quando se apoiava sobre eles e aumento quando era ele que servia de ponto de apoio. Quando o médium perdia contato com o chão não

conseguia produzir mais fenômenos de levitação! Crookes estudou o fenômeno com aparelhos de física, servindo-se do célebre médium Daniel Home, que conseguia alterar o peso do corpo e tocar instrumentos musicais à distância. Os relatórios são impressionantes, porém, mais tarde, descobriu-se que Home, à maneira do que tem acontecido com todos os médiuns célebres, havia cometido toda espécie de truques e mistificações.

“Para fazer-se uma mesa levantar-se no ar por alguns segundos, são necessárias manobras especiais, sobretudo a de dar-lhe um certo movimento, capaz de fazer mudar rapidamente o seu centro de gravidade, como usam os saltimbancos em suas exibições. Além disso, pode-se ajudar com o calcanhar ou cordões finos, quando a iluminação é pouca intensa. No livro “Around the World with a Magicien and a Jugger”, encontra-se a fotografia de uma mesa no ar e, na figura, não se percebe como pode ter sido isso obtido”.

Uma mesa de pouco peso pode ser levantada por meio de um anel tendo uma pequena fenda. Para isso, o médium enterra um percevejo na mesa, que, tendo a mesma cor do móvel, passe despercebido aos espectadores. Depois, nele engancha o anel e, assim, levanta a mesa, tendo sobre ela as mãos espalmadas. Também, por meio de um anel, tendo um gancho em forma de U e pintado da mesma cor da pele, torna-se possível, enganchando-o na tábua da mesa, levantá-la, mesmo em plena luz, diante do olhar perplexo dos espectadores. O mesmo pode ser feito pelo emprego de um fio resistente e bem fino que o mágico ou o médium faz passar por baixo do móvel ou põe em contato com outros objetos, conseguindo deslocá-los ou levantá-los. O fio comumente empregado deve ser bastante longo, de aproximadamente meio metro de comprimento, e possuir alças largas nas extremidades, para nelas poder o operador facilmente introduzir os dedos, executando movimentos de grande extensão. Um fio de cabelo passa despercebido a cinquenta centímetros de distância e, em muitos casos, a manobra é executada por um auxiliar, que a torna assim mais segura e impressionante.

Uma vez, pegou-se Eusápia servindo-se de uma flor com longa haste, por meio da qual produzia singulares manifestações de telecinesia. Na residência de Gustave Le Bon, em Paris, viu-se por diversas vezes, em quase plena claridade, aparecer

uma mão acima da cabeça dessa médium. Mas, observando as suas espáduas por meio de uma iluminação lateral, que ela não podia perceber, verificou-se que as mãos materializadas eram as da própria médium, que conseguia libertar-se do controle dos observadores, sendo os movimentos das suas mãos conjugados com os dos seus ombros. Quando ela se deu conta dessa verificação, imediatamente deixou de se operar a materialização das mãos. D'Arsonval e Dastre, naquela ocasião, chegaram à conclusão de que todos os movimentos e materializações não passavam de fraudes e acrobacias. O Instituto Psicológico de Paris, por sua vez, não conseguiu observar caso algum em que a fraude não representasse qualquer papel. Com Eusápia aconteceu de, por mais de uma vez, segurarem-lhe a mão ou o pé quando, à distância, realizava contatos de além túmulo. Albert Moll, numa sessão espírita, na qual a gaveta de uma mesa se abriu espontaneamente diversas vezes por influência de forças mediúnicas, conseguiu pegar o pé da médium no momento em que executava a manobra, metendo-o na fenda, atrás da gaveta. Quando, em situação idêntica, Dessoir conseguiu pegar o pé de uma médium, calçado de meia, já tinham os seus companheiros de sessão percebido contatos, que atribuíam uns a punhos de gigante, outros a mãos de criança, terceiros a cabeças de cachorro, etc. O emprego do pé, pelos médiuns, é tão freqüente que um ator descobriu ser hábito de quase todos eles usar sapatos muito folgados. Não é por outra razão que os tecidos para materialização são muito finos, do tipo da gaze e da musselina, sempre vaporosos, de volume mínimo, ocupando espaço insignificante. Basta dizer que um pedaço desse tecido, que pode ser colocado no ouvido ou mesmo na cavidade de um dente, fornece material capaz de tomar enormes proporções. Um autor fala de um tecido oriental, do qual um centímetro cúbico dava um balão de cinco metros de diâmetro.

Não é também por simples coincidência que quase todos os médiuns dados a materializações são mulheres, muitas das quais trabalham de preferência no período da menstruação. Nessas condições, o transporte de material é mais fácil e garantido, uma vez que os processos de controle não podem ser tão rigorosos. De qualquer modo, investigadores científicos têm se queixado de que, na troca de roupa, sempre necessária à boa verificação, há lugar para fraude, porque, em se tratando de

mulher, quando muito ocorre troca de combinação, sob a qual podem estar ocultas outras coisas, por vezes coladas ao corpo ou escondidas nas suas cavidades. Recordemos a história burlesca de Ejner Nielsen, cognominado o grande Nielsen, médium norueguês, célebre, sobretudo, pelos fenômenos de materialização, cuja autenticidade foi objeto de investigação por parte de diversos cientistas. As primeiras experiências foram realizadas na Universidade de Cristiania por uma comissão de professores eminentes, designados pelo Reitor da Universidade, por solicitação da Sociedade Norueguesa de Pesquisas Psíquicas. Essa comissão chamou a atenção para as dificuldades de controle, mostrando ser necessário examinar a fundo o médium, desde a boca, o nariz e a garganta, até o estômago, o ânus e o reto. E isso conscientemente, em todas as sessões, porque ele, cada vez, se punha ao corrente da verificação, encontrando novos recursos para burlá-la. No caso em questão, ficou evidente que as condições das experiências eram estabelecidas pelo próprio médium e os seus auxiliares, o que naturalmente facilitava as fraudes. Nielsen trocava a roupa por um *maillot* que, por segurança, era justo e cosido ao corpo, sendo-lhe examinada a boca, o nariz e a garganta, mas não o reto, por sua expressa proibição. Pois bem, numa das últimas sessões realizadas por essa comissão, encontrou-se um pequeno furo no *maillot* e, em torno dele, assim como em diversos lugares do corpo do médium, pequenas porções de matéria fecal. Foi, aliás, somente nessa sessão que houve aparecimento de ectoplasma, fotografado pela comissão, mas que, seguramente, provinha do material guardado no reto. O médium conseguiu, sem dúvida alguma, libertar uma das mãos para executar a manobra necessária, isto é, levar à boca o que estava oculto no ânus, a fim de produzir as materializações que lhe escapavam da cavidade bucal. O processo de ocultar objetos introduzindo-os no reto tem dado lugar a manobras fraudulentas, que às vezes não são descobertas mesmo quando se faz o exame digital ou retoscópico desse órgão. São conhecidos casos de forçados que têm conseguido levar até o cólon transversal cilindros de extremidades cônicas contendo objetos de valor e que, introduzidos pelo ânus, são conduzidos por manobras externas, feitas com as mãos, até àquela porção do intestino.

A regurgitação vinda do estômago é fenômeno conhecido de há séculos, tendo recebido em medicina a denominação de mericismo, vinda dum verbo grego que significa ruminar. Por

vezes, essa faculdade atinge tal grau, que o seu possuidor chega a explorá-la em exposições públicas, para ganhar dinheiro. Eu próprio tive ocasião de ver um indivíduo dessa classe, que se apresentava em teatros de variedades. Ele vinha à cena com um aquário contendo peixes vermelhos e rãs e, diante dos olhos do público, engolia todos aqueles animais, um a um, e bebia toda a água do aquário, que não era muito pequeno. Depois, fazia subir à boca os animais, também um a um, lentamente, a conversar e sorrir, para preencher o tempo do seu número. E executava tudo isso até com graça e elegância, aparecendo-lhe por exemplo, entre os lábios, a perna de uma rã, por onde pegava o animal, colocando-o no aquário e, assim sucessivamente com as outras e, finalmente, com os peixes. Por fim, a água era esguichada, de longe, como um repuxo, até encher o vaso, onde de novo os animais nadavam calmamente. Interessante é que ele os repunha na mesma ordem daquela em que haviam sido ingeridos. Se a ingestão havia sido iniciada pelas rãs e terminada pelos peixes, eram elas que, pela regurgitação, apareciam em primeiro lugar.

No caso já citado do norueguês Nielsen, antes de ser ele desmascarado, um engenheiro de Berlim, que possuía esplêndido laboratório de pesquisa, chegou à conclusão de que o ectoplasma fornecido pelo médium era autêntico e que os resultados falsos eram obra dos próprios médicos que o observavam! Muito interessante é o fato de Nielsen possuir um dente de ouro que aparecia regularmente nas materializações, assim como também o seu nariz, fácil de reconhecer, apesar dos disfarces. Quando as suas materializações saíam do gabinete, foi possível reconhecer, sob os véus ideoplásticos, as mangas arregaçadas da sua camisa! Depois de tudo isso, é compreensível o ridículo em que caiu esse médium, que recebeu o epíteto de rei de materializações anais, com auréola de martírio...

Por várias vezes, já tem sido chamada a atenção para um fato que se repete em muitas dessas situações: o do médium experimentar com os sábios e não estes com ele, uma vez que as condições das experiências são determinadas pelo médium. Um exemplo muito ilustrativo foi fornecido por Willy Schneider já anteriormente analisado e que recusou a proposta do professor Siegfried Becher, que quis protegê-lo da luz pelo emprego de óculos amarelos, iluminando a sala com luz ultravioleta monocromática. Dessa maneira, o médium ficaria mergulhado em

escuridão completa, não sendo incomodado pela luz, que pretendidamente representa grande estorvo para ele, capaz de impossibilitar o aparecimento de manifestações sobrenaturais. Aliás, as verificações habitualmente empregadas estão longe de corresponder ao que poderia ser estabelecido por médicos especialistas ou mesmo guardas de alfândega quando suspeitam contrabando. Algumas vezes têm sido encontrados médiuns usando calçado de sola e salto ocós; outros munidos de fios, barbatanas e até pinças que se desdobram tais como as usadas por gatunos para apanhar objetos ao longe, tudo isso sem contar guitarras, luvas fosforescentes, apetrechos de papelão negro, mesas e cadeiras especialmente construídas, etc.

Franck-Kluski é o pseudônimo de um escritor polonês, que se tornou médium famoso. As suas produções foram estudadas no Instituto Metapsíquico de Paris pelo seu diretor, o doutor G. Geley. Kluski produzia sobretudo fenômenos luminosos, materializações em parafina e gesso, especialmente de membros. Paul Heuzé assistiu a uma sessão desse médium em Varsóvia e, para corresponder ao pedido de um compatriota, solicitou a Kluski para materializar uma fisionomia. O médium mostrou-se irritado, mas prometeu fazê-lo. Quando tudo ficou às escuras, ouviu-se barulho no vaso de parafina líquida, onde se verificou depois, em vez de fisionomia, uma modelagem de nádegas respeitáveis. Heuzé achou-as idênticas às de Kluski, mas no protocolo da sessão são dados como sendo de uma velha, enquanto um diplomata presente as comparou às de uma criança! Se essa divergência de opinião já é extraordinária, tratando-se de um modelo sólido e bem fixado, maior deve ser a surpresa ao saber-se que Geley atribuiu essa formação a forças metapsíquicas, a uma manifestação ideoplástica, graças à presença de poderes inteligentes na sessão! Tudo isso apesar de haver o próprio Geley declarado que o médium sofrera uma profunda queimadura nas nádegas, que o fez sofrer durante muitos dias!

Nas moldagens mediúnicas, informa-nos Richet, “distinge-se muitas vezes o delineamento de um tecido de gaze lizeira, que protegeria os dedos e o rosto do médium contra o contato direto da argila ou do mastique. Não se pode ver aí uma objeção. Pelo contrário: é antes uma prova de autenticidade das experiências, porque a materialização de tecidos inertes acompanha sempre a materialização de tecidos vivos”. E conclui ingenuamente: “Depois: como manejar e fazer desaparecer essa

gaze nas condições de controle experimental rigoroso que se conhece?”

Outro caso que teve grande repercussão foi o de Jean Guzig, célebre médium polonês especializado na produção de manifestações físicas. O doutor Geley foi observá-lo em Varsóvia e obteve tais resultados que o fez vir a Paris, onde permaneceu durante muitos meses, sendo objeto de investigações em seu Instituto. Nessa ocasião, assistiam às sessões grande número de pessoas eminentes, entre as quais Oliver Lodge, Charles Richet, C. Flammarion, os professores Leclainche e Vallée e diversas outras. Foi daí que partiu o célebre “Manifesto dos Trinta e Quatro”, publicado no jornal “Le Matin” e que produziu grande sensação, pois concluía pela veracidade dos fenômenos observados: “Afirmamos simplesmente a nossa convicção de que os fenômenos obtidos com Guzig não são explicáveis nem por ilusões ou alucinações individuais ou coletivas, nem por uma fraude qualquer.” E, diante disso, acrescentava: “Il marquera une date capitale dans l’histoire de la métapsychique”. Mas, quando Guzig foi posto sob controle de uma comissão de sábios da Sorbonne, formada pelo físico Langevin, o biologista Rabaud, o fisiologista Laugier, o físico-químico Marcelin e J. Meyerson, diretor do Laboratório de Psicologia fisiológica da Sorbonne, as sessões deram somente resultados negativos, deixando de aparecer qualquer manifestação mediúnica. A prova consistiu em pôr sob controle automático as pernas do médium, cujos movimentos não poderiam escapar aos observadores. Isso veio confirmar a denúncia de Max Dessoir que, já anteriormente, havia conseguido pegar o pé do médium, quando executava movimentos telequinéticos por meio dele. Contra as conclusões da Sorbonne foram levantados protestos sob pretexto de estarem baseadas em indícios e não em provas concretas. Mas, depois, em outros centros, puderam ser demonstradas fraudes, até por meio de fotografias. Verificou-se, por exemplo, que um fio elétrico, afastado da cadeira de Guzig e que servia para dar sinais, foi encontrado fora do lugar ao alcance da sua mão. De outra vez, a fotografia pelo magnésio mostrou que ele havia libertado uma das mãos, apesar de continuar fechada sobre a mesa a cadeira formada pelos presentes. Aliás, já se sabia que segurar as mãos do médium, no escuro, de nada vale, como estava demonstrado por numerosas observações.

Um desmascaramento do espiritismo que teve grande repercussão foi o ocorrido em Nantes, na França, onde foram vítimas de espancamento dois jornalistas de Paris, que escaparam de ser mortos dentro da sala das sessões. Tratava-se de um jardineiro boçal, transformado em médium e que, há diversos anos, vinha produzindo fenômenos impressionantes, observados até por pessoas vindas especialmente do estrangeiro, de terras longínquas. Nas sessões, apareciam Napoleão, Joana d'Arc, o próprio Jesus Cristo! Tudo se realizava a portas fechadas, somente com a presença de pessoas garantidas, crentes no espiritismo. Os dois jornalistas serviram-se de convites para outras pessoas e, assim, puderam assistir a uma sessão. Tudo ocorria como nas sessões espíritas habituais. Da cabine do médium partiam gemidos de sofrimento e, logo depois, abriu-se a cortina e surgiu um espírito envolto em véus brancos, tendo o rosto coberto de preto. Uma senhora presente reconheceu a sua filha morta e houve uma cena patética. Num dos movimentos do fantasma, os jornalistas perceberam, atrás dos véus, algo das calças e dos suspensórios do jardineiro. Um deles agarrou-o pelo braço, que era musculoso, de trabalhador, enquanto o outro arrancava-lhe o disfarce, iluminando a ridícula cena com poderosas lanternas de bolso. Aí, a dirigente da sessão gritou que os prendessem, que não os deixassem sair. E, assim, iniciou-se a pancadaria sob os gritos: “À morte, os espiões! matemo-los, furemo-lhes os olhos!”. E foi com dificuldade que escaparam com vida! Os agressores negaram os fatos e, por isso, não houve processo-crime. Por fim, os jornais espíritas ajeitaram a questão à sua moda, até levantando-se contra o Instituto Metapsíquico de Paris, ao qual pertencia um dos agredidos, Charles Quartier, redator da Revista daquele Instituto. E parece que as sessões prosseguiram, tudo como antes do desmascaramento.

Outro caso que teve grande repercussão foi o dos médiuns Thompson, marido e mulher, célebres pelo seu poder de materializações e cujo desmascaramento ocorreu dias depois de haverem realizado uma sessão cheia de sucessos extraordinários, na qual foi materializada a mãe de Arthur Conan Doyle, já falecida. Ela saiu da cabine para saudar o filho que estava presente e lhe beijou a mão, dirigindo-lhe palavras afetuosas. Três dias depois, realizou-se a sessão, a que assistiram um detetive e um policial de Nova Iorque, sendo os resultados publicados no New-York Sunday American de 3 de setembro de 1922, sob o título:

“Como os médiuns fizeram aparecer a mãe morta de Sir Conan Doyle”. A notícia era da autoria do Dr. Leonard Hartman, em cuja casa houve a sessão. O policial pediu que Eva Thompson materializasse uma imaginária “Tia Ema” ao que ela aquiesceu, mas o que apresentou foi tão pouco convincente que os representantes da lei não tiveram dúvida em saltar sobre o médium e o seu fantasma. Enquanto um se apoderava deste, era aquele seguro pelo outro. Quando se acenderam as lâmpadas, foram vistos todos os acessórios usados pelo médium. Além dos seus próprios vestuários, foram encontrados em poder do médium uma roupa de seda preta com que simulava trajes de homem, alguns botões fosforescentes para produzir fulgurações “espíritas”, uma trombeta e um “piano espírita”, pretendidamente tocado por mãos sobrenaturais, mas que, na realidade, se movia por um mecanismo, ao qual se dava corda. Os Thompson foram processados e cada um deles condenados a 10 dollars de multa. É de vantagem acrescentar que o autor do artigo em questão, L. Hartman, era presidente da Primeira Igreja Espírita de Nova Iorque. O nome de Conan Doyle foi, naquela ocasião, explorado pela imprensa americana de maneira pouco favorável, sobretudo em relação à sua obra “A Vinda das Fadas”, de fundo espírita e cheio de fragrantíssimas incongruências.

Haraldur Nielsson, num livro sobre espiritualismo experimental, revela coisas espantosas obtidas com um médium extraordinário, Indridason, que se elevava com a poltrona até o teto, materializava vozes diferentes e que eram ouvidas ao mesmo tempo e, certa vez, conseguiu desmaterializar um dos seus próprios braços, que desapareceu do corpo, como foi verificado pelos circunstantes. É verdade que tudo isso, como era de esperar, se realizava no escuro, tendo ele se recusado a tirar a camisa para que pudessem examinar o ombro, sem o braço! O autor diz textualmente: “O braço esquerdo do médium foi completamente desmaterializado. O braço desapareceu completamente e foi impossível encontrá-lo, apesar de termos feito luz na sala e examinado minuciosamente o médium. Na última noite, foram designadas sete pessoas para verificar esse fenômeno. Fizeram luz em torno do médium, mas a manga estava vazia, como anteriormente. Foi permitido apalpar em redor do ombro, mas o médium não autorizou que o desvestissem”. O autor do livro é professor de teologia na Universidade de Islândia

e Charles Quartier, que o comenta, diz que ele não deve ter percebido as dificuldades do problema, talvez pelo fato da sua educação não ter sido orientada na direção da pesquisa científica.

Um outro desmascaramento, dos mais extravagantes na história do espiritismo, foi o de Charles Eldred, o médium de Nottingham, suspeito por trazer sempre para as sessões uma cadeira da sua propriedade e com a qual foi apanhado em flagrante de fraude. Descobriu-se na cadeira um compartimento secreto, disfarçado no encosto e no qual foram encontrados: um manequim que se podia dobrar, feito de setineta cor de rosa; uma máscara cor de carne; doze metros de seda chinesa branca; dois pedaços de pano fino de cor preta; três bolsas de cores diferentes; duas perucas, sendo uma branca e uma cinzenta; um cabide para suspender os panos, e assim, simular outra pessoa; uma lâmpada elétrica com 4 metros de fio e um interruptor para produzir clarões e luminosidades espíritas; um vidro de perfume; alfinetes, etc. Tudo foi publicado com fotografias, mas isso não impediu Eldred de prosseguir em suas atividades. Harry Price fornece essas informações, no volume 26 do periódico “Light”, onde descreve outros casos idênticos, terminando por repetir a frase de Barnum: “Graças a Deus, também existem tais pessoas”! Harry Price fala ainda de uma sessão paga, a que assistiu, na qual o médium produzia fenômenos fosforescentes por meio de um composto de óleo fosforado. Mas, ao iniciar a sessão, teve a infelicidade de quebrar o vidro do líquido, colocado no bolso traseiro da calça. O resultado foi o médium, ao levantar-se da cadeira, deixar sobre a mesma uma imagem fosforescente semelhante a uma lua cheia e que correspondia ao fundilho das suas calças.

Harold Evans é outro médium que desencadeou grande ruído em torno dos seus poderes sobrenaturais. Chegou a ser cognominado na Inglaterra de “formidável Evans”, tal a beleza e perfeição das suas materializações. Ele declarava que os desencarnados tiravam do seu corpo a substância ectoplasmática, graças à qual conseguiam aparecer às pessoas presentes. As suas próprias roupas estragavam-se rapidamente devido aos processos de desmaterialização que sofriam. E pedia que o examinassem minuciosamente, que verificassem nada haver de suspeito. Depois disso, era amarrado numa cadeira, rigidamente, a fundo. Aí, começavam então as manifestações extraor-

dinárias: toques de campainha, sons de instrumentos musicais, manchas luminosas que apareciam e se transformavam em espíritos, cujo aspecto era variável, diferindo de um para outro. O mais impressionante era o de Santa Catarina, moça, linda, como no célebre quadro de Veneto. Ela tocava as pessoas presentes, abençoava-as, escrevia mensagens consoladoras. O “Sunday Chronicle” havia organizado uma comissão para estudar poderes de médiuns, da qual faziam parte Sir W. Arbuthnot Lane, o célebre cirurgião; o professor Julian Huxley, biólogo de renome; o professor A. M. Low, Aldous Huxley e Miss Tennyson Jesse, romancista; J. C. Wilson, especialista em raios X e Sir Conan Doyle. Foi uma das suas sessões que o médium foi desmascarado, ao ser surpreendido na posição mais ridícula do mundo: pés descalços, sem calça, a camisa sobre a cabeça! Era um verdadeiro homem-serpente, que se havia libertado dos amarrilhos e, depois de representar o papel de Santa Catarina, preparava-se para voltar ao seu lugar na cadeira! Tudo foi descoberto por meio de lanternas elétricas, cuja luz foi projetada sobre o médium. Relatando o acontecimento, o “Sunday Chronicle” estabeleceu um prêmio de mil libras para o médium que produzisse qualquer fenômeno de materialização, sob controle. O mesmo fora feito em 1922 pela revista americana “Scientific American”, que ofereceu um prêmio de 2500 dólares, aproximadamente 50 mil cruzeiros, para quem demonstrasse cabalmente qualquer fenômeno mediúnico. Pouco depois, “Science and Invention”, outra revista americana, estabeleceu o de 10 mil dólares, cerca de 250 mil cruzeiros, para a demonstração de ectoplasmas e materializações. Para o primeiro prêmio apareceu um único candidato e, para o segundo, nenhum. Os resultados foram negativos e a sua publicação deve ter afastado novos concorrentes. A verificação foi feita com extrema facilidade, tendo sido levadas em consideração as exigências do candidato. A prova foi feita na obscuridade, sem algemas ou outros estorvos, não tendo sido acendidas luzes subitamente nem tomadas fotografias inesperadas. O controle consistiu em sinais elétricos, invisíveis, à observação do médium, que funcionavam em compartimentos vizinhos, com marcação exata do tempo. Quando, por exemplo, o médium se levantava da cadeira, dava um passo, fazia qualquer movimento, era isso logo assinalado por lâmpadas que se acendiam, estando inclusas em circuitos pré-determina-

dos. Dessa maneira, foi fácil verificar que todas as manifestações apresentadas pelo médium partiam de manobras por ele próprio executadas, não havendo por trás delas nada de sobrenatural. Foi certamente essa demonstração que tirou o ânimo a outros concorrentes, afastando-os de provas bem remuneradas e que poderiam ser executadas com facilidade, comodamente.

## CAPÍTULO VIGÉSIMO

*SUMÁRIO: As fotografias espíritas: sucessos e mistificações. O processo Buguet. Myers e o marquês de Donegall. Os “extras” de Moss. As habilidades de Mac Carthy. O retrato “supranormal” do filho morto de Conan Doyle. Os característicos das similituras. As materializações de Duncan por regurgitação. A inabalável convicção dos crentes. Os prestidigitadores e as suas mágicas. Os mistérios mediúnicos e a descoberta de fraudes. O interesse material e o prazer das exibições. Mary Toffis e os seus partos de coelhos. O bode do doutor Harry Price, que devia transformar-se em guapo rapaz. Fortuny que desvenda o futuro. Fatos em vez de interpretações. Richet contra o espiritismo. A inteligência como função do cérebro. Richet acreditando em materializações e telecinesias, mas não em levitações. Erro de lógica ou de crença? Um fantasma que respira oxigênio. A história de um pombo algeriano. Explicações. O futuro da metapsíquica e o fracasso de um vaticínio.*

**U**M TERRITÓRIO, no qual o espiritismo sofreu graves reveses, foi o da chamada fotografia espírita. Recordemos um fato ocorrido na França há algumas dezenas de anos, quando essa doutrina adquiria grande número de adeptos, graças à influência pessoal de Allan Kardec, então todo poderoso. Um fotógrafo, Jean Buguet, instalado no boulevard Montmartre n.º 5 e discípulo ardente de Kardec, especializou-se na reprodução de retratos de entes queridos, já desaparecidos. Por 20 francos, que representavam quase uma libra esterlina, fornecia seis có-

pias, nas quais aparecia qualquer coisa do desencarnado, ao lado do parente vivo fotografado. A “Revue Spirite”, fundada por Allan Kardec, publicou muitos desses retratos maravilhosos, acompanhados de atestados entusiásticos dos parentes, procedentes de todas as classes sociais, inclusive sábios, professores e a mais alta aristocracia. A clientela do fotógrafo, assim como a tiragem da Revista, aumentaram em grandes proporções e, por fim, Buguet, conseguindo, servindo-se apenas de retratos que lhe eram enviados, obter imagens de pessoas já falecidas. O sucesso não foi, porém, de longa duração. Dentro de pouco tempo começaram a surgir dúvidas e reclamações, sobretudo pelo fato de nem sempre corresponderem aos desaparecidos as fotografias dos mortos. Num caso, por exemplo, o pai recebeu a fotografia de um horrível velhote, quando o filho morto tinha apenas dez anos; num outro, o cliente indignou-se porque, desejando obter a imagem do pai falecido, não recebeu senão um perfil grotesco, parecendo de macaco. A atenção da polícia foi despertada e, um dia, surgiu um novo cliente que, no momento de bater o retrato saltou sobre o aparelho, apressando-se das chapas ainda não impressionadas. Era um comissário da polícia e a revelação imediata das chapas mostrou a presença de fantasmas, já aí fixados previamente. Uma investigação do local pôs a descoberto uma grande caixa contendo fotografias de cabeças, uma boneca articulada que lhes servia de suporte, uma caveira e outros objetos para as manipulações. Houve procedimento judicial, sendo Buguet condenado, por falcatrua, a um ano de prisão e 500 francos de multa. Parece que esse processo, que teve na França viva repercussão, destruiu aí de vez com os médiuns-fotógrafos, embora tenham eles prosseguido em atividade em outros países, principalmente nos de língua inglesa. A fotografia, em geral, é tirada diante de uma cortina preta, após uma prece ou leitura de versículos da Bíblia, aparecendo, ao lado da pessoa fotografada, nebulosidades que os parentes interpretam como seus mortos queridos. “É difícil dar, por meio de uma simples descrição, a sensação de ridículo e de mau gosto que se sente diante dessas fotografias chamadas espíritas”. Nelas não é raro surgirem animais, flores e outros objetos e seres vivos, cuja presença seria dificilmente explicável pela hipótese dos peri-espíritos.

Caso que teve muita repercussão na Inglaterra, foi o do célebre médium-fotógrafo John Myers, que conseguiu o retrato

de Edgard Wallace, depois de haver este falecido. O marquês de Donegall ofereceu 100 libras a Myers, caso conseguisse obter fotografias desse gênero sob seu controle e o de duas outras pessoas de sua confiança, que comprariam as placas, as colocariam no chassi e, depois, as revelariam. Myers aceitou realizar a experiência, mas sem qualquer pagamento. E, nas chapas, apareceram as imagens de um homem e de duas mulheres, tudo como o médium havia predito. As placas, previamente rubricadas, saíam do bolso do marquês, eram colocadas na máquina fotográfica pelas mãos do seu auxiliar de confiança, que também manobrava o aparelho. Daí, voltavam a outro bolso de Donegall, que, maravilhado, relatou no “Sunday Dispatch” o resultado das experiências. Mas, depois, um aumento das fotografias revelou que estavam truncadas, conseguindo o marquês descobrir, numa verificação posterior, que o médium trocava as chapas. Houve barulho pela imprensa e os jornais espíritas acabaram por admitir que as placas não haviam sido trocadas por Myers, mas sim pelo próprio marquês, que, dessa maneira, procurava desmoralizar o médium. Mais tarde, em 1935, Donegall já estava tão experimentado que conseguiu pôr em ridículo tentativas feitas para obtenção de fotografias espíritas. Para isso, trocou algumas chapas fotográficas, pedindo ao comerciante para vendê-las às pessoas por ele indicadas. Tudo correu como havia sido previsto e o assombro dos participantes foi indescritível. Mesmo os mais céticos tiveram de se render à evidência, pois as provas pareciam irretorquíveis. A verdade só surgiu quando os jornais agitaram a questão, tendo o comerciante revelado o papel que, sem querer, havia representado. Tudo não passou de uma esplêndida brincadeira, que encerra profundo ensinamento, sobretudo para crentes e ingênuos.

Outro caso digno de menção é o do fotógrafo Moss, considerado homem tão sério e honesto, que foi contratado pelo British College of Psychic Science. Era um antigo motorista, que se tornou depois fotógrafo amador. Ele próprio ficou muito surpreso, quando descobriu o poder que possuía para executar fotografias supranormais. Por isso, foi instalado no próprio “College”, onde o seu dom se desenvolveu rapidamente. Muitos parentes reconheceram, nas chapas, os seus mortos queridos. Moss usava as suas próprias chapas, solicitando um ano de espera antes de poder realizar provas com outras previamente seladas. M. F. Barlow, secretário da Birmingham and Midland

Psychical Research Society, convidou Moss para fazer experiências diante dos membros dessa Sociedade, sendo ele próprio perito em pesquisas fotográficas. As provas foram satisfatórias, mas Barlow descobriu que as chapas que apresentavam “extras”, haviam sido retiradas dos seus invólucros. Verificou-se, assim, que Moss, de posse da chana, preparava o fantasma que nela devia aparecer. Armaram-lhe então uma cilada, na qual logo caiu :uma das chapas por ele preparada foi sorrateiramente invertida, de maneira que o espírito devia aparecer de cabeça para baixo! Quando isso aconteceu, Moss viu-se obrigados a confessar o truque, declarando que não possuía poder psíquico algum e que executava aquelas manobras apenas para ganhar dinheiro.

Muito ilustrativa foi uma demonstração que Mac Carthy deu numa sessão da “Society for Psychical Research” de Sheffield, em 1934, na qual apresentou uma série de fotografias, que pareciam demonstrar, de maneira quase experimental, a intervenção de espíritos. A comissão de controle compunha-se de um fotógrafo profissional, um diplomado pela Universidade de Cambridge e outros experimntadores de confiança. Carthy declarou, de antemão, que aceitaria todas as condições que lhe quisessem impor para garantir a autenticidade das fotografias espiritas que iria obter. A comissão escolheu o local em que devia ser realizada a prova, comprou a máquina fotográfica e os filmes que deveriam ser empregados, não permitindo que Carthy os tocasse. Todas as operações relativas ao ato de fotografar e à revelação das chapas foram executadas pelos experimntadores. Mac Carthy foi revistado cuidadosamente, amarrado pelos pulsos e colocado ao longe, num canto do quarto. Pois bem, apesar de tudo isso, pôde indicar as chapas e os lugares em que, nelas, iriam aparecer os extras, isto é, os espíritos fotografados, sendo que alguns deles puderam ser conhecidos por pessoas presentes, membros da comissão. Numa das chapas surgiu um verseto da Bíblia, escolhido pelos experimntadores e escrito num idioma também por eles escolhido: o chinês! Mac Carthy mostrou que existem diversos truques para executar mistificações desse gênero, sendo o mais comum a troca de chapas. Ele próprio, que possui instrução científica, teve muito trabalho para realizar o seu intento. Começou pela procura de fotografias antigas, que tivessem semelhança com parentes mortos dos membros da comissão. Dois extras foram reconhecidos como

sendo, respectivamente, a mãe e um parente de dois desses membros. O extra mais extraordinário foi um verseto-bíblico, em chinês, que ele havia encontrado num livro. Por meio de uma sugestão hábil, muito usada pelos ilusionistas, conseguiu que a comissão pedisse que o verseto a aparecer fosse em chinês. Um eclesiástico presente havia proposto que fosse em hebreu, mas os outros experimentadores acharam que seria mais difícil sendo em chinês! A técnica do truque exigiu trabalho muito cuidado e especializado, estando baseada no emprego de raios ultra-violetas, invisíveis à visão humana. As fotografias dos extras haviam sido reduzidas a microfotografias, cujo volume não excedia a cabeça de um alfinete. O projetor de raios ultra-violetas usado era menor que um dedo mínimo. Carthy não quis indicar onde trazia escondido esse projetor, mas revelou que, mesmo amarrado, se serviu dele, tendo-o fixado num dedo por meio de um anel e que, fazendo certas considerações durante a experiência, para desviar a atenção dos investigadores, conseguiu apontá-lo para as placas a uma distância de aproximadamente 30 centímetros. Os resultados foram tão decisivos que os parentes não tiveram dificuldade em reconhecer os seus mortos. Essa experiência tem grande valor prático, que não precisamos encarecer. “É de vantagem lembrar, porém, que a microfotografia fez, desde então, progressos notáveis, tendo sido largamente empregada em serviços de espionagem durante a guerra. O espaço ocupado pelo pingo de um i de máquina de escrever serviu para transportar mensagens de grande extensão!

Se nos distendemos longamente sobre fotografias de espíritos é porque continuaram elas a ter aceitação em certos meios cultos, sobretudo na Inglaterra. Além disso, parecem-nos a sua análise de utilidade, pois revela-nos particularidades que comumente surgem em outras manifestações mediúnicas. Conhecer detalhes dessa ordem é condição essencial para suspeitá-los ou descobri-los em idênticas circunstâncias. Além disso, revelações desse gênero podem ser motivadas por fatores psicológicos, no sentido de que a lógica e a razão soem ser substituídas pelo sentimento e a emoção. É o que nos mostra o caso de Arthur Conan Doyle, o célebre escritor inglês, cujo filho foi morto na guerra de 1914. No Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris em 1928, houve uma Exposição de documentos espíritas, que visavam demonstrar a sobrevivência do ser humano. O documento que despertou maior interesse foi o retrato “supra-

normal” do filho morto de Conan Doyle, enviado por seu pai e executado por William Hope, médium-fotógrafo, de Crewe. Já antes, em 1923, Hope havia sido desmascarado por Harry Price, que descobriu serem as suas fotografias transcendentais obtidas por meio de trocas de chapas, tudo como aconteceu mais tarde no caso de John Myers, que acabamos de citar. Apesar disso, Conan Doyle apresentou-se como seu ardoroso defensor, o que não é de estranhar, tratando-se de um pai que procurava entrar em comunicação com o seu filho querido, já falecido. Isso é muito humano e digno de todo o respeito. Aconteceu, porém, de uma ampliação da fotografia revelar o truque da execução, pois nela apareceu a rede característica das similigravuras. O doutor Eugène Osty, diretor do Instituto Metapsíquico de Paris, escreveu no entanto a Conan Doyle, mostrando que aquela fotografia não passava de uma impostura. Doyle replicou que Hope era homem de honestidade garantida e que não havia dúvida alguma sobre a autenticidade do retrato psíquico, tirado sob controle rigoroso, sem que o médium tocasse as chapas. Osty propôs uma verificação feita por meio de máquinas fotográficas fechadas, seladas, invioláveis, que seriam enviadas ao médium, em Grevve, devendo daí voltarem a Paris, onde seriam abertas.

O médium recusou-se à experiência, alegando já estar cansado de realizá-las. Apesar disso, não deixou de prosseguir em suas atividades, embora sempre longe das vistas de Osty. E o que nos relata Maurice Maire, acrescentando que nenhum médium-fotógrafo quis ser examinado no Instituto Metapsíquico de Paris.

Aliás, foi o aparecimento do “grão” ou da “rede” das similigravuras, que varia de tamanho segundo a qualidade das reproduções, que permitiu descobrir a mistificação das fotografias espíritas. Quanto mais fina é a sua qualidade tanto menor e menos visível o granulado ou a rede, que nas edições de luxo precisa ser verificado por meio de lentes ou do microscópio. Mas, uma vez descoberto tal recurso de verificação, era natural que os interessados fizessem esforços para a ele se sobreponem. Para isso, empregaram ligeira camada de cera sobre a imagem a reproduzir, conseguindo assim fazer desaparecer a rede de pontos. Também, pelo processo de decalcomania, empregando cera, obtêm-se imagens sem o rendilhado característico, embora

invertidas. Além disso, foram descobertos processos para acertar a iluminação e dar relevo à imagem, tirando-lhe aquele aspecto desagradável que apresentavam as antigas fotografias de mortos. Mas, se a técnica foi melhorando rapidamente, não há dúvida que, paralelamente, foram os resultados obtidos perdendo em valor, pois se tornou fácil reconhecer o que eles realmente representavam.

Harry Price, que estudou particularmente os truques empregados pelos fotógrafos espíritas, mostra que o lugar onde é feita a fotografia, a lente do aparelho, a câmara, o fole, o chassis, a chapa, os banhos para revelação e fixação e mesmo a lâmpada vermelha se prestam a manobras de mistificação, qualquer desses elementos podendo servir para a fabricação de “extras”. Além disso, o fato de muitas pessoas reconhecerem nesses extras os seus parentes e amigos mortos é bem natural, dada a psicologia do ser humano, sobretudo em momentos de sofrimento e desespero. As coisas vão longe que, por vezes, os crentes perdem na sua convicção, mesmo quando os elementos em que se baseiam já foram destruídos ou demonstrados como falsos. Foi o que aconteceu com Moss, cujas vítimas identificaram seus parentes mortos, mesmo tendo ele declarado expressamente em documento escrito, que as havia conseguido, todas, por processos fraudulentos. Outro fotógrafo-espírita, Miss Deane, que empregava truques idênticos e fracassou em provas semelhantes, em vez de confessar o embuste, recusou-se a fazê-lo e, assim, prosseguiu encontrando crentes e adeptos para defendê-la.

Para mostrar a credulidade e a resistência dos espíritas em reconhecer as fraudes das fotografias espíritas, desejamos citar o que ocorreu num tribunal em França, por ocasião de um processo contra um impostor, que usava truques para enganar as suas vítimas. Trata-se de Buguet, o fotógrafo de espíritos cujo caso analisamos no início deste capítulo quando este embusteiro revelou, diante do Tribunal, todos os seus truques, nos quais empregava modelos de cabeça, panos, tecidos, etc. Pois bem, muitas das vítimas convocadas não quiseram admitir que haviam sido logradas. O conde de Bullet declarou que havia ido à casa do Buguet e que, na imagem por este fornecida, pôde reconhecer o retrato da sua irmã morta, acrescentando que estava absolutamente convencido de que se tratava realmente

da sua irmã. Foi-lhe objetado que lhe haviam mostrado o modelo artificial por meio do qual foi obtida tal imagem. O conde respondeu que, para ele, isso de nada valia, pois a semelhança era perfeita, estando convencido da autenticidade do retrato. O promotor apelou para o fato de, durante a investigação, ter sido repetida a operação, executada diante dos olhos do próprio conde, que assistiu às manobras realizadas com o manequim. Mas ele permaneceu firme, asseverando que não se tratava do mesmo “clichê”. O promotor pergunta-lhe o que seria necessário para combater a sua credulidade, uma vez que existiam provas de que os processos nada tinham de sobrenatural, de que os recursos empregados eram fraudulentos, não havendo dúvidas de ter sido ele vítima de ilusões. E apresentou-lhe o modelo da cabeça, por meio do qual tinha sido obtido o retrato da sua irmã. Diante de toda essa argumentação, o conde respondeu muito simplesmente: “Não, isso não se parece com a minha irmã!”

No mesmo processo houve ainda o depoimento da senhorita Marie de Veh, muito semelhante ao do conde Bullet. Também ela foi à casa de Buguet e solicitou uma aparição. Vieram dois espíritos: o de um amigo e o de um tio. O presidente do Tribunal perguntou-lhe se os reconheceu, ao que respondeu que sim, seguramente. O presidente objeta que o próprio Buguet confessou não ser médium e sim, apenas, fotógrafo. E indaga: “Não terá sido uma ilusão da vossa parte?” Ela responde que não, pois os reconheceu perfeitamente! O juiz chama a sua atenção para a caixa de onde saíam os espíritos e que está colocada diante dela, pede que os veja, para que se dê bem conta da situação. E pergunta: “Mesmo assim ainda persiste em acreditar neles?” Ela responde que sim! O pai, que se encontra em companhia da filha, acrescenta: “Todos reconhecemos o retrato e tão seguramente, que exclamamos: É o nosso Charles!” O presidente objeta: “Pois bem, tendes diante de vós a caixa da qual se tiravam esses espíritos”. O senhor de Veh se irrita e apostrófa: “Fizeram-me vir aqui para me dizerem que sou um imbecil?” E a sessão prosseguiu.

Devemos lembrar que isso se passou na França, entre gente da alta sociedade, pois as testemunhas citadas são da aristocracia. Que acontecerá entre nós, por este vasto Brasil, tão cheio de atraso e superstição? Naturalmente, muitas coisas simples,

ridículas, e outras horríveis, dolorosas. Uma boa parte da nossa população vive nas mãos do chamado baixo espiritismo, que é magnífica expressão para classificar tais fenômenos e despertar a desconfiança ou o desprezo com que devem ser tratados. Quando se fala, porém, de baixo espiritismo, não se quer dizer baixo no sentido da classe social, de pobres ou ignorantes, uma vez que compreende até ricos e intelectuais que, freqüentemente, vão colher conselhos mesmo nas macumbas das mais grosseiras e nas sessões espíritas das mais primitivas. O que é impressionante é a confiança, a falta de crítica, a ingenuidade com que pessoas de todas as classes acreditam em infantilidades abracadabrantas, cuja impossibilidade salta aos olhos pelo seu próprio exagero. A literatura espírita está eivada de comunicações dessa natureza, sendo muitas vezes difícil estabelecer onde se encontra a verdade ou se inicia o absurdo. É tão fácil trugar, dissimular, trapacear, que, com um mínimo de habilidade, já se conseguem resultados espantosos. Um mágico das mais insignificantes, desses que perambulam pelo mundo, de cidade em cidade ou de vila em vila, é capaz de executar coisas prodigiosas, incompreensíveis, mesmo para um público desconfiado e que sabe que tudo aquilo não passa de logro e ilusão. Pois bem, que acontecerá com esses indivíduos místicos, ingênuos, dados ao sobrenatural, sedentos de fé e revelações, que formam o cortejo de adeptos de todas as formas do ocultismo? É de admirar que eles, sobretudo eles, se deixem ludibriar ou até contribuam para ser ludibriados? Não está isto de acordo com o seu temperamento, com as suas tendências espirituais, com o papel que procuram representar dentro do universo? Não é por outra razão que tem havido tanta confusão dentro desse terreno e que os próprios sábios têm encontrado dificuldades para estabelecer uma orientação certa, segura. Tem-se verificado que também eles têm sido vítimas de erros e explorações deploráveis, o que os tem levado à desconfiança e mesmo à recusa de investigar tais fenômenos. A história das materializações, dos ectoplasmas, das reencarnações, mesmo da telepatia, das levitações, da vidência, das aparições, da transmissão do pensamento, das ações sem contato, anda cheia de coisas incríveis e absurdas, que são atacadas e defendidas quase com o mesmo ardor, segundo o ponto de vista de cada indivíduo. É nessa confusão de negações e afirmações, de dúvida e confiança, de crença e ceticismo que o leitor se perde, deixando-se levar em direção

falsa ou suspeita, quer por excesso de exigências, quer por mímica de julgamento.

Muito discutido foi o caso do médium Duncan, que durante muitos meses forneceu impressionantes materializações à Aliança Espiritualista de Londres até que Harry Price, diretor do “National Laboratory of Psychological Research”, descobriu os truques, publicando uma longa monografia a respeito, cujas fotografias mostram fraudes das mais grosseiras e primitivas. Nessas fotografias reconhece-se facilmente o tecido empregado, que é um pedaço de gaze, luvas de borracha usadas em cirurgia, e fotografias formando conjuntos, que eram as materializações. Duncan era especialista em regurgitações, processo antigo, explorado em exposições de palco e feiras, mas que, nos últimos decênios, se tornou de emprego muito comum em sessões de materializações. Duncan trazia todo o material guardado no estômago e fazia-o regurgitar pela boca e o nariz, sob forma de materializações. Isso foi verificado por meio de exames de raios X e um médico presente conseguiu cortar um fragmento do ectoplasma, que não passava de gaze comum, habitualmente usada para envolver pacotes de manteiga. Esse ectoplasma “saía pela boca e pelas narinas do médium como festões brancos, que ora se enrolavam em redor do seu corpo, ora se alongavam, encurtavam, mudavam de forma e acabavam por desaparecer pelo mesmo caminho por onde haviam surgido”. Um autor, comentando o livro de Harry Price, diz que, apesar das provas acumuladas e da confissão do próprio Duncan, continuou ele cercado de adeptos. É muito comum negar-se a própria evidência, sobretudo quando põe ela a claro a nossa estupidez ou a nossa ingenuidade, razão pela qual acrescenta que teme pela vida do autor do livro, que poderá tornar-se vítima de algum partidário exaltado do médium, quando, acreditando cumprir ordens do além, será capaz de querer eliminar incrédulo tão injusto e agressivo.

O doutor R. Hodgson e S. J. Davey, membros da “Society for Psychological Research”, de Londres, já haviam demonstrado, em 1886, que todos os médiuns por eles examinados e que vinham acompanhados de referências prodigiosas acabavam revelando fraudes, que lhes destruíam a reputação por completo. A princípio, Hodgson acreditou haver uma parte de verdade nessas manifestações, mas mudou de idéia quando descobriu os truques de Eglinton e de outros médiuns. Na sua opinião, in-

formações de pessoas crentes em espiritismo de nada valem, como mostrou por uma série de exemplos. Mesmo experimentando com pessoas lúcidas e inteligentes, verificou que a maioria não se dava conta dos acontecimentos, como ficou demonstrado pelo relatório que escrevia cada uma logo depois da sessão e que variava enormemente de pessoa para pessoa, mesmo quanto aos pontos mais essenciais. Nessas condições, não é de admirar haver muito cepticismo em torno desses problemas e que pessoas refletidas exijam verificações mais severas e garantidas. Já citamos o exemplo de ilusionistas que executam coisas espantosas e incompreensíveis diante dos olhos do público, submetendo-se a provas que visam demonstrar a autenticidade das suas exhibições. Por exemplo: deixam-se revistar, amarrar, colocar fechos e carimbos de segurança e, quando tudo parece suficientemente seguro e inviolável, fazem aparecer, inesperadamente, sob a luz intensa da ribalta, para gáudio e admiração do público, coisas inacreditáveis e até de grande volume, tais como um aquário cheio de peixes, animais vivos, patos, galinhas, pombos, etc. Que vale, diante disso, uma experiência realizada em escuridão quase absoluta, na qual o médium é amarrado numa cadeira e encontra parafina mole ao alcance da mão para executar uma moldagem? Heuzé refere o caso de um médium que materializava peixes, que deixavam a sua imagem na parafina. O modelo, que era de açúcar, vinha escondido em certa parte do corpo, desaparecendo quando o médium o deplutia. A mágica é por demais barata, porém, muitas do mesmo gênero têm servido para iludir mesmo autênticos homens de ciência. Que dizer desses truques banais, insignificantes, que surgem nas sessões espíritas quotidianas, de objetos que caem ou se deslocam, de contatos e até bofetadas recebidas pelos assistentes, de livros que voam pelos ares, etc? Os conhecedores afirmam que um fio de barbante pode valer mais do que uma algema para prender um médium, tendo sido verificado que muitos deles trabalham com os pés, quando têm as mãos seguras pelos circunstantes. Daniel Home, médium de confiança de lord Lindsay, foi apanhado com o pé fora do sapato, quando simulava contatos do além-túmulo. O doutor Philip Davis relata que Home, às portas da morte, lhe declarou nunca haver encontrado espíritos em seu caminho: “Se deles me servi, foi para dar às minhas experiências uma aparência de mistério. Não! Um médium não pode acreditar em espíritos. É mesmo a única

pessoa que nunca pode acreditar neles!” É nesse mesmo Home que William Crookes depositava absoluta confiança como nos refere Oliver Lodge, em suas “Recordações”, citando as próprias palavras de Crookes: “Durante todo o tempo que passei com Home, num período que durou muitos anos, nunca observei o menor fato que pudesse fazer suspeitar o emprego de qualquer fraude. Ele era particularmente sensível nessa questão e nunca se aborreceu quando alguém procurava garantir-se contra burlas. Algumas vezes, nos primeiros tempos das nossas relações, tinha o hábito de me dizer antes das sessões: “Agora, William, peço agir como se fosse eu um prestidigitador; como se procurasse enganar e fraudar. Tome contra mim todas as precauções que julgar úteis, olhe por baixo e ao redor da mesa, por toda a parte que quiser. Não tenha qualquer consideração pelos meus sentimentos. Não me ofenderei. Sei que quanto mais cuidadosamente for feita a prova, tanto mas profundamente convencerá de que esses fenômenos anormais não são criados por mim”.

Flammarion, no seu livro — “Forces naturelles inconnues” — informa ter verificado que quase todos os médiuns que viu conseguiam burlar. “Je puis dire que, depuis qu’ar ante ans, presque tous les médiuns célèbres sont passés par mon salon de l’avenue de l’Observatoire, et que je les ai à peu près tous surpris trichant”. Tudo isso nos mostra quanto essas manifestações são banais, insignificantes, verdadeiramente ridículas. O ectoplasma, às vezes, está dentro de um saco fino de borracha colado entre ou sob os seios, bastando pequena compressão para fazer aparecer a substância espumante e gelatinosa. Já se tem falado da necessidade de tais fenômenos serem verificados por ilusionistas profissionais, que, afinal, são os melhores especialistas para estudar a questão, os técnicos de maior competência na arte de trucar. O ilusionista Dickson afirma que todos esses fenômenos são falsos e trucados, tendo lançado ruidosos desafios aos médiuns, garantindo ser capaz de descobrir as manobras das suas operações. Mas esses desafios não foram nunca aceitos por nenhum deles! Tem-se afirmado que o menor prestidigitador de uma barraca de feira é capaz de ludibriar facilmente todo um areópago de sábios ilustres, enquanto um ilusionista de profissão dificilmente será enganado por um dos seus confrades. Daí a necessidade de tais experiências serem acompanhadas por prestidigitadores, sobretudo quando se sabe que todos os grandes médiuns têm sido apanhados em delitos

de fraude. Por isso, torna-se também justificado o dilema já levantado: ou os médiuns são de boa fé e estão com a verdade, devendo aceitar por isso ou até solicitar verificações por parte de pessoas entendidas e competentes, ou temem tais verificações por motivos que é fácil suspeitar.

Aliás, representa a presença de um prestidigitador garantia decisiva contra truques e mistificações, como têm acreditado muitos experimentadores? O caso de Eusápia e de diversos outros médiuns, observados em tais condições, bastam para demonstrar não ser isso suficiente. Os prestidigitadores, não conhecendo senão os seus próprios truques, deixam-se facilmente enganar naqueles que ignoram e que julgam não pertencer à sua arte. Na história do espiritismo tem acontecido de, não raro serem eles ludibriados, acreditando em fenômenos que julgam sobrenaturais e que são produzidos por manobras de escamoteação. Max Dessoir, que estudou particularmente o problema, acha ser isso muito natural, porque eles, não conhecendo os truques empregados, ficam tão surpresos quanto os próprios leigos ou mesmo até mais, pois, quase sempre, se julgam superiores, quando não infalíveis na sua arte. Quando conseguem fazer qualquer mágica de certa maneira ou mesmo de muitas, acreditam que é tudo e que o resto deve ser sobrenatural. Mas, muitos médiuns possuem habilidades manuais idênticas, por vezes tão desenvolvidas, que os tornam grandes virtuosos.

Margery, o célebre médium de Boston, foi examinado por Dingwall, prestidigitador de renome, enviado especialmente àquela cidade pela Society for Psychical Research para estudar as suas manifestações mediúnicas. Dingwall, que já havia desmascarado muitos médiuns e confirmado em Munique os fenômenos apresentados por Willy Schneider, relata ao Dr. Schrenk-Notzing o resultado das suas verificações: “É o mais belo caso de teleplastia e telequinésia que conheço. Pode-se tocar livremente o teleplasma. As mãos materializadas são ligadas por fios ao corpo do médium; elas seguram objetos e os movem. As massas teleplásticas são visíveis e tangíveis sobre a mesa, sob boa luz vermelha. O controle é perfeito, inatacável”.

O que é preciso ser ainda considerado é que, em muitos casos dessa natureza, pode o simples interesse material representar papel de grande importância, não raro maior do que há-

bitualmente acreditamos, devidos aos disfarces de que pode ser cercado. Não é raro surpreendermo-nos diante de excessos de crença e convicção, tanto por parte de indivíduos, quanto de instituições, principalmente quando os fatos e os argumentos apresentados se prestam a outras conclusões, por vezes inversas às defendidas. Parece haver, então, qualquer motivo para não se ver ou não se aceitar toda a verdade, caso não seja excesso de fé e confiança em observações ou experiências que não as merecem. Queremos mencionar, nesse particular, a atitude de Harry Price, que se tornou célebre desmascarando médiuns e impostores e que adquiriu competência excepcional para julgar tais fenômenos, sobre os quais acumulou uma biblioteca de milhares de volumes, tornando-se um dos melhores conhecedores dos problemas em questão. Pois bem, mesmo de Price é freqüente encontrarem-se afirmativas em desacordo com a realidade dos fatos, talvez explicáveis pela sua posição de presidente da Society of Psychical Research de Londres. É ele quem nos diz que Eusápia/Palladino fraudava quando lhe era isso possível, mas que produzia igualmente fenômenos mediúnicos verdadeiros. E cita Morselli que conseguiu com ela, em Gênova, a levitação completa de uma mesa, registrada nas condições mais rigorosas de experiências. Refere-se também à Comissão enviada pela Society of Psychical Research a Nápoles para estudá-la e cujos membros verificaram manifestações extraordinárias, como a da mão branca agitando uma campanha atrás da cabeça do médium. Ele acredita que isso devia ser verdade, porque conhecia pessoalmente os membros da comissão, dois dos quais eram prestidigitadores competentes e que não se deixariam enganar... Falando da médium Frau Silberer, de Gratz, na Áustria, disse que teve com ela freqüentes sessões, verificando fenômenos que atingiam os limites do miraculoso, tais como “pseudópodos ou mãos espíritas”, relâmpagos de fogo, brisas psíquicas agitando cortinas, levitações de relógios, canivetes, campanhas, etc. Explana textualmente: “Certa vez, o meu pesado canivete pareceu passar instantaneamente através do tampo de uma mesa da espessura de uma polegada: exemplo da passagem da matéria através da matéria, ilustrando a teoria da quarta dimensão. Em algumas sessões, eu estava sentado ao lado do médium e nada vi de suspeito. Acredito que os fenômenos eram verdadeiros”. Price acrescenta que, na sua observação, há um “mas”, que ele considera muito importante: o de

“não haver sido feito controle algum da médium, sob qualquer forma ou espécie, o que é para deplorar, porque isso tirou aos fenômenos muito do seu valor”. Não é para estranhar tanta brandura e boa vontade em relação à médium de Gratz? Pelo que dela publicou o Dr. Max Kemmerich, de Munique, uma das suas especialidades consistia em fazer aparecer gravada, mesmo em objetos metálicos, como cigarreiras, a palavra “Nell”, que era o nome do seu guia espírita! Essa médium foi examinada durante muito tempo pelo professor Walter, da Universidade de Gratz, que sempre se cercava de acadêmicos e pessoas de responsabilidade. Já vimos que isso não representa, porém, garantia alguma quanto à autenticidade dos fenômenos observados, como o próprio Harry Price pôs em evidência por mais de uma vez. Apesar disso, em uma das suas conferências em Paris, referindo-se ao barão Notzing, afirmou: “Não posso acreditar que Eva tenha sempre fraudado, embora tivesse sido desmascarada pelos professores da Sorbonne. Não posso crer que ela tivesse constantemente enganado o barão von Schrenck-Notzing durante as numerosas sessões que teve com aquela médium, graças à qual obteve fenômenos verdadeiramente extraordinários. Tenho o prazer de conhecer o barão, o homem e o seu método e não posso acreditar que tivesse permanecido cego até o fim, durante meses seguidos”. É a velha história que se vem repetindo desde os inícios do espiritismo e à qual não escapam nem os que melhor conhecem os seus truques. Há aí uma série de problemas a ser estudados, de significação puramente humana e cuja interpretação, sob o ponto de vista psicológico, não parece muito difícil.

Henning chama a atenção para o fato de sábios de renome se terem deixado ludibriar por processos dessa natureza, o que considera lastimável, porque os fenômenos do mediúnismo podem ser obtidos facilmente, sem haver necessidade de se recorrer aos mortos ou ao sobrenatural. Acrescenta que desmascarar os impostores constitui excelente recurso para esclarecer os ingênuos, mas que isso não é suficiente, porque a descoberta de um truque leva logo ao seu abandono e à procura de outros, que o excedam ou substituam.

Max Dessoir fez uma análise psicológica da questão procurando explicar, tanto pela ignorância e a sugestibilidade da massa, quanto pela vaidade e o amor próprio dos médiuns,

a marcha que têm tomado os acontecimentos. Ele julga que, no final, o médium não é o único culpado, mas muitas vezes também uma vítima das circunstâncias, que o transformam num centro de atenção, recebendo homenagens, por vezes até príncipes e professores. Se o ambiente fosse outro é claro que discursos infantis feitos em estado de transe e certas qualidades de escamoteação pouco poderiam produzir. Por isso, Dessoir chega à conclusão que, da experiência adquirida, surge para a ciência um dever: “o de se ocupar mais seriamente dessas coisas, criando em torno delas um movimento de grande extensão. Não devemos esperar até que o acaso ou qualquer tendência pessoal nos levem a investigar o problema dos médiuns; o que devemos fazer, em vez disso, é procurar todas as ocasiões que possam aparecer para estudá-los e desvenerar os seus mistérios, fazendo a maior divulgação possível de tais investigações. Na verdade, já chegou o tempo em que se tornou necessário lançar luz dentro de tão densa escuridão”.

Para mostrar como os fatos se podem desenrolar, queremos citar um caso relatado por Harry Price, numa conferência realizada no Instituto Metapsíquico de Paris. Trata-se de Mary Toffts, de Godalming, na Inglaterra, que ele classifica como um dos exemplos mais curiosos e extraordinários de impostura de que há notícia na história. Mary pretendia que Deus a havia visitado e declarado que, com pequenos intervalos, iria ela dar à luz um certo número de coelhos. Foi em 1726, que chegou o dia do parto e nasceram os primeiros coelhos. John Howard, cirurgião em Guildford, assistiu-a e certificou que não tinha havido truque algum e que os coelhos nasceram por vias naturais. O primeiro parto foi de cinco e, dias depois, nasceram mais três, sendo uns vivos e outros mortos. É fácil, diz Price, imaginar o ruído extraordinário que produziu esse acontecimento, logo assunto obrigatório dos jornais e conversas nos cafés. A nova foi rapidamente espalhada, chegou a Londres e ao conhecimento de George I, que enviou o seu próprio cirurgião e anatomista, Saint-André, a Guildford, a fim de investigar caso tão extraordinário. Depois de uma longa jornada em carruagem, o médico chegou exatamente a tempo de assistir ao nascimento do décimo quinto coelho, parido por Mary Toffts. Os que nasceram mortos foram postos em álcool e enviados ao rei. O cirurgião pôs-se ao lado de Mary, assegurando que, graças a uma série de dados fisiológicos, podia concluir que o nascimento dos

animais era natural, embora não pudesse compreender fenômeno tão estranho. A agitação produzida por essa informação, em Londres, foi imensa, embora muitas pessoas admitissem não passar tudo aquilo de impostura, da qual tinham sido vítimas os próprios médicos. Outras achavam que Mary era um instrumento divino, por meio do qual Deus anunciava uma nova era de milagres. Nessas condições, fizeram-na vir para Londres, onde foi submetida a investigações, que levaram à descoberta da tramóia. Diante disso foi condenada, como impostora e vagabunda, a seis meses de prisão. O processo mostrou que ela recebia os coelhos recém-nascidos de diversos vizinhos, que tomavam parte na mistificação. Price não refere os recursos empregados para enganar os médicos, mas diz estarem minuciosamente descritos nos panfletos referentes ao caso e dos quais possui cópia na sua biblioteca. E conclui que Mary, na época atual, teria sido um médium especializado em materializações de coelhos, cuja fraude foi descoberta pelo fato de ter vindo para Londres, onde não conseguiu encontrar os animais de que tinha necessidade.

Não é compreensível e até evidente que o orgulho, a vaidade, o amor próprio, o desejo de ser mais esperto do que os outros, de se fazer valer, sobressair representaram em toda essa comédia papel de importância fundamental? É muito freqüente querer o campônio rir-se do homem da cidade, ou a ele sobrepor-se mantendo as suas superstições mesmo contra as verdades da ciência. O que aconteceu com Mary Toffts não é nada de muito novo nem de muito surpreendente. Apenas a idéia e a sua execução é que foram extravagantes, inesperadas. Em outros meios e em outros tempos, ocorrem as coisas de maneira idêntica, tendo semelhante significação. Quereis um exemplo bem característico? Tomemos ainda o do próprio Harry Price, quando foi ao Brocken verificar superstições absurdas e que ele próprio, sobretudo ele próprio, de forma alguma podia admitir ter qualquer parte da verdade. Analisemos o que aconteceu e teremos uma noção bem clara de quanto agiu ele à maneira de Mary Toffts isto é, por interesses puramente pessoais, quer por exibição e exaltação da sua personalidade, quer por motivos mais simples, talvez de ordem econômica. Vejamos como se passaram os acontecimentos. No dia 17 de julho de 1932, o doutor Harry Price, diretor do National Laboratory of Psychological Research, de Londres, foi realizar uma experiência incrível no monte

Brocken, no Harz, na Alemanha. Trata-se de uma montanha impressionante pela paisagem selvagem que a cerca, um verdadeiro caos de granito com grandiosas perspectivas, teatro de numerosas lendas germânicas, onde a imaginação popular situou a festa dos demônios e das feiticeiras, que aí se reuniam na célebre noite de Valpurgis. Harry Price quis decidir se executando certos ritos mágicos, podia transformar um bode num ser humano, num jovem rapaz. A experiência tinha de ser feita nessa montanha legendária, para onde partiu o experimentador, acompanhado de uma virgem de coração puro, de um bode de cor branca, levando ainda uma tocha, um bolo de incenso, ungento preparado com sangue de (morcego, raspas de sino de igreja, fuligem e mel, tudo para realizar o encantamento, que tinha de ser feito em latim. Escolheu-se o centenário da morte de Goethe, que teve grande interesse pela magia. Na comitiva tomaram parte 73 jornalistas e 42 fotógrafos, dos quais um cinematografista. Durante uma semana, o universo inteiro foi agitado pelas notícias dessa fantástica excursão, que também apareceu nas atualidades dos cinemas. O resultado da experiência, como o próprio Price declarara esperar, foi absolutamente negativo: o bode não se metamorfoseou em rapaz; continuou sendo um simples bode! A tentativa é grotesca, mas não devemos esquecer que, no terreno da metapsíquica, são freqüentes observações incríveis e ridículas, como mostramos expondo os casos de Mirabelli, Valiantine e grande número de outros. Devem entrar nessa mesma categoria, as experiências realizadas por Pascal Forthuny, no Instituto Metapsíquico de Paris e que tiveram grande repercussão. Tratava-se de estabelecer experimentalmente o poder metagnomônico de Forthuny, cujas faculdades paranormais já tinham sido objeto de muitas investigações. Para isso, na sala de conferências do Instituto, ainda vazia, determinou-se, ao acaso, uma cadeira na qual deveria sentar-se, também por acaso, uma pessoa qualquer, vinda para assistir à sessão. Às duas e meia da tarde é designada a Forthuny a cadeira escolhida, ditando ele então à estenógrafa dados relativos à pessoa ainda desconhecida e que, por acaso, deveria vir ocupá-la. Às três e meia abrem-se as portas e uma multidão precipita-se impaciente em busca dos lugares. A cadeira é ocupada por uma senhora que confirma os dados que haviam sido fornecidos de antemão por Forthuny, quando, antes da sessão, fora a cadeira escolhida por acaso. O Dr. Osty, que

organizou a experiência, mostra que deve haver aí telepatia, mas, além de telepatia, ainda um elemento de premonição, relativo à previsão da pessoa que iria ocupar a cadeira. Não queremos perder-nos em considerações em tomo do fato cuja significação é de tal ordem que ele, por si só, já seria suficiente para demonstrar a existência de grande número de fenômenos metapsíquicos, cuja realidade é tão controvertida. Na experiência em questão, a predeterminação do fato, a sua fixação no futuro, a sua realização de acordo com uma ordem preestabelecida, tudo isso que suprime o acaso e o livre arbítrio, que põe toda a natureza dentro de leis rígidas como as da matemática ou das ciências físicas, tudo isso teria tal importância humana e filosófica que não poderia ser aceito senão depois de provas peremptórias, tão rigorosas e invioláveis quanto as exigidas naquelas ciências. A própria ocupante da cadeira mostrou que uma série de pequenos incidentes poderiam ter alterado o resultado da experiência, desde um mal estar que sentiu em casa e que quase a decidiu a não ir à sessão até quando, no último momento, comprimida pela multidão, procurava encontrar lugar na sala. São justamente essas particularidades que dariam singular significação à experiência, mostrando que ela se operava segundo verdadeira predeterminação. Haveria no mundo coisa mais grave e impressionante, capaz de afetar mais profundamente a vida do homem e dar direção à sua maneira de pensar e agir do que essa tremenda e inesperada descoberta? Os dados são por demais extraordinários para poderem ser aceitos como autênticos antes de provas mais sérias e decisivas. E vieram novas provas, mais bem fundadas, mais demonstrativas? A experiência em questão foi realizada em 21 de abril de 1926 e não me parece que depois disso, tenham surgido novas e probantes confirmações. Não há nisso qualquer coisa de desconcertante, suficiente para levantar dúvidas e desconfianças? Aliás, a literatura concernente a esse gênero de estudos anda impregnada de dados similares, que deixam pressupor a existência de direções predeterminadas, capazes de encaminhar os fatos segundo certas tendências ou interesses. Nessas condições, não é de admirar que as correntes formadas adquiram força e se sirvam de todos os recursos para garantir a sua sobrevivência. Isso não é uma crítica nem uma censura: apenas uma conclusão tirada da observação dos próprios fatos e que, em diversas circunstâncias, muito poderá contribuir para esclarecê-los. Mons-

truosidades de todo o gênero continuam a aparecer em livros e periódicos espíritas, publicadas em abundância em quase todos os países do mundo e que encontram leitores numerosos, não raro até de elevada categoria intelectual. É isso razão para se agitar intensamente o problema, que precisa ser esclarecido em benefício do próprio homem. A soma de fatos e argumentos existentes nessa direção é enorme, embora não estejam eles ainda suficientemente conhecidos e divulgados. Se é muito comum citarem-se nomes de grandes cientistas que se ocuparam da questão para provar a seriedade e a importância da mesma, não é menos comum ser esquecido que o material por eles apresentado já foi invalidado por meio de provas concretas, que justamente demonstraram os erros e abusos de que foram vítimas. Aliás, se podem surgir objeções quanto à aceitação de determinados fatos, não há dúvida que eles, sendo realmente fatos, acabarão por se impor pela força da sua própria realidade. E acontecerá o contrário quando, em vez dessa prova, ficar demonstrada a sua irrealidade. É nesse sentido que tem evoluído a fenomenologia espírita, cujos fundamentos não têm resistido às provas empregadas para confirmá-la. Também, por isso, não vale a pena quebrar a cabeça para inventar teorias, visando explicar fatos que não existem. Se a manifestação ocorre, a primeira coisa a fazer é demonstrar a sua realidade, procurando explicá-la pelas vias comuns e naturais de conhecimento, sem logo apelar para o sobrenatural. É nesse sentido que têm sido cometidos os maiores erros no terreno da metapsíquica, que procura basear-se em fatos, cuja existência não está demonstrada. O que se pode afirmar é que, à medida que os processos de controle progridem, tornando-se mais precisos e rigorosos, paralelamente, vão rareando os fenômenos em questão, que, indubitavelmente, têm marchado para o seu completo desaparecimento.

Além disso, pode verificar-se que os mesmos acontecimentos se repetem periodicamente numa invariável monotonia, parecendo esquecido tudo que já foi demonstrado como falso e que de novo reaparece, produzindo movimentos de grande extensão. No momento atual, por exemplo, há entre nós uma intensa revivescência de velhos processos de mensagens e materializações, cuja irrealidade já foi por demais comprovada. Mas, isso não tem acontecido somente entre nós. Apesar de todas as críticas e desmascaramentos, continuam os fenômenos espíritas a se impor através de todo o mundo, não sendo de admirar que, entre

nós, existam formas mais grosseiras e primitivas. É verdade que, ao lado disso, tem havido muito recuo, mesmo entre os adeptos desse movimento, naturalmente devido aos erros e a insucessos que se têm vindo acumulando. Charles Richet acabou por afirmar categoricamente que não acreditava em nenhum fenômeno espírita: “Os espíritas construíram uma teoria muito coerente, muito interessante, mas que encerrava tantas hipóteses inverossímeis, que eu absolutamente me recuso a admiti-las. Eles procederam muito ingenuamente, um pouco à moda dos selvagens em face das grandes forças naturais, que, não as compreendendo, atribuem tempestades, relâmpagos, chuvas, eclipses, doenças a divindades benfeitoras ou malfazejas. Os espíritas, em presença de fatos não habituais, cuja interpretação é misteriosa, procedem da mesma maneira, atribuindo-os a espíritos, isto é, a forças semi-divinas, onicientes, onipotentes, a almas sobreviventes de defuntos”. Numa discussão havida entre ele e Sir Oliver Lodge, afirmou: “A teoria espírita é prematura e provavelmente errônea”, acrescentando ainda que é frágil, inconsistente, incoerente, porque “tem contra si o estreito paralelismo do cérebro e da memória, assim como a evidente animalidade da inteligência humana. Lodge admite que a teoria espírita é verdadeira, mas eu acredito que ela não está demonstrada nem é mesmo provável”. Por essa razão, já se tem dito que Richet fez a metapsíquica descer do céu para a terra. É ele quem afirma: “Os fenômenos intelectuais estão tão estritamente ligados ao funcionamento cerebral, que me parece, não direi impossível, mas quase impossível acreditar que a inteligência possa ainda existir quando o cérebro foi desintegrado, aniquilado, transformado em poeira. Parece-me terrivelmente absurdo admitir que essa poeira cerebral possa conservar a memória”.

Já anteriormente, havia declarado não admitir a sobrevivência do espírito humano, porque “tudo parece provar que a inteligência é função do cérebro; que ela depende da integridade do aparelho cerebral, da quantidade e da qualidade de sangue que o irriga... A inteligência humana ou animal não pode possuir consciência, memória, sensibilidade, raciocínio, vontade, isto é, os característicos psicológicos humanos, senão enquanto o cérebro existir. Milhares e milhares de experiências estabeleceram uma relação tão estreita entre o cérebro-órgão e a inteligência-função, que não se pode admitir a persistência de

nossa função inteligência sem o órgão cérebro, como também não a da secreção renal sem os rins”. Richet não pretende com isso negar a existência de forças inteligentes sem cérebro, mas conclui que tais forças hipotéticas não estariam na dependência de um substrato material e nada teriam de comum com a inteligência humana.

Em trabalho publicado em 1934, declara que todas as informações que parecem provir de desencarnados são, invariavelmente, de natureza puramente humana. Por essa via, nunca nos foi revelado um fato científico novo! E prossegue: “As personalidades dos mortos agarram-se a brincadeiras ridículas, comprazem-se com jogos de palavras pueris, associam sonoridades como em trocadilhos. Não sei quem disse: “Se a sobrevivência devesse consistir em possuir-se a inteligência de um desencarnado, então, eu preferiria não sobreviver. São apenas retalhos, fragmentos de inteligência e, salvo exceção, de inteligência muito medíocre. Os desencarnados esquecem as coisas essenciais e não se preocupam senão com minúcias que, durante a sua vida, não os teria ocupado sequer pelo espaço de um minuto. Voltar à Terra para interessar-se por um botão de camisa, não é miserável, é inverossímil. Poderoso argumento contra a doutrina espírita”! “Tudo se explica muito simplesmente se se admite que se trata sempre do pensamento do médium, ser humano, muito humano, exclusivamente humano... Ingenuamente, acreditamos ouvir as palavras dum desencarnado, quando, de fato, assistimos às agitações do subconsciente, que se concentram em torno de uma personalidade fictícia”. “Um outro característico das personalidades espíritas é de se cercarem de mistérios, como se o mistério da sua presença não fosse suficiente. Há reticências, subentendidos, alusões veladas que exigem muita sagacidade para se compreender. Elas parecem, em certos momentos, saber muito, mas, no ponto mais interessante, param subitamente e depois se desviam. Tem-se absolutamente o direito de supor que, se elas não dizem mais, é porque nada mais sabem. Raramente é dada a uma questão precisa uma resposta precisa. Se estivessem diante de uma banca de examinadores, não passariam no exame, porque respondem mal. Dão respostas lateralmente. Sem dúvida, é essa a razão pela qual as personalidades dos mortos nunca revelaram nada que não fosse já conhecido dos vivos. E isso representa um argumento desastroso contra a hipótese espírita. Na verdade,

nunca nos fizeram dar um passo em geometria, física, fisiologia, mesmo em metapsíquica! Nunca os espíritos conseguiram provar que, sobre qualquer coisa, soubessem mais que o indivíduo vulgar. Nunca foi indicada uma descoberta inesperada ou feita qualquer revelação”.

Apesar dessas formidáveis objeções, Richet ainda deixa lugar para a sobrevivência humana, embora julgando a teoria espírita “loucamente improvável”, a ponto de não poder aceitá-la. Mas, fazendo tão graves restrições, prosseguiu acreditando na autenticidade das célebres experiências realizadas em casa do General Noël, na Algéria, quando se capacitou da realidade de materializações completas, do aparecimento súbito de objetos inesperados, até de pássaros vivos, tudo pela intervenção de forças metapsíquicas. Uma protagonista dessas sessões revelou que, certa vez, trouxera escondido nas calças um pombo, adquirido por 90 centimos no mercado local e cujo aparecimento, naturalmente, assombrou os circunstantes. Quando se soube da verdade, houve pilhéria pelos jornais, com a insinuação de que muitos algarianos deviam ter invejado a sorte do pombo. Mais tarde, Bailey fazia aparecer pássaros vivos de cor vermelha, que dizia virem da Índia por via transcendental, até que foi desmascarado em Grenoble, quando os comprava num aviário da cidade.

Para Charles Richet, as telecinesias, isto é, movimentos à distância, sem contato, assim como materializações de formas vivas, de objetos e de pessoas são fatos precisos, indiscutíveis, demonstrados experimentalmente, fora de qualquer possibilidade de dúvida ou mistificação. Falando de Eusápia, diz que as suas experiências não foram inúteis: “Todos os sábios, — sem exceção — que experimentaram com ela, ficaram afinal convencidos de que produzia fenômenos autênticos”. “Durante vinte anos, de 1888 a 1908, Eusápia foi submetida, pelos mais sábios experimentadores da Europa e da América, às provas mais rigorosas e às mais perspicazes investigações. E, durante vinte anos, todos esses sábios, decididos a não se deixar enganar, puderam verificar que objetos, mesmo pesados e volumosos, eram deslocados, sem que houvesse contato”.

O capítulo das ectoplasmias ou materializações, no seu Tratado de Metapsíquica, é aberto com as seguintes palavras: “É preciso sempre, na experimentação metapsíquica, pensar na fraude. As outras ciências não sofrem desse mal. Evoluem PA-

cificamente, não encontrando dificuldades senão em relação as próprias coisas, enquanto que os sábios que experimentam com médiuns estão sujeitos a ser ignòbilmente traídos. Por isso, a tarefa é penosa e exige uma atenção prudente e vigilante”. Não é por outra razão que ele acentua “que esses malandros são os piores inimigos do espiritismo e que o interesse de todos nós, que acreditamos na ectoplasmia e na telecinesia, é de aniquilar esses miseráveis”. Richet reconhece que pessoas honradas podem ser de uma credulidade infantil, embora, por outro lado, declare que em muitas experiências não sobra lugar para a fraude. E acrescenta que, saindo da cabine um vulto envolto num grande véu branco, pode-se concluir com certeza que se trata da materialização de um véu branco, desde que o médium esteja na impossibilidade de ter consigo tal objeto. A convicção de Richet é de tal ordem que ele nega a possibilidade de erro ou de fraude nas suas experiências. “É possível essa fraude? Não o creio. Quando penso nas precauções que tomamos todos, vinte, cem, mil vezes, é inadmissível que todos nos tenhamos enganado vinte, cem e mil vezes”. E acrescenta: “Quando certos fatos positivos são evidentes; constituem eles prova formal. Quando Crookes vê, em plena luz, um lápis levantar-se e escrever; quando Ochorowicz vê, em plena luz, uma cadeira aproximar-se dele; quando eu seguro as duas mãos de Eusápia e sinto que uma terceira mão me acaricia o rosto, não há mais dúvida possível, a demonstração é válida per se”.

Falando de dúvidas quanto às materializações de roupas e objetos, diz Richet haver nisso uma resistência injustificada, que traduz apenas ingenuidade, “porque a materialização da mão não é nem mais fácil nem mais difícil de compreender que a de uma luva que a veste. A materialização não se opera somente quanto ao corpo humano, mas igualmente quanto aos objetos inanimados. Há formação, não somente dum corpo humano, mas também das roupas e dos objetos... Parece que essa materialização de roupas prejudica a hipótese de um ser humano morto que se materializa. Já é inverossímil a reconstrução total dum corpo que foi destruído pela putrefação ou desagregado pela incineração. Como último recurso, poder-se-ia formular a hipótese absurda de um *corpo astral*. Mas seria loucura admitir que também as roupas, o chapéu, os óculos, a bengala do defunto, possuíssem o seu corpo astral. Parece-me mais simples e mais razoável constatar sem compreender, reconhecendo que qualquer

explicação está condenada ao ridículo”. Richet confessa que, quanto à substância das materializações, a nossa ignorância é horrível, dolorosa. “Certos fatos, aliás muito raros para permitirem uma conclusão definitiva, permitem supor que essa substância das materializações, vaporosa, úmida, gelatinosa, pode sobreviver à materialização. Katie deu uma mecha de cabelos a Crookes. Eu guardei os cabelos que Phygia permitiu que ou cortasse da sua cabeça, exatamente como Katie o havia consentido a Crookes. Madame Esperança permitiu aos assistentesl cortarem pedaços do pano que a envolvia”. Richet afirma que a materialização das mãos é absolutamente certa, assim como do rosto e do corpo, embora menos freqüente. Num outro lugar da sua obra, diz: “Certamente, é penoso chegar sempre, com conclusão final, à incerteza. Mas, felizmente, não há incerteza senão quanto à teoria, porque o fato em si, isto é, a materialização e a telecinesia, não pode ser contestado”.

“Que uma força mecânica, de natureza desconhecida, eman do corpo humano para mover uma mesa e sacudir por meio de pancadas as tábuas dum soalho é, em rigor, ainda compreensível. Mas, que essa força produza sonoridades verbais, luzes, formas humanas vivas, eis o que ultrapassa todas as concepções. Uma mão quente e viva, uma boca que fala, olhos que miram e um pensamento que vibra, como o fazem a mão, a boca, os olhos e o pensamento de uma pessoa humana, são fenômenos que confundem”. E, afirmando isso, reconhece que “para fazer um fisiologista, um físico, um químico admitir que pode sair do corpo humano uma forma que possui circulação, calor próprio e músculos, que exala ácido carbônico, que tem peso, que fala e pensa, é necessário pedir-lhes um esforço intelectual, que é verdadeiramente muito doloroso”. Mas, conclui, grifando as próprias palavras: “*Sim, é absurdo; mas pouco importa: é verdade*”.

Quanto às levitações, é estranho que o próprio Richet, depois das provas dadas por Home, Stainton Moses e outro médiuns, não as admita como suficientemente demonstrativas. “Apesar da autoridade e do número das testemunhas, parece-me que a ciência, a inexorável ciência, não tem o direito de, presentemente, considerar a levitação como um fenômeno demonstrado. Para admitir um fenômeno científico como demonstrado, é preciso ser tão severo com as provas quanto se se tratasse de

condenar um homem à morte, baseando-se em provas de culpabilidade”. E conclui que muitas pessoas julgarão essa hesitação como excessiva, mas que ela servirá para dar mais força à sua afirmação absoluta quanto à existência das materializações e telecinesias. E afirma: “As telecinesias são fatos provados e as ectoplasmias estão demonstradas”. E, mais além, pergunta: “Como, sem ser voluntariamente cego, negar os fatos produzidos por Home e por Eusápia?”

Stainton Moses, Eglinton, Eusápia, Home e muitos outros médiuns serviram-se de fraudes para pôr em prática os seus poderes mediúnicos. Se Richet tem, porém, dúvidas quanto à realidade da levitação e também da escrita direta, que dizer da sua convicção ou da sua crença relativa a muitos outros fenômenos da chamada metapsíquica? Não nos esqueçamos de que ele, até o final da vida, manteve a sua opinião quanto à realidade das materializações, mesmo quanto àqueles ridículos fenômenos da vila Carmen, onde se capacitou da existência de um fantasma vivo, cujo pulso batia e que possuía o calor do corpo humano, usava um capacete militar, conversava com as pessoas presentes e respirava oxigênio! O fantasma materializado sob os seus olhos tinha, segundo a sua própria descrição, “tal aparência de vida. que, ouvindo a sua respiração imaginei a seguinte experiência: tomei um frasco cheio de água de barita e procurei verificar se, respirando, produziria o fantasma, como os seres vivos, ácido carbônico, capaz de turvar a água de barita. Pois bem, a experiência deu resultado positivo. E eu não tirei os olhos do frasco desde o momento em que o pus entre as mãos do fantasma que, no ângulo esquerdo da cortina, parecia flutuar no ar”. Richet acrescenta que, no momento em que a água de barita se turvou, gritaram “Bravo”! o que levou o fantasma, que havia desaparecido, a voltar três vezes para saudar a assistência, levantando e abaixando a cortina, como um ator que houvesse representado bem o seu papel!

Depois de tudo isso, como pôde Richet negar a existência de espíritos, levantar-se contra essa doutrina, admitindo que a inteligência não pode existir independente do cérebro? Não verificou ele a presença de mãos vivas, quentes, macias, humanas, que manteve entre as suas próprias, esperando que se desmaterializassem? Não cortou e não conservou uma mecha de cabelos louros, finos, sedosos, tirados de uma materialização que depois se esvaeceu diante dos seus olhos? Se tudo isso é possível,

porque não admitiu ele a materialização de um cérebro, dotado de toda a sua mentalidade? Não há nisso uma grave incongruência, um erro de lógica e de crença? A vaidade, o amor próprio, o complexo de superioridade, são fatores que podem explicar o fato, conservando arraigada qualquer das nossas convicções, mesmo quando a sua irrealidade já foi demonstrada com um excesso de provas. A obra de Richet é característica nesse sentido, sobretudo quando ele defende as materializações vivas de órgãos e pessoas humanas, negando a possibilidade de sobrevivência do seu espírito. “Esta formação ectoplásmica à custa do organismo anátomo-fisiológico do médium encontra-se agora fora de qualquer dúvida, embora sendo prodigiosamente estranha, prodigiosamente inabitual, prodigiosamente inverossímil. No entanto, somos forçados a nos render à evidência dos fatos. Estou convencido de que, em vinte e cinco anos, a ciência oficial clássica admitirá a telecinesia e a ectoplasmia como fenômenos incontestáveis. A transformação profunda de idéias que se operou em relação a essa questão nos vinte e cinco últimos anos autoriza-me tal convicção”. E o que aconteceu, afinal, nesse espaço de tempo, que já decorreu desde que Richet externou a sua predição? Exatamente o contrário do que ele havia vaticinado! Todas as provas e argumentos convergiram para demonstrar a irrealidade tanto da telecinesia, quanto da ectoplasmia. O que é, em todo o caso, de estranhar, é haver Richet conservado a sua convicção por tanto tempo, preso às suas passadas e ridículas observações, quase cego à luz que jorrava de todos os lados. Porque essa persistência, essa obstinação em manter determinados pontos de vista, quando ele próprio se deu tão bem conta da realidade diante de outros fenômenos idênticos? Naturalmente, tem isso a sua explicação natural e psicológica, muito aproximada daquela que levou Price a querer transformar um bode em rapaz ou da mulher que se especializou em parir coelhos.

## CAPITULO VIGÉSIMO PRIMEIRO

*SUMÁRIO: Mediumismo científico. O caso da Senhora Piper e as convicções de William James. Oliver Lodge e o seu filho Raymond. Opiniões de Hans Driesch, Carrel, Bergson, Thomas Mann e outros autores. Sinceridade e honestidade. Objeções e explicações. A futilidade das mensagens espíritas. A imaginação e os fenômenos espíritas. Comunicações cruzadas. Eusápia na Itália e na Inglaterra: triunfos e fracassos. Rope Climbing. Truques de prestidigitação. As mágicas de Davey e de diversos escamoteadores. Perigo para os sábios. No mercado de Tanger. Mistificações. O faquirismo e o ocultismo do Oriente. O Tibet e a nossa metapsíquica.*

**S**E OS FATOS APRESENTADOS nos capítulos anteriores podem aparecer superficiais, destituídos de importância, talvez ridículos pelo seu disparate ou pela sua insignificância, não é certamente isso culpa do autor, que não fez senão expô-lo objetivamente. E se o foram de maneira tão explícita e minuciosa, é porque, na prática, se passam freqüentemente assim, não só entre leigos e neófitos, mas também entre conhecedores e adeptos da doutrina espírita e mesmo entre sábios que se ocupam de problemas metapsíquicos. São os fatos, no entanto, sempre tão superficiais, tão pouco fundamentados, tão mal observados? Naturalmente, existe material de melhor aparência, investigado cientificamente, mesmo sob o ponto de vista experimental. O caso da senhora Piper, médium americano, é talvez o mais célebre que tem existido nesse sentido, pois foi bastante estu-

dado, sobretudo experimentalmente, por sábios de renome universal, como William James, Hodgson, Newbold, ao lado de Oliver Lodge e outros. Os fenômenos que se passavam com esse médium eram os seguintes: quando Piper caía em estado hipnótico, era o seu corpo usado por espíritos, que se serviam da sua voz para falar e da sua mão para escrever. Nas sessões, esses espíritos apresentavam-se como parentes ou amigos mortos das pessoas presentes, às quais comunicavam fatos desconhecidos ou já esquecidos, passados entre eles, já mortos, e as pessoas que assistiam à sessão, ainda vivas. William James, professor da Universidade de Harvard e um dos mais célebres psicólogos modernos, conta como foi bater à porta de Piper, interessando-se pelos problemas em questão que, já então, não gozavam de boa reputação. Isso aconteceu, como é quase sempre o caso, por interferência de parentes e amigos, que lhe contaram maravilhas sobre a médium. A sogra do psicólogo, que fora vê-la por simples curiosidade, voltou assombrada com os resultados, principalmente em relação a nomes e prenomes de membros da sua família. Em seguida, é uma cunhada que vai procurar a vidente, levando-lhe uma carta escrita em italiano, cujo autor não era conhecido senão por duas pessoas em toda a América. Piper colocou a carta sobre a testa e descreveu rigorosamente as condições em que vivia a pessoa que a escrevera. William James, interessado por esses fatos, resolveu examinar a vidente pessoalmente, procurando-a sob falso nome, a fim de não lhe fornecer qualquer material para orientação. Mas, mesmo assim, tudo ocorreu como fora anunciado, pois também as informações que recebeu foram extraordinárias, fora de todas as suposições. Por essa razão, decidiu entregar-se à investigação do caso, chegando a conclusões positivas, não quanto à existência de espíritos, mas sim quanto ao fato da senhora Piper possuir faculdades supranormais. Ela conseguia dar-se conta de coisas e fatos fora do alcance normal dos sentidos; diagnosticava doenças de maneira incompreensível; descrevia pessoas, servindo-se apenas de objetos que, no presente ou no passado, lhes haviam pertencido; finalmente, dava informações quanto a acontecimentos da vida de parentes e amigos dos que a consultavam. De uma vez, William James havia procurado em vão por um livro desaparecido, mas Piper descreveu tão bem o lugar em que ele se achava, que pôde ser logo encontrado. E James relata que isso se repetiu diversas vezes com ele próprio, em relação a coisas que ignorava.

Baseado em sua observação, conclui que Piper, no estado de transe, tem conhecimento de fatos, dos quais, de forma alguma, poderia dar-se conta ou ter ouvido quando acordada. Ele se exprime nos seguintes termos: “Para mim, o raio caiu! e não somente se enfraqueceram as presunções em favor da crença ortodoxa, mas a própria verdade dessa crença foi posta por terra de uma maneira decisiva. Para empregar a linguagem dos profissionais da lógica, direi que uma proposição universal pode tornar-se falsa por um só exemplo particular. Se vos afirmarem que todos os corvos são pretos, e quereis destruir esse preconceito, bastar-vos-á apresentar um único corvo branco. Meu único corvo branco é a senhora Piper. Quando esse médium se encontra em estado de transe, não posso furtar-me à convicção de que revela conhecimentos que não pode ter adquirido normalmente pelo uso habitual dos seus olhos, dos seus ouvidos ou da sua razão. Ignoro a origem desses conhecimentos e não encontro para eles qualquer laivo de explicação, embora, de forma alguma, possa recusar admiti-los como fato. . . Sábios e os que não o são, vivemos todos sobre qualquer plano inclinado de credulidade, que para uns pende para um lado, enquanto para outros para lado diferente; que aquele, cujo plano não se inclina para lado algum, nos atire a primeira pedra! De fato: os fenômenos de transes, dos quais tenho falado, destruíram em meu espírito as fronteiras da ordem natural admitida. Eu desejaria que a ciência lhes desse um lugar definitivo. Dessa maneira, satisfaria uma das minhas mais urgentes necessidades intelectuais. A ciência, como a vida, nutre-se das suas próprias ruínas. Os fatos novos quebram as velhas regras e as concepções recentemente consagradas vêm reconciliar então, numa mesma lei, as teorias passadas com as presentes”.

A convicção de James parece inabalável, pois julga necessário confessar estarmos diante de uma maravilha, que precisamos decidir se é de ordem física ou moral. “Do lado físico, o problema consiste em saber se é possível obter conhecimentos do gênero indicado sem fazer uso dos olhos e dos ouvidos. Do lado moral, a maravilha consistiria em uma espécie de fraude, tão perversa e bem sucedida, que não poderia haver nada de semelhante” É possível, porém, que o dilema estabelecido por James não seja inteiramente exato em nenhuma das suas proposições. É verdade que os fatos referidos pelo psicólogo americano tornaram-se de conheci-

mento geral, recebendo confirmação de outros homens de ciência. Oliver Lodge, o célebre físico inglês, que também experimentou com Piper, enviando-lhe pessoas sob falsos nomes, diz estar convencido de que ela, no estado de transe, consegue conhecimentos que não podem ser obtidos pelos recursos habituais. Lodge acrescenta, porém, que os fatos então referidos são, em geral, do conhecimento de alguma pessoa presente à sessão, embora, não raro, já completamente esquecidos. Em outros casos, havia revelações confirmadas posteriormente e que pareciam totalmente desconhecidas das pessoas que assistiam às sessões. Mais tarde, Oliver Lodge, em suas “Recordações”, conta que, depois das experiências com Piper, ficou “completamente convencido não só da sobrevivência humana, mas também da faculdade que têm os desencarnados de poderem comunicar-se com as pessoas que ficam sobre a terra”. A sua convicção foi de tal ordem, que passou a falar dos mortos em tom de afetuosa camaradagem, como se estivessem ainda vivos. É nesse mesmo livro que diz: “Finalmente veio a guerra. Meu filho Raymond alistou-se. No fim de um ano, Myers, que já havia morrido, enviou-me uma mensagem por intermédio da senhora Piper, anunciando-me uma desgraça, mas que iria tomar medidas para torná-la menos cruel. Pouco tempo depois, veio o doloroso telegrama com a notícia da morte do meu filho. Eu me pus em relação com outros médiuns. Raymond entrou em contacto comigo e disse-me que Myers havia sido a primeira pessoa que encontrara no outro mundo e que o havia adotado, até que nós nos pudéssemos reunir. Não foi este o último proveito dos muitos que obtive da minha amizade com esse homem notável. Foi ele o primeiro a quebrar o meu ceticismo e que me demonstrou quanto a hipótese da sobrevivência era razoável. Foi ele quem me tornou essa doutrina evidente, embora já estivesse eu convicto da sua realidade. Além disso, depois que não vive mais na terra, tem-se ainda preocupado em me guiar em muitas circunstâncias. Ele me tem dado sinais indubitáveis da sua persistente afeição e, aqui, desejo apresentar-lhe o meu sincero reconhecimento”. O professor W. R. Newbold, da Universidade de Filadélfia, que também investigou pessoalmente o problema, chegou a idênticas conclusões, admitindo que os conhecimentos de Piper não eram alcançados por meio de recursos normais, nem havia qualquer fraude em suas revelações. William James disse textualmente:

“O que quero atestar imediatamente é a presença de um conhecimento verdadeiramente sobrenatural, isto é, de um conhecimento cuja origem não poderia ser atribuída às fontes ordinárias de informação, isto é, aos nossos sentidos”. O professor Hans Driesch, moderno filósofo alemão, tem, sobre a questão, opinião idêntica: “Por meio da clarividência, certos indivíduos se dão conta de circunstâncias ocultas ou longínquas dos fatos e, por meio da telepatia ou da leitura do pensamento, descobrem o que se passa em almas de pessoas desconhecidas, sem que, tanto no primeiro como no segundo caso, possa tratar-se de qualquer conhecimento adquirido pelos órgãos dos sentidos”. E Driesch acrescenta: “A metapsíquica não tardará a se tornar o centro de todas as ciências e de todas as filosofias”.

Falando da clarividência de Piper, Richet externa-se nos seguintes termos: “e, para afirmar esse poder misterioso da nossa inteligência, não tivéssemos senão as experiências realizadas com esse médium seria isso largamente suficiente. A prova está dada, e de maneira definitiva.” Mas, ao lado dele e de outros sábios partilhando idêntica opinião, apareceram muitos outros, tais como Weir Mitchell, James, Marck Baldwin, Trowbridge, Eliot Norton, que chegaram a conclusões muito diferentes. De qualquer forma, não é muito lógica a conclusão de Richet quando postula: “Mesmo se admitirmos — o que é bastante absurdo — que três quartos dos fatos apresentados são errôneos, não há dúvida que sobra uma série de constatações que desafia qualquer crítica e que demonstra de maneira absoluta essa estranha faculdade do homem, de possuir conhecimentos que não lhe são trazidos pelos seus sentidos normais”. Pois bem, depois disso, o quarto dos fatos que Richet acreditou poder servir de base à sua convicção também não teve confirmação científica.

Em relação ao caso Piper, Max Dessoir pergunta: “Se não há fraude, o que há então?” E refere que Piper conseguindo cair em estado hipnótico, fala rapidamente, com frases entrecortadas, gaguejando, balbuciando, soletrando, com voz e de maneira muito diferentes do seu habitual. Era também em condições idênticas que escrevia automaticamente, acreditando sempre que estava sob a ação de espíritos invisíveis, que se serviam das suas mãos e da sua boca como de simples instrumentos. Dessoir mostra que Piper iniciou a sua mediunidade

estritamente à moda americana daquela época, isto é, inspirada pelos espíritos de uma Índia e de grandes homens, entre os quais Bach e Longfellow. Além disso, recebeu o seu próprio guia de um outro médium, em casa do qual conheceu o espiritismo. Tudo, portanto, muito de acordo com a rotina habitual. O principal, porém, é que todas as suas revelações não passavam de aproximações e interpretações, não raro imprecisas e com grande coeficiente de erros. Quando se trata de qualquer coisa importante e que podia valer como um argumento decisivo, podia-se garantir que o fracasso era inevitável, “A trivialidade da maioria das comunicações devia, de qualquer modo, tornar-se objeto de cogitações. Na realidade, não teria o espírito de uma mãe nada de melhor a dizer ao seu filho vivo do que lhe relatar que a sua fotografia fora mudada de lugar?” Dessoir chama a atenção para o seguinte exemplo, relativo às revelações de Piper: um “espírito” confunde seu pai com outra pessoa do **da maioria das comunicações devia, de qualquer modo, tornar<sup>1</sup>**-necidas: participação na guerra, perda de um dedo, etc. Pois bem, essas informações eram falsas e absurdas caso fossem atribuídas ao pai em questão. Dessoir julga que as informações obtidas secretamente estavam certas, mas que Piper as confundiu e trocou. Outros autores têm mostrado que os médiuns “pescam” muita coisa falando baixo ou confusamente, sobretudo quanto aos nomes próprios. O mesmo acontece em relação à leitura da escrita automática, cujas partes confusas ou ilegíveis, interpretadas pelos interessados, constituem esplêndida fonte de informação para o médium.

Richet, depois de estudar largamente o que foi por ele classificado de criptestesia, conclui sem admitir qualquer dúvida, pela existência de uma faculdade de conhecimento fora do que nos é facultado pelas nossas vias sensoriais ordinárias. “No momento atual (1921), não é mais permitido duvidar dessa questão, que se tornou uma noção quase banal, que, dentro de pouco tempo, tornar-se-á clássica e admirará haver sido tão desconhecida, tão ridicularizada, tão negada por toda a ciência oficial. Que me seja permitido lembrar, com algum orgulho que, em 1888, já havia eu afirmado claramente esse fato estranho, que hoje domina toda a metapsíquica subjetiva... Eu não tenho nada a mudar em relação ao que disse em 1888, a não ser que essa afirmativa, que parecia terrivelmente temerária, está em vias de ser unanimemente aceita, sobretudo por H. Sidwgick

---

<sup>1</sup> Erro de impressão do livro, tornando este trecho ininteligível (Nota do Revisor).

e Oliver Lodge. Amanhã, ela parecerá tão simples que não se acreditará ter havido temeridade em sustentá-la. O fenômeno da criptestesia é tão certo quanto todos os fatos averiguados, reconhecidos pela ciência. Para negar a criptestesia seria necessário rebelar-se contra tudo que é demonstração científica”.

Carrel, no seu livro — “O Homem, este desconhecido”, que teve tanta repercussão, afirma “que a metapsíquica nos dará talvez sobre a natureza do ser humano informações mais importantes que a psicologia normal”. “Os resultados das experiências dos espíritas são de grande importância, embora a interpretação que eles próprios delas fornecem seja de valor duvidoso. Sabemos que o espírito de um vidente é capaz de apreender tanto o passado quanto o futuro. Para ele, não há segredo algum. Por isso, é impossível distinguir, no momento atual, entre a sobrevivência de um princípio psíquico e um fenômeno de clarividência mediúnica”. Carrel conclui que investigações desse gênero não devem ser feitas por sábios e filósofos, que correm perigo saindo do seu domínio, como já tem acontecido com alguns do maior renome. “Somente os médicos, possuidores de um profundo conhecimento do homem, da sua psicologia, das suas nevroses, da sua aptidão para a mentira, da sua susceptibilidade à sugestão, da sua habilidade em prestidigitação, estão qualificados para estudar tais fatos”.

Bergson, na conclusão do seu livro — “Les deux sources de la Morale et de la Religion”, explica: “Se se põe, por exemplo, em dúvida a realidade das manifestações telepáticas, depois de milhares de depoimentos concordantes recolhidos sobre elas, então, o que se deverá considerar como inexistentes aos olhos da ciência é o próprio testemunho humano. E, nesse caso, o que aconteceria com a história?”

O grau de convicção é, freqüentemente, de tal ordem, que o observador acredita encontrar-se diante da verdade absoluta, sem qualquer possibilidade de erro ou de dúvida. Gustavo Geley afirma categoricamente: “Eu não digo: nesta sessão não houve fraude, mas sim: nela não havia qualquer possibilidade de fraude”. E o escritor Thomas Mann, também presente à sessão, concorda com Geley, acrescentando que era obrigado a reconhecer pela razão o que a própria razão considerava como impossível. “Depois do que vi, julgo do meu dever atestar que, nos experimentos a que assisti, deve afastar-se, tanto quanto é

humanamente possível, qualquer possibilidade de fraude mecânica e ilusões de prestidigitação”. Tudo isso é referido em relação ao médium Schneider, considerado por Schrenck-Notzing, Hany Price e outros autores como o maior médium da sua época, tendo sido submetido aos mais rigorosos controles, sobretudo por meio de dispositivos elétricos. O professor Eugen Breuler, no prefácio do livro póstumo de Notzing, sobre Schneider, declara que este nunca deu lugar, sequer, a uma suspeita ou possibilidade de fraude. E relata que Herry Price, em Londres, conseguiu fotografar, nos momentos mais críticos, fenômenos telequinéticos por ele produzidos, afastando assim qualquer suspeita de truque. Eugene Osty, em Paris, chegou a conclusões idênticas, verificando os resultados por meio de raios infra-vermelhos, invisíveis. Breuler conclui que Schrenck-Notzing forneceu a prova decisiva da realidade dos fenômenos de mediunismo físico, graças às experiências que realizou com Rudi Schneider, quase até às vésperas da sua própria morte, ocorrida em consequência de uma apendicite aguda, onze dias depois da última sessão tida com o médium. Já referimos que o barão Schrenck-Notzing, médico neurologista em Munique e possuidor de grande fortuna, dedicou quase 40 anos de sua vida a investigações de fenômenos metapsíquicos, deixando grande número de publicações sobre a questão. Ele representou, na Alemanha, papel idêntico ao de Charles Richet, na França, quanto ao movimento metapsíquico.

Richet conta-nos haver passado, em 1894, dois meses numa pequena ilha do Mediterrâneo, a ilha Ribaud, de sua propriedade, em companhia do seu amigo Ochorowicz, estudando sozinhos os “fenômenos produzidos pela admirável médium Eusápia” e que eram “numerosos, surpreendentes, indiscutíveis”. Depois vieram ainda Oliver Lodge, Schrenck-Notzing e Sigdwick com a sua mulher. As experiências foram prosseguidas em Carqueiranne, também na casa do próprio Richet, que chega à conclusão de que foram elas completamente demonstrativas e que a autoridade dos experimentadores não podia ser melhor.

Já dissemos que não se pode duvidar da sinceridade e honestidade de muitos experimentadores, entre os quais devem ser citados primeiramente os nomes de Charles Richet, Oliver Lodge, Schrenck-Notzing, Ochorowicz, Sigdwick e vários outros, homens dignos, sob todos os aspectos. Notzing estudou, durante quatro anos consecutivos, fenômenos de ectoplasmia produzidos

pela célebre médium Eva-Richet, falando dessa sua atividade, pergunta: “Como não admirar a sua paciência e a sua prudência? Ele chegou a aplicar simultaneamente até sete aparelhos fotográficos sobre a médium. Por vezes, eu próprio achava exagerado o rigor do seu controle, e isso sem me referir aos agentes secretos que ele pagava para observar o procedimento de Eva fora das sessões. Faço alusão ao exame ginecológico que ele executava antes de cada sessão e, sobretudo, ao vomitivo que aplicou à pobre Eva, porque objeções ineptas haviam falado de regurgitações. Depois do vômito, deu-lhe uma compota de mirtilho, de maneira a cobrir-lhe a mucosa do estômago de uma camada negra, violácea”. Foi Notzing quem estabeleceu, para a pesquisa dos fenômenos mediúnicos, as seguintes condições, como fundamentais: “Auto-crítica muito severa, desmascaramento sem perdão dos falsos médiuns, honestidade absoluta, exatidão e objetividade quanto à verificação de novos fatos, moderação na maneira filosófica de tratar esse assunto e, além disso, combate impiedoso à superstição e ao tão florescente diletantismo”. Pois bem, apesar de exigências tão justificadas e necessárias, vimos quanto se tornou ele, assim como muitos outros homens de ciência, vítima de fraudes e mistificações cometidas por médiuns e exploradores.

No começo foram pancadas nos móveis e nas paredes, mesas que se moviam e davam respostas, depois passou-se à prancheta que se deslocava com facilidade, ao lápis que escrevia diretamente e produzia até desenhos. A “Revue Spirite”, em 1876, oferece aos seus assinantes, por 3 fr. 50, em reprodução fotográfica: “uma magnífica cabeça de Cristo composta e desenhada mediunicamente pelo médium J. Fabre”. Aliás, como bem nota Pierre Janet, os americanos interessaram-se desde logo pelos fenômenos físicos do espiritismo, enquanto os europeus se preocuparam antes com a parte espiritual. Não foi senão depois de cansados de discutir a parte filosófica e religiosa da questão, que se repetia monotonamente de autor para autor, que passaram também a se interessar pela parte física dos fenômenos: movimentos de objeto sem contato, lápis que escreviam espontaneamente, mensagens entre ardósias amarradas, materializações de braços, pernas e até de pessoas inteiras, completas.

Gabriel Delanne que, durante muitos anos, foi o chefe mais respeitado do espiritismo na França, sobretudo pela sua hono-

rabilidade como presidente da União Espírita Francesa, da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos e redator da Revista Científica e oral do Espiritismo, declara que os fenômenos espíritas são extraordinariamente raros e que, na maioria das manifestações consideradas como tais, o que há são simples sugestões e auto-sugestões. Delanne mostra que é ridículo o fato de alguns indivíduos sentarem-se em torno de uma mesa e, fazendo-a mover e dizer toda espécie de asneiras, acreditarem que se acha presente um morto e que é o seu espírito que produz tais manifestações. E acrescenta: julgar que andamos cercados de espíritos de mortos, que acorrem ao apelo de qualquer um para se instalarem no pé de uma mesa, é um verdadeiro absurdo.

Para facilitar as comunicações espíritas têm sido construídos até aparelhos especiais, como um avisador inventado por Van-dermeulen, na Bélgica, que faz soar uma campainha, dando, assim, sinal da presença de um espírito. Mas, o aparelho é tão sensível que basta um passo mais forte ou falar mais alto para que a campainha entre em ação. E logo que isso acontece, os interessados correm para a prancheta ou pegam do lápis para receber mensagens automáticas vindas do além. E obtêm então, como diz um crítico do aparelho, aquela série de imbecilidades que já se tornaram conhecidas, mas que eles, que perderam todo o sentimento do ridículo, consideram, respeitosamente, revelações dos desencarnados. E o crítico acrescenta: “O mais horrível de tudo, porém, é que esses indivíduos são honestos e sinceros!”

Já temos dito, que as revelações dos médiuns, mesmo dos mais cultos e ilustres, se referem sempre a coisas e fatos insignificantes, não raro de uma dolorosa banalidade. As informações do outro mundo nunca passam de bagatelas e infantilidades, que qualquer indivíduo mediano saberia fantasiar. Max Dessoir diz que a impressão que se tem das conversações mediúnicas é aproximadamente a de se estar ouvindo, num vagão de estrada de ferro, dois parentes conversando, dos quais fosse um imbecil e o outro quase surdo. Os pesquisadores dos problemas em questão admiram-se da insignificância das comunicações que nos vêm do outro mundo, que parece bem monótono e destituído de interesse. Eugene Osty diz: “Essas almas que vagam em redor das mesas e dos médiuns, ávidas por se comunicarem

com as nossas individualidades imperfeitas, afligidas pelos seus defeitos carnis, impacientes para se encarnarem, devem viver uma existência bem mesquinha para preferirem a vida terrena, que poucos dentre os vivos aceitariam recomeçar de semelhante maneira.” E conclui que seria isso um mau paraíso, que a psicologia precisa destruir. “Ainda é melhor a incerteza do nosso destino futuro que a certeza de uma sobrevivência medíocre, tal como os espíritas têm procurado estabelecer”.

Vimos que Charles Richet, um dos grandes corifeus do espiritismo, que tem servido de bandeira a muitos sectários dessa doutrina, afirmou categoricamente não acreditar em nenhum fenômeno espírita, mas sim na maioria dos fenômenos psíquicos. Nessas condições, considera todos os fenômenos metapsíquicos subjetivos, como a clarividência, a lucidez, a leitura do pensamento, as premonições, a telepatia, manifestações puramente intelectuais, que se passam no espírito dos próprios sujeitos. Muitos autores têm observado que as mensagens enviadas do outro mundo apresentam sempre qualquer coisa de característico, no sentido de, invariavelmente, constituírem reflexo das preocupações que dominam os consulentes, de maneira que as comunicações que estes recebem do outro mundo não passam de ecos dos seus próprios pensamentos. O que é, na verdade, por demais evidente é que as sessões espíritas decorrem seguindo a mentalidade dos seus participantes. Quando o grupo se preocupa com questões morais, é certo que aparecerão pregadores aconselhando a fazer o bem e evitar o mal; se são experimentadores, a tendência será para manifestações físicas, desde o automatismo às materializações; quando o interesse é por pessoas ou parentes mortos, torna-se natural que as mensagens venham diretamente deles, assim como surjam conselhos e receitas médicas quando se trata de doentes. O filho de Oliver Lodge, morto na guerra de 1914, informa que, no além, conserva a mesma forma física que tinha na terra e que habita uma casa construída de tijolos, sobre terreno sólido e verdadeiro, tendo ao redor árvores e flores. Na guerra de 1914, os desencarnados que apareciam nas sessões espíritas eram unânimes em afirmar que os Impérios centrais tinham sido responsáveis pela conflagração e que os alemães seriam derrotados e castigados. Mas, autores franceses relatam que, nos campos de concentração de prisioneiros alemães, as coisas se passavam diferentemente, pois a estes comunicavam os espíritos que a guerra viera por culpa dos aliados e

que a vitória seria da Alemanha. Digno de nota é o fato de as manifestações chamadas espíritas se terem tornado muito semelhantes nas sessões dos diversos Centros, mesmo passando de um país para outro. Isso tem sido atribuído à difusão das publicações espíritas, que criaram um estado sugestivo especial, que se repete, idêntico, por toda parte. Entre nós, onde ainda impera o baixo espiritismo, pode-se verificar que o nível das manifestações é menos elevado, mas que elas se reproduzem com invariável monotonia através de todo o Brasil.

Muito interessante foi o que aconteceu com os médiuns e espíritas europeus e americanos, que se dividiram em duas categorias: uns partidários e outros adversários da reencarnação. Os latinos foram sempre a favor da reencarnação, enquanto os anglo-saxões a ela se opuseram, considerando-a verdadeiro absurdo. A razão de tal fato é puramente psicológica: os anglo-saxões não podem admitir que, depois da morte, possa a sua alma encarnar-se no corpo de um preto! “Este ódio de raça basta para provocar uma sugestão poderosa, que atua fortemente sobre os médiuns em transe. A personalidade sugestiva comporta-se, então, de acordo com essa sugestão, tal como acontece com os hipnotizados”. Dessa maneira, os espíritos correspondem exatamente ao que pode ser obtido pela sugestão hipnótica, quando o indivíduo representa o papel que lhe é atribuído. Quando se lhe diz: “Você é um homem, um orador, um soldado, um ator, um velho, uma criança, etc., etc., muda o indivíduo de atitude e imita, tão bem como qualquer médium, a personalidade que lhe foi sugerido interpretar”. Vimos que a própria escrita pode modificar-se de acordo com a sugestão, tornando-se infantil ou trêmula e insegura conforme a sugestão dada, de tratar-se de uma criança ou de um ancião. Os espíritos podem ser criados diretamente por sugestão, mesmo quando não passam de simples fantasia. Charles Richet diz expressamente: “Tem-se podido impor a médiuns personalidades fantásticas que persistiram, parecendo provar a sua existência real, tal a impressionante coerência que se prolongava através de longas sessões”. O doutor E. Pascal relata a observação de um médium, ao qual revelou o desejo de entrar em comunicação com uma irmã morta recentemente, mas que, na verdade, não havia existido. Deu-lhe o nome de Yvonne e, pouco tempo depois, o médium, guiado pelo espírito de um médico hindu, anunciou a presença de um novo espírito, que falou com voz feminina,

dando-se como Yvonne, e que, referindo-se aos seus pais, relatou particularidades interessantes da vida da família, que Pascal já havia esquecido. Esse autor, que se tem ocupado especialmente de fenômenos metapsíquicos, mostra que todos esses fatos põem em evidência a origem sugestiva das personalidades mediúnicas. E acrescenta que a extraordinária objetividade e a intensa realidade dessas personalidades, que puderam enganar mesmo a bons observadores quanto à sua exata natureza, são prova da força que pode ter a sugestão inconsciente no transe mediúnico”.

E. Sigdwick relata que Stanley Hall imaginou um espírito, ao qual deu o nome de Bessie Beals, que se conduziu nas sessões como um espírito comum. O mesmo aconteceu com Ochorowicz que, por sugestão involuntária, criou uma personalidade fantástica, que apareceu por diversas vezes, em sessões espíritas realizadas com um mesmo médium. Phinuit, o célebre espírito que guiava a Senhora Piper e que pretendidamente devia ser o de um médico que vivera em Metz, não passava de uma criação da própria médium, pois investigações minuciosas feitas naquela cidade demonstraram que tal médico nunca havia ali existido. Charles Richet diz expressamente: “Il n’y a pas eu à Metz de médecin français du nom de Phinuit. Phinuit n’a jamais existé. Phinuit, c’est Madame Piper”.

Nas célebres comunicações cruzadas, que tiveram por algum tempo grande repercussão, aconteceu de uma mesma mensagem, por vezes em língua ignorada pelo médium, aparecer ao mesmo tempo em línguas diferentes. Em 1928 os médiuns Margery que se encontrava em Boston, Valiantine em Nova Iorque e Hardwick no Niagara, obtiveram, a uma mesma hora, um mesmo texto em chinês que nenhum deles compreendeu e que precisou ser traduzido por letrados da China, havendo, concordância na sua significação. Muitos outros médiuns têm recebido mensagens em línguas que ignoram, não raro até em diversas, como aconteceu com o nosso espantoso Mirabelli. O leitor já está ao corrente da sua história, assim como da de Valiantine e certamente bastará isso para arrefecer o seu ânimo em relação a proezas tão extraordinárias. O que os próprios entusiastas da metapsíquica desejam obter, na época atual, é muito menos que isso, mas com provas seguras, irrefutáveis. E, nesse sentido, o terreno vai escasseando à medida que se torna mais bem pesquisado e conhecido. Não nos esqueçamos de que os

cavalos de Eberfeld produziram coisas maravilhosas e que chegaram para estarrecer o mundo científico, enquanto não se descobriu a sua explicação, que foi afinal muito natural.

Digna de atenção é a experiência estabelecida por F. W. Myers, membro da Society of Psychical Research, de Londres, que acreditando-se perto da morte, escreveu uma mensagem, encerrou-a num envelope espesso que foi selado e entregue a Sir Oliver Lodge, com a incumbência de guardá-lo inviolável, em lugar seguro. Depois da sua morte, Myers viria repetir a mesma mensagem por interferência de um médium, dando assim prova irrefutável da sua sobrevivência no outro mundo. A mensagem foi depositada num banco por Lodge, que tomou todas as precauções para que a prova tivesse valor absolutamente demonstrativo. Quando, 10 anos mais tarde, Myers faleceu, procurou Lodge pôr-se em contato com o morto, principalmente por intermédio da famosa médium Piper. Mas, os resultados foram inteiramente negativos. Poucos anos depois, uma senhora, de nome Verral, comunicou ter entrado em contato, pela escrita automática, com o falecido Myers. Oliver Lodge convocou uma comissão da Society of Psychical Research, diante da qual foi aberto o envelope, depois da revelação feita pela médium. O fracasso foi, porém, completo, pois as duas mensagens eram completamente diferentes. Aventou-se que o espírito de Myers se tivesse esquecido do conteúdo do documento, fato que se repetiu por diversas vezes com outros investigadores, quando tentaram experiências idênticas. Se a sinceridade de Oliver Lodge merece ser posta em evidência na experiência citada, não há dúvida que conclusões confirmativas teriam sido particularmente maléficas, caso se tivesse tornado ele vítima de qualquer embuste que, na situação descrita, não seria de todo impossível. Coisas mais difíceis e secretas são freqüentemente desvendadas por serviços de espionagem e contra-espionagem, como está por demais demonstrado, sobretudo nos períodos de guerra.

Um fato que precisa ser considerado na questão das provas mediúnicas, é o da sua variabilidade segundo o lugar em que são realizadas. Quando Eusápia Palladino havia colhido os maiores triunfos na Itália, tendo sábios de renome concluído pela autenticidade dos fenômenos sobrenaturais que era capaz de produzir, bastou-lhe ir à Inglaterra para que as conclusões se

invertessem. Submetida a provas pela “Society for Psychical Research”, descobriu-se que ela fraudava de maneira sistemática e com a maestria de uma velha perita na questão, sendo que as manifestações só apareciam nos momentos em que o controle não era severo. Oliver Lodge, vindo a Liverpool para assistir às sessões conseguiu pegar uma das mãos de Eusápia, que ela havia libertado. A médium acusou-o, então, de manobras desleais! As sessões foram suspensas e Eusápia reembarcada para o continente. Acontecera o que já era muito conhecido e devia repetir-se, de maneira infalível, com todos os grandes médiuns: o fato de nenhum deles deixar de ser desmascarado! Mas, depois disso, a agitação em torno do nome de Eusápia não diminuiu, pois, de novo, se afirmou que ela conseguia realizar aquilo em que havia fracassado na Inglaterra. Diante disso, a própria Society for Psychical Research resolveu enviar a Nápoles uma comissão composta de 3 membros, especializados em truques de prestidigitação, para analisar os fenômenos. Desta vez os resultados foram brilhantes, pois apareceram sob o mais rigoroso controle e até sob boas condições de iluminação. Um dos membros da comissão, Carrington, acompanhou a médium à América e prosseguiu obtendo resultados fora de qualquer dúvida, para ele absolutamente indiscutíveis. Algum tempo depois, porém, foi apanhada em flagrante de fraude, quando movimentava objetos à distância, por meio dos pés. Max Dessoir, que já havia observado coisa semelhante em Berlim, propôs que a porta do gabinete de materializações fosse fechada por meio de uma cortina fixa e transparente, de gaze. E bastou isso para que, desde aquele momento, nada mais se operasse dentro do gabinete, até aí lugar propício para toda sorte de maravilhas. É bom lembrar que a cortina comum, de pano, constitui um dos melhores recursos de fraude empregado pelos prestidigitadores.

De qualquer modo, é digna de nota essa variabilidade de resultados obtidos segundo os meios em que são realizadas as mesmas experiências. Naturalmente, depende isso dos processos de verificação e de fatores psicológicos relativos aos participantes. Aliás, o fracasso está longe de constituir o final da representação! Em geral, ele serve, como já dissemos, antes, como uma alerta para o médium, que consegue descobrir novos aperfeiçoamentos ou toma maiores cuidados quanto à execução dos seus truques. Não terá sido isso que aconteceu quanto aos

resultados de Eusápia, na Inglaterra e em Nápoles? Não é comum fracassar o médium em provas que desconhece, mas que consegue realizar depois, com maestria? Por outro lado, é preciso considerar, como já mostramos, que o pesquisador fica colocado em posição falha e artificial, pois tem de adaptar-se às exigências do médium! Por isso, é natural que ele sinta nas sessões, como já tem sido assinalado por diversos experimentadores, insegurança da sua própria ação, imprecisão do seu controle, dúvidas quanto à sua opinião. O que lhe parece hoje certo e garantido, já lhe poderá dar amanhã a impressão de coisa duvidosa ou errada. E, também, o contrário, isto é, de suspeitar truques, onde eles talvez não existam. A experimentação é, em todo o caso, extremamente difícil, não se devendo acreditar senão naquilo que ficou evidentemente provado, fora de qualquer dúvida, acima da opinião particular de qualquer observador. Do contrário, pode-nos acontecer acreditarmos na realidade daquela história do faquir ou do saltimbanco, que atirava para o ar uma corda, cuja extremidade desaparecia, fixando-se lá em cima, no céu, em alguma coisa que não se via. A corda ficava rija e, por ela subia um menino, que ia diminuindo de volume, à medida da ascensão, até desaparecer aos olhos dos espectadores, sempre em grande número. A demonstração era feita ao ar livre, longe de qualquer árvore ou edifício e, poucos minutos depois de desaparecer a criança, começavam a cair pedaços do seu corpo, braços, pernas, a cabeça, etc. O mágico cobria tudo aquilo com um pano, murmurava palavras misteriosas e, quando retirava a cobertura, o menino levantava-se, sorrindo. É uma lenda ou uma mágica? Ela corre a literatura sob a denominação de “Rope Climbing” e tem sido descrita como fato por numerosos autores, estando a sua autenticidade, para alguns, fora de qualquer dúvida. O que atrapalha e torna incompreensível é a afirmativa de que o fenômeno se passa ao ar livre, podendo ser assistido até por estrangeiros alheios ao acontecimento e afastados de local, da varanda das suas próprias residências. Se fossem num teatro é claro que se trataria de um truque muito simples e que não mereceria qualquer desperdício de palavras. Mas, como explicar aqui a situação? Evidentemente, não pode ter ela nada de sobrenatural. Ou é natural. Ou é natural e terá uma explicação natural ou, então, não existe, sendo produto de informações falsas ou exageradas, como pôde ser demonstrado no caso em questão.

Aliás, os recursos empregados para mistificação são quase infinitos, pois podem implicar todos os truques de prestidigitação que, já por si, são por demais numerosos. Em geral, o que os caracteriza é a sua simplicidade, simplicidade tão grande que se torna quase sempre ridícula, pois decorre apenas da falta de perspicácia do observador, que não percebe onde se encontra o estratagema. Logo que o descobre, porém, perde a mágica a sua graça, por vezes até envergonhando quem nela cai. Na execução de mágicas há comumente, ao lado de habilidade manual, uma parte psicológica predominante, que consiste em desviar a atenção do espectador para coisas acessórias a fim de que não perceba onde se encontra o truque da representação. Mostramos que não é de admirar que homens probos e de cultura, habituados ao raciocínio científico ou à pesquisa experimental se deixem burlar em questões ,de investigação espírita, como tem acontecido freqüentemente no campo das materializações, da telepatia, da televisão, da telecinesia, etc. Já referimos que eles não são os homens mais apropriados para tais estudos, mesmo porque, pelo seu próprio temperamento, são mais dados à objetividade e à sinceridade, não precisando levar em conta embustes e falsidades traiçoeiramente armados pela natureza. Por isso, tem-se dito ser razoável apelar para os profissionais dessas manobras, que poderão descobri-las com mais facilidade, o que tem levado investigadores científicos a se cercarem de auxiliares dessa categoria, capazes de desvendar mistérios que lhes poderiam escapar. Mas também isso não é suficiente, como já ilustramos pela apresentação de diversos exemplos.

Um médium lia mensagens dentro de envelopes fechados e lacrados, por processo muito simples: fornecia um cartão ao consulente, que formulava por escrito a pergunta, fechando e lacrando depois o envelope. Bastava umedecer de álcool este último para que se tornasse transparente, deixando ler o que estava escrito no seu interior. O segredo estava aí principalmente no cartão, que, não sendo dobrado, tornava a operação extremamente fácil. Outro médium fazia segurar-se pelos pulsos e os tornozelos, ocupando, assim quatro pessoas, que ficavam presas em torno dele. Depois disso, naturalmente no escuro, sentiam todos uma doce carícia pela cabeça e o rosto, produzida pelo espírito que havia baixado à terra. O truque consistia numa pena de pavão segura pelos dedos do pé e por meio

da qual era executada a manobra. Eu próprio dei-me ao trabalho de exercitar-me nesse gênero de diversões e o pouco que aprendi me tem servido imenso para orientação no difícil campo do ocultismo, sobretudo verificando quanto somos aí pouco perspicazes, mesmo homens cultos e de ciência, comparativamente a pessoas incultas e crianças. As mágicas que aprendi a fazer são de uma rele insignificância, mas muitas vezes suficientes para deixar de boca aberta amigos e até colegas de profissão, Diante disso, julgo uma temeridade sem nome meterem-se afoitamente grandes homens de ciência a querer resolver tão arriscada empreitada. Se ela precisa ser resolvida, é necessário que, previamente, sejam conhecidos os seus perigos e o gênero de aventura em que nos vamos meter.

Um livro de grande interesse ainda em nossos dias são as “Confissões de um médium”, publicado em Londres em 1882, A obra está esgotada e caiu em esquecimento, sendo extremamente difícil encontrar qualquer exemplar. As informações que aqui apresentamos provêm do livro — “Der Psysikalische Mediumismus”, que faz parte, do grande Tratado sobre ocultismo, publicado sob a direção de Max Dessoir. No capítulo sobre as “Confissões de um médium”, escrito por C. Klinckowstroem, trata-se de um jovem teólogo que, ouvindo falar do espiritismo, se interessou por essa doutrina, na esperança de encontrar provas da sobrevivência além da morte. Quando passou a freqüentar sessões espíritas, logo descobriram ser ele médium e, em breve estava associado a Alfred Firman, um dos grandes médiuns americanos daquela época. Em convivência mais íntima, descobriu dentro de pouco tempo que todas as manifestações sobrenaturais não passavam de truques e simulações, que o próprio Firman chegou cinicamente a lhe revelar. No prefácio da obra, declara o autor que, segundo a sua observação, não havia no espiritismo a menor parcela de verdade. Importante é que ele descreve aí inúmeros truques empregados por Firman e que, mais tarde, foram desmascarados em sessões de outros médiuns.

“Davey, tendo convocado uma reunião de observadores ilustres, entre os quais se encontrava Wallace, um dos grandes sábios da Inglaterra, executou, diante deles, depois de os ter deixado examinar os objetos e marcá-los como quisessem, todos os fenômenos clássicos do espiritismo: materialização dos espíritos, escrita sobre lousas, etc. Depois disso, obteve desses ilus-

tres observadores um depoimento escrito, no qual atestavam que os fenômenos clássicos do espiritismo: materialização dos **espíri- sobrenaturais**.<sup>2</sup> Foi nessas condições que ele lhes revelou que tudo aquilo era o resultado de fraudes muito simples. Os métodos inventados por Davey eram, aliás tão elementares, que se fica admirado da ousadia que teve aos empregá-los. Mas, ele possuía tal poder sobre o espírito da multidão, que podia persuadi-la de estar vendo o que realmente não via”. O professor Hans Henning, de Dantzig, relata o caso de um prestidigitador que, dentro de um quarto bem iluminado, sem cortina e sem móveis, cercado por muitas pessoas colocadas a menos de um metro de distância, conseguia fazer objetos manterem-se e moverem-se livremente no ar, segundo o desejo dos presentes. Uma cigareira abriu-se sozinha, dela saiu um cigarro que veio, pelo ar, à boca do mágico. Dum baralho foi escolhida uma carta que, depois, foi resposta entre as outras, sendo baralhadas e colocadas sobre a mesa. Dele saiu, então, por movimento espontâneo, a carta escolhida. Um punhal ficou suspenso no ar e descreveu um círculo, contra as leis da gravidade. Uma bengala fez coisas idênticas, assim como diversos outros objetos: um cinzeiro, um prato de porcelana, um grosso livro, etc. Também ele fazia mover um cigarro colocado sobre a palma da mão de qualquer assistente e tudo isso à distância, em plena luz, cercado de pessoas que o observavam. Henning declara que o mágico era examinado antes da exibição e que nunca pôde ser descoberto nada de suspeito. Refere, ainda, que truques dessa natureza eram muito conhecidos nas prisões da Sibéria, onde, dessa maneira, os reclusos procuravam passar o tempo. Em alguns casos, o ardil é executado por meio de um fio ou de um cabelo, que vem enrolado num botão da roupa, sendo empregada quantidade mínima de cera para fixação. O segredo maior da mágica depende, porém, da virtuosidade da sua execução, pois o prestidigitador consegue agir até sem o emprego dos pés ou das mãos. Aliás, é fácil observar coisas, espantosas, cuja explicação nos escapa, mesmo em teatros de variedade de segunda e terceira ordem.

Um mágico dos tempos passados, que se tomou muito conhecido na Alemanha, Johann Anton Barth, cortava o pescoço de uma galinha e, depois, colocando a cabeça no lugar, fazia-a reviver. E também conseguia fazer voltar à vida um frango

---

<sup>2</sup> Outro erro de impressão (Nota do Revisor).

frito, sair de um ovo uma galinha, assim como comia um pombo com as penas, pondo-o depois vivo pela boca, acendia luzes com a ponta da espada ou por meio de tiros, etc.

Um dos livros mais notáveis sobre fraudes de charlatães, médiuns, astrólogos, adivinhos, feiticeiros é o de Reginald Scot — A Descoberta da Força Mágica - publicado em Londres em 1584, no qual já são encontrados a maioria dos truques usada pelos escamoteadores modernos. Um outro livro, o de John Webster, de 1677, ocupa-se do mesmo assunto, revelando as imposturas usadas pelos médiuns e feiticeiros daquela época, para os quais já existiam penalidades, mesmo das mais severas, indo do pelourinho à pena de morte. Hoje, os livros desse gênero existem em abundância, formando bibliotecas de milhares de volumes. Como se sabe, Harry Price chamou a atenção para os artifícios empregados, mostrando o perigo que correm aqueles que se vão meter na chamada investigação espírita. Por essa razão, os sábios precisam por-se ao corrente das possibilidades de fraude, não esquecendo que a tramóia já pode estar integrada nos próprios aparelhos de controle. Aliás, como é por demais sabido, os truques mais ridículos impõem-se como extraordinários e incompreensíveis, enquanto não conhecemos o seu mecanismo de ação. Eu próprio tenho ficado tolhido de admiração diante de mágicas que escapam à minha perspicácia e cujos estratagemas, depois, me envergonham pela sua insignificância.

O doutor Gulat-Wellenburg, neurologista e psiquiatra em Munique, autor de publicações notáveis sobre o mediunismo, conta-nos, no grande tratado “Der physikalische Mediumismus”, o que ele próprio pôde observar, num mercado de Tanger, quando havia enorme afluência, num dia de festa religiosa. Em companhia de dois companheiros alemães, conseguiu, por meio de ofertas de dinheiro, conduzir um mágico para um canto isolado da feira, a fim de verificar as suas exibições à claridade intensa do sol. O homem foi sozinho e, por meio de sons de flauta, encantou uma serpente de espécie extremamente venenosa, uma naja, que trazia oculta num saco e que, ao som da música, se ergueu a um metro de altura, insuflando as bochechas. O mago pegou-a pela cabeça, levantou-a à altura da sua própria boca e, pondo a língua de fora, deixou que o animal a transpassasse com as suas quatro afiadíssimas presas, tal como um condutor quando perfura o bilhete do viajante. O doutor

Wellenburg verificou a existência das perfurações, das quais corria sangue. E acrescenta que tudo isso poderia ter sido feito depois de fistulados os depósitos de veneno das presas, como já é muito conhecido. Mas, depois, o homem apanhou no chão um pouco de palha seca, que pegou fogo quando soprou sobre ela. O médico acreditou tratar-se de um truque usado na China por comedores de fogo, que escondem no nasofaringe uma pequenina chama acesa, lançando depois pela boca jatos de benzina inflamada. O médico conseguiu examinar a boca, a garganta e o nariz do mágico, fê-lo despir-se do seu albomoz, verificou as suas mãos e depois, colhendo ao longe um pouco de palha seca, pediu que soprasse em cima a fim de inflamá-la. O mago repetiu a operação e a palha, que estava nas mãos do médico, pegou fogo. Ele ficou sem compreender o fenômeno, mas declara que o considera fora de qualquer mistério mediúnico.

Em publicações mais recentes, encontrei informações de faquires que se servem de uma falsa língua de borracha que, à vista do público, é transpassada com agulhas e estiletos. Em outros casos, empregam uma língua fresca de cachorro, que disfarçam na boca, apresentando-a entre os dentes, também chegam a atravessar a própria língua em lugares apropriados, onde existem pequenos orifícios, tais como os feitos nas orelhas para o porte de brincos. Era assim que operavam os Aissouas na Exposição Universal de Paris, em 1889, quando travessavam a língua com pregos e punhais, em lugares previamente perfurados.

O célebre conde de Sarak conseguia inflamar um feixe de feno mergulhando-o numa bacia de “água magnetizada”. O fenômeno é fácil de ser executado, pois basta pôr um grão de potássio dentro do feixe, para que logo pegue ele fogo quando entra em contacto com a água.

Paul Brunton, no seu livro “A Search in Secret India”, cuja primeira edição se esgotou na Inglaterra em 48 horas e que é considerado bem mais sério que a maioria das publicações congêneres sobre os mistérios da Índia, conta-nos que os faquires são lá numerosos, formando uma multidão obscura de acrobatas espirituais, contorsionistas, ilusionistas, prestidigitadores, profetas desequilibrados, que se servem de toda sorte de truques, “circulando no meio de um povo de credulidade exagerada e cuja falta de espírito crítico ultrapassa todos os limites do ima-

ginável”. Mas, fora disso, afirma que lá se observam também fenômenos supranormais, além dos que habitualmente ouvimos contar. Brunton relata o que verificou com um faquir egípcio, que o mandou escrever algumas palavras sobre um papel, dobrando-o depois tantas vezes quanto possível. O faquir estava de costas e Brunton escreveu: “Onde me encontrava eu, há 4 anos?” e dobrou o papel, conservando-o na mão direita. O faquir concentrou-se por alguns momentos e, logo depois, citou exatamente a frase escrita. Tudo isso é conhecido e tem fácil explicação. Mas, o faquir foi além: mandou que Brunton abrisse o papel, cujo espanto foi imenso ao verificar que, em vez da sua frase, estava escrito no papel a lápis, o lugar da cidade onde estivera, havia 4 anos. A experiência foi repetida diversas vezes com outras questões e sempre com o mesmo resultado. Brunton afirma que o papel nunca saía das suas mãos e que também o faquir nunca dele se aproximou. C. de Vesme, grande conhecedor da questão, comentando a experiência, diz que a explicação mais provável é a de querer o autor impingir-nos uma grande petra ou de não ter sabido observar. Na verdade, parece impossível escapar das alternativas desse dilema.

Para ilustrar a autenticidade de tais relações, queremos mencionar uma informação dada por Harry Keller, que refere o seguinte: “Por ocasião da visita do Príncipe de Galles a Calcutá, durante o inverno de 1873-1876, eu assisti a uma levitação maravilhosa executada em presença do príncipe e de aproximadamente 50 mil espectadores. Pois bem, a comitiva do príncipe, que foi depois o rei Eduardo VII, e da qual fazia parte o general Annesley, desmentiu essa história. Além disso, como ressalta do próprio livro de Keller, viajava ele naquela época pela Inglaterra e a América, não tendo ido à Índia senão em 1877, portanto, depois da viagem do príncipe...

Por demais justificada é a reação de revolta de muitos experimntadores quanto à possibilidade de aparecimento de mãos e outras partes do corpo ou mesmo do corpo inteiro em materializações perfeitas, de carne viva, quente, tendo circulação, inervação, respiração, afinal todos os característicos do ser humano dotado de vida e saúde. Na realidade, representa verdadeiro desacato à nossa inteligência, abuso de confiança à nossa credulidade, querer impingir-nos essa mão que sai subitamente do nada, quando sabemos que, para movê-la, são necessários músculos e o complexo jogo do sistema nervoso e que, sem circula-

ção, não poderá ela receber calor. Tudo isso é tão inadmissível que não é de estranhar a opinião de Max Dessoir declarando que se revoltará contra tal suposição, pelo menos enquanto tiver capacidade para pensar.

Por todas essas razões, torna-se evidente quanto aqui a verificação científica é necessária, verdadeiramente indispensável. Do contrário, poderíamos criar todo um mundo de erros e absurdos, à maneira do que aconteceu no Oriente, através das idades. O faquirismo, visto de longe, nos tem empolgado quase como uma obsessão, talvez pelo seu próprio mistério, talvez pela vaga suposição de que lá se pudesse encontrar solução para as nossas dúvidas e incompreensões. É muito freqüente apelar-se para a sabedoria daqueles ascetas, julgando-os mais avançados no conhecimento da verdade transcendental. Pobre e triste ilusão! Ouçamos a descrição de uma autoridade no assunto quanto às penitências a que eles próprios se submetem. “Alguns desses fanáticos passam toda a vida presos dentro de uma jaula de ferro; outros vivem cobertos de pesadas correntes; alguns fecham as mãos para nunca mais abri-las, de maneira que as unhas crescem, surgindo no dorso, depois de travessarem as carnes. Uns levantam os braços para cima, seguram-se no galho de uma árvore e, assim, ficam até que os braços fiquem duros, secos, como dois pedaços de pau; outros fixam uma longa e pesada corrente nas partes pudendas e com ela caminham pelas ruas. Há os que se conservam de pé sobre uma só das pernas durante o dia inteiro, encostando-sè, à noite, contra uma corda esticada, assim como aqueles que viram a cabeça para um lado e se conservam assim até que o pescoço fique duro, imobilizado nessa posição”. A descrição dos faquires é triste, quase repugnante, pela pobreza e imundície em que vivem, sendo mantidos à custa de esmolas, que, pela sua tradição religiosa, possuem a virtude de abrir as portas do céu. Não esqueçamos que o Tibet, que era o último reduto dos ocultistas e talvez a esperança de nossas secretas aspirações místicas, viu os seus mistérios pulverizarem-se de maneira inesperada e impressionante, por ocasião da dominação inglesa em 1904. O Dalai-Lama, encarnação da divindade e o pai espiritual de centenas de milhões de budistas, fugiu e nunca mais foi encontrado. Nos santuários e conventos, “onde formigavam mais de 30 mil monges resignados e indiferentes, não foram descobertos senão os restos da mais antiga religião que se decompunha em superstições pue-

ris, no mecanismo de moinhos de orações e na mais deplorável feitiçaria. Assim, desmoronou-se o supremo asilo do mistério e foram entregues aos profanos os últimos segredos da Terra”. O exemplo merece ser levado em consideração, a fim de que nós, dentro da nossa civilização atual, não penetremos por caminhos idênticos, deixando de lado a realidade que, afinal, tem sido o fator fundamental do nosso progresso.

Quando se acreditava ainda nas maravilhas e nos prodígios dos lamas, dos faquires e dos derviches da Índia e do Tibet, era comum ouvir-se que eles possuíam segredos que a ciência ocidental estava longe de suspeitar; que a ciência psicológica européia se encontrava ainda em estágio da sua primeira infância comparativamente à asiática; que os iniciados daquelas terras conseguiam, com extrema facilidade, manifestações metapsíquicas, de telepatia, de levitação e inúmeras outras de extraordinário poder, enquanto nós, no mesmo terreno, não obtínhamos senão arremedos insignificantes e sempre à custa de grandes dificuldades. Em 1930, Charles Richet exclama: “Da minha parte, nunca acreditei uma só palavra em relação a essas fantasias miraculosas. Como aceitar essas informações de sexta e de décima mão, essas crenças populares de um povo mal civilizado, essas frivolidades tão inverossímeis quanto a história dos cem mil lotus, que saíam do umbigo de um santo?” E conclui: “Não é do Oriente que nos virá a luz, mas sim da física e da psicologia experimentais modernas, de Crookes, Oliver Lodge, Myers, Pierre Curie. É inteiramente inútil ir ao Tibet. Aí não há nada para se aprender.” Que aconteceu com a trajetória proposta por Richet? Não entramos também aí por um caminho falso e que já nos tem trazido imensas decepções? Mas, talvez, que o tempo não tenha sido de todo perdido! Afinal, pode também o erro constituir uma excelente fonte de progresso e ensinamentos.

## CAPÍTULO VIGÉSIMO SEGUNDO

*SUMÁRIO: Homens de ciência e fenômenos espíritas. Ilusões e erros de observação. Os ideoplasmas. Alucinações. Imagens eidéticas. Aparecimentos da Virgem e outras visões. Ambiente das sessões espíritas. Fatores psicológicos. O ectoplasma. As duas guerras mundiais e o fracasso das ciências ocultas. Os fatos criados por sugestão: exemplos. Compra de um fantasma. O ocultismo e o nosso complexo de superioridade. Quem é competente em metapsíquica? Primeiro os fatos, depois as interpretações. Abusos de publicidade. Porque exploramos os mistérios. Facilidades e compensações. Fatos extraordinários. O fonógrafo e outras descobertas negadas por cientistas. Progressos da ciência e opiniões do passado. Fatos e suposições. Os aerólitos e a vidência. Latifúndios dos nossos conhecimentos. O papel da sugestão dentro da vida do homem moderno. A insignificância e a importância deste livro.*

**O** QUE HÁ DE IMPRESSIONANTE em inúmeros trabalhos publicados sobre o espiritismo é, sem dúvida alguma, a tremenda ingenuidade com que homens de ciência da mais alta responsabilidade se têm deixado iludir, vendo coisas inacreditáveis e inconcebíveis, fora de qualquer possibilidade, mas que eles aceitam como fatos provados, irrecusáveis. No entanto, para tudo há um limite, mesmo para o maravilhoso e o impossível. Se alguém vir um elefante voando pelos ares, parecendo de carne e osso, com a sua tromba e as suas presas, as suas patas enormes, o seu corpo monstruoso, é claro que a primeira

coisa que fará é admitir ser isso impossível, julgando-se vítima de qualquer ilusão ou alucinação, que não saberá explicar, Mesmo que outros se dêem conta da visão, manterá ele próprio suas dúvidas sobre a realidade do fenômeno, pelo fato de encontrar-se fora de todas as possibilidades conhecidas. Não é por outro motivo que já se tem exigido .que o rigor das provas deve crescer proporcionalmente à inverossimilhança dos fatos observados. É nesse sentido que a argumentação em favor do espiritismo tem sido de baixa qualidade, sobretudo quando baseada na observação de alguns respeitáveis homens de ciência. William Crookes viveu meses vendo um espírito que se materializava e desmaterializava todos os dias; Charles Richet viu um guerreiro de capacete nascer espontaneamente do corpo de uma moça; Bottazzi, um dos mais eminentes sábios italianos, viu surgir do corpo de um médium pernas, mãos e até cabeças materializadas, que executavam movimentos, tocavam instrumentos de música, transportavam objetos, etc. E diversos sábios italianos de renome, como Lombroso, Morselli, Venzano e outros confirmaram tais observações e não tiveram dúvidas em assinar documentos comprovantes da sua autenticidade. Lombroso, que fora cético e incrédulo, viu materializar-se a sua mãe morta, com quem pôde conversar; D'Arsonval, o ilustre sábio francês, verificou que um médium podia fazer variar à vontade o peso de determinados objetos; o guerreiro fantasma de Richet, coberto do seu capacete, respirava como qualquer homem normal, como foi verificado pelo emprego de água de barita; tanto esse fantasma quanto a famosa Katy King, de Crookes, possuíam órgãos humanos normais, o coração que pulsava, o pulso que se sentia bater, o sopro da respiração, o calor da pele, os movimentos dos membros e tudo aparecia subitamente, sob os olhos do espectador, como materializações de um espírito. Tem-se dito: se eles não foram vítimas de fraude, então assistiram a milagres como só existiram nos primeiros dias da criação, quando Deus tirou Eva de uma costela de Adão.

Se o doutor Gustavo Geley, quando diretor do Instituto Metapsíquico de Paris, nunca conseguiu obter materializações completas, como as verificadas por Crookes e Richet, declara, contudo, que, freqüentemente, observava representações ou modelos completos de órgãos, tais como, por exemplo, de um dedo, de uma mão, de um rosto, etc. Nos casos mais perfeitos, o órgão materializado apresentava todas as aparências e pro-

priedades biológicas dos órgãos vivos. “Vi dedos admiravelmente modelados, com as suas unhas; mãos completas, com ossos e articulações; um crânio vivo, do qual apalpei os ossos sob uma espessa cabeleira; rostos humanos perfeitamente formados. Na maioria dos casos, essas formações se desenvolveram progressivamente sob os meus olhos, do começo ao fim”.

O entusiasmo em torno dos chamados ideoplasmas, que representariam materializações de idéias, verdadeiras concreções do pensamento, foi imenso, pois se acreditou poder explicar por eles materializações de médiuns, fantasmas, ações telepáticas, afinal, todos os efeitos físicos mediúnicos. Os doutores Schrenck-Nortzing e Ochorowicz, como dissemos, preocuparam-se particularmente com a questão, sobretudo estudando os célebres médiuns Stanislaw Tomczyk e Willy Schneider. Stanislaw foi apresentada por Joseph Peter como uma maravilha nunca vista, “que punha na sombra tudo que se havia lido ou ouvido desde os tempos em que William Crookes experimentara com Katie King”. O doutor Ochorowicz foi o predestinado que estudou esse caso excepcional, sobre o qual escreveu diversas comunicações. Diz ele: “Antes de conhecer a senhorita Stanislaw, pensava eu: ah! se me fosse dado encontrar um bom médium, com o qual pudesse fazer pesquisas, descobrir fatos, muitos fatos! A minha cabeça andava cheia dessas idéias. Hoje, possuo mais fatos do que precisava e as idéias desapareceram. É tarefa difícil a do pesquisador, quando se encontra diante de novas verdades”. Esse autor descreve a médium nos seguintes termos: “É uma jovem polonesa, de Varsóvia, bonita, simples, modesta, inteligente que, apesar de não ter cultura, é dotada de extraordinárias qualidades mediúnicas. Morou dois meses em minha casa de campo, em Wisla, onde me ocupei do seu estado de saúde, algo fraco, e procurei desenvolver o seu poder mediúnico”. Esse poder foi descoberto da seguinte maneira, quando se encontrava ela recolhida em uma prisão em Varsóvia: quando o médico, em sua presença, procurava fazer uma receita, o tinteiro punha-se em movimento, os móveis saíam do lugar, ouviam-se pancadas, etc. Ela se revelou prodigiosa na produção de fenômenos de levitação, de manifestações luminosas e ideoplásticas. Mais tarde, porém, foram descobertos muitos dos truques por ela empregados: fios de cabelo para movimentar objetos, perfurações em cartões, por meio das quais simulava poderes telepáticos, recursos para

alterar chapas fotográficas, etc. O mais extraordinário é que o doutor Ochorowicz não percebia nada das manobras executadas ou, quando muito, procurava explicá-las por meio de forças sobrenaturais. Os fios de cabelo vistos por outros observadores e também por ele próprio eram, na sua opinião, “fios etéreos”! Falando de Stanislawa, Richet relata que ela arregaçava as mangas até os cotovelos, lavava as mãos com sabão e água quente, antes de iniciar a sessão! Em alguns casos, o truque era evidentemente executado por meio de um fio, que por vezes aparecia até nas fotografias. Mas Richet, assim como Ochorowicz, afirma que não se trata de um fio para mistificações, de um fio de cabelo, de cobre ou de qualquer outra substância, mas de um autêntico *fio fluídico*, que Ochorowicz declara haver sentido sobre a mão, o rosto, o cabelo e que Richet aproxima das formações fluídicas emanadas do corpo de Marthe Béraud. As fotografias apresentadas por esses e outros autores são, todavia, tão características, que a simples posição das mãos da médium deixa perceber que elas devem estar trabalhando com um fio muito material.

Coisa idêntica aconteceu em relação aos fenômenos luminosos, que eram produzidos por uma pequena lanterna elétrica, embora Ochorowicz os atribuísse ao poder ideoplástico da médium! Para mostrar o estado de espírito deste observador, basta citar uma frase de um dos seus trabalhos, no qual descreve a senhorita Stanislawa “como uma pessoa dada por natureza à verdade e que sabia dominar as suas tendências espontâneas para a fraude, muito naturais na maioria dos médiuns”! O doutor Hans Rosenbuch chama a atenção para essa flagrante incongruência, acrescentando que não a julga muito apropriada para despertar confiança na médium.

O que é preciso ser primariamente considerado é que o ser humano, debaixo do ponto de vista mental, varia extraordinariamente, indo desde o indivíduo lógico, concreto, exato em suas idéias e observações até o místico, fantasta, capaz de facilmente chegar à irrealidade e ao absurdo. Uns são céticos, cheios de crítica e bom senso, enquanto outros primam pela indecisão, a dúvida, a sugestionabilidade, tudo servido por muita fantasia e imaginação. Mostramos que o que há de mais característico nas manifestações espíritas é a sua insignificância, que não raro atinge o ridículo, sobretudo dada a seriedade com que são tomadas e a sinceridade e honestidade de muitos dos seus parti-

cipantes! Além disso, é preciso considerar que as ilusões e as alucinações são relativamente freqüentes, podendo fazer parte do mecanismo psíquico normal, em variadas circunstâncias. Nas alucinações, o processo é interno, não havendo necessidade de qualquer motivação externa para desencadeá-las, enquanto, nas ilusões, há desfiguração subjetiva da realidade objetiva. Tanto num, como noutro caso, não é raro o indivíduo convencer-se da realidade da manifestação, tal como acontece com a sugestão hipnótica.

O professor J. E. Rauth, da Universidade católica de Washington, demonstrou experimentalmente, sobretudo em crianças, que as imagens mentais podem adquirir tal intensidade, a ponto de se imporem como concretas, objetivas. É o que tem sido classificado em psicologia de imagens eidéticas, que podem corresponder integralmente à realidade. Um exemplo de Rauth: um rapaz examina durante alguns minutos um desenho geométrico no qual se encontram defeitos ligeiros, quase imperceptíveis, tais como uma linha mal traçada ou quebrada num ponto, coisa que, a um simples golpe de vista, passaria despercebida a qualquer pessoa. Pois bem, o rapaz reproduziu numa folha de papel branco o desenho, de maneira rigorosa, com todos os seus pequenos defeitos, como se o estivesse apenas cobrindo a lápis. Esse fenômeno tem sido aproveitado para explicar certas aparições, sobretudo de crianças, quando vêem imagens de santos, mais comumente da Virgem, em geral reprodução da que viram em gravuras. Em vez da mitomania parece haver nesses casos lembranças objetivadas, imagens eidéticas, que são aliás muito freqüentes, como tem sido verificado, principalmente em escolares: “Uma investigação experimental mostrou que o eidetismo atinge 50 por cento das crianças das escolas de Marburg, na Alemanha, 28 nas de Genebra e mais de 60 de Viena. Em tais condições, as visões podem ter um fundo real, correspondendo ao mecanismo psicológico em questão. Um pintor inglês, que executava a sua arte com extraordinária rapidez, descreve nos seguintes termos a sua maneira de trabalhar: “Quando se apresentava um modelo, eu o observava com atenção durante uma meia-hora, esboçando de vez em quando os seus traços sobre a tela. E não tinha necessidade de pose mais prolongada, pois, depois disso, retirava a tela e tomava outro modelo. Quando queria prosseguir no primeiro retrato, fazia voltar a pessoa ao mesmo espírito, imaginava-a

sentada na cadeira, onde a via tão distintamente como se fosse verdade, até mesmo com formas e cores mais vivas e precisas. De vez em quando, eu olhava para a pessoa imaginada e punha-me a pintar, suspendendo o trabalho para examinar a pose, exatamente como se o original estivesse diante de mim. Todas as vezes que lançava o olhar para a cadeira, via o meu modelo”. H. Taine mostra que ele tomava a figura imagina como real e que esse erro passageiro se tornou depois definitivo, levando o pintor à loucura, devido à qual passou trinta anos num asilo. Ao lado de ilusões e alucinações oriundas desse mecanismo, podem processos de sugestão e contágio criar ou favorecer o aparecimento de idênticas manifestações. Talvez possam entrar nesse grupo as visões grandiosas de cruces, procissões, santos, exércitos e combates visto no ar e que têm sido objeto de inúmeras comunicações, vindas desde velhos tempos e confirmadas por grande número de testemunhas respeitáveis. Tudo isso sem contar processos de miragens que, em alguns casos, as podem também explicar. O mesmo pode ser repetido em relação ao diabo, que foi visto por tanta gente, que se torna justificada a frase de Gustave Le Bon, quando afirma que diabo é o personagem cuja existência está mais bem demon trada”, a julgar pelo testemunho humano, por vezes pago com a própria vida.

O que caracteriza as idéias falsas dos alienados, idéias e desacordo com a opinião do indivíduo normal, é a certeza que eles próprios nelas depositam, não nutrindo dúvida sobre a sua realidade. Muito comum, é o fato de o demente expressar seu próprio pensamento, ouvindo-o como provindo de outra fonte. Ouvir vozes é um sinal freqüente de loucura, como é muito sabido pelos próprios leigos. Mas, mesmo dentro de circunstâncias chamadas normais, podem as ilusões e alucinações possuir extraordinário poder de persistência, que explica o motivo pelo qual podem ser defendidas com convicção, principalmente quando estranhas ou incompreensíveis, portanto, de efeito mais impressionante.

Mostramos que a sugestão pós-hipnótica demonstra de maneira decisiva quanto as representações subscientes podem impor-se como reais, tornando-se mesmo fator determinante das nossas ações. Quando o indivíduo executa a ordem recebida, ele dela se lembra, embora sem suspeitar que está sendo movido por tal recordação. Muitas vezes, a idéia parece obse-

dante e o indivíduo não se sente bem senão depois de executá-la, mesmo não estando de acordo com os seus atos e pensamento. Parece que é a execução que liberta o indivíduo da tensão ou pressão que exerce sobre ele a sugestão subconsciente. Nesse sentido, as idéias fixas, as alucinações e as impulsões podem dominar por completo a personalidade do indivíduo, sendo manifestação freqüente nas psicopatias. Há pessoas que se acreditam guiadas por gênios ou espíritos, cuja opinião consultam para resolver mesmo as pequenas coisas da vida. Tasso tinha o seu gênio, Sócrates o seu demônio e Lutero discutia com o diabo.

Aliás, a nossa tendência para o maravilhoso deve ter as suas razões de ser psicológicas, freqüentemente baseadas na nossa necessidade de sobrepor-nos aos fatos, de libertar-nos das leis que regem tão despoticamente todos os fenômenos do mundo e da nossa existência. Não é por outro motivo, que as próprias ilusões e alucinações se adaptam capeiosamente à verdade, quer suprimindo o que dela se afasta, quer ajuntando o que a possa reforçar. As histórias de fantasmas, as transmissões telepáticas e muitas outras das chamadas manifestações metapsíquicas andam impregnadas de adições e amputações que, não raro, fornecem material suficiente para explicá-las. Não se pode também afirmar que os indivíduos facilmente sugestionáveis sejam mentirosos quando faltam à verdade: o que acontece comumente é de serem eles próprios as primeiras vítimas da sua fantasia. Já se tem mostrado que, quando o juiz indaga do acontecimento criminoso, pode acontecer de sua própria pergunta ter efeito sugestivo, despertando no cérebro do réu ou das testemunhas uma alucinação, que eles, conscienciosamente, acreditam ser a verdade. O essencial, portanto, é estabelecer se determinada manifestação existe apenas na fantasia de alguém ou faz parte do cortejo das realidades. A questão é de investigação e esclarecimento, pois somente por esse caminho poderá ser encontrada a exata significação do fenômeno. Foi por essa via que desapareceram as bruxas e a grande histeria passou à história.

Até agora tem havido grande confusão e desorientação em relação aos chamados fenômenos metapsíquicos, que pareciam abertos à curiosidade de todo e qualquer indivíduo, mesmo daqueles ignorantes dos fatos mais mezinhos da mecânica e da física e que nada sabem de psicologia e psiquiatria. Nessas

condições, não é de admirar que os resultados fossem tão extravagantes e desorientadores, mormente quando o terreno se impunha como de acesso difícil, tão emaranhado, que mesmo especialistas em questões psíquicas temiam nele penetrar. Basta considerar as condições em que são realizadas tais pesquisas em ambientes sempre saturados de sugestões, quase sem luz, com sombras e formas que surgem e se movem, materializações partindo de uma cabina, proibição de tocá-las, imobilização dos assistentes, tudo impregnado de mistério e ter-se-á logo a impressão das dificuldades a vencer, quanto é fácil errar e ser ludibriado, quer por manobras subconscientes, talvez honestas, quer por outras desonestas, executadas de propósito, sorrateiramente. Por tudo isso, deve insistir-se em que os observadores sejam pessoas de capacidade, à altura dos problemas que vão investigar. É uma exigência que parece bem natural e justificada, embora, na prática, seja quase o contrário que tem acontecido. A grande maioria dos adeptos das doutrinas em questão são crentes e devotos tão convictos que, em geral, nada percebem ou nada desejam perceber do que se está passando de falso em torno deles. Um autor francês disse, com muita perspicácia: “Os médiuns não podem enganar e não enganam senão àqueles que querem ser enganados; a desgraça é que todos os adeptos dessas pretensas ciências se deixam dócil e benevolmente ludibriar e explorar. Em vão, procura-se convencê-los de que estão sendo enganados e mistificados, mas eles não querem nada ver nem ouvir”. Certamente não é por outra razão que se exige que as sessões sejam realizadas segundo os desejos do médium e somente diante de pessoas de confiança e de boa fé, sem o que os fenômenos não se manifestarão. A consequência é que eles somente poderão ser vistos pelas pessoas que neles acreditam de antemão, faltando aos outros possibilidades para se darem conta da realidade. Por isso, como já mostramos, não se deve estranhar que as manifestações obtidas sejam tão medíocres e pueris e forneçam impressão tão triste e dolorosa do outro mundo, cujos habitantes sabem tão pouco e se exprimem tão mal. O papel que o subconsciente representa em tal fenomenologia é tão evidente e de tal ordem, que também por ele podemos compreender todas essas insuficiências e infantilidades, tão de acordo com a mentalidade dos seus manipuladores.

Vimos que a explicação espírita das manifestações em questão tem caído progressivamente e, hoje, pode dizer-se que ela

não faz mais parte das cogitações do mundo científico, mesmo de partidários das correntes espiritualistas. O problema seria humano, terreno, e nada teria de sobrenatural. Já se tem afirmado que, mesmo que a telepatia, a telepsiquia, a psicometria e as materializações fossem fatos reais e demonstráveis, mesmo assim nada teriam a ver com o espiritualismo, do qual podem ser até a negação, sendo justamente esse o ponto de vista admitido pelo catolicismo. O que se vai tornando cada vez mais evidente é que as chamadas manifestações espíritas podem ser explicadas pela intervenção de idéias e pensamentos subconscientes, cuja exteriorização obedece a mecanismos psicológicos já suficientemente conhecidos. Mostramos que a sugestão e a hipnose explicam muitos desses fenômenos estranhos, desde os da histeria e bruxaria até estigmatizações, hipermnésias, amnésias, desdobramentos da personalidade, expressão em idiomas desconhecidos, automatismos gráficos, verbais, etc. Também em vez de logo se querer interpretar manifestações desse gênero, o que se deve primeiramente fazer é cogitar da sua realidade, da sua existência objetiva. Durante muito tempo afirmou-se categoricamente que o ectoplasma não podia ser tocado por pessoa alguma pois a sua ruptura ocasionaria perturbações graves, até a morte imediata do médium. Hoje, está demonstrado que nada disso acontece e que os perigos atribuídos à subitaneidade da luz deviam provir da possibilidade de descoberta dos truques empregados, o que realmente representava, não a morte do indivíduo, mas sim a do médium, como tal. Muito interessante é o fato de aparecerem os ectoplasmas sob diversas formas, variáveis segundo os diferentes observadores. Os descritos pelo doutor Crawford emanavam da parte inferior do corpo e davam pancadas no soalho, levantavam mesas e até aplicavam golpes violentos no próprio Dr. Crawford. Os do Dr. Geley eram calmos, educados, fornecendo até moldes de parafina! Alguns autores afirmavam que o ectoplasma desaparecia sob a ação da luz, embora outros conseguissem fotografá-lo, verificando tratar-se de uma substância que apresentava os caracteres de um tecido, tipo gaze de seda. Uns diziam que a sua matéria não podia ser analisada, pois a retirada de qualquer fragmento acarretaria perturbação grave e mesmo mortal para o médium. Apesar disso, metapsiquistas de renome chegaram a publicar dados quanto à sua estrutura e à sua composição, fornecendo até a sua fórmula química. A questão primária, no entanto, devia ser, não a de saber o que é o ectoplasma, mas

sim, inicialmente, a de estabelecer se realmente ele existe. Mas, se existisse realmente? Seria isso prova em favor do espiritismo, da sobrevivência da alma, de uma possível e futura encarnação? Haveria necessidade de se explicar tal fenômeno por meio de espíritos, pela intervenção de pessoas já falecidas? Sem dúvida, constituiria isso um erro de lógica e de bom senso, caso pudesse ser encontrada explicação mais natural, física, científica. Vimos que o próprio William Crookes, vinte quatro anos depois das suas experiências com a médium Florence Cook, disse num discurso perante a Associação Britânica para o Progresso das Ciências; “É anticientífico apelar para agentes misteriosos, quando cada novo progresso da ciência nos demonstra que as vibrações do éter possuem poderes e qualidades amplamente suficientes para tudo explicar”. Nesse particular, é evidente que, antes de se lançar mão de qualquer explicação sobrenatural, é necessário esgotar todas as possibilidades de interpretação natural. Se podemos discutir e repudiar interpretações, não podemos fazer o mesmo em relação a fatos cuja existência esteja demonstrada. Desde que a realidade de fenômenos metapsíquicos seja indiscutível, é natural que, desde logo, entrem no domínio da ciência, ficando ao lado dos outros fatos estabelecidos objetivamente. “Se certos indivíduos tivessem o poder de deslocar objetos sem contato, por intermédio de forças ou irradiações ainda não descobertas e que emanassem do seu organismo, e se fossem ainda capazes de produzir eflorcscências e ectoplasmas afetando formas humanas, de que maneira poderiam esses fatos insólitos pôr por terra os dados adquiridos pela ciência positiva?” É a pergunta que faz Charles Nordmann, embora lançando um desafio de que alguém possa fazê-lo. Em vez de afirmar, como Crookes: “Eu não digo que seja possível, mas que realmente é assim”, prefere a fórmula: “Não digo que é impossível e sim que é preciso provar que é assim”. E repete a opinião de Richet: “Se queremos que a metafísica seja uma ciência, comecemos por estabelecer fortemente os fatos”, exigência indispensável, mas que o seu próprio autor não soube cumprir.

O espiritismo, a quiromancia e todas as ciências ocultas que pretendem desvendar o futuro e penetrar nos mistérios do incognoscível sofreram, aliás, em tempos recentes, golpe tremendo, que as abalou em seus fundamentos. Queremo-nos referir às duas guerras passadas, quando se encontraram reunidas condições verdadeiramente excepcionais, que poderiam ter

fornecido a grande prova relativa às ligações deste mundo com o outro. Predições, transmissões telepáticas, mensagens de mortos, premonições, fenômenos de vidência, etc, tudo isso teve, então, oportunidade de se realizar objetivamente, como talvez nunca tenha sido antes possível dados os interesses e as exigências daquele momento. As comunicações eram difíceis, havia, em redor de tudo, segredos de guerra. A posição do soldado, o seu ferimento, a sua doença ou sua morte não chegavam senão tardiamente ao conhecimento dos seus conhecidos e parentes mais próximos. Além disso, a tensão do espírito era imensa, pois cada minuto que passava representava a destruição de milhares de existências, pelas quais se vivia em angústia e desespero. E foi aí que tudo falhou, não havendo a menor mensagem, uma palavra libertadora ou consoladora, mostrando que a vida não havia terminado, que ela continuava depois da morte. Em vez disso, verificou-se que as informações sobre os desaparecidos apresentavam percentagens de erro semelhante à dos cálculos de probabilidades. Muito freqüentemente, o combatente desaparecido era dado como prisioneiro, quando informações posteriores revelavam a sua morte, ocorrida antes da predição. E tais mortos nunca apareciam nas invocações para comunicar que já não se encontravam entre os vivos. As duas grandes catástrofes não foram também previstas, por ninguém, nem quanto ao seu início, nem quanto à sua terminação. O que agradava aos espíritos executar era dar pancadas em móveis e nas paredes, mexer com mesas, fazerem vibrar aparelhos musicais ou aparecer flores e fantasmas, tudo da maneira mais inútil e pueril, ainda acompanhando a pantomina de revelações insignificantes, sempre de uma horrorosa banalidade. A situação era verdadeiramente indigna da alma dos mortos e ofensiva ao decoro da nossa inteligência. Foi no momento mais grave de falar que a voz desapareceu e tudo ficou mergulhado no mais tenebroso silêncio. O homem não podia exceder ao próprio homem e o que ele atribuía ao além e aos espíritos desencarnados não passava de criações do seu próprio subconsciente. Quando Oliver Lodge publicou *Raymond*, houve grande emoção em torno do livro, mas os mais lúcidos logo compreenderam quanto havia aí de sofrimento paterno, desencadeado pela perda do filho. Eu atravessei todo o tempo da primeira guerra na Europa e tive ocasião de acompanhar tanto os sofrimentos por ela produzidos quanto as decepções e angústias desperta-

das pelas falsas premonições, pelas falsas vidências telepáticas, pelas falsas mensagens dos mortos.

Outros investigadores se têm limitado a consultar os mortos ou usar processos de vidência para indagar de acontecimentos mais simples e prosaicos, igualmente sem qualquer resultado. Desejam saber, por exemplo, o cavalo que vai ganhar nas corridas, qual o final a sair na loteria, o campeão vencedor num jogo de boxe, o ponto que vai cair em exame, etc. Tudo isso e coisas ainda mais insignificantes ficam fechadas à lucidez à penetração dos advinhos, embora não se cansem eles de dar conselhos aos seus clientes sobre a marcha de negócios, relações amorosas, atitudes que devem tomar nas mais variadas e difíceis situações da vida. Eu sei que eles procuram justificar a sua insuficiência nos casos em questão por uma série de explicações, cujas bases são por demais inconsistentes, embora não haja dúvida de que o motivo é aí muito simples. Trata-se de coisas concretas, positivas, claras, evidentes, cuja verificação é muito fácil, podendo ser feita imediatamente. Por essa razão, não sobra lugar para dúvidas e interpretações, para contornar fatos ou adaptá-los às circunstâncias. Expressões vagas, imprecisas, duvidosas, prestam-se a toda sorte de explorações, como já é sabido de todos os tempos, desde os oráculos da velha antigüidade. O fracasso do ocultismo está indubitavelmente ligado ao seu estudo científico, que tem mostrado quanto estão as suas manifestações impregnadas de crenças e mistificações. Não é, aliás, somente por essa razão que os cientistas se têm desinteressado da questão. As explicações fornecidas pelo espiritismo e pela intervenção de forças ocultas, apesar de serem excessivamente superficiais, têm dominado por toda parte, levando a graves erros e a abusos perigosos. Além disso, tornou-se cada vez mais evidente não haver necessidade de se apelar para o sobrenatural, uma vez que as nossas faculdades conscientes e inconscientes são capazes de explicar todas essas manifestações misteriosas, que, no final, são fabricadas pelo nosso próprio espírito. Se os mortos que voltam e nos visitam são criados, porém, por nós próprios, pela nossa imaginação, pelos desejos do nosso subconsciente, como demonstrar aos crentes e aos convictos de que são eles apenas produto da sua própria fantasia?

Os fatos produzidos por sugestão podem impor-se como reais, até mesmo como mais reais do que os que existem objetivamente, como é fácil demonstrar pela criação de alucinações

hipnóticas. Um exemplo: O hipnotizador dá ao sonâmbulo, numa das mãos, um canivete e, na outra, uma grande almofada tendo meio metro quadrado. Depois, pergunta-lhe que objetos são esses. A pessoa os vê e apalpa, reconhecendo-os corretamente, pela consistência, a cor, o tamanho, etc. Feito isto, o experimentador retoma os objetos por um momento, dizendo que, desta vez, lhe vai dar, em cada mão, um canivete, e solicita que os descreva. Na realidade, porém, dá-lhe os mesmos objetos, isto é, a almofada e o canivete. A sonâmbula descreve, então, o canivete exatamente como canivete e transforma a almofada em canivete, dizendo quantas lâminas tem, o seu tamanho, a sua cor, etc. Quando lhe pergunta como reconhece tal objeto como canivete, logo responde que é porque o vê e o apalpa. O experimentador prossegue: “Mas não acredita que se possa enganar, sabendo que, pela hipnose, é fácil produzir tais ilusões?” Ela responde irritada: “Não sou tão estúpida para acreditar que não se trata de um canivete, quando o vejo e posso apalpar!” Quando lhe é perguntado qual dos dois lhe parece de maior nitidez, logo responde que é o da mão direita, isto é, a almofada! Hirschfall, um dos melhores conhecedores do problema sob o ponto de vista da prática médica, apresenta, além desse exemplo, um outro extremamente ilustrativo: em hipnose, sugere que vai trazer para o seu apartamento uma das mais conhecidas igrejas de Berlim, colocando-a na palma da mão, como a sonâmbula poderá verificar. E pergunta-lhe se já está vendo o edifício. A resposta é afirmativa, sendo acompanhada de uma perfeita descrição da igreja. O médico indaga, então se ela julga possível transportar um edifício daquelas proporções na palma da mão, colocando-o dentro de um quarto muitas vezes menor que a igreja. Ela responde que julga isso impossível, mas acrescenta que, apesar disso, está vendo a igreja naquele lugar. O experimentador ordena que ela se aproxime e verifique se se trata realmente de uma igreja. A paciente dá alguns passos para a frente, para, volta para trás e, com a mão, apalpa no ar, dizendo em voz irritada: “Eu vejo e sinto a igreja e não sou tão estúpida que não saiba reconhecer o que é uma igreja”. Quando interrogada quanto à altura do edifício, responde que é muito alto e aponta para o teto, de onde pende um lustre. O médico indaga se ela está vendo o lustre e a resposta é afirmativa. Então, ajunta ele: “Como é possível estar vendo o lustre, quando se encontra aí a igreja? Pode então ver através da igreja?” Resposta: “Isso eu não sei, mas vejo o

lustre e a igreja e nada mais posso dizer”. O médico faz a última pergunta: “Qual dos dois está vendo mais nitidamente, a igreja ou o lustre?” Ela responde sem hesitar: “A igreja!”

A nossa opinião sobre o real e o verdadeiro depende da intensidade e da precisão das nossas representações, sendo que o julgamento crítico e as associações secundárias podem-se conservar dentro das alucinações, não precisando haver restrição no campo da consciência. A sugestão pode operar-se de variadas maneiras, sendo suficiente um desejo ou uma expectativa para que ela, às vezes, se realize. Num lugar escuro, basta esperar por alguém com suficiente interesse para se ouvir o barulho do veículo aguardado, sobretudo quando se aproxima ou já passou da hora aprazada. É isso fato por demais conhecido, como também aquele de se sentir o cheiro de querosene quando se toca em lampião, por vezes ainda não usado. Quando há interesse, os ruídos comuns e os acontecimentos normais de todos os dias são percebidos com mais intensidade e adquirem maior significação. Lembremo-nos de mãe carinhosa que, mesmo dentro de barulhada infernal é acordada pelo choro fraco do filhinho querido.

Quem acredita em espíritos e fantasmas está bem preparado para vê-los e ouvi-los. Nesse sentido, merece menção um anúncio de Will Goldston, ilusionista muito conhecido na Inglaterra e que foi presidente do Clube de Prestidigitadores. Goldston, apesar de perito na arte das ilusões, acreditava em fenômenos sobrenaturais e desejava obter provas para basear a sua convicção. Para isso, pôs um anúncio num jornal, a fim de comprar uma casa mal assombrada, onde pudesse observar tais fenômenos. O anúncio era concebido nos seguintes termos: “Há cinco anos, ando à procura de um fantasma. Não de uma manifestação obtida mediante ação de um médium, mas sim de um fantasma autêntico, tradicional, que eu possa ver, com quem possa falar, que me seja possível fotografar. Se eu conseguir descobrir um fantasma dessa natureza estou disposto a comprá-lo, com a casa em que habita, por conta do Conselho de Investigação Psíquica dos Prestidigitadores. O preço que ofereço é de três mil libras esterlinas. O verdadeiro objetivo da minha pesquisa é saber se existe realmente um fantasma correspondente à idéia popular e, neste caso, qual a razão da sua existência. Não se trata, de forma alguma, de uma preocupação de reclame ou tendência para o sensacional, mas sim de uma pura investigação científica”. O melhor ou o pior da

história é que Goldston, entregue às suas pesquisas, acabou por descobrir fantasmas até na sua própria casa, que lhe sacudiam a cama e até a tiravam do lugar. C. de Vesme, que comenta esses fatos, acha que a explicação mais aceitável é de que o próprio Goldston acabou por praticar inconscientemente tais atos, impressionado ou sugestionado pela sua própria imaginação.

Aliás, em relação aos participantes do movimento metapsíquico existem diferenças essenciais, havendo múltiplas e variadas razões, pelas quais dela podem fazer parte. Há os que tomam a coisa pelo lado prático e material, para ver, para encher o tempo, formar grupo, ter sensações, sair da rotina da vida quotidiana. Muitos, dessa maneira, encontram satisfação, contentam o seu complexo de superioridade, tornam-se médiuns, entram em contato com os espíritos do além, mesmo com os das mais altas esferas, aqueles que foram célebres no mundo e, agora, descem para dizer banalidades, falar por meio de pancadas, responder a questões horrorosamente insignificantes e pessoais. Outros querem resolver os seus problemas, defender os seus interesses materiais, acertar as suas questões afetivas, descobrir os seus perseguidores, encontrar bons negócios, enganar os menos espertos e, então, sentem-se no direito de mobilizar o mundo dos mortos e servir-se do seu auxílio para ganhar dinheiro ou alcançar vantagens terrenas. Alguns parecem dominados pelo problema da verdade, de querer descobri-la, de saber onde se encontra, dela necessitando para fundamentar a sua religião, a sua filosofia, a atitude que devem tomar dentro do universo. Mas, mesmo neste grupo pode haver subdivisões, no sentido de alguns serem sinceros e movidos por imperativos superiores, enquanto outros exploram essas mesmas tendências com um mínimo de convicção, por interesses subalternos, diretos, imediatos. A diferenciação, feita de fora, não é muito fácil, como atestam os inúmeros casos em que os sinceros acabam vítimas dos exploradores. Lugar à parte deve ser dado àqueles que, premidos pela angústia e o sofrimento, vêm à procura de consolação e conforto moral, apelando para o desconhecido na esperança de minorar a sua dor ou guardar contato com os seus entes queridos. Nessa emergência, não é para admirar nem censurar que a razão e a inteligência cedam lugar ao sentimento, que ouçamos bater o nosso coração, que nos deixemos dominar pela imaginação. A fé possui uma força incomensu-

rável, não havendo razão para o ser humano desprezá-la ou querer destruí-la. Mas é preciso que ela se conserve dentro do seu território e não queira servir-se dos argumentos que não lhe pertencem. A ciência tem outras exigências e, antes de tudo, não se pode deixar levar por ilusões. É isso que precisa ser bem estabelecido, constituindo o seu imperativo categórico.

Vimos que um argumento muito empregado pelos adeptos do espiritismo é o de ser essa doutrina aceita e defendida por homens de grande respeitabilidade moral e intelectual, alguns de alto renome em diversos domínios da ciência. E são citados comumente os nomes de William Crookes e Oliver Lodge, notáveis físicos ingleses, Charles Richet, célebre fisiologista e prêmio Nobel, R. Wallace, um dos fundadores do darwinismo, William James, de Rochas, Lombroso, Maxwell, Flammarion, Zöllner, Myers, Schrenck-Notzing, Bottazzi, Bozzano, Morselli, Ochorowicz, Assakof e mesmo d'Arsonval, os Curie e muitos outros. Oliver Lodge, que acredita na existência do ectoplasma, referindo-se aos fenômenos metapsíquicos, diz que existem fraudes e mentiras e que, nesse campo, são elas, sem dúvida alguma, possíveis, mas lhes dá pouca importância diante dos fenômenos que têm sido postos em evidência por observadores competentes. Charles Nordmann, do Observatório de Paris, mostra, porém, tratar-se de um problema delicado, perguntando: “Quem é competente em matéria metapsíquica? É difícil dizer. Serão os homens que estudaram muito e por longo tempo tais fenômenos?” E mostra que não, porque, nessa mesma categoria, existem tanto os que acreditam, quanto os que negam essas manifestações. E cita, entre eles, três dos mais ilustres fisiologistas franceses: Dastre; Richet e d'Arsonval, que estudaram longamente esses fenômenos e todos eles com a famosa Eusápia Paladino. Dastre conclui: “Tudo que me foi possível ver era trucado. Aliás, é extremamente difícil controlar tais experiências. Todas as condições necessárias para se poder começar uma sessão são estabelecidas de tal maneira que impedem um controle sério. Quando o médium sente ao redor de si uma verificação rigorosa dos seus menores gestos, fracassam as experiências. Eu não acredito na realidade desses fenômenos estranhos”. D'Arsonval reserva seu julgamento quanto à levitação, mas declara que as materializações podem ser explicadas por fraudes e acrobacias. Quanto a Richet, lembramos que ele não acredita na levitação, mas sim nas materializações, julgando

bem difícil atribuir os fenômenos produzidos a uma simples burla, embora admitindo que “a prova formal, inegável, de que não se trata de uma fraude por parte do médium ou de uma ilusão da nossa parte, ainda não tinha sido dada”.

Por isso, Nordmann chega à conclusão de que o argumento quanto à competência nada significa nesse domínio, chegando pessoas igualmente competentes a conclusões divergentes. E acrescenta que, uma vez demonstrado o erro, em nada afetará isso a glória dos grandes sábios que nele acreditaram. Há muita diferença entre a investigação científica, estabelecida segundo regras exatas e de fácil verificação e os fenômenos metapsíquicos em questão, que exigem participação do médium, de assistentes e condições insuficientes de controle. Depois, exemplifica, mostrando que um Pasteur ou um Henri Poincaré seriam mais facilmente “enrolados” do que qualquer indivíduo de segunda ordem. Tudo depende aí do temperamento da pessoa, das suas tendências espirituais. É por demais sabido que o ambiente das sessões é altamente impressionante e que a força da sugestão, já partindo da voz do médium, em geral ofegante e cheia de emoção, basta para pôr o crente em estado de ver coisas transcendentais. Qualquer coisa simples e natural adquire proporções sobrenaturais; um reflexo de luz transforma-se numa aparição significativa; um pé ou uma mão que nos tocam, um sopro que atinge a nossa nuca ou o nosso cabelo já são interpretados como manifestações de espíritos vindos do outro mundo, talvez em vias de materialização ou encarnação.

Gustave Le Bon, tratando da questão, diz esplendidamente: “Um erro muito geral é pensar que um sábio, profundo na sua especialidade, possua, por essa única razão, uma aptidão particular para a observação de fatos estranhos à sua especialidade, principalmente quando, neles, podem a ilusão e a fraude representar papel preponderante. Vivendo na sinceridade, habituados a acreditar nos testemunhos dos seus sentidos, completado pela precisão de instrumentos, são os sábios, na realidade, os homens que mais facilmente se deixam enganar. Os fenômenos do espiritismo não poderiam, portanto, ser eficazmente verificados por sábios. Os únicos observadores competentes seriam homens habituados a criar ilusões e, portanto, também a frustrá-las, isto é, os prestidigitadores”. Quanto aos fenômenos ocultos, acha Le Bon que as provas de testemunho, mesmo quando numerosas e concordantes, devem ser rejeitadas, “simplesmente porque a história da maioria dos fenômenos maravi-

lhosos prova que milhares de observadores afirmaram a existência de fatos, que mais tarde foram reconhecidos como alucinações individuais ou coletivas. As cenas do “sabbat”, às quais compareciam legiões de feiticeiras vindas pelo ar, foram confirmadas por testemunhos unânimes, consignados em inúmeros processos. Muitos poucos fatos históricos baseam-se em documentação tão completa. Apesar disso, ninguém ousaria hoje sustentar a existência real dos fenômenos de bruxaria. As aparições sobrenaturais, atestadas por centenas de observadores, não são consideradas atualmente como tendo existência mais certa. O testemunho, como método de estudo dos fenômenos maravilhosos, deve ser rejeitado completamente e, pela mesma razão, não tem valor a observação individual. Em matéria dessa natureza, a sugestão é um fator constante, que age sobretudo quando o observador, já influenciado por qualquer expectativa, acredita haver percebido um sinal do fenômeno. Nas experiências espíritas, a influência da sugestão predomina de maneira completa, tal como o reconhecem os seus próprios autores”. É o que Le Bon ilustra, citando Maxwell: “Os experimentadores, verdadeiramente, se sugestionam uns aos outros e acabam por ter curiosas alucinações coletivas. Aconteceu-me ouvir um assistente indicando que percebia uma claridade numa determinada direção. Os outros olharam e também viram. Depois, um deles declarou que percebia uma forma e, logo depois, outras pessoas viram igualmente essa forma. E, de exclamação em exclamação, a descrição da forma se completou. Assistiu-se, assim, à gênese de uma alucinação coletiva”. O professor Beaunis, conhecido pelos seus trabalhos sobre o hipnotismo, diz textualmente: “Limitar-se a verificar um fenômeno não é tão fácil quanto se acredita. Queiramos ou não, temos tendência para deformar os fatos que observamos, adaptando-os às nossas idéias, aos nossos hábitos mentais, à nossa maneira de ver. A observação pura é coisa muito rara. Tomai dez testemunhas de um mesmo fato e cada uma delas, de boa fé, descreve-lo-á de maneira diferente”.

Em todo o caso, o que tem sido posto em evidência é que as experiências no terreno da metapsíquica têm sido feitas de maneira desordenada, geralmente sem as necessárias condições de controle e garantia. O mistério do local, a sua obscuridade, as sombras e as formas que se deslocam, a voz do médium e o seu estado de transe, a emotividade e a mentalidade dos parti-

cipantes, tudo isso e ainda muitas outras coisas podem explicar o que se passa naquele estranho ambiente. Por tudo isso, não é para admirar que muitas fraudes sejam inconscientes, destituídas de qualquer desonestidade, sendo os seus autores levados a praticá-las para conseguir as revelações que esperam e estão de acordo com os seus desejos e a sua convicção. O mecanismo psíquico da sugestão esclarece facilmente tais intervenções, como mostramos no decorrer do presente trabalho. Aliás, é nesse sentido, que o caminho se encontra atravancado de material por demais abundante, cuja exata significação nos é difícil conceber. Já não se trata de manifestações essenciais ao espiritismo, mas apenas daquelas do domínio da metapsíquica, alheias à doutrina espírita. Referimos que existem numerosos livros e outras publicações sobre fantasmas, profecias, telepatias e outros fenômenos considerados sobrenaturais, cujas descrições são impressionantes e dadas com tanta precisão que parecem corresponder autenticamente à realidade. Antes de tudo, o que é preciso ser evitado são intepretações prematuras dessas manifestações antes de estar a sua realidade absolutamente estabelecida. Não temos o direito de lançar mão do sobrenatural para explicar fenômenos humanos, provavelmente muito naturais. Mesmo desconhecendo a causa de certas manifestações, não devemos atribuí-las à ação de mortos ou à intervenção de almas e espíritos, pois ainda ignoramos o mecanismo de muitos outros fenômenos já bem averiguados pela ciência. O que é também pouco digno e pouco decente é supor que, se os mortos realmente existem, somente se possam revelar por meio desses processos pueris de dar pancadas, fazer aparecer objetos, produzir o célebre ectoplasma, que teme tanto a luz e os prestidigitadores. Há em tudo isso muito pouco respeito pelos mortos, muito ambiente de mistificação e charlatanismo, sobretudo quando deveríamos esperar provas mais limpas e convincentes da sua sobrevivência. A metapsíquica pode ser estudada independentemente da interpretação espírita, sem precisar afetar, de qualquer modo, a crença da imortalidade da alma. Como bem se sabe é assim que pensam os adeptos da religião católica e de outras religiões, quando se levantam condenando o espiritismo. Um dos defeitos capitais da doutrina espírita é de querer basear-se em fatos grosseiros e quotidianos, dando-lhes interpretação sobrenatural. Isso tem dado lugar a toda sorte de mercantilismo, criando a modalidade do baixo espiritismo, tão próximo dos processos de quiromancia, carto-

mancia e inúmeros outros explorados em prejuízo de crentes e ingênuos. Charles Normann reconhece que o maravilhoso floresce também num plano infinitamente mais elevado, embora acreditando que a sua parte comercial seja anódina e que talvez se deva até bendizer os seus exploradores, “que vendem a esperança e a ilusão, essas duas muletas do sofrimento humano”. Conhecemos muito de perto a questão, sabendo dos prejuízos e perigos acarretados por tais intervenções interesseiras, das quais são vítimas, sobretudo, indivíduos menos cultos e menos afortunados. Ao lado disso, porém, há uma classe de convictos e abnegados que, sinceramente, procuram ter contacto com o outro mundo, principalmente visando auxiliar os que estão ainda vivos e necessitam de proteção. Esses ganhariam em ficar no terreno puramente místico e religioso, livres dos interesses que dominam cá em baixo na terra e que tanto têm contribuído para desmoralizar essa corrente espiritualista.

O que é preciso, afinal, é que os fatos naturais não sejam tomados como sobrenaturais, que nos atenhamos mais aos fatos que à sua interpretação. Os nossos interesses, os nossos desejos, o nosso amor próprio, as nossas tendências subjetivas, podem nos levar por caminhos falsos e perigosos. O argumento de que sábios ilustres e homens de primeira plana se têm batido pelas materializações e telecinesias é bem fraco quando se consideram os erros de que têm sido eles vítimas. E também constitui perigosa evasiva essa de acreditar que é o atraso da ciência que não permite o reconhecimento de tais realidades. Quando se citam exemplos, como os de Magendie negando a anestesia cirúrgica, dos adversários de Pasteur relutando durante dezenas de anos para admitir a existência de micróbios; de Galileu, posto na prisão por afirmar que a terra girava, do velho Bouillaud ridicularizando o fonógrafo, não há dúvida que os fatos permaneceram de pé e se impuseram pela sua própria realidade. O mesmo pode ser dito dos processos de sugestão e hipnotismo, que, nos primeiros tempos, desorientaram o público e os próprios sábios, entrando depois no terreno científico, da investigação experimental. Quanta coisa maravilhosa e absurda não ocorreu naquela época, quando os fatos eram mal conhecidos, havendo lugar para as mais vastas, incontroláveis suposições! Muito do que alguns consideram ainda hoje como sobrenatural e incompreensível, já se deixa explicar por processos de automatismo e outras manifestações do nosso inconsciente. Não nos

esqueçamos de que “não foi senão na segunda metade do século dezenove que a psicologia do inconsciente conseguiu avançar, fazendo passar o ocultismo, que constituía um mundo de maravilhosos inexplicáveis e cegas superstições, para o domínio das disciplinas científicas”. Precisamos considerar é que o nosso subconsciente tem uma extensão e um poder que estávamos longe de suspeitar. A história da humanidade e a própria vida humana estão cheias de acontecimentos surpreendentes, cujo mecanismo nos escapa, obrigando-nos a construir explicações por vezes das mais absurdas e inaceitáveis. A magia, a feitiçaria, a cabala, a astrologia, o satanismo são etapas dessa evolução, que também compreende a quiromancia, a cartomancia, a grafologia, o faquirismo, a oniromancia, vindo até a vidência e o espiritismo. “Parece que toda ciência, diz Pierre Janet, deve passar por um período de bizarra superstição: a astronomia e a química começaram pela astrologia e a alquimia. A psicologia experimental iniciou-se pelo magnetismo animal e o espiritismo. Não devemos esquecer isso nem nos rirmos dos nossos antepassados”.

Ao lado dos fatores de erro e desorientação já aqui analisados, existem ainda outros, cujas conseqüências têm sido incalculáveis. Queremos nos referir, em primeiro lugar, à publicidade feita em torno do assunto e que se tem multiplicado de maneira espantosa. Por toda parte, existem centros e associações que se ocupam do espiritismo, alguns tendo repercussão internacional. O número de livros, revistas, jornais e outras publicações que lhe são dedicados é enorme e muitos periódicos, dos gêneros mais diversos, tratam desse tema, que interessa ao grande público e aos letrados encontrando secções especiais em muitos quotidianos. O pior, porém, é que essa publicidade, visando o sucesso e a divulgação do jornal, acaba explorando a boa fé, os desejos e as tendências dos seus leitores. Um exemplo muito ilustrativo foi o das célebres experiências da Sorbonne, realizadas por Lapique, Georges Dumas, Henri Piéron e Henri Laugier com a célebre médium Eva, heroína das estranhas manifestações estudadas por Charles Richet e largamente discutidas no presente trabalho. Vimos que essa experimentação teve repercussão universal, tendo chegado os seus autores a resultados negativos quanto à realidade sobrenatural daqueles fenômenos. Pois bem, quase no início das pesquisas, quando os investigadores guardavam ainda segredo sobre os resultados

das suas experiências, consagrou o “New-York Herald’ grandes páginas, ornadas de fotografias e desenhos, para relatar que Eva, em plena Sorbonne, havia materializado uma mulherzinha viva, que tinha apenas 20 centímetros de altura. O artigo teve por título: “A maravilha que estupefaz os sábios da Sarbonne”! E um doutor, considerado como um dos maiores especialistas em ciências psíquicas nos Estados Unidos, exclamou num artigo cheio de entusiasmo: “Finalmente, encontramos diante de revelações vindas do outro mundo”! Se, daquela vez os acontecimentos foram cômicos e risíveis, não há dúvida que na maioria das outras, são tomados a sério e ficam registrados como fazendo parte dos fatos sobrenaturais. Aliás, tanto o espiritismo, como as religiões que admitem a sobrevivência do ser humano, correspondem a injunções do nosso complexo de superioridade, que nos faz defender a vida até além da morte. Talvez por isso somos tão ingênuos nas nossas convicções místicas, acreditando em coisas absurdas e inadmissíveis ou supondo que, depois de mortos andamos ridiculamente a mexer com mesas ou dar pancadas em móveis para mostrar a nossa presença, que também pode revestir a forma de fantasmas barulhentos, quando não de assombrações passivas e vaporosas. Pobre homem, tão cheio de medos e pretensões, tão vaidoso e insignificante!

Sob o ponto de vista psicológico, não há a menor dúvida de que, entre as numerosas razões que levam à exploração do sobrenatural, devem entrar em linha de conta a vaidade e o amor próprio dos seus participantes. É de toda evidência que o sentir-se repositório de forças extraterrenas, poder desvendar o futuro, dar conselhos aos seus semelhantes, sobretudo baseados em revelações, deve produzir extraordinária sensação de superioridade no pobre mortal que se julga dotado de tão prodigiosos atributos. Na sessão espírita deve ocorrer fato semelhante, quando indivíduos comuns, vulgares, insignificantes, reúnem-se para entrar em contato com os mistérios do outro mundo, recebendo mensagens de espíritos superiores. É, então, de admirar que os próprios participantes acabem por auxiliar as forças ocultas, evitando que fraquejem ou deixem de fornecer as suas revelações? No problema do ocultismo é necessário levar em consideração essas pretensões do indivíduo e o papel que nelas representa o seu complexo de superioridade. O que se verifica com grande freqüência é que, por meio dos recursos

em questão, muitos encontram meios para satisfazer os seus desejos ou compensar as suas inferioridades. Enquanto o estudo e a ciência são de acesso difícil, exigem trabalho e aplicação podem eles aqui, sem qualquer preparo, imiscuir-se nas questões mais graves do mundo e da vida, julgando-se iguais ou superiores aos que cogitam seriamente desses mistérios transcendentais. Não é natural e compreensível a atração que deve isso exercer sobre grande parte da massa humana e o fanatismo com que são defendidas tais convicções? Estamos aí diante de um fenômeno de grande significação psicológica, talvez mais importante que a simples tendência mística que, em outros casos, pode igualmente explicar essas manifestações. Não é a mesma coisa levar o indivíduo vida habitualmente apagada, no ramerrão das tarefas diárias ou, pelo contrário, sentir-se guindado às alturas, dotado de forças sobrenaturais, capazes de torná-lo intermediário entre este real mundo terreno e os mistérios do além. O nosso complexo de superioridade anda à espreita de todas as possibilidades de ascensão, sendo evidente que, em muitos casos, servirá isso de compensação aos nossos desejos secretos e às nossas ocultas apirações. Depois, quando o indivíduo se transforma em profeta, quando é procurado para dar conselhos e fazer revelações, quando sai da sua pobre mediocridade para guiar os seus semelhantes, então, é fácil julgar quanto deve lisonjear isso o seu amor próprio, contribuir para a sua convicção de predestinado, dotado de poderes que os outros seres humanos não possuem. Que se pense nesta esplêndida e maravilhosa situação: passar das pequenas atribulações da vida quotidiana para as tarefas transcendentais dos mundos desconhecidos! E tudo sem esforço, sem trabalho, sem preencher qualquer exigência ou necessitar fornecer provas de qualquer habilitação! A porta está escancarada demais e é até para admirar que o trânsito não seja maior. A análise psicológica mostrará com facilidade, em cada caso particular, de onde vem a presunção, quais as suas vantagens e as razões do seu aparecimento. Em geral, a situação é tão transparente que não necessita muita perspicácia para penetrar a sua exacta significação. O que é antes para surpreender é que os predestinados não apareçam ainda com muito maior frequência.

No maravilhoso, entram sempre em ação fatores humanos, capazes de tornar compreensível toda a sua psicologia. Em primeiro lugar devemos considerar o nosso complexo de superioridade-

dade, o nosso amor próprio que, dentro da vida de qualquer indivíduo, representa dado de importância fundamental. O nosso papel dentro da família, na sociedade e na profissão depende essencialmente desse complexo que é, afinal, um dos determinantes biológicos capitais da vida do homem e dos animais. É assunto sobre o qual temos escrito longamente e que também aqui se revela de extraordinária significação. Porque essa tendência para a exibição, para se fazer valer, para querer colocar-se acima dos outros, tornando-os vítimas das nossas figurações, das nossas falsas atitudes, quando não das nossas trapaças ou simulações? Não é evidente que ficamos aí por cima, que o nosso papel é superior ao dos outros? Esse simples mecanismo explica muitos fatos estranhos e incompreensíveis, que podem custar uma reputação ou mesmo toda a vida. A história da magia, da bruxaria, e, sobretudo, do mediunismo, está cheia de exemplos elucidativos.

Julgamos desnecessário prosseguir na discussão desse tema, que já deu lugar a uma bibliografia de imensas proporções e que continua permanentemente crescendo, através de numerosos livros e revistas especializadas. Em tudo isso não tem aparecido nada de muito novo, nem de muito extraordinário, reproduzindo-se as mesmas coisas em monótona repetição. Quando surge algo de mais inesperado ou impressionante, pode-se esperar regularmente pelo seu desmentido, que não raro aparece em tempo muito próximo. Do pouco que se sabia, já não se ignora que quase tudo estava errado. E é nessa direção que o verdadeiro progresso se tem realizado. “Porque supor, porém, pergunta Richet, que não existem outras forças, além das que são acessíveis aos nossos sentidos? Huxley refere que colocou a cabeça entre os braços de um enorme ímã e que, então, aconteceu qualquer coisa de extraordinário, isto é, não aconteceu nada! Uma força enorme, capaz de levantar 200 quilos de ferro e que não produz impressão alguma sobre nossos sentidos. As correntes de alta voltagem, bastante poderosas para acender lâmpadas elétricas, atravessam o nosso corpo sem produzir a menor impressão, sem que o percebamos”. Isso é tanto mais singular, quanto somos insensíveis a correntes de alta voltagem, por exemplo, uma de 200 mil vibrações, capaz de acender uma lâmpada mantida pelas nossas mãos, enquanto seríamos mortos e destruídos por correntes de mais lentas vibrações. Se tudo

isso é extraordinário e ainda incompreensível, não há dúvida de que a natureza está cheia de manifestações idênticas, que também não compreendemos nem podemos explicar, mas que estamos longe de admitir como sobrenaturais. A atração que o ímã exerce sobre o ferro não seria menos maravilhosa que a transmissão do pensamento, caso esta existisse e pudesse ser demonstrada. O argumento já foi apresentado para justificar tal possibilidade, mas não tem valor enquanto tal transmissão não for provada. Aqui, trata-se de fatos e não de argumentos.

Por mais extravagante ou incompreensível que seja qualquer manifestação, deve ter ela direito de cidade, desde que a sua realidade fique demonstrada sem qualquer dúvida, cientificamente. A descoberta do fonógrafo, à qual já nos referimos, deu lugar a um incidente na Academia de Ciências de Paris, que teve larga repercussão, sendo citado ainda hoje em favor das doutrinas espíritas e ocultistas, quando os seus adeptos procuram defendê-las, argumentando que fatos reais e positivos têm sido negados pela própria ciência. Na sessão de 11 de março de 1878 da dita Academia, quando Moncel apresentou pela primeira vez o fonógrafo, Bouillaud, célebre médico da época, pegou-o pelo pescoço, chamando-o de ventríloquo e miserável impostor. A cena, que foi referida primeiramente por Flammarion, que a assistiu, nada tem de extraordinário, pois mostra apenas a reação de um indivíduo impulsivo, que já era conhecido pelas suas singularidades. O que, em geral, não é acrescentado, é que o próprio Bouillaud, diante de novas demonstrações, deve ter-se logo convencido da realidade, tendo se transformado em ardente entusiasta da descoberta, como é fácil pressupor. Pouco tempo depois, em 1880, Lord Rayleigh expressou-se nos seguintes termos sobre o telefone, que acabava de ser descoberto: “É verdadeiramente extraordinário! Do último andar da minha casa, pude ouvir distintamente o senhor Bell, que me falava do andar térreo. É um instrumento surpreendente, mas suponho que nunca poderá ter grande uso”. Quando Galileu descobriu o telescópio e, por meio dele, encontrou novos mundos no firmamento, muitos negaram o seu invento, que parecia estar em desacordo com os conhecimentos da época. É o que nos diz o próprio Galileu, escrevendo a Kepler: “Tu és o primeiro e quase o único que, mesmo sem ver, deste absoluto crédito às minhas informações. Que dirás tu,

porém, dos maiores professores do Ginásio de Pádua, que não quiseram ver nem os planetas, nem a lua, nem o próprio telescópio que lhes procurei mostrar? Essa espécie de gente acredita que a verdade não está no mundo ou na natureza, mas deve ser procurada somente nos textos, comparativamente. Como tu te terias rido vendo, em Pisa, o principal professor do ginásio, em presença do grão-duque, procurar demonstrar, por meio de argumentos lógicos, semelhantes aos esconjuros mágicos, a inexistência dos novos planetas”.

Aliás, um dos argumentos mais empregados em favor do espiritismo e da metapsíquica tem sido justamente esse, de que muitos fatos demonstrados hoje pela Ciência foram a princípio negados ou tidos como absurdos. Quando Claude Bernard anunciou que os animais eram capazes de fabricar açúcar, logo apareceram objeções: “Admitir a fabricação de açúcar pelos animais é desarranjar a harmonia do mundo vivo. São os vegetais que fazem açúcar e os animais que o consomem. O açúcar que se tem encontrado nos organismos animais é açúcar proveniente dos alimentos ou resultante de alterações cadavéricas. Em resumo: o açúcar não pode ser fabricado por um organismo animal”. Quando Harvey descobriu a circulação do sangue, o médico italiano Primerose respondeu-lhe: “É possível que tu, em Londres, tenhas ouvido o coração bater no peito; mas nós, em Veneza, nada ouvimos de semelhante”. Também, nas Academias de Paris, foram o emprego do quinino, a vacinação contra a varíola, o uso da máquina a vapor e o pára-raios objeto de dúvidas e desaprovações. Mais tarde, nas suas sessões, ridicularizou-se o emprego do éter sulfúrico em operações e seus membros decidiram recusar comunicações e discussões sobre o magnetismo animal. Em 1735, Réaumur considerou a afirmação de Peysonel, de que os pólipos eram animais, como falsa, e evitou que o trabalho em questão fosse publicado. Depois da descoberta de Pasteur, o papel dos micróbios foi negado durante quase duas dezenas de anos pelos membros de todas as Academias. Também os cálculos de Zeppelin sobre o balão dirigível, “rígido e tão pesado quanto o ar”, foram considerados absurdos por uma comissão de técnicos. Da mesma maneira, Harvey, Jenner, Lavoisier, Semmelweiss, Jean Müller, Franklin e muitos outros viram negadas as suas descobertas. “Tudo o que ignoramos parece inverossímil! Luiz XIV ou os

seus ministros certamente teriam mandado para o hospício o indivíduo que lhes tivesse afirmado: “Pode-se ouvir em Roma a voz de um homem falando em Paris” ou: “Podem-se ver, através das carnes, os ossos de pessoas vivas”, ou: “Podem-se meter em garrafas germens de moléstias e cultivá-los num armário”, ou ainda: “Podem-se transportar pelos ares quinhentos canhões numa velocidade de 300 quilômetros por hora”. Pois bem, quem tivesse afirmado tais coisas, teria apenas anunciado o telefone, a radioscopia, a bacteriologia e o aeroplano, que são realidades incontestáveis. No entanto, Luiz XIV teria considerado essas afirmações como muito mais inverossímeis do que se tivesse ouvido: “Certas pessoas têm o poder de deslocar objetos sem contato e sem a intervenção das forças materiais conhecidas”, ou: “Certas pessoas têm a faculdade de produzir, por vezes, formações visíveis e fugazes, emanando de seu corpo e afetando a forma de fisionomias ou membros humanos”, ou: “Certas pessoas possuem uma faculdade de conhecimento, uma possibilidade de penetrar pensamentos ou objetos ocultos, que é diferente das faculdades sensoriais normais”. Pois bem, são esses os problemas da metapsíquica atual, que procura estudá-los sob as denominações de criptestesia ou lucidez, de ectoplasmia ou materialização, de telecinesia e de levitação. Ainda no século passado todos os fenômenos dessa natureza eram negados aprioristicamente por muitos sábios, bastando citar o nome do físico e astrônomo Babinet e o de Littré. Babinet repudiava como absurdo e em contradição com as leis da natureza uma série de fenômenos, desde a magia, a astrologia, as curas miraculosas de Mesmer, o magnetismo animal até o movimento das mesas rodantes, então em seu início. O grande físico inglês, lord Kelvin, afirmava categoricamente: “Faço questão de repelir toda e qualquer tendência para aceitar a miserável superstição do magnetismo animal, das mesas que dão sinais, do espiritismo, do mesmerismo, da clarividência, das pancadas dadas”. E o que tem acontecido, desde então? Muitas dessas manifestações já saíram do terreno metapsíquico, tendo adquirido direito de cidade na ciência positiva, como demonstram muitos fatos referentes ao hipnotismo e à sugestão. Quanto aos outros, muitos acreditam que estão eles esperando, à porta da ciência, o momento de entrar.

Tem-se, aliás, o direito de condenar, de antemão, todas essas manifestações, considerando-as como falsas ou absurdas?

Já estamos senhores de toda a ciência para poder saber o que existe e tudo que não existe, tudo o que é certo e tudo que está errado? Não seria isso uma pretensão descabida, fora dos verdadeiros moldes da própria ciência? Lavoisier chegou a afirmar que, do céu, não podiam cair pedras, porque, no céu, não havia pedras. A sua afirmação é ridícula, mas foi justificada, porque então, se ignoravam os aerólitos. Hoje, ela não poderia ser repetida senão por um alienado, porque a realidade foi demonstrada por meio de fatos. Na verdade, porém, continuamos cercados de mistérios e sabemos que a sabedoria humana é diminuta, enquanto infinita a nossa ignorância. Mas mesmo dentro desse campo limitado, há coisas que podem ser e outras que não. Ninguém acredita que um elefante possa voar pelos ares ou uma vaca pôr um ovo de galinha, caso não seja por qualquer ato de magia ou astúcia ou quando nos tornamos vítimas de alucinações. É aí que se encontra o ponto central da questão, do qual não podemos fugir. Eu posso imaginar que um objeto qualquer esteja impregnado de impressões ou recordações do seu possuidor, o que é menos estranho do que o espermatozóide transportar caracteres do indivíduo, da sua família, da sua raça, desde longínquas gerações, para transmiti-los às vindouras, através de séculos e milênios. E, nesse sentido, não seria absurdo falar de memória atávica, caso pudesse ela encontrar substrato para inserir-se, como acontece na transmissão dos fatores de hereditariedade.

O mistério do ímã, que não passa de um insignificante fragmento de metal, sabendo indicar a posição de coisas dentro do universo, não é menos prodigioso. Também podemos imaginar que, apenas vendo determinado indivíduo, seja possível dizer muito da sua vida e até do seu passado, uma vez que possuímos a capacidade de julgar, não raro até com muita segurança e por um simples golpe de vista, muitas particularidades de uma personalidade. A existência humana é tão pouco variável, repete-se em condições tão semelhantes ou aproximadas, que se torna plausível a aquisição de conhecimentos desse gênero por meio da simples observação intuitiva. Neste caso, não julgamos o indivíduo, mas sim um ser humano de determinado sexo, de determinada categoria, um representante comum da humanidade, que é tão homogênea na sua pequena variabilidade, que se torna possível apanhar delineamentos, mesmo quando as for-

mas e contornos não são muito precisos. Sabemos, por exemplo, que determinados gêmeos se assemelham tanto pelas suas peculiaridades físicas, quanto pela maneira pela qual se desenvolvem e se comportam dentro da vida. Seriam de admirar previsões dessa natureza, apanhadas por essa mesma percepção que nos permite julgar os indivíduos em particular? Não são semelhanças e aproximações que nos devem levar às nossas visões e conclusões intuitivas? Por essa mesma razão, é imaginável que a sugestão e o trabalho cerebral impliquem jogos de energias cujo mecanismo de ação ainda não conhecemos suficientemente. O principal, em tudo isso, é que podemos *imaginar* tais coisas, embora, para aceitá-las, torne-se necessário demonstrá-las. Para se admitir a existência de pedras no céu era preciso, primeiramente, que houvesse provas para isso. Até aí, podia-se *imaginar* a sua existência, mas era tudo! No terreno que nos ocupa a situação é idêntica, com a diferença de as coisas passarem-se cá em baixo, ao nosso lado, dentro da nossa vida. Parece que deve ser mais fácil resolvê-las aqui, do que esperar pelas pedras que tinham de cair do céu. O essencial, porém, é que estas viessem realmente do céu e não caíssem atiradas por qualquer mão benévola ou maliciosa. Precisamos começar pela prova e não pela fé. Do contrário pode acontecer-nos cairmos no ocultismo, naquele ocultismo do Oriente, do qual foi o Tibet o último reduto, que se desmoronou com a mais triste e ridícula das superstições. É preciso ir para a frente, mas pisando terreno firme e seguro. Uma das partes mais graves da questão é a das fraudes, das quais tem sido vítima grande número de cientistas. Entretanto, não é isso um motivo para fugirmos ou desesperarmos, mas sim para nos tornarmos mais cautelosos e previdentes. Não podemos continuar a ter crenças como os egípcios da antigüidade, quando acreditavam que era o dia que paria o sol, nem seguir Agrippa von Nettesheim quando julgou que o homem, pela sua simples força de vontade, pudesse matar um camelo, ou criar chifres quando se preocupava por demais com uma corrida de touros.

Se a nossa ignorância dentro do universo é incomensurável, não há dúvida que, mesmo assim, nos movemos dentro de realidades objetivas, de cuja existência nos damos conta concretamente. O fato de sermos ainda profundamente ignorantes, não significa que muitos dos conhecimentos que possuímos não sejam exatos e garantidos. E tanto é assim que a nossa própria com-

cepção sobre o maravilhoso e o extraordinário tem os seus limites, que somos capazes de reconhecer com suficiente precisão. Ninguém no mundo, estando de juízo perfeito, poderá admitir que uma vaca seja capaz de por um ovo ou um elefante de voar. Mesmo que tal aconteça diante dos nossos olhos, logo acreditaremos tratar-se de uma ilusão ou que estamos sendo vítimas de qualquer mágica singular. Mesmo no campo dos milagres, nunca se ouviu falar de haver renascido um braço ou uma perna amputados, o que parece ser coisa impossível, bem mais difícil do que ressuscitar mortos ou fazer marchar velhos paralíticos.

Para o que não deve haver lugar, portanto, é para hipóteses explicativas, construídas à revelia dos fatos. Se a telepatia, por exemplo, pode explicar muitas coisas e facilitar a nossa compreensão em relação a muitos fenômenos, não há dúvida que a primeira exigência a preencher é de se demonstrar cientificamente a sua realidade. A telepatia como hipótese, mesmo como simples hipótese de trabalho, é extremamente grave, porque implica na existência de elementos fora do corpo, que devem entrar em relação com as células cerebrais, sem participação dos nossos sentidos! São suposições por demais transcendentais, em flagrante desacordo com todos os nossos conhecimentos. A falta de cumprimento de exigências dessa ordem tem dado lugar a toda sorte de erros e abusos, tornando esse campo de trabalho quase defeso à pesquisa científica. Quando qualquer homem de ciência se aventura pelas regiões da metapsíquica, acaba quase sempre decepcionado, quando não repugnado pelo que encontra ou consegue investigar. Não é isso, porém, uma razão para se abandonar o campo à sanha dos incapazes e exploradores. Compete aos homens de ciência fazer a polícia dessas zonas suspeitas e perigosas. Elas andam cheias de traficância e abusos, que freqüentemente revertem em prejuízo ou sofrimento do cidadão pacato, crédulo, bem intencionado. É este cidadão que precisa ser esclarecido, tranquilizado, tornando-se conhecedor dos caminhos por onde anda e que, afinal, devem constituir a trajetória da sua vida. Não é outra a razão da publicação deste livro, que é apresentado como uma tentativa de roteiro no sentido indicado.

A sugestão e a hipnose representam papel de importância fundamental nos problemas em questão e não foi por outra

razão que, em capítulos anteriores, nos estendemos longamente sobre a parte fisiológica, que acompanha tão de perto os processos psicológicos aqui estudados. Aliás, se a sugestão, por si, chega para explicar o desenrolar de muitas das manifestações apresentadas, permanece ainda o seu mecanismo íntimo de ação longe de qualquer interpretação, segura, garantida. Encontramo-nos, porém, diante de fatos demonstrados e é com eles que temos de nos avir. A sugestão faz parte da nossa vida, da existência humana no que ela tem de mais concreto e é sob tal ponto de vista que as manifestações em questão merecem todo o nosso interesse, todos os esforços de nossa inteligência, a fim de compreendermos melhor a nossa posição dentro do universo. Uma coisa precisa ficar desde logo estabelecida, sendo dela que devemos partir: a realidade dos fenômenos sugestivos, sem dúvida alguma extremamente desconcertante para os imperativos da nossa consciência e da nossa razão. Encontramo-nos aí numa zona de mistério e incompreensão, mas que nada tem de sobrenatural. Pelo contrário! É muito natural, muito real, muito fácil de ser verificada e reconhecida. As coisas são realmente assim, apesar de assim serem assombrosas, mesmo quando, debaixo do ponto de vista estritamente humano, mostram a nossa terrível insignificância, comparativamente aos elevados atributos de que nos julgamos possuidores. Atrás da nossa vida, da nossa consciência, da nossa inteligência, existe um latifúndio imenso e ignorado, cuja descoberta talvez valha como a prova mais dolorosa e humilhante da nossa falta de importância na face do mundo. É a conclusão mais natural que precisamos tirar e que talvez possa servir para nos abrir os olhos, fazendo-nos ver a realidade como ela, na verdade, se apresenta. E, nesse sentido, há uma ligação entre o presente livro e outros por nós publicados, nos quais procuramos estudar o homem debaixo do ponto de vista puramente biológico, principalmente no que concerne à sua estrutura psicológica. Se, por dentro somos assim, se é essa a nossa arquitetura espiritual, a nossa organização telúrica, então, é de toda a necessidade que levemos tal fato em consideração e que procuremos o nosso lugar, sem esquecer a qualidade do material do qual somos formados. É, de novo, um convite, já muitas vezes repetido, para descermos das altas esferas e irmos procurar cá em baixo, no pó da terra e na nossa insignificância, o caminho que mais nos convém, aquele que, afinal, deve ser a nossa rota mais natural e adequada. Tudo precisa ser ana-

lisado sob tal ponto de vista, sendo bem possível que a existência do nosso consciente, ao lado desse inconsciente ignoto, seja já uma consequência da nossa vida de ser humano, um resulta do trabalho da nossa consciência e da nossa razão. A sugestão, sobretudo, a hipnose, escancaram-nos portas para um mundo desconhecido e incompreensível, mas que é ainda o nosso próprio mundo, na sua mais dura e profunda realidade. E não viveremos, na nossa vida culta e de sociedade, dentro de um território falso e artificial, obedecendo a sugestões errôneas e perigosas, das quais não nos damos conta e que podem ser os motivos capitais das nossas ações? A nossa vida e o nosso mundo estão de tal modo descontrolados, andamos tão perdidos, tão cheios de medo e pretensões, tão perturbados e infelizes, que julgo necessário procurarmos qualquer defeito, qualquer desacordo, qualquer falta nessa engrenagem, que é a vida do ser humano dentro do mundo.

Já tem sido afirmado por muitos autores que o progresso da ciência não exerce influência alguma sobre as nossas crenças, que a nossa aprendizagem nas escolas não destrói nem modifica as nossas superstições e os nossos misticismos. É possível que haja nisso um exagero de generalização, em desacordo com a realidade. O que deve estar acontecendo é terem as crenças e superstições ficado fora dos nossos planos de ensino, alheios ao que aprendemos nas escolas e universidades. É muito possível que uma modificação nessa direção possa produzir resultados fecundos e que, na época atual, vão se tornando cada vez mais necessários. A sugestão, como força, tem poder incomensurável, que precisa ser considerado tanto na saúde como na doença, na educação, na vida social, enfim, em todas as atividades do ser humano. O exemplo, a imitação, as condições de vida dentro da família e da sociedade, são fatores determinantes para a formação, tanto das nossas idéias e dos nossos sentimentos, quanto das nossas ilusões e alucinações. A hipnose e a sugestão não são somente tema de psicologia, mas sim problemas profundamente filosóficos e, antes de tudo, humanos, sociais. O que precisamos fazer, por enquanto, é ver o mundo, a vida, o homem, através dessa realidade, tomando-a quase como uma lente para verificar as imagens que temos de nós próprios e da Terra em que vivemos. O espetáculo visto dessa maneira deve ser bem diferente, fornecendo-nos inesperadas perspectivas. Teremos força e coragem para executar tal tarefa? Seremos

bastante humildes para nos vermos como realmente somos? E capazes de nos servirmos dessa chave inesperada, que talvez nos possa tornar mais felizes e desvendar muitos mistérios da nossa vida?

Com essas considerações, alcançamos o final do nosso trabalho. O caminho foi longo e penoso, sobretudo para o autor que o vem palmilhando há dezenas de anos. Hoje, chegando ao seu final, vê quanto andou errado, quanto tempo por veredas difíceis e inúteis. Teria sido necessário andar consultando cartomantes e videntes, médiuns e quiromantes? Não estão agora as coisas claras e evidentes, o caminho livre e transitável? Há muita gente que sabe disso e conhece o roteiro dessas ínvias paragens. Mas, é difícil encontrá-lo e os seus próprios autores não dispõem senão de voz surda e apagada, que mal consegue penetrar pelos nossos ouvidos, pois a barulhada em torno é tremenda e infernal. O autor se confessa quase envergonhado de ter sido tão ingênuo e de ter andado tão desorientado. Acredita, porém, que a maioria dos seres humanos, mesmo no momento atual, não se encontra em condições mais favoráveis e foi isso que o levou a escrever o presente trabalho. Se ele próprio tivesse tido nas mãos, há 40 anos passados, um roteiro dessa natureza, provavelmente teria tomado rumo diferente, tanto em relação às ocupações do seu espírito, quanto ao panorama que o mundo lhe ia apresentar. Mas não lastima que a sua jornada tenha sido tão trabalhosa e infecunda, porque acredita que, dessa maneira, será poupado para outros muito dispêndio de tempo e energia. É nessa esperança que entrega ao público este livro, que o próprio autor reconhece ser sob o ponto de vista científico, de extraordinária insignificância, embora, debaixo do ponto de vista humano, estritamente humano, ele o considere de importância imensa, fundamental.